# Mistérios de Lisboa

CAMILO CASTELO BRANCO

# MISTÉRIOS DE LISBOA

CAMILO CASTELO BRANCO

*Esta obra respeita as regras*

*do Novo Acordo Ortográfico*

# NOTA INTRODUTÓRIA

Nos Mistérios de Lisboa (1854) define-se irrevogavelmente a área de unidade da novela camiliana, numa dimensão ecuménica à escala do mundo físico, que jamais perderá. Com efeito, as personagens arrastam-se pelas sete partidas: França, Bélgica, Inglaterra, África, Japão, Brasil e, naturalmente, Portugal, concretamente, a regra nortenha (Minho e Trás-os-Montes), onde o escritor viveu na juventude e praticamente passou a existência.

É um universo truculento, ainda muito próximo da sua criação, onde os sentimentos atingem uma violência incomum, mas de gama muito diversificada; cupidez pelos bens materiais, astúcias nos lances da vida, amores irregulares, assassínios, mistérios e terrores. Resumindo: nas palavras do próprio autor, “um diário de sofrimentos, verídico, autêntico e justificado”.

Adivinha-se o deslumbramento do Criador pela sua Obra, por mais defeituosa que lhe tenha saído das mãos; isto é, o

deslumbramento do romancista, independentemente da influência que nele exerceu o género roman feuilkton, em voga na época, Pela mórbida complexidade sentimental da humanidade que ele observa, interpreta e fixa romanescamente de determinada perspetiva.

Daqui resulta um denso mistério a envolver e a complicar a evolução dos episódios imprevistos dos amores, dos nascimentos e das mortes das personagens, entremeados ainda por acréscimo de revelações extraordinárias. A bem dizer, nada é regular nos Mistérios de Lisboa: nem os nascimentos, nem os amores, nem as mortes dos protagonistas.

Quanto aos amores — todos de carnalidade pecaminosa, não só porque em oposição às convenções sociais —, nenhum atinge sequer as franjas das idealidades puras, como virá acontecer em posteriores romances, quando este mundo alucinante começar a decantar-se.

As heroínas percorrem uma lamentável peregrinação de ligações ilícitas: Eugénia, filha ilegítima de Antónia e de um general; Elisa de Montfort, filha do padre Dinis; Ângela de Lima e a bacalhoeira Anacleta dos Remédios.

Apenas Eugénia regulariza a sua situação, aos dezassete anos, consorciando-se com Alberto de Magalhães, de quarenta.

O epílogo, porém, será a morte da esposa e o suicídio do marido. Muitas vezes, as vicissitudes das atribuladas vivências apresentam-se como o caminho necessário para alcançar a sublimação máxima de um virtuosismo exacerbantemente doentio (caso da Anacleta).

Nos Mistérios de Lisboa, faz-se sentir a força transcendental de um poder inconcebível fora da área romanesca — uma constante na novelística camiliana —, encarnada num eclesiástico, que começa por ser um grande pecador: o padre Dinis, assinalado como “o instrumento cego de Deus”.

Apesar de funcionar como corretor dos desvarios humanos, esta personagem defende no entanto estranhas conceções, como, por exemplo, quando proclama conhecer unicamente duas posições sociais “que servem ao homem distinto”, o claustro e a guerra; ou quando instiga o filho de Angela a que “seja ao menos rico”, procurando uma mulher

“com a resignação da pobreza honrada, sem uma nódoa, sem o rubor de uma vergonha”.

É neste espaço fabuloso que as personagens camilianas passarão a atuar de maneira mais individualizada em limites mais restritos, como se verá.

Cronologicamente o segundo romance de Camilo, que contava vinte e nove anos, os Mistérios de Lisboa foram editados em 1854, provavelmente à custa do autor. No entanto, apareceram originalmente em folhetins sucessivos no diário portuense O Nacional. Foi adaptado ao teatro por Ernesto Biester, com o nome de A Penitência — peça estreada no Teatro de D. Maria II, em Maio de 1863.

# PREVENÇÕES A DAR ANTES DA LEITURA

Tentar fazer um romance é um desejo inocente. Batizá-lo com um título pomposo é um pretexto ridículo. Apanhar uma nomenclatura, estafada e velha, insculpi-la no frontispício de um livro e ficar orgulhoso de ter um padrinho original, isso, meus caros leitores, é uma patranha de que eu não sou capaz.

Este romance não é meu filho, nem meu afilhado. Se eu me visse assaltado pela tentação de escrever a vida oculta de Lisboa, não era capaz de alinhavar dois capítulos com jeito. O que eu conheço de Lisboa são os relevos, que se destacam nos quadros de todas as populações, com foro de cidades e de vilas. Isso não vale a honra do romance. Recursos de imaginação, se os eu tivera, não viria consumi-los aqui numa tarefa inglória. E, sem esses recursos, pareceu-me sempre impossível escrever os mistérios de uma terra que não tem nenhuns, e, inventados, ninguém os crê.

Enganei-me. É que eu não conhecia Lisboa, ou não era capaz de calcular a potência da imaginação de um homem. Cuidei que os horizontes do mundo fantástico se fechavam nos Pirenéus, e que não podia ser-se peninsular e romancista, que não podia ser-se romancista sem ter nascido Cooper ou Sue. Nunca me contristei desta persuasão. Antes eu gostava muito de ter nascido na terra dos homens verdadeiros, porque, peço me acreditem, que os romances são uma enfiada de mentiras, desde a famosa Astrêa de Urfê, até ao choramingas Jocelyn de Lamartine.

Por consequência, diz o circunspecto leitor, vou-me preparando para andar à roda num sarilho de mentiras.

Não, senhor. Este romance não é um romance: é um diário de sofrimentos, verídico, autêntico e justificado.

Peço-lhe que leia a seguinte carta, que recebi em 24 de Agosto de 1852:

*Rio de Janeiro, 29 de Junho de 1852*

*Amigo,*

*Ficas naturalmente espantado quando vires entre mãos um maço de papéis ido volumoso! Espero, porém, que esse espanto se converta em interesse, quando souberes que tesouro possuis, sem prelúdios: Haverá um ano que aqui desembarcou um homem que não pôde passar despercebido diante de mim. Tu sabes que eu sempre fui um grande idealista. Ainda hoje não posso renegar este divino atributo, e bem vês quanto deve ser-se penoso conciliar as funções de um guarda-livros com as vaporosas intuições de um poeta! Mas graças à violência que me imponho, sinto glória em dizer-te que terei muitos versos errados na minha coleção, mas vivo na feliz certeza de que não tenho um erro no livro do "deve-e-há-de-haver". O que segue é que sou um mau poeta, mas um honrado caixeiro.*

*Vamos ao interessante. Como sabes que sou idealista, não terás dúvidas em acreditar que olhei para aquele homem pelo prisma da minha imaginação. Tive razões para isso, e quero que tu as saibas.*

*Era uma figura singular entre todos os figurões que a nossa terra atira para aqui. Não era alto, nem baixo. Também não era bonito, como um galo de novela: tinha rosto magro, não só magro, escaveirado e ossudo. Os olhos fuzilavam lume, deste lume que revela maldade, umas vezes, e, outras vezes, paixões candentes e extremas. Negrejava-lhe sobre o bronze da cútis um bigode negro e arrepiado. Vestia de escuro, e nem o branco da camisa se lhe via. O pé e a mão eram extremamente pequenos, e a magreza, ou melindre das formas, estava em justa proporção com o descarnado das feições.*

*Saltando em terra, este homem subiu os primeiros degraus do cais, parou, cruzou os braços e filou os olhos na amplitude do mar.*

*Nesta postura, arrebatou-me! As almas de lama hão de perguntar-me porquê. Responde-lhe tu, que tens horas de espiritualista na tua longa vida de matéria.*

*Ao vê-lo assim absorto naquela meditação profunda, julguei que podia avizinhar-me dele e contemplá-lo de perto.*

*Pude: nem ao menos deu fé de mim. Um preto, carregado de fardos, roçou-se por ele, deslocou-o alguns passos para o lado, mas não lhe desprendeu os olhos do horizonte. Olhei também para lá, e nada vi. Fiquei entendendo que as visões daquele homem estavam dentro na alma, e olhos da face, naquele momento, vêm tanto como os meus.*

*Não sabes como este homem me tinha fascinado! Eu era capaz de estar ali suspenso naquele silêncio, naquele mistério, longas horas, sem recordar-me que era caixeiro! Passou-me, então, na memória o rápido panorama de um mundo em que vivi antes de ser um forçado guarda-livros, Lembraram-me certas mulheres, que se perderam espontaneamente fascinadas pelo simples olhar de certos homens, Perdoei-lhes no tribunal da minha consciência, porque eu, se fosse mulher, na presença daquele homem, adorava-o, perdia-me sem ouvir-lhe uma palavra que me lisonjeasse.*

*Parece-te isto um disparate? O que tu quiseres; mas a verdade é esta.*

*Esta situação durou muitos minutos, O sonâmbulo acordou; mas, acordado, parecia ainda adormecido. Virou*

*as costas ao mar, e foi subindo vagarosamente o cais, com os olhos no chão.*

*E eu seguiu-o. Depois, parou como suspenso por uma ideia imprevista. Tornou atrás. Chamou um marujo da galera em que viera, e pediu-lhe a sua bagagem. O marujo indicou-lhe os malsins da alfândega, que deviam revistar-lha. O passageiro dirigiu-se urbanamente a um desses homens,-abriu os cadeados de uma mala de couro; tomou ao alto entre ambas as mãos um pouco de fato, e retirou-se, depois de mostrar um passaporte, e eu segui-o, como se fosses tu, coma se fosse um meu irmão, que eu quisesse hospedar.*

*Deu um cento de passos, e voltou-se para o lado como quem procurava alguém. Devo necessariamente encontrar-se com os seus olhos.*

*Cortejou-me primeiro, e depois perguntou-me:*

*— Tem a bondade de dizer-me onde encontrarei uma hospedaria afastada da cidade?*

*— É difícil encontrá-la — respondi eu. — As hospedarias aqui, como em toda a parte, são frequentadas por pessoas*

*que têm negócios, e preferem as mais próximas ao centro do comércio.*

*Não me respondeu com a presteza que eu queria, porque mal sabes o desejo que eu tinha de não largar aquele homem! Forte encanto!*

*— Então — disse ele — tem a paciência de indicar-me a primeira hospedaria?*

*— A primeira é esta — disse eu, apontando-lhe a minha casa.*

*E o meu hóspede, nessa inteligência, cortejou-me, agradecendo-me, e oferecendo-me o seu quarto para descansar.*

*Subimos; e não foi sem me sorrir que o via a ele bater numa das portas, com todo o desembaraço. O meu criado parecia esperar as minhas ordens; mas o meu hóspede adiantou-se a pedir um quarto, depressa.*

*Entrámos numa sala, e aceitei uma cadeira que o meu hóspede me oferecia: apontei-lhe o sofá para que ele se sentasse. Primeiro sentou-se; pouco depois, reclinou-se, e por fim deitou-se com toda a galhardia de um oriental.*

*— Fuma? — disse ele abrindo uma charuteira.*

*— Fumo — e preparava-me para pedir luz ao criado, quando o meu desconhecido acendeu um pavio de cera e tornou à sua posição legitimamente turca.*

*— As hospedarias aqui — disse ele — respiram uma elegância que não se parece nada com a farrapagem dos hotéis portugueses. Eis aqui uma sala que parece o boudoir de uma viscondessa burguesa.*

*Este dito engraçado, que qualquer de nós acompanharia de um sorriso vaidoso, disse-o ele com o charuto ao canto da boca, sem o mais leve sinal de congratular-se do seu espírito.*

*Eu por mim sorri-me, e não achei de pronto uma resposta que lhe desse de mim a alta ideia que ele de si me tinha dado.*

*— É a primeira vez que vem ao Brasil? — perguntei eu.*

*— A primeira.*

*— Vem como viajante?*

*— Não, senhor. Acho-me aqui. Essas palavras pareceram-me um belo final de um acto dos dramas de Victor Hugo. Achei muita filosofia, desta íntima filosofia da desgraça, naquelas quatro palavras. Lembrou-me o Chatterton respondendo a quem lhe perguntava a razão porque escrevia, se os seus escritos lhe não davam pão, nem consolações, Lembras-te? Penso que era isto: "Escrevo, porque é preciso."*

*— Tenciona demorar-se? — perguntei eu.*

*— Sinto não poder satisfazer a sua curiosidade.*

*Esta resposta fez--me corar. Olhei a fisionomia dele: era sempre a mesma fisionomia: severa e fria, triste e não sei quê de desprezadora. E continuei a sentir-me cativo daquele homem, cada vez mais misterioso.*

*Levantei-me. Abri uma poria de um quarto, mais próximo, e indicando-lhe, disse com certo acanhamento:*

*— Pouco ou muito que seja o tempo que a vossa Senhoria se demore, aqui tem uma sala, aqui tem um quarto, neste imediato uma livraria, e em toda esta casa uma residência que espero considere sua, como se fosse de um seu irmão.*

*O cavalheiro apertou-me a mão, e disse com estranha frieza:*

*— Espero que me conceda não aceitar o seu favor. Eu sou um hóspede incómodo, Não converso, não entretenho, e sou importuno como um velho, Retiro-me penhorado das suas atenções...*

*E preparava-se para sair. Fez um ligeiro esforço e quase o obriguei a sentar-se.*

*— Antes de sair — disse-lhe eu — espero que ouça as condições com que lhe ofereço hospedagem. Sou um homem só, com dois criados. Sirvo-me desta casa para comer e dormir. Vossa Senhoria viverá aqui também como homem só com dois criados. se, passados alguns dias lhe for aqui penosa a sua residência, retire-se. Não quero a sua conversa como recompensa da hospedagem. Eu também falo pouco, penso muito, e quase não posso falar nem pensar fora das minhas obrigações de guarda-livros. Aceita?*

*— Aceito. E, com este laconismo, apertou-me outra vez a mão, e conservou-se na mesma postura familiar em que*

*estivera desde o princípio.*

*Saí da sala; dei ordens aos criados, e fui para o escritório. A horas de jantar vim a casa. Segundo as minhas ordens, o meu hóspede já tinha jantado, se assim pode chamar-se uma chávena de café, duas colheres de marmelada, e quatro cálices de conhaque.*

*Cumprimentei-o apenas. Vi-o profundamente triste, e soube que passara a manhã na livraria.*

*Esperava que ele me dissesse que queria fazer sociedade comigo à mesa. Não mo disse; e eu também não quis dizer-lho. Convidei-o para, passados os dias do descanso, ser apresentado nalgumas casas. Respondeu-me que o dispensasse desse sacrifício.*

*Reconheci todo o melindre daquela situação. Respeitei-lhe a dor como um mistério sagrado. Nunca lhe disse uma palavra que denunciasse a minha curiosidade; não tive por isso de corar segunda vez.*

*Passados alguns dias, disse-me que quer retirar-se para um dos arrabaldes. O meu patrão possui uma linda chacra no Botafogo. Ofereci-lha— aceitou-a.*

*Visitei-o aí algumas vezes. Era um envelhecer que fazia dó! Disse-me que sofri muito do peito. Aconselhei-lhe que se retirasse para Portugal, Sorriu-se, e apontou-me para as cruzes do cemitério que alvejavam através de um arvoredo.*

*Perguntas-me tu: quem era esse homem? Não o sabia. No fim de sete meses, achei-o com todos os sintomas de um héctico, quando as folhas começavam a cair, queimadas pelo soldo estio, lá no nosso belo Portugal.*

*Vi-o então sorrir pela primeira vez, Travou-me o braço, e passeámos no jardim.*

*Eis o que então lhe ouvi:*

*— Eu tenho sido um ingrato em não lhe dizer quem sou.*

*— Ingrato!, nunca... — repliquei eu.*

*— Ingrato, sim! O véu do mistério devia levantá-lo a mão da amizade. Mas, em recompensa de uma grande dívida, há de a mão de um cadáver levantá-lo. A febre-amarela parece querer juntar-se à minha febre negra. Se desta colisão resultar em breve a minha morte, venha Vossa Senhoria ao meu quarto, dê-se ao trabalho de ler, em horas de ócio, esses cadernos de papel que por lá estão, e poderá então*

*dizer que o seu hóspede, silencioso em vida, conversou muito consigo do túmulo.*

*E despediu-se. Estas poucas palavras começou-as sorrindo, e rematou-as soluçando. O tronco gigante gemeu, quando estava para cair.*

*Caiu. A febre-amarela soprou àquela luz quase apagada. Vi-o nas agonias. Não pude ouvir-lhe o último adeus, porque também reclinei a cabeça num leito, que supus ser o da morte.*

*A chave do quarto foi-me entregue por um sacerdote, à ordem do moribundo.*

*O meu legado é esse que te remeto. No derradeiro capítulo verás a razão porque o faço. Adeus, Não te chames infeliz, Ninguém pode reputar-se desgraçado sem provocar a mão de Deus ou de Satanás, a desgraça deste homem.*

*Teu cordial amigo*

*F.*

Agora direi eu quase ao leitor, como o meu amigo me diz: No último capítulo verá a razão porque esta biografia é publicada.

# LIVRO PRIMEIRO

# CAPÍTULO I

Era eu um rapaz de catorze anos, e não sabia quem era...

Vivia na companhia de um padre e de uma senhora que diziam ser irmã do padre, e de vinte rapazes, que eram meus condiscípulos.

Destes, algum mais cultivado em conhecimentos do mundo perguntava-me se eu era filho do padre. E eu não sabia responder-lhe.

Ora este padre parecia um homem muito virtuoso; mas nem por isso seria extraordinário eu ser seu filho.

Não o ouvira eu nunca salmear na harpa cantares de contrição; mas é rigorosamente lógico que não haja David sem harpa?! Muitas vezes senti o atrevido ímpeto de dizer-lhe: “Mestre!, perguntam-se se sois meu pai; deverei responder que não, para me deixarem?”

Nunca, porém, fiz isto, porque entendi que não me era uma das primeiras necessidades da vida saber de quem era filho.

Propenso para pensamentos elevados, erguendo os olhos ao céu, via eu, muitas vezes, voar um passarinho. E dizia comigo: “Perguntem lá àquela criatura de Deus quem é seu pai? Como ela corta por tão alto um espaço que é todo dela! Que liberdade, e que independência! O meu espírito é como aquela andorinha! Eu tenho um mundo tão amplo para voejar como ele! Se eu puder subir, subir, subir até Deus, não terei encontrado meu pai? Isto da terra parece-me uma coisa tão pequena!... ”

Seria isto uma frioleira de criança: mas eu pensava assim, e não gostava que me acordassem neste meu berço, em que eu próprio me embalava, como se assim quisesse indemnizar-me de carinhos, que nunca recebera ao pé do berço da minha infância.

Quem mais vezes me inquietava nestas ociosas ilusões era o padre. Eu aborrecia o latim e a lógica e os livros e a ciência. A andorinha era o meu modelo, e a andorinha não sabia latim. “Isto de que serve”, dizia eu folheando,

aborrecido, o Tito Lívio, “será necessário devorar meia existência, consumi-la num luxo de palavrões estéreis, para no fim de tudo ficar o mesmo homem, sem ao menos ter descoberto o sexto sentido do corpo humano?”

Não afirmo que fosse textualmente assim o meu raciocínio; mas, afora as palavras que a sociedade me ensinou, e que eu lhe não agradeço, a ideia era aquela.

Mas a ideia do padre era outra. Constrangia-me a estudar e especializava-me entre os meus condiscípulos. Se o carinho fosse sintoma de paternidade, nunca eu devera inspirar suspeitas de ser filho do mestre. Eu não tinha férias, nem passeios, nem prémios, nem elogios. Era um pária, um bastardo de pai, de mestre, de todo o mundo.

E, contudo, dizia-me a pobre irmã do padre, que eu era o discípulo amado do seu irmão. Explicava, ao seu modo, aquela teoria de amar, e chegava à triunfal conclusão de que, sendo a ciência o meu património, quanto mais cultivado o recebesse das mãos do mestre, mais sagrados títulos recebia para a minha gratidão.

Custava-me a perceber isto; mas, sem grande esforço de inteligência, compreendia que era pobre.

Não me apaixonava por isso. A andorinha passava nua nas campinas do céu; e adormecia à tarde, sem granjear o alimento da manhã seguinte.

Estas razões, dadas assim àquela boa D. Antónia, faziam-na chorar. A sensível mulher chorava com qualquer coisa, e mais não conhecia ainda o mundo... ou parecia não conhecê-lo.

Mas a andorinha não remediava todas as minhas ânsias de curiosidade.

Eu queria saber quem era. Grandezas não me passavam pelo pensamento, nem eu podia fantasiá-las. Sem subsídio, sem adulação, sem uma dádiva misteriosa, que me fizesse cismar num segredo de família, que tinha eu com a grandeza tão eloquente desmentida pela minha jaqueta ordinária!...

Um baixo nascimento, com todos os acessórios da indigência, esse sim, lembrava-me muito, e cheguei até a

vesti-lo de uma poesia muito triste, mas muito filha da minha índole.

— Serei filho de um sapateiro? Serei uma coisa que este padre achou numa esquina como acharia um gato? Serei filho de algum ladrão justiçado, que este padre acompanhou à forca?

Estas perguntas começaram a doer-me o coração; mas quisera que me respondessem:

És filho de um sapateiro; És um enjeitado, erguido da lama pela mão da caridade; És filho de um ladrão; mas... cala-te, porque ainda vive o carrasco que enforcou teu pai, e não podes usar de um apelido, que balbuciam os que passam pela praça onde a forca está de pé.

Parecia-me que o filho do sapateiro podia ser um primeiro-ministro;

Que o enjeitado poderia ser um carinhoso pai; Que o filho do ladrão poderia ser um juiz implacável para todos os ladrões..

Fatigado em penosas lutas de conjeturas, adormecia, acalentado pela benfazeja ideia de que um filho sem pai

conhecido também podia ser um homem conhecido de todo o mundo.

Destas altas meditações descia eu muitas vezes a coisas insignificantes. Por exemplo: os meus companheiros tinham, cada um, quatro sobrenomes, cinco sobrenomes, seis, e daí para cima.

Ora eu era só João. E os meus companheiros davam uma entonação galhofeira ao meu nome. Chamavam-lhe “chato”, davam uma explicação ridícula a cada sílaba, e queriam até que o nome, além da forma, tivesse cor pardacenta.

Estas ninharias faziam-me rir, mas era um riso que podia literalmente dizer-se “pranto”.

Queixei-me, uma vez, muito em segredo ao padre, e tive em paga uma repreensão severa. Chamou-me vaidoso, orgulhoso e soberbo. Lembrou-me o pouco pano que eu tinha para cortar por largo com as tesouras do amor-próprio, juntou outras metáforas assim sentenciosas, e concluiu com alguns textos bíblicos, que me não pareceram bem aplicados.

A sua doutrina estou em que era a melhor, mas, desta vez, o meu espírito não recebeu o grão abençoado entre os espinhos, que lá fizera nascer o desprezo dos condiscípulos e do mestre.

A irmã do padre era visitada de longe em longe por duas senhoras idosas, e com elas vinha uma nova, que eu faço aqui figurar em poucas linhas, porque foi ela quem primeiro achou no meu corpo indícios de um nascimento alto.

Estava eu sozinho e escondido entre as faias, que sombreavam o fundo do quintal. Vieram lá ter comigo as velhas e a nova. Esta encarou-me com interesse, e disse para D. Amónia:

— Este menino parece-me que é muito triste!... Eu estranhei esta mostra de atenção; levantei-me do meu banco de pedra; perfilei-me como um galucho e fiz-lhe a minha cortesia muito provinciana.

— E é tão bem — criadinho! — disse uma das velhas, pondo-me a mão na cabeça.

E outra acrescentou:

— O menino não vai, aos domingos, ver a sua família?

— Não tenho família nenhuma — respondi eu com um desembaraço que não parecia meu. É porque vieram encontrar-se com o pensamento que mais me dominava, e que à força de amargura me cultivara, por assim dizer, a eloquência da sensibilidade.

— Pois o menino não tem família? — disse a nova.

Calei-me. E senti que os olhos se me arrasavam de lágrimas; mas, neste momento, gorjeou um passarinho entre as faias, e eu senti-me consolado. Lembrou-me a andorinha.

E a velha continuou:

— Dona Antónia não nos tinha dito isto...

— É verdade! — disseram as outras em coro.

Eu não podia dizer também mais do que ele... É para mim um segredo, como para ele, o seu nascimento...

D. Antónia, tartamudeando, satisfez assim os primeiros assomos de curiosidade às suas hóspedes, mas evitou-lhes os segundos, que deviam ser-lhe atribulados...

A rapariga, essa media-me com atenciosa reflexão, e olhava-me os pés e as mãos, como se quisesse decifrar o enigma do meu nascimento, segundo a quiromancia.

E voltando-se depois para as tias, disse com vivacidade:

— Olhem que mão e que pé tão pequenino!...

— É verdade! — exclamaram as velhas, menos D. Antónia, que diligenciava distrair as suas amigas daquela análise.

— Não! — disse a cabalística menina —, aposto que este menino não é de classe baixa!

— Porquê? — interpelou a irmã do padre, com uma visagem de pasmo.

— Não vê aquele pé e aquela mão! Os filhos da gentalha não vêm assim ao mundo.

— Hás de sempre falar contra a gentalha, Isabelinha! — redarguiu a mãe ou tia. — Todos são filhos de Deus; todos têm pés e mãos.

— Eu não nego isso — disse a gentil aristocrata com menos azedume —, mas o que eu sei é que conheço uma pessoa de bem pelos pés, e vou jurar se quem vai dentro de

uma carruagem puxada a quatro é filho de um alfaiate, contanto que leve a mão à vista na portinhola.

— Isso parece-me de mais! — retorquiu a tia com a melhor boa-fé.

E eu, não sei porquê, simpatizava com o orgulho da tal Isabelinha. Gostava de ouvi-la, e quisera que ela encontrasse em mim alguns indícios mais da minha fidalguia.

Se isto é miséria, perdoem-na a uma criança que, antes de aspirar a ter nascido por detrás de um reposteiro heráldico, já se contentava com ter um pai sapateiro, ou justiçado por ladrão.

A família retirou-se. E eu fiquei reparando muito no meu pé e na minha mão.

# CAPÍTULO II

As andorinhas, desde este dia, voaram desapercebidas para mim. Desci a vista do céu para as coisas deste mundo. A vaidade começou a materializar-me. Parecia-me repugnante e baixa a comparação de um homem com um pássaro.

Enquanto me não disseram que o pé e a mão delicada eram condições de um nascimento ilustre, imaginei-me filho de sapateiro, de soldado raso e de aguadeiro. Depois, nunca mais. Aquela Isabelinha dourou-me a imaginação, engrandeceu-me o espírito e enturgeceu-me de uma vaidade que eu já não podia esconder aos meus condiscípulos.

Foi péssima a ocasião em que eles vieram chasquear-me o nome de “chato” e “pardo”! Nesse dia, em que eu lamentava a baixeza do meu nome, e chegara a convencer-me de que João era um nome ignóbil, um nome de

carreteiro e de gaiato, vieram eles insultar-me na minha solidão.

O mais desabusado, e também o mais comprido em sobrenomes heroicos, cruzou os braços em postura dramática, diante de mim, e disse com um sorriso de escárnio:

— João! João! João!, três vezes João! Porque te não crismas, infeliz?! Os teus condiscípulos lamentam o infortúnio de contarem no seu grémio um companheiro chamado João! Lava-lhes esta afronta, se podes!

Encarei primeiro com desprezo este orador; depois respondi com presença de espírito e azedume:

— Não me admirava que rapazes da minha idade viessem zombar do meu nome; mas o senhor, que tem vinte e dois anos, é coisa que me faz mais compaixão que zanga! Porque não aproveita melhor o seu tempo, tirando significados e amigando-se com o Virgílio, seu inimigo cruel? Esquece-se que foi reprovado em latim no ano passado, e que há de sê-lo no ano que vem, se gastar o seu

tempo a compor discursos para fazer rir os meus condiscípulos à minha custa?

Esta resposta irritou o meu adulto companheiro, muito mais porque os meus condiscípulos, que tinham vindo para se rirem de mim, riram-se dele. Com os olhos a fuzilarem raiva, chegou-se ao pé de mim, e puxou-me uma orelha desapiedadamente. A dor senti-a forte, mas a dor moral, a vergonha, não me pungia menos.

Conheci então, pela primeira vez, o desejo da vingança. A primeira coisa que estava ao pé de mim era um vaso pequeno com um cato eriçado e espinhoso como um cedeiro.

Dei-lhe com ele na cara. E devia ser insofrível a dor que lhe fez, porque o taludo gracejador levou as mãos à cara e não fez contra mim o mais ligeiro movimento.

Os condiscípulos ficaram pasmados e silenciosos. Eu passei por entre eles com um pueril orgulho de uma ação legitimamente nobre, e recolhi-me ao meu quarto a recapitular o primeiro capítulo da minha Mada.

Não me deixaram só muitos minutos. D. Antónia, colérica e descomposta, entrou de repente.

O que eu coligi do seu grasnido foi que uma tremenda justiça ia ser feita em mim, logo que o padre recolhesse.

Arrefecidos os calores do meu gentil esforço, comecei a ter medo do mestre. Parece que o coração se me despegava, quando soavam passos na vizinhança do meu quarto. Invoquei todos os recursos da resignação para suavizar o castigo, que me atormentava em perspetiva. Imaginei-me com um braço quebrado, com uma gorilha ao pescoço, com oito dias de pão e água, com o ódio do padre eternamente irritado contra mim. Quis transigir evangelicamente com todas estas torturas, mas não houve nada que diminuísse a sezão do medo.

Senti febre! O susto parece que não me pisava os ossos, e macerava as carnes. Era uma doença indefinível aquela minha!

O que eu sei é que caí sobre a minha cama, alquebrado e esvaído, como se uma catapulta me atirasse para ali.

Não sei o tempo que decorreu desde que me deitei até que abri os olhos do entendimento para conhecer o padre, e a irmã, e o cirurgião da casa.

Pensei que sonhava.

O cirurgião punha-me a mão na testa e apalpava-me o pulso.

O padre olhava-me com ar de bondade. E D. Antónia pregava os olhos, com ansiedade, na cara do cirurgião.

— Então que tens, João? — perguntou o mestre em tom amigável.

— Não sei, senhor padre-mestre — respondi eu, mentindo como convinha.

— Bateram-te? — disse ele. E eu calei-me, porque não sabia se era conveniente dizer a verdade.

— Bateram-te, João? — replicou o mestre, descendo a voz à nota baixa da severidade.

— Quase nada — respondi eu, naturalmente a tremer uma segunda sezão.

E o facultativo, que tinha debaixo dos dedos as pulsações do meu sangue, reconheceu a influência patológica que tinham em mim as perguntas do padre.

E, por isso, fez-lhe um gesto de silêncio, a que o padre obedeceu prontamente.

Retiraram-se ambos, deixando-me só com D. Antónia. Esta pobre senhora tinha o coração de um anjo. Devota e caritativa com os pobres de pão, não o era menos com os mendigos de consolações. Comigo foi quase sempre boa. Até mesmo quando o padre me condenava a comer só pão, vinha ela, como a pomba dos eremitas do deserto, trazer-me carne. O que ela não queria era que eu falasse em pai ou mãe; por isso que a Providência do Senhor não enjeitava os filhos, e adotava como seus os que na terra se chamavam enjeitados: razão dela.

No pouco tempo que ela esteve comigo no quarto, rezou sempre ajoelhada a uma imagem de S. João Baptista, advogado das enfermidades da cabeça. De vez em quando perguntava-me se a cabeça me doía, e, com efeito, não era só dor, era um vesúvio que eu tinha ali a ferver e a oscilar-me nos olhos como as entranhas de uma explosão.

E D. Antónia rezava ainda, quando entraram o padre e o cirurgião.

O padre vinha triste, e fitava-me com extraordinária meiguice. O cirurgião trazia não sei que cataplasmas, que me embrulhou nos pés. Parece que ambos me estudavam cuidadosamente o meu menor movimento de olhos, e reparei que o facultativo me estava continuamente observando as orelhas.

Enquanto, muito depois, não soube que as oscilações das orelhas eram sintomas de inflamação de cérebro, cuidei que me estavam procurando os estragos do orelhão que sofrera.

Não pude demorar-me muito nestas suposições, porque caí numa sonolência profunda.

O que eu sofria era uma congestão cerebral, se devemos acreditar o cirurgião, que a explicou cientificamente como consequência do medo.

Tive alguns dias dos quais não tenho lembrança alguma. Passei-os, creio eu, no delírio e nos espasmos, que caracterizam esta doença.

Passado este intervalo de vida, que me esqueceu talvez, porque se confundia com a insensibilidade do moribundo, lembro-me que vi ao pé do meu leito, uma senhora.

Era de noite, porque no quarto havia luzes. Quem ali estava era ela sozinha. Parecia-me uma figura das minhas visões da febre. Duvidei muito tempo se aquele vulto era uma realidade; e duvidava com os olhos fixos nos olhos dela, que ainda agora os vejo rasgados e negros.

Era alta e não me pareceu nova, nem formosa. Vestia uma capa escura, e tinha um lenço preto na cabeça, posto.com o desalinho de uma criada de servir. Por baixo deste lenço, viam-se as curvas das tranças do cabelo desatadas. E não posso com verdade dizer mais nada daquela figura.

Lembro-me que lhe ouvi algumas palavras, que não seriam muito diversas deste pequeno diálogo, que tivemos.

— Joãozinho, como se sente?

— Dói-me a cabeça, e os olhos, e o corpo todo. Quem é a senhora?

— Sou uma sua amiga... sou uma amiga da irmã do seu mestre.

— E como se chama? Eu nunca a vi nesta casa!

— É porque tenho estado fora de Lisboa, há muito tempo.

— Tenho sede — disse eu como quem suplicava uma gota de água.

— Tenha paciência... o menino tem febre, e não pode beber água.

— Dê-me uma gota de água, senão eu morro.

— Não dou, porque morre, se a bebe. E a sede devorava-me. Vi aos pés da cama um jarro com flores. Lembrou-me que havia água naquele jarro. Fiz um esforço de desesperado. Saltei fora da cama; mas este meu saltar foi cair em cheio no chão.

Aquela senhora soltou um grito. Lançou-me, com ânsia, os braços para erguer-me; e não pôde. Correu à porta; bateu com aflição, e, quando a porta se abriu, vi que ela se rebuçou no capote, deixando apenas meio rosto à vista do padre e da irmã, que entraram.

Levantado pelos braços robustos do mestre, fiquei prostrado na cama. Pedi água atribuladamente, e deram-me

alguma coisa, que me iludiu a sede.

E retiraram-se, depois, menos a misteriosa senhora. Notei que entre o padre e ela não se trocaram duas palavras. D. Antónia apenas lhe disse, quando se retirou:

— Faltam cinco minutos. E a minha incógnita enfermeira veio sentar-se à cabeceira da minha cama.

— O menino é muito impaciente — me disse ela com afago maternal, — E se morresse?

— Quem me dera morrer...

— Porquê?

— Eu não sei de que serve a vida quando se sofre tanto!

— E o menino sofre?

— Muito.

— Porque está doente, não é assim?

— E quando tenho saúde.

— Pois que lhe falta? Não tem que comer, e que vestir?

— Eu não tenho andado nu, nem morrido de fome: mas isso não me fazia sofrer a mim.

— Pois que queria o menino ter?

— Pai.

Houve um silêncio de alguns minutos.

— Mas este padre não lhe tem servido de pai?

— Não é meu pai, creio eu.

— Decerto não.

— Decerto não? — exclamei eu com precipitação. — Então sabe quem é meu pai?

— Não sei, menino; mas conheço que este bom padre e Dona Antónia são muito seus amigos. Não é ela tão carinhosa?

— Não é minha mãe... Deu-se o mesmo silêncio de há pouco; mas desta vez percebi que aquela senhora levava um lenço aos olhos.

E pegando-me na mão, senti um beijo, e depois uma lágrima. Tudo isto parecia-me extraordinário! A minha cabeça estava muito débil para estas comoções: perturbou-se-me, e senti-me tomado de um sono, que era sempre a minha salvação nas agonias do desmaio.

Ouvi ainda bater à porta. Senti ainda um beijo, muitos beijos e muitas lágrimas. E depois aquela mulher fugindo-me como a bela imagem de um sonho. E com ela, fugiu-me o alento, porque desfaleci.

Alta noite, D. Antónia afastava-me dos olhos os cabelos ensopados em suor. A boa senhora velava-me com estremecimento de mãe, porque deve ser assim, como ela era, a mãe ao pé do seu filho, varado de dores.

— E aquela senhora? — perguntei eu.

— Foi para sua casa.

— Quem era ela?

— Uma amiga minha.

— E minha, não é verdade?

— É verdade, meu filho... parece que é muito sua amiga.

— Como se chama?

— É Maria.

— É só Maria?

— Não é tão bonito nome? Não é assim que se chama a Mãe de Deus?

— Também o precursor de Jesus Cristo se chamava João, e o seu discípulo amado também era João, e, contudo, dizem que o meu nome é feio!

— Não é, não, meu menino. Deixe estar que lhe não tomam a fazer pirraça os condiscípulos com o seu nome.

— Então a tal senhora chamava-se Dona Maria, na verdade? A hesitação de D. Antónia era uma espécie de repreensão à sua mentira; mas esta observação, que faço hoje, não a fiz então, porque nem ao menos imaginava em sonhos o valor do nome daquela mulher.

— Tomara eu tornar a vê-la!... — disse eu com profunda saudade por ela.

— Há de tomar a vê-la, mas peça a Deus Nosso Senhor que lhe dê saúde.

O padre entrou nesta ocasião, e disse à irmã:

— Não sabe que o pequeno está proibido de falar? Caímos todos em profundo silêncio.

# CAPÍTULO III

A minha congestão cerebral fizera crise; mas a convalescença era morosa e arriscada.

Padre Dinis animava-me ao seu modo. Os carinhos dele eram como a indiferença de muita gente, eu confesso, porém, que as cuidadosas precauções, em que punha o meu restabelecimento, eram persuasivas e depunham muito a favor da sua alma boa.

Algumas vezes perguntei pela suposta D. Maria: D. Antónia, nas suas respostas, era sempre misteriosa com ela.

Dizia-me, umas vezes, que era muito ocupada, e não podia visitá-la com frequência. Contradizia-se, outras vezes, dizendo que tinha vindo saber de mim, quando a febre me não deixava vê-la.

D. Antónia era verdadeira sempre, e só um grande embaraço poderia obrigá-la a uma inocente mentira. Dera-se o caso neste segredo, que eu devera adivinhar, se nos meus catorze anos de então se incluíssem quinze dias da sociedade de hoje.

Ergui-me do meu leito, onde padecera três meses, e onde por mais de uma vez, me fora proferida sentença de morte pelo cirurgião. Infelizmente as previsões da medicina não podiam competir com os desígnios da Providência. Vivi quando devera morrer.

E, contudo, a minha posição era já outra na pequena sociedade que eu conhecia. Deu-se-me um fato novo, deu-se-me uma nova liberdade, uma nova consideração, e até um novo quarto. O que era isto? Não mo dizia D. Antónia, a quem eu o perguntava com infantil idiotismo. Não mo dizia o padre, que nem sequer me permitia a ousadia de perguntar-lho.

Os meus condiscípulos, esses pareciam esquecidos do meu infeliz nome; e o outro, que me puxara a orelha, fora expulso do colégio, alguns dias depois da nossa funesta luta.

Comecei a saborear os livros, que tão amargos me tinham sido. Adquiri o hábito de estudar espontâneo e cuidadoso. Senti-me feliz de uma alegria, que não sabia dizer. E comecei a ver no mundo alguma coisa, que me persuadia do grande bem que a vida era.

Esta minha transformação deu nos olhos do padre, que se esmerava em apurar-me o gosto da ciência. Vi-o alegrar-se com a minha alegria; mas nem uma palavra lhe ouvi que me explicasse a causa remota da minha transformação.

Fechado no meu quarto, estudava eu, alta noite, quando bateram à porta. Abri. Entrou uma mulher encapotada. Fechando a porta, mal entrou, o manto caiu-lhe dos ombros e eu senti-me comprimido ao seio dela por um abraço impetuoso.

Era a mulher daquela noite da febre. Bem a conheci. Aqueles olhos negros e luminosos eram os dela. Eram suas aquelas faces pálidas e magras. Não podia ser de outra daquele talhe de formas melindrosas, e ao mesmo tempo robustas de um vigor nervoso, que parece, nalgumas organizações, o galvanismo de um cadáver.

Comigo nos braços, a linguagem dela eram lágrimas. Palavras, se as tinha, expiravam-lhe nos lábios em suspiros. O mistério aclarava-se. O coração bateu-me uma pulsação nova. Rasgou-se-me no entendimento uma nuvem escura. Senti um calafrio estranho, um abalo de inspiração, um impulso íntimo, que me fazia ajoelhar àquela mulher. E não pude vencer-me.

Curvaram-se-me os joelhos; e neste lance de adoração extática, ouvi uma palavra: “Meu...”, e quando instintivamente colava os lábios na mão daquele mulher, a frase saiu completa dos lábios dela...”Meu filho!” Não me peçam explicações do que então senti. O silêncio de então, não podem hoje as palavras decifrá-lo. Foi um enlevo que mata a expressão, e indemniza com lágrimas o sentimento. A aparição improvisa da mãe a um filho, que sente pulsar no seu um coração cuja existência ignorava — uma surpresa assim traz consigo um terror santo, que deve a preexistência do homem na presença de Deus.

Quis balbuciar a palavra “mãe” e senti-me embaraçado: não sei se era pejo, se perturbação, se alegria! Não pude.

— Não me dizes nada, meu filho? — murmurou minha mãe, como se receasse ser ouvida. E levantando-se da penosa posição em que me tinha abraçado, sentou-se numa cadeira, apertou-me ao seio, e encostou ao meu ombro a sua face, que queimava.

— Lembras-te de me teres visto? — disse ela sorrindo e chorando.

— Lembro-me todos os instantes; nunca mais pude esquecer nem as suas palavras, nem as suas feições.

— E só me viste uma vez?

— Uma só; mas sei que esteve ao pé de mim. — Que sentes agora no teu coração, meu filho?

— Não sei o que sinto: lembra-me que tinha assim uns sonhos quando estava doente.

— Podes ser amigo de... podes ser meu amigo?

— Amigo de...

— da tua mãe? Eu parecia delirar na sofreguidão dos seus beijos. Lembra-me que no rosto dela havia um movimento, uma vibração de gestos, que parecia o acesso de uma

demência. Eu sentia correr-lhe por todo o corpo uma tremura que me assustava, porque eu não sabia o que é a mulher, quando, abraçada a um ente que julgava perdido, pode exclamar: “Este é meu filho!”

— Eu preciso ouvir-te! — disse ela com apaixonada energia —, preciso que fales, pronuncies o meu nome muita vez... Parece que duvidas que eu seja tua mãe? O coração não te diz que o sou? Responde, meu filho!...

Eu balbuciava sons inarticulados. Era um acanhamento invencível; um pejo que me incendiava as faces; uma coação indefinida, semelhante a outra, e essa única, sentida na minha vida! O coração dizia-me que ela era minha mãe; e os lábios convulsos e indecisos parece que recusavam proferir um nome que lá não fora escrito, na infância, pelos lábios matemos.

Com os olhos fixos no regaço da minha mãe, e com uma espécie de ressentimento, que o meu silêncio simulava, dir-se-ia que era um filho repreendendo o desamor dessa mãe, que o abandonara criancinha, e viera procurá-lo adulto para lhe dizer: “Tenho direito ao teu amor, aos teus carinhos, e ao teu respeito, porque te dei a existência.”

Mas um tal pensamento, uma tal vingança não era própria da minha idade, nem que o fosse, bradaria mais alto o grito filial, a exclamação represada, longo tempo, no coração escurecido pela orfandade.

E, contudo, minha mãe julgou que o meu silêncio era um queixume. Viu na minha suposta inércia uma acusação providencial, um castigo do céu cujo instrumento era a minha inocência.

E chorava com a aflição. Lia-se-lhe a tormenta do espírito na face atribulada. Lembra-me que era sublime de agonia aquela mulher, relutando com o remorso, e encarando-me espavorida, como se eu fosse uma larva!

Era então que os olhos lhe cintilavam daquele brilho sinistro de demência. As faces pareciam aradas por um hálito de fogo, que as ressequira. Os lábios estremeciam-lhe de crispações nervosas; e os cabelos, humedecidos pelo suor da testa, lançava-os em desalinho desesperado para trás das orelhas.

Não sei que a expressão do ódio se manifeste mais rancorosa do que então era na minha mãe a expressão do

amor!

Mas não era essa a comoção que, naquele transe, lhe dava ao aspeto um colorido medonho.

Enquanto os lábios dela me beijavam em fervente comoção, a víbora do ódio mordia-lhe o seio, e derramava-lhe um veneno diabólico nas artérias. Esse ódio era uma sezão, uma síncope, um acesso de hidrofobia, que fazia daquela infeliz uma possessa!

Não me peçam já a história deste ódio, o quadro lúgubre deste tipo excecional nas amarguras.

É cedo ainda; porque as lágrimas são o continuado viver de algumas vidas, e, se não fossem relevadas uma a uma, a biografia dessas existências seria monótona e fria.

Até para as lágrimas é preciso o método... Eu tentava despertar minha mãe daquela espécie de sonambulismo despedaçador; mas o ataque já não cedia aos meus acanhados esforços, tinha de passar por algumas crises, debater-se em convulsões impetuosas, enfraquecer-se em tremuras espasmódicas e terminar pela mortal atonia dos músculos.

Felizmente a cadeira, em que ela se sentara, estava próxima do meu leito. A minha mãe, desmaiada, pendeu a cabeça sobre a cama. Limpei-lhe da face um suor frio. Julguei-a morta. E, quando esta dilacerante suspeita me entrou no coração, corri à porta, abria-a, chamei D. Antónia, e pedi-lhe com as mãos erguidas que mandasse chamar um médico para a minha mãe.

A pobre senhora, atordoada com o estado assustador da sua visita, correu a chamar o irmão. O padre, menos alvoroçado, mas com terror visível nas feições, tomou o pulso da desmaiada e estremeceu. Pegou num espelho, colocou-lho sobre os lábios, observou-o e, vendo-o embaciado, exclamou com desafogo:

— Está viva! E ouviu-se então um sinal na porta, e uma voz de fora que dizia:

— Já passou um quarto de hora. Neste momento, minha mãe abriu os olhos. Sentou-se. Contemplou-nos. Fez um gesto de retirar D. Antónia, que a tinha nos braços: e D. Amónia ia retirar-se, quando o padre repetiu as palavras, que pareciam tê-la acordado:

— Já passou um quarto de hora.

— Já! — exclamou minha mãe. E tomando a capa do chão, sem ao menos se despedir de mim, desapareceu, como se fugisse à desonra daquele quarto.

E em seguida, ouvi o rodar rápido de uma sege.

# CAPÍTULO IV

O segredo do meu nascimento parecia-me escurecer-se cada vez mais, não obstante me ser fácil conjeturar a classe a que pertencia.

Minha mãe é que estava sendo para mim um insondável segredo. Aquele frenesi, aquela desesperação, aquele sobressalto pareciam-me inexplicáveis! Durante a rápida entrevista, que tivemos, tais coisas vi, que, recordando-as, depois sozinho, cheguei a lembrar-me se o que eu vira seria um ataque de loucura!

D. Antónia, a quem eu revelava as minhas infantis suspeitas, não me tirava dúvidas. A sua linguagem era sempre retraída e indecisa: parece que tremia de pronunciar a palavra “mãe”; e por mais instantes súplicas, que lhe fiz, não adiantou nada ao que eu sabia.

O padre não me falava em nada. Ouvia-me, com mais afabilidade, mas era sempre o mesmo rosto frio, e a mesma

austeridade de mestre.

A meditação absorvia-me as horas de estudo, e o padre não queria que eu meditasse. Ampliou-me as lições, obrigou-me a raciocinar, em ciência, e tentou assim abstrair-me das meditações estéreis da minha vida enigmática.

Decorreram meses, e não vi minha mãe, nem tive quem me falasse dela.

Cheguei a sofrer uma dorida saudade daquela mulher. Refletia-se no meu coração a imagem que sempre vira: soava-me em sonhos o eco das suas palavras; sentia nas faces o calor dos seus beijos, e a impressão estranha das suas lágrimas.

Este idealismo converteu-se em amor profundo. Senti que era filho daquela mulher, porque mo dizia a voz profética da alma, a convicção íntima de uma faculdade que tem o coração, e não carece dos sentidos externos para funcionar.

E a não ser filho, eu deveria deste ideal passar à violenta paixão de amante. A não poder chamar-lhe “mãe” deveria chamar-lhe “esposa”. Eu não sabia então que estes dois

sentimentos preenchem as mais imperiosas condições do amor; mas adivinhei-os como hoje os sei, depois que vinte anos de experiência mo fizeram saber. Há verdades no mundo, que se veem, em toda a sua luz, ou pelos olhos puros da candura, ou pelos da experiência.

O mestre ordenou-me um dia que me vestisse para passear com ele. Admirou-me esta ordem, porque o dia era letivo, e ao domingo nunca se dera uma semelhante atenção para comigo.

Saímos, e andámos muito. O padre não me deu uma palavra quando atravessámos a maior parte da cidade. Reparei, num letreiro de uma rua quase deserta, e li CAMPOLIDE. Andámos ainda muito; atravessámos uma azinhaga, perdemos a vista de Lisboa por algum tempo, enquanto caminhávamos encostados ao muro de uma quinta: e ao cabo desse muro estava um palacete sombrio, triste, e quase escondido entre as copas das faias, dos chorões, e dos ciprestes.

Ao lado desse palacete o terraço formava uma curva por um banco de pedra. O padre sentou-se e mandou-me sentar aí.

— Gosta deste sítio, João? — perguntou o padre.

— Gosto muito; tornara eu aqui viver.

— Porquê?

— Não sei porquê: acho isto tão triste... E o padre sorriu-se. As janelas, exceto uma, estavam fechadas, como se a casa não tivesse moradores. Essa mesma que não estava de todo fechada apenas tinha meia porta aberta.

Reparei que o padre olhava muito para aquela janela. Acompanhei-o nesta curiosidade muitas vezes.

Havia mais de uma hora, que aí estávamos, quando, através da vidraça, divisei um vulto. O padre fez uma ligeira saudação à pessoa, que aparecia, e disse-me que estivesse de pé com o boné na mão.

Vi que a pessoa da janela fazia um sinal. O padre mandou-me sentar e cobrir.

O vulto deixou cair a dobra da capa que lhe escondia meio rosto, e eu conheci minha mãe.

Apenas recebi esta surpresa, não pude conter-me, e disse com sobressalto “é a minha mãe!” O mestre mandou-me

calar.

Não podia despregar os olhos da face dela. Acenava-me, sorria, limpava os olhos, e fazia não sei que sinais ao padre, a que ele respondia afirmativamente.

Vi que a minha mãe, de instante para instante, desaparecia como quem procura segurar-se de alguma surpresa. Pareceu-me mais cadavérica. Em redor dos olhos negrejavam-lhe as nódoas do sofrimento, como se as carnes ali tivessem sido maceradas.

Pedi ao padre que me deixasse lá ir. O padre, sorrindo, fez-lhe sinal a ela do meu pedido. Vi-a também sorrir; mas que mortal amargura naquele sorriso, naquela expressão irónica da desgraça!

Passaram alguns minutos. A minha mãe afastou-se e voltou precipitadamente, dizendo-nos adeus.

O mestre tirou o chapéu, fez que enxugava o suor da testa e disse-me que não olhasse para lá.

Mas não pude obedecer-lhe. A vidraça, que a minha mãe não ousara abrir, foi de repente aberta com estrondo.

Olhei, quase violentado; e vi um homem de figura assustadora, que nos olhava com a vista colérica. O padre olhou também por um momento, e ficou-se na postura em que estava, simulando a mais bem fingida indiferença, e não me proibiu que olhasse para aquele homem, porque assim talvez julgou que nos tomaríamos menos suspeitos.

Mas os seus reparos no padre pareciam aumentar de interesse. Não sei o que tinha a vista de tal homem, que me incutia terror! Morto estava eu por me retirar dali, quando ele com a voz imperiosa, e a testa franzida, nos disse:

— Querem daí alguma coisa?

— Não, senhor — disse o padre. — O que nós quisemos foi descansar um instante; mas, se somos importunos, retiramos.

O mestre levantou-se, e o homem, retirando-se, fechou a janela, e nós seguimos o caminho por onde viéramos.

Na noite deste dia, tive eu o seguinte diálogo com o padre:

— Pouco posso, por enquanto, adiantar-lhe sobre o seu nascimento...

— Mas... pouco que seja...

— Sabe que aquela senhora é sua mãe...

— Sim; mas quem é aquela senhora?

— Não tem necessidade de o saber nem de o perguntar. É uma pessoa que lhe deu a existência e a educação.

— e o meu pai era aquele homem que apareceu na janela?

— Não. O seu pai já não vive.

— E aquele homem não é meu parente?

— Não é seu parente: é marido da sua mãe.

— O marido da minha mãe!... Mas é meu inimigo, não é verdade?

— Porque pergunta se é seu inimigo?

— Porque não sabe que eu existo.

— Sabe que existe... mas... não me faça mais perguntas, que eu não lhe respondo. Mais cedo que eu e o menino quereríamos, saberá tudo.

Este diálogo foi interrompido por D. Antónia, que entrou no meu quarto entregando uma carta ao irmão.

O padre leu, meditou, pareceu lutar em desejos opostos, e por fim, retirando-se, disse-me:

— Quero dar-lhe alguns traços da vida amargurada da sua mãe. Eles aqui estão escritos por ela... Leia esta carta e peça a Deus que se compadeça de quem a escreveu.

A carta escrita a lápis, dizia assim:

*O conde suspeitou. Falou-me da perturbação em que você ficara quando o vira. Quis arrancar-me o segredo dessas duas pessoas, Fez-me algumas perguntas com o punhal sobre o coração. Vi-lhe os olhos injetados de sangue, e cuidei que me matava. Ofereci-me, como sempre, ao sacrifício, pedindo-lhe de joelhos a morte. Cuspiu-me no rosto quando eu estava nesta humilde postura, Saiu como furioso em procura de você; era tarde, felizmente, para encontrá-lo. Deu ordens aos criados para indagarem de você alguma coisa. Será uma diligência baldada. Não torne a sair com o pequeno. Foi uma imprudência minha. Parece-me que seria privada da luz outros oito anos! Deus me tire*

*deste mundo, por piedade! Tenho tentações de matar este verdugo. Ajude-me a morrer com resignação. Duas linhas suas, ou do meu filho, sejam-me doces na hora da morte, sejam a minha recompensa, a minha coroa deste longo martírio. Adeus. Abrace meu filho, sim? Adeus.*

*A.*

A dor parece que me elevou o espírito para o extremo refúgio dos desgraçados! Caí de joelhos e, com as mãos erguidas, pedi a Deus compaixão para a minha mãe.

# CAPÍTULO V

A minha alma cobriu-se de um véu de tristeza perpétua no momento em que li a carta da minha mãe. já não quero, como Job, datar a minha desgraça desde o ventre materno. Verdadeiramente infeliz, sei que o fui desde que conheci uma mulher que me chamava filho, mas uma mulher cujo infortúnio obrigava o padre a chorar, e justificava de mais essas lágrimas com a carta que eu acabava de ler.

Todas as manhãs, a pretexto de saudar o mestre, perguntava pela minha mãe; e, durante três meses, não obtive notícia boa nem má. O padre não tivera mais inteligência com a desgraçada; e respondia que não se admirava disso, porque não seria novo deixar de tê-la oito anos.

E eu recordava-me do que fora escrito pela minha mãe, a respeito desses oito anos em que não vira a luz. Este suplício parecia-me impossível; e por mais que eu pedisse

ao padre a causa deste castigo bárbaro, respondia-me que não podia exceder as ordens da minha mãe, a respeito da sua vida.

D. Antónia pouco mais fingia saber que eu. O segredo parecia todo do sacerdote, e o sacerdote era um livro de sete selos, que só poderia ser aberto pela mão de um cadáver, como ele me disse, julgando curar-me com veneno a ferida que pedia bálsamo. Para que viera aquele anjo limpar-me as lágrimas da orfandade? Para substituir a estas as mais amargas de um filho, que tem a consciência das torturas misteriosas da sua mãe sem poder acudir-lhe, sem poder suavizar-lhas com a esperança de um futuro melhor!

Eu comecei muito cedo a recolher o meu espírito em dolorosas meditações, impróprias da minha idade. Não soube o que era viço da infância, nem ideal de venturas sonhadas nessa quadra de inocentes desejos. A realidade em mim começou comigo, porque não há poesias nos pesares, nem elevações extáticas para o céu, quando se pisam espinhos onde deveram desabrochar-nos flores.

E, portanto, eu não podia distrair os meus cuidados do viver aflitivo da minha mãe. A tristeza tomara-se uma doença, que eu sentia enervar-me a vida e exaurir-me de alentos para esperar-lhe remédio. Há dores silenciosas, que nos incutem respeito, quando o que as sofre nos não pede compaixão para elas; a minha dor era assim.

No fim de três meses, soube que a minha mãe vivia; mas poucas linhas revelam que vida era a sua. O padre leu-me este bilhete, porque as palavras que continha não devia eu sabê-las todas:

Este homem suspeitou do criado Bernardo, e despediu-o. Fiquei privada desse bom criado, que era a minha esperança, e que tanto me custara a movê-lo no meu favor. Não tenho podido achar um meio de lhe escrever. Estas mesmas linhas escrevo-as a tremer, porque não sei se irão cair na mão do conde. Este bárbaro inventa caprichos de maldade para flagelar-me. Sinto-lhe um desejo diabólico da minha morte. Não se decide a matar-me!... Será uma cobardia? Será o prazer de ver-me penar? e o meu filho? Fala-lhe de mim? Tenho-o tão impresso na imaginação!... Se eu não sentisse este amor de mãe, que me abrasa o

coração, bastaria o reflexo do amor, da saudade... oh meu Deus!... da saudade de um anjo, que foi deste mundo, legando-me a herança de lágrimas, que em breve legarei ao nosso infeliz filho! Senhor padre Dinis, por caridade não poupe carinhos a esse menino! Seja-lhe pai pelo amor, pela religião, pela piedade e pelo bom coração que Deus lhe deu.

O padre, — terminando a leitura incompleta deste bilhete, abraçou-me com extraordinária efusão, e chorou comigo.

No dia seguinte disse-me D. Antónia que um criado de farda me procurava; mas que sem licença do seu irmão não consentia que eu lhe falasse. O criado instava que não era pessoa suspeita; mas a tímida senhora não podia transgredir os preceitos do seu irmão. Ora o padre estava fora de casa, e não era certa a hora em que recolhia.

Quando vi entretida D. Antónia corri para o criado, que não conheci. Perguntou-me o meu nome, porque ele também me não conhecia. Certificou-se de mim, perguntando-me se eu estava certo de ter sido procurado por uma senhora que se dizia minha mãe.

Esta pergunta fez-me vacilar na resposta, porque não sei como imaginei que aquele homem era um enviado do algoz da minha mãe.

O criado, vendo-me em embaraços nada semelhantes à decisão com que viera falar-lhe, disse-me que não receasse dizer a verdade, porque ele era o confidente da minha mãe no tempo em que ela viera ver-me.

E, de repente, lembrou-me o escrito que ouvira ler um dia antes, e o nome do criado que a minha mãe lamentava ter perdido.

— Como se chama? — lhe disse eu.

— Bernardo.

— Ah!, então decerto é meu amigo!... E tomando-me nos braços, onde eu me lançara com alegria, o pobre homem apertava-me, e soluçava não sei que palavras, que bem se via que vinham do coração.

— O filho da minha querida senhora! — exclamava ele. — O filho daquela santa, que vai deste mundo tão pesada de dores!

— Então sabe a vida da minha mãe? — perguntei eu com ansiedade. — Diga, diga, tudo o que souber!... porque eu tenho chorado muito... sei que ela é muito desgraçada; mas nem ela nem o padre, nem Dona Antónia me dizem a causa dos seus sofrimentos.

— A causa dos seus sofrimentos... — disse ele, limpando a face, onde as lágrimas corriam copiosamente. — Pois o menino não sabe a causa dos sofrimentos daquela pobre senhora condessa ?

— Condessa... — exclamei eu —, pois minha mãe é condessa!... Ah!... sim, sim... já sei porque é condessa...

E lembrou-me então o começo da primeira carta que vira escrita ao padre. Lá falava-se de um conde, mas a minha educação, tão fora dos usos mais triviais da sociedade, não me disse logo que a minha mãe era forçosamente condessa por ser a vítima, a mulher, ou a escrava desse conde.

— A sua mãe, não há dúvida, é a senhora condessa de Santa Bárbara, por ser casada com esse homem, que não tem em todo o mundo quem se meça com ele em maldade. É um tigre, menino!, aquele homem é o que se pode ser!

Deus o livre a Vossa Excelência de lhe ver os olhos quando o sangue lhe sobe a eles!

— Eu já o vi, e tive-lhe medo!

— Bem no dizia eu! Não que ele, realmente, é um homem que Deus mandou a este mundo para castigo da humanidade. Eu sofri-o dois anos, porque, se não fosse eu, sua mãezinha morria de sede alguma vezes...

— Morria de sede! — exclamei eu, quando comecei a ver por mais longe os limites de um verdadeiro infortúnio. — Mas porquê? Minha mãe que mal fazia a esse homem?

— Nenhum... pelo contrário, parecia que lhe andava ali sempre de joelhos a adivinhar-lhes as vontades.

— Mas ele sem mais nem menos...

— A falar-lhe a verdade, meu fidalguinho, eu não sei contar-lhe a história tal qual, porque lá em casa ninguém sabia porque sua mãezinha era tão martirizada; mas, pelos modos, a causa principal de tudo aquilo era... o menino.

— Eu!, pois que mal fazia eu a esse homem?

— Isso são outras coisas, que eu, ainda que as sei, não lhas quero dizer, porque o menino é muito novo, e não mas entende. Lá virá tempo em que tudo se saiba.

— Mas diga-me, Bernardo, vossemecê conheceu meu pai?

— Nada, não conheci.

— Mas sabe quem ele era?

— Também não, nem perguntei a ninguém por isso, porque não era da minha competência.

— Mas eu já sei que ele morreu...

— Morreria; mas que eu saiba não. Quem pode dizer-lhe tudo é cá o senhor padre, que sabe a vida da senhora Condessa desde que a vossa Excelência nasceu.

— Desde que eu nasci? — Pois então! O menino creio que está aqui desde que nasceu, ou pelo menos quem tem tratado sempre da sua educação é cá o senhor padre-mestre.

— Mas eu ainda há pouco tempo sei que tenho mãe.

— Isso não admira, porque sua mãezinha esteve oito anos fechada sem ver sol nem lua...

— Porquê?

— Enquanto a mim é porque disseram ao senhor conde que a senhora condessa tinha um filho. Isto é, eu não afirmo, mas parece-me que a sua mãezinha uma vez, estando em delírio, disse uma coisa que era isto, ou que se parecia com isto...

Neste momento, contra os meu desejos, apareceu o padre. Pedi a Bernardo que não dissesse o que me tinha dito.

O padre tratou-o afavelmente; louvou-lhe a preocupação de vir ver-me, e eu instei-lhe ternamente que viesse todos os dias, se pudesse.

# CAPÍTULO VI

Eu era verdadeiramente amigo deste Bernardo, que vinha falar-me da minha mãe, uma vez cada semana; mas em vão eu tentava a sua prudência, pedindo-lhe circunstâncias mais claras do passado da sua ama, da sua santa, como ele a intitulava.

Padre Dinis tinha-o talvez prevenido, impondo-lhe o silêncio por condição, sem a qual não lhe permitiria falar comigo.

Uma vez — era em Agosto de 1832 — justamente no dia em que eu fazia anos, apareceu Bernardo, a suar por todos os poros, e a rir por todas as feições, e a abraçar-me com toda a veemência de uma alegria expansiva.

O que ele me queria dizer parecia que não lhe passava da garganta. O homem ria e chorava, e era todo ele uma vibração de contentamento!

— Que é isso, Bernardo, diga-me porque está tão alegre!

— Deixe-me abraçá-lo, que é um abraço que lhe manda sua mãe...

— Pois falou com a minha mãe? Ela quer ver-me? já não está fechada no quarto?

— Está no quarto, mas é porque ainda está doente; não quer expor-se ao ar porque deseja viver agora...

— Pois que se passa?... Diga Bernardo... o tal homem teve pena dela?

— O tal homem... qual pena nem meia pena... Aquilo não é bichinho dessas coisas... É porque o senhor Dom Miguel foi para o Minho, e quis que o conde o acompanhasse.

— Que felicidade!... E não tomará tão, cedo?

— Quem sabe!... Anda para lá a guerra dos malhados com os realistas, e se viesse uma bala... Deus me perdoe... que o partisse... Olhe que não se perdia nenhum macho de cem moedas...

— Mas olhe, eu agora posso ir sem medo a casa da minha mãe? Ela mandou-me ir?... Eu vou dizer ao padre que vou...

sim ?

— Tenha lá mão, fidalgo, por agora não vai a coisa assim. A sua mãezinha mandou-me procurar à casa onde eu estava, e apenas me disseram que ela me chamava outra vez para escudeiro, aquilo foi um fogo visto, corri a quatro pés ao quarto da minha santa Condessa, e pouco me faltou para me pôr de joelhos a agradecer-lhe o lembrar-se do pobre velho, que aposto eu se há um pai que ame uma filha mais do que eu a ela, e depois dela o meu querido fidalguinho, que há de ainda ser muito feliz, e muito amigo do seu Bernardo, não há de?

— Hei de, hei de... mas... A minha mãe... eu queria vê-la... Se lá não está o homem que aterra a gente com os olhos...

— Há de ir, sim, senhor; mas deixe-me agora falar primeiro com a sua mãe, porque o conde ainda ontem partiu e quem sabe se lhe dá algum ataque de bexiga que o faz tomar para trás? Com prudência tudo se fará... Adeus, meu menino, dê este recado ao senhor padre Dinis da minha parte, e diga-lhe que as coisas correm às mil maravilhas; ponto é que o Diabo tome debaixo da sua proteção aquele algoz da sua mãezinha e meu, porque, a

falar a verdade, ainda não lhe disse a Vossa Excelência que aquele malvado dava-me bofetão e pontapé de criar bicho, só porque eu estava pronto a socorrer a senhora condessa! Má raios o partam, Deus me perdoe... Então, adeusinho. Eu cá tornarei breve; haja gáudio, e viva o senhor Dom Pedro, que teve a habilidade de fazer sair de cá o senhor Dom Miguel e o senhor Dom Conde, que, se não é isto, nem o Diabo o tirava de casa.

Bernardo retirou-se murmurando uma ladainha de pragas ao conde.

Eu, tão alegre como ele, corri ao quarto do padre, e dando-lhe a nova que deveria, enquanto a mim, alegrá-lo, quase lhe não fez impressão nenhuma.

Padre Dinis disse-me que esperava as ordens da minha mãe, e acrescentou que nunca me deixasse deslumbrar cegamente por uma esperança que só tinha em si, como verdade, os nossos bons desejos. E, com esta sentença, mandou-me retirar, porque tinha que fazer e que pensar.

E retirei-me triste.

O homem desgraçado duvida tanto das lisonjas da esperança que, se não encontra amigos que o ajudem a fantasiar formosas realidades, descoroçoa das suas previsões, descrê de si, e recai no seu habitual desalento.

Procurei D. Antónia, e achei-a chorando. Pedi-lhe a razão das suas amarguras, e a boa senhora redobrou de choro, proferindo, entre soluços, uma tal ou qual profecia do abatimento em que ela teria de ver a religião, se Deus, pela sua misericórdia infinita, a não chamasse a si.

No dia seguinte, Bernardo entregou uma carta ao padre Dinis, e, na tarde desse mesmo dia, recebi a boa nova de que veria à noite a minha mãe na sua própria casa.

Doudejei de alegria; mas não sei fazer entender aos outros como era aquele meu contentamento! Parece que o meu sorriso era violento. Faltava em mim uma certa expansão íntima e luminosa de que me falam os felizes da terra, e que eu não experimentei ainda, nem já agora tenho a louca vaidade de esperar.

Às nove horas da noite estávamos, eu e o mestre, sentados no banco de pedra fronteiro à casa do conde de

Santa Bárbara.

Pouco depois, Bernardo conduziu-nos por um portal de quinta, e fez-nos entrar por uma cocheira, onde vi seges desmanteladas, arreios, e um não sei o quê de ruínas, que falavam de uma passada grandeza.

Subimos daí a um corredor, que nos conduziu a um salão. Neste vasto recinto havia um lampião, que derramava pelas paredes pardacentas sombras fantásticas, à maneira de vultos encapotados, que davam ao lugar uma solenidade misteriosa.

Bernardo mandou-nos sentar, e saiu. Padre Dinis, apenas sentado, continuou no seu íntimo recolhimento espiritual.

Reparei que nas paredes estavam quadros pendentes; aproximei-me, e apenas divisei traços de vultos humanos.

Não pude calar a curiosidade, e perguntei ao padre que quadros eram aqueles.

— São retratos — respondeu ele, sem levantar a cabeça da postura meditativa em que a tinha.

Contei os retratos, e vi que eram seis. Tomei a examiná-los um a um, e não pude penetrar além do vulto.

Um, porém, prendia-me a atenção mais que os outros, por isso que o bruxulear da lâmpada projetava às vezes um relâmpago fugitivo por sobre a escuridade da moldura.

E nesse instantâneo clarão sobressaíam feições, e essas feições pareciam-me de mulher, e essa mulher queria eu por força que fosse minha mãe.

E, dando à voz toda a inflexão do carinho, perguntei ao padre se aquele retrato era da minha mãe.

— É — respondeu ele, e atou de novo o fio da sua medição, quebrado um instante.

Tomava eu para a minha deliciosa investigação, quando Bernardo nos chamou.

O padre segui-o, e eu, conduzido pela mão, entrei no quarto da minha mãe.

Estava ela deitada num canapé, com um tremó à cabeceira, e o cotovelo esquerdo apoiado sobre o tremó.

A luz que lhe iluminava o rosto era tão escassa, que eu mal a distingui, quando entrei.

Minha mãe apertou a mão do padre, e susteve-se nela querendo sentar-se; e não podendo consegui-lo, sozinha, disse-me que lhe amparasse a cintura para poder erguer-se.

E, depois que se sentara, ficou abraçada em mim, com a face pousada sobre o meu ombro.

Senti-lhe as pulsações velozes do coração, e a lavareda em que parecia abrasar-se-lhe o rosto. De instante a instante, humedecia os beiços, num copo de água, que eu sustinha na mão direita.

De improviso rebentaram-me as lágrimas dos olhos.

— Que tens, meu querido filho? — murmurava-me minha mãe, limpando-me a face com o seu lenço. — Que tens? Não podes estar aqui feliz ao pé da tua mãe? Coitadinho! Como vais tão depressa provando o teu manjar de toda a vida!... São as lágrimas precursoras...

Estas últimas palavras disse-as a minha mãe a padre Dinis, que nos contemplava com as mãos enlaçadas sobre o

peito procurando nas sombras, talvez, esconder o testemunho das suas lágrimas.

— Joãozinho — disse o padre —, fale com a sua mãe... diga-lhe que tem sofrido muito com ela... Não tenha só eloquência de filho quando fala comigo... mostre a sua mãe que é um homem perfeito em sofrimento.

— Não preciso que ele mo diga, eu bem o sei... — atalhou minha mãe. — Eu bem o sei, porque ele é meu filho e já está senhor da herança... de uma alma, que subindo ao céu, devia deixar na deste menino as dores, que são da terra... Joãozinho... tens quinze anos... não deves chorar como criança... Conversa comigo... sim?

E eu sorri-me com violência; mas não sei que dominação moral exerceram sobre mim, naquele instante, os meus quinze anos! Olhei-me com altivez, e parece que repreendi em mim a criança que devera ser um homem ao pé de uma mulher que pedia proteção!

— Eu não choro, minha mãe... chorei um momento, mas ninguém pode dizer ao coração que o chorar é uma vergonha, não é assim?

E minha mãe respondeu-me com um beijo, e logo, encarando o padre, sorriu-se com um ar de espontânea alegria, que eu nunca lhe tinha visto.

— E não foi bem romântica a resposta, senhor padre Dinis ? — disse ela.

— Eu já não me admiro — respondeu o padre.

— Não lhe pareceu ouvi-lo... diga... não eram assim as suas respostas ?

— As respostas de quem? — perguntei eu.

— Digo? — interpelou minha mãe, com os olhos fixos no padre.

— Porque não! — respondeu ele.

— Queres saber — disse minha mãe — com quem te pareces nas tuas respostas, meu filho? Não adivinhas sem que to digam? Não te falta na vida um ente que, deixando-te no mundo, havia deixar-te de si alguma lembrança?

— Meu pai? — exclamei eu com energia e comoção.

— Sim, sim, sim, teu pai — bradou minha mãe, apertando-me freneticamente ao seio, e estremecendo toda ela na

convulsão de uma febre.

Esta situação, demorada de mais para o seu debilitamento, prostrou-a, obrigando-a a deitar-se sem me largar a face da posição em que a tinha.

O padre, pensando que eu, assim reclinado sobre a face dela, devia incomodá-la, quis desenlaçar-me, e não pôde consegui-lo.

Minha mãe não chorava. Árida nas faces, e abrasada nos lábios, parece que um vulcão íntimo lhe queimara aquela parte do coração onde o anjo dos alívios deve ter depositado as lágrimas.

Esta penosa situação, para todos nós, durou assim alguns minutos.

O desalento da minha mãe sobressaltou-me muito. O padre, porque sabia que doença era a dela, não deu sinal de perturbar-se, e ajudou a sustentar o colo da pobre senhora numa altura em que a respiração lhe fosse menos penosa.

As faces passaram-lhe de um pálido cadavérico ao vivo rosado de uma saúde vigorosa; mas aquele escarlate,

destacando-se do rosto como duas romãs, carregava o azul-escuro das sombras, que lhe desciam das órbitas. E depois, minha mãe, estremecendo e levando a mão ao seio, como se o coração estremecesse com ela, denunciou por gestos que tinha ali uma grande dor.

Sentou-se, sem precisar do nosso auxílio; pousou a testa na mão esquerda; comprimiu o coração com a direita, e esteve alguns minutos nesta postura, que eu e o padre contemplávamos sem dizer uma palavra.

Por fim, atacou-a uma tosse para a qual pareciam extintas as forças da minha mãe. Que ela era dolorosa e violenta, denunciavam-no as contorções do corpo e o sangue que lhe saía às golfadas sobre um lenço que a minha mãe colocava na boca, como se quisesse esconder-nos aqueles indícios de uma vida a extinguir-se.

Reparando na minha inquietação, a desgraçada, como a luz que bruxuleia nos seus últimos clarões, sorria-se com a graça de um anjo, e com alegria de um mártir.

— Não é nada, meu filho! — dizia ela. — Vive-se assim muitos anos, quando se tem um grande espírito para sofrer.

Deixa morrer o corpo, meu filho, que a alma é imortal, como o amor de mãe. Terás de viver longe de mim pela vida, mas hás de entrar no meu seio pela morte. As pessoas desgraçadas devem terminar aqui... Do túmulo para dentro não está uma pouca de cinza fria: lá é que começa a vida dos que se sentiram viver no inferno variado de mil tormentos... neste inferno do mundo, em que a esperança da morte é o paraíso dos infelizes... Não é isto assim, senhor padre Dinis?

— Fala como inspirada, senhora Condessa — respondeu o padre —, e não pode assim falar-se sem pressentir o prémio que Deus promete aos que choram...

— Ai! — murmurou minha mãe —, aos que choram!... E que lágrimas, senhor padre Dinis!, e com que resignação!... Sempre é muito forte a mulher quando luta com os padecimentos! O que eu tenho sofrido há doze anos, aqui, neste quarto, com aquela porta fechada, com aquela janela pregada, com esta lâmpada acesa noite e dia!... Tantas vezes ajoelhei pedindo ao Senhor o fim dos meus trabalhos!... E não era vã a minha oração... O que Deus me dava era coragem para futuros martírios; era resignação

para esquecer-me dos passados... mas esperança... no mundo... nenhuma, meu filho, nenhuma o Senhor me dava, nem ainda a de encontrar-te um dia... E, contudo, aqui estás tu nos meus braços!... não és tu meu filho!...

— Sim, sim, minha querida mãe...

— Pois que mais quero eu? Fui ouvida, fui atendida por Deus!... Na hora das supremas angústias, antes de cerrar as pálpebras para sempre, quis Deus que eu te visse! Agora... que os meus olhos se fechem, porque não tenho mais que ver, nem o coração tem outros sonhos que devam realizar-se aqui... Um sinto eu, acordada e dormindo... um sonho, mais que um sonho, uma ansiedade do infinito, em cujo seio devo encontrar o anjo da minha juventude, das minhas alegrias e dos meus tormentos... Queres tu vê-lo também, meu caro filho?, queres um dia ver o meu anjo, o tesouro da tua mãe, a estrela que lhe deu a luz na infância, que lhe mostrou o céu na terra, e que um dia se escondeu aos meus olhos, porque fora iluminar o sacrário do Altíssimo?

— Quem é, minha mãe?... Quem é?

— Quem é?, perguntas tu... É uma saudade, é uma imagem que se não palpa, e eu sinto-a vibrar-me em todo o corpo como sinto os teus lábios nos meus... É uma imagem que me não fala a linguagem dos homens, e eu ouço-a noite e dia... ouço-lhe um hino de felicidade, quando eu choro... e deixo de chorar, porque esta alegria do meu anjo é um grito de coragem ao meu espírito, que desfalece. Ainda não sabes quem é o anjo da tua mãe?

E eu ouvi-lhe aquelas palavras quase ininteligíveis pela expressão e pela ideia. Eram novas para mim aquelas pinturas, que eu não tivera tempo de encontrar nos livros onde se acham escritas as histórias das paixões, nos romances onde a gente vive todas as situações da sociedade sem ter passado por nenhuma. E, depois, minha mãe parecia falar num mundo, que não era este.

O seu rosto irradiava uma candura angélica e uma eletricidade indizível, que pareciam torná-la superior a si mesma. Hoje é que eu vejo a menor linha de transfiguração daquele rosto, onde a morte se ostentava tão bela, como se a aproximação do túmulo, a última quadra da vida, fosse

também a primeira de uma nova inocência, com todas as suas alegrias!

E minha mãe repetiu a sua pergunta:

— Não sabes quem é o anjo da tua mãe?

E voltando-se para o padre, continuou:

— Parece que o coração devia adivinhar-lho, não é verdade, senhor padre Dinis?

O padre olhou para mim sorrindo-se, e encolheu os ombros, como se pedisse a minha mãe desculpa da minha pouca penetração. Mas por uma intuição que não sei explicar, lembrou-me de repente que o anjo das alegrias e das saudades da minha mãe era meu pai. Maquinalmente proferi esta palavra com aquela intimativa de quem, na dúvida de adivinhar uma pergunta enigmática, balbucia uma resposta incerta. e a minha mãe, enlevada num arroubamento de júbilo, abraçou-me impetuosamente. Parecia agradecer-me o desafogo que eu lhe dera, pronunciando um nome, que o pejo lhe abafava no coração.

Padre Dinis, organização nervosa e entusiástica pelo sublime, achou naquele abraço incentivo para uma destas

emoções, que eletrizam o sangue e fazem saltar as lágrimas.

— Foi a natureza — dizia-me minha mãe — que te ensinou esse nome?... Quem te disse a ti, meu filho, que o anjo das minhas saudades devia ser teu pai?

— Ninguém me disse que ele era um anjo — respondi eu mas já sabia que a minha mãe...

— Diz, diz, Joãozinho...

— que a minha mãe sofria muito pela minha causa, e que a pessoa que a fazia sofrer não era meu pai...

— Não, não! — exclamou ela com veemência. — Graças a Deus que não é teu pai o meu algoz... Não podia sê-lo... E, eu te amaldiçoaria se fosses filho de um monstro... Não me recordem esse homem, que lhe vejo a sombra, e a sombra desse tigre tem garras que despedaçam o coração!... Não posso acordar do pesadelo agonizante a que esse bárbaro habituou a minha existência! Custa-me a persuadir que ele não está aqui, espreitando as minhas palavras, o meu gesto mais inocente, e o meu pensamento mais oculto! E eu não podia pronunciar uma palavra que não fosse uma

provocação aos ódios sanguinários do meu carcereiro! Escandalizava-o o meu silêncio, quando pedia a Deus que me desse alentos. Escandalizavam-no as minhas palavras, quando lhe pedia a ele perdão de crimes que eu não tinha! Que inferno, meu querido filho, que inferno tem sido esta lenta agonia da tua pobre mãe!... E, por Deus te peço, não te lembres de que entre mim e ti está esse homem, que partiu para longe, mas que deixou o seu fantasma pavoroso a vigiar-nos...

Minha mãe tinha subido a um grau de excitação, que fazia dó e receio. Padre Dinis interrompeu-a, distraindo-lhe a atenção para um objeto que ele supunha distrair-lha.

Falou na saída imprevista do Sr. D. Miguel, no desembarque do Sr. D. Pedro, nas consequências destes dois acontecimentos, e no futuro de Portugal. Penso que era isto, porque não atendi à exposição do padre, e penso mesmo que a minha mãe lhe acenava com a cabeça, em ar de inteligência, simplesmente por urbanidade.

Todavia a febre da minha mãe serenava visivelmente, como se uma carinhosa esperança lhe suscitasse a conversa do padre.

Ao toque de uma campainha apareceu Bernardo. e a minha mãe perguntou-lhe se tinha ouvido dizer alguma coisa. Bernardo respondeu negativamente, e saiu.

A tímida senhora explicou-nos, da seguinte maneira, este seu temor.

— Aqui, nesta casa que chamam minha, sou eu quem dá explicações da sua vida aos criados, e estes receberam do conde de Santa Bárbara o direito de não só espreitarem, mas até pedirem a sua mulher explicação dos actos da sua vida. Entre as criadas há uma especialmente que vive aqui como senhora absoluta, porque meu marido não precisou de bênção matrimonial para conferir-lhe a soberania de rainha. Julguei algum tempo que me convinha ser amiga aduladora, e até escrava, desta mulher. Cuidei que merecendo-lhe o seu amor ou a sua piedade desarmaria as cóleras do meu marido.

“Enganei-me. O sacrifício que fiz da minha dignidade fez que eu fosse de então em diante mais ultrajada por ela, e mais escarnecida por ele. O senhor conde saiu, e a sua valida retirou-se aos seus domínios...

— Ah! — interrompeu o padre —, ela saiu daqui?

— Retirou-se aos seus domínios... quero dizer... fechou-se em metade desta casa, serve-se com as suas criadas, que muita gente dirá que são minhas, creio até que recebe as suas visitas, e de vez em quando pergunta o que faz Dona Ângela de Lima, como ela me chama, para não me dar parte no título do seu conde de Santa Bárbara. E foi com medo desta mulher que eu chamei Bernardo, porque, se ele me dissesse que a “minha ama” suspeitava da existência da vossa Senhoria aqui, eu teria de ir curvar-me humildemente aos pés dela, pedindo-lhe que não me denunciasse ao seu amante, que tem sobre mim direitos de marido.

Conquanto eu não compreendesse logo toda a ideia oculta desta irónica humildade da minha mãe, entendi o que bastava para nutrir um ódio, não de criança, um ódio profundo à mulher de quem se falava. Sem pensar antecipadamente o valor das minhas ideias, disse eu a minha mãe:

— Essa mulher tem aqui alguma coisa? — Tem tudo, meu filho; tem um poder de senhora. — e a minha mãe? — Eu tenho a humildade de criada... pois não vês que medo eu

tenho de que ela saiba que eu estou aqui contigo, e com o teu mestre?

— Mas essa mulher deve ser castigada.

— Quem a castigará? Deus... não é verdade.

— Deus castiga, penso eu, no outro mundo; mas neste mundo também há castigos.

— Então que queres, meu filho... eu não posso castigá-la, porque ela é mais forte, e tem um homem à sua disposição.

— Que homem? — O conde de Santa Bárbara.

— Mas para esse — disse eu energicamente — para esse tem minha mãe um filho.

— Pois queres defender tua mãe, meu anjo? Minha mãe sorria e chorava fazendo-me esta pergunta; e padre Dinis olhava o meu desembaraço com pasmo.

À pergunta que ela me fez já não pude responder com a mesma resolução. Pensei que lhe desagradavam esses meus brios de homem, talvez por mal cabidos num rapaz de quinze anos! Respondi a minha mãe com um sorriso e um gesto. Ambos me compreenderam, e notei que padre Dinis,

a meia voz, lembrava a minha mãe a inconveniência de provocar-me numa idade irrefletida. Conjeturei isto da resposta da minha mãe:

— Deus me livre dessa tentação; mas não vê aqui o filho desse homem tão nobre como pundonoroso?

— E não será uma consolação morrer resignada, nas mãos de um carrasco, quando se não morre abandonada de todo o mundo, quando se não morre sem um filho que dê valor ao sangue inocente da sua mãe?

# CAPÍTULO VII

A condessa passava do abatimento à exaltação com admirável rapidez. O rubor febril das faces mudava-se-lhe em palidez repentina, apenas o silêncio sucedia à energia da palavra. E então via-se-lhe o cansaço no latejar do seio, e na lassidão das pálpebras, que desciam amortecidas sobre as pupilas vidradas de lágrimas.

Eu julgava que chamar-lhe “mãe” era restituir-lhe o vigor perdido. Algumas vezes esta palavra fazia estremecê-la, e abrir de repente os belos olhos, onde a luz da alegria era um relâmpago, que eu não podia com os meus carinhos fazer durar alguns minutos. No seu sorriso para mim, e para as minhas estéreis palavras de conforto, traduzia-se a violência, e o corajoso esforço da felicidade contrafeita.

No mundo é que eu aprendi a decifrar as amarguras nos sorrisos. Eu não sabia então que a minha mãe era mais feliz quando chorava, que quando ria.

Padre Dinis falava pouco; mas cada palavra sua era uma consolação, que tinha em si um preceito evangélico, e um conselho de extremoso amigo.

Nas mais demoradas síncopes da minha mãe eu pedia ao padre que a consolasse, e aliviasse daquele peso. Não me respondia, e o seu silêncio de então é hoje bem eloquente para mim. Aquele homem tivera demasiado tempo de saber que o coração, devorado no íntimo por úlceras insanáveis, é como o sepulcro insensível às lágrimas da mãe, que lhe pede o filho; é como a dor que mata, superior em luta desigual com as débeis forças da palavra confortadora.

Minha mãe, depois de olhar-me com atenção penetrante, e vacilar numa irresolução que parecia afligi-la, disse a padre Dinis com voz sufocante:

— O meu filho não poderia viver comigo algum tempo, alguns dias, aqui?

O coração saltou-me do peito. Olhei para o padre, com gesto não menos suplicante que a voz da minha mãe. A alegria que transpirava dos meus gestos ansiosos fez sorrir o padre, e irradiou-se na face da minha mãe.

— Viver seu filho com a vossa Excelência... — disse o mestre —, não me parece isso um acerto... Não acaba a senhora Condessa de pintar-me a vigilante espionagem em que estão os seus actos?

— Tem razão... — murmurou minha mãe; pendeu a cabeça para o seio e chorou.

— Mas o Bernardo — exclamei eu — não é bastante para esconder-me dos nossos inimigos? Eu peço-lhe, sim, minha mãe?

— Como hás de tu pedir-lhe, meu querido filho?

— Digo-lhe que me deixe estar aqui de noite, quando as criadas estiverem recolhidas; e de dia esconde-me debaixo da sua cama.

O padre e a minha mãe sorriram-se; mas o abalo que a desgraçada reflexão do padre lhe causou, fazia dó. A infeliz fora ferida no seu orgulho. A revelação que ela nos fez do medo que tinha à sua criada não lhe foi decerto tão pungente como a observação com que o padre respondeu à sua doce esperança de possuir-me. Foi o mesmo que dizer-lhe: “Nada podes na tua casa, porque está aí uma mulher,

que tomaste como tua criada, e de que o teu marido revestiu de plenos poderes sobre os desejos mais santos do teu coração. Sufoca-me pois as expansões da tua alma, porque o amor que tens ao teu filho não deve vencer o medo que tens a tua criada.”

E não há afronta mais vilipendiosa a uma alma nobre!

Padre Dinis, reconhecendo a sua cruel sinceridade, procurou sarar a chaga, que só a morte podia cicatrizar.

— O menino lembrou bem — disse ele. — Com o auxílio de Bernardo é talvez muito mais fácil não ser percebido aqui e a vossa Excelência bem sabe, sabe melhor do que eu, os graves infortúnios que podem seguir-se a uma acusação desta ordem feita ao seu marido.

— Sei, sei — balbuciou ela. — E com uma tal criada não é para admirar que no próximo correio o conde de Santa Bárbara receba uma carta da sua... criada, em que a sua esposa é acusada de ter de portas a dentro...

— Não diga mais — interrompeu minha mãe aflita. — Eu sei todas as consequências... e a mais funesta é de todas a que eu mais apeteço... Por Deus, senhor padre Dinis, desejo

a morte como um agonizante de sede deseja uma gota de água... Desejo esquecer-me dos meus verdugos, porque espero em Jesus Cristo que a minha alma não vá deste mundo com o ódio, que neste mundo lhe derramaram, à força, os malditos a quem meu marido encarregou o meu suplício... Deixo meu filho, é verdade, deixo meu filho; mas também espero em Deus que o amor, o santo amor de mãe vá comigo à eternidade continuar-se no amor de Deus... Eu estou tão convencida destas verdades, que a minha fé me dita, que começo a sentir a doçura dos padecimentos na certeza de que há de vir um e eu hei de vencê-lo, e esse há de ser o último... E, depois, meu caro filho, tu ficarás no mundo com esta herança de fé, que a tua mãe te deixa. Se sofreres inocente, hás de chegar a beijar a mão, que te ferir de morte, porque... se não fosse a morte... que triste coisa era teres conhecido a tua mãe para a perderes tão cedo!...

— Senhora Condessa! — interrompeu o padre. — Essas ideias são justas e santas; mas Vossa Excelência não pode caminhar voluntariamente ao termo final da sua vida enquanto Deus lhe der modo de salvar-se da morte. Daí ao suicídio não vai grande diferença... É certo que o seu

marido tem má índole, e não se horroriza diante da crueldade de assassiná-la lentamente; mas Vossa Excelência tem a liberdade de fugir desta casa de martírio, como quem foge à perseguição de um punhal.

— Que ideia! — exclamou alucinadamente minha mãe. — Que ideia!... E posso eu fugir daqui sem que o mundo me calunie, sem ter de envergonhar-me de algum ultraje, que desvirtue a minha vida de mulher casada?!

— Pode — respondeu serenamente o padre —, pode, porque a justiça de Deus é superior ao juízo dos homens. Que pode o mundo dizer? A condessa de Santa Bárbara deixou seu marido. Porquê? Se houver uma boca perversa que cuspa a infâmia no carácter virtuoso da condessa de Santa Bárbara, a voz da verdade fará calar o caluniador: e eu, homem cujos lábios se não desonraram ainda pela mentira, e que agradeço a Deus a consideração que o mundo me dá, sairei a público, entrarei nos salões, falarei nas praças, e, se for preciso, quando o conde de Santa Bárbara ousar assentir aos caluniadores da sua mulher, eu bradarei bem alto: “Este homem mente como um vil!”

Minha mãe, exaltada pelo enlevamento majestoso do sacerdote, saltou do canapé, tomou as mãos do padre e caiu de joelhos, soluçando palavras ininteligíveis. Nem então, nem hoje posso explicar a força que me fez também ajoelhar! Minha mãe, vendo-me ao pé de si, lançou-me o braço esquerdo pelo pescoço, e disse-me com voz balbuciante:

— Chora comigo, meu filho, aos pés de um homem que quer salvar tua mãe!

O padre fez-nos erguer, e conduziu minha mãe ao canapé. Às emoções desta triste grandeza não resistem os caracteres ignóbeis, quanto mais o de um homem cujos lábios não tinham sido desonrados pela mentira! Padre Dinis tinha a face inundada de lágrimas, que pareciam paralisar-lhe o dom da palavra. Pelos gestos, conhecia-se que o digno ministro de um Deus misericordioso nos queria dizer que a sua missão era aquela, e que o sublime daquele quadro estava no Evangelho e não no intérprete, estava em Deus que mandava, e não no homem que obedecia.

— Ainda posso ser muito feliz neste mundo, não é assim, senhor padre Dinis? — perguntou minha mãe, com

estranha alegria.

— E qual é o cristão que não pode ser feliz neste mundo? — disse o padre. — O que são as perseguições aqui em baixo nestes três dias de peregrinação? Vossa Excelência pode ser feliz mudando de situação, porque, em verdade, não sei que possa piorar de sofrimentos.

— Pois bem... eu deixo esta casa... mas... — e a minha mãe nesta hesitação foi compreendida pelo padre.

— Mas... — acudiu ele — quer um teto hospitaleiro, onde possa viver com o seu filho, não é assim?

— Sim, sim — exclamou ela como delirante —, com o meu filho... Não posso aspirar a tanta felicidade... é muito para mim, que tenho sido tão desgraçada... é uma ilusão que quero nutrir sem que Deus me diga que posso realizá-la...

— Pode! — retorquiu o padre com confiança. — Posso? Viver com o meu filho? Em paz? Sem remorsos? Sem temores?... Posso?

— Pode, senhora Condessa. O mestre do seu filho não será indigno de ter como hóspede, como filha e como irmã, sua mãe.

— Oh, meu Deus! Minha mãe nesta exclamação, com as mãos erguidas, exprimiu o sentimento que não posso eu descrever. Creio que aquela elevação para o céu era uma expansão do reconhecimento, porque eu tenho sentido, na minha longa vida de trabalhos, necessidade de agradecer a Deus uma ventura das que eu, habituado a sofrer, já não ousava pedir. E este reconhecimento do infeliz é, porventura, um grande testemunho a favor dessa mão invisível, que a Providência dá aos desgraçados que tocam a borda do abismo.

Neste lance o silêncio era o seu mais sublime complemento. Padre Dinis contemplava minha mãe com uma santa alegria, e parecia que na viva satisfação do rosto se lhe via brilhar a glória do homem que pode, ao pé de uma inocente desgraçada, exclamar:

— Salvei-a!

# CAPÍTULO VIII

E minha mãe, animada pela esperança de melhores dias na terra, parecia reaver o viço das faces, aquele rosado da saúde, que não é o escarlate incendiado da febre, ou a palidez sombreada do moribundo. Até esse momento, nunca eu lhe vira outro colorido no rosto.

Era, pois, a possibilidade de abandonar aquela casa que a salvara. Não se explicará naturalmente a robustez e o desembaraço que, tão depressa, tomou o corpo alquebrado da minha mãe! Aquela cara, iluminada pelo sol da esperança, restaurou a nobre altivez da sua majestade acurvada pelo aviltamento. De pé, como o tige da flor, que uma gota de água revocou à vida, minha mãe sentia-se viver das expansões delirantes do espírito. Era uma criança a doudejar de alegre, abraçando-me com frenesi, beijando com ternura as mãos do padre e comunicando-nos o seu

contentamento como um excesso de vida, que lhe não cabia no coração.

— Se esta esperança fosse uma mentira — dizia ela —, eu seria mais desgraçada.

— Eu não minto, senhora Condessa — replicou o padre dando à fisionomia um gesto de severidade em que se revelava a firmeza das suas tenções. — Hoje mesmo — continuou ele —, se a vossa Excelência quer, entrará com o seu filho na minha casa, com a mesma liberdade com que entraria na casa do seu pai, se o tivesse.

— Hoje mesmo!... — exclamou minha mãe. — Hoje mesmo!... sim... e porque não há de ser hoje mesmo?... Este convite que a vossa Senhoria me faz bem pode ser um aviso de Deus... eu devo talvez fugir hoje mesmo... O anjo protetor do meu filho é o senhor padre Dinis, e talvez seja também o meu... Mas... hoje mesmo... que dirão... oh!, minha querida mãe, inspira-me do céu!...

E uma força superior à minha vontade fez-me dobrar os joelhos aos pés da minha mãe, suplicando-lhe que deixasse aquela casa naquela mesma noite. Padre Dinis fortaleceu os

meus rogos, pedindo-lhe que atendesse ao fervor com que eu lhe pedia. A minha mãe, irresoluta um instante, tocou uma campainha. Bernardo apareceu.

— Bernardo — disse ela —, posso sair sem ser vista?

— Quando Vossa Excelência quiser.

— Posso levar comigo um baú?

— Estou eu aqui para levá-lo — respondeu Bernardo.

— É aquele — disse minha mãe, apontando para uma caixa de couro marchetada de amarelo.

A minha alegria era como um alvoroço íntimo, que me não deixava certificar da realidade daquele belo sonho.

Bernardo saíra com o baú: minha mãe cobriu-se do mesmo manto, que lhe vira nas duas vezes que lhe falara; os seus passos para a porta eram firmes e resolutos; mas, voltando a face maquinalmente para o interior do quarto que deixava, fraquearam-lhe os passos, cansou-lhe a coragem e anuviou-se-lhe o brilho das faces, como se por entre as cortinas do leito lhe acenasse uma larva aterradora. Encostada ao alisar da porta, pousou a cabeça

sobre a mão esquerda e segurou-se com a direita ao braço do padre.

— Então que fraqueza é esta, senhora Condessa? — interpelou o padre.

— Sou uma fraca mulher... a desgraça dá cabo do corpo e do espírito... nem para buscar a ventura deixa coragem à infeliz!

— Que sente, minha mãe? — perguntei eu, beijando-lhe entemecidamente a mão gelada.

— Que sinto, meu filho? Nem eu posso dizer-te... É o peso do meu destino... É a minha consciência que me diz que não devo tentar a felicidade, da qual não tenho direito ao menor quinhão...

— Não fale em destino, senhora — interrompeu o padre. — Deixe essa palavra ao povo e aos ímpios, mais ignorantes que o povo. O destino é uma palavra vã, é uma negativa ao que Jesus Cristo nos diz dos sofrimentos neste mundo, e dos contentamentos no outro...

Enquanto o padre prosseguia neste discurso religioso, que não pude reter na memória, abracei minha mãe pela

cintura, e senti-a tremer como numa febre intermitente.

O susto obrigou-me a interromper o padre. Pedi a minha mãe que se sentasse, e consegui, ajudado pelo mestre, sentá-la no mesmo canapé, donde há pouco a vira levantar-se com tanta energia.

Aí, a infeliz escondeu o rosto entre as mãos, e soluçava ansiadamente.

Bernardo voltava de colocar o baú fora do palácio. A minha mãe estremeceu quando sentiu passos estranhos no quarto. O terror habitual da sua vida afinara-lhe o sistema nervoso, a ponto de figurar-lhe em cada ruído os passos do seu demónio doméstico, que se aproximava com o flagelo da morte lenta.

— Ah!, és tu?... — exclamou ela. — Sim, minha senhora; agora o que resta saber é para onde vai o baú.

— para a minha casa — respondeu o padre.

— Sim, sim, para nossa casa — acrescentei eu.

— Para nossa casa!... — disse minha mãe, sorrindo ternamente para a minha franqueza.

— Pois é o que se devia ter feito há muito... — disse Bernardo com aquela chá sinceridade, que também cabe num amigo.

Minha mãe sorriu-se ainda ao decidido aplauso de Bernardo, e, vencendo um esforço que lhe sofreava o coração, ergueu-se outra vez corajosa e animada como há pouco.

Desta vez não voltou o rosto ao transpor a porta do quarto.

Padre Dinis prevenindo a repetição do acto, tomou-a pelo braço, e parece que a levava para fora.

E depois atravessámos silenciosos o salão por onde viéramos: era o salão dos retratos.

Aí, minha mãe largou o braço do padre e foi ajoelhar-se diante de um dos seis quadros, cujas feições eu não pudera enxergar.

Nem ao menos murmurava a sua oração, se era uma oração o que ela fora ali fazer com a linguagem mística do espírito.

Pé ante pé, acerquei-me do padre, e perguntei-lhe baixinho se aquele painel era a imagem de alguma Nossa Senhora.

Respondeu-me que era a imagem de uma santa. Perguntei ainda o nome da santa. Respondeu-me que era minha avó, a mãe daquela outra mártir que estava de joelhos.

— E porque não hei de eu rezar também? — interroguei eu.

— Ninguém o priva, menino, reze também, peça-lhe que leve à presença de Deus as lágrimas da sua mãe.

E eu fui ajoelhar-me ao lado dela. Não sei quais então foram os pensamentos calorosos, que a minha inocência elevou à imagem daquela que vivia na minha mãe pelo espírito de martírio. Sei que havia eloquência na minha fé e esperança na minha oração, mas se hoje me pedirem uma palavra daquelas, uma lágrima das que então chorei naquele veemente fervor, eu terei de pedir primeiro aos homens que me restituam a minha inocência, a minha fé, e o tesouro de virtude que me roubaram...

Minha mãe levantou-se, e caminhou com firmeza, mas calada e recolhida, como se continuasse ainda a sua prática com os espíritos invisíveis.

Durante o trânsito do palácio à casa do padre Dinis, minha mãe careceu do nosso amparo, algumas vezes, para não cair desfalecida. Apenas pudemos arrancar-lhe algumas palavras, apesar de todas as diligências que fizemos por distraí-la.

Quando entrámos no meu quarto saía Bernardo de pousar o baú. A minha mãe fez-lhe sinal de acompanhá-la, e disse-lhe:

— Vai para casa e vem amanhã participar-me o menor incidente. Tem cuidado que não te sigam, nem te vejam entrar nesta casa. Queria remunerar-te os teus serviços, meu amigo leal, mas sou pobre como sabes, e se fosse rica seria muito melindrosa em recompensar-te, porque o teu coração é nobre de mais para ser pago com dinheiro.

Bernardo chorava, e não podia articular os gemidos com que se despediu de nós. A minha mãe, movida pelos carinhos de D. Antónia, passou a aparentar um sossego e

contentamento de espírito que fazia a felicidade de todos nós.

# CAPÍTULO IX

Não houve algum incidente desagradável. A minha mãe parecia feliz, e nós procurávamos, com as nossas conversas alegres, sustentá-la naquela sua distração.

Até à uma hora da noite, estivemos juntos no meu quarto. Depois, minha mãe recolheu-se ao de D. Amónia, onde fora preparada a cama.

Quando me levantei, na manhã do dia seguinte, vi da janela do meu quarto que a minha mãe passeava no jardim.

Corri, cheio de alegria, a beijar-lhe a mão, repreendendo-lhe docemente não me ter mandado chamar. Respondeu-me que o sono da manhã era a única hora feliz do dia para as pessoas pouco venturosas, e não quisera por isso acordar-me. Disse mais que se erguera muito cedo, porque dormira quatro horas um sono sossegado, o que não lhe acontecera há muitos anos; e, como não pudesse nem precisasse dormir mais, viera, com permissão de D. Antónia, recordar,

sozinha, a ventura que Deus lhe concedera numas poucas de horas, sem que alguma nova desgraça lha perturbasse.

Minha mãe fez-me sentar ao pé de si, e inclinou-me a cabeça sobre o seu ombro. Nesta postura, estivemos, alguns minutos, silenciosos.

É inexprimível o gozo da minha alma naqueles rápidos instantes.

Eu, e a minha mãe, precisávamos daquele recolhimento, daquela mudez, em que o coração parece povoar-se-nos de espíritos celestes, que falam uma linguagem, que a língua humana não articula.

E tanto assim é que se, naquele momento, me perguntassem o que eu sentia, não me fora possível definir com a palavra as vagas imagens que tanto me diziam.

E, como eu então notasse a insuficiência das minhas ideias, para revelar a expansão de imensa felicidade que me enlevava, lembrei-me se a falta seria de mim e da minha falta de palavras. E, por isso, pedi a minha mãe que me dissesse o que sentia.

Respondeu-me que não podia.

— Olha, meu filho, eu penso que Deus não concede à palavra a soberania que concede ao espírito. As grandes dores são mudas como os grandes júbilos. Em situações de infinita amargura, cheguei a um estado de não poder gemer. Ajoelhei muitas vezes, sem balbuciar uma palavra queixosa ao Deus da justiça, porque a não tinha. E já hoje ajoelhei aos pés da minha cama, com o coração a transbordar de alegria, e também não tive uma palavra com que agradecesse a Deus da compaixão os momentos de felicidade que me dá. O que sinto agora, meu caro filho, é um desafogo na alma, uma primavera na vida, um não sei quê de felicidade, que só pode comparar-se ao transporte do convalescente, que se levanta de um leito de prolongado sofrimento para respirar o aroma das flores de Abril. Compreendeste-me, meu filho?

— Sim, minha mãe — respondi eu. — Compreendi, porque eu, se pudesse falar como fala minha mãe, não saberia responder com outras palavras; mas não somos nós tão felizes?... não parece que Deus nos está olhando neste momento com tanto amor? A gente nunca deve supor-se desgraçada de todo...

— Porquê, meu filho?

— Porque nós éramos ontem muito infelizes, chorávamos muito, e estamos aqui agora abraçados, e tão venturosos que nem podemos dizer porque somos tão felizes...

— E se o dia de amanhã assim não for?

— E porque não será?! A mãe não quer levantar-se amanhã como hoje, vir como hoje ao jardim abraçar seu filho... dizer-lhe que há de fazer o mesmo no dia seguinte...

— Ah!, sim, meu filho, eu queria como não pode querer-se mais à vida, ao amor e à salvação; mas os desígnios do Senhor são tão ocultos... e o mundo está sempre tão acordado para não deixar adormecer a desgraça no coração de uma mulher infeliz...

— Pois que há agora a recear?

— O meu passado... O meu filho... o meu passado... Neste momento, vimos Bernardo descer para o jardim. A minha mãe sobressaltou-se quando o viu, e murmurou com voz trémula:

— Que desgraça virá anunciar-nos?... Bernardo justificava o triste pressentimento da minha mãe: vinha pálido e assustado, como se o perseguissem.

— Que há, Bernardo? — perguntou minha mãe com sobressalto, saindo-lhe ao caminho.

— Não há boas coisas, senhora Condessa... O demónio está da parte dos maus sempre a tecer contra os bons.

— Pois que se passa?

— Que há de ser, minha senhora... Era meia-noite e bateu à porta o senhor Conde...

— O senhor Conde! — exclamou atribuladamente minha pobre mãe.

— É verdade. Eu fiquei sem pinga de sangue quando lhe ouvi a voz.

Minha mãe transfigurou-se rapidamente, perdendo a vivacidade que há poucas horas começava a agitar-lhe as feições, dantes paralisadas pela dor. E receando ser vista no quintal, onde realmente não podia sê-lo, levantou-se

precipitadamente, tomou-me pela mão, e correu a esconder-se no meu quarto.

Bernardo entrou connosco, e em seguida o padre e D. Antónia.

— Há algum acontecimento? — perguntou o padre.

— Era impossível que não houvesse... — respondeu minha mãe, e continuou com um triste sorriso, semelhante a uma ironia às suas próprias desgraças. — Eu não te disse, meu filho, que o dia de amanhã não seria como o de hoje!... Enganei-me porque a desgraça estava outra vez comigo quando eu supunha, que ela me daria algumas horas de tréguas...

— Pois que foi? — interrompeu o mestre, voltando-se para Bernardo.

— Chegou o senhor Conde; é o que aconteceu quando ninguém o esperava — respondeu o criado.

— Nesse caso — disse o padre com estranho contentamento —, nesse caso, senhora Condessa, levante as mãos a Deus, e agradeça-lhe não estar em casa para o receber.

E minha mãe fitou um olhar de profunda reflexão na face do padre, como se aquelas palavras confortadoras tivessem feito na sua alma uma saudável impressão.

Bernardo continuou:

— O senhor conde foi direito ao quarto de Eugénia; e encontrando-me num corredor, onde vim cumprimentá-lo, disse-me que não era preciso que a senhora Condessa soubesse da sua vinda. Não respondi nem palavra; mas senti cá por dentro uma aflição daquela casta! Em vez de me ir deitar, estive de vigia a ver o que se passava, porque eu não sabia verdadeiramente o que vinha a ser aquela recomendação de não dizer à senhora Condessa que tinha chegado o seu marido, tão depressa, saindo por tanto tempo. Antes de mais nada, desci à cavalariça e perguntei ao lacaio, se o senhor Dom Miguel tinha voltado. Disse-me que não. Perguntei-lhe porque tinha vindo o senhor Conde, que fora na companhia do rei, respondeu-me que não sabia, nem se lhe importava saber. Fiquei como dantes. Descalcei os sapatos, e vim em palmilhas até à porta da sala, onde está a porta do quarto da criada. Esta porta estava aberta, e deixava ouvir tudo o que lá se dizia. Ouvi algumas coisas,

que ainda me não esqueceram, porque até as escrevi, para as dizer à senhora Condessa.

— Não, não, Bernardo — interrompeu minha mãe. — Não quero saber as conversas do meu marido com a sua criada.

— Mas talvez seja útil e necessário sabê-las — redarguiu Bernardo. — Vossa Excelência dá licença que eu as conte?

— Sim, dou, diz tudo; ainda que seja para o meu mal.

— Pelo contrário — disse Bernardo-, talvez que tudo seja para bem. Foi assim: o senhor Conde estava a dizer à criada, que chegando a Santarém tivera muitas saudades dela, e conhecera que já não podia viver sem ela; e por isso se fizera doente, e fora deitar-se dizendo que tinha febre. E o que o senhor Dom Miguel, pensando que era verdade a sua doença, lhe dera licença de vir tratar-se a sua casa, e procurá-lo em Braga, depois que estivesse restabelecido. Que tencionava demorar-se alguns dias, e depois tomava a ir, levando a criada na sua companhia, porque não podia viver sem ela. Ora aqui está o que se passou até às duas horas, em que me fui deitar, porque se fechou a porta do quarto.

Olhei para a minha mãe, e vi-lhe o rosto prodigiosamente sereno. Esperei ouvir-lhe uma palavra, mas não se abriram seus lábios, fechados por um sorriso inexprimível.

D. Antónia tinha-se benzido duas vezes durante a narrativa de Bernardo. Eu sentira-me feliz por concluir de tudo aquilo que a minha mãe continuava a ser minha mãe e a minha companheira.

— Está dito... — disse Bernardo... — O senhor Conde levanta-se das dez para as onze, e eu vou ver o que acontece agora.

Com estas palavras, conhecemos todos que o verdadeiro acontecimento devia dar-se quando o conde não encontrasse em casa sua mulher. Não trocámos palavras, mas o silêncio em que Bernardo nos deixou era o susto em que todos ficávamos.

# CAPÍTULO X

Quem sofre muito, com raros intervalos de repouso, familiariza-se com a dor. Nas pessoas muito infelizes há uma renúncia voluntária do seu quinhão de prazer, quando chegam a convencer-se da esterilidade do seus esforços por uma sorte melhor.

A dolorosa prática destas ideias conheci-a na presença de espírito com que a minha mãe ouvira Bernardo, e esperava ainda ouvi-lo, depois que o conde a não achasse em casa.

Reparei muito então, e avalio hoje mais aquele seu sorriso indecifrável, quando o criado lhe contava os extremos do seu marido pela sua criada.

O amor-próprio ferido, o orgulho senhoril aviltado, o desprezo absoluto em que o seu marido a tinha, sacrificando a honra de ambos às saudades de uma criada, estas afrontosas vexações ao coração da minha pobre mãe,

arrancaram-lhe apenas um sorriso de aparente indiferentismo.

Seria indiferentismo? Não era, não. Era a resposta mais nobre que uma senhora podia dar. Era a expressão mais leal de um espírito pundonoroso que, ainda na desgraça, recebe com majestade a extrema das vilanias.

A mulher trivial desencadearia uma trovoada de epítetos ao seu marido e à sua ignóbil rival. Vomitaria golfadas de maldições sobre o seu algoz; e protestaria vingar-se dele obrigando-o a corar quando visse sua mulher usurariamente paga das suas infidelidades conjugais.

Tive muitas vezes, no trabalhoso curso da minha vida, ocasião de comparar minha mãe. Cheguei a ser “povo” acreditando na superstição do sangue nobre; mas quem ao depois me desiludia este prestígio eram as mulheres fidalgas, que desciam às iras sórdidas e plebeias, se o ciúme lhes azedava o sangue... azul.

O que, em verdade, conclui de todas estas variantes foi que este planeta, organizado por Deus e entregue à administração dos homens, não podia cair em piores mãos.

Mas não vá eu perder-me em abstrações fastidiosas para mim, e para os que me lerem estas pungentes reminiscências.

Era à tarde, quando Bernardo voltou. Esperávamo-lo ansiadamente, eu e o padre. A minha mãe essa parecia indiferente, ou pelo menos resignada não sei para que novos tormentos, que do seu marido podiam vir-lhe.

Bernardo contou assim o que presenciara:

— O senhor Conde às onze horas ergueu-se, e a criada poucos minutos antes veio à cozinha dar ordens para o almoço. Eu fui quem levei o tabuleiro para a antecâmara da jovem. O senhor Conde saiu do quarto, com ela ao seu lado, e parecia muito contente da sua vida. Sentaram-se, e mandaram-me sair. Ao meio-dia tocaram a campainha, e eu fui buscar o tabuleiro. Quando me retirava, chamou-me o fidalgo, e perguntou-me se a senhora Condessa já estava de pé. Respondi que não sabia. Mandou-me saber. Não estava má esta! Que havia eu de fazer nestas entalas? Estive um bocado por ali a passar tempo, e lá quando me pareceu fui-lhe dizer que a senhora Condessa não estava no quarto. Perguntou-me ele onde é que estava; respondi-lhe que não

sabia. Disse-me que fosse sabê-lo. E vai eu comecei a perguntar aos criados se sabiam onde estava a senhora Condessa; respondiam-me que não. Forte novidade!, pudera responderem-me que sim... Tomei ao senhor Conde, e disse-lhe que ninguém sabia dizer onde estava a senhora. E vai ele fita os olhos espantados em mim, e grita como um endiabrado:

— Quem foi que te chamou outra vez para esta casa? Eu não te tinha mandado embora?

“Fiquei atordoado com estes gritos, e quase que me ia engasgando!

— Responde — gritou ele outra vez —, quem foi que te chamou para esta casa?

— Foi a senhora Condessa — respondi eu, com todo o desengano. — E onde está essa mulher? — Não sei dizer a Vossa Excelência. — Vou-te mandar amarrar, brejeiro, e vergalhar como a um preto, até dizeres onde ela está — disse ele.

“Subiram-me cá uns certos fumos à cabeça. Eu sempre fui homem e prudente de Deus; mas quando me querem

chegar ao forro da camisa, não conheço ninguém. Não pude conter cá a raiva, e sempre lhe fui dizendo, que não seria fácil amarrarem-me contra a minha vontade; que, se eu estava naquela casa, era porque a dona dela me mandara chamar; o mais que o senhor Conde podia fazer era mandar-me para a rua, e pagar-me primeiro. O fidalgo pôs-se a olhar para o lado como quem procurava com que me atirar à cabeça. O que estava mais à mão era uma cadeira, que decerto viria sobre mim se a Eugénia lhe não agarrasse no braço, dizendo-lhe palavras temas. Foi o que me valeu a mim, e não sei se lhe diga, senhora Condessa, que não foi mau para ele; porque favas contadas, ele a dar-me com a cadeira na cabeça, e eu a procurar-lhe a barriga com uma navalha, Deus me perdoe! A criada levou-o pelo braço para o quarto, e fez-me sinal de que me escapasse. Não foi preciso segundo. Fiz a trouxa, e mandei-me mudar, e não trouxe saudades. Ora aqui está o que eu sei.

Minha mãe conservou-se na sua admirável atonia moral, enquanto Bernardo falou. Eu e o padre algumas vezes sorrimos às franquezas de Bernardo, que não poderia, sem a gíria plebeia, causar vontade de rir. O padre Dinis

ofereceu acolhimento na sua casa ao fiel criado; mas nem ele nem minha mãe puderam conseguir que se aproveitasse, visto que não precisavam dele para o trabalho. Aquele amigo leal chorava quando se despedia de nós; e consolava-se com a esperança de ser um dia testemunha da nossa felicidade.

Estávamos, portanto, privados de saber o que se passava em casa do conde de Santa Bárbara. A minha mãe não se mostrava interessada nisso, e parece que se esforçava por afastar semelhante assunto das nossas conversas. Eu estimulava muito esta simulada serenidade do seu espírito, mas padre Dinis conhecia melhor que eu o coração humano, quando disse a minha mãe:

— Eu vou sondar por terceiras pessoas o que se passa na sua casa, senhora Condessa. Penso que não poderei saber coisa que mais agrave o seu infortúnio; pelo contrário, é de crer que seja a favor da tranquilidade de vossa Excelência tudo o que se tiver passado.

— A favor da minha tranquilidade!... — interrompeu minha mãe.

— Por certo... Não pode esperar que o conde de Santa Bárbara se converta num bom marido. Eu estou persuadido disto, se é que a Providência não me desmente com algum milagre. E enquanto Deus não vier diretamente intervir nos negócios dos homens, eu penso que a índole do seu marido há de ser sempre a índole do seu algoz, e perdoe-me Vossa Excelência esta maneira de chamar às coisas pelo seu nome. O que primeiro devemos pedir a Deus é a regeneração desse homem; e se as nossas orações não bastam para conseguirmos tal maravilha, devemos pedir que o desvie para longe de uma infeliz senhora, que não deve deixar-se morrer, pedindo à justiça divina que o vingue. Um crime menor vai afastar esse homem de um crime maior. O seu marido, abandonando Lisboa para mais livremente saborear os amores da sua criada, deixa a Vossa Excelência uma respiração mais livre, um ar mais puro, e uma sombra de menos a persegui-la de noite e de dia. O que ele não pode roubar-lhe é a suprema felicidade, que a vossa Excelência deve agradecer a Deus, porque é inegável que o mal é uma planta da terra, e o bem um orvalho do céu. Embora esse orvalho nem sempre nos converta os espinhos da mortificação com flores de paciência, devemos

agradecer muito ao Altíssimo os pequenos benefícios, que bastam para compensar-nos grandes amarguras. Vossa Excelência tem um filho, e tem um pai. Este nome quero-o para mim; e se uma infeliz amiga não desdenha que a intitule minha querida filha, há de seguir os ditames de um homem de cabelos brancos. Mulher que ama seu filho pode dizer ufanamente que o seu coração está cheio de amor. Eu não sei que possa desejar-se na terra mais suprema felicidade. O amor de mãe, este amor tão santo, este reflexo da ternura de Maria Santíssima, é o vínculo que prende as delícias dos anjos com as raras alegrias da terra. Que mais quer, senhora Condessa? Não tem aqui seu filho?

— Tenho, tenho — exclamou minha mãe, abraçando-me com exaltada veemência —, tenho aqui meu filho, e tenho medo que mo roubem, tenho medo que Deus o chame para junto do seu pai... Oh!, senhor padre Dinis!, eu sou tão desgraçada, que tremo até de pedir um bem tão simples, como se tivesse a certeza de que não tenho direito às migalhas de felicidade que sobram às mais pobres mães, a essas pobres mulheres que apagam com lágrimas a sede do seus filhos. Pois não vê? Acha que esse homem não fará

valer toda a sua autoridade em Lisboa para vir-me arrancar dos braços desta criança? Não sabe, meu querido pai, que este menino é a inocente causa dos meus padecimentos, há tantos anos?

— Sei, sei-o de mais!... — respondeu o padre —, mas Lisboa não é uma aldeia. Vossa Excelência viverá na minha casa, desconhecida, como se, em vez de entrar aqui, se afogasse no Tejo, ou fechasse sobre si a lousa de uma sepultura. Quando fosse possível ser descoberta a sua existência em casa do pobre mestre dos meninos, Vossa Excelência acharia nesta pobre casa os meios necessários para transportar-se com o seu filho a duas mil léguas de Lisboa. A bênção de Deus não desamparou Agar no deserto. A vítima que foge a um sacrifício de morte, que não lhe é necessário para salvar a honra, em toda a parte encontra a mão invisível da Providência a ministrar-lhe o sustento dos que padecem por amor de justiça.

Minha mãe, ajoelhando aos pés do sacerdote, regava-lhe com lágrimas as mãos.

# CAPÍTULO XI

Padre Dinis dedicara-se exclusivamente a consolar a sua filha adotiva. A sua conversa era quase sempre o meu futuro. Ninguém, como ele, saberia desenhar tão belas perspetivas. E não sei que toques de certeza os seus quadros tinham! Minha mãe ouvia-lhe aquelas famosas ilusões, e juraria pelas realidades delas, como se o padre fosse um profeta.

Não seria profeta, mas tinha o dom mais sublime do anjo do conforto. Eu, no abatimento escuro em que hoje me vejo, neste abandono mortal a que votei as mentiras da vida, seguiria por toda a parte a um homem, cuja linguagem arrojada em visões estranhas pudesse arrebatar-me o ouvido, já que o espírito não pode tirar dos seus recursos uma ilusão momentânea. Eu queria deparar esse homem, para viver alguns anos das belas quimeras dos seus sonhos, lançar-me fora deste globo em que me vejo cansado num

giro de infortúnio, e acabar de convencer-me que o fantástico é a coisa unicamente boa deste mundo.

Ora o padre Dinis era um homem de suprema inteligência, porque recebera do céu a imaginação criadora. Uma vez, sentados, à tarde, sob as sombras das faias do quintal, eu e ele e a minha mãe tínhamos caído num silêncio profundo. Padre Dinis estivera muito tempo embevecido nas belezas do horizonte, onde o Sol, como a lava de um vulcão, parecia espirrar línguas de fogo à superfície das águas.

Eu, atraído pela meditação extática do padre, procurava compreender os mistérios que seriam vistos por ele na majestade do Sol, atufando-se nas ondas.

Minha mãe não olhava para o céu, nem para a terra: as suas visões eram lá no interior do seu espírito, onde os nossos olhos não podem penetrar. Com as mãos entrelaçadas, e a cabeça pendida sobre elas, minha mãe poderia chorar em segredo, se uma lágrima escorrendo-lhe até aos lábios, não viesse dizer-nos que um grande peso de infortúnio não deixa levantar os olhos para admirar os augustos quadros da criação.

E é assim; porque a desgraça é-me sempre mais intolerável, quando vejo, fora de mim, uma bela natureza, serena como a paz, risonha como a alegria, embalsamada, como um jardim cultivado por anjos, e sinto, no meu mundo íntimo, e vejo, no meu panorama de agonia, a desconsolação do passado, as trevas do presente e o terror do futuro. Não sei que alegria insultuosa à minha desgraça vejo aí nessas belezas insensíveis de uma natureza límpida, onde me considero insultado como um traço negro, um proscrito da felicidade!

E, talvez que a minha mãe pensasse assim naquele tempo em que nós contemplávamos o céu, e ela chorava. Talvez que aquela alma varonil descesse então aos abismos de um sofrimento, que deveria ser um exclusivo de maldição para os homens de ferro, que não tivessem o direito de exclamar em lances de desesperação: “Compadece-te de mim, oh!, Deus, que sou teu filho!”

Porque este grito, senão é ouvido nos céus é o precursor de uma blasfémia, que deve ser ouvida nos infernos. Porque essas lágrimas de uma criatura, que se acha neste mundo a sofrer, neste mundo onde uma força invisível a colocou e

abandonou... essas lágrimas, conforme vão caindo num chão estéril, apagam desse chão os vestígios da Providência.

Estávamos, pois, na situação que descrevi quando padre Dinis, descendo os olhos do céu e fixando-os na face meia escondida da minha mãe, falou assim:

— Esta hora manda recordar; e a recordação é a vida mais grata dos infelizes.

— Decerto! — exclamou minha mãe, erguendo de repente a cabeça, e suspirado com desafogo.

— Recordaremos, pois — continuou o padre, pousando as mãos entrelaçadas sobre o peito. — Haverá quinze anos... era assim por uma serena tarde de Verão... e lembra-me de um céu azul, e de um crepúsculo saudoso semelhante a este que nos faz reconcentrar, sentir e sofrer.

“Além, por aquela escada vi descer um homem, que me não conhecia... e eu de relance conhecera no “grande mundo”. Fui a meio caminho recebê-lo e cumprimentá-lo. Disse-me que, sabendo que eu estava só neste jardim, antes

quisera ser aqui recebido, porque tinha a falar-me de coisas inviolavelmente secretas.

“Mandei-o sentar no banco onde agora está a senhora Condessa; e eu sentei-me neste mesmo banco.

“Devo aqui ceder ao desejo que tenho de juntar os traços da figura deste homem, se a reminiscência mos der fielmente.

“Não era alto; era admiravelmente magro. Tinha olhos grandes e negros, e nestes olhos cintilava uma luz inquieta, que revelava um grande alvoroço de espírito. E não era só nos olhos que eu admirava esta volubilidade. Naquele composto de feições, dir-se-ia que a boca era o órgão que menos falava. Por um contraste admirável, a fisionomia deste homem era ao mesmo tempo severa, absorta e tristíssima. O pálido e o descamado daquele rosto representaria fielmente a paralisia de um cadáver, se a energia exuberante dos olhos lhe não vertesse um como clarão de vida.

“Vestia de preto, como em luto rigoroso; e notava-se um desalinho no seu vestido se bem que de pronto se conhecia

que era o desprezo e não o mau gosto que presidia àquele desarranjo de gravata, de camisa e até de simetria na abotoadura do casaco.

“Ora eu não pude esquecer-me desta frívola circunstância que menciono, porque tenho sido muito curioso em reparar na maneira como se vestem alguns homens, que pretendem distinguir-se na sociedade, seja pelo que for.

“Tive sempre para mim que a primeira condição de um homem banal, e sinceramente tolo, é o cuidado com que ele compõe a gola do seu casaco, de modo que não discrepe uma linha do talhe que o alfaiate lhe deu. Há aí muita frivolidade nesse espírito, que se considera tanto mais sublime, quanto pode manter-se direito entre os colarinhos da camisa, e verticalmente equilibrado entre as duas asas do laço da sua gravata.

Minha mãe, por condescendência, talvez, sorriu-se ligeiramente; e eu não pude avaliar competentemente a crítica jocosa do meu mestre. Continuou:

— E, portanto, se me perguntassem que juízo fazia eu da minha visita, antes de ouvi-lo falar, diria de antemão, como

um profeta, aquilo que depois me saiu tão ao certo com o meu sistema de julgar do monge pelo hábito.

“Depois dos primeiros cumprimentos, o cavalheiro disse-me quem era. A senhora Condessa adivinhou-o já. Este menino não tem precisão de saber-lhe o nome: faça de conta que ouve uma lenda fantástica, em que o nome do herói é a palavra menos curiosa do enredo.

Vi que a minha mãe empregava dobrada atenção, enquanto o padre continuava:

— Dito o seu nome... inútil para mim... o cavalheiro ficou por alguns momentos silencioso, metendo os dedos por entre os cabelos, que atirava negligentemente para trás das orelhas. Pediu um copo de água, pediu licença de filmar, e alguns minutos de descanso antes de declarar a causa porque viera procurar-me.

— Devo parecer-lhe um homem extraordinário — disse ele.” — Por enquanto — respondi eu — não vejo na vossa Excelência nem mais nem menos que um homem.

— Muito infeliz — acrescentou ele, tomando o copo de água e dizendo ao criado que o deixasse ficar.

“Passados os minutos de descanso, o cavalheiro, com voz pouco firme, porém de um timbre insinuante e simpaticamente melancólico, explicou a sua vinda da seguinte maneira:

— Antes de falar, poderia eu mover a compaixão da vossa Senhoria ao meu favor, se pudesse chorar. Não posso... nem jamais poderei. Se eu, ao menos, puder pintar bem a minha situação, e a de uma infeliz menina, que não posso resgatar com o meu sangue... terei conseguido da sua caridade o que as lágrimas conseguiriam.

— Fale sem reservas. Possua-se de que fala com um homem disposto a servi-lo, como se a nossa amizade fosse de muitos anos, como se a vossa Excelência viesse pedir ao seu mais querido irmão um grande sacrifício.

“Estas palavras reanimaram-no sensivelmente, dando-lhe à expressão uma firmeza de confiança e intimidade.

— Eu não procurei — disse ele — quem me apresentasse a Vossa Excelência. Não há dificuldades invencíveis para uma dor que não envergonha a pessoa que sofre. Vim só, e não me arrependo de o ter feito, porque leio no bondoso

rosto da vossa Senhoria a tolerância. “Sou um filho segundo, e, portanto, sou um homem pobre. A lei dos caprichos humanos deserdou-me no coração, desde criança, certas inclinações que um homem pobre, um filho segundo, mal pode sufocar, quando está adulto no espírito e forte na vontade. E já que o filho de um pobre, que não deve a primogenitura a um acaso feliz, é legalmente pobre, parece que a lei, em recompensa, deveria desvelar-se pela sorte desse bastardo de um matrimónio legítimo. E não lhe seria nada penoso o seu desvelo, decretando que o filho segundo de qualquer senhor de vínculos, cujos bens não bastassem à sustentação dos que vierem depois do morgado, fosse conduzido dos braços da parteira a um despejo comum de crianças. A criança cresceria ignorante e ignorada no seu nascimento. Chegada à idade de guardar uns porcos, de alinhavar umas botas, ou de esfregar uma sala, o filho segundo do ilustre senhor dos vínculos seria um sapateiro, um criado de servir, um gaiato de praça, e poderia alegremente satisfazer as necessidades da sua condição. Então, sim; a lei seria generosa para o morgado e generosa para o filho segundo. “Desculpe-me Vossa Senhoria estas delongas, cujo valor só eu compreendo,

porque não posso desviar a reflexão destas puerilidades, desde que me lançaram em rosto o meu nascimento, como segundo, querendo assim convencer-me que não podia aspirar aos nobres estímulos do coração de um primeiro. Era tarde quando mo disseram, senhor padre Dinis. “Sai de um colégio aos catorze anos. Oito anos de um amor célebre, desta celebridade que não faz ruído no mundo, mas que devora um ano da existência em cada dia que passa... um amor assim tem sido a minha infância, a minha adolescência e a minha velhice... Vossa Senhoria bem vê que a minha aparência é a de um homem, que se arrasta nas vizinhanças do túmulo, como esses vermes esmagados, que não acham no ar livre, que respiram os vivos, o alimento e o repouso que têm certo entre os cadáveres.

— Encontrei, aos catorze anos, uma dessas mulheres fatídicas, que trazem no seu primeiro olhar de amor a ventura plena ou desgraça absoluta do homem que encaram. “Era criança como eu, filha segunda como eu, e predestinada como eu, para o infortúnio. “Não sei dizer-lhe como vivi pelo amor deste anjo. Foi primeiro um sonho sem sobressaltos, uma suave embriaguez do coração sem o

delírio dos sentidos, um ardentíssimo desejo de felicidade, sem calcular o que devia ser a felicidade para nós. Foi, depois, um acanhamento na nossas relações, um corar sem motivo quando abaixávamos os olhos um na presença do outro, quando os levantávamos simultaneamente para o céu, como a suplicarmos coragem para podermos ao mesmo tempo soltar a palavra tremenda, a expressão comprimida que devia selar o contrato que mutuamente fazíamos de sermos ambos desgraçados por toda a vida. Foi, por fim, a luta desabrida do coração com a cabeça, da inocência com o cálculo, da santidade das afeições com o demónio das conveniências sociais. Este é o enredo da minha tragédia, senhor padre Dinis. O que não pode ser contado é aquilo que eu calo, porque não sei como se contam as minhas angústias secretas, nem Vossa Senhoria poderia compreender-mas. A serenidade da sua fisionomia assegura-me que eu sou um estrangeiro, que lhe fala uma linguagem sem significação para o sacerdote que verte o mel da religião na taça das agonias, cujo travo nunca provou.

— Eu compreendo-o, senhor. “Foram as minhas únicas palavras, e ele continuou.” — No fim de seis anos, este amor abafado pela mão da indigência... da indigência... Não lhe parece bem aviltante, bem ignóbil, esta palavra, senhor padre Dinis?

— Nem ignóbil, nem aviltante... Acho-a exagerada... Seria talvez melhor dizer: força das circunstâncias...

— A palavra mais sincera, senhor, é: indigência. A mulher que eu amava era filha do marquês de Montezelos, e eu era filho do conde de Alvações. E, contudo, quer Vossa Senhoria certificar-se da indigência destes dois filhos de duas primeiras famílias de Portugal? Espero que poderei consegui-lo. “No fim de seis anos disse de joelhos a esta mulher que havia no mundo uma situação santificada por Deus, e concedida às almas que a sociedade não podia desligar. Disse-lhe que fosse minha esposa, que me deixasse colher as flores, que as nossas lágrimas regaram, que me deixasse buscar na sua vida uma proteção, que eu, sozinho, não podia dar-me contra os combates de uma morte prematura. “Recebeu-me com lágrimas de alegria. Disse-me que já fizera juramento a Deus de pertencer-me

em alma e corpo, na vida e na morte. Falou como eu nunca a ouvira, contra a prepotência de uma sociedade que ousara segredar-lhe as inconveniências da sua afeição por um homem, filho segundo como ela. Pediu-me, porém, que fosse seu amigo, respeitando essa mesma sociedade, que a condenava. Compreendi-a. “No dia imediato pedi ao marquês de Montezelos que me ouvisse por alguns minutos. Respondeu-me estas palavras, que me foram gravadas com fogo no coração: “Para evitar-lhe o embaraço de pedir-me minha filha, previno-o que não deve instar porque eu o ouça esses minutos. Eu só dou minha filha ao homem que me prove que é tão nobre como ela. A esta condição satisfaria Vossa Excelência; mas eu só dou minha filha ao homem que, além de nobre, possa provar-me que é bastante rico para fazer que ela não tenha nunca saudades da opulência com que foi criada. A minha filha é pobre; Vossa Excelência é pobre; e nem eu nem o conde de Alvações podemos criar para os nossos filhos segundos um estado que envergonhe os primeiros?

— Eu não sei se balbuciei algumas palavras, que ferissem a suscetibilidade do marquês; é certo, porém, que me

voltou as costas, dizendo-me “que espaçasse quanto me fosse possível as visitas a sua casa, para evitarmos ambos o dissabor de dar e receber uma ordem de proibição completa.?

— Senti-me vexado e corrido: envergonhei-me de mim mesmo, e cheguei quase a persuadir-me da ousadia que acabava de praticar, dirigindo-me ao pai de uma mulher a cujos olhos eu queria valer muito... e o pai dessa mulher acabava de lembrar-me que eu era um homem pobre, e desprezível como um vilão! “O orgulho, em homem pobre, é uma paixão terrível. No rico expande-se em pompas, que deslumbram os seus inimigos. No outro respira pela vingança surda, quando o não devora lentamente.

— Lembrou-me a vingança sórdida, a vingança, não direi de um plebeu, porque os fidalgos não se vingam com mais cavalheirismo, mas de um homem corrompido, que satisfaz os baixos instintos da sua alma fazendo subir o rubor da vergonha à cara de um pai que primeiro o envergonhara a ele.

— Esta luta de orgulho com a desonra não durou muito. Venceu o orgulho, mas o orgulho da probidade e da virtude,

meu único património.

— Chorei muito, senhor padre Dinis, tanto por mim como por ela. Por ela, coitadinha, que contava as horas, e via soar a última do dia, sem que eu chegasse a consolá-la com uma esperança mentirosa daquelas mil que um homem inventa, quando quer consolar uma mulher, que as deceções não gastaram de todo.

— Eu fora doente desde o berço, e por mais de uma vez, durante a minha vida de colégio, estive perigosamente enfermo. Não poderia alguém dizer qual seria a minha morte; mas eu sim, porque lhe conhecia os progressos por minutos. Morrer de tristeza aos dez, ou aos doze anos, parece uma fantasia de romance, mas é verdade que eu não podia classificar as minhas doenças com outro diagnóstico. A consumpção rápida e sombria, que me fora na infância o prelúdio desta morte, que hoje sinto matar-me, foi acelerada pelo golpe que recebi da única mão que podia dar-mo. O pai daquele anjo convertera-se-me num espectro torvo, que nem o reflexo do amor da filha podia desassombrar. Mas este rancor era inofensivo. Nem eu tinha alma para o mal, nem o coração me pedia o sangue de

quem me fazia verter lágrimas tão amargas de desesperança... “Esperança... tinha uma, mas era ainda uma mentira instantânea... Lembrava-me a América, onde há muito ouro, onde se conquistam grandes posições na Europa, onde se trafica com o género humano, e donde se parte depois a tirar um diploma de homem honesto em Portugal. Lembrou-me, pois, fugir ao meu pai, com a ideia da minha pobreza gravada sempre na consciência, para que não houvesse trabalho grosseiro e baixo que me repugnasse, nem escrúpulo de honra que resistisse à minha fome de riqueza. Era necessário que a sociedade me indemnizasse do património, que me tinha roubado com a sua lei dos morgados; e, visto que eu não tinha lei para contrapor à lei, premeditava entrar na conquista da minha propriedade usurpada com as armas, mais ou menos astuciosas, da desonra. “Conheci que esta contrariedade à minha generosa paixão me fizera no espírito um grande estrago. Senti-me corroído pelo cancro da ambição, e perdoei a muitos imorais cuja causa de perversão me não era conhecida. Vi que bem pouco basta para a desmoralização do mais bem organizado espírito. A imagem dessa inocente menina transparecia luminosa na

escuridade dos meus projetos sequiosos de ouro. Como o anjo da serenidade, parecia-me ouvi-la repreender-me a luta da perspetiva ambiciosa em que a minha esperança se empenhara. A recordação da minha passada independência, e do indiferentismo com que via o fausto dos ricos, servia-me de padrão para avaliar a riqueza de virtudes, que a minha alma perdera.

— Era chegado o tempo da minha partida, três meses depois que fora urbanamente despedido de casa do marquês de Montezelos.

“Os aprestos de viagem não me davam preocupação, nem eu podia tratá-los sem ser descoberto o meu plano. “Até à véspera do dia em que devia partir não tivera nem procurara notícia alguma da minha infeliz companheira de infortúnio. Passei a maior parte do tempo numa quinta do meu irmão, a sete léguas de Lisboa. Quando procurei aquele refúgio, ambicionava morrer na mesma casa, onde vira Ângela, na mesma quinta onde este infeliz amor nascera belo e desassombrado, como as flores que lá colhíamos, e que falavam dos nossos amores ainda mais que nós. “E, de mais, desde muito criança, tivera eu um

pressentimento, quando orava ajoelhado diante do jazigo dos meus avós, que está na capela da quinta. O pressentimento dizia-me que eu iria, muito cedo, pousar a face, ainda viçosa de infância, sobre as ossadas daqueles que tinham passado no mundo mais felizes que eu. E nunca este abalo profético me esqueceu. Quando, nas minhas enfermidades, me sentia perigar, pedia que me levassem para a quinta, onde muitas vezes convalesci com um verdadeiro pesar de não sucumbir. “Foi daí que eu escrevi algumas linhas à filha do marquês de Montezelos. O meu próprio irmão, que não sabia as minhas tenções, encarregou-se do bilhete. Era muito pouco o que lhe dizia. Pedia-lhe coragem e esperança. Pedia-lhe compaixão e lealdade. Pedia-lhe segredo e condescendência na minha partida.

— Meu irmão foi o portador da resposta. Era também muito simples.

— Consentia que eu partisse, mas impunha-se uma condição que devia cumprir no momento da minha saída: o seu suicídio. “Lendo este escrito, perturbei-me, e busquei amparar-me nos braços do meu irmão, que me pediu o

segredo daquele escrito .”Não lho confiei. Perguntei-lhe se a vira. Respondeu-me que sim, e no estado em que a vira receava não poder mais vê-la, porque não podia viver-se muito tempo assim.

“As minhas ambições morreram neste momento. A generosa dor do coração venceu os cálculos egoístas da cabeça. Rapidamente compreendi que o meu plano era um crime, e o silêncio daquela infeliz, durante três meses, uma violência que o seu pai lhe fazia. Doeu-me o coração, e envergonhei-me de mim próprio, comparando as nossas situações. Ela morria no silêncio da sua saudade, violentada pelo pai; eu abandonava-a buscando espairecer livremente as mágoas do meu amor infeliz na conquista do ouro. Senti então necessidade de pedir-lhe perdão de joelhos; queria explicar-lhe com razões persuasivas o nobre incentivo que me fazia abandonar a pátria, para mais tarde realizar as santas esperanças do meu amor. E entenderia ela as minhas razões, se eu lhas desse? Não lhe seria uma linguagem nova a do homem que vai esterilizar o coração no amor do dinheiro, para depois lho oferecer, combatido pela úlcera das mercancias ambiciosas? E se ela chegasse a

compreender-me, não lhe seria bem aviltante esse ouro que eu ia granjear para, depois, poder arrematá-la em leilão vergonhoso? “Estas interrogações, que eu fazia à minha consciência, se as fizesse a qualquer amigo meu, dos que proferem todos os dias o epitáfio da virtude morta na terra, fá-los-ia naturalmente rir. Que importa à mulher o processo de que te serviste para enriquecer o trono em que a sentaste?, diz uma certa filosofia sórdida, que se afadiga em rebaixar a humanidade ao mais raso lamaçal do sensualismo. Importa muito, creio eu; importa muito, quando a mulher, no momento de ser deixada pelo homem que vai merecê-la, ganhando uma posição que só o dinheiro pode dar-lhe, consente a partida desse homem, e impõe-se corajosamente a condicional do suicídio. Ora esta mulher, em vez do trono, quer um túmulo.

— E seria capaz de cumprir a condição? — perguntei eu.

— Não tenho a certeza; bem sabe Vossa Senhoria que não posso responder-lhe.

— Essa menina não teve educação religiosa?

— Penso que teve: sua mãe susteve-se, até ao extremo do longo martírio da sua vida, ajoelhada aos pés da cruz: é impossível que não tivesse nos braços a sua querida filha. Faz-me essa pergunta, porque não pode combinar a religião com o suicídio?

— É verdade. Eu tenho a mesma dificuldade em combinar a extrema desgraça com a resignação religiosa. Penaliza muito não vingar uma esperança das que o Criador plantou no coração, e que espontaneamente aí nasceram. Uma inclinação virtuosa é contrariada; as mais inocentes tendências do espírito são punidas pela mão da sociedade, que as sufoca; é-se desgraçado sem ser-se criminoso. Quer Vossa Senhoria que o espírito, assim calcado e repelido das suas generosas aspirações, possa levantar-se para Deus, e transigir amigavelmente com a dor?

— Eu não quero, senhor, mas aconselho os desgraçados que procurem em Deus a consolação que não acham nos homens.

— Não ampliemos esta questão, senhor padre Dinis, que vai muito fora do nosso assunto. Perdoe-me Vossa Senhoria, mas eu fujo de argumentações religiosas porque sou muito

desgraçado. Se fosse feliz, talvez as não evitasse... seria mesmo um crente de convicções, porque não há nada mais belo que a gratidão, e eu quereria ser reconhecido ao supremo espírito, protetor da minha felicidade. Assim, convencido que o mal é todo da terra, e Deus não pode ser mau, não sei pedir a Deus consolações dos males que os homens me fazem ... seria aproximá-los muito... seria talvez uma oração blasfema...

— Respeito agora a sua dor — repliquei eu —, mas não respeitarei a sua opinião, quando lhe conhecer mais serenidade de espírito.

“O cavalheiro, após alguns minutos de reminiscências do que dissera, continuou:

— Escrevi logo a Ângela, dei a carta ao meu irmão, pedindo-lhe que me não obrigasse a fazê-lo meu íntimo confidente do que decorrera nos meus amores com aquela menina. Assegurei à pobre inocentinha que não daria um passo contra sua vontade. Pedi-lhe que dominasse as minhas ações e os meus pensamentos; que marcasse o meu destino; que suavizasse o meu sofrimento, impondo-me a doce obrigação de sofrer com ela.

— Estas palavras foram o orvalho do céu na florinha que as lágrimas de mãe já não podiam reverter. Ângela era um instrumento do egoísmo do seu pai. O marquês de Montezelos conhecia os sofrimentos da filha, mas encarava-os aprazivelmente, reputando-os uma febre passageira; uma crise que devia salvá-la desse amor inconveniente.

— Meu irmão, sem que eu autorizasse, lembrou ao marquês que não seria prudente estalar com tanta violência os vínculos inocentes, que a mão da infância atara em dois corações. Pintou-lhe o meu estado, não menos perigoso que o da sua filha, e acabou por suplicar-lhe que nos deixasse encontrar algumas vezes, até que a razão operasse lentamente sobre o espírito. “O marquês recebeu mal as reflexões do meu irmão, e chegou a irritá-lo no seu pundonor, lançando-lhe em rosto que o conde de Alvações representava um triste papel, tomando sobre si uma comissão que não o honrava nada...” Mas as cartas de Ângela recebi-as sempre; era ainda meu irmão, que, por terceira pessoa, me proporcionava seguros meios de recebê-las. Dizia ele que não queria levar mais adiante a sua vingança.

— Ângela, revivendo pela esperança, justificou as presunções do pai. Supunha ele que a sua filha, descoroçoada, se esqueceria; e, esquecida, lisonjearia os seus orgulhosos cálculos.

— E efetivamente, a aparência jubilosa de Ângela não podia traduzir-se de outra maneira. Restituída, portanto, à sua plena liberdade, a pobre criança no coração não calculou os perigos que devia vencer, se a paixão lhe pedisse sacrifícios, que ela não reputava sacrifícios. Estas palavras não têm a mesma significação entre duas mulheres, uma das quais considera o amor um contrato em que se estipulam reservas, que dão ao corpo um preço infinitamente superior à alma; e outra que, reconcentrada no espiritualismo das suas afeições, não sabe que os voos da alma devem ser reprimidos pelas leis do decoro, que versam todas sobre a matéria, e não têm nada com o espírito. Esta mulher é inocente; a outra é que não tem nada a perder, mas inventa diariamente sacrifícios novos. “Ângela, sem que eu lhe instasse, permitiu-me entrada na sua casa. Desde o momento em que pude, a sós com ela, enxugar-lhe as lágrimas, quatro meses represadas,

intitulei-a minha irmã. Contei-lhe os meus passados projetos de riqueza, e fantasiei-lhe um belo futuro, comprado com ouro, visto que uma terceira pessoa queria fazer um contrato do nosso amor. Não me perdoava tal pensamento, por mais colorido de felicidade que lho apresentassem. Falava-me na deliciosa existência que teríamos no deserto, ainda que não tivéssemos mais alimento que o nosso amor. Voejava por esses mundos infantis, onde eu já não podia acompanhá-la, porque ninguém já poderia despersuadir-me do grande preço do dinheiro aplicado às mais subtis idealidades do coração.

— O que me fazia dobradamente feliz junto dela era a esperança de alcançar um dia em Portugal uma posição, que me desse em nobreza real, o que sobrava em nobreza imaginário. O filho segundo do conde de Alvações valia menos que o filho do merceeiro, que entra em casa do fidalgo, dota-lhe uma filha para que lhe dê a outra, e edifica um palácio, onde amanhã mandará insculpir um brasão de armas, se essa loucura lhe apetecer.

— Quatro meses, não interrompidos nalguma das suas noites, visitei Ângela, sem causar suspeitas. Este romance

de felicidade inexprimível, depois de muitas agonias, não foi perturbado enquanto a conduta fraternal santificou as nossas puras entrevistas. “O anjo da inocência abandonara-nos, quando a voz impetuosa da paixão falou mais alto do que o tímido balbuciar daquele sereno desejo de um céu, que a terra não realiza a duas almas, que lho pedem, idealmente apaixonadas.

— O anjo da inocência abandonara-nos; e eu conheci então que o mal é sempre punido pelas suas próprias consequências, embora tardias.

— Numa dessas noites, ao dar as duas horas, procurava eu, escondido contra o muro do quintal de Ângela, o sinal que, por um costume inalterado, me animava sempre a subir sem receio.

— Esse sinal não aparecia. Demorei-me alguns minutos, conjeturando o que poderia ter acontecido, com os olhos pregados no ponto em que, a cada instante, esperava ver assomar o vulto de Ângela. “Vi, com efeito, levantar-se uma cabeça num outro ponto do muro. Estremeci. Vi, ao lado desta, dois vultos a meio corpo: quis esconder-me; era tarde. Ouvi a detonação de algumas armas de fogo. O

relampaguear da escorva cegou-me, e uma nuvem cerrada dos vapores da pólvora pôs-me os sentidos na perturbação em que tinha o entendimento.

— Senti duas ligeiras dores, que aumentavam progressivamente: uma no braço direito e outra no ombro. Vi que estava ferido. Dera uns poucos de passos maquinalmente, quando me cercaram patrulhas de polícia. Perguntaram-me que estrondo de tiros fora aquele num beco sem passagem. “Balbuciei na resposta, e prenderam-me como suspeito.

— Levado ao corpo da guarda, fui interrogado, mas já não pude responder. Tinha perdido muito sangue, senti banhar-se-me o rosto de um suor frio, e perdi completamente os sentidos.

— Esta síncope foi momentânea. O comandante da guarda era um homem delicado, e casualmente filho de um brigadeiro que frequentava a nossa casa. Não foi preciso eu dar-lhe explicações da minha aventura: conheceu o melindre do acontecimento, e acompanhou-me a uma botica para eu ser curado “A ferida do braço, procedida de quatro balotes, era de fácil cura; mas a bala que me

penetrara no ombro, e me fizera estragos no peito, era mortal.

— O meu primeiro impulso, quando cheguei a casa, foi de ajoelhar aos pés do meu pai e dos meus irmãos, pedindo-lhes inviolável segredo daquele acontecimento. Eu, da minha parte, não disse uma só palavra que denunciasse o lugar onde fora ferido e a razão porque o fora.

— Nos primeiros dias, nenhum médico afiançou a minha vida. Eu tinha a coragem de perguntar se eram mortais aqueles ferimentos, e a resposta que alcançava da minha família eram lágrimas. “O segredo daquele acontecimento devia morrer comigo. Resisti às carinhosas perguntas do meu pai, e cheguei a negar ao meu irmão a verdade, que ele devia supor sem grande custo. Um e outro, insinuados pelo médico, não me afligiam com as suas instâncias, nem permitiam que alguém de casa me fizesse perguntas. “Mas eu sofria o que há de mais horrível na escala do martírio. Não eram as dores físicas, nem o pavor da morte. A sorte de Ângela era um segredo que me despedaçava. Custava-me a reprimir nos lábios aquele nome: precisava de proferi-lo com um grito de aflição, como a súplica do moribundo

que pede uma gota de água, como o brado de socorro à Providência, quando não há forças humanas que salvem o desgraçado de um abismo em que se sente escorregar. “Era impossível vencer-me. Chamei meu irmão à cabeceira do leito, pedi-lhe a compaixão que reclama um agonizante. Contei-lhe a cena de tiros. Atalhei os assomos de cólera que o inflamavam, suplicando-lhe prudência para salvarmos a infeliz, se fosse ainda tempo. Abri-lhe todo o meu coração: solucei confessando-lhe as minhas culpas, que nem uma paixão violenta poderia absolver-me...” Ouviu-me com indulgência, e reanimou-me com palavras ungidas de um sincero amor de irmão. Perguntou-me o que eu queria da sua amizade. Respondi-lhe que se informasse de Ângela, e a tomasse debaixo da sua proteção, se a encontrasse desamparada.

— Meu irmão revelou-me que, dois dias depois do meu ferimento, fora ele, já suspeitoso, a casa do marquês de Montezelos. Achara franca entrada no quarto do marquês, onde fora encontrá-lo encostado a uma banca, sobre a qual estava um par de pistolas em postura que designava prevenção. Disse-me que o vira empalidecer, apenas

entrara, e fora friamente recebido. Acrescentou que contara ao marquês o acontecimento dos tiros, e nem por isso lhe movera grande curiosidade em querer saber as especialidades do sucesso. E de tudo isto combinado concluíra ele que fora ferido em casa do marquês.

— E Ângela? — perguntei eu.

— Ângela não a vi, nem perguntei por ela ao pai. Demorei-me alguns minutos, e, quando saía, perguntei ao guarda-portão se a menina saíra a visitas; disse-me que sim, há dois dias, e não voltara, nem talvez voltaria. Quis saber pormenores, e nada colhi: falei-lhe nuns tiros que se ouviram por aqueles sítios, respondeu-me que eram novidade para ele.

— Fiquei, portanto, sabendo que Ângela não estava em casa. Senti-me arder em febre.

— O diálogo com o meu irmão foi interrompido por uma carta, dirigida ao conde de Alvações. O sinete eram as armas do marquês de Montezelos. O meu pai não estava em casa; e o meu irmão, suposto usasse daquele título, reconheceu que a carta era dirigida ao pai, e não a ele. —

Mas — refletiu ele — talvez que esta carta contenha toda esta história... — É preciso que o pai a não veja... — atalhei eu sobressaltado. — Mas — replicou meu irmão — é falta de respeito abri-la... — Bem sei; mas eu nunca faltei ao respeito ao meu pai: será esta a primeira e última vez. Dir-lhe-ei que fui eu, quando venha a saber que o marquês lhe escreveu...

— E freneticamente lancei mão à carta; abri-a; e quis lê-la, não pude, porque de súbito se me embaciaram os olhos de um véu, que parecia lançado entre mim e a vida. “Meu irmão foi quem leu essa carta... Ei-la aqui... Tenha Vossa Senhoria paciência para ouvi-la:

*Senhor Conde.*

*Os tempos mudaram, e as desafrontas cavalheirosas foram-se com os tempos da honra, Meu avô, se tivesse uma filha, e o pai de vossa Excelência viesse a casa requestar-lha contra sua vontade, intimava-o para não mais transpor o limiar do seu palácio; e, se o seu pai insistisse descaradamente no seu plano, encontram uma espada das*

*que os marqueses de Montezelos experimentavam no campo das batalhas. Mudaram porém, os tempos. A traição de um degenerado fidalgo de hoje pune-se com um tiro, quando o atraiçoado não quer confiar ao seu lacaio o encargo do castigo. E de mais um chicote não castiga um homem sem brio: é preciso puni-lo com instrumento que lhe doa. Dito isto, tenho explicado a razão porque mandei disparar alguns tiros sobre seu filho, como quem se quer livrar de um salteador que lhe escala os muros do seu jardim.*

*O seu filho foi mais feliz que a pontaria das minhas armas. Não se persuada que eu, matando-o, faria mistério desse atentado. Não, senhor Conde. Eu tencionava que o cadáver do seu filho fosse conduzido a casa do seu pai numa padiola; e nas mãos desse cadáver acharia Vossa Excelência a história póstuma do seu filho, já que ele não podia contar-lha com os lábios mortos.*

*Tenho uma filha a cuja posse ninguém tem direito sem meu consentimento. Ora seu filho quis cuspir-me no rosto provando-me que os direitos de um pai não podem competir*

*com a audácia de um amante. Enganou-se, e, se viver, pode aproveitar muito da lição que lhe dei.*

*Também tenho a certeza de que essa minha filha está pura de toda a mácula com que podiam sujá-la os amores do seu filho; e, a não ter esta certeza, nem o sedutor me fugiria no leito da doença, nem minha filha sobreviveria à sua desonra. As minhas nódoas costumo lavá-las com o meu próprio sangue. O corpo maculado da minha filha estaria, a esta hora, envolto numa mortalha.*

*O fim primário desta carta está cumprido. Não preciso dizer-lhe que ainda tenho outro, Todavia é boa toda a clareza, para evitarmos consequências funestas. Não consinta que nenhuma pessoa da sua família pise os tijolos do meu Pátio.*

*Marquês de Montezelos*

— Eu compreendi muito pouco desta injuriosa carta quando ouvi lê-la. O meu irmão eliminava metade das palavras, e transformava o sentido de algumas destas frases insolentes que por aqui desmentem bastante a

vergonha de quem as escreveu. Todo o meu empenho foi pedir ao meu irmão que ocultasse do meu pai semelhante insulto, avisando-o por qualquer pretexto, para que não fosse eventualmente a casa do marquês. “Todas estas precauções eram pueris. O marquês de Montezelos gloriara-se do feito que praticou e era ele o pregoeiro da sua glória. Contava do drama a cena que mais lhe convinha: dizia que seguira muito de perto os amores da sua filha; e quando soubera que, pela primeira vez, eu conseguira uma entrevista no quintal, às duas horas da noite, fora ele quem me quisera receber com descargas, segundo a pragmática devida a pessoas reais.

O marquês juntava a isto a sua gargalhada cínica, e recebia os emboras do seus amigos, que vinham depois encarecê-lo com os meus.

“E, portanto, meu pai, quando entrou em casa, vinha senhor de todos os acontecimentos, segundo a exposição do marquês.

— A sós comigo, o honrado velho tocou-me no caso, com todo o melindre. Perguntou-me se eu queria tirar alguma desforra judicial daquela tentativa de assassínio. Respondi-

lhe energicamente que não; e o meu pai recebeu-me com um abraço a imperiosa negativa que lhe dei. — Queres portanto — disse ele — uma desforra de homem para homem?

— Calei-me: parece-me que senti a mão de Ângela apertar-me os lábios, e aquietar-me os sobressaltos do coração.

E Ângela? — perguntei eu quando ele esperava uma resposta à sua pergunta; mas de repente conheci a indiscrição em que me precipitara. O silêncio do meu pai confirmou este receio. — Perdoe-me — disse-lhe eu —, esqueci-me que falava com o meu pai... vi só um amigo... não me enganei... que o é...

— A vinda do meu irmão veio mudar o estado violento em que o meu pai me punha, involuntariamente. Eu tinha pejo de o trazer a uma prática deste género em que a intervenção de um pai é sempre ridícula.

— Meu irmão, a meia voz, disse-me que o pai sabia tudo, menos o conteúdo da carta: perguntei-lhe por Ângela; respondeu-me com uma só palavra: convento. “Esta única

palavra, senhor padre Dinis, teve em mim a influência de um raio. Tudo o que há de mais aflitivo veio excruciar-me no coração angústias, que deviam matar-me se eu não estivesse reservado para maiores provações.

— Mas porquê? — interroguei eu. — Parece que a vossa Excelência devia estimar de preferência que essa menina entrasse num convento. Onde podia tê-la com mais segurança, e com mais liberdade, ao menos, de chorar?

— Liberdade de chorar, senhor padre Dinis, mas chorar lágrimas de vergonha, quando tiver de ser expulsa do convento onde está, para vestir a mortalha que o seu pai lhe promete na carta, que acabei de ler...

— Essa menina entrou como noviça ou como secular?

— Secular.

— Há, portanto, um desgraçado segredo entre Vossa Excelência e ela...

— Um desgraçado segredo, que brevemente será a infâmia e desonra de ambos nós. Deus não quis que eu morresse das balas para me ver punido pelo flagelo das

minhas paixões, que tão nobres começaram, e tão vilipendiosas a sociedade mas tornou.

— Que posso eu fazer-lhe, senhor?

— Muito... uma grande esmola... pode salvá-la.

— Como? Não se acanhe... fale com a certeza de ser servido.

— Ângela está no Convento de Nazaré (*).

*[(*) Não existe tal convento em Lisboa. Nazaré é um pseudónimo.]*

— Em Nazaré?

— Onde Vossa Senhoria tem uma irmã secular, que é o anjo de amor da minha querida Ângela.

— Tenho, sim, tenho, e portanto vamos salvar essa menina.

“A radiante alegria com que eu disse estas palavras consoladoras ao nobre jovem transportou-o aos meus braços na veemência do seu desafogo. Eram sublimes de

reconhecimento as lágrimas que acompanhavam as suas palavras agradecidas! Não o deixei ajoelhar-se, mas não pude suster que me beijasse as mãos, onde os seus lábios soluçavam essas palavras, que me fizeram chorar: — Ângela, a infeliz arrancada à desonra, há de também beijar esta mão!

De repente, minha mãe, com o delírio nos olhos, com os cabelos eriçados, com o rubor da febre incendiado nas faces, ergue-se do banco em que estava, corre aos pés do padre, ajoelha, beija-lhe freneticamente a mão, sustém com um braço a cintura dele, que quer levantar-se, e exclama com uma voz forte e vibrante de entusiasmo:

— Sim, sim, a desgraçada Ângela, a infeliz arrancada à desonra, cumpriu a profecia do anjo, que anunciara estes beijos, antes de partir deste mundo!

E voltando-se para mim:

— Meu filho, ajoelha também, que ouviste da boca do teu salvador, do salvador da tua mãe, a tua história, a história dos trances amargurados, que precederam a tua entrada no mundo!

Ajoelhei. A minha cabeça estava perdida nas visões daquele sonho! Eu ouvira a história de duas pessoas que se amavam com um amor muito feliz. Não compreendera algumas palavras que o padre dissera, falando da desonra da minha mãe, das suas lágrimas vergonhosas, e do seu anjo da inocência fugido... Seriam essas palavras que eu não entendi a significação do meu nascimento? Eram: não consultei alguém para sabê-lo. Iluminou-se-me de improviso o entendimento, e compreendi num relance de vista íntima o resto da história da minha mãe. Os que me lerem, porém, precisam que eu lha diga, porque o coração de um estranho não é o coração de um filho.

O padre, comovido e fatigado, tomou minha mãe pelo braço, e conduziu-a ao seu quarto.

Atravessávamos um corredor, quando D. Antónia nos saía ao encontro.

— Já eram horas — disse ela —, o ar da noite não é bom aos saudáveis, quanto mais aos doentes... Que tem, minha filha? Está tão desmaiada!...

E minha mãe, abraçando-a com muita ternura, murmurou:

— Venho de ouvir a história de Nazaré...

— Para que falam nessas coisas? — replicou D. Amónia.

— É para que o meu filho saiba beijar as mão da secular que foi, em Nazaré, o anjo de amor da sua mãe.

D. Antónia não consentiu que eu cumprisse a vontade da minha mãe, e os estímulos do meu coração. Abraçou-me, chorando, e fez sorrir a todos, porque teimava em querer tomar-me ao colo, sendo eu quase da sua altura.

# CAPÍTULO XII

Depois destas revelações, senti necessidade doutras. O meu nascimento, a morte do meu pai, o casamento da minha mãe com o conde de Santa Bárbara, eram factos que eu não podia explicar-me, nem me sentia com o desembaraço de pedir explicações. O pudor tem um instinto, que adivinha, não os segredos, mas o embaraço da pessoa que pode contá-los. Não obstante o desenvolvimento prematuro do meu espírito, eu olhava para mim, e via-me rapaz de catorze anos. Nesta idade, parecia-me temeridade, e falta de respeito, interrogar o padre acerca de segredos da minha mãe, particularmente aqueles que a sua linguagem soube colorir de um toque misterioso para mim.

Mas as circunstâncias do meu nascimento dispensava-as eu.

O que eu queria era a história do meu pai, cujas feições, desenhadas pelo padre, eu retivera na fantasia, profundas e salientes, como se as tivesse beijado mil vezes.

No dia seguinte, enquanto o mestre procurava satisfazer a missão que se impusera de observar os passos do conde de Santa Bárbara, entrei no quarto da minha mãe, depois que debalde a esperei no jardim.

Os seus padecimentos, adormecidos num torpor de aparente felicidade, tinha-os acordado a comoção da véspera. A minha mãe recebeu-me com alegria, se assim pode chamar-se ao passageiro sorriso, que bruxuleia a face pálida de uma luz pálida também. Poderei dizer que essa luz era o crepúsculo da eternidade que amanhecia para a minha mãe? Era, era.

— Sente-se hoje pior, minha querida mãe? — perguntei eu beijando-lhe as faces, que escaldavam.

— Pior não, meu filho: o mesmo, sempre o mesmo. Há quinze anos que não sinto alteração nos meus padecimentos... E tu? Dormiste bem?

— Eu não dormi; cismei toda a noite... como havia eu de dormir? Aquela história deixou-me tão triste...

— Triste!... Porquê?... — Minha mãe sofreu muito, e o meu pai...

— Foi feliz...

— Feliz?! Eu pensava que não podia sê-lo.

— Pois não foi, meu filho? O teu pai não sabe que morreu já?

— Sei, minha mãe.

— Pois que maior ventura lhe desejas tu? Não imaginas quanto é bom morrer quando se é desgraçado e virtuoso? Não tens ouvido dizer ao teu mestre que a peregrinação trabalhosa neste mundo é o caminho suave do céu? O teu pai morreu como viveu, meu filho... Foi um justo, que pede neste instante ao Senhor o espírito da tua mãe...

— E será verdade que eu hei de vê-lo um dia?

— É, meu filho... E, se não fosse, qual seria a bem-aventurança dos que se salvam? Deus permite neste mundo a ligação de duas almas, que nunca mais se desligam... Ah!,

meu filho!, se me compreendesses... se eu pudesse dizer ao teu entendimento os formosos sonhos do meu coração... Quem sabe? Talvez eu seja compreendida!... Olha, meu querido anjo, a nossa alma é imortal, e os sentimentos divinos que ela tem são imortais como ela. Tudo o que sentimos sublime e santo pertence a Deus; tudo o que sentimos rasteiro e vil pertence à terra. O que é da terra na terra se consome; mas o que é de Deus pertence à glória, entra no seio da eternidade, porque Deus é infinito. Aquele santo amor com que amei teu pai, esta santa saudade com que o procuro há catorze anos num mundo melhor, é a respiração da minha alma, é a vida do meu coração, é a chama imortal do meu espírito, que não pode nunca extinguir-se, nem pode satisfazer as suas ânsias sem entrar no seio de Deus a unir-se com a parte da existência que me levou... Espera, meu filho...

Minha mãe tomou um lenço, onde salivou sangue e enxugou as lágrimas. Repetindo hoje o que então lhe ouvi, vejo confirmada a opinião dos que reputam extraordinariamente subtil a inteligência do tísico. A minha mãe, falando comigo, fixava olhos imóveis no céu, como se

buscasse, acima da humanidade, espíritos aéreos que a compreendessem. Era tragicamente sublime o rasgo da inspiração, que lhe iluminava o rosto de uma auréola, como esse toque de luz que admiramos nos retratos das mártires, a expirarem sob o alfange e a saudarem a miríade dos anjos que lhes acenavam do céu.

Quando me disse: “Espera meu filho...”, talvez uma visão inexprimível em língua humana lhe arrebatasse o espírito! Talvez o anjo das suas saudades, com a cara engrinaldada das flores do céu, lhe mostrasse a coroa triunfante do seu martírio! Minha mãe, absorta numa adoração, qual o estatuário imprime no mármore das virgens cristãs, estendia o braço esquerdo na direção da minha boca, como impondo-me silêncio. Com ambas as mãos aproximei a sua aos lábios; e duas vezes a chamei, sem responder-me.

Passaram-se minutos. Eu esperava que a minha mãe caísse desfalecida, quando descesse daquele doloroso enlevo de espírito. Não foi assim. Espantei-me, quando a vi passar daquele arroubamento à vivacidade com que há pouco me revelava as suas convicções sobre a imortalidade do espírito. Não se deu a mais ligeira transição, a não ser o

movimento de feições, que pareciam petrificadas. Dir-se-ia que o hálito criador soprara de improviso, nos lábios da estátua, o espírito de vida, a harmonia da palavra, afinada pela música dos anjos, que os seus ouvidos recebiam.

Foram estas as suas palavras. — Pouco importa, meu filho, uma flor, sem seiva, num jarro de cristal... A pobrezinha não respira o ar dos cortinados e dos festões dourados. Tiraram-lhe o seu céu, o seu orvalho matinal, o seu beijo da viração, e o mórbido clarão da Lua, que a namora no silêncio da noite. A mim não me deixaram o seio onde eu pousava a minha face... Era o meu único arrimo... fiquei desamparada... caí sobre a minha sepultura onde me arrasto há quinze anos, até que o anjo da morte me diga: “Entra. no seio do teu esposo...” Meu filho, tu não podes mandar ao morto que se levante, não podes dizer às folhas espalhadas de uma rosa que floresçam, não podes encher de vida o coração da tua mãe... Ficarás sem mim bem cedo. Verás então o que é a viuvez de todas as esperanças neste mundo... Desejarás a morte... hás de pedi-la a Deus, como os felizes do mundo Lhe pedem a vida... És uma criança, terás uma época de criança, quando o homem te chamar

homem. Ai de ti, quando os teus afetos não forem moldados pelas inocentes ilusões de uma criança... ai de ti, porque então, quando julgares que sucumbes a paixões de jovem, consultarás o teu coração, e senti-lo-ás, cansado. O primeiro amor desgraçado envelhece o coração, meu terno filho... Sou uma louca... falo-te... e tu não me compreendes... Que importa? Retém na memória estas palavras... é a página profética da tua vida... lê-a todos os dias, e um dia virá em que a compreendas... Desde esse dia ansiarás a morte; se fores religioso, tudo o que o mundo tem de bom e de mau te fará feliz, quando mais vizinho te vires do túmulo. Se não fores religioso, a mesma desgraça te fará crente, não nos homens, nem nas superstições dos homens, mas em Deus... E, depois, à sombra desse grande princípio criarás um outro mundo, e sorrirás ao infinito onde vais passar, transportando a sepultura, como a avezinha que canta sobre a árvore, a cujo pé se despenha uma torrente medonha, e de um voo transpõe esse abismo, para depois cantar de novo sobre a árvore de outra margem... Hás de recordar as palavras da tua mãe, sim, meu filho?

— Não as esquecerei nunca; mas eu quero que a minha mãe mas repita daqui a vinte anos... Não me diga que cedo ficarei sem mãe... Bem sei que não posso fazê-la feliz, como meu pai poderia fazê-la, mas eu sou o filho desse seu amigo, desse seu anjo de saudades, como tantas vezes lhe chama.

Não me deixou continuar: lançou-se-me ao pescoço, beijando-me sôfrega e abrasada.

Padre Dinis veio presenciar este lance. A minha mãe desceu do seu fervente misticismo à realidade da sua vida na terra. Padre Dinis vinha falar-lhe do conde de Santa Bárbara e da sua serva idolatrada. A repugnância que tinha de ouvi-lo, exprimia ela nestas palavras, que acompanhou de um gesto significativo de aborrecimento:

— Quisera antes, senhor padre Dinis, que me não dissesse nada.

— Pouco poderei dizer-lhe, senhora Condessa. Não tive tempo para informações. Dirigi-me a casa do seu mano...

— Do marquês de Montezelos? — interrompeu minha mãe como assustada.

— Do marquês de Montezelos; e, se o seu pai fosse vivo, procuraria diretamente seu pai.

— Com que fim? — Com o fim de cumprir uma missão providencial: iria puni-lo, acordando-lhe o remorso no coração. Dir-lhe-ia que a sua filha, amarrada por ele a um poste de ouro, estava em circunstâncias de esmolar um bocado de pão. Dir-lhe-ia, que o conde de Santa Bárbara, como desvelado algoz da sua filha, exercera cabalmente a tirania, que o marquês de Montezelos lhe concedeu com os legítimos direitos de marido... Mas seu pai não esperou a punição neste mundo...

— E que disse ao meu irmão?... Ele conhecia-o...

— Não era preciso conhecer-me...

— Mas que tem meu irmão comigo?... O, senhor padre Dinis... permita Deus que as minhas desgraças se não complicassem com esse passo que deu... que foi dizer ao meu irmão?

— Muito pouco. Disse-lhe que a vossa Excelência era irmã do marquês de Montezelos; que fora violentada a casar-se com um rico para manter a dignidade do seu nascimento:

que esse rico a martirizara durante alguns anos para lentamente se desfazer dela: que essa infeliz senhora, aconselhada por um homem compassivo, fugira ao seu marido, procurando uma morte menos trabalhosa...

— E que importava isso ao meu irmão, que há catorze anos, expulsei da minha presença?

— O que importava? Eu vou dizer-lho, e tivera-o dito já se a vossa Excelência me escutasse com mais serenidade. Lembrei-lhe que a condessa de Santa Bárbara devia judicialmente separar-se do seu marido...

— Para quê?

— Para haver dos bens do seu marido quarenta contos com que foi dotada.

— De que me servem esses ignóbeis quarenta contos?... enganaram-me mas eu não me ven...

— De que lhe servem os quarenta contos? De resgatar este menino da miséria em que há de vi-lo encontrar a idade, em que a subsistência é garantida pelo suor do rosto ao homem que nada tem do seu.

— E porque não há de o meu filho ser pobre? — Para não morrer, como seu pai, sufocado pela mão descarnada da miséria... Senhora Condessa, este mundo está organizado tristemente, mas quem não quiser amoldar-se nas formas em que a sociedade lho apresenta, luta sem forças contra um destino invencível. As mais amargas lágrimas que a vossa Excelência tem de chorar hão de ser as últimas, quando, ao despedir-se do seu filho, não tiver um pão independente que legar-lhe, uma ressalva com que possa atravessar a sociedade sem ser apupado das vaias que achincalham o homem pobre. A honra não é herança: é uma bela recordação que um filho conserva do seus pais, enquanto a miséria lhe não risca no coração essas cinco letras que ninguém desconta... Adiante... Falando com o seu irmão, disse-lhe que a vossa Excelência não estava em casa do seu marido. Perguntou-me onde estava, respondi-lhe que lho não dizia. Recebeu-me cavalheiramente esta negativa, e não instou. Disse-me que ia partir na direção de Braga, até encontrar o conde de Santa Bárbara, que acompanhava Dom Miguel. Observei-lhe que o conde voltara de Santarém, a pretexto de curar-se de uma enfermidade que subitamente o atacara. Vestiu-se e

despediu-se de mim, ordenando-me que o procurasse hoje de tarde para informar-me do que passara com o seu cunhado...

— Vai acontecer uma desgraça, senhor padre Dinis! — exclamou minha mãe tocada por um aflitivo pressentimento.

— Que vaticina Vossa Excelência? — Um conflito de vida e de morte entre meu irmão e o meu marido.

— Pode ser que não. O conde de Santa Bárbara há de dar-lhe quarenta contos, porque a vida é preferível a quarenta contos...

— E, se os não dá, meu irmão...

— Castiga-o? É um dever... é um pecado, que eu absolvo, porque numa sociedade desmoralizada, onde os preceitos de Deus são inválidos, permite Deus que os preceitos dos homens valham alguma coisa. Não devemos deixar passar ao pé da vítima, que chora lágrimas estéreis, o criminoso com a cara erguida. É preciso abater-lha no chão, é preciso evitar o escândalo; ora, um mau homem impune é feiamente escandaloso, porque desafia muitos a seguirem-

no pelo caminho da impunidade. O seu marido amanhã partiria com a sua criada a saborear, livre de remorsos, os frutos da sua obra. De vez em quando assaltá-lo-ia a lembrança da sua mulher que lhe fugiu; mas tal lembrança, num coração estragado, não doeria tanto como as saudades da criada, que o trouxera de Santarém com um lenço apertado na cabeça. Suponhamos que o conde de Santa Bárbara reputava uma infidelidade a fuga da sua mulher...

— Por amor de Deus!... senhor padre Dinis!... Tenha compaixão de mim!... Não faça semelhantes conjeturas...

— Deixe-me fazê-las, porque sou eu que as faço... Imaginando ele que a fuga de vossa Excelência era uma infidelidade, dar-se-ia por muito desforrado na sua consciência. E quem sabe mesmo se ele diria: ”Minha mulher trocou-me por outro”, para que não lhe dissessem: ”Mataste tua mulher, porque ninguém sabe onde ela vive.” E o mundo acreditá-lo-ia; e para que o mundo não tenha de entrar na perigosa solução do problema da sua fugida, competia-me declarar que a vossa Excelência fugira, que a vossa Excelência vive, e, quando seja necessário declará-lo para sua honra, direi que vive em casa de um padre, cujo

nome, ai nesse mundo, pesa mais na balança da honra que todo o ouro do conde de Santa Bárbara... Até logo, minha filha; vou dizer missa, que já é bem tarde, para quem está em jejum.

Padre Dinis não deu tempo a que a minha mãe exprimisse uma ideia, que se lhe via simular na inquietação dos gestos, e na ansiedade com que ouvira as últimas palavras.

Disse-me que a deixasse sozinha, e lhe mandasse D. Antónia.

Padre Dinis, conforme combinara, foi, na hora aprazada, procurar o marquês de Montezelos.

Na volta, contou assim a minha mãe as informações que colhera.

— O marquês recebeu-me com maneiras extraordinariamente rudes. ”Fui falar com o conde”, disse ele, ”encontrei-o aflito, perguntei-lhe pela minha irmã, respondeu-me que fugira de casa, durante a sua ausência. Indaguei os motivos da fuga, respondeu-me que a minha irmã vivia desde muito para um homem que ele não conhecia.”

Padre Dinis reparou em mim quando se interrompeu naquela palavra última, e mandou-me sair do quarto da minha mãe. Conservei-me na antecâmara do quarto, repisando o sentido de cada uma daquelas expressões. Poucos minutos se passaram, quando ouvi um grito agudo. Conheci que era minha mãe: abriu-se a porta do quarto, e vi o padre que chamava D. Antónia para tomar minha mãe nos braços.

Devo concluir o lance que produziu aquele grito, se bem que vou buscar-lhe a explicação anos depois, porque só então fui sabedor desse segredo, que não pude mais cedo arrancar ao padre, nem a D. Antónia, nem a minha mãe.

Acrescentara o conde de Santa Bárbara que a sua mulher fora em solteira o que estava sendo em casada — absolutamente livre — e a prova estava numa carta, que o conde mostrara ao irmão da minha mãe. Esta carta era do meu pai, e escrita nos últimos dias da sua vida, pedindo-lhe proteção para o orfãozinho, que era eu. O marquês de Montezelos conhecera a letra do filho do conde de Alvações, sobre quem disparara um tiro junto a outro do seu pai. E, convencido da desonra da sua irmã como

solteira, não podia rebater as afrontas que lhe eram feitas como casada. Acrescentara o conde de Santa Bárbara, que o agente das negociações adúlteras da sua mulher era um padre, cujo nome com grande mágoa sua não sabia, porque muito desejava agarrá-lo para arrancar-lhe o segredo daquela infâmia, e mandá-lo depois azorragar pelo seu lacaio.

Padre Dinis, portanto, era o padre das negociações adúlteras, e estava na presença do irmão da adúltera., que protestara vingar a sua honra, e a honra do seu cunhado tanto quanto fosse possível.

O padre, depois que ouvira o infamante arrazoado do marquês, tirou da sua carteira com admirável tranquilidade um bilhete, que dizia: ”Padre Dinis Ramalho e Sousa, Largo da Junqueira, 44.”

— Dou-lhe a minha residência, senhor Marquês — disse ele serenamente —, para que a vossa Excelência, não querendo receber as últimas lágrimas da sua irmã, vá ao menos levar-lhe um óbolo da sua fortuna para as despesas do seu funeral, que eu não posso suprir, porque sou pobre como ela.

O marquês impressionou-se destas palavras, e vacilou na resposta. Padre Dinis ia retirar-se, quando o irmão da minha mãe lhe indicou que não saísse. O inalterável agente das negociações adúlteras da condessa de Santa Bárbara tornou a sentar-se. O marquês fitava-o atenciosamente, como quem queria ler-lhe na tranquilidade do rosto muita inocência.

— Então — disse ele — convida-me o senhor padre Dinis a que vá ver minha irmã?

— Tomo a liberdade de convidá-lo, conquanto não fosse autorizado para isso; mas a desgraçada senhora há de querer um parente à cabeceira do seu leito de agonias... mas juro que ela não quer morrer sem lavar o escárnio aviltante, que o seu marido lhe cuspiu na face. Trata-se de salvar-lhe a honra a ela... enquanto a mim, serei eu o restaurador da minha honra ultrajada por um homem, que me fará esquecer que sou um sacerdote.

— Quando posso ver minha irmã?

— Já, se a vossa Excelência quiser.

— À noite.

— Até à noite, senhor Marquês.

O grito da minha mãe fora arrancado por estas comoções despedaçadoras.

# CAPÍTULO XIII

Algumas páginas, que vão ler-se, não me pertencem: copiei-as do Livro Negro de padre Dinis, como ele o intitulava. Não fui testemunha das cenas aqui descritas. Os meus quinze anos não puderam reter impressões então recebidas, porque o espírito débil não podia digeri-las. O encontro do marquês de Montezelos com a minha mãe não consentia a minha presença, nem eu mesmo sabia que tal homem viria àquela casa. E, portanto, vejamos o quadro, vigorosamente desenhado pelo homem que empregou o resto da sua vida perpetuando as reminiscências amargas do tormentoso drama da minha mãe.

“O marquês de Montezelos esperava sua irmã na sala às nove horas da noite. Quando o anunciei, a condessa perdeu inteiramente uma afetada coragem, que tinha mostrado. Sustive-a dificilmente, encorajando-a com a precisão que tinha de ostentar-se forte da sua inocência.

O encontro destes dois irmãos, que há catorze anos se não viam, não se exprime. O marquês reparava na sua irmã com os olhos perplexos de um espanto, que pareciam duvidar da pessoa que se lhe apresentava como condessa de Santa Bárbara. Esta, superior ao dorido ressentimento, que devia irritar-lhe a presença de um homem que ajudara a cravejar-lhe os espinhos da sua coroa de martírio, caminhou para seu irmão estendendo-lhe a mão afetuosamente.

— Ângela!... — murmurou o marquês, abrindo-lhe nos braços o amparo que ela precisava para não sucumbir à convulsão.

Angela tinha a face banhada de lágrimas. Dos braços do seu irmão, onde não podiam as pernas sustentá-la, passou a uma cadeira. Via-se que lutava com a exaltação dos variados sobressaltos que experimentava. Cada palavra, sufocada por um soluço, vinha-lhe aos lábios esvaecida da angústia em raras articulações.

Pertencia-me a mim quebrar aquele silêncio aflitivo para a infeliz senhora, e não sei mesmo se aflitivo para seu irmão.

— O senhor marquês — disse eu — veio pessoalmente ouvir sua irmã, depois que ouviu o conde de Santa Bárbara. Entre o senhor marquês e a sua irmã está um padre, que deve parecer um mistério para Vossa Excelência. A história desse padre... a minha história... compete-me a mim contá-la, e eu farei porque, em poucos minutos, nem eu seja reputado o agente das negociações adúlteras da senhora Condessa, nem Vossa Excelência tenha de ouvir da boca da sua irmã confissões que nunca se fazem sem uma grande violência.

Há quinze anos que a senhora Dona Ângela de Lima foi encerrada no Convento de Nazaré, por ordem do seu pai. Na véspera desse dia foi ferido com dois tiros o amante desta senhora. Vossa Excelência sabe que os ferimentos não mataram imediatamente Dom Pedro da Silva, se bem que desde esse instante o desgraçado fez tréguas de alguns meses com a morte, porque o Altíssimo não o quis tirar deste mundo sem que expiasse, com as lágrimas de uma ação nobre, os desvarios de uma paixão generosa dos seus princípios, e lamentável nas suas consequências, ”Conheci então Dom Pedro da Silva, e amei-o, como filho, desde que

o conheci. Amei-o como filho, porque nunca me sentira mais comovido por um jovem, que queria salvar a honra de uma menina, a quem sua família sacrificaria de bom grado no altar da desonra, para depois lhe fazer a apoteose no altar do ouro...”Esta senhora, senhor Marquês, quando entrou no Convento de Nazaré, deixou no mundo um homem que a sociedade não legitimara como seu marido, mas que o coração abraçara cegamente, sem reservas, sem condições, e sem os receios da opinião pública.

— A sua irmã, senhor, entrara em Nazaré, quando devia entrar na igreja para que o ministro de Deus lhe absolvesse uma culpa, que a sociedade alcunharia... uma desonra. ”Será necessário rastrear a frase para ser compreendido? ”O filho do conde de Alvações tinha um coração prodigioso de honradez.

— Apaixonado até ao delírio, não veio consultar-me para que eu lhe dissesse a maneira decente de participar ao marquês de Montezelos que a sua filha seria brevemente mãe, e obrigaria as religiosas de Nazaré a serem, por compaixão, suas parteiras. Não: este nobre jovem o que me pedia era a minha proteção para que a sua desgraçada

amante se não desse em espetáculo de desonra às religiosas, que a tinham recebido como uma virgem, que fora ali buscar no fervor religioso o complemento da sua educação. ”Eu tinha nesse convento uma irmã... uma amiga...”Dirigi-me a minha irmã. Tive de revelar-lhe um segredo, que a deixou passada desse singelo terror, que devia preceder uma fervente compaixão. Pedi-lhe, que desde certo tempo em diante, a título de muita amizade, recolhesse na sua cela a pobre menina, e desviasse quanto pudesse, sob qualquer pretexto, as visitas do quarto. Mas isto não era tudo, senhor Marquês. Faltava ainda preparar os últimos socorros, para que esta senhora, por falta de assistência, não fosse um cadáver no acto de ser mãe. Esses socorros quem mos daria? O meu zelo, a caridade da minha irmã e a consciência de uma boa ação. Procurei uma mulher das que o silêncio se lhe compra com dinheiro. ”Noto-lhe no rosto, senhor Marquês, alguns sinais de indignação.

— É um afrontosa surpresa — disse ele.

— Afrontosa, não, senhor Marquês... chame-lhe antes uma cena de agonias surdas a que o seu pai assistia com a

maior presença de espírito.

— O meu pai?! — exclamou ele arrebatado, com os olhos injetados de sangue.

— O seu pai — respondi eu placidamente.

— É mentira!... O meu pai, se o soubesse, apunhalava minha irmã, e despedaçava o infame que a seduziu.

— Não é mentira, senhor Marquês: seu pai não apunhalava uma filha, porque tinha de dar ao público a razão porque o fizera, e nessa satisfação ao público era ferido o seu orgulho. O pai de vossa Excelência não despedaçava o amante da sua filha, porque não há pai, nem irmão, nem marido, que não sofra uma afronta em silêncio, contanto que os seus amigos ignorem que foi afrontado.

— É mentira... repito, e sinto que a vossa Excelência não esteja na condição de me dar uma satisfação plena.

— Dar-lha-ei pleníssima, senhor Marquês, porque a minha condição sacerdotal não exclui os estímulos da honra. E começarei a dar-lha já, ao meu modo, e, senão conforme as leis da cavalaria, ao menos com a lógica rigorosa dos documentos. Queira atender-me Vossa Excelência.

— Vou ler-lhe a cópia de uma carta que escrevi ao senhor marquês de Montezelos. Hei de mostrar-lhe outra, depois, que o senhor Marquês se dignou escrever-me.

— Eu não me persuado que o senhor tivesse relações com o meu pai...

— Quer com isso dizer-me que minto... Vejo que a vossa Excelência é teimoso por índole, e não por educação... Conhece a letra do seu pai?

O marquês tomou a carta, que eu lhe oferecia, e não respondeu. Ângela exprimia sensivelmente a repugnância com que assistia às grosserias do seu irmão. Eu bem a via contorcer-se na cadeira, e franzir a testa, olhando impaciente para o marquês, e envergonhada para mim.

Condoído da sua penosa situação, procurei um pretexto para a fazer ausentar da sala. Eu receava-lhe um esvaimento dos muitos frequentes que a atacavam, quando recebia impressões fortes.

E oferecendo-lhe o braço, disse eu:

— É conveniente que a vossa Excelência se retire. Não é bom que saiba tudo que tem relação com a sua vida... E, de

mais, a sua saúde é muito melindrosa... Logo tomará a encontrar-se com o seu mano.

A condessa ergueu-se e retirou-se, fazendo uma ligeira mesura de despedida ao seu irmão.

O marquês olhou-a de revés, lance de olhos muito comum na refinada malícia, ou na estupidez grosseira.

Fechei a porta por onde saíra a condessa, e vim sentar-me ao pé do marquês.

— Ouça Vossa Excelência esta carta — disse-lhe eu — e depois lhe direi quais incentivos me fizeram praticar este acto.

E eu li:

*Excelentíssimo Marquês.*

*Encontra Vossa Excelência no remate desta carta um nome que não conhece. Devo dar-lhe uma definição de quem sou, porque na simples palavra padre que precede o meu nome, não está explicada a minha importância no mundo.*

*Um padre, senhor Marquês, pode exercer no coração da filha de vossa Excelência o domínio que o seu pai não exerce: ministro de Deus, que perscruta o recôndito da alma, vai sondar nas chagas profundas da consciência para aplicar-lhe o bálsamo divino, quando as consolações humanas são impotentes. Muitos gemidos, senhor, que sufocariam uma infeliz, antes que ela, aos pés do seu pai, pudesse balbuciar "pérfido!" ecoam-se através do confessionário, e vão pedir ao coração do sacerdote esse conforto de esperança que Jesus Cristo legou aos representantes da sua caridade para com a samaritana.*

*Eu sou, pois, o mais indigno dos que passam na terra enxugando lágrimas, e inspirando esperanças a quem as chora na desesperação de uma sorte melhor.*

*Vossa Excelência tem uma filha, que chora assim; e eu sou o sacerdote, que, há poucos instantes, lhe ouvi entre soluços uma confissão de erros, que lhe absolvi em nome de Deus, Mas não basta para a sua felicidade na Terra a misericórdia de Deus; é necessário que o seu pai seja misericordioso, é necessário que o seu pai lhe diga:" Ergue-*

*te, minha filha, do abismo de perdição onde te arrojei, julgando que te salvava!”*

*A sua filha, senhor, entrou no Convento de Nazaré, como quem vai expor o lastimável quadro de uma paixão cega entre pessoas, que menos compreendem uma paixão, e mais se horrorizam das suas fatais consequências.*

*Vossa Excelência, quando a arrastou violentamente a essa casa, não sabia que a sua filha tinha pertencido em corpo e alma ao homem de quem a separava.*

*Era tarde para levar ao abrigo da religião a mulher que se perdera sem saber que se perdia. Era tarde para entregá-la ao culto divino, quando uma paixão invencível, e vinculada à existência de um filho, era desgraça de mais para conceder à infeliz amante e mãe alguns minutos de oração com espírito tranquilo.*

*Estas revelações são pungentes, senhor Marquês, mas abençoada dor a que nos livra de uma grande vergonha. A salvação desta menina é possível, porque a sua união com o homem da sua alma vai santificá-la diante de Deus e da sociedade.*

*Permita, senhor, que eu seja o mensageiro do seu perdão. Inspire-se do grande nome dos seus avós, do grande nome de vossa Excelência e do futuro da sua reputação para que as flores da virtude, que começam a murchar na grinalda inocente da sua filha, possam reverdecer, com o seu perdão, e com o seu beneplácito neste casamento, em que a vossa Excelência e dois entes venturosos, poupando o vilipendioso nascimento de um terceiro, que virá depois, neto do marquês de Montezelos, pedir talvez uma esmola de pão aos lacaios do seu avô.*

*Antes destas considerações todas mundanas, deveria eu reclamar de vossa Excelência a caridade evangélica, o amor do próximo, e particularmente os deveres sacrossantos que o prendem a sua filha. Deveria, mas eu compreendo a grandeza da Terra, e lembrou-me que a vossa Excelência não quereria amesquinhar-se aos olhos da sociedade, caprichando na absoluta desonra da sua filha. Terei a honra de procurar hoje de tarde a resposta desta carta, assim como a tenho desde já assinando-me capelão e servo respeitador de vossa Excelência.*

*Padre Dinis Ramalho e Sousa*

— Já vê Vossa Excelência, senhor Marquês, que o seu pai não deixou de apunhalar a filha, e despedaçar o amante da filha, por ignorância. A resposta confirma o facto verdadeiramente. Leia Vossa Excelência.

Era este o conteúdo da resposta, que o marquês leu:

*Não me considero obrigado a dar satisfações dos meus actos, nem tão-pouco a receber conselhos. Como pai pertence-me granjear o futuro da minha filha, embora a opinião pública, com que a vossa Senhoria me ameaça, entenda que o futuro que eu lhe preparo não é o melhor. Vossa Senhoria como sacerdote, a missão mais nobre que tem a cumprir é guardar o segredo que lhe foi revelado em confissão. Eu vou tomar as necessárias medidas para que a minha filha não seja exposta à desonra que a vossa Senhoria receia.*

*Marquês de Montezelos*

O irmão de Ângela dobrou placidamente esta carta, e entregou-ma com a maior indiferença. Eu fiz-me estranho à sua frieza, e continuei:

— Bem sabe Vossa Excelência quais foram as medidas que o seu pai tomou para que a sua filha não fosse exposta à desonra. Mandou-a imediatamente sair do convento, e transportou-a para uma quinta a vinte e cinco léguas de Lisboa.

— Estavam, portanto, inúteis todas as minhas precauções. Foi então que reputei irremediavelmente desgraçada Dona Ângela! A mais cruel das conjeturas que me assaltaram foi o temor de que a infeliz menina fosse morta em torturas surdas às mãos do seu próprio pai. Eu tinha visto a carta que o marquês de Montezelos escrevera ao conde de Alvações. Essa carta prometia esconder numa mortalha o corpo maculado da amante de Dom Pedro da Silva, se por desgraça o estivesse.

— Não lhe direi, senhor, as agonias deste generoso jovem, quando lhe apunhalei o coração com esta nova. Vossa Excelência não pode talvez ouvi-las com piedade, e eu arrependera-me de contar-lhas se lhe não visse uma

lágrima. Basta que lhe diga que esse nobre infeliz caiu, como fulminado, no leito onde, quatro meses depois, proferiu uma palavra, o nome da sua irmã, e cerrou os lábios para sempre.

— Não estava cumprida a minha missão, senhor Marquês. Uns meses depois que a sua irmã foi encerrada na Quinta das Alcáçovas, via-se um homem desconhecido, trajando as vestes de cigano e sustentando a mentira do seu falso modo de vida em vendas e compras de carruagens. Esse homem passara despercebido entre os fidalgos do Alentejo, e conseguira pernoitar na quinta em que vivia Dona Ângela de Lima. ”Quem aí morava, além dela, eram duas criadas, um capelão, um feitor e alguns criados. O desconhecido estabeleceu a sua residência provisória três quartos de légua distantes dessa quinta.

— O cigano pretendeu astuciosamente ver a filha do marquês; mas nem conseguiu vê-la, nem ousou perguntar por ela. Mas os recursos do ardiloso cigano eram imensos, porque a sua vontade era de ferro.

— Num domingo convidou os criados do marquês para sua casa. Deu-lhes um jantar, e fez correr profusamente as

canecas de vinho. Findo o jantar a embriaguez dominava os seus convivas, e o cigano folgava não pelo vinho, mas pelo seu triunfo.

— Quando viu aqueles espíritos a doudejarem nessas expansivas franquezas da embriaguez, pensou que tinha soado a hora das revelações. Falou na filha do marquês, e viu que a perturbação dos seus convidados não era superior ao sigilo que lhe fora imposto. Não instou; mudou de prática, e mudou também de vinho. Pouco depois, quando feriu de leve o assunto da filha do marquês, achou um só homem que lhe respondesse: os outros tinham caído aturdidos com o último trago de vinho que puderam comportar!

— Mas esse único, a quem a Providência conservava de pé, abraçou o cigano pelo pescoço e pediu-lhe que saísse dali, se queria falar à vontade. “Saíram e conversaram durante um quarto de hora apenas, porque o embriagado não pôde suster por mais tempo a sua posição vertical. ”Resta saber o que se passou entre o cigano e o criado do pai de vossa Excelência, “É um lance atrozmente incrível, mas o cigano não era homem que mentisse. Lembra-se

Vossa Excelência de um seu criado por alcunha o Come-Facas?

— Lembro — respondeu o marquês.

— Pois bem; ouça Vossa Excelência as revelações do Come-Facas. ”Este homem fora chamado de uma quinta em que o seu pai o tinha escondido por causa dumas facadas que deram num rival do seu pai, não sei em que desordens noturnas aí para os lados de Belém. O seu pai estimava este homem como um arnês em que fazia resvalar a punhalada que não podia pessoalmente suster. E, demais, o Come-Facas era um íntimo confidente do marquês de Montezelos, e uma cega máquina das suas vinganças em variados lances. ”Foram estas as revelações do amigo do cigano; mas o cigano não limitava a isto a sua curiosidade investigadora. ”Chamando a conversa ao assunto da filha do marquês, encontrou no Come-Facas a mais cordial franqueza, e receou não poder desfrutar-lha muito tempo, porque o seu interlocutor dificilmente se sustinha em pé. ”Soube, portanto, que o foragido fora mandado vir para aquela quinta alguns dias depois que Dona Angela entrara nela. O Come-Facas não viera para ali sem comissão. ao seu

cargo estava vigiar que não entrasse na quinta pessoa suspeita; e, quando nessa pessoa fosse reconhecido o filho segundo do conde de Alvações, podia ele, confidente, disparar-lhe um tiro, de modo que não houvesse grande pena em esconder o cadáver dos olhos da justiça. Era hediondamente feroz esta missão; mas o horrível dela tem alguma coisa mais grandiosa em atrocidade! ”Come-Facas fora encarregado de receber em tempo oportuno uma criança, que devia ser-lhe entregue por uma mulher. Esta criança, senhor Marquês, antes de receber o primeiro beijo da sua mãe e a palavra de Cristo, que a chamava à redenção, devia soltar um vagido de morte entre as mãos do infanticida, a cujo cuidado ficava lançar-lhe em cima algumas pás da terra. ”Parece que se horroriza, senhor Marquês!... O cigano também recuou horrorizado diante do assassino, que já não pôde ver a impressão que causara no seu hóspede, porque dera em terra com a última palavra do seu programa sanguinário. ”O cigano tomou nos braços este homem, transportou-o à sua cama, e deitou-o com o carinho com que deitaria um seu irmão! E, depois, sentou-se à cabeceira do embriagado e velou-lhe o sono profundo, até que, alta noite, a digestão se fizera, e o espírito do seu

comensal procurava recordar-se da razão porque ali estava. “Come-Facas ergueu-se prazenteiro, e chamou pelos camaradas. O cigano sondou-o, antes que os seus camaradas viessem, procurando-lhe algumas reminiscências da conversa que tiveram. ”Não tinha nenhuma; lembrava-se apenas que bebera algumas canadas de belo vinho, e confessara que se sentia disposto para uma nova bambochata. O cigano, a ele só em particular, e a título de especial simpatia, convidou-o para o dia seguinte cear com ele, depois que a sua saída da quinta se não fizesse notada. ”No dia seguinte à noite, o cigano esperava com ansiedade o homem a quem apertara a mão e chamara amigo; não obstante, porém, este lisonjeiro título que lhe dera, o cigano preparou-se para receber o amigo como quem espera lutar com um assassino; meteu duas pistolas num cinturão e uma faca de mato no bolso da sua jaqueta de peles. “Come-Facas não era homem que faltasse. A mesa estava posta, o vinho provocara o apetite e o convidado cedia galhardamente à provocação. Antes, porém, que o rubor da embriaguez lhe subisse ao rosto, o cigano tirou da algibeira uma saca de ouro e atirou-o sobre a mesa.

— Que é isto? — perguntou o Come-Facas.

— É ouro — respondeu o cigano. — Conta-o, e chama-lhe teu se me fizeres um serviço, que não te custa nada. ”O homem abriu com sofreguidão a bolsa, e contou quarenta peças.

— Diabo! — exclamou ele —, tu és rico! A quem roubaste este dinheiro?

— Que te importa? — disse o cigano. — É teu se me venderes a criança que o marquês de Montezelos te mandou matar!

— Come-Facas ergueu-se de um pulo, e cravou no cigano uns olhos onde regurgitava o sangue da ferocidade surpreendida.

— Quem te disse isso, alma de mil diabos? — exclamou ele, levando a mão ao cabo do punhal.

— Tu! — respondeu serenamente o cigano, apontando-lhe ao peito a boca de uma pistola. ”Come-Facas estacou nesse espasmo estúpido, tão vulgar em gente da sua condição. Deixou o seu punhal na bainha, com repugnância, e cedeu prontamente não sei se à boca da pistola, se ao espanto em

que o deixara aquele tu! proferido com a mais firme presença de corpo, que para tal homem valia mais que a presença de espírito.

— Senta-te — lhe disse o cigano, metendo tranquilamente a pistola no correão —, senta-te, e conversa comigo em boa amizade. Tu bem vês que eu sei o teu passado, o teu presente e o teu futuro. Bem vês que eu se não simpatizasse com a tua cara, podia entregar-te à justiça, e não só dar cabo de ti, mas até atirar com o teu amo às Pedras Negras. Vê lá como são as coisas! Não só te não faço mal, mas até te quero dar dinheiro, e livrar-te, por tal preço, de matares uma criancinha.

— Mas que demónio te disse que eu queria matar a tal criança?

— Já te disse que foste tu em carne e osso. Estavas bêbado, homem... acabemos com isto; foi o vinho que te fez franco como deve ser um leal amigo. Não te lembras que jantaste ontem comigo? “-Oh!, diabo!, então os outros criados do marquês ouviram!... com mil raios estou perdido!...

— Não ouviram nada... quando tu falaste a sós e eles ressonavam como três porcos a grunhir!... Por isso fico eu.

O segredo até ontem era de três, agora é de quatro... Tu recebes a criança: não a matas, entregas-ma, recebes quarenta peças e dizes ao marquês que a criança está enterrada...

— E tu para que queres essa criança?

— Que te importa a ti? Imagina que quero um enjeitado de quem hei de fazer um potreiro de primeira ordem, e um pequeno cigano, fino como o diabo!... Eu sou rico, e não tenho filho nem filha, nem mulher nem sobrinho que me caísse no goto cá para o modo de vida em que me vês; e quem houver de apanhar-me as manadas de potros há de ser homem de se atirar em pêlo para cima de uma faca, e saltar por cima de ti. Ora a tal criança, se for rapariga, hás de vê-la daqui a doze anos a fugir como um raio por essas campinas sobre a melhor égua do Alentejo. Se for rapaz, isso então, meu caro, há de ser como se quer. Neto do marquês e de condes, há de ter costela de cigano a preceito. Os fidalgos da nossa terra são a raça que mais se confunde com a nossa. Não há cigano que lhe bote água às

mãos aí nas feiras. Palmada que deem na anca de um cavalo de nora fazem-no estremecer como um ginete puritano de Alter, ferrado pelos acicates do mais hábil Marialva. Ora aí tens para que eu quero a tal criança. Se fosse teu filho não me servia de nada, porque de um ótimo jogador de faca nunca pode sair um sofrível picador. Lá de neto do marquês de Montezelos, eu te prometo, que se as bexigas o não lamberem, hei de fazer o primeiro cigano das províncias do Sul. Que mais queres que te diga? Vendes a vida da criança por quarenta peças?

— Homem!, tu queres-me pôr a perder!...

— És um asno... Perdido estás tu, se eu quiser: pelo menos nem matas a criança, nem recebes quarenta peças... Eu vou daqui direito a Elvas, falo com o corregedor, e digo-lhe que a filha do marquês de Montezelos está como nós sabemos, e que tenho minhas razões para supor que o menino ou menina há de ser espatifado logo que saia do ventre... Que te parece que fará o corregedor? Intima imediatamente o pai para que lhe apresente o neto vivo ou morto...

— E que tem lá isso?... apresenta-lho o morto...

— Mas isso é o que não quer o Marquês. Tu pensas que vais matar essa criança para que não venha a suceder nalguma grande herança? Qual herança nem qual cabaça!... O caso é outro. O que o marquês não quer é que se saiba que a filha teve um filho bastardo... Entendes-me, parvo?

— Vou-te entendendo...

— Ora se o corregedor o sabe, faz de conta que o sabem quinhentos marotos que ele tem em volta de si, que vem a ser escrivães, meirinhos gerais, meirinhos particulares, oficiais de diligências, guardas, águazis, finalmente as escoalhas mais podres da humanidade... Entendeste agora?

— Está dito! Dou-te a criança, palavra de honra!

“-E eu dou-te trezentos mil réis, com que tu podes viver um ano honradamente sem dares uma facada no teu semelhante. Fazes uma ação boa e podes, com o dinheiro que te dou, arranjar um modo de vida que te resgate desse ofício de carrasco em que estás atrelado às popas do marquês de Montezelos.

— Eis aqui, senhor Marquês, a parte mais interessante do diálogo, que tiveram o seu criado Come-Facas, e o cigano.

— No fim de três meses, às duas horas da noite, foi acordado o cigano para receber o recém-nascido. Era um menino, embrulhado nas dobras de um saco, e comprimido na boca por um lenço que a generosa parteira não apertou de mais, porque quis desviar de si a maior responsabilidade do infanticídio.

— Não obstante, a criancinha vinha quase morta, e começou a reviver nos braços de uma ama de leite que o cigano tinha consigo.

— Poucas horas depois, o cigano abandonava os lugares onde vivera quatro meses, trespassara a grossa manada de cavalos que tinha, e desaparecia no Alentejo, onde nunca mais foi visto, nem mais notícia sua pôde chegar...

— Isso parece-me uma novela, senhor padre! — interrompeu o marquês. — Pois não houve mais notícia desse cigano?!... quem nos afiança que tal cigano existiu!

Afiança-lho o próprio cigano, senhor Marquês. O padre Dinis de hoje não deixa mentir o cigano de há quinze anos.

— Então Vossa Senhoria conheceu-o?

— Perfeitamente; se bem que raras são as pessoas que se conhecem... O cigano era eu, senhor; espero portanto que acredite na minha existência senão pertence à escola dos pirrónicos.

O marquês encarava-me com um certo olhar reflexivo em que o respeito e o espanto se combinavam.

Eu continuei:

— Tomei a meu cargo a criação do filho da sua irmã, senhor Marquês. O pai do menino a essas horas estava nas vascas da morte. Ainda o viu, e gravou-lhe nos lábios um beijo, para que o entregasse a sua mãe um dia, ou lho restituísse na presença de Deus, onde esperava encontrá-lo. Na minha presença, e nesses dolorosos instantes, é que Dom Pedro da Silva escreveu uma carta à mãe do seu filho, pedindo-lhe proteção para ele, se um dia tivesse proporções de dar-lha. Essa carta, que eu pude em tempo fazer chegar às mãos da sua irmã, com a notícia da existência do seu filho, é a mesma carta que a vossa Excelência viu, e é justamente o alvará do algoz, que

apresenta o conde de Santa Bárbara, se lhe pedem explicação do direito com que martiriza sua mulher.

— Entretanto, senhor Marquês, seu pai, desembaraçado dessa criança que, sem falar, apregoaria alta voz a desonra da sua mãe, chamou-a para sua companhia, tratou-a carinhosamente, e lamentou com ela a morte de Dom Pedro da Silva! O cinismo do seu pai, senhor Marquês, envergonharia Diógenes! Essas flores de saudades, depostas pela mão do marquês de Montezelos no túmulo do amante da sua filha, são o mais aviltante escarro que podia cuspir-lhe na face morta! É quando eu creio que o cadáver estremece do túmulo, e que a justiça de Deus recua espavorida diante dos crimes dos homens!...”Dona Ângela aparecia, passado um ano, nos salões. Era aí arrastada pelo seu pai, quando a não seguia, silenciosa e humilde, como quem receava desafiar-lhe as iras.

— O conde de Santa Bárbara era um rapaz órfão aos dezasseis anos, senhor de três milhões de cruzados e dissipador de grandes créditos, que contraía sobre grandes usuras garantidas no futuro.

— O seu pai começou a meter-lhe à cara sua irmã, sua irmã porém, nunca encontrou os olhos do jovem conde sem corresponder-lhe com soberano desprezo. A infeliz menina devorava-se por dentro, chamando no seu auxílio a imagem do homem que morrera quando lutava com o pai, que lhe impunha despoticamente o amor do conde.

— A luta era desigual. Dona Ângela não teve coragem de ceder a vida às ameaças do seu pai. Quando se viu abandonada de todos, recorreu ao próprio conde, pedindo-lhe que a não amasse, que desistisse de um coração que não podia dar-lhe, que a desprezasse publicamente, e ela, em particular lho agradeceria com as mãos erguidas.

— Falava com um rapaz, sem brios, sem nobreza de alma e sem esse amor-próprio que raras vezes se extingue na mais depravada alma. ”O miserável revelou ao marquês as súplicas que tivera da sua filha. O marquês prometeu-lhe organizar um novo coração à sua futura esposa, contanto que ele estivesse disposto a emprestar-lhe uns quarenta contos com que queria endireitar a sua casa, e a dotar com outros quarenta a sua filha. ”O conde não falhava a nenhuma condição das que lhe eram impostas. Apaixonara-

se, e faltava-lhe, como já disse, aquele nobre orgulho que nos faz renunciar altivamente uma mulher que nos pede o nosso ódio por comiseração!

— Tratou, portanto, o marquês, de organizar um novo coração à futura esposa do conde. ”Proponho-lhe o programa do seu processo, senhor Marquês: era muito simples. Constava da tortura corporal. Fechava-se num quarto com ela. Roxeava-lhe o corpo com disciplinas, e alimentava-lhe a vida com alguns caldos, para no dia imediato achar um corpo vivo onde repetir as experiências do processo, que ele chamava infalível. Ângela estava disposta a deixar-se matar. Pediu um confessor. O pai não lho negou, e louvou-lhe a lembrança. Apareceu-lhe um padre, cuja consciência o marquês amoldara pela sua. A inocente viu a vingança de Deus sobre sua cabeça, e convenceu-se de que era ré de desobediência ao seu pai. O padre, comicamente horrorizado, pintou-lhe uma legião dos demónios de vários feitios, que vinham buscá-la em corpo e alma para as abrasadas entranhas do inferno. A infeliz chorou, gritou, desmaiou, e pediu o perdão do seu pai, se ainda era tempo de suster a vingança de Deus. O crime

estava consumado. Com vergonha e compaixão declaro que a mão de um meu colega pôs a pedra angular neste edifício de imoralidade!” Efetivamente o coração da futura esposa do conde de Santa Bárbara recebera uma nova organização.

— Apenas os vestígios da maceração desapareceram da face de Dona Ângela de Lima, o conde, recebido em casa do seu futuro sogro, encontrou um sorriso nos lábios da filha. ”E que sorriso, senhor Marquês! Era a fiel expressão da mártir involuntária, a quem pintam Deus como um tirano, que delega no seu pai o direito de tiranizar-lhe o coração! ”O seu pai acelerava o casamento. Vencera, com ameaças, a resistência do tutor do conde, e iludira a vigilância dos parentes, que o estorvavam, chamando para um casamento clandestino o mesmo pároco, a quem pagara a confissão da sua filha. ”Não se dava neste negócio imoral um passo que me fosse oculto. Eu travei relações com o cura do pároco, por quem o marquês repartia um quinhão de confiança íntima, igual àquela que depositara no Come-Facas. ”Conseguiu saber o dia do casamento, a hora e a menor circunstância desse sacramento sacrílego, embora as leis

civis sancionem a relaxidão eclesiástica. ”Dona Ângela de Lima era já condessa de Santa Bárbara. Às duas horas da noite, o ministro de Deus, que vinculara para sempre aquelas almas por um vínculo de Satanás, lavrara no chamado livro dos casamentos a ata de adjudicação de uma mulher, que fora ali ajoelhar-se aos pés do altar, ao lado do seu dono, mas que fora ali impelida pelo terror das penas intermináveis do inferno, que o seu confessor lhe abrira. ”O templo estava escuro na sua maior extensão. Apenas finda a cerimónia, o marquês e o genro entraram na sacristia para assinarem o assento do casamento. ”Dona Ângela ficou orando, e eu, pouco distante, orara também por ela. ”Quando vi o conde curvado sobre o livro lutando naturalmente com as dificuldades de escrever o seu nome, pé ante pé aproximei-me de Ângela, e entreguei-lhe uma carta. ”A pobre menina, assustada, deixou-a cair. Disse-lhe o meu nome, e ela, trémula como a haste de uma flor que não suporta uma comoção ligeira, tomou a carta do estrado e vacilou muito tempo perturbada, sem saber onde a escondesse. ”Chamada para assinar, a condessa de Santa Bárbara ao perpassar por mim, murmurou estas palavras:

— Perderam-me... para sempre! ”As portas da igreja fecharam-se. Uma carruagem, cujo frémito ao longe se perdia, levava da casa do Senhor uma mulher que viera, no altar do justo, receber na cara o estigma da sua escravidão. O código de Jesus Cristo, interpretado pelo seu ministro, santificara esse estigma com o pomposo título de sacramento! E eu, sozinho no adro do templo, com o peito varado de agonias, que me faziam prevaricar na fé, dizia a sós com a minha alma: “Se não existisse o altar, se não existisse o templo, se não existisse o padre, se o ateísmo fosse a suprema razão da humanidade, aquela infeliz não seria agora escrava. Porque o altar é uma irrisão à fé, o templo foi constituído um escritório de venda da alma e corpo; e o padre é ai como a porteira do lupanar, que conduz pela mão o primeiro que lhe paga à câmara da mulher perdida, que se vende.? ”E, levantando os olhos para o céu, tremi horrorizado dos meus juízos. Pareceu-me que a minha blasfémia fora insculpida no astro da noite, como uma nódoa negra, através da qual me velava o olho da justiça de Deus. E senti curvarem-se-me os joelhos, quando a palavra “perdão!? se me desprendeu dos lábios como um grito atribulado do remorso...

— A carta, que eu entregara à condessa de Santa Bárbara era a do pai do seu filho, escrita nos transes do passamento. Acompanhava-a um bilhete meu, em que lhe indicava a minha residência, onde poderia alguma vez receber notícias do seu filho.

— Não sei dizer-lhe, senhor Marquês, o acolhimento que a sua irmã encontrou nos braços do marido a quem seu pai a vendera. É certo, porém, que no dia imediato ao do casamento, a condessa de Santa Bárbara, no cúmulo de uma desesperação que eu não sei, nem quereria, ainda que soubesse, definir-lhe, desprezou as penas do inferno com que fora ameaçada pelo crime de desobediência ao seu pai. Tanto assim foi, que ela proibiu tanto ao marquês de Montezelos como a Vossa Excelência a entrada na sua casa. ”E como seu pai lhe lembrasse o ardente fogo com que o confessor a ameaçara, sei que ela teve a coragem de responder-lhe, que, escrava do seu marido, estava isenta de ser escrava do seu pai, porque o não podia ser de dois senhores. É isto verdade, senhor Marquês?

— Foi assim; e eu por isso, há quinze anos que não via minha irmã, nem meu pai tornou a vê-la, nem mesmo à

hora da morte conseguiu que ela o visitasse.

— Eu digo-lhe, senhor Marquês... quando seu pai se debatia nas agonias da morte, que lhe duraram quatro meses, estava a condessa de Santa Bárbara fechada num quarto, privada de luz, privada de alimentos, e incomunicável, para todas as pessoas, que não fossem o verdugo que o seu pai lhe escolhera, e um criado fiel que a Providência lhe deparara.

— O seu pai, senhor, morreu sem que a sua irmã o soubesse, porque o conde lhe não deu tal nova, receando com isto dar-lhe prazer.

— E porque estava minha irmã fechada num quarto?!

— Durou oito anos essa atribulada situação... pouco mais posso dizer-lhe...

— Pois não se explica essa atrocidade?

— Todas as atrocidades se explicam. Medite bem Vossa Excelência, e poupe-me o dissabor de lembrar-lhe que a sua irmã fora amante e mãe, antes de ser esposa...

— Não o compreendo bem...

— É incrível!... Vossa Excelência crê que a bênção nupcial tenha o poder de fazer virgens?

— Não... — Basta, pois; se me não compreende agora, deixe-me dar-lhe uma segunda explicação que vem confirmar a primeira. ”Poucos dias tinha sua irmã de casada quando o conde de Santa Bárbara, revistando-lhe os livros das suas orações, encontrou a carta que Dom Pedro da Silva lhe escrevera. As suspeitas do marido já não podiam ser iludidas por algum defeito de organização. Da carta constava em plena luz que a sua mulher fora amante, e fora mãe, e tinha um filho, vivo, entregue à educação de um padre, e recomendado à hora da morte, pelo pai aos desvelos da sua amante. Tudo o mais que eu disser para explicar-lhe a reclusão da sua irmã durante oito anos é uma ociosidade em mim, e uma impertinência no senhor Marquês.

— Compreendo perfeitamente, mas Vossa Senhoria que é o padre, e sabe das coisas de Deus, me dirá se a minha irmã não estava sendo providencialmente punida da sua falta...

— Não blasfeme, senhor Marquês! Deus não permite que o instrumento da sua justiça seja um homem que dá um tiro no generoso amante da sua filha, que lhe manda esganar o filho, que a vende por quarenta contos de réis, e que a faz passar do tálamo, onde subira desonrada, a um potro de torturas, onde seu marido a faz expiar a traição que o sogro lhe fizera... Eu detesto a hipocrisia, ainda mais que a estupidez. Vossa Excelência deu-se agora um ar beatífico, nessa profunda veneração à Providência, que me fez descoroçoar de colher os frutos que esperava desta sementeira de palavras, arrancadas com dificuldades ao coração...”Franqueza, senhor! Que impressão lhe tem feito a história da sua irmã? Quer entregá-la ao marido?

— Não, senhor. — Quer abandoná-la à miséria?

— Eu, por mim, decerto não posso dar-lhe um opulência que não tenho. A minha casa está empenhada...

— Pois seu pai não a endireitou, como ele dizia, com os quarenta contos da mercancia da filha?

— Não sei que fim levaram esses quarenta contos! Meu pai morreu devendo oitenta, e eu devo cento e vinte.

— E que lhe parece, senhor Marquês: chegaria agora a ocasião de eu falar-lhe da punição providencial, sem para isso fazer trejeitos beatíficos?

— Será punição providencial: mas eu não posso ser responsável das injustiças do meu pai com a minha irmã...

— Vossa Excelência nesse drama sanguinário tem a sua cena, e é preciso que se lave com alguma ação, que lhe não deixe ver aos meus olhos a face borrifada de sangue...

— De sangue?!

— Que dúvida, senhor. Já se esqueceu da facilidade com que desfechou uma clavina sobre Dom Pedro da Silva?

— Quem lho disse para afirmá-lo tão audaciosamente?

— A terceira pessoa dessa covarde emboscada. Come-Facas, quando estava bêbado, era verdadeiro como Epaminondas tebano... O crime passou, senhor Marquês: a sua pouca idade desculpa-o; mas o remorso é o nobre sentimento de um criminoso. Condoa-se das gotas de fel que lançou no cálix da sua irmã: lembre-se que lhe ulcerou o coração de chagas profundas, cujas dores só o amor pode mitigar-lhe. Dê um pouco de amor de irmão a esta infeliz

senhora. Estanque-lhe as lágrimas com palavras ungidas desse bálsamo de esperança, que ela, coitadinha, pede, porque o seu espírito não pode nutrir-se de agonias somente.

— Que posso eu fazer-lhe, senhor padre Dinis? Não me dirá?

Ainda as últimas palavras desta glacial pergunta não estavam proferidas, quando a porta da sala se abriu, e a condessa de Santa Bárbara, formosa de um nobre orgulho, que lhe reverberava no rosto, exclamou:

— Desprezar-me!... É o maior serviço que pode fazer-me meu irmão: é uma justa recompensa do sentimento que me inspira há quinze anos!

A energia destas palavras, e a nobre soberba do gesto que as acompanhara, envergonhou o marquês, e encheu-me a mim de satisfação.

Parece que um fio elétrico fizera voar o meu pensamento ao espírito de D. Ângela! Era justamente aquela resposta que eu quisera dar-lhe; mas a consciência acusava-me de

ter eu sido o condutor daquele homem à presença da sua irmã.

O marquês, impassível, depois da surpresa que o envergonhara e rapidamente se desvanecera, ergueu-se, tomou o chapéu, e fazia uma despedida em retirada, quando a condessa, soberbamente altiva, tragicamente bela desses grandiosos rasgos de um orgulho corajoso, lhe estendeu a mão, indicando-lhe a cadeira em que devia sentar-se.

Nunca eu vira, nem verei, situação real na vida que melhor faça compreender as posturas heroicas em que o cinzel grego aprimorava a glória da arte! Senti os calafrios do entusiasmo! Cuidei que os lances da tragédia não podiam naturalizar-se fora da cena; cuidei que a mulher, fraca e pobre de valentia moral dos grandes padecimentos, não podia, sem estudo, impor-se magnífica e majestosa, apesar de acurvada sob o peso da afronta e do desprezo!

O marquês sentara-se, como se um braço invisível o obrigasse. Fascinara-o talvez o olhar da sua irmã! Em mim, pelo entusiasmo e pelo ascendente do remorso ou da vergonha, a fascinação era real.

A condessa sentou-se também; cravou no irmão os seus olhos coléricos; limpou as bagas de suor que lhe banhavam a testa, e deu a cada uma destas palavras um tom de angústia, de severidade e de arrogância, que eu apenas posso recordar, e não insisto em descrever:

— É preciso que me ouça, meu irmão. Há quinze anos que não nos vimos: fui eu que o afastei com indignação da minha presença: lembro-lhe este facto, porque não duvido que o marquês de Montezelos tivesse a cínica audácia de procurar ver-me no fundo do abismo a que me atirou com a ponta do pé. O ódio silencioso é um cancro que devora o coração. O martírio que me infligiram meu pai e o meu irmão foi-me tanto mais dilacerante quanto eu sofreei em mim o grito da desgraça que eles deviam ouvir-me. Calei-me. Deixei-me arder neste inferno íntimo, onde as esperanças em Deus parece que se extinguem no fogo da desesperação nos homens... Nunca fora do meu quarto se ouviu um gemido! Nunca pedi consolações aos meus nem aos estranhos! Bebi silenciosa o meu trago de fel, na taça que o meu marido me chegava violentamente aos lábios. Aprendera assim a humildade, quando me ensaiei por

flagelos que recebi do meu pai. Bem sabe, meu irmão, que eu sofria os seus desprezos com o rosto risonho. Lembre-se que recebi insultos seus, quando lhe chamava irmão porque, dizia o mano... era injuriar-lhe o nobre sangue que lhe girava nas veias. Eu injuriava-o porque não queria ser mulher do conde de Santa Bárbara, de quem o mano esperava receber quarenta contos de réis para desempenhar o seu vínculo. Eu injuriava-o porque não queria pagar com o meu corpo os desperdícios do meu pai, nem a herança do meu irmão. Eu injuriava-o, enfim, porque receava ser a vítima expiatória da traição que o meu pai e o meu irmão fariam ao meu marido, entregando-lhe ardilosamente uma mulher que não podia ser sua... porque fora de outro... Apenas casei, meu irmão, o sangue que girava nas suas veias, de nobre que era degenerou para servil. Enojou-me quando o vi sentado ao meu lado nos salões da condessa de Santa Bárbara, a quem chamava afetuosamente irmã, e a quem pedia perdão de a ter trazido à força ao trono da opulência em que a via sentada. Lembra-se muito bem que o encarei com uma certa compaixão que se dói do carácter rasteiro. Ao pé de mim estava o conde de Santa Bárbara, por quem meu irmão

repartia as suas baixas adulações, visto que estava próximo o dia de receber os quarenta contos de réis estipulados na venda da escrava, cuja liberdade era injuriosa ao nobre sangue que girava nas veias do meu irmão. Quando soube que estavam no seu poder os quarenta contos, e que a minha repulsa já não podia tolher-lhes o ganho da sua veniaga, mandei retirar da minha presença um bárbaro que se chamava pai, e um filho digno desse homem a quem eu me envergonhava de chamar irmão.

— Certo que os não vexei, porque lhes reputo o carácter invulnerável ao mais cortante vexame. Durante quinze anos não pude esquecê-los, porque de instante a instante cá sentia no coração profundar-se a chaga que eles me abriram. Depois do ódio, viria o desprezo; mas o ódio perpetuava-se com as dores do flagelo, que passou das mãos do meu pai e do meu irmão para as do meu marido. Saiba, senhor, que não fui eu que o mandei chamar depois de quinze anos. Foi o voto espontâneo deste meu benfeitor, a quem, pela primeira vez, tive de repreender uma ação. A sua presença recebi-a como um ultraje; e ainda assim tive a fraqueza de apertar-lhe a mão. Quando ouvi perguntar que

poderia o marquês de Montezelos fazer no meu favor, respondi, mas não respondi plenamente. Sabia, pois, meu irmão, que sou a condessa de Santa Bárbara, vendida por oitenta contos. O preço do meu corpo é todo meu, compreende-me, senhor?

— Não — respondeu rapidamente o marquês, fixando no chão os olhos rancorosos.

— Não? — disse ela. — Pois eu digo-lhe. Poucos dias antes da minha fuga da casa do conde de Santa Bárbara, disse-me este homem que fosse a casa do meu irmão receber quarenta contos de réis que lhe emprestara há quinze anos, e que vivesse deles longe da sua vista; e dizendo-me isto, atirou-me com um título de dívida... Ei-lo aqui... preciso ser embolsada... A mulher vendida reclama o preço do seu corpo.

A condessa proferiu as últimas palavras já de pé, com o título da dívida aberto, e voltado para o marquês. Este, imóvel e estupefacto, viu-a virar-lhe as costas e sumir-se pela porta por onde, há pouco, entrara.

Eu quis ainda atalhar o último lance desta cena; mas fiquei surpreendido com aquele título. A condessa era tão nobre que não quisera mais cedo, mostrar-me tal documento, receosa de que eu lhe aconselhasse que o pusesse em juízo.

O marquês, superior a todas as afrontas, depois do primeiro choque, reanimou-se dos espíritos da sua herdada depravação, e sorriu-se como por desprezo.

— Não me parece justo que se ria, senhor Marquês! — disse-lhe eu. — Essa valentia moral com que a vossa Excelência afronta desprezivelmente as aflições da sua irmã não lhe é honrosa, nem mesmo proveitosa. Eu, pela minha parte, declaro-lhe que esta senhora não precisa de alguém que a proteja no caso de querer embolsar-se judicialmente dos quarenta contos que a vossa Excelência lhe deve. Eu, que lhe salvei o filho, hei de ser um tão bom procurador como fui cigano e como tenho sido ministro de Deus ao pé do seu pai, de vossa Excelência, dela e do pai do seu filho.

— O que a vossa Senhoria quiser — disse o marquês desenfastiadamente, e desceu as escadas trauteando não

sei que estribilho galhofeiro, dos que se ouvem nas orgias taverneira “do Bairro Alto.”

Suspenderei aqui a cópia do Livro Negro de padre Dinis.

## CAPÍTULO XIV

O conde de Santa Bárbara era um desses muitos maridos corajosos que recebem, sem vacilar, o golpe de uma afronta que as suas mulheres lhes dão. Essa coragem não é, porém, uma qualidade nobre. É o cinismo, o extremo oposto da honra, que, por uma dessas analogias dos extremos, se parece muito com a virtuosa resignação. O conde não fora afrontado pela sua mulher; mas, enquanto não soubesse os passos que ela dera fora de casa, deveria julgar que o fora. Não é preciso que um homem seja honrado para calar em si o vexame de uma preferência, que lhe fere o orgulho; mas é rigorosamente preciso que seja de índole estragada, até à lástima, o marido que proclama a desonra da mulher para justificar a sua. Tal fora o conde de Santa Bárbara. Quando a consciência lhe dizia que a sua mulher fugira debaixo daquele teto, onde a desesperação e a tortura lhe golpeavam a vida num vagaroso paroxismo, esse homem excecional vingava-se da infeliz, que não quisera morrer às

suas mãos, apregoando-a adúltera, e adúltera das que abandonam seus bondosos maridos para se hospedarem em casa do seus amantes. se a minha virtuosa mãe se suicidasse, o conde de Santa Bárbara talvez dissesse que uma paixão violenta por um amante, que a desprezara, a impelira a esse vergonhoso delírio.

Padre Dinis prometera espreitar os passos do conde. As revelações feitas pelo marquês de Montezelos poupavam-no a diligências. O carácter do primeiro estava definido, e o do segundo também.

O conde não alterou o programa com que voltara de Santarém. Poucos dias depois que entrara em casa, viram-no sair com a galharda presença de um homem, que leva no rosto a paz da consciência. Algumas horas antes saíra uma traquitana com as portinholas cerradas. Quem dentro ia era a criada, o anjo da sublime paixão do conde. Anjo sublime lhe chamo eu, e não é por ironia que o digo. Para certos caracteres são aquelas mulheres os anjos, e nem eu sei se é judicioso criticar um homem que viu a sua felicidade, onde nós veríamos a nossa desgraça... Quem preveria então o que esta mulher foi depois?...

Antes de partir, o conde recebera a visita das primeiras pessoas de Lisboa, que por cerimónia se interessavam da sua saúde. Para este culto respeitoso muito concorria a valiosa importância que o conde tinha ao pé de D. Miguel. As ilações que um político poderia tirar desta simpatia, desta aproximação, desta importância, não importam nada ao romancista que escreve uma história contemporânea; mas tantas são elas, e de tanto alcance na perda inexplicável das instituições políticas em vigor até 1833, que muito valia a pena dissecá-las, sem receios de resvalar com o escalpelo pela face de alguns que ainda vivem.

Ora o conde de Santa Bárbara a cada amigo que lhe perguntava pela condessa contava-lhe, com ar de constrangimento, a história da sua mulher, enquanto solteira, a má vida que lhe dera como casada, e, por fim, o seu avilante e inqualificável procedimento no abandono em que o deixara, refugiando-se não sabia ele aonde, com o homem, por quem fora preferido.

Minha mãe, portanto, era o alimento ignóbil das conversas das salas e das praças, quando o conde de Santa Bárbara, contente de si, e firme com todo o peso da sua

perversidade, abandonava Lisboa e sonhava voluptuosamente uma quadra de venturas novas, que tão risonhas lhe prometia o terno sorriso da sua amada Eugénia.

Padre Dinis, com o coração cheio de amargura e os lábios cerrados pela compaixão que tinha da minha mãe, calou a vil reputação em que a pobre senhora estava sendo conceituada. Era fulminá-la, talvez, uma semelhante denúncia.

Mas o padre não podia, com mais ânsia, zelar a honra de uma filha, cuja inocência lhe fosse uma convicção tão íntima como a probidade da minha mãe.

O primeiro passo dado pelo padre foi o único que podia dar-se em favor da minha mãe. Apresentou no tribunal, onde se tratam sevícias e castigam caluniadores, uma petição que não era só petição, mas um apelo que a condessa de Santa Bárbara fazia ao seu marido para repetir as infâmias que lhe imputara na presença das pessoas que as propalavam em Lisboa.

Este requerimento da minha mãe produziu uma profunda sensação de remorsos naqueles que a arrastaram ao pelourinho das praças, segundo a vontade do seu marido.

Era necessário que voltasse o conde para responder à interrogação, ao grito aflitivo, às sagradas exigências da sua mulher. A minha mãe tinha uma proteção única: era o padre, que, apenas lhe pedira a sua assinatura, num papel em branco, porque não queria fazê-la sabedora do estigma que lhe cuspiram na face, senão depois que ela já o não sentisse.

À hora em que o requerimento era despachado, o conde de Santa Bárbara chegava a Santarém. Ao apear-se do seu cavalo, chegou à portinhola da traquitana, oferecendo o braço à criada, que se viu embaraçada com o cortejo das pessoas, que a reputaram condessa de Santa Bárbara.

O conde entrou melancólico no quarto da hospedaria, e queixou-se de uma dor física que o não deixava respirar. Esta dor cresceu com sintomas assustadores, e os facultativos que rodeavam o leito do conde olhavam-se mutuamente com esse olhar de desconfiança que aterra um enfermo. A ideia da morte apresenta-se a um perverso com

“um cortejo de flagelos, que não sabemos se lhe mordem a consciência varada de remorsos, se lhe despertam a ansiedade da vida para novos crimes.

Algumas horas depois que a dor parecera apertá-lo nos seus braços de ferro até sufocá-lo, o conde sentira alívio, contorcia-se menos, mas desfalecera numa completa atonia do corpo. Uma febre violenta sobreveio-lhe imediatamente, e os médicos declararam-no perigoso.

Vinte e quatro horas depois, apeavam na mesma hospedaria um escrivão e um meirinho geral, perguntando, não pelo conde, que o não supunham ali, mas pelo tempo que lhes seria necessário para alcançá-lo. Entre estes homens de justiça via-se um outro. Era padre Dinis, que se despedira de nós por dois ou três dias indispensáveis para negócios seus.

Outro qualquer vacilaria, antes de levar uma citação vilipendiosa à cabeceira de um enfermo gravemente perigoso. O padre não. Os enviados do juiz de fora pareciam hesitar, encarando a farda agaloada dos lacaios do conde, que, encostados à porta do quarto do seu amo,

esperavam as ordens que lhes eram transmitidas pela serva carinhosa, que não abandonava o leito do seu enfermo.

O padre, porém, instigava-os com a lei, e com o seu ar de soberania menos fácil de ser desobedecido, que a lei de ser sofismada pela simples vista das librés do nobre conde de Santa Bárbara.

A antecâmara do ilustre enfermo estava cheia de fidalgos de Santarém, que vinham respeitosamente depor nas mãos da criada, como costumava dizer-se, os seus profundos sentimentos pelos incómodos do conde.

Padre Dinis, o escrivão e o meirinho atravessaram a sala destes senhores maravilhados do que viam. já com a mão no fecho da porta, que abria para o quarto do conde, padre Dinis, voltando-se para os grupos de fidalgos que o contemplavam absortos, disse com delicadeza e intimativa: ”Peço a Vossas Excelências, que se demorem alguns minutos, porque a sua presença vai ser necessária para uma obra honrosa.”

E entrou no quarto do conde de Santa Bárbara.

O conde estava com a cabeça inclinada sobre o ombro da criada, que recebia, numa postura graciosa, o doce fardo do seu senhor.

Surpreendido pelo ruído da porta, que rapidamente se abrira, o febricitante abriu os olhos, e cuidou ver mais três fidalgos da comitiva, que não cessavam de visitá-lo.

Padre Dinis cortejou ligeiramente o conde, e olhou de revés com estudado desprezo a enfermeira, que, pela indiferença, parecia convencer-se da honesta missão que preenchia à cabeceira do doente.

— Quem são Vossas Excelências? — perguntou o conde, esforçando-se em receber com a gravidade heráldica que o caso pedia, os recém-chegados.

— Pelo tratamento que nos dá — respondeu o padre — bem se vê que não temos a honra de ter relações com a vossa Excelência. Eu sou o padre que neste momento, contra os cânones, acumula de alguma forma as funções de procurador de causas. Este senhor é escrivão da Terceira Vara, estoutro é um meirinho.

— Que pretendem de mim? — interpelou o conde franzindo a testa.

— É aqui ao senhor escrivão que compete responder — disse o padre tranquilamente.

— Citar Vossa Excelência — acudiu o escrivão — para o fim conteúdo neste requerimento.

— Não devo nada a ninguém — exclamou o doente, com a face duas vezes abrasada, pela febre e pelo orgulho irritado.

— Não se trata de dívida, senhor Conde — disse o escrivão —, Vossa Excelência perdoará se venho involuntariamente mortificá-lo. Sou mandado aqui a requerimento da senhora condessa de Santa Bárbara.

— Que tem essa mulher comigo? — interrompeu o conde, afastando freneticamente os cabelos, que se lhe empastavam no suor da testa.

— A senhora Condessa — prosseguiu o inalterável escrivão — queixa-se de ter sido atrozmente caluniada pelo seu marido, e requer que a vossa Excelência seja chamado a juízo para provar a calúnia, ou desdizer-se.

— Desdizer-me! — vociferou raivosamente o conde. — Desdizer-me!... Eu?... Você sabe com quem fala, seu beleguim, seu miserável, que o mando azorragar pelo meu boleeiro!...

Estes gritos acabaram de resolver os fidalgos, que estavam na antecâmara, a entrarem atropeladamente no quarto. As visagens que o conde contorcia denunciavam um louco furioso, e assustado.

Vinte e quatro horas depois, apeavam na mesma hospedaria um escrivão e um meirinho geral, perguntando, não pelo conde, que o não supunham ali, mas pelo tempo que lhes seria necessário para alcançá-lo. Entre estes homens de justiça via-se um outro. Era padre Dinis, que se despedira de nós por dois ou três dias indispensáveis para negócios seus.

Outro qualquer vacilaria, antes de levar uma citação vilipendiosa à cabeceira de um enfermo gravemente perigoso. O padre não. Os enviados do juiz de fora pareciam hesitar, encarando a farda agaloada dos lacaios do conde, que, encostados à porta do quarto do seu amo,

esperavam as ordens que lhes eram transmitidas pela serva carinhosa, que não abandonava o leito do seu enfermo.

O padre, porém, instigava-os com a lei, e com o seu ar de soberania menos fácil de ser desobedecido, que a lei de ser sofismada pela simples vista das librés do nobre conde de Santa Bárbara.

A antecâmara do ilustre enfermo estava cheia de fidalgos de Santarém, que vinham respeitosamente depor nas mãos da criada, como costumava dizer-se, os seus profundos sentimentos pelos incómodos do conde.

Padre Dinis, o escrivão e o meirinho atravessaram a sala destes senhores maravilhados do que viam. já com a mão no fecho da porta, que abria para o quarto do conde, padre Dinis, voltando-se para os grupos de fidalgos que o contemplavam absortos, disse com delicadeza e intimativa: ”Peço a Vossas Excelências, que se demorem alguns minutos, porque a sua presença vai ser necessária para uma obra honrosa.”

E entrou no quarto do conde de Santa Bárbara.

O conde estava com a cabeça inclinada sobre o ombro da criada, que recebia, numa postura graciosa, o doce fardo do seu senhor.

Surpreendido pelo ruído da porta, que rapidamente se abrira, o febricitante abriu os olhos, e cuidou ver mais três fidalgos da comitiva, que não cessavam de visitá-lo.

Padre Dinis cortejou ligeiramente o conde, e olhou de revés com estudado desprezo a enfermeira, que, pela indiferença, parecia convencer-se da honesta missão que preenchia à cabeceira do doente.

— Quem são Vossas Excelências? — perguntou o conde, esforçando-se em receber com a gravidade heráldica que o caso pedia, os recém-chegados.

— Pelo tratamento que nos dá — respondeu o padre — bem se vê que não temos a honra de ter relações com a vossa Excelência. Eu sou o padre que neste momento, contra os cânones, acumula de alguma forma as funções de procurador de causas. Este senhor é escrivão da Terceira Vara, estoutro é um meirinho.

— Que pretendem de mim? — interpelou o conde franzindo a testa.

— É aqui ao senhor escrivão que compete responder — disse o padre tranquilamente.

— Citar Vossa Excelência — acudiu o escrivão — para o fim conteúdo neste requerimento.

— Não devo nada a ninguém — exclamou o doente, com a face duas vezes abrasada, pela febre e pelo orgulho irritado.

— Não se trata de dívida, senhor Conde — disse o escrivão —, Vossa Excelência perdoará se venho involuntariamente mortificá-lo. Sou mandado aqui a requerimento da senhora condessa de Santa Bárbara.

— Que tem essa mulher comigo? — interrompeu o conde, afastando freneticamente os cabelos, que se lhe empastavam no suor da testa.

— A senhora Condessa — prosseguiu o inalterável escrivão — queixa-se de ter sido atrozmente caluniada pelo seu marido, e requer que a vossa Excelência seja chamado a juízo para provar a calúnia, ou desdizer-se.

— Desdizer-me! — vociferou raivosamente o conde. — Desdizer-me!... Eu?... Você sabe com quem fala, seu beleguim, seu miserável, que o mando azorragar pelo meu boleeiro!...

Estes gritos acabaram de resolver os fidalgos, que estavam na antecâmara, a entrarem atropeladamente no quarto. As visagens que o conde contorcia denunciavam um louco furioso, e assustariam qualquer homem que não fosse um escrivão de juízo. Não há nada mais heroico que a impassibilidade com que o razoável funcionário respondeu às ameaças do enfermo.

— Senhor conde de Santa Bárbara — disse ele, sorrindo bondosamente —, a lei, cujo executor eu sou, exerce o seu domínio sobre os membros da sociedade no estado normal. Vossa Excelência não pode ser autuado, porque as suas faculdades intelectuais reclamam a enfermaria de São José , e não podem achar o bálsamo no Limoeiro. E se isto assim não fosse, creia Vossa Excelência que o autuava. Esperarei um intervalo lúcido para que a vossa Excelência assine a citação, que vou lavrar na presença destas testemunhas.

Enquanto o escrivão experimentava na unha os bicos da pena, que o meirinho lhe ministrava do seu tinteiro de osso, o conde, com os olhos torvos e esgazeados, fixava diabolicamente a fisionomia de padre Dinis.

— Eu já vi este homem... outra vez!... — murmurava ele. — Era esta mesma cara... lembras-te, Eugénia?

O conde não achou resposta a esta interrogação. Eugénia não pudera suportar a vista fulminante do padre, e fugira sobressaltada quando viu pelo quarto dentro a irrupção dos cavalheiros atraídos pelos gritos desentoados do seu amante.

O conde, espantado de não ver ao seu lado a inseparável companheira das suas agonias daquele dia, rodava sobre o tronco, e procurava-a ansiadamente em todas as direções.

Padre Dinis, que ouvira a pergunta e não vira a criada para responder-lhe, aproximou-se lentamente do travesseiro do enfermo e disse-lhe quase ao ouvido.

— Sou eu efetivamente o homem que a vossa Excelência viu...

— em frente das minhas janelas... — atalhou o conde. — em frente das suas janelas — continuou o padre —, justamente, quando Vossa Excelência me mandou retirar, ameaçando-me.

— E consigo estava um rapaz...

— Não há dúvida... estava comigo um rapaz...

— Quem era?

— Que lhe importa a Vossa Excelência saber quem era? Era um órfão, suponha, era uma criança inofensiva...

— E com que direito vem o senhor aqui acompanhando este escrivão?

— Eu sou o protetor único da senhora condessa de Santa Bárbara. Sou a sentinela vigilante da sua honra, e posso, sem escrúpulo, dizer que o sou também da honra de vossa Excelência.

— Da minha honra!... o senhor zomba de mim!... Este curto diálogo passou desapercebido para os que estavam alguns passos distantes da cama do enfermo. O escrivão acabava de lavrar o auto de notificação, ou como é que se

chama, e oferecia atenciosamente ao conde a pena, para o indispensável efeito da assinatura.

O conde não hesitou aceitá-la, mas, apenas a recebeu, deixou-a cair como se a mão lhe paralisasse nesse momento. À queda da pena sucedeu a queda das pálpebras, e uma sonolência profunda lhe deu às feições a placidez cadavérica de um moribundo em paroxismos.

Esta transição improvisa levou o terror ao espírito do próprio escrivão, que, de bom grado, se retiraria, se uma lei ferrenha lhe não infligisse em perda de ofício a imperfeição do solene mandato.

Neste momento entrou um dos facultativos, que tomou o pulso ao doente.

— É uma síncope — disse ele —, os sintomas não são aterradores; mas após esta pode vir uma que o mate.

— Senhor doutor, que doença é esta do senhor Conde? — perguntou o padre.

O doutor encolheu os ombros...

— É um caso novo da minha clínica, e na dos meus colegas — disse ele. — Temos esgotado há quarenta e oito horas todos os recursos, e esperamos um diagnóstico mais característico para capitularmos este caso extraordinário.

O doutor iria espraiar-se num manancial de palavras arrevesadas e túmidas; mas o conde de Santa Bárbara abriu os olhos impetuosamente, e cravou-os ainda no padre, como se acabasse de vê-lo num sonho pavoroso para encontrá-lo ainda na realidade de acordado.

Esperava-se daqueles lábios convulsos e semiabertos uma imprecação, uma blasfémia, uma injúria ou pelo menos um brado pelo boleeiro, armado do afidalgado chicote, quase sempre instrumento preferido nas desforras fidalgas.

Não aconteceu assim. O conde, com olhos serenos, e o rosto quieto, olhou em derredor de si, e murmurou a meia voz:

— Antes que eu assine este papel... peço que me deixem só com este senhor.

A pessoa que ele apontava, era padre Dinis. Os circunstantes retiraram, e padre Dinis fechou-se por

dentro.

## CAPÍTULO XV

Padre Dinis, sem acertar com o assunto daquela entrevista extraordinária, fechou sobre os que saíram a porta do quarto, e aproximou-se respeitosamente da cabeceira do enfermo. O conde, sem levantar os olhos das mãos, que tinha cruzadas sobre o peito, em devota postura, depois que humedeceu com a língua os lábios ressequidos do calor da febre, falou assim pausadamente, dando a cada palavra o tom lúgubre de uma solene revelação, feita à hora da morte:

— Senhor padre! Eu se escuto a minha consciência ouço acusações, que me afligem; mas se consulto o meu coração absolvo-me dos meus pecados, isto é, daqueles que cometi em agravo da condessa de Santa Bárbara.

Padre Dinis cortou depressa o silêncio em que ficara o conde:

— Antes escute a consciência, senhor Conde, porque o coração apaixonado é um mau conselheiro, que, depois de instigar o crime, não tem dúvida alguma em absolvê-lo.

— Mas a cabeça, senhor, inclina-se para o coração... Eu precisava vingar-me... vingar-me, sim!... Zombaram da minha inocência... fizeram a minha alma vítima da minha riqueza... Se eu fosse um pobre não viriam os especuladores tolher-me a felicidade de toda a minha vida...

— Não o compreendo bem, senhor Conde... Visto que a vossa Excelência me faz a honra de querer ouvir-me, quisera eu que me aclarasse as suas ideias de modo que eu possa responder...

— Pois sim, responderá, mas eu é que tenho poucas... ou não tenho nenhumas perguntas a fazer-lhe... Não sei se vou dizer-lhe novidades. Se o não forem, ouça-as repetidas por mim, que são ditas como na presença de Deus... Há de ouvi-las com paciência, e eu hei de dizê-las com repugnância, mas com verdade... Eu era uma criança quando o marquês de Montezelos, mascarado de uma hipocrisia astuciosa, me veio perturbar nos meus desvarios

de rapaz, que não faziam mal senão a mim, que os comprava à custa do meu dinheiro. .. O impostor lamentava os meus desperdícios, e doía-se, dizia ele, de ver tão mal encaminhado o roteiro do representante de uma das mais ilustres casas de Portugal.

“Primeiro ouvi-o com impaciência; depois afiz-me àquele pertinaz perseguidor, que se deu a liberdade de entrar na minha casa a toda a hora, de mandar os meus criados, de intervir nos meus negócios, e de zelar os meus interesses com afeto paternal.

“O seu primeiro trabalho foi indispor-me com os encarregados da minha tutela, convencendo-me de que era uma cabilda de ladrões, que medravam no banquete da minha fortuna e me davam a mim os sobejos dele. Fazia-me concordar na ladroeira que me faziam, porque me não davam quanto eu lhes pedia, e se eu replicava mostrando que a receita era maior que a despesa que me arbitraram, respondiam-me com as suas contas futuras no acto da minha emancipação. Estas contas futuras, dizia o ardiloso marquês, que eram palavras escolhidas para contemporizar

o roubo, e organizar um saldo que tomasse ainda por cima os ladrões meus credores.

“A continuação destas calúnias estudadas capacitou-me. Era necessário estorvar o progresso do roubo, e para isso dizia o meu hábil conselheiro que o meio único era o meu casamento.

“Eu detestei esta palavra, cuja realização nem em sonho me tinha vindo à cabeça. Era a primeira vez que se me impunha como necessidade um estado que eu aborrecia nos outros, porque bem cedo estudei os outros, e bem gravadas tinha ainda na memória recordações da minha própria casa.

“O conselho do marquês tomei-o como um dito banal, não obstante a seriedade grave com que me foi dado. Ainda assim o importuno recalcitrava, e queria que eu lhe respondesse alguma coisa. Uma vez por me desfazer de uma conversa fastidiosa, despedi-me dele, dizendo-lhe que o melhor conselheiro de casamento era uma boa mulher solteira.

“O marquês sorria-se com não sei que ar de alegria, que me fez cismar! Eu não era tão simples que não visse naquele riso uma expansão de cálculo mal comprimido!

“Eu bem sabia que o marquês tinha uma filha. Lembrava-me de a ter visto dois anos antes, muito linda, muito cortejada, mas muito dedicada a um filho segundo do conde de Alvações. Lembrava-me também de uns tiros que, a horas mortas, foram dados sobre o namorado de Dona Ângela, dos comentários que a sociedade fizera ao acontecimento, e da entrada violenta que o pai lhe obrigara a fazer num convento.

“Todas estas recordações, quase desvanecidas, porque nunca mais vi Dona Ângela, eram ainda assim razões de mais para que a filha do marquês não merecesse a pena de um namoro, quanto mais a loucura... de um casamento! A existência dela para mim era uma coisa tão indiferente, e mesmo tão sem poesia, que, durante alguns meses de familiaridade com o pai, nunca me deu para perguntar-lhe por ela; e se algumas vezes me lembrava que o meu inseparável mentor tinha uma filha, julguei que devia não

falar-lhe dela porque talvez a sua melindrosa suscetibilidade se magoasse.

“Corno poderia eu lembrar-me seriamente de ser o esposo eleito da filha do marquês de Montezelos!...

“Fui a um baile do conde de Colares. Entrei por ali dentro deixe-me dizer-lhe a verdade, com tenção feita de namorar uma mulher que viesse equilibrar a desenvolta paixão que eu tinha por cães e cavalos de raça. Parecia-me que um rapaz não estava bem sem uma mulher, que morasse numa rua espaçosa, onde pudesse um bom cavalo árabe saltar em corcovos mortais, que dessem uma alta ideia do cavaleiro à sua namorada. Aqui tem, senhor padre, como em mim começaram as chamadas idealíssimas aspirações da juventude. Vaidade de admiração, desejo de assustar uma mulher, e de extasiá-la, mostrando a superioridade das minhas pernas aos galões e solavancos de um cavalo. Triste definição do amor, por mais exclusiva que seja!... Vamos adiante...

— Sente-se talvez incomodado com o esforço que faz em falar? — interrompeu o padre.

— Pelo contrário, senhor... estou melhor quando recordo épocas em que fui menos infeliz... Como lhe disse, entrei nos salões do baile, e fitei com avidez muitas mulheres. Mal entrara, o marquês estava comigo. E, depois das improrrogáveis frioleiras de um cumprimento, travou-me do braço, e disse-me que queria apresentar-me a sua filha.

“Fui não sei se de boa vontade, se maquinalmente. O caso é que fui, e vi ao cabo de uma fileira de cadeiras uma formosa mulher, uma figura deslumbrante, um misto de riqueza e formosura que me pasmou. Era necessário atravessar vagarosamente a multidão de homens, e eu ansiava por avizinhar-me daquela mulher, muito contente, por supor que a filha do marquês lhe não estivesse longe.

“A minha curiosidade não me deixou tempo de a reconhecer ao pé.

— Quem é aquela mulher que está sentada na última cadeira? — perguntei eu ao marquês.

— É minha filha — respondeu ele.

— Sua filha? — interrompi eu com um espanto idiota.

— Sim, senhor; pois nunca a viu?”

— Creio que não, pelo menos nunca a vi com os olhos que tenho hoje...

“O marquês tomou a sorrir de mim com a alegria da outra vez, e foi comigo abrindo as massas cerradas de homens até nos aproximarmos da bela rainha da festa.

“A minha ilusão desmereceu um pouco com a vizinhança; mas nem tudo era ilusão; a mulher, vista de perto, aumentara em valor de coração o que perdia no quilate dos olhos. Era mulher para ver-se, mas era mais para amar-se... Como eu pude num momento jogar com todas estas ideias!... O amor tem estas intuições iluminadas, que podem fazer calar a mais frenética paixão por cães e cavalos de raça.

“Comigo deu-se o caso! ”Ângela recebeu-me com frieza, mas sem orgulho. Pareceu-me triste. Na face não tinha a frescura da inocência feliz. Não me espantou. O homem que aquela mulher amara muito tinha morrido, e quem sabia se ela lhe amava ainda a memória?

“Eu disse-lhe lugares-comuns, e ela respondeu-me com monossílabos. Falei-lhe em coisas do coração, respondeu-

me com o silêncio. E a verdade é que eu estava amando-a. Sentia uma energia da alma, um incêndio repentino, que me fazia superior a mim. Que miséria! Até dessa imagem que eu supunha viver-lhe na alma, como a sombra de um cadáver, dessa mesma tinha eu ciúme! Notei-lhe a dificuldade que lhe sentia em responder-me. Ângela sorria-se, e eu tomei-lhe por escárnio aquele gesto de distração, talvez, se é que ele não era uma leal expressão do seu infortúnio...

"Retirei-me azoado com a gelada receção que me fez. O pai parece que nos contemplava de longe. Mal me separei da filha, saiu-me ao encontro. Vinha perguntar-me delicadamente o valor da filha, como eu pergunto a um picador o valor dos meus cavalos.

— Então — disse ele — esteve entretido?

— A sua filha é muito económica de palavras — respondi eu.

— Então ela não falou? — perguntou ele com ar de zangado.

— E que não estava bem comigo — rematei eu, para ir cumprimentar algumas tias minhas que me acenavam.

“Eu não podia, a despeito do amor-próprio, desviar os olhos de Ângela. Se ela tivesse dito torrentes de eloquência, amava-a naturalmente pelo espírito. Como não disse nada, amava-a pelo silêncio. O coração do homem é como o paladar dos pobres: tudo lhes sabe a comer.

“Vi que o marquês foi direito como um raio à filha; inclinou-se um pouco ao ouvido dela, e disse-lhe coisa que a fez pôr os olhos no chão, e, apenas o pai voltava costas, Ângela levava um lenço aos olhos, enxugando lágrimas.

“Fez-me impressão isto! Que lhe diria ele? ”O homem estava outra vez de volta comigo, chamando o assunto da conversa para a filha. E eu não me enfadava com tal. Dizia que Ângela tinha indisposições momentâneas, que ele não sabia se eram romanticismo, se temperamento melancólico; mas que estava pela primeira conjetura, atendendo ao coração da sua filha, que tinha sede de um amor puro e santo como a sua alma. Não podia dar-se um melhor corretor de corações sequiosos!... Mas a verdade é que estas informações de tão bom canal entusiasmaram-me a

vaidade. O marquês era experimentado como todos os homens gastos! Sobejava-lhe em maldade o que a natureza lhe não dera de cavalheirismo. E, portanto, o homem adivinhava uma a uma cada sensação que as suas palavras me imprimiam. Sempre me disse coisas da filha!... Eu hoje estou corrupto, senhor padre, e penso que não há salvação para esta alma perdida no abismo do mundo; mas ainda assim não sei explicar o impudor do marquês, quando me dizia que tornasse ao pé da filha, que talvez a encontrasse já doutros humores. E pareceu-me tudo tão bem, tão natural então!...

"E, em verdade, quando timidamente me aproximei de Ângela achei-a dócil e risonha. Uma cadeira vaga junto dela proporcionou-me uma conversa, que, neste momento de confissão geral lhe digo, senhor padre, que é a reminiscência que em todo o tempo me susteve o braço para que eu mais tarde não enterrasse um punhal no seio da filha do marquês de Montezelos...

"Sentado ao pé dela, apesar da minha desenvoltura, sentia-me sopeado de entendimento e falho de expressões como um parvo dos meus mais parvos foreiros. Chegou a

hora da coragem, e eu disse-lhe que a amava até ao delírio. À fé de cavalheiro que lhe não mentia! Que coisas eu lhe disse, e que resposta ela me deu! Basta que eu lhe diga, meu caro senhor, que de todo o conteúdo da nossa prática resumida resultou-me um decidido não da parte dela, que me fez dar em terra com a alma do amor, para me levantar até à fúria a alma do orgulho...

— Eu já sabia essa história — acudiu o padre.

— Já sabia esta história? Contou-lha ela?

— Sei-a, não sei se dela, se de quem, sei que é uma das mais belas flores da coroa de martírio da senhora Condessa. Uma tal confissão feita por Vossa Excelência, priva-o de encaminhar a sua narração até encontrar justiça para o seu mau procedimento com a desgraçada filha do pior dos pais...

— Não acho conveniente — atalhou o conde — que a vossa Senhoria se meta a juiz antes de ouvir o depoimento do réu...

O doente, por mais de uma vez, acompanhara de um sorriso irónico certas expressões que o leitor terá notado.

Era esse o seu carácter, e seria mais fácil fazer sorrir uma estátua, que tirar o sorriso aos lábios do conde.

O padre admirava aquela incoerência, mas explicava-a melhor que eu posso explicá-la. Dizia ele no seu Livro Negro que o rir do conde de Santa Bárbara era um acto tão natural e espontâneo na sua organização, como as lágrimas em outras organizações. E acrescentava ele, que tanto devia julgar-se mau o rir duma, como bom o chorar doutras, porque há homens, e especialmente mulheres, que têm um reservatório de lágrimas sempre à bica, uma máquina de risos com as rodas sempre azeitadas. A expressão tem de verdadeira o que lhe falta de bonita.

O conde, que conhecia os seus costumes, e não era hipócrita, atalhou as reflexões mentais do padre, com esta justificação plena dos risos equívocos:

— Rogo-lhe que, por bondade, não traduza mal estas minhas expressões galhofeiras. Eu fui sempre assim, ainda no mais apertado das minhas desgraças. Quando não tinha com quem falar, escrevinhava enredos de chistosas novelas, que poderiam muito bem revelar um homem de espírito truanesco. Pois não é assim, senhor padre! pela minha

salvação lhe digo que entranhei até ao fundo da minha alma o horror da minha posição moral neste mundo... Basta de reflexões, não lhe parece?

— Não se prive de fazê-las, senhor Conde... É pena que...

— Que é pena?...

— que a vossa Excelência não seja perfeitamente feliz! Sê-lo-ia se no baile do conde de Colares tivesse um amigo que lhe dissesse: olha que te aviltas, perseguindo uma mulher que te repele.

— Não tive amigo, não tive ninguém... ao menos nessa noite. O meu segredo não podia eu confiá-lo, porque me envergonhava... Onde o meu orgulho podia desabafar era nas revelações feitas ao pai de Ângela... mas, é tão natural que me custasse então... fazê-las!... É preciso que eu já amasse muito aquela mulher para me envergonhar de fazer seu pai meu confidente!...

“Se eu não fosse muito criança, deveria ter sido muito escasso de timbre e de dignidade! A repulsão tinha sido gravemente senhoril; mas eu quis capacitar-me de que Dona Ângela era muito grosseira. Amuado e frenético como

um rapaz de colégio em quem deram duas palmatoadas, ia retirar-me do baile, quando o marquês, vigilante espreitador dos meus passos, me saiu ao encontro.

— Então que é isso? — disse ele. — Retira-se?

— Retiro-me — respondi-lhe — porque não estou bem. Eu não sou homem de bailes, porque não sei falar com esta gente: creio que sou muito estúpido, ou muito feio!... parece que não valho um caracol, quando desço do meu cavalo preto para o chão, onde toda a outra gente anda!...

— Não estejas assim zangado — disse o meu nobre amigo e senhor marquês de Montezelos, estreitando-me cordialmente ao seu sensível peito —, és ainda muito rapaz, meu Conde, e eu quero fazer-te homem à força, para que se não diga que tal és tu como eu.

"A este abraço expansivo, e ao tu que o acompanhou devia seguir-se o trato, a confiança e a familiaridade, a que eu, até esse momento" dificultosamente me afizera. Desde então o marquês, com os seus quarenta e quatro anos, parecia-me um rapaz, tratávamo-nos por tu, contava-me as

suas rapaziadas pedindo-me segredo inviolável, e de todas que me contava tirava sempre esta gloriosa conclusão:

— E tudo isto que fiz, meu Conde, são aventuras do tempo de casado... já vês que o casamento é um contrato político, civil, económico e higiénico até certo ponto. Enquanto gostei da minha mulher, gostei; depois que a vi muitas vezes sempre com a mesma cara, com a mesma cintura, e com a mesma mão e pé, que me fizeram endoidecer de entusiasmo, desejei que ela tivesse uma grande mão, um pé inglês, uma cara saloia e uma cintura mais larga que as espáduas. Como a estátua não se transfigurava, detestei-a... não digo bem... não a detestei como um belo traste dos meus aposentos, mas sim como excrescência matrimonial à minha vida. Ora aí tens, meu Conde... a mulher com quem se casa é de todas as mulheres aquela com quem menos se casa. Sabes porque eu te digo, porque te conto estas saudosas bambochatas?

“Eu sabia perfeitamente... O virtuoso marquês dava-me preleções que deviam alentar-me o espírito, se a ideia do casamento me intimidasse com o seu cativeiro de toda a vida.

“Que generoso sogro! Dispunha-se a levar-me pela mão até ao altar com a sua filha; mas de antemão, atendendo à grandeza do meu sacrifício, resgatava-me da servidão e desquitava-me de todos os respeitos devidos a minha mulher! Como não há de ser sólida a beleza da sociedade, com sustentáculos da força do marquês de Montezelos!...

“Mas tornando ao baile: como eu fosse muito instado do marquês pelos motivos da minha apoquentação, respondi-lhe com a mais estúpida singeleza, que a sua filha não gostava de mim. Envergonho-me hoje desta simplicidade!... Hoje!... pois já é preciso muito, senhor padre! Vejo que tenho ainda a atravessar longos estádios de imoralidade para correr parelhas com o meu defunto sogro!... não acha?

— Deus é que vê os corações; e permita Ele que seja assim! — respondeu o padre tão enjoado da história que ouvira, como compadecido da baixeza a que pode vir um homem dos que a sociedade considera mais altos na nobreza do sangue!...

E, se a nobreza de sangue importasse a ideia de nobreza de espírito!...

O padre continuou:

— Naturalmente o marquês foi de novo intimar a filha, não é assim?

— Nada; então fui eu que não consenti, porque o homem nem ao menos soube fingir-se; largava-me o braço como um furioso de comédia, quando eu sustive, dizendo-lhe que não tornava a sua casa se ele desse à filha uma palavra só ao meu respeito enquanto estivéssemos no baile. Portou-se bem: nunca o vi falar com ela; mas esse mesmo silêncio a castigava, e anunciava-lhe, talvez, os carinhos paternos que tinha a prodigalizar-lhe em casa... Pobre Ângela! Deus sabe o que ela sofria... eu creio que muito!

O conde suspendeu alguns minutos a sua narrativa. As últimas palavras eram balbuciadas com a tremida inflexão do dó. O espírito do bem pedira àquele coração uma lágrima de mágoa e um espinho de remorso. A lágrima denunciou-se, e o conde, como envergonhado dela, cerrou as pálpebras; mas o espinho esse não podia esconder-se... aquele silêncio tinha em si a aflitiva mudez forçada pela mão que nos sufoca as palavras na garganta.

Decorreram esses cinco minutos de silêncio, únicos talvez de vida, de consciência, e de dignidade humana, que tivera o conde até aos seus trinta e dois anos.

Padre Dinis, assustado com a transfiguração do enfermo, passou-lhe a mão pela testa, sondou-lhe o pulso e chamou-o com sobressalto. O conde abriu os olhos e fixou-o com um certo ar de brandura, que impressionou religiosamente o padre.

— Sente-se mais doente?

— Sinto-me fatigado... — respondeu o conde sem aquela energia de voz e de exposição que admiravelmente empregara até àquele momento.

— Assim devia acontecer — disse padre Dinis. — Esquecemo-nos ambos do estado de vossa Excelência... Devia eu lembrar-lho; mas, senhor Conde, eu tinha tanta necessidade de ouvi-lo para combinar os lances desta sua tão desgraçada vida doméstica!...

— Muito desgraçada... muito...

O conde continuava, quando bateram à porta. O médico instava porque o doente tornasse uma porção de remédio;

mas o doente fez-me sinal de que não abrisse: ele mesmo respondeu que não podia a porta ser aberta, e continuou:

— Deixe-me, senhor, ceder a uma sensação que nunca na minha vida experimentei... É uma coisa nova... É uma aparição melancólica, um não sei quê de luz celeste que me transparece de além, de tão longe, através desta minha longa noite de quinze anos... Estou-a vendo ainda no baile!... Como eu hoje vejo com os olhos do espírito aquela mulher, que me fez tão desgraçado, e eu tão desgraçada fiz!... Como eu era feliz se o meu coração tivesse sido assim!... Ângela era tão bela quando me pedia que a não amasse! Oh!, ninguém viu como ela era uma mulher que devesse mover tanto a compaixão!... Acarinhavam-na tanto as mulheres... iam e vinham tantas vezes a consolarem-na... murmuravam não sei que desgraçada profecia do seu destino! Agora, sim, agora é que eu ouço e sinto as palavras de um homem, que o mundo chamava poeta e que eu não sabia o que era!... Esse homem, vendo-me tantas vezes ao pé de Ângela, falou-me dela, com tanto respeito, com tanta ternura, e com os olhos embaciados de lágrimas!

— Conde — dizia-me ele —, repara bem naquela mulher... é uma flor meia seca suplicando que a desfolhem, porque não pode, no Outono das lágrimas, suportar as saudades da sua linda Primavera! Tu não sabes o que aquilo é... Vai deste mundo retalhada de agonias... Tinha na alma um sacrário de amor... converteram-lho em taça de fel... Queres tu, Conde, verter a tua gota no coração dessa infeliz?! Deixa-a, porque a memória de um primeiro amor... o cadáver de um primeiro amante alimenta aquela existência de uma nutrição de saudades que a tua paixão impetuosa não pode dar-lhe... Deixa-a por piedade, não a compres ao seu pai, que compras uma escrava morta...

Padre Dinis com o entusiasmo radiante nos olhos, interrompeu o silêncio seguido às últimas palavras do conde:

— Esse homem, esse poeta, nunca mais lhe falou a mesma linguagem?

— Nunca mais o vi, nem encontrei quem me falasse dele mais.

— Pois não era conhecido na sociedade?

— Dizia-se que era um mistério... Falei só com ele duas vezes. Na primeira folgava de ouvi-lo como folgo de ouvir cantar os pássaros nas olaias da minha quinta! Que falar ele tinha! Na segunda vez que o encontrei, na minha quinta de Almada, um dia depois do baile, foi que ele me falou de Angela... Procurei-o depois... nunca mais o vi... Era um homem de quarenta anos, tinha um bigode negro, e uma estatura delicada... Falava como nunca ouvi falar a alguém... Foi uma pena perdê-lo... Hoje, mais que nunca, o falar daquele homem devia ser um hino a cujo som as minhas desgraças adormecessem.

— Era admirável! Apareceu-lhe como um anjo de salvação e abandonou-o, quando Vossa Excelência mais necessitava dos seus conselhos!...

— Abandonou-me quando viu que eu lhe escusava os seus desvelos. Pareceu-me uma maravilha! Apareceu, como milagrosamente, no seio de uma sociedade que o não conhecia. Não disse de quem era filho, mas foi apresentado na sociedade por um marquês das primeiras famílias de Lisboa, talvez o único que o conhecia. Quando repentinamente se escondeu, muita gente indagou o

descaminho de Sebastião de Melo, que assim se chamava. As informações tardaram, e supuseram-no cavalheiro de indústria. Disse-se que era filho bastardo do conde Vizo, que residira no Minho e morrera. Muitas outras coisas se disseram a respeito dele. Uns atribuíram-nas à mania de romantizar os homens misteriosos, outros acreditaram-nas, e farejaram o rasto deste homem, que não puderam encontrar. Naturalmente morreu.

— Morreria. Mas que poderia então dizer-lhe Sebastião de Melo, que não possa hoje ser-lhe repetido por qualquer homem de coração, de inteligência, e honra?

— Tudo que me disserem vem tarde. Caí... À beira do abismo é que me valiam amigos. Hoje, senhor, os amigos o mais que podem é lastimar-me. Lástimas é que eu não agradeço, nem sei de que sirvam. Nunca disse a ninguém os desgostos secretos da minha casa. Nunca me aparentei desgraçado para me fazer interessante à compaixão dos outros. É natural que o mundo adivinhasse o horrível segredo do meu inferno doméstico, pela solidão a que me dei, desde que me vi manietado a Dona Ângela de Lima. Nunca vim com ela a público. Não poderia vir sem me

denunciar pela face. Há certas vergonhas que fazem corar as caras mais superiores aos risos sarcásticos da sociedade. Parecia-me que o mundo, ao ver-me associado tranquilamente a uma mulher... assim motejaria a minha boa-fé, e me daria, por comiseração, o suave epíteto de pobre homem...

— E por consequência — atalhou padre Dinis — as nódoas da sua soberba queria Vossa Excelência lavá-las nas lágrimas de Dona Ângela de Lima, fechada oito anos num quarto, com a fome e a sede por companheiras, e o desespero da alma como consolação!? Era um expediente bárbaro, senhor Conde! A sua alma decerto não se sentia aliviada. O sistema de afrontas vilãs e covardes com que a vossa Excelência atormentava sua senhora, não podia fazer-lhe menos suave o arrependimento, nem mais suportável a vergonha. Qual era o seu fim?

— Matá-la lentamente...

— E verdade, matá-la lentamente. se a vossa Excelência não tivesse a franqueza de me responder tão lealmente às suas intenções, eu mesmo me responderia em nome da sua consciência. O senhor Conde queria que a sua esposa

morresse, mas não queria matá-la... Suavizemos um pouco a linguagem deste modo. A coisa, dita assim, é menos revoltante, e mais verdadeira talvez.

O que a vossa Excelência queria era que Dona Ângela de Lima morresse de modo que o mundo dissesse: ”Morreu de pesar, de vergonha, de remorso, por ter enganado um homem que a comprou muito cara, porque a reputava uma joia de inocência, um coração imaculado, e uns lábios por onde nunca passara um riso de afeição, que não fosse conquistado pelo seu comprador.” Era isto que a vossa Excelência queria que o mundo dissesse, não é verdade?

O conde de Santa Bárbara olhava estupefacto para o padre, como se cada uma daquelas palavras lhe fosse rasgando fibra a fibra o coração, para devassar-lhe o segredo da sua consciência, que ele fechara para todo o mundo. Silencioso à pergunta que lhe foi feita, o conde levou a mão direita aos cabelos, que lhe caíam na testa húmida de uma transpiração repentina, inclinou-se um pouco sobre o braço esquerdo, cerrou as pálpebras, e pareceu assentir à pergunta do antigo cigano da Quinta das Alcáçovas.

De novo bateram à porta intimando o ilustre enfermo, da parte da incansável medicina, para tomar uma tisana. Padre Dinis, sem consultar o conde, abriu a porta, recebeu o copo, conduziu-o ao doente e perguntou se tinha algumas ordens a dar. A sua Excelência respondeu negativamente com um aceno. A porta foi de novo fechada pelo padre, que continuou, em pé, com os braços cruzados diante do seu interlocutor, que o encarava espantado, sem compreender a fascinação que o humilde padre exercia sobre a sua arrogância.

— Senhor Conde, vamos arrancar alguns espinhos da sua consciência. Não há desgraça absoluta debaixo do céu. Todos somos infelizes, quando olhamos a medalha por uma só das faces. Vossa Excelência é um problema. Cheio de vaidade da sua honra, apurado no timbre da sua dignidade a ponto de imaginar que todo o mundo lhe adivinhava os recônditos segredos da sua desonra, como pôde atirar ao mundo com a sua mulher, proclamando-a adúltera, para se justificar das acusações que ela poderia fazer-lhe? Isto não tem solução; é o problema da insondável prevaricação do homem!... Vamos adiante. Eu não quero fazê-lo feliz. Isso é

impossível. A hora do Sebastião de Melo passou. Agora é-me necessário imaginar que a sombra de Sebastião de Melo me está aqui segredando ao ouvido as consolações que esse homem inspirado poderia dar-lhe, se vivesse.

— Se vivesse... fugiria de mim — interrompeu o conde, agitando-se febrilmente.

— Talvez não... eu creio que não. O profeta do infortúnio viria, como Jeremias, chorar nas ruínas, que predissera, quando a opulência de Jerusalém meditava o crime, que a fez cair para sempre. O seu amigo viria lastimá-lo; e embora as lágrimas do amigo pareçam estéreis, creia que o não são, senhor Conde. Confortam, quando não restituem ao infeliz o vigor da alma, a crença num melhor futuro, e a tranquilidade no meio do assédio de desgraças, que neste momento parecem empenhar-se em escurecer-lhe a vida. Sebastião de Melo falar-lhe-ia assim: ”Conde, há quinze anos que eu te disse: essa mulher tinha no coração um sacrário de amor... converteram-lho em taça de fel. Queres tu verter a tua gota no coração dessa infeliz? Deixa-a, porque a memória de um primeiro amor, o cadáver de um primeiro amante, alimenta-lhe a existência de uma nutrição

de saudades, que a tua paixão impetuosa não pode dar-lhe... ”

— Quem lhe disse essas palavras?! — interpelou o conde convulsivamente agitado.

— Foi Vossa Excelência, há momentos. Recorde-se que me falou do homem, que o mundo chamava poeta. É, pois, esse homem, que eu consulto neste solene momento. É em nome dessa misteriosa aparição, que eu lhe falo: ”Conde”, diria ele se estivesse aqui presenciando esta paragem da sua atribulada existência, ”Conde, a segunda vez que falei contigo na tua quinta de Almada, foi na véspera do teu casamento. Tu estavas radioso de felicidade: enlevavas-te em arroubamentos de uma poesia, que eu não pude conceber, porque Dona Ângela de Lima te dissera um dia antes:

— Senhor conde de Santa Bárbara, eu vou ser desgraçada, e a vossa Excelência, se não encontrar felicidade em ser o meu verdugo, será desgraçado também, e sem remédio...

— Essas palavras, senhor, não lhas repeti há pouco! — interrompeu o enfermo encostando-se com violento esforço aos bilros do catre.

— É verdade, não mas repetiu; mas permite Deus que eu, neste instante, escute os ecos do passado por um milagre de audição. Imagine Vossa Excelência que eu sou um iluminado, que a Providência conduziu ao leito da dor.

O conde encarava-o com estranha visagem de espanto, e padre Dinis, inalterável, prosseguiu:

— Sebastião de Melo diria: ”Conde, quando te dei o último abraço, comprimi-te muito ao meu seio, e murmurei ao teu ouvido para que o teu futuro sogro, o marquês de Montezelos, me não ouvisse, estas palavras: ”É o último abraço que te dou, na tua época de felicidade; amanhã, se te encontrar, apertarei a mão ao mais desgraçado dos homens.”

— Conheceu Sebastião de Melo? — interrogou o conde, cada vez mais alvoroçado.

— Conheci — respondeu o padre friamente, e continuou: — Esse homem, pois, que ambos conhecemos, diria a Vossa

Excelência: ”E nunca mais te vi, Conde. Não fui aos salões, onde nos encontrávamos, mas informei-me de ti e soube que a tua casa, sombria como o terror e deserta do trato do mundo como o crime repulsivo, estava sendo um potro de torturas da tua mulher... um circo onde a tua alma, transfigurada em instinto sanguinário de tigre, se cevava na desvalida vítima, que dias antes te vaticinara o destino de ambos. Quis procurar-te... não sei para quê... Nessa época, Sebastião de Melo era cruel como a cólera sufocada, e robusto como a alavanca que se não torce debaixo do peso dos edifícios que arruína. Se te ele mandasse retirar o pé do pescoço da tua mulher, e tu não o retirasses, esse homem punha-te uma pistola ao peito, tu obedecias-lhe, naturalmente, mas tua mulher, desde esse momento, era dobradamente desgraçada. E, depois, não sei se o suposto filho do conde do Vizo recuaria diante desta sua primeira intenção, se a sua vida não sofresse um revés, que tu não precisas saber. Sebastião de Melo desapareceu da sociedade, onde o reputaram cavalheiro de indústria, uns, e grande personagem, outros. O passado, passado. O mundo ficou e Sebastião de Melo seguiu o seu destino. Há quinze anos és tu talvez, conde de Santa Bárbara, o único homem

que se lembrou da existência desse enigma, que aí passou dois dias, envolto num mistério, e alimentou os ócios da alta sociedade de Lisboa com o conceito da sua charada...”

— É possível, senhor! — interrompeu o conde alucinado, e estendendo os braços convulsos ao sacerdote.

— Possível... o quê, senhor conde de Santa Bárbara!...

— O senhor é Sebastião de Melo... Agora sim... Esses olhos brilham como os dele... a sua voz era esta que estou ouvindo... era assim este corpo... quantos anos tem?... Deve ter cinquenta e tantos... justamente o mesmo... Diga-me quem é... é Sebastião de Melo, não é verdade?...

Padre Dinis estendeu solenemente a mão direita. Brilhavam-lhe os olhos vidrados de lágrimas. O escarlate do entusiasmo tingia-lhe as faces. Os cabelos, raros e brancos, parece que se lhe eriçavam. Notava-se-lhe nos lábios uma crispação, como agitados pelo abalo do ar que não podia ser articulado na aspiração, que sobrava aos estos do peito arquejante. Estavam ambos suspensos, silenciosos, sublimes e recopilando num rápido pensamento uma

síntese de dores cruelíssimas acordadas na reminiscência por aquele encontro.

## CAPÍTULO XVI

Reanimara-se a fisionomia do conde. Eram de momentâneo empréstimo aquelas forças, mas o enfermo persuadiu-se que a sua morte estava na alma, e que a presença de um homem que lá se lhe insculpira como um tipo de eterna saudade, devia rejuvenescê-la. Padre Dinis, abalado pela comoção de tantos sentimentos sufocados, sentiu-se fraco para tanto. Sentou-se. Encostou os cotovelos à cama do seu antigo companheiro de poucos dias, deixou cair a face entre as mãos e esteve alguns minutos nesta posição, que o conde contemplava com sobressalto.

— Melo!... — murmurou o conde.

— Melo!... — respondeu o padre, sorrindo-se —, chama-se padre Dinis Ramalho e Sousa... é como o mundo me conhece.

— És padre!... Tu!... Que saltos a tua vida não daria para chegar a isto!... E estás velho!... O que é o homem! Como

se pode ser o que tu és depois de ter sido o que foste, Sebastião de Melo!... Conta-me a tua história...

— Não se trata da minha história... Falemos de ti, Conde. Deixa falar esse homem do teu passado, visto que ainda tens para a sua memória um culto na tua alma. Respeita-o, que a desgraça é venerável. Não te recomendo os meus cabelos brancos nem te falarei como o homem do Evangelho, que fala em nome de Deus porque não pode ser obedecido como homem...

— Fala... que queres de mim? Faz-me um homem bom, se podes.

— Não posso nada, Conde... Se a tua consciência não for ferida pelo estímulo da honra, as minhas palavras passarão pelos teus ouvidos como as que te disse há quinze anos.

— Passaram-se quinze anos, Melo! A desgraça que eu alimentei nos meus braços quer hoje indemnizar-me, ensinando-me o que é a vida. Diz, amigo, o que devo eu fazer?...

— Não to direi eu... Vai dizer-to a tua consciência.

O padre ergueu-se majestosamente, apertou a mão do conde e, com um ar de intimativa inexplicável, disse a meia voz:

— Sê honrado e verdadeiro. Depois, abriu a porta do quarto. Na saleta próxima estavam não só os fidalgos, que o padre encontrara na câmara do enfermo, mas outros que vieram informar-se das melhoras do amigo íntimo do Sr. D. Miguel. Ao darem de frente no aspeto estranho do sacerdote, pareciam acusá-lo da estirada reclusão em que tivera o seu amigo, com grave incómodo das suas Excelências. O padre, direito como o batente da porta, curvando levemente a cabeça, a que as mesuras fidalgas se dignaram corresponder, disse no tom daquela voz modelada em tom seráfico:

— O senhor conde de Santa Bárbara encarrega-me de anunciar às pessoas, que o honram com a sua amizade, que podem entrar no seu quarto.

E, dando um passo para o exterior do quarto, cruzou os braços, com postura hipócrita, e recebeu com ligeiras reverências, os fidalgos que o saudavam como a um cardeal

embrionário, ou pelo menos ao diretor da consciência do bispo de Viseu.

O padre seguiu o último e, voltando-se para o escrivão, que esfregava as mãos impaciente, disse:

— Espere. A porta foi outra vez fechada. A aristocracia de Santarém rodeava o leito do enfermo. O corregedor, vestido de grande uniforme, desfez-se em zombarias aos fidalgos, que o acotovelavam para que fosse ele o intérprete dos cuidados que a saúde da sua Excelência inspirava aos seus numerosos amigos. E, com efeito, o ilustrado corregedor começava a gaguejar um improviso, que poderia render-lhe uma cadeira no Desembargo do Paço, quando padre Dinis, instado pelos olhares repetidos do conde, tomou o lugar mais próximo do doente e disse com intimativa sinceramente apostólica:

— O senhor conde de Santa Bárbara, suposto não se julgar em hora próxima de levar a Deus as rigorosas contas da sua vida, quis desagravar a sua consciência de mortificações, causadas pela inconsideração de um mau pensamento, e de uma péssima obra. A sua Excelência, bom de carácter, pode reagir contra o instinto do mal, que

deturpa as melhores índoles, quando o sentimento religioso se não apresta para as lutas quase sempre triunfantes da parte do erro.

Padre Dinis consultava, e de relance, na fisionomia do conde o momento em que devia calar-se para o deixar a ele ”ser honrado e verdadeiro” como lhe tinha aconselhado. Esse momento cortou as últimas palavras do sacerdote. O conde, reanimado pelo tocante exórdio do enigmático Sebastião de Melo, possuindo-se do magnético prestígio que amolecia em docilidade de criança toda a dureza do seu orgulho, falou, e falou sem balbuciar, sem refugir um momento ao pavor de um vergonhoso desmentido a si próprio:

— Desonrei-me, senhores, cuspindo uma afronta na face da senhora condessa de Santa Bárbara, minha mulher: infelicitei-a pelo violento casamento em que a comprei a um pai desmoralizado. Quis que ela expiasse as infâmias do seu pai, e dei-lhe durante quinze anos uma vida de incríveis amarguras. A desgraçada sofreu de joelhos, silenciosa, humilde, e votada ao sacrifício com a santidade de mártir. Arranquei-a à tranquilidade das suas lágrimas. Não quis

acreditá-la, quando ela me disse que o seu coração tinha morrido no momento em que Deus a fizera viúva de um homem que o seu espírito adorava na eternidade. Meditei suplícios, afrontas, humilhações ao seu amor-próprio, ultrajes à sua dignidade, levei-a perto da sepultura e quando a vi fugir, indignei-me de que a vítima se não deixasse arrancar o último gemido sem que a sociedade a ouvisse. A condessa de Santa Bárbara fugiu, há dias, da sua casa. Previ que ela viria contar os flagelos, que ninguém adivinhava. Quis justificar uma infâmia com outra infâmia.

"Fiz correr que Dona Ângela de Lima era adúltera e que, para saborear o crime com mais desafogo, abandonara seu marido. Este boato foi bem recebido. A desmoralização acolheu-o, sem estudar o meu carácter, nem o da infeliz. É uma atroz calúnia, senhores. A minha esposa, cujo destino ignoro, poderá estar morta, poderá, a estas horas, ter descido à vil condição de uma criada de servir, mas a sua honra, se está manchada é da minha perversidade, é do contacto a que a forcei com um homem de instintos degenerados, que desonram o nome dos meus avós...

A excitação exaurira a última aspiração das suas forças. O conde quisera continuar, e caiu da posição violenta em que falara. A surpresa pintava-se nas fisionomias que o rodeavam, com as cores que simulam a indignação. O corregedor, homem honrado, franzia a testa, e roçava a ponta do nariz com o lábio superior. O decano dos fidalgos de Santarém, D. Cristóvão Vaz, carregava o sobrolho e alongava os beiços em ar de nojo. Em todas as outras fisionomias, mais ou menos expressivas de surpresa, observou padre Dinis o predomínio da moral sobre a corrupção. Quem apresentou um aspeto franco, sem esgares, festivo como o júbilo da consciência, e soberano como o império da honra sobre as vilanias que se retorcem no raso da hipocrisia, era o ministro do altar, o maior entre todos aqueles, o tipo da grandeza do homem investido da missão de acurvar orgulhos à força prestigiosa da palavra.

Padre Dinis chegou-se à cabeceira do leito, limpou o suor, que escorria gelado na testa do conde, ajeitou-lhe os travesseiros, tomou-lhe o pulso e acenou aos circunstantes que se retirassem. O médico entrava quando eles saíram. Ao ver assim o doente, que poderia, com a vida, elevá-lo às

funções de físico-mor do reino, assustou-se e perguntou ao padre se o acesso durava há muito, se o suor seria crítico, se os espasmos eram diafragmáticos e as titilações intermitentes. O padre sorriu-se ao palavreado estrídulo do doutor, e respondeu que não estava habilitado para ver tantas doenças juntas: que lhe parecia aquele acesso uma comoção toda do espírito, que passaria ligeiramente.

O doutor, que tinha larga experiência, fechou o olho direito, arreou um pouco a comissura esquerda dos lábios, franziu a asa esquerda do nariz e começou a dar estalinhos nos dentes com a unha do pólex. Ora, tudo isto queria dizer que a medicina tinha momentos de consciência em que tristemente pensava no pouco que pode. Aquele era um dos casos; e aquelas visagens do médico douto, e farto de restituir ao pó os que vieram do pó, eram sempre fatais.

O conde desmaiara. Estava da cor do lençol. As pálpebras tremiam e as fontes pulsavam-lhe impetuosas. As mãos, frias e lívidas, roxeavam nas extremidades. Padre Dinis assustou-se e perguntou ao médico a sua opinião.

— A minha opinião — disse ele, compassando as sílabas, e trauteando os sorvos da terceira pitada —, a minha opinião

é a da ciência nestes casos. Aqui há supuração pulmonar ou alteração em qualquer outra víscera importante. Os medicamentos anti-sóricos devem esclarecer-nos sobre o tratamento que mais convém seguir, no caso que a sora tenha traduzido a crise moral porque está passando o enfermo. Sabe-me dizer se estes acessos são apiréticos? Tem conhecimento dos hábitos higiénicos do senhor Conde? Estas intermitências são típicas?

Padre Dinis queria sorrir às perguntas do sábio de Santarém, mas realmente a ocasião não era oportuna. O conde acabava de abrir os olhos, que pareciam toldados de uma névoa cinzenta. O sangue, que lhe refluíra ao coração, injetava-se-lhe agora em sobentes cordões ao correr da testa. O palor da face avermelhou-se de improviso como a flor da romã. Os sintomas de uma congestão cerebral, no entender do padre, eram assustadores. O médico compulsava o doente, tateava-lhe o sistema circulatório em toda a economia, e propunha-se sangrá-lo quando o conde, desafogando um gemido profundo, exclamou estendendo a mão ao padre:

— Sinto-me melhor!

O doutor, contentíssimo do resultado, ainda assim contrário às suas previsões científicas, fez algumas perguntas ao enfermo, receitou variadas receitas para variados sintomas, e foi derramar benefícios com mão profusa sobre a humanidade.

Achavam-se, portanto, face a face o salvador da reputação de D. Ângela de Lima, e o homem que, horas antes, se reputaria feliz se lhe dissessem que a condessa de Santa Bárbara se precipitara dos Arcos das Águas Livres.

Padre Dinis disse afavelmente, levando a mão do enfermo aos lábios:

— Falaste do coração, Conde; mas o corpo não podia tanto. Caíste extenuado; a tua alma, porém, elevou-se muito alto. É ela que te há de restituir o vigor dos trinta e dois anos. Que te diz a tua consciência?

— Abençoa-te... Sente-se grande, omnipotente contra todos os vexames do infortúnio, promete-me uma vida mais tranquila, dá-me a todas as coisas do mundo um colorido novo, expande-se e vê horrorizada, mas sem remorsos, o que deixei de torpe na minha viagem até aqui... Remorso

tê-lo-ia, se não me abrisse tão francamente diante de homens que se aterravam das minhas confissões. Eras tu o único, em cujo rosto eu via a minha absolvição... Não importa... Para amigo bastas-me tu... Eles que me deixem... tu nunca me deixarás... A solidão, agora, seria a minha morte... Preciso de ti...

— E dela... — atalhou o padre.

— Sim... dela; mas não ouso chamá-la aqui. Ninguém acredita na transfiguração dos grandes perversos. É necessário que ela se aproxime de mim, sem terror. É muito cedo...

— Não é. Dona Ângela é superior a todas as mulheres. Se lhe disserem que é nobre e grandioso o sacrifício de se ajoelhar, pedindo-te perdão de ter desmentido a calúnia com que lhe fulminaste a reputação, virá ajoelhar-se aqui.

— Ela não pode amar-me.

— Há quinze anos que eu to disse. Não pode amar-te. .. não te amará nunca. Era impossível!

“Que queres de uma mulher que te foi atirada aos braços, quando chorava as primeiras lágrimas por um homem que

do leito da morte lhe dissera: ”Morro mártir, não me cuspas na memória!?” Que queres, Conde, dessa mulher que tu, no segundo dia de casado, atirastes com a ponta do pé para o canto escuro de uma alcova, e mandastes reconcentrar bem no inferno daquela situação, que nem tu mesmo eras capaz de avaliar!

— Não me fales assim, que me atormentas!... — disse o conde, levando-lhe a mão à boca.

— É uma necessidade, porque eu quero dar-te a felicidade possível. Tu não podes viver uma hora com a condessa de Santa Bárbara. O que podias fazer-lhe de bom está feito. Se a queres humilde e sofredora, ela virá humilhar-se e sofrer. Se a queres morta, morrerá. Amiga, pela vontade e pelo entusiasmo, é impossível. Não te julgues o assassino da muita vida daquele coração. Morta para o amor já ela veio ter aos teus braços. O mais que fizeste foi macerar-lhe o corpo. A tua mulher deve entrar num convento. O que ela necessita é uma pouca de paz, o contacto com a virtude que lhe dê às crenças religiosas a solidez, que a desgraça lhe abalou. Precisa de respirar o aroma do céu; e cá fora o ar está pútrido, a dor materializa,

e o desengano quebra o único amparo a que pode encostar-se a mulher cortada em todos os laços que a prendem ao mundo. Pois que supunhas tu? Pensavas que Dona Ângela viria acarinhar-te com astúcias de um amor sobreposse? O seu carácter não é esse. Aquela mulher, se em vez de a aviltares até aos, chinelos das tuas criadas, a fizesses sentar num trono, rodeada de aias e invejada das mais felizes, choraria sempre. Ali não há ambições nem de amor, nem de fausto. O que ela pede, isso peço no seu nome, é compaixão e soledade. Quer-se só.

— Só!... — interrompeu colérico o conde. — E o filho... sim, já que me forças a esta nova vergonha... — e o filho!

— Que tens tu com o filho de Dona Angela de Lima? Com o filho de uma mulher que se desquitou de todos os compromissos contigo um dia antes de rubricares o contrato de compra por quarenta contos em metal sonante?

— Não me declarou a existência desse filho...

— Com que obrigação? Que é que tu querias dela? Amor? Negou-to. Um corpo? Compraste-o. Que mais? Querias forçá-la a confessar a sua desonra? Para quê? Uma mulher

que diz a um homem ”não posso amá-lo” não tem obrigação de explicar os motivos porquê. E de mais, em catorze de Junho de mil oitocentos e vinte e um, na quinta de Almada, sentado debaixo dos chorões do portal, que te disse Sebastião de Melo?

— A tal respeito... não me recordo...

— É falso... a tua reminiscência é feliz... Mostrei-te uma flor, era a primeira que brotara no vaso...

— É verdade...

— E disse-te: aquela planta valia menos antes de produzir uma flor. Dizem que as mulheres são flores, é bem diversa a sua estima no mundo. A planta morre, quando produz a primeira. E tu disseste:” Morre!”

— ”Pensas assim?”, repliquei eu.” Penso... Deus me livre de pensar o contrário”, respondeste com soberba intimativa. ”Não te cases...”, tomei eu. ”Que queres dizer?”, interpelaste-me com azedume, que me pareceu propício. ”Não te cases... Dona Ângela de Lima é como a planta que produz a primeira flor.”

— Não te compreendi.

— Compreendeste.

— Mentes! — bradou o conde exaltado, e sentou-se no leito.

O padre sorriu-se, e continuou placidamente:

— Eu não menti nunca. Duas horas depois recebias um bilhete.

— Anónimo.

— Anónimo... que importava? Não se te diziam aí coisas que um falsário não saberia!

?

— Cuidei que era uma calúnia!

— Foi, portanto, uma calamidade a tua conjetura... Recapitulemos esta longa sessão. Não tens nada a perdoar a Dona Ângela de Lima...

— Tens razão...

— O marquês de Montezelos é o único que deve falar à tua compaixão.

— Infame!

— Julgue-o Deus. A pedra do túmulo é sagrada. Profanem-se as cinzas dos mortos, quando precisarmos de justificar os vivos. Dona Ângela já perdoou ao seu pai, aqueles lábios, roçados pela esponja de fel, amaldiçoaram. Hoje não. Se lhe disserem que o seu dono renuncia ao direito de supliciá-la, perdoa-te. _ E eu preciso que me perdoe... Entre num convento se assim o quer; mas que eu a veja uma só vez. É impossível?

— Não.

— Onde está ela?

— na minha casa.

— Onde é a tua casa?

— Em Lisboa.

— És incompreensível!... Chega a atormentar-me o mistério da tua existência!... Que relações tinhas com a condessa de Santa Bárbara?... Como pudeste fazê-la aceitar a tua casa? Tens família?

— És mais novo que eu vinte anos. Morrerei, naturalmente, antes de ti. O mais que posso fazer-te é

conceder que leias as minhas obras póstumas. Verás bem descarnado o mistério da minha existência, e as minhas relações com Dona Angela de Lima antes de ser condessa de Santa Bárbara. Como pude fazê-la aceitar a minha casa, perguntas tu. Facilmente. A minha casa é o santuário da honra, e o asilo do infortúnio. Se tenho família? Tenho uma mulher de quarenta anos. Diz o mundo que é minha irmã... Que mais?

— És rico?

— Não. Sou independente.

— És padre Dinis, ou Sebastião de Melo?

— Ambas as coisas. Fiquemos aí. Deixa suspensas essas perguntas, até que o túmulo te responda.

— Queres deixar-me, não é verdade?

— É necessário. Dona Ângela precisa, neste momento, de mim, muito mais que tu.

— Quando voltas aqui?

— Só? — Não... com ela.

— Depois de amanhã ao nascer do Sol. Sairemos ao escurecer de Lisboa.

— Vem depressa, que a minha vida...

— Que tem a tua vida? — Apaga-se. Tenho na cabeça um vulcão. Nunca me queixei, mas há dois anos que sinto a morte aqui.

O conde punha a mão no lado esquerdo do peito, e tanto se possuía do pressentimento da morte que, de repente, se lhe anuviou o rosto de uma palidez cadavérica.

— Mas a tua vida — disse o padre — tem sido, nestes últimos anos, desenvolta. Há dois dias ainda te era necessário fingir uma doença, e voltaste a Lisboa, cheio de vida, de alegria e capaz de desperdiçar o vigor, que te sobrava, com...

— Torpes misérias do coração humano...

— Tu o disseste, Conde... Não será o que tu vaticinas. És novo e tens força de vontade. Repele a morte com valentia moral e viverás. Adeus.

Padre Dinis abraçou o conde. Choravam ambos. Não há corações gastos quando a comoção é nobre.

O médico entrava, quando saía o sacerdote. Ao despedirem-se, o doutor disse ao ouvido do padre algumas palavras que o deixaram pensativo.

# CAPÍTULO XVII

O tema fecundo de todas as conversas em Lisboa era a fuga da minha mãe. A maledicência, mascarada com os momos e trejeitos da religião, criminava o inqualificável procedimento da condessa de Santa Bárbara. As ilustres primas da minha mãe lastimavam-na por tamanha nódoa no brocado dos seus brasões. Nunca se vira semelhante procedimento na aristocracia!... O sangue azul regurgitava indignado nas artérias heráldicas da raça pura. O enojo fazia caretas de indignação em todas aquelas fisionomias límpidas e serenas como a virtude.

O anátema contra a adúltera roçava todos os lábios! O hediondo facto era um escândalo original!

A casa do marquês de Alfarela convergiam as potências mais autorizadas do sangue puro. Ali era o fórum da informação. Naqueles salões caprichava a sátira em empalar a vítima do dia. Desde muito que os serões

infalíveis, à quarta-feira, naquela casa, eram o Gólgota onde a ilustre dona da casa, ajudada pelas amigas presentes, crucificava as ausentes. Os convivas, de ambos os sexos, eram obrigados a depor no processo, de modo que a ré acusada de uma imprudência não pudesse nunca apelar para a comiseração generosa, ou para a tolerância dos que perdoam lapsos, que são, muitas vezes, o elogio do coração. Aquilo era o sumário. A suspeita era um diploma de devassidão; a devassidão era uma coisa horrível; todos os epítetos obscenos eram permitidos naqueles púdicos lábios, quando um fervente zelo da honra os excitava; tudo era permitido, menos, na ocasião desse moralíssimo desforço, sair da sala a marquesa de Alfarela, para, na sala imediata, chilrear uns beijos escandalosos, pendurada no pescoço de D. Martinho de Almeida. A impudência abstinha-se religiosamente nesses momentos. Era uma convenção tácita, em que a mais imoral das casadas corria parelhas em virtude com a amante do seu marido.

Foi, pois, aí nesse anfiteatro, onde a dissecção no cadáver moral não deixava uma fibra inteira, foi aí que a minha mãe, numa quarta-feira das predestinadas, devia ser

julgada, com toda a solenidade das leis vigentes, na jerarquia pundonorosa.

Achavam-se presentes as condessas de Penacova, de Aroza, e Picanal, oradoras encartadas no conventículo. As marquesas de Santa Eulália, e Simões tinham voto definitivo, no correr dos depoimentos; logo que estas disseram: ”Pouca-vergonha!”, bradavam todas em tom pávido, e cavernoso:” Pouca-vergonha!”

Os cavalheiros presentes eram a nata da sociedade lisbonense, e alguns titulares provincianos que pertenciam ao exército. Entre todos, porém, é digno de especial menção um intruso na fileira dos nobres, que na sessão da última quarta-feira, tinha sido o assunto da detração.

Este homem, há poucos meses aparecera em Lisboa, ostentando maravilhas de uma riqueza fabulosa. Os seus trens deprimiam o orgulho dos palacianos. O seu palacete, edificado com presteza mágica, e arreado das mais soberbas invenções do ouro, irritara a dureza insolente dos senhores donatários.

Alberto de Magalhães viera do Brasil. Quando, e donde fora, ninguém o sabia, nem ele dava lugar a perguntarem-lho. A propensão para o misterioso encarregara-se de o celebrizar. O homem apresentava-se bem. Não era melindroso nas formas, mas no todo agradava pela harmonia. Representava quarenta anos. Contra o uso, caprichava num espesso bigode negro, que lhe aprofundava os sulcos da face, mais terrena que macilenta. O seu olhar era soberano, e ao mesmo tempo assustador. Fixando com atenção, franzia a testa, e aparentava um doloroso aborrecimento. Falava pouco; mas ninguém disse que o seu silêncio era cálculo na estupidez. O que falava era correto e sentencioso.

Fizera-se interessante na corte, porque viera do Rio de Janeiro recomendado por uma notabilidade, que vigiava de perto as intenções de D. Pedro a respeito de Portugal. O governo, preocupado com a certeza de uma guerra demorada, abraçava todos os recursos para alimentar a coragem do exército. Alberto de Magalhães deu, à primeira instância que lhe fizeram, uma avultada quantia. Proclamaram-no benemérito e abriram-se-lhe os salões da

aristocracia, sem lhe perguntarem quem era e donde vinha. Não tinha alguém que lhe chamasse irmão ou parente. Era só. A curiosidade ralava-se com este segredo. Era necessário pasto às conjeturas, Uns queriam que fosse um espiã o de D. Pedro, dispondo de uma fortuna que devia ser empregada em arruinar o trono e o altar. Outros tinham-no em conta de um aventureiro, que enriqueceu na mercancia ignóbil da escravatura. Este afiançava que ouvira dizer a pessoa fidedigna que esse homem fora pirata nas costas brasileiras. Aquele, com ares misteriosos dizia que Alberto de Magalhães era filho bastardo de D. João VI e de uma açafata de D. Maria I. Quando este boato extravagante circulou, alguns fisionomistas célebres juraram que o beiço inferior de Alberto era um beiço genuíno da Casa de Bragança.

Todas estas opiniões tinham sido discutidas nervosamente em casa da marquesa de Alfarela, na quarta-feira anterior àquela em que a condessa de Santa Bárbara, com o gravíssimo processo do adultério, veio substituir a sindicância natalícia do homem célebre, desde a degradação da espionagem até à genealogia de reis.

Achava-se ele presente, mas, ao que parecia, estranho à discussão. É o que não podiam suportar as ilustres damas empenhadas em dar a possível elasticidade à maledicência.

A condessa de Penacova, que acabara de expor não só o que ouvira a respeito da sua indigna prima, a condessa de Santa Bárbara, mas até o que pudera inventar no calor da exposição, voltou-se para Alberto de Magalhães e disse com azedume:

— De que está a sorrir-se, senhor Alberto ?

— É de vossa Excelência — respondeu ele, amaciando as guias do bigode, sem levantar os olhos dos pés da senhora que o interpelara rudemente.

— De mim!? — redarguiu ela, vermelha de raiva.

— Do mundo, senhora Condessa.

— Não o compreendo...

— Nem nós... — disseram em coro as outras senhoras, com uma visagem de fastio.

— Não tenho eu culpa, minhas senhoras — replicou o imperturbável Alberto de Magalhães, sem mudar a vista

dos pés da condessa de Penacova.

— É célebre este senhor!... — disse ela, dilatando os lábios com um sorriso de aborrecida, expressão tão graciosa, como zombeteira, capaz de dar em terra com o orgulho de um homem.

Alberto sorriu-se outra vez, olhou-a de revés, como quem se previne dos dentes de um gozo que ladra, e disse maviosamente:

— Vossa Excelência quer que eu diga que a condessa de Santa Bárbara é a vergonha da fidalguia, não é verdade?

— Não lhe peço a sua opinião, cavalheiro. O que eu queria era merecer-lhe a delicadeza de não rir, quando eu falar seriamente.

— Vossa Excelência não fala seriamente.

— Porquê?

— Porque Vossa Excelência disse, entre muitas máximas da sua eloquente indignação, que bastavam as intenções, embora malogradas, para mancharem a melindrosa reputação de uma senhora de nascimento.

— E então?

— Vossa Excelência zombava connosco.

— Ousa muito, senhor Alberto!...

— Em quê, minha querida senhora condessa de Penacova?

— Em supor que não consagro um sincero culto aos princípios de moral que estabeleço.

— Eu não disse tanto... O que eu disse é que a vossa Excelência não era capaz de sacrificar, como Santa Luzia, os seus belos olhos a esses princípios.

— Isso é um insulto! — exclamou D. Martinho de Almeida, fitando Alberto com arrogância.

— Àquela senhora — respondeu o incógnito serenamente, indicando a condessa — digo que não é. A Vossa Excelência digo... que o tome como quiser.

— É uma provocação? — interrogou D. Martinho.

— É ociosa a pergunta. Eu não o provoco, senhor. Tenho a satisfação de lhe dizer, que a vossa Excelência não me dá cuidado, nem me magoou ligeiramente.

— Mas, senhor Alberto, se é cavalheiro, dê-me uma explicação do seu sorriso.

— Não queira, minha senhora.

— Quero, exijo e emprazo a sua honra para que o faça.

— O que, em boa honra, podia dizer a Vossa Excelência, disse-o já. É uma coisa simplicíssima. A condessa de Santa Bárbara não pode ser julgada aqui. Os aforismos morais de vossa Excelência são exequíveis. A samaritana pode passar, que ninguém levantará uma pedra contra ela.

— Senhor Alberto de Magalhães, hei de pedir-lhe uma explicação! — disse D. Martinho, tocando-lhe no ombro.

— Fez mal em me tocar, senhor Dom Martinho de Almeida. Essa frivolidade dizia-se de longe.

Alberto levantou-se sem a menor alteração na fisionomia de bronze. Pegou do chapéu, aproximou-se da condessa de Penacova, e murmurou-lhe, quase ao ouvido, com suave sorriso:

— Vossa Excelência tem aos  seus pés uma carta. Se não é do seu marido, que está nas linhas do Porto, pode ser um

ultraje aos seus princípios de moral.

A condessa, espavorida e vermelha, não respondeu um monossílabo. Os circunstantes ficaram perplexos, e acreditaram que Alberto era um homem superior, ou o próprio Satanás disfarçado. Saiu, cortejando graciosamente a dona da casa, que lhe recebeu friamente a cortesia. Entretanto, a condessa, com hábil disfarce, afastava com a ponta do pé para debaixo da cadeira, uma carta, mal escondida pela orla do vestido.

O acontecimento fora assim. No exórdio da sua oração contra D. Ângela de Lima, a condessa de Penacova pediu a um cavalheiro que lhe desse o seu lenço, que estava sobre um bufete.

O cavalheiro, que a não tinha prevenido, envolveu no lenço uma carta, que a calorosa senhora não esperava. Pouco depois, no entusiasmo da mímica, o lenço deixou escorregar a carta, apenas percebida por Alberto de Magalhães. O cavalheiro infeliz não teve um momento em que pudesse avisar a dama do abismo que tinha aos pés, quando tão convicta parecia fulminar a imoralidade do adultério. E Alberto ria-se deste episódio de farsa quando a

timbrosa condessa, representando o centro na tragédia, o interrogou. O riso era legítimo, santo, e até, evangélico, se me dão licença.

## CAPÍTULO XVIII

No dia imediato, Alberto de Magalhães recebia um cartel. Os padrinhos de D. Martinho, segundo. o estilo, perguntavam com quem deviam entender-se nas negociações do duelo.

— Comigo — respondeu Alberto. — Essa não é a praxe. Vossa Excelência deve sujeitar-se às condições que lhe forem impostas por dois cavalheiros da sua confiança.

— É o que eu não concedo a ninguém. Obrigações da honra sou eu que mas imponho. Estou no uso das minhas faculdades. Não renuncio o direito de me dirigir.

— Respondo por mim: não me bato.

— Não se bate?

— Já respondi.

— E tem ponderado as inconveniências dessa resolução?

— Não encontro nenhuma.

— Há muitas.

— A mais grave de todas?

— É arriscar-se a um encontro, que pode ser muito funesto.

— Opto pelo encontro.

— Não temos mais nada que fazer?

— Darem-me as suas ordens. Os padrinhos gelaram diante deste laconismo. Olharam-se com ar de assombro, e entenderam que a sua missão estava concluída.

Alberto pareceu esquecer aquele episódio, logo que os cavalheiros se retiraram. Entrou no seu gabinete de leitura e escreveu, até que lhe anunciaram o Sr. José de Campos Salema. Este senhor era quase familiar naquela casa. Entrou para o gabinete, despiu o casaco, vestiu um robe de chambre de seda roxa, e estendeu-se numa poltrona de molas.

O Sr. José de Campos Salema é um rico negociante, proprietário de nove navios, que permutam um opulento

comércio entre Portugal e o Oriente, entre Inglaterra e o Brasil, entre a Turquia e a França. E o que se diz em Lisboa, ao seu respeito. A sua fortuna orçam-na em quinze milhões sólidos, afora um crédito de mil e duzentos contos sobre o Estado, divida contraída por D. João VI, de quem era compadre, na sua retirada para o Brasil.

O Sr. José de Campos Salema era portanto o primeiro capitalista de Lisboa e, ao que parecia, o único amigo íntimo de Alberto de Magalhães.

— Onde passaste a noite? — perguntou Salema, limpando o suor com a aba do robe de chambre.

— Em casa da marquesa de Alfarela.

— Está arruinada. Deu com a casa em pantana. Hipotecou-me por vinte anos a quinta de Alvarães. Trespassou-me por quinze os foros das comendas da Beira Alta. Está pobre. Quem a reduz a este estado é Dom Martinho de Almeida. Estes filhos segundos querem que as mulheres casadas lhes sirvam de vínculos. Quem estava lá?

— A condessa de Penacova, a de Picanhal, a marquesa de Santa Eulália, a...

— Basta,. basta. São boas! A Penacova já podia deixar o mundo para desmentir o Nicolau Tolentino. É quase do meu tempo. Há vinte anos era interessante, e prometia muito. Deu mais do que prometeu. Ainda por lá me andam dois contos de réis, que me derreteu como um raio à queima-roupa. Não sabes esta história?

— Não.

— É rica. Eu ta conto. A rapariga estava casada de fresco, e apenas acabou a lua-de-mel começou outra de óleo de rícino. Namorou-se de um tal António Pisco, escudeiro da casa. Era uma espécie de galego, largo dos ombros e vermelho como uma lagosta. Costumava ir ao meu escritório buscar dinheiro das propriedades de Cascais, que o pobre Conde vendia pelo barato. O bruto não apreciava a conquista. Um dia apareceu-me com um recibo do Conde para levar dois contos de réis. Dei-lhos. Horas depois, recebo um bilhete do Conde, perguntando-me se o seu criado, António Pisco, não viera receber dois contos de réis à sua ordem. Respondi-lhe que sim, e que o recibo estava no meu poder. Passaram-se vinte e quatro horas, aparece-me a Condessa desfeita em lágrimas. Diz-me que é amiga

do desgraçado António Pisco, que jogou os dois contos de réis e que está no Limoeiro. Pede-me com as mãos erguidas o empréstimo desta quantia para que o pobre rapaz não vá pela barra fora. Dei os dois contos de réis. Lá como se arranjaram não sei; o caso é que eu fiquei sem o dinheiro e o meu amigo, o senhor António Pisco, apareceu-me com uma hospedaria na Rua do Arsenal, onde um amigo meu, amador de petiscos, me disse que reconhecera uma noite a condessa de Penacova, saindo, quando ele entrava. De resto é uma boa senhora. Dá que fazer ao capelão com os seus escrúpulos. Dizem-me que jejua toda a Quaresma, e reza a Via Sacra com as criadas?

O Sr. Salema arredondou o período com uma gargalhada e estranhou a seriedade de Alberto.

— Em que pensas? Aposto que não me ouviste?

— Ouvi tudo. A história é interessante de nojo... vamos ao importante.

— Vamos lá. Os navios Raio e Lúcifer ancoraram nas alturas das Antilhas. Esperaram dezoito dias em calmaria. Ao dezanove houve vento de servir. Levantaram e fizeram-

se de vela até vinte milhas de Cuba. Os navios espanhóis apareceram. Eram três. Foram abordados com pequenas resistências. Carregavam sedas e porcelanas. O Lima andou otimamente... fez-se ao mar; içou a bandeira portuguesa, pregou as baterias e aportou a sete milhas de Cádis. Deve aí chegar na próxima semana. Calculo a presa em cento e vinte contos. Há carestia de seda. Mandei alijar o lastro e recomendei para Cádis, a Dom Pedro Gusmão, que lhe fizesse boas e correntes as guias.

— Bem. E do Báltico?

— Não há notícia. É cedo.

— E do Panamá?

— Uma abordagem pouco interessante. O comércio do Peru está quase acabado.

— É necessário remover os dois navios.

— Por ora, não. Espera-se uma boa carga para a América do Sul. Dado este golpe, diz-se adeus ao oceano Pacífico.

O diálogo progrediu um quarto de hora neste sentido. Alberto viu o relógio, tocou uma campainha e mandou

preparar a traquitana. Salema mandou chegar a sua sege, e despediu-se.

A traquitana do íntimo amigo do Sr. José de Campos parou em frente da Igreja de S. Vicente de Fora.

Alberto apeou e atravessou duas ou três ruas tortuosas até meter-se num beco, e na melhor casa que aí se destacava, com o seu primeiro e único andar, acima das esfumiadas soleiras dos casebres.

A porta fora-lhe aberta por um homem alto, de figura repugnante, meio vestido à espanhola, com uma jaqueta de botões brancos de metal rendilhados, uma larga faixa de seda escarlate e uma gorra vermelha.

O suposto filho de D. João VI ao transpor o limiar daquela porta parecia um outro homem. Dentre as muitas selas pendentes de tomos, tomou uma, ajeitou-a em forma de travesseiro, fez um canapé de quatro cadeiras e deitou-se na genuína postura de um arrieiro cansado.

— Tens aí vinho, José? — disse Alberto, limpando o suor às franjas de um cobrejão.

— Para embebedar quinze marujos — respondeu o cigano, vazando uma garrafa num corpulento copo com asa.

— Dás-me de comer alguma coisa?

— Bacalhau frito com ovos e camarões, serve-lhe?

— É o melhor manjar deste mundo. Enquanto como, diz lá o que fizeste.

— Trabalhei muito, e não fiz nada.

— Pior.

— Eu digo-lhe. Estive três dias em Elvas. Falei com quantos ciganos e troquilhas vivem por aqueles sítios há vinte anos. Ninguém me dava relação do tal Sabino Cabra. Depois dei comigo na Quinta das Alcáçovas. Encontrei um criado velho, que pelos modos está ali há mais de vinte e cinco anos. já viu morrer o avô e o pai do marquês de Montezelos, que vive agora.

— Como se chamava?

— João Alves. — E depois?

— Fui-me ter com o homem, e disse-lhe assim: ”Você não está certo de ver por aqui há coisa de quinze anos um cigano chamado o Sabino Cabra?” O homem esteve lá a congeminar com os seus botões, pôs-se com as ventas no ar como um garrano de criação, e disse que sim, que se lembrava do tal cigano, que por sinal lhe pagara uma ceia a ele e mais dois, onde beberam até não saberem de que freguesia eram. Até aqui vai a coisa como se quer, mas depois o cigano mirrou-se, e o tal João Alves nunca mais lhe pôs o olho, nem teve notícias dele. Ora aqui tem o que mais pude saber. enquanto a mim, isso não era cigano... Era algum trampolineiro da borda de água. Mas que berzabum de conhecimento tinha o senhor com esse diabo alma que nos tem dado que fazer? Aí, por mais que me digam, anda dente de coelho... não me dirá?

— São coisas, meu caro José... Não há remédio senão perder daí o sentido.

Alberto ergueu-se para sair.

— O teu vinho e os teus camarões são deliciosos — disse ele. — Aqui fica dinheiro para outros, que qualquer dia te virei comer.

— Oh, senhor!, com esse dinheiro compram-se todos os camarões, e pescadinhas, e linguados que nascem no mar de Deus. Faz favor... eu não sou usurário; tenho escrúpulo em receber tanto ouro por tão pouco trabalho...

— Adeus, José, até outro dia. E, reconcentrado na sua habitual tristeza, Alberto de Magalhães saiu, entrou na carruagem e mandou tocar para casa.

Ao cair da tarde, o misterioso investigador do cigano das Alcáçovas, montou a cavalo, e picou a trote largo para o Beato António, onde fizera construir uma linda casa de campo, ao gosto oriental.

Em frente do Convento dos Antoninhos viu que o seguiam a galope rasgado três cavaleiros. Reparou e reconheceu D. Martinho de Almeida, acompanhado dos dois cavalheiros, que de manhã tinham sido os comissários do duelo. Alberto lembrou-se, nesse momento, da provocação. Consultou as suas forças e estava inerme. Nem sequer uma sombra de comoção lhe veio ao rosto, Sofreou as rédeas. O cavalo reprimido ladeava em corvetas, que o cavaleiro, de propósito, lhe concedia, para, de lado, perceber as intenções do amante da marquesa de Alfarela.

Este, abandonado de improviso da coragem impetuosa, ou afetando o sangue-frio da verdadeira valentia, susteve a desfilada do cavalo. Os companheiros, cerrados com ele, pareciam empenhados em insuflarem-lhe uma nova alma para alguma grande tentativa.

Alberto de Magalhães fizera ladear o seu alazão, de modo que, a poucos passos de distância, os três cavaleiros acharam-se com ele, face a face, sem que o reprovador de duelos se descompusesse uma linha na firmeza da sela. D. Martinho cortejou ligeiramente o seu adversário, que recebia a mão do conde de Cavez, e respondia ao sorriso afável de D. Pedro de Alvim, com outro sorriso.

D. Martinho de Almeida, irritado pela afrontosa indiferença com que fora recebido, cobrou alentos e pôde dizer com entono, e afoiteza, que ele mesmo não esperava:

— Senhor Alberto, eu disse-lhe ontem à noite que a sua honra lhe impunha o dever de uma explicação.

— O senhor Dom Martinho fez mais alguma coisa; tocou-me com a mão no ombro, acto a que eu dei a importância muito grave e séria de uma ameaça.

— Enviei-lhe hoje os meus padrinhos. O senhor Magalhães rejeitou a proposta do duelo.

— Rejeitei. Diga alguma coisa nova, senhor Dom Martinho.

— Entendi que um cavalheiro, digno deste nome, quando rejeita o desforço pelas armas, em leal contenda, quer satisfazer o seu adversário com honrosas explicações.

— Entendeu mal. Não tenho explicações a dar-lhe.

— Nesse caso devo considerá-lo um covarde... Alberto de Magalhães, sem ironia, sem sarcasmo, soltou uma gargalhada conscienciosa. Depois, voltou-se para os amigos do pálido esgrimidor e perguntou-lhes que partido tomavam naquela pendência.

— O de cavalheiros — responderam eles.

— A neutralidade, visto que a vossa Excelência não aceita as condições do duelo.

Alberto apeou e prendeu o cavalo aos varões do pórtico do convento. D. Martinho, afetando tranquilidade que o

rosto desmentia, apeou também, e entregou o seu a D. Pedro de Alvim.

— Coragem! — murmurou-lhe este, quando Alberto voltava plácido e risonho, como quem vai lançar-se nos braços de um amigo. Diante do desfigurado espadachim, o misterioso defensor da minha mãe cruzou os braços, fixou-o com uma superioridade de desprezo, e perguntou:

— Então? D. Martinho, aguilhoado de vergonha, não da sua consciência, mas de dois homens, que o consideravam corajoso, levantou a voz, quanto a bravura do pulmão lhe permitia.

— O senhor é um infame covarde!

— Não estafemos o vocabulário das injúrias. Estas palavras de Alberto foram acompanhadas de uma ação ignominiosa. D. Martinho sentiu na face o roçar da pita de um chicote. Recuou alguns passos, sem que o inimigo o atacasse. É porque receava ser presa de Alberto, antes de tirar uma pistola, engatilhar e disparar-lha.

Feriu-o. Aquele aspeto, há pouco, natural e sereno, como a fisionomia inalterável do estoico, desfigurou-se em traços

ferinos de tudo que o rancor pode pintar no rosto do homem. Parece que se lhe viam laivos de sangue no bronzeado das feições. Dilataram-se-lhe as pálpebras, e as pupilas, vidraceritas de um brilho que só a fúria pode dar-lhe, saíram das órbitas.

D. Martinho recuava aterrado; mas, a não o ter morto, a salvação era-lhe impossível!... Alberto arcou-o pela cintura, comprimindo-lhe os braços. A mão esquerda, inflexível como a gonilha, deslocava-lhe as vértebras do pescoço. Erguido em todo o peso, no braço direito do musculoso atleta, o franzino fidalgo esperneava como um frango nos dentes do gato montezinho. Os fidalgos contemplavam silenciosos e aterrados a ferocidade do homem problemático. Escravos da sua honra pontual, não quebrantaram os votos da neutralidade, quando viram Alberto de Magalhães correr com o fardo à beira do Tejo e precipitá-lo pela ribanceira, da altura de seis ou sete côvados.

A transição da fisionomia de Alberto foi momentânea. As formas do tigre cederam às feições do homem. Era o mesmo que dez minutos antes. Passando por diante dos

companheiros do seu infeliz contendor, saudou-os urbanamente. Ao montar a cavalo, reconheceu que o seu ferimento era grave, porque não pôde levantar o braço esquerdo à altura das rédeas.

O conde de Cavez e D. Pedro de Alvim apearam e debruçaram-se no precipício. Esperavam encontrar um cadáver, e viram o seu amigo entalado entre duas rochas, com a face arregoada de sangue. Chamaram-no, e ele pediu que o socorressem. de uma taverna próxima, que o curioso encontra ao lado esquerdo da estrada, vieram homens, que desceram o despenhadeiro e, com grande custo, transportaram D. Martinho a um barco. A mencionada taverna tem uma entrada pelo Tejo.

O destroncado fidalgo hospedou-se aí. As dores dos braços e pernas desarticulados arrancavam-lhe gritos que comoviam a compaixão.

D. Pedro de Alvim corre a Lisboa em busca de médicos. Vieram e declararam que nenhuma ferida era mortal.

À porta da taverna, os habituais frequentadores filosofavam sobre o acontecimento. Quase todos se

acusavam de não terem arrancado os fígados ao patife que reduzira a tal estado o bom fidalgo, muito conhecido naqueles sítios. Alguns frades tinham vindo à taverna colher informações do atentado horrível. A opinião pública estava a favor de D. Martinho; e a vozearia contra o homem do cavalo negro era estridorosa. Alguns propuseram incendiar-lhe o quiosque, um quarto de légua distante, a que chamavam caranguejola, no seu ódio às inovações chinesas.

# CAPÍTULO XIX

Neste conflito, chegavam padre Dinis e o escrivão, de volta de Santarém. O tumulto excitava a curiosidade. O escrivão, obrigado pelo instinto, farejando no rasto do sangue um processo, perguntou o que era aquilo. Responderam-lhe que um malvado atirara com o Sr. D. Martinho de Almeida ao rio e fugira.

Padre Dinis não colhera dos frades informações mais amplas. Aperam e entraram na taverna. Subiram ao primeiro andar e esperaram na varanda que alguém os esclarecesse. O doente estava no quarto próximo. O médico veio à varanda lavar as mãos ensanguentadas do curativo, e conheceu o escrivão.

— Que é isto, senhor doutor? — perguntou o funcionário.

— Uma desordem entre um tal Alberto de Magalhães e Dom Martinho de Almeida. Picaram-se de palavras em casa

da marquesa de Alfarela, por causa da condessa de Santa Bárbara.

— Da condessa de Santa Bárbara? — interrompeu padre Dinis.

— Sim, senhor. Dom Martinho fazia coro com as damas, que reprovavam o procedimento escandaloso da Condessa. O tal Alberto, que uns dizem ser espião de Dom Pedro e outros filho de Dom João sexto, defendia a condessa de Santa Bárbara. Não sei mais nada... o que sei é que o pobre fidalgo está com um braço quebrado, duas costelas partidas, a cabeça contundida, a articulação femural deslocada e não sei que mais.

— Esse tal Alberto de Magalhães — interpelou o padre — não é um sujeito que veio, há um ano, do Brasil?

— Justamente.

— Eu não o conheço — disse o padre — , mas ouvi dizer que era um homem misterioso.

— Um homem diabólico, é o que eu penso que ele é. Disse-me Dom Pedro de Alvim que tomara Dom Martinho

debaixo do braço e atirara com ele ao rio como quem atira um sagui morto à rua.

Padre Dinis, atordoado com o inconcebível daqueles acontecimentos, despediu-se do médico. O escrivão, convencido da inutilidade dos seus serviços ao decoro da lei postergada, visto que se não lavrara auto de exame, com grave escândalo da justiça, retirou-se.

Padre Dinis veio encontrar minha mãe na situação aflitiva em que a deixara. Eu não saíra de ao pé do seu leito. D. Antónia, extremosa e inseparável consoladora dos seus receios, poucas horas, das quarenta e oito decorridas, desde que o seu irmão saíra para encontrar-se com o conde, deixou de ajoelhar-se à Mãe de Deus, suplicando-lhe o seu divino auxílio na comissão arriscada do sacerdote.

A aparição do padre, tão depressa, assustou minha mãe: contudo, o seu rosto era alegre, e no sorriso, raro aberto nos lábios dele, falava a esperança e animava-se o coração.

— Acho-a doente, não é verdade? — disse ele a minha mãe, tornando-lhe o pulso.

— Doente do espírito... estava triste... adivinhava trabalhos... sempre um pressentimento do pior.

— Enganou-a desta vez o seu anjo mau...

— Como, senhor padre Dinis?

— O conde é um milagre da Providência divina. A compaixão, o remorso e a honra nasceram de repente naquela alma. O seu marido pede-lhe perdão: quer vê-la...

— Por Deus!, senhor padre Dinis — exclamou minha mãe impetuosamente — , sabe as intenções do conde de Santa Bárbara?

— Sei. Pedir-lhe perdão, justificá-la no pelourinho onde a infamou; restituir-lhe a felicidade, não, que é impossível; mas conceder-lhe uma vida de paz e de descanso...

— Na companhia dele?

— Não, minha filha. Na companhia das suas saudades e das suas esperanças...

— Esperanças!

— No reinado dos que sofrem. Há muito que amar fora do mundo. Verá o que é a tranquilidade do amor de Deus.

Quer entrar num convento?

— Ah!, sim, um convento, a minha ambição mais querida... um convento, meu bom amigo... Ele concede-mo?

— Concede.

— e o meu filho?

— Entregue-o a Deus, e Deus me dirá o que deve ser do seu filho... Vê? Não lhe parece que começa uma nova época na sua existência? A roda desanda. Cansou-se a desgraça. Agora é crer muito, confiar muito, e muito esperar. Amanhã iremos...

— Aonde?

— A Santarém. O seu marido está doente...

— Doente?!... perigoso?

— Deus o sabe. É necessário ir com tempo. A vida é uma luz desamparada, e o vento da morte sopra de todos os lados... Tem força para ir?

— Deus ma concederá... iremos e depois?

— Voltaremos, logo que o conde de Santa Bárbara possa seguir jornada. Diga-me, minha filha... Está certa de ouvir pronunciar este nome: Alberto de Magalhães?

— Vi-o escrito.

— Onde?

— Num bilhete que tenho no meu baú.

— porque motivo?

— Cuidei que esse bilhete era uma disciplina de que o conde se serviria para me flagelar. Eu mostro-lho.

Minha mãe tirou de uma caixa de marfim uma carta, com fecho de lacre, e leu o seguinte:

À condessa de Santa Bárbara: Há quinze anos, que o marquês de Montezelos mandou matar um filho da sua filha, D. Ângela de Lima, O infanticida encarregado dessa comissão não matou a criança, vendeu-a. A atual condessa de Santa Bárbara tem conhecimento deste facto? Responda a Alberto de Magalhães, residente em Lisboa.

— O quê, senhora?... — acudiu o padre alvoroçado.

— Queira ler outra vez... deixe-me ler esse escrito!... Santo nome de Deus, que confusão na minha cabeça...

— Que se passa? — disse minha mãe assustada.

O padre leu o escrito.

— E depois?... respondeu-lhe? — interrogou ele com veemência.

— Nada. já lhe disse que me julguei o ludíbrio de um novo género de crueldade do meu marido...

— Não recebeu mais nenhum escrito?

— Nenhum.

— Senhora Condessa, tenha a bondade de escrever...

O padre dobrou o papel e ofereceu a pena a minha mãe que escreveu:

“Alberto de Magalhães:

“Condessa de Santa Bárbara, infamada no seu infortúnio, agradece com lágrimas ao coração generoso que lhe defendeu a sua honra...

Minha mãe parou de escrever.

— Não concebo isto, senhor padre Dinis.

— Escreva, minha filha. Esse homem puniu hoje à tarde um dos seus detratores, e tem uma bala num braço...

— Que me diz, senhor?... Arrastam-me assim no mundo?

— Exaltam-na, senhora Condessa... Escreva:

Ela quer conhecer o cavalheiro que quis lavar-lhe as nódoas com o próprio sangue, Não pode ser já. Um dia, e breve será. D. Ângela de Lima quer pessoalmente respondera uma pergunta que lhe foi feita, há dez meses, por Alberto de Magalhães.

Era meia-noite. O padre Dinis saiu e dirigiu-se para a Rua dos Romulares, onde morava Alberto de Magalhães.

Nas cavalariças havia luz. Bateu, e o guarda-portão respondeu-lhe que àquela hora não abria a porta sem licença do patrão.

O padre instou pois que lhe ouvisse uma pergunta sem abrir a porta. Informou-se do ferimento de Alberto. Respondeu o criado que os médicos disseram não havia perigo. O padre pediu que lhe recebesse uma carta para

entregar ao dono da casa. Tomaram-lha por debaixo da porta.

No momento em que o padre se retirava, aproximavam-se da porta dois vultos, que pararam. O padre escondeu-se no escuro de uma esquina próxima. Viu que um toque de convenção fizera abrir a porta. Os vultos entraram com precipitação, e o padre, receoso de algum salto traiçoeiro, coseu-se com a parede do palacete, para escutar. No limiar da porta tocou com o pé num objeto, que tiniu. Levantou-o. Viu que era uma pulseira.

Quando recolheu ao seu quarto, reinava profundo silêncio. A minha mãe adormecera encostada ao meu ombro. Eu tinha adormecido sobre um canapé, chegado ao leito da minha mãe. D. Antónia, que eu deixei ajoelhada no oratório, seria a única que ouviu os passos cautelosos do padre. Se os ouviu, agradeceu ao Senhor encaminhá-los ao seu quarto, onde, depois da meia-noite, até às três horas, D. Antónia muitas vezes escutou o frémito da pena sobre o papel.

Padre Dinis, sentado na escrivaninha, reparou na pulseira, demorou-se a decifrar os caracteres de uma

legenda na face interior, abriu o Livro Negro e escreveu algumas páginas com a seguinte epígrafe, que parece ser do autor:

*30 de Agosto de 1832*

E as filhas dos padres, pela calada da noite, patinhavam no tremedal das torpezas, e deixavam apôs si o seu nome escrito em lâminas de ouro, cravejadas de brilhantes, para que as somenos em jerarquia se animassem a trilhar o senda da corrupção opulenta.

# CAPÍTULO XX

Uma hora antes de amanhecer, o autor do Livro Negro bateu à porta do quarto de D. Antónia e mandou-a preparar com a condessa de Santa Bárbara. Depois, saiu, e voltou acompanhado de duas seges.

Quando ele chegou, estava minha mãe lançando sangue! D. Amónia quis avisar seu irmão, para obstar a jornada: minha mãe não consentiu. Habituada aos grandes padecimentos do espírito, as dores do peito nunca lhe deram cuidado: os golfos de sangue com que borrifava os lenços, nunca ela se lembrou que podiam ser sintomas de morte.

Com o padre entrava o velho Bernardo, o nosso amigo.

O mestre entregou-me a ele, e a minha mãe inundou-me a face de lágrimas na despedida.

Partiram. Com o balanço da sege os sofrimentos da minha mãe aumentavam. Antes do Beato António, pediu que a deixassem ir a pé, porque receava morrer. O padre quis retroceder, mas a infeliz era capaz de sacrificar um desejo da sua alma ao gozo da saúde, que há quinze anos não conhecia. Deu alguns passos a pé e sentou-se extenuada à porta da taverna, onde se achava doente D. Martinho de Almeida.

D. Antónia perguntou-lhe se queria tomar um caldo de galinha, e ela aceitou a lembrança.

Padre Dinis vacilou um momento na irresolução de a deixar entrar naquela casa. Venceu a necessidade de fortalecê-la e o receio de a ver exausta de forças, quando a coragem da alma lhe sobrava. Entraram.

Os primeiros raios do sol de Agosto douravam o castelo de Palmela. O céu límpido, o Tejo azulado e o murmúrio matinal da natureza encantavam a alma naquele recolhimento íntimo, remanso providencial de suavíssima tristeza.

A condessa de Santa Bárbara, na varanda sobranceira ao Tejo, levantou o véu negro para respirar uma coluna do ar, que até ali lhe fora cerceado entre quatro paredes sufocantes. Padre Dinis, ao pé dela, como um pai estremecido ao pé da sua filha tocada pela asa da morte, acompanhava-lhe o espírito nas suas elevações, e adivinhava-lhas. D. Antónia, essa, pelas suas próprias mãos, cozinhava o caldo para a sua companheira de Nazaré, e a sua filha adotiva desde que a desgraça lha lançou no regaço, como enjeitada da fortuna.

De repente, se abriu a porta que abria para a varanda, e apareceu a marquesa de Alfarela, cujas intimidades com D. Martinho de Almeida eram muito conhecidas do Sr. José de Campos Salema, o proprietário dos nove navios e dezoito milhões.

D. Angela de Lima quis descer o véu; mas era tarde. A marquesa quis recuar, e era tarde também. Fixaram-se, cada uma lutando com o pejo, mas por diferentes motivos.

A marquesa rompeu o silêncio, titubeando:

— Ó, prima Santa Bárbara!... Tu por aqui?

— E verdade!... O nosso encontro é estranho!... Chegaste agora, ou já aqui estavas?

A marquesa fez-se de sete cores, e tartamudeou outros tantos monossílabos, que a minha mãe não compreendeu. Padre Dinis estava perturbado. Queria remediar o conflito e não via saída. Arrependeu-se do seu laconismo em demasia misterioso.

Retirou-se, por entender que a sua presença poderia aumentar os embaraços; ou por temer que a marquesa o provocasse a dizer-lhe ironias tremendas, que lhe saíam sempre dos lábios, picantes e certeiras, como a frecha do arco.

A marquesa a sós com a minha mãe, abraçou-a carinhosamente.

— Conta-me os teus infortúnios, prima! — disse-lhe disse ela modelando a voz compassivamente. — Ainda ontem a prima Lencastre e a prima Natividade lastimaram a tua sorte, indignadas contra um boato infame que fizeram correr ao teu respeito.

— Que queres, prima? A calúnia nem a desgraça respeita...

— Isso é verdade... Eu que o diga!... Tenho sido vítima como ninguém, e Deus sabe a minha consciência e o meu coração.

— E que diziam de mim? Que eu era adúltera, não é assim?

— E verdade; vê tu, Santa Bárbara, como se há de viver nesta sociedade de detratores e detratoras, que muitas vezes se retiram dos nossos salões, atirando com a nossa reputação ao charco da canalha.

— Eu não me queixo, prima, nem da sociedade, nem da Providência, nem de mim. Sou desgraçada porque devo sê-lo. Deus quer que eu sofra... e então? O verme há de revoltar-se?

— Coitadinha!, como estás definhada!... Há quinze anos, não te tenho visto quatro vezes... E agora para onde vais?

— para o meu marido.

— Sim?! para o teu marido?! Ora vejam o que é o mundo!... E a dizerem que ele propalara a tua fuga...

— Não sei, prima Marquesa... Será tudo assim... o pior é que ele está doente em Santarém... Vou visitá-lo, e ver se ele pode transportar-se para Lisboa. De mais... o mundo que fale... Se as tuas amigas te disserem que eu sou má, diz-lhes que lhes perdoo de todo o meu coração...

— As minhas amigas!... Essa é boa, prima! Imaginas que na minha casa ousa alguém deprimir o teu nome!...

— Não imagino; mas eu sei que a minha honra é disputada em duelos...

A marquesa empalideceu. e a minha mãe continuou sem reparar na turvação da sua prima:

— Não soubeste do duelo, creio que foi duelo, entre Dom Martinho de Almeida e...

O resto foi interrompido por D. Antónia, que conduzia o caldo. Padre Dinis acompanhava-a, e reparou na fisionomia da marquesa. Adivinhou-a. Enquanto a condessa tomava o caldo, a amante de D. Martinho procurava um pretexto para retirar-se. Padre Dinis, porém, não era homem de

eliminar, por ignorância, o último pormenor dos assuntos, que mereciam ser arquivados no Livro Negro. E perguntou:

— A senhora marquesa de Alfarela como passa, minha senhora?

— Bem; obrigadíssima.

— Sempre exemplar de bondade e de virtude.

— Decerto... eu não tenho o gosto de conhecer Vossa Excelência...

— Há aí demasiada fineza de tratamento, minha senhora... Eu não passo de um padre...

— Naturalmente capelão da prima Santa Bárbara...

— Capelão, não, senhora Marquesa... um simples criado...

— Um pai... — interrompeu a condessa, olhando-o com ternura de filha.

— Pois não tinha o gosto de conhecê-lo... e o meu marido conhece-o?

— Não, minha senhora... Não vivo ao alcance da sua vista... Eu é que lhe conheço as virtudes, que são do

domínio público. E, se me não engano, creio que o vi na janela do outro lado...

— Sim... — gaguejou a marquesa — ele está também aqui...

— Vão de jornada? — perguntou o padre afiando o gume de uma sarcástica simplicidade.

— Esperamos uma família... vamos ao Farrobo...

— Ah, sim?... Então madrugaram...

O diálogo foi interrompido por uma carruagem. Era o médico, conhecido do padre, por intermédio do escrivão. O doutor, supondo que as três senhoras eram parentes do enfermo, ao entrar na varanda, perguntou:

— Como vai o senhor Dom Martinho... naturalmente tem gemido?

Ninguém lhe respondeu. A marquesa voltou as costas para o grupo, e olhou para o Tejo. D. Ângela de Lima consultou, espantada, a fisionomia do sacerdote. Este sorria-se, cravando os olhos no chão. Ora o doutor julgou que a má sorte o trouxera ao centro de uns poucos de

idiotas. A única pessoa que parecia querer responder-lhe, mas não sabia o quê, era D. Antónia, que entrava naquele jogo com a inocência com que entrava em todas as intrigas. O que acabou de convencer o doutor da demência daquele grupo, ou de uma embrulhada indecifrável, foi o padre impor-lhe silêncio com o dedo no nariz, quando se viu, segunda vez, interrogado sobre as melhoras de D. Martinho.

A crise era penosa para todos. Padre Dinis deu o braço à condessa, e cortejou as costas da marquesa, que ao voltar-se, para responder à saudação, não tinha nas feições uma fibra que não estivesse da cor do marroquim.

Minha mãe, reanimada pelo excesso de vida que tais comoções lhe deram ao espírito, achou-se mais confortada no corpo, ou mais esquecida das dores do peito. Entrou na sege e quis que o padre se sentasse ao seu lado.

Aquele segredo, dizia ela, que a ia atormentando. Foi forçoso ao padre contar-lhe tudo; e, se lho não contasse, o Livro Negro não seria enriquecido pelo diálogo da marquesa de Alfarela com a sua caluniada prima, dois dias depois que a retalhara a golpes de inflamação, e propusera

para o célebre congresso o adultério da sua ”indigna prima” como matéria da noite.

D. Ângela de Lima sentia rasgarem-se as névoas, que lhe ocultavam a face torpe do mundo. O ulceroso, o esquálido da sociedade parecia-lhe impossível pelo asco, pela repugnância, em acreditá-lo. Padre Dinis viu que a hora de desvendar aquela pobre mulher tinha soado, por isso que a traição, a impostura, e a infâmia lhe assediavam a existência. A condessa de Santa Bárbara, segredada desde os dezassete anos do foco da grandeza no vício e no luxo, supunha que o seu pai era o primeiro homem perverso, que o seu marido era o segundo, e que estes dois homens, arrancados à família humana, deixariam a sociedade purgada de fezes.

E o padre, no decurso de sete ou oito léguas, pôs-lhe diante dos olhos o facho da experiência. Primeiro a luz era muita, e a desditosa senhora sofreu. Depois, os ouvidos habituaram-se a ouvir o anátema pelos lábios de um virtuoso, e creu que o mundo era péssimo. Foi então sublime! Quando o padre lhe perguntou o que achava aqui de bom para a virtude que se, debate num contínuo

paroxismo sobre a cama de flores e espinhos que a infâmia lhe faz, D. Ângela de Lima apontou para o céu, e iluminou-se de uma alegria sobrenatural...

Descera a noite. Santarém estava a um quarto de légua. A espaços, a viração trazia de lá um murmúrio cada vez mais débil. Era a população que retirava das praças, e a alta respiração da vila populosa que desfalecia no cansaço da agitação diurna.

O padre cedera o seu lugar, na sege da condessa, a D. Antónia, que murmurava fervorosamente o seu rosário, oferecendo-o à Virgem, que ela exorava, como protetora da sua infeliz amiga. A minha mãe, embevecida na transparência estrelada do céu, recordava melancolias, que lhe filtravam lágrimas de saudades, amargas sempre quando as esperanças são impossíveis.

Padre Dinis ia triste das tristezas eternas do génio e da virtude, em revolta com a ignorância e com o crime. Aquela formosa natureza, que, em redor o chamava à paz, era-lhe um incentivo de mais funda dor. O silêncio da noite fazia mais doloroso o tumulto que dentro lhe alvoroçava o coração. A sua alma era um abismo. Aquele homem, há

quinze anos que vivia a morrer em cada hora. Ao declinar da existência, com cinquenta e tantos anos, sentia-se robusto de um vigor providencial, que devia consumir em lutas atormentadas. A face cadavérica e o espírito arrojado em aspirações de jovem! O corpo a alquebrar-se nas vizinhanças do túmulo, e o éter da alma a abrasar-lhe em redor um vasto horizonte, povoado de paixões grandes, mas generosamente grandes! ”O que tenho eu sido?”, perguntava-se ele, cravando os olhos lá em baixo nas orlas do céu, profundas como o segredo do seu destino. ”O que tenho eu sido? A condenação! Um mito de sofrimentos, mesclado de prazeres, que o mundo reputa excentricidades! Um ambicioso de glórias, segredadas ao mundo e recolhidas no templo da consciência, como troféus que o mundo afastaria do seu caminho com a ponta do pé!...”

A absorção daquela dor invejável continuava num diálogo entre Deus e o homem, quando um dobre de finados, ecoando pelas quebradas das charnecas em melancólica toada, arrancou o espírito do pensador para o positivo doloroso da terra.

A sege da minha mãe parara, à sua ordem. O padre perguntou o que acontecera.

— Nada... — disse ela —, não ouve aqueles sinos?

— Ouço... e então? É muito triste aquele som, não é verdade?

— Tive um abalo no coração...

— Tranquilize-se, minha senhora... Estava muita gente viva em Santarém... Bastava que morresse uma pessoa.

As seges continuaram. A poucos minutos de jornada estavam em Santarém.

A condessa disse a D. Antónia que sentia pular-lhe o sangue nas veias. O pressentimento pintava-lhe com as vivas cores da realidade a ideia, que lhe passara como sombra de mortalha diante dos olhos, quando o primeiro gemido do bronze lhe foi dos ouvidos ao coração. E, contudo, não podia dizer precisamente o seu receio. Era o torvo impenetrável do agouro, o que ela sentia. A noite, o silêncio, o céu e a solidão davam as formas ao que a filosofia desprevenida chama abusões de almas fracas, fantasmas do espírito desenfadado e outras injúrias com

que a matéria se vinga de tudo que é superior, até no sofrimento!...

Entraram em Santarém. A sege de padre Dinis passou adiante para parar na pousada do conde de Santa Bárbara. Estavam perto, À porta da hospedaria avultavam grupos. O padre respondeu ao pressentimento da minha mãe. O coração pulsou-lhe também com o sobressalto. Quis parar ali. Para quê? Se as suspeitas eram a verdade, a verdade, ali, não podia esconder-se. Chegaram ao pé dos grupos. O padre perguntou que novidade era aquela. Responderam umas poucas de vozes:

— Morreu o senhor conde de Santa Bárbara. A minha mãe ouviu-as. D. Antónia ouviu-lhe um gemido, e tomou-a nos braços.

— Não é necessário... — murmurou ela —, tenho forças e coragem para mais... Quero apear-me. — O padre abriu a sege.

D. Ângela saiu. Nem uma palavra de aflição. Padre Dinis estranhou-a. — Onde está ele? — perguntou minha mãe, tomando o braço do sacerdote.

— Aqui nesta casa.

— Quero vê-lo...

— Para quê?... Pois não sabe...

— Que está morto... sei... sabia-o já... Disse-mo Deus... já lhe rezei por alma...

— Pois bem... continue a rezar; mas não vamos lá... Vossa Excelência recolhe-se a outra hospedaria.

— Respeite a minha vontade, senhor padre Dinis. A viúva subiu as escadas com estranho desembaraço. Atravessou a multidão de fidalgos, que não cabiam na antecâmara. Entrou no aposento onde vinte minutos antes expirara seu marido.

Estavam ainda acesas as velas, ao lado do crucifixo. O cadáver não tinha sido tocado ainda. Estava descoberto da cintura para cima. Os colarinhos da camisa, empastados pelo suor frio da morte, pareciam identificados com a pele esverdeada dos ombros. Um braço pendia arregaçado até ao cotovelo. O outro ficara atravessado sobre o peito. Os cabelos uns pegavam-se ensopados na testa, outros em desalinho, entremeavam-se nas rendas da fronha. Os olhos

tinha-os meio abertos. Circulava-os uma zona de um amarelo salpicado dos bagos da transpiração da agonia. O nariz, afilado na base e dilatado nas asas, projetava raios escuros, até aos cantos dos lábios, onde as sombras se continuavam por dois traços de sangue negro. A extremidade da língua, arregoada de sulcos pardos, via-se justaposta aos dentes superiores, cobertos de cárie e raiados de sangue gelado. A crescida barba, em pastas húmidas, e como glutinosas, caía sobre o pescoço, onde as veias, regurgitadas ainda, pareciam ofegar os últimos arquejos.

Tal era o quadro que a condessa de Santa Bárbara tinha diante de si. Estremeceu? Recuou? Não. Afastaram-se de ao pé do leito os que se preparavam para transportar o finado a casa do seu primo D. Cristóvão Vaz. E ela aproximou-se. Ajoelhou entre o leito e a banqueta das luzes, que cobriam aquele âmbito de um clarão pavoroso. Levantou as mãos. Cravou os olhos, brilhantes de lágrimas, na face de Jesus Cristo. Os seus lábios não se moviam. As mãos tremiam de uma convulsão quase impercetível. Não levantara ainda o véu. Ninguém lhe vira a fisionomia, e reconheceram-na

todos. Aquele lance era respeitável. Aquela angústia não podia ser presenciada por indiferentes, nem interrompida por consolações banais. Aos pés da cama ajoelhara o padre. Ao pé dele D. Antónia. Os outros retiraram-se. Era profundo o silêncio.

E todas as torres de Santarém vibravam esse gemido clangoroso que dá em terra com as soberbas ilusões dos que calculam com o presente para conquistarem novos estádios de felicidade futura.

## CAPÍTULO XXI

Passados vinte minutos, padre Dinis não podia respirar os miasmas daquele quarto.

D. Amónia, esvaída, retirara-se encostada ao irmão. A condessa parecia estranha a todos esses movimentos.

Receoso do que veio a acontecer, o padre pediu a minha mãe que se retirasse; que a oração era ouvida no céu de todos os pontos da Terra; que o ar impuro daquele quarto, se teimasse em respirá-lo, lhe aumentaria gravemente os padecimentos do peito.

Arroubada na sua dor, ou indiferente às razões do extremoso amigo, não lhe respondeu. Alguns minutos depois, fez-se lívida como deve ser o aspeto de quem se escoasse de sangue. Vacilou sobre os joelhos e caiu de bruços com a cabeça sobre a banca e as mãos sobre a peanha da cruz. Só então no declinar do corpo, os lábios

obedeceram ao impulso do espírito. O padre ouvira estas palavras:

— Senhor!, perdoai-lhe a ele, e a mim não me condeneis... Algumas senhoras das primeiras famílias chegavam a convidar a condessa para suas casas. Foi transportada, em braços, para a mais próxima.

O cadáver, amortalhado, foi dali conduzido para a igreja. Os médicos recomendavam a maior brevidade na sepultura.

Padre Dinis assistia, com a sua irmã, à convalescença da minha mãe. O repouso restituiu-lhe o alento. Em roda dela as pessoas estranhas mortificavam-na. Pediu delicadamente alguns momentos de silêncio e solidão. Retiraram-se, menos o padre, a quem ela não consentiu a saída. Foi ele que quebrou o silêncio aflitivo de alguns minutos:

— A sua alma é angélica, senhora Condessa... devia sofrer... Perdoou... devia perdoar...

— Perdoei... Quando assim se pede, com tanta confiança, e tribulação, é impossível que Deus não atenda...

— Atende, e mais ainda às súplicas da vítima que pede o perdão do...

— Desgraçado, que a matava porque a não compreendia... ”Ele o sabe... nunca lhe dei um desgosto... Nunca me revoltei contra o martírio... Quando a dor excedia as minhas forças, odiava-o, mas não seria capaz de me pagar de tantas com fazer-me chorar uma só lágrima da amargura das minhas... Ele o sabe... o seu espírito não me assusta... não vejo fantasmas acusadores na minha consciência... Eu vinha perdoar-lhe, e sofrer mais, se a sua vontade o quisesse... Perdoo... Perdoo-lhe tudo. Que Deus lhe não dê um momento de expiação... que ele nunca sinta o amargor do meu fel... O seio de Deus se lhe abra, se as minhas lágrimas têm algum peso na balança das suas iniquidades...

Minha mãe soluçava, debulhada em lágrimas, com os cabelos desgrenhados e a face escondida entre as mãos. Padre Dinis, conhecedor de todas as vicissitudes do sofrimento, e dos sofrimentos de todo o género, não lhe abafou a respiração da alma. Deixou-a falar e chorar. Feriu-lhe todas as cordas da sensibilidade. Estimulou-lhe todos os sentimentos que podiam ser delidos por lágrimas. O homem de coração poderia ali parecer um cínico, experimentador

do quilate dos padecimentos alheios. Qualquer outro viria ali refutar uma dor legítima com frivolidades de consolações piegas. Ele não. Aplicava o ferro candente à ferida, exacerbava-lhe a dor, para queimar-lhe as excrescências e curar com o maior tormento de instantes o mal que os paliativos, muitas vezes, e com espaço longo de sofrimentos menores, deixam entrar a morte nas entranhas.

A prática a sós, com a minha mãe, fora longa e farta de lágrimas. Ninguém se intrometera no segredo de duas almas que precisavam de solidão para se abandonarem a dolorosas expansões. Tinham passado horas, quando foi anunciado à viúva que o juiz de fora e um padre dominicano desejavam falar-lhe. Padre Dinis conjeturou que a vinda de tais pessoas era urgente.

Entraram.

O juiz de fora depositou nas mãos da minha mãe um testamento, que dizia ser do defunto senhor conde de Santa Bárbara.

O frade, majestoso da sua humildade, acurvou-se entregando à condessa de Santa Bárbara uma carta,, que

precedeu destas palavras:

— Eu fui o ministro da penitência, que assistiu vinte e quatro horas aos paroxismos do senhor Conde, que Deus terá chamado à sua divina presença. A carta que tenho a honra de depositar nas mãos de vossa Excelência foi ditada pelo seu marido, e assinada com o seu próprio punho. Devia eu amanhã conduzi-la ao seu destino; mas o Altíssimo quis que a vossa Excelência viesse chorar ao lado do cadáver, já que não pôde presenciar um justo pela contrição, exalando a alma que o perverso mundo tolhera. A minha missão não está ainda cumprida. Preciso saber se está presente o reverendo padre Dinis Ramalho e Sousa.

— Um seu servo — disse o padre adiantando-se um passo para o dominicano.

— Sois ? — instou o padre, abrindo os braços. — Sou eu.

— Pois bem. Este abraço recebi-o dos braços quase gelados pela morte, para transmitir-vos. Recebei-o como um galardão. Não o tendes decerto maior em todas as vossas virtudes. É o abraço de um homem, que vós quisestes ensinar a viver... não pudeste... mas as lições não

se perderam... Ensinaste-o a morrer. Vós semeastes, e eu colhi.

Mandastes para o meu tribunal um homem purificado, e eu absolvi-o Aquele triunfo é vosso.

Sei que sois um homem superior... O vosso poder vem de cima. Sede amigo de todos os infelizes, como o fostes do conde de Santa Bárbara. Sede meu amigo, que sou o último dos homens e o primeiro entre os que pedem a Deus que nunca o vosso auxílio seja desconhecido aos desgraçados, que se perdem por não terem um amigo. Abraçai-me agora, já que eu fui o portador da herança que vos legou um moribundo!

Os dois homens veneráveis, abraçados confundindo as lágrimas, era um lance dos que vibram no sangue o gelo e o fogo do entusiasmo. D. Ângela, com as mãos erguidas, contemplava o quadro; e sentia-se cair insensivelmente sobre os joelhos. O juiz de fora, alma esterilizada para as cenas do sentimento, tremia nervosamente e não desdenhava em si uma lágrima, que ele disse ser a única, há quarenta anos. À voz sonora do monge acudira a família, correram todos que o reputavam santo. Era grandioso o

toque visível do fervor religioso em todas aquelas fisionomias! Estas glórias, estes conflitos sublimes são um exclusivo da religião. Ali há divindade, há flama do céu, há a elevação que não é daqui!

O dominicano, afastando-se dos braços do padre Dinis, saudou a condessa, em despedida, dizendo-lhe:

— Senhora, tem Vossa Excelência necessidade de mim?

— A sua companhia ser-me-ia sempre grata.

— Aqui lhe deixo padre Dinis. Ouça-o, e o que ele disser não poderei eu dizer-lho... Sou frade, senhora (e acrescentou sorrindo), a minha cela está viúva do seu esposo foragido há vinte e quatro horas... É necessário fazermos pazes. Fiquem todos na graça de Jesus Cristo.

Quando ele desapareceu, padre Dinis, com a sua consciência, murmurou: ”Quanto sou pequeno!”

O juiz de fora, esgotada a impressão que o fizera esquecer a sua vinda, chamou testemunhas para assistirem à abertura do testamento. A viúva pediu que o não lessem na sua presença. O magistrado retirou urbanamente, e com ele as pessoas que adivinharam os desejos da condessa. Ela

ansiava por ler a carta. Sozinha e D. Antónia, abriu-a com mão trémula e leu, soluçando: Ângela!

Escuta um grito de ao pé do túmulo. Os meus lábios, daqui a pouco pasto dos vermes, chamam por ti. Ângela, o coração diz-me que virás tarde. Logo, talvez, ajoelharás ali, ao pé deste corpo frio, destes olhos apagados, destes ouvidos surdos ao perdão dos teus lábios. Ângela, ajoelha e perdoa, que eu espero à porta do céu a palavra da minha redenção! Não fujas aterrada deste cadáver. A sombra do teu algoz está aqui. Se tinha inimigos, venham cuspir neste espólio dos meus triunfos; mas tu não cuspas, minha única vítima. Tu não, Ângela, porque eu morro com a tua imagem no coração, e terei de responder a Deus, quando me disser: ”Reprovo, que fizeste da tua esposa?” Ângela, amaldiçoaste teu pai, e ele morreu sacudindo as larvas que o sufocavam. Ouviram-no pronunciar o teu nome apontando para os pés do leito, que rangia naqueles estertores que gelavam o sangue dos que o viram. É que o amaldiçoaste, quando eu te disse: ”Serás a vítima expiatória da infâmia do teu pai!”

A mim não me amaldiçoes, Ângela! A mim, não, que me fizeram desgraçado, e sórdido, e desprezível! A mim, não,

minha pobre esposa, porque eu reconheço que devo morrer no momento que me sinto lacerado pelo remorso! Morrer da cólera, ou de vergonha, este destino devia Deus conceder-mo para que eu não levantasse mais os olhos diante de ti. Ângela, ouço dizer que me perdoaste, Ao pé de mim está um homem que me promete o teu perdão, E ao pé de ti está um justo que te dirá que me perdoes. Escuta-os a ambos, Ângela! Não feches o teu coração a nenhum, para que os suplícios do condenado me não sejam eternos... Ângela!... adeus! Salva-me tu, e que o mundo insulte a memória do conde de Santa Bárbara, As últimas linhas da carta já as não leu minha mãe. Convulsa, sufocada em soluços, vertendo em cada linha uma lágrima, a exaltação febril com que começara descaiu em aparente paralisia. Tremeram-lhe as pálpebras, como se um golpe de gota serena lhe escurecesse os olhos. Queria ler, e não podia; fia, e não compreendia já; deixou cair a carta, e ergueu as mãos; não lia, mas orava. Aquela oração, tão fervente, tão elevada na augusta santidade do momento, trazia-lhe aos lábios todo o coração, os fervores todos de uma fé que lhe pintava Deus ali, a ouvi-la, a consolá-la, a receber-lhe o

perdão dos lábios, como a ”palavra da redenção”, qual lha pedira o agonizante criminoso.

Padre Dinis encontrou-a neste êxtase. Levantou a carta do chão. Passados minutos, minha mãe perguntou:

— Viu-a?

— Ainda não.

— Veja e peça a Deus comigo.

Foi assim. Quando D. Ângela se recolhia ao seu quarto, padre Dinis, fechado no seu, começava uma oração por estas palavras:

“Grande Deus!, deste-me um raio de fé: iluminaste o meu coração; convenceste-me de que o crime e a virtude não é somente punido ou premiada na Terra;

Deus de misericórdia!, recebei a súplica fervente de neófito!... Perdoai ao verme, que não pôde mais tempo arrastar o peso das suas iniquidades;

Perdoai-lhe, que, neste momento, ninguém o acusa...

Solvei-lhe as tremendas contas, que as lágrimas choradas na agonia são como as que na Terra chora a mártir nos

espinhos da sua coroa.”

## CAPÍTULO XXII

Frei Baltasar da Encarnação, o dominicano, confessor do conde de Santa Bárbara, ao nascer do Sol do dia seguinte procurou padre Dinis.

— Vim cedo — disse ele — porque adivinhei que o Sol vos não encontraria na cama, padre Dinis... Olhai... não repareis no tratamento que vos dou. A um frade, com setenta e sete anos, permitem-se estas liberdades. Ao pé de mim, sois criança nos anos, embora velho, mais velho ainda, na prática da virtude.

— Vossa Reverência tem setenta e sete anos? — Nasci em catorze de Abril de mil setecentos e cinquenta e cinco: estamos em dois de Agosto de mil oitocentos e trinta e dois. Contai...

— O que é viver no remanso da tranquilidade!... Vossa Reverência tem a bonança no rosto, a alegria de uma consciência imaculada nos olhos... Os anos o mais que

fizeram foi dar-lhe as cãs, que são a majestade de um rosto sereno... Assim a velhice não pesa, e o caminhar para a última paragem desta peregrinação não enfada... Há quantos anos professou Vossa Reverendíssima?

— Há cinquenta e três, e tenho cinquenta e quatro de claustro, Sou o mais antigo do mosteiro. Fechei os olhos a todos os monges que encontrei, a todos os meus companheiros de noviciado e a muitos que vieram depois. Tenho, pois, vindo até aqui, padre Dinis, direito no corpo, mas acabrunhado no espírito. Olhai, que é doloroso ver cair, ao lado, um a um, os companheiros que abraçamos ao entrar na curta viagem... Bem curta ela é aos que não se assentam cansados de sofrer e desejosos de repousar no seio do nada. Para esses o desalento e o inferno incomportável da dúvida. Para os que vão chorando e semeando frutos de bênção a vida é curta sempre... Que anos tendes, padre?

— Cinquenta e quatro.

— Pareceis mais velho. Tendes muita ruga extemporânea. Macerais o corpo, ou o espírito vos anda atribulado. Se vos mortificam cilícios, lançai-os de vós, que o sacrifício da

carne é inferior à elevação do espírito. Os que não podem dominar-se pela vontade, cingem os rins. Deixai a maceração às almas tíbias, que precisam castigar o corpo... Se vos dói a consciência... não posso imaginá-lo... mas se pode vingar o joio na seara dos frutos abençoados, arrancai-o pela raiz. Vigiai-vos, descei com a alâmpada ao mais escuro. Si ignoras, egredere, A luta do homem com o homem, o lutar incessante dos dois inimigos que se armam no coração do homem... tudo vem de cima. O que é bom, recebamo-lo com as mãos erguidas. O mau não o amaldiçoemos. Não há triunfo sem batalha agra de desconfortos. Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare non susápiamus?... disse o mais mortificado dos homens... Ora aqui tendes o pobre frade em missão!... Desculpai-lhe os seus setenta e sete e dizei-lhe alguma coisa de vós... Quero a vossa amizade, e não a há sem confidências... Quereis que vos diga, padre? O vosso amigo conde de Santa Bárbara, quando me falou de vós, ia alucinado por não sei que magníficas visões com que a vossa imagem lhe aparecia... julguei-o em delírio...

— Seria delírio... Bem vê, Vossa Reverência que em mim é tudo insignificante, a não ser o que podia engrandecer-se aos olhos de um amigo de muito tempo...

— Sabeis o que ele me disse? ”Entrai-lhe no coração... Achareis um santo, ou um homem superior, incompreensível aos outros homens...”

— Tresvariava na febre... O que sou e o que tenho sido nem eu o saberia dizer a Vossa Reverência. O seu olhar é penetrante, as suas palavras descem com a luz ao coração, mas as trevas aqui dentro são o abismo de toda a ciência de conhecer o homem. Vossa Reverência é um justo... adivinhe-me.

— Quem vos disse que eu era um justo? Neste homem que vedes não há senão longas dores e longa experiência... lágrimas, que se não exaurem... é a ciência das lágrimas... Vedes o que é Baltasar da Encarnação? É um homem encanecido no barro, que o queimar das paixões endureceu...

— O queimar das paixões!... Vossa Reverência fala assim a linguagem...

— Dos homens que não podem balbuciar a palavra ”céu”, que lhe não venha uma nuvem da terra escurecer a luz do seu arroubamento... Vedes o que é a amizade?... É a confiança... O meu coração vai-se-vos abrindo... disseram-me que éreis um ser superior, e eu busco-o há muito, porque me não basto a mim próprio. Tenho necessidade de vós...

— De mim?!

— Sim, padre... E toda a noite vos tive no pensamento. Tenho vivido setenta e sete anos. Este meu vigor, na decrepitude, é providencial. Batido das paixões, não fraqueei. Três vezes a braços com a morte, ergui-me como o paralítico da porta do Templo. Quando me disseram: há aí um homem superior ou um justo, tive um abalo, e disse em mim: é o homem que eu esperava...

— Que posso eu ser para Vossa Reverência?... — Um amigo, um instrumento de força nas mãos enervadas de um velho, que vos espera há cinquenta e quatro anos.

— Diga, frei Baltasar.

— Direi... agora não. Voltai um dia ao meu convento, e vinde breve. Não o recomendo muito, porque sei que vireis logo que vos disser que está aqui um desgraçado à vossa espera... Sabei-me da viúva, dai-lhe a minha bênção, e vinde dizer-me como ela está.

Principiava o dobre a finados. A minha mãe, que, ao amanhecer, caíra no aturdimento desse aparente sono, despertou sobressaltada pela toada plangente dos sinos. Ajoelhou-se no leito, e orava, quando padre Dinis encontrou D. Antónia, que saía do quarto da condessa. Voltou ao padre Baltasar, e encontrou-o de braços cruzados, com a vista profundamente mergulhada na capa escura de um livro. O frade levantou os olhos, que pareciam pesar-lhe sobre o mistério daquele livro, e disse:

— Então, como está ela?

— Reza. Dormia há meia hora, quando dobraram os sinos. Acordou espavorida e ajoelhou.

— Ficai com Deus, irmão. Ides hoje para Lisboa?

— Se a saúde da condessa lho permitir...

— Ide em boa hora. Vireis quando puderdes.

— Muito breve. Marcai o dia.

— Amanhã estarei eu morto, e vós também... Quem pode contar com o dia seguinte? Vinde quando puderdes. Adeus.

Abraçaram-se. Padre Dinis escreveu algumas páginas. Interrompeu-o sua irmã, que o chamava ao quarto da condessa. Encontrou-a vestida e preparada para partir.

— Não temos aqui mais nada que fazer? — perguntou ela, — Mais nada. O senhor Conde já foi sepultado.

— Já?

— Os médicos exigiram-no. Morreu de cólera, e receiam que o contágio se desenvolva.

— Podemos partir?

— Já, se a vossa Excelência o determina.

— Senhor padre Dinis, o meu estado dispensa-me de agradecimentos... Se é possível agradeçamos a esta família, e encarreguemo-la de nos desculparem.

## CAPÍTULO XXIII

O conde de Santa Bárbara deixara sua mulher universal herdeira de todos os seus bens livres, incluindo o crédito de quarenta contos a haver do seu cunhado o marquês de Montezelos. Encarregara-a de dotar com um conto do réis duas raparigas da plebe, cujos nomes e moradas estavam escritos numa carteira, que devia encontrar-se em indicado lugar da escrivaninha. Deixava uma avultada esmola a uma criada, por nome Eugénia, com a condição de recolher-se a um convento, como criada, onde desfrutaria, e só aí, os rendimentos dessa esmola, que pela sua morte seria aplicada em missas por alma dela. Queria que o seu corpo fosse conduzido por quatro pobres, e enterrado na vala comum, sem letreiro, nem distinção. Ao seu criado Bernardo Pires deixava uma generosa esmola, pela amizade com que tratara sua esposa e pelos sacrifícios e trabalhos que a nobreza da sua alma lhe custou. Ao padre Dinis Ramalho e Sousa legava o seu retrato, a sua farda nupcial e

a camisa com que morresse. Este legado extravagante foi o assunto fecundo das conversas. Quiseram todos decifrá-lo, e só o legatário pôde compreendê-lo.

O mais do testamento eram sufrágios pela sua alma, e muitas missas por alma do seu sogro o marquês de Montezelos, que seriam pagas pela sua esposa.

Esta cláusula, só de per si exprime o grandioso ascendente da religião no espírito do moribundo.

O testamento era escrito por frei Baltasar da Encarnação. Algumas palavras estavam embaciadas de lágrimas. Os olhos do ancião tinham chorado sobre o fruto, como ele dizia, da semente lançada por padre Dinis.

Eu esperava ansiadamente minha mãe. A ausência de dois dias era para mim como perdê-la. Alta noite, no segundo dia, quando ela chegou, estava eu na amurada do jardim, pedindo a Bernardo que me falasse dela.

Corri-lhe ao encontro, quando ouvi as carruagens. A minha mãe apeou, numa reconcentração que parecia arrefecimento para comigo. Olhei-a com ar de espanto. Ela compreendeu-me e chorou.

— Mais separados que nunca! — disse-me disse ela abraçando-me freneticamente.

— Separados... por quem? — exclamei eu.

— Pela desgraça!... — balbuciou minha mãe, arfando em choro com a face entre as mãos.

— Que é isto? — perguntou o padre, tomando a mão da condessa e acurvando-se para lhe ver o rosto.

— e o meu filho?... — exclamou ela.

— Não o vê?... — disse o padre sorrindo.

— Mas não o verei mais...

— Quem a priva?

— A memória do conde de Santa Bárbara...

— Sempre este homem entre nós — bradei eu com rancor.

— Já não, meu filho... Esse homem morreu... Agora é a sua sombra, e a sombra dos mortos é sagrada... Respeita o seu nome, se queres que eu te consinta dar-me o nome de mãe.

Fiquei perplexo e corrido. Retirei-me do quarto, e tudo soube de D. Antónia. Encontrei Bernardo a chorar, quando lhe disseram a cláusula do testamento. E, como pode ser que não torne a falar deste homem, não me esqueça o quadro mais honroso da sua vida obscura. A esmola avultada que recebeu despendeu-a em missas gerais por alma do seu amo.

Minha mãe nunca eu a conhecera tão reconcentrada. A porta do seu quarto abria-se raras vezes. Os momentos fugitivos em que me admitia eram quase silenciosos. Nunca mais se expandiu comigo. Reprimia-se visivelmente, quando a vivacidade lhe luzia nos olhos e o rubor do entusiasmo lhe abrasava a face. Aquela contração íntima de sentimentos recalcados devia ser-lhe muito dolorosa, ou então aquela mulher gelara no coração. Impressionava-me tristemente aquela coragem. Perguntei ao padre a explicação daquela indiferença; ele respondeu-me: ”Não censure sua mãe, que está na última fase do seu martírio.” Não o entendi! Comecei a duvidar das calorosas expansões que lhe vira. Pareceu-me mentira o amor de mãe que repudiou seu filho. Tive momentos de a ver pequena, vulgar e indigna de mim.

Estes sentimentos, varonis aos quinze anos, revelavam que se acaba cedo o homem que assim pensa.

No fim de três dias, a condessa de Santa Bárbara chamou-me ao seu quarto. Entrei com a impassibilidade no coração e a ironia no rosto. Vi-a sentada, e sentei-me. Vi-a chorar, cruzei as pernas e roí as unhas com o donaire de um cínico enfastiado.

Ela reparou em mim, e empalideceu.

— Pedro da Silva — exclamou ela —, parece que vens cuspir na face da tua mãe!...

— Se tivesse mãe, não lhe cuspia na face — respondi eu, confuso com aquele nome, que, pela primeira vez, me era dado.

— Se tivesses mãe!... Tens razão. .. Não tens mãe... Está aqui esta mulher, que te chamou filho; mas esta mulher morreu!... Punida por todos e por tudo, seu filho devia puni-la também!... Corta neste coração, Pedro, que ainda tenho uma fibra que se dói... Mereço mais... Não tens mãe, filho do crime... Se a tivesses, devias conhecê-la desde o berço, devias amá-la desde que a tua primeira palavra fosse o seu

nome, e quando, aos quinze anos, a visses no chão... levantá-la-ias com carinho, e não lhe darias com a ponta do pé... Não tens mãe, e, contudo, infeliz criança, tu és meu filho!... Abandonado há quinze anos por medo e vergonha, sacrifico-te hoje à sombra de um homem que perdoei!... Sacrifico-te, Pedro, porque a minha vida será curta, e tu ficarás aí pobre como nasceste, órfão como viveste, e calado com o nome do teu nascimento para que a piedade dos grandes te não insulte!... Vês que mãe eu sou, e tenho sido? Ontem escrava do terror, hoje escrava da honra! Detesta-me, filho!... Repele-me deste mundo com uma injúria que me abrevie o meu desterro... Mata-me com o desprezo, que eu acabarei, abençoando-te.

Eram quase ininteligíveis as últimas palavras. Eu senti emoções variadas, desde a indignação até ao amor, desde a indiferença até ao arrependimento. Ao cabo daquele aflitivo desforço, em que as palavras lhe vinham como gemidos, senti uma explosão na minha alma... caí de joelhos aos pés da minha mãe, beijei-lhe a mão, sem articular uma palavra, abracei-a convulsivamente e experimentei, pela primeira vez na minha vida, o remorso.

# LIVRO SEGUNDO

# CAPÍTULO I

À portaria do real convento de Odivelas parara uma carruagem. As madres, afeitas à concorrência dos melhores trens de Lisboa no seu espaçoso átrio, vieram pressurosas às janelas, como a buscarem estímulo que as desanojasse da ociosidade fastienta em que viviam.

Não conheceram a libré da carruagem, que parara. Não era o primo conde, nem a tia marquesa, nem o tio monsenhor. A dúvida mortificava-as, enquanto não ouviram o guincho da moça-porteira repercutir na extensão dos claustros: ”Santa Bárbara!”

O leitor, ignorante dos usos monásticos, imagina que a desconhecida carruagem conduzira alguma trovoada! Pelo contrário. A tarde de 15 de Setembro de 1832 era bela, o céu transparente, o Sol a descair purpureava o horizonte, e as folhas murchas das flores, tão gratas aos desvelos das

beneditinas, em horas vagas doutros desvelos mais gratos ainda, apenas ciciavam roladas pela tépida viração.

O grito repenicado da moça-porteira, aquele nome que sossegara meia curiosidade das freiras, era o apelido porque a criada da condessa de Santa Bárbara vinha ao palratório. Todas as madres, cujo instituto lhes permite serem servidas dão o seu apelido à criada, que responde sempre com agudo sim, de longa distância, ao brado que lhe vem da porteira em agudíssimo falsete.

Veio, pois, à portaria a criada grave da condessa de Santa Bárbara, e conduziu para a sua ama um bilhete-de-visita com este nome: Alberto de Magalhães.

Breve, a criada voltou, dizendo que a senhora condessa mandava subir o cavalheiro para determinada grade.

O desconhecido apeou. Então é que as esposas do Senhor, descuidadas do seu marido como as célebres esposas da parábola, convergiram sobre o cavalheiro todos os raios negros, castanhos e verdes dos belos olhos, olhos que não eram para ali, ou, se o eram, em pouco se ocupavam do que era de lá. Viram-no e, quando o não conheceram, a

curiosidade desatinou-as de tal modo que pouco lhes faltou que não perguntassem quem era e a que vinha.

Alberto cortejou-as, com ária de cortesão amestrado, que poucos sabem remedar quando a educação lho não ensinou.

As lisonjeadas senhoras deram-lhe unanimemente diploma de fidalgo, e convieram de que fosse algum dos poucos titulares de província que praticaram na corte, ou leram a corte de Rodrigues Lobo.

Foi esta a opinião de soror Tomásia do Céu, a mais lida em clássicos, que se ocupava então a refutar uma obra da sua tia-avó, Maria do Céu, intitulada: Aves Ilustradas em Avisos para as Religiosas Servirem os Ofícios dos Seus Mosteiros.

Conquanto a refutação, por desnecessária, não viesse a lume, o influxo das suas doutrinas, expendidas lá dentro em sessão secreta, era tal e tão revolucionário que, em 1832, não havia das suas companheiras uma só que não mostrasse, na prática, que detestava cordial e cientificamente as teorias da devota Maria do Céu, triunfantemente refutadas pela sua sobrinha.

E, seja dito de passagem, não podiam elas transigir com as restrições seráficas da religiosíssima abadessa do Mosteiro da Esperança, no que era do foro do coração, que começava então, como dizem, a ”palpitar de atualidade”. E refutavam-na com as próprias armas, repetindo em chácaras ao piano as seguintes quadras da muito ascética autora da Vida de Santa Catarina Virgem, que era ela, e doutras muitas obras, como a Fénix Renascida, e a Preciosa.

As quadras eram estas, extraídas das Aves Ilustradas e do Discurso XII, intitulado: ”A Pomba à Enfermeira”:

*El que de amor no adolece*

*No diga que enfermo está.*

*Que lá dolência és melindre,*

*Quando no és amor el mal.*

*Del enfermo, que no ama,*

*Innocente elpulso está,*

*Por que con coraçón tibio*

*Ardiente pulso no ay.*

*El que muere, y no es de amor,*

*Quando en pensamiento está,*

*No sabe lo que és morir*

*Aunque se veya epirar.*

*Aquel, que sin amor geme*

*Delinquente ilega a estar,*

*Puespara dar un suspiro*

*El amor le roba un ay.*

Era isto, justamente, o que se repetia no grupo das mais incendiárias quando a carruagem entornou a erudição fecunda de soror Tomásia do Céu, que poderemos, sem escrúpulo, apelidar um Lutero de touca e escapulário.

Alberto de Magalhães entrou na grade e esperou alguns minutos. A condessa de Santa Bárbara apareceu com D. Antónia.

O cavalheiro diplomático tinha um aspeto que inspirava confiança. Era um homem como poucos, em ânimo frio. Esperava a condessa como quem esperaria uma pessoa familiar. Tinha o que se chama consciência de superioridade, ou indiferença natural para tudo em que os outros homens, mais ou menos, se sentem embaraçados e surpresos.

A condessa nunca o vira. Vinha, coacta pela delicadeza, àquela grade, tratar, face a face, um homem célebre pelo incógnito e pelo misterioso nascimento que lhe atribuíam.

Entrou acanhada como uma educanda. Alberto não sabia os lugares-comuns. Sentava-se, olhava, falava, sorria e até jogava as armas, como se viu, excecionalmente. Eis aqui a sua resposta à saudação da trémula condessa:

— Já vê Vossa Excelência que sou um homem muito natural... Fale-me com toda a tranquilidade e tenha a benevolência de dizer-me se estas freirinhas, que me

pareciam canários a quererem partir os arames do viveiro, são boas companheiras.

— Eu mal as conheço — disse D. Ângela, sorrindo, contrafeita —, mas tenho-as em muito boa conta... Nestas casas há excelentes senhoras...

— Assim me pareceram. Na solidão fazem-se os bons corações e familiariza-se o espírito com o silêncio, em que a consciência diz o melhor e ignora o que é o mundo donde Vossa Excelência fugiu.

— É verdade... e que mundo!...

— Eu sei-o por todas as faces... Deixá-lo... Falemos de vossa Excelência e da sua amiga, que não tenho a honra de conhecer.

— É mana de um meu bom amigo.

— S-i... o padre Dinis Ramalho...

— Conhece-o?

— De tradição... É um homem extraordinário... Vossa Excelência dizem-me que lhe deve muito...

— Tudo.

— E tudo se sabe... Há desejos imensos de conhecê-lo e eu não quero ser dos últimos que o admirem.

— Darei a Vossa Excelência a sua morada, se quiser encontrá-lo.

— Aceito, senhora Condessa. A mana de padre Dinis deve ser amiga de vossa Excelência...

— Intima.

— E, portanto, podemos falar como irmãos...

— Decerto. Mas...

— Diga, minha senhora...

— Vai falar-me de um assunto...

— Que lhe é penoso tratar... Não falarei.

— Padre Dinis pode...

— Responder-me?! Bem... procurá-lo-ei.

— Rua da Junqueira, número quarenta e quatro.

Alberto escreveu numa carteira, e ao fechá-la, perguntou familiarmente:

— É feliz, senhora Condessa?

— Quanto posso sê-lo... na minha triste condição de mulher fadada para sofrer.

— E, aqui, não há uma esperança que ensurdece o coração às saudades do mundo?

— Não as tenho... as saudades... Não sei se lhe falto à verdade. Tenho-as, e profundas, e insuportáveis...

— Eu sabia-o...

— Sabia-o?

— Sim, minha senhora... Disseram-me que a imagem do anjo que a vossa Excelência perdeu, há quinze anos, existe na terra...

— Disseram-lho... quem?!

— Os meus pressentimentos... Eu tenho a história do seu coração, senhora Condessa.

— Devo acreditá-lo, senhor Alberto?

— Deve... e, se não me acreditar, fará de mim uma triste ideia... Pois não viu Vossa Excelência que o homem que há

um ano lhe escreveu era um reflexo da sua consciência, um forasteiro que lhe vivia na alma? Como pode ser-se o que eu fui, sem ser-se muito verdadeiro?

— É a primeira vez que o vejo, senhor Alberto de Magalhães?

— Não, minha senhora; já me viu...

— Quando?

— Há quinze, há dezoito, há vinte anos.

— Onde?

— No mundo, neste vale de lágrimas, nesta miscelânea de grandeza e miséria, onde as fisionomias se perdem, e as reminiscências se vão... Não se canse que me não conhece. Aqui, do homem passado não está nem uma linha...

— Que mistério, meu Deus!

— É verdade... que mistério!...

— E não me diz?...

— O quê?... quem sou?

— Sim...

— Não, minha senhora... Permita-me esta grosseria... não digo...

— E sabe tudo?!

— Absolutamente tudo.

— Não devo instar mais... O que eu sei é que lhe devo muito...

— A mim?... nada, nada... desgraçadamente.

— Muito... ainda há pouco arriscou a sua vida...

Alberto sorriu-se, e continuou:

— Vossa Excelência não sabe o que é arriscar a vida... O que houve não é glória de nada... defendi-me de um homem pequeno na alma e na coragem. Nem ele aprendeu, nem eu me glorio de o ter ensinado... O que se deu não se refere a Vossa Excelência. Foi uma questão toda minha, um desforço pessoal... Não falemos disto mais... Vossa Excelência ordena-me?...

— Retira-se? — Anoitece, e ouvi uma voz que manda retirar daqui, se me não engano... Ver-nos-emos, senhora

Condessa... Não perca a noite a martirizar a memória... Digo-lhe que me não conhecerá, porque me não conhece.

— Deixa-me um vivo interesse... É pena ignorar o nome da pessoa que tão íntima nos é, e tão credora de gratidão...

— Já lhe disse, minha senhora, que eu sou o homem a quem Vossa Excelência menos deve...

— Não compreendo isto...

— Tanto melhor para ambos... Boas noites, minhas senhoras...

— Senhor Alberto de Magalhães — disse a condessa, ansiosa de interesse por aquele homem original, ou pelo segredo extraordinário de tal aparição —, não se esqueça... peço-lhe eu... de falar a padre Dinis...

— Amanhã, senhora Condessa. Alberto, entrando na carruagem, reparou e viu, a postos, os canários, como ele definia as curiosas filhas de S. Bento, que faziam das respetivas cabeças um lindo grupo nalgumas janelas. A carruagem rodou. D. Ângela de Lima seguia com o ouvido o rumor, que se esvaía na distância. É desculpável a curiosidade, que lhe não deixou, em toda a noite, um

minuto de descanso. Ao amanhecer, tinha escrito todo o diálogo, que remeteu a padre Dinis.

# CAPÍTULO II

O cigano de 1817, e Sebastião de Melo na sociedade dessa época, escrevia no seu livro confidente a última palavra do diálogo que lhe fora enviado pela secular de Odivelas, quando uma carruagem parou à sua porta.

Ao anunciarem-lhe Alberto de Magalhães, estremeceu. Este nome parecia-lhe associado a algum segredo de consequências más. Porquê? O pressentimento assustava-o; mas os temores eram confusos.

Entrou na sala em que o cavalheiro misterioso o esperava. Fixando-se aquelas duas fisionomias paralisaram. Alberto, com os lábios meio abertos e a vista cravada nos olhos do padre, dava ares de idiotismo. O padre, menos estupefacto, participava daquele pasmo, e não saberia resolver a causa da sua surpresa. ”Aqui há fascinação no olhar deste homem!”, dizia-se ele, quando Alberto lhe perguntou em voz reconcentrada:

— Conhece-me?

— Não o conheço... pelo menos, já não me recordo.

— Vou fazer-lhe uma pergunta, que deve acabar com as minhas suspeitas... Diga-me, senhor padre Dinis, em mil oitocentos e dezassete conheceu um cigano chamado Sabino Cabra?

— Essa pergunta — respondeu o padre balbuciando — só dois homens... podiam fazer-ma... Um morreu... o outro...

— É Come-Facas... — justamente! — exclamou alvoroçado o padre, com a ansiedade nos olhos e a respiração acelerada.

— Conhece-me? — repetiu Alberto, com sereno sorriso e a mão estendida para o padre.

— O senhor!... — disse aturdido o sacerdote — o senhor!... Eu creio que imaginei agora uma loucura... Não entendi bem... Ainda não sei com quem falo... Vossa Excelência conhece-me... ou conheceu o Come-Facas?

— Conheci o cigano, que hoje se chama padre Dinis... Sabino Cabra é um desmemoriado... Come-Facas leva-lhe

grande vantagem nesta faculdade da alma...

— O senhor atordoa-me?... a uma palavra... é...

— Sou...

— Come-Facas... um homem...

— Encarregado de matar um recém-nascido.

— Zomba de mim!... Nessa fisionomia não há traços desse homem...

— Todos, e outros que então não existiam. Estas rugas vieram depois de quinze anos... Estes bigodes escondem metade do homem; a outra metade desfigurou-a o ouro... Não concebe que o ouro desfigure?... Também o Sabino Cabra não tinha cabelos brancos, nem os olhos amortecidos, nem uma coroa no alto da cabeça, nem uma batina a esconder-lhe as belas formas, que lhe iam maravilhosamente com uma jaqueta de veludilho azul, e uma faixa de seda vermelha. Nem a minha voz lhe fala pelo som do antigo confidente do marquês de Montezelos?

— Agora sim... — exclamou o padre sem adiantar-se um passo para o capitalista, a cuja porta, como ele escreveu,

”as filhas dos grandes deixavam seus nomes gravados em lâminas de ouro”... — Agora sim!, vejo-o todo... qual foi... Creio-o... Era impossível... que eu não viesse a conhecê-lo... Como isto é possível?!...

— Isto quê?... O ouro?

— Não... o espírito, a inteligência, a ciência de apresentar-se no grande mundo, onde sei que o reputam grande na alma, no talento...

— Grande na alma... fui-o desde que me conheci... A indigência converteu-me a grandeza em coragem para o crime... As propensões nobres morrem entaladas na gonilha do infortúnio...

O talento nasceu com a altivez do espírito. O ouro aproximou-me das fontes da ciência... Tratei os grandes homens da Europa... Não me forcei por imitá-los... Em sete anos de viagens adivinhei tudo que faz o homem distinto numa sociedade de frívolos... Os vícios, consubstanciados à força na minha organização até aos vinte e cinco anos em que me conheceu, padre, não me violentei para os expelir... Bastou-me uma vez envergonhar-me do meu passado, e

acreditar que o espírito se reabilita... Quer saber? A minha alma reage tanto contra o que fui que muitas vezes chego a imaginar que fui sempre o que estou sendo agora...

— Parece nesse caso, que devia esconder o seu passado aos meus próprios olhos.

— Não quis; revelei-me, porque lhe devo o que sou...

— A mim?!

— A si... Sem o cigano que comprou por quarenta peças uma criança a um assassino, Come-Facas seria hoje um perverso saturado no sangue, ou um nome que recordaria uma grande atrocidade e um cadafalso... Da minha vida digo-lhe só duas palavras, porque detesto a curiosidade e não entendo que padre Dinis aproveite com a minha biografia de quinze anos... Com o seu dinheiro saí de Portugal. Sem esse dinheiro eu não seria o rival dos mais opulentos de Lisboa. Toda a minha fortuna nasceu dessa mercancia que fizemos...

— Basta... Também lhe não pergunto como o cigano se transfigurou em padre. O que eu não dispenso de saber é

se existe o filho de Dona Ângela de Lima e de Dom Pedro da Silva.

— Existe.

— Aqui?

— Aqui.

— Desejava vê-lo.

— Pode! Fui chamado. Vi um homem de belo aspeto, que me estendeu a mão e me chegou à sua cadeira. Fitou-me, sem dizer-me uma palavra. Senti que a sua mão queimava e o seu olhar apertava o coração. Simpatizei, não obstante, com os seus bigodes grandes, e negros como os olhos.

— Ei-lo aqui!...

— Foram as únicas palavras que lhe ouvi, murmuradas como um segredo. Depois, a um aceno do mestre, retirei-me.

Na minha saída, Alberto de Magalhães levantou-se, tomou o chapéu e, já com a mão do padre apertada na despedida, disse:

— Este menino é pobre?

— Necessariamente. O seu pai era-o; sua mãe sacrifica-o à honra, Da herança do seu marido... não lhe dá umas sopas, nem lhe recebe mais que uma subsistência muito parca .

— Aí está a virtude de braço dado com o crime. São os extremos a tocarem-me. Deixá-la ser virtuosa ao seu modo... Padre Dinis, receberá hoje quarenta contos de réis. Será o administrador desse capital, que entregará ao filho de Dom Pedro da Silva no dia em que ele completar vinte e cinco anos. Disto, um religioso sigilo para a condessa de Santa Bárbara. O que eu fui é um segredo de nós ambos. Quando um terceiro o souber, tratarei padre Dinis como um inimigo...

No dia imediato, disse-me o mestre:

— Escreva a sua mãe uma carta de despedida.

— Pois para onde vou?

— Para Paris. Vai entrar num colégio. Isto aqui é muito estreito para quem pode respirar mais puros ares. Tudo vai levar um tombo em Portugal. Vem perto o dia em que a vida aqui para muitos será aborrecida e enojada. Os princípios

desorganizam-se, a guerra civil não se acomoda com um pequeno tributo de sangue, não há vencidos nem vencedores, a anarquia, depois da guerra, entrará no governo, qualquer que ele seja, e os alicerces do novo edifício serão cadáveres e as ruínas de muitas fortunas. Felizes os que podem ver de longe a pátria nas garras do abutre.

O padre parecia dizer-se a si próprio esta melancólica profecia. A guerra, que devia ser nesta época o móvel de todas as conversas, foi assunto raras vezes tratado pelo padre. Aquele espírito era alto de mais para pascer-se na luta de sórdidas ambições, em que o timbre das bandeiras era o sangue, que esperdiçavam, uns como reses levadas ao açougue do ”patriotismo”, e outros como aventureiros devorados de uma fome que legitima quaisquer princípios, quando a vida é o mais que pode perder-se em comparação ao muito que pode ganhar-se. O padre tinha razão...

Minha mãe, recolhendo-se a Odivelas, despediu-se de mim por muito tempo. Era o mesmo que proibir-me visitá-la. Daquele adeus, recordo hoje os menores incidentes, e concebo, experimentado no que é sofrer, as aperturas do

coração daquela pobre mulher! Santificada pela morte do seu marido, tomou da mão do cadáver os espinhos que faltavam na sua coroa de mártir, e recebeu como santos os flagelos e violências que devia infligir-se para que o conceito que o conde, na hora final, fizera dela não fosse desmentido.

Na sua presença erguiam-se duas sombras, a de D. Pedro da Silva, que se perdera amando-a; e a do conde de Santa Bárbara, que morrera suplicando-lhe perdão e respeito às suas cinzas. Eu, amado pela condessa, como filho, era um insulto às cinzas do marido. Afastado da minha mãe era um quase perjúrio às derradeiras súplicas de D. Pedro da Silva.

Venceu o marido. O cristianismo continua a fazer mártires. Os leões do circo foram-se; mas os casuístas vieram...

Escrevi a minha mãe. A resposta foi simplicíssima:

*Vai, meu filho. Não dês um passo que te lance fora da estrada da honra. Não digo que consultes o meu espírito nas tuas empresas juvenis... Sou mulher... e caída da*

*primitiva grandeza, expiando o lapso da primeira mulher... Fita os olhos no céu, meu filho. Caminha sempre, elevando-te para lá. Isto aqui é um dia... e o meu vai no fim... Se Deus quer que eu mais te não veja, recebe a minha bênção, todos os dias, e à hora da minha morte.*

*Ângela*

Padre Dinis, poucas horas antes da minha entrada a bordo de uma escuna inglesa, chamou-me ao seu quarto. Fui encontrá-lo com os cotovelos sobre a mesa e as mãos entrelaçadas sobre o rosto. Esperei alguns minutos. Não quis acordá-lo daquele dormir da vida exterior. O excesso da vida intima, muitas vezes, obrigava-o àquela posição, dolorosa fadiga do pensamento, em que as dores embaralhadas atordoam e embrutecem.

Como assaltado por uma ideia inesperada, o mestre encara-me de improviso, com o olhar penetrante da estupefação, e demora-se neste silencioso pasmo alguns minutos. Eu estranhava-o, e queria-me longe dali. Depois, desfranzindo a fisionomia assombrada, com um ligeiro

sorriso, parecido à alternativa da demência para a lucidez, apontou-me uma cadeira. Sentei-me sempre receoso daquela extraordinária manifestação de uma coisa nova no homem com quem me conhecia, desde que eu tivera conhecimento de mim.

— Senhor Dom Pedro da Silva — disse ele, solenizando o entono da palavra —, acabou-se o ”Joãozinho”, que castigava os detratores do seu prosaico nome com as espinhas do cato. Agora... lugar ao direito. Tenho diante de mim a vergôntea de troncos ilustres! Dom Pedro da Silva deixou de ser o meu educando. A flor sai da estufa, onde a esconderam, para rescender em clima próprio. A obscuridade até aqui não lhe tolhia o muito que é, e virá a ser porventura. Doravante, o homem quer outro mundo, a alma quer outra nutrição, e o neófito da sociedade precisa doutro mestre. Antes, porém, de entregá-lo ao mundo preciso, e devo, e quero, deixe-me assim falar, ler-lhe o prólogo do segundo acto do drama em que a vossa Excelência entra, porque o primeiro termina aqui neste pobre teatro de padre Dinis.

“Eu sou o depositário dos seus bens. Aqui está um enigma. Vossa Excelência não sabia que tinha bens. Tem quarenta contos de réis nesta gaveta. Donde eles lhe vieram, não me peça que lho diga. O juro deste capital há de alimentá-lo até aos vinte e cinco anos. De hoje a dez anos, Vossa Excelência é o depositário desta herança, chamemos-lhe assim, para não inventar palavras. Eu terei morrido... diz-me o coração que sim. Acreditemos o meu coração, que nunca me foi desleal. Deixe-me antecipar-lhe algumas reflexões, que não poderei reservar para então. Atenda:

“Em Lisboa, quarenta contos de réis é uma fortuna menos que medíocre. Posta ao serviço da ostentação, exare-se em três meses. Dom Pedro da Silva, estimulado pelo orgulho do seu nascimento, e levado de invejas e vaidades, pode empobrecer no meio da sua carreira, e daí para o fim arrastar uma vida de ignomínia, ou meter uma bala num ouvido.

“A suprema desgraça é o coração grande, a riqueza dos brios, o instinto do sublime, quando estes generosos

sentimentos, esterilizados no embrião pela pobreza, são como se não existissem.

“Vem aí um tempo em que a vaidade de jerarquia será uma irrisão. Os louros, preciosos aos netos dos conquistadores, tocaram o seu outono, ao cabo de séculos. As folhas murchas, como o último braço da árvore secular que veio a terra, irão, pisadas por todos, sumir-se no abismo da história, e lá mesmo cobertas de lama do impropério. Virão filósofos que zombem do seus avós, Dom Pedro da Silva, porque seus avós eram sanguinários, talavam a ferro e sangue o ninho de povos inofensivos, e vinham depois acolher-se aos seus paços feudais, comendo e desperdiçando o espólio dos índios. Esses filósofos, desgraçado arremedo doutros que passaram apupados pelos discípulos, rirão de vossa Excelência se o virem com uma casaca velha celebrizar o arnês do seus avós. Ser pobre, portanto, será uma infâmia.

“Esqueça-se do seu nascimento. Apareça na sociedade sem apelido eufónico, sem alianças que lhe imponham o fausto como condicional de bom acolhimento. Engrandeça-se materialmente. Sé não poder subjugar o instinto vicioso,

seja ao menos rico. Se o não for, o seu pecado não terá perdão na Terra.

“O seu coração é bom. Hão de pertencer-lhe necessariamente em Paris, em Lisboa, em Constantinopla, ou em Pequim. A serpente da desmoralização abraçou o globo com as suas roscas. Respira-se a morte da alma em toda a parte. O mosteiro podia dar ao coração do homem um pouco de ar sem veneno; mas a corrupção entrou no claustro, e o mosteiro cairá. A época que vem é outra. começa a virtude da cabeça; a do espírito passou, porque o homem será definido — matéria que pensa”.

“Quem decide do futuro do homem, fora do comum das massas, que se mexem como máquinas, é a primeira mulher que se ama.

“Não sei que diga neste lance mais imprevisto da sua vida.

O que posso é vaticinar-lhe que a mulher das suas primeiras afeições há de salvá-lo ou perdê-lo. Há de fazê-lo recuar à inocência dos seus primeiros anos, ao suave perfume dos seus desejos imaculados, ou, de um lance de

olhos, mostrar-lhe todas as torpezas e de um só impulso, atirá-lo a todos os abismos. Penso que lhe digo uma coisa nova. Não encontrei ainda quem assim pensasse. É moda santificar os primeiros amores. O homem gasto, que é sempre o mais imoral, fatigado de amores, incapaz de espiritualizar-se, não diz quem o cansa, quem o materializa, e quem o imergiu no charco dos baixos apetites.

"Abra-me o seu coração; quero gravar aí uma súplica. Recompense-me tudo que fui para si, não a esquecendo. Seja orgulhoso na renúncia da sua alma. O amor de um homem é um incenso que desce para o chão, quando o ídolo é de barro. Não o prostitua. A primeira mulher do seu amor procure-a com a resignação de uma pobreza honrada, sem uma nódoa, sem o rubor de uma vergonha. Seja pobre, seja obscura, seja humilde, e tenha sempre diante dos olhos a felicidade, que a vossa Excelência lhe dá, como a recompensa da virtude em que viera antes de a mandarem entrar no seio da abundância. A sua casa seja como um santuário impenetrável. Se o apetite invencível o impelir à comunhão dos manjares que a sociedade digere à custa de um penoso trabalho do coração, vá, mas deixe-a a ela no

segredo da sua vida, como anjo depositário do bálsamo das feridas com que a vossa Excelência refugirá do tumulto de paixões degeneradas para o abrigo da amizade íntima, sem a qual o amor é impossível.

“Eu falo a uma criança, mas o homem desta época é muito cedo homem. Aos quinze anos, adivinha-se tudo pelos livros, e, aos dezoito, começa o magistério do ensino, diz-se tudo que há a uma geração que capricha de tudo saber.

“Meu amigo. É a hora da partida. Abrace-me... Não me esconda a sua vida. Fuja de me dar o desgosto de ter criado um ingrato. Pouco me deve; mas a ninguém deve mais... Vê esta lágrima? É o mais que pode dar-se num homem como eu... Não tenho outra, talvez, para tudo o mais que está sobre a Terra... Basta... O homem é de barro, quando lhe toca a mão pesada do sofrimento... Não posso...

Eu sufoquei todas as palavras com soluços. Saímos silenciosos. O que eu pensei e senti dali a bordo do navio, era o que há de mais triste, de mais apertado no doer do coração, de mais escuro e incomportável no que é saudade, no que é afastar-se uma criança, só, entregue a estranhos, do homem, que lhe fora tudo.

O navio fez-se ao mar. Procurei padre Dinis ao pé de mim, para lhe pedir por Deus, por tudo, que me não deixasse. Não o vi. Olhei para o Tejo, e reconheci-o, sentado à popa de um bote, com as costas voltadas para o navio, curvada a cabeça entre as mãos. Então, sim! Provei todas as amarguras num instante.. . Segui aquele bote com os olhos turvos de lágrimas, chamei padre Dinis no silêncio do meu coração, pedi a Deus que me restituísse aquele homem, pedi ao espírito da minha mãe que me desse alma para tamanha dor... Desejei a morte, e consultei os meios que eu tinha para acabar comigo aquela saudade, que me endoidecia...

E em roda de mim eram tudo indiferentes... Pareciam-no... E não era. Ao sair da barra, uma senhora portuguesa travou-me da mão e disse-me ao ouvido:

— É chorar de mais... O coração está desafogado... Agora, coragem varonil, e esperança, que é o melhor que tem o mundo, e o tesouro mais querido do infortúnio. Venha conversar comigo, e com os meus filhos, que vão ser seus companheiros do colégio.

# CAPÍTULO III

A condessa de Santa Bárbara vivia na sua cela, quase retirada do trato das freiras. Segundo a primorosa civilidade usada nos mosteiros, a secular foi visitada pela comunidade. D. Ângela, porém, apenas pagou a visita à prelada, e desculpou-se com as outras religiosas. Ressentidas no seu apuradíssimo melindre, deixaram-na como selvagem, e vingaram-se seraficamente, picando-a com os alfinetes de uma arguciosa mordacidade, em que era mestra encartada, a muito espirituosa e literata, e antiquária, a sobrinha de soror Maria do Céu, autora dos vilancetes espanhóis, capazes de mortificar de inveja o sensualismo anacreôntico.

Um dia anunciaram à condessa, que uma religiosa, que a não visitara por estar fora do convento a ares, pedia licença para cumprir o seus deveres.

Entrou, e lançou-se nos braços da secular com estranha cordialidade. D. Ângela recebeu aquela efusão com pasmo e receio.

— Não me conheces, Ângela? Eu também te não conheceria, se não tivesse a certeza de que era tu!...

— Não conheço! — balbuciou a condessa.

— Éramos, há dezoito anos, tão amigas... tão irmãs!

— Ai! — exclamou D. Ângela, apertando-a nos braços com ansiedade!

— Tu aqui, Adelaide... tu, minha querida Adelaide!... aqui...

— Não sabes que sou freira?!

— Sei; mas o teu convento não era este...

— Não... o meu convento era em Santa Apolónia. Vivi lá pouco tempo. No ano em que te casaste vim para Odivelas. Há quinze, não é verdade?

— É... Mas disseram-me que eras tão feliz, que vivias tão amiga de Francisquinha Valadares, que não tinhas ambição que não satisfizesses com Deus e com ela ...

— Assim foi... mas Francisquinha ...

— Morreu, bem o sei... e tu choras ainda assim por ela... Que amizade lhe tinhas...

— Muita... Morri, quando ela morreu. Envelheci deste modo... Tenho trinta e cinco anos, e os cabelos brancos... Ângela, só por milagre se vivem dezasseis anos, com a saudade no coração, queimando, devorando, em sonhos, e acordada, sempre, e a toda a hora... E sem esperança... chamando-a todos os instantes; pedindo-lhe um sinal de que me ouve, e ouvindo apenas os meus gemidos e a minha saudade, que nem o amor de Deus me alivia... E vivo, Ângela!...

— Como sofres... Adelaide!... Fala-me dela... Talvez que o silêncio te tenha feito mal... Talvez!... Não tens aqui amigas?

— Não... não me compreenderiam... Temo-as... São muito superficiais em tudo... Para a leviandade não há dor que mereça a pena de pensar muito... E eu queria quem chorasse comigo, e me dissesse: ”Essa pobre menina é digna das nossas lágrimas...”

— Morreu tísica, não foi?...

— Não sei, minha filha... Morreu, como se deseja morrer, quando se é infeliz...

— E ela era infeliz... não foi freira pela sua livre vontade?

— Não... arrastaram-na pelos cabelos... Quando pronunciou os votos saíam-lhe do peito golfadas de sangue... E viveu dois anos ainda... para a purificação do martírio...

— E, assim que ela morreu, não pudeste viver naquele convento, não podias ver os lugares onde a viras, a sepultura da tua querida amiga, a imagem dela em tudo, que te fora alegre noutro tempo, e fugiste dali para este convento, não foi assim? — Fugi... Não podia presenciar o quadro mais atribulado, o sofrimento mais despedaçador que pode imaginar-se... Quero contar-to, minha Ângela, mas a ti só, só a ti... tenho-o escondido no coração há tanto tempo, não quero profaná-lo... A ti digo-to... Sofres, sabes o que é atormentar-se a gente ... hás de ouvir-me com todo o sentimento, e chorar comigo... sim?... Fecha-me esta porta... Ninguém virá aqui, pois não?

— Ninguém, menina... Diz tudo... soframos ambas, e que ninguém nos veja... Basta-nos aquele crucifixo, por testemunha... O que vamos dizer não será do desagrado de Deus?

— Ai... penso que não... Deus é bom, o que eu temo é o mundo, que faz da justiça divina um cilício violento... Escuta, minha filha. A Francisquinha Valadares amava com todo o amor de criança um cavalheiro de província, que vivia entre os grandes, suposto que aparecesse raras vezes. Tinha viajado até aos trinta anos; era independente, fascinava, tinha uma sina extraordinária, dominara-lhe à pobre menina o espírito com bem poucas palavras, bem poucos daqueles seus olhares, que pediam mais do que pode dar o coração de uma mulher.

— Quem era ele? — interrompeu a condessa.

— Talvez te não recordes, menina... Chamava-se... não te digo o nome... tu não o conheces decerto...

— Talvez conhecesse...

— Creio que não... Francisquinha, até ao momento da sua perdição por aquele homem, queria ser freira, esperava

ansiosamente os quinze anos para entrar no mosteiro, e assim satisfazia a vontade do pai, que desejava dotar o filho segundo com a legítima dela. Chegada a suspirada ocasião da entrada, conheceram a frieza e a melancolia de Francisca. O pai suspeitou a mudança daquela vontade de alguns meses antes, e consultou-a. Francisca respondeu que seria uma filha obediente, mas não poderia ser nunca uma boa religiosa. Isto não fez impressão naquele homem! Como pai, fez os seus cálculos sobre a humildade da filha, e não os alterava por motivo nenhum...

— E esse cavalheiro porque a não pedia?

— Porque ela nunca lhe disse que o fizesse, penso eu, e ele nunca tentou um passo, que poderia abater-lhe o seu orgulho.

— Pois ele não era nobre e rico?

— Rico... parecia-o; nobre, não sei... Ele não dizia de quem era filho; corriam uns boatos de nascimento muito distinto; mas, ao certo, ninguém dizia coisa nenhuma. A pessoa que o apresentara nalgumas casas não decifrava o enigma, se é que o sabia. O incógnito, por si, mostrava-se

tão pouco interessado nas relações que lhe davam que nem as procurava, nem se deixava aproximar por elas. Tudo isto era mau para Francisquinha, que não ousou nunca revelar o segredo do seu amor ao seu pai, ou a alguma amiga, que não fosse esta desgraçada, que tu encontras a chorar, depois de a perder há dezasseis anos...

— Mas... como era essa paixão? Não se correspondiam, não sacrificavam um ao outro a obediência e o orgulho que os separava para sempre?

— Correspondiam-se... era eu a desventurada confidente daquela infeliz paixão! E perguntas como era essa paixão! Ai, Ângela!, era muito nobre, cheia de sublime resignação, de sentimentos elevados, de sacrifícios dela e dele, que só eu os avaliei, e só eles, talvez, eram capazes de os fazer... Não era paixão de cegar a razão, e morrer ou matar em poucos momentos de febre... Não era assim... Daquele amor morre-se sempre, mas devagar, sentimento a sentimento, lágrima a lágrima... primeiro começa a morte pela esperança, depois o coração apertado, sem ar, sem desabafo...

— Morre... Eu sei-o, Adelaide... sei o que é morrer a esperança...

— Mas a fé... não sabes, Ângela... Sofrer tormentos a que o cego acaso nos condena... pensar que há de aqui forçosamente penar-se, sem recurso para Deus, com os olhos na pedra do claustro, que tem de esconder a história dos nossos padecimentos sufocados aqui... sem eco...

— E ela morreu assim?... sem fé! — Sem remorso... sem transigir com a tirania que a matou, sem perdoar... porque... dizia ela... perdoar para quê... Se a justiça de Deus não fosse uma quimera, eu não sofria assim...

— Meu Deus!... que blasfémia!... Ela disse-a?!...

— Nunca foste desgraçada, Ângela!... Não te espantarias tanto...

— Se o tivesse sido?... Fui, Adelaide... fui, e blasfemei... e o remorso veio, depois...

— Porque foste depois menos desgraçada?

— Sim... — E ela não... Foi desgraçada cada hora mais, e até ao fim... Não teve tempo de arrepender-se...

— E nunca mais se viram?... Nem se corresponderam?

— Não se viram um ano... escreviam-se; mas as cartas dele, durante o noviciado, levaram-na a tal ponto de desalento e paixão, que já te disse, creio eu, na cerimónia, da profissão, a infeliz lançou muito sangue pela boca, e veio em braços para a cela da prelada... Esta religiosa era um anjo... recordou-se do seu coração, sem vergonha do escapulário que vestia... Compreendeu a dor da pobre menina, e fechou-se com ela, dias e noites...

— Para quê?... dissuadi-la?...

— Não... isso era matá-la...

— Então? Os votos estavam feitos...

— Estavam; mas o coração não tinha nada com as palavras que o ouvido recebera dos lábios da mestra de noviças, e a cabeça decorara da regra do Patriarca.

— Disse-lhe que anulasse os votos?

— Era impossível... Disse-lhe que amasse o homem que a prepotência lhe roubou...

— Mas não a salvaram com isso...

— Não, porque era tarde... A flor tinha a morte na raiz... nada poderia reverdecê-la. O mais que poderiam era suavizar-lhe o fim da vida.

— Como?

— A prelada aconselhou-a como amiga... Disse-lhe que repartisse entre o céu e a terra o imenso amor da sua alma... que recebesse, como se recebe um irmão, na grade, esse homem, que nascera para lhe dar a felicidade, assim como o claustro se fizera para a felicidade doutras almas, doutros génios, e doutras organizações, para as quais o mundo era um suplício... Francisca chorava, de gratidão, nos braços da virtuosa religiosa, que, talvez, ali escondera, naquela cela, torturas semelhantes... Desde esse dia, o cavalheiro vinha todos os dias ao convento. Para ele e para ela, não havia outra existência, outra ambição, nem outro dever a cumprir. Francisca, deixa-me confessar-to, não podia cumprir os conselhos da prelada. Os encargos divinos da sua profissão não lhos exigiam, nem ela os cumpria. Cheio de fel e de amor, o seu coração não serenava com a presença do amante todos os dias. Com a paixão impotente, estéril e reprimida naqueles varões de ferro, crescia a

desesperação e o desconforto. Eu sei que ele, contrafazendo a sua própria dor, inventava todos os recursos do talento e do coração para lhe persuadir a ela que os sofrimentos neste mundo eram de um dia, que os esposórios de dois mártires, à beira do túmulo, eram o consórcio de dois anjos para a eternidade... A desgraça parece que mata o poder destas elevações para o infinito, que se não conhece... O positivo, o certo, é o tormentoso nesta vida... Francisca saía sempre da grade com os olhos arrasados de lágrimas... Um viver assim devia durar pouco... E durou dois anos...

— E o pai não a proibia de receber o cavalheiro?

— Tentou-o, mas retirou-se envergonhado da sua empresa. Francisca recebeu-o uma vez, e nunca mais. Respondeu-lhe que não era do mundo, que não tinha família, que comprara com a sua liberdade uma cela e uma sepultura, que não tinha responsabilidade perante a sociedade, e que apenas podia encarar seu pai como autor de uma existência, que lhe não agradecia... Ameaçaram-no, mas ele não era homem de se intimidar. Olhou com silencioso escárnio para o pai de Francisca, e desde esse

dia visitou-a de manhã e de tarde. Por fim, a minha desgraçada amiga já não podia vir da sua cela à grade. Escrevia cartas que cortavam o coração... e ele, não sei se mais lastimável que ela, lia-as na grade, e aí ficava absorto em que tormentos, meu Deus! Dez horas que costumava passar com ela... Um dia, nos fins de Setembro, disse Francisquinha que estava tão boa que se julgava salva. Ergueu-se e foi à grade... Demorou-se aí algumas horas, e retirou nos braços das criadas. No dia seguinte, ao amanhecer, mandou-me chamar porque eu saíra da cela quando vi entrar o padre para lhe assistir na agonia.. . Fui, chamou-me muito ao pé... o seu hálito era de fogo, as mãos estavam de neve, os olhos vidrados, e todas aquelas feições, tão belas, ressequidas e esbranquiçadas... Cheguei o ouvido aos seus lábios, ouvi estas suas palavras, que foram as últimas: ”Diz-lhe que se conforte... que me não esqueça... que viva da saudade... que me perdoe, se o fiz desgraçado... se o matei...” E mais nada... Depois...

A beneditina, sufocada, pelos gemidos, não articulou a última palavra. A condessa chorava com ela, e orava no fundo do seu coração por alma de Francisca Valadares.

Aquele espírito subordinado à austera devoção do confessor que escolhera, não podia condoer-se das tribulações temporárias daquela freira, sem recear a vida eterna na presença de Deus.

Adelaide, desafogada da maior dor da sua inconsolável saudade, continuou:

— O desgraçado ouviu-me a recomendação da agonizante... quando ela acabava de expirar... Não me disse uma única palavra... Estava de pé, com os braços cruzados e os olhos no chão, e assim permaneceu... Que majestade na dor aquele homem tinha, Ângela! Parecia que os cabelos lhe branqueavam, e as rugas da velhice lhe vinham ao rosto... Tive de lhe dizer que se retirasse, porque eram proibidas as grades, enquanto se faziam os ofícios à defunta. Saiu dali, maquinalmente... nem uma palavra lhe ouvi... Fez-me compaixão! Esqueci-me de mim, e dela, para espreitar a maior das dores... O mais desgraçado dos homens deve ter aquela maceração, aquele andar, tudo que se via naquele homem, no instante em que lhe dei as derradeiras palavras de Francisca.

“Passaram-se seis meses. Estava eu no coro com a comunidade esperando um padre que devia dizer uma missa por alma de Francisca Valadares, e pedira a concorrência das religiosas. Vi-o entrar. Ao mesmo tempo entre nós levantou-se um murmúrio. Eu fui a primeira que soltei um grito de espanto, de surpresa, e não sei que de sublime terror!... O padre era ele!... Não te posso fazer sentir os lances daquela missa! Ouviram-na todos com as lágrimas na face, e com as mãos erguidas a tremerem de fervorosa devoção e entusiasmo, que não tem nome fora do espírito. Umas poucas de vezes, suspendeu ele o sacrifício, e ficou suspenso com os olhos no crucifixo. Na elevação do cálice, ajoelhou como forçado, lentamente, num tremor que se vê de longe, e esteve minutos num êxtase, em que todos nos enlevávamos, em que muitas se sentiram fracas para tamanha comoção, e encostaram a cabeça esvaecida às grades da cela. — Junta a tudo isto, minha querida Ângela, o órgão, tocado pela dorida inspiração de uma extremosa amiga de Francisca. Ai!, filha, que tristeza, que nuvem no coração, que saudade ali vinha de desenganos, como a voz da que morrera, a dizer-nos que a possa existência não era melhor do que fora a sua!

“No fim da missa, seguíamos o padre com os olhos, e o coração... queríamos vê-lo, e ouvi-lo. Eu, mais que todas, que nunca pudera alcançar novas dele, eu, a sua confidente, queria ouvir dos lábios daquele mártir palavras de consolação . — Ele só poderia dizer-me se aquele anjo estava no céu... Pedi licença à prelada para o mandar chamar a uma grade...

— Não necessita — disse ela — dessa licença. O padre vem à minha grade, e deve vir aí todos os dias, porque foi nomeado segundo-capelão nesta casa!

”-Conhece-o? — perguntei eu.

— Perfeitamente — respondeu ela. — É um justo, um exemplo para os que sofrem, um predestinado, que faz honra à humanidade e que nasceu num século em que o não compreenderam.

“Estava transfigurado: cabelos brancos, Pouco brilho nos olhos, quase perdida a mobilidade ardente das feições, até parece que o metal da voz insinuante se lhe mudara!... Não se falou nem o mais ligeiramente em Francisca Valadares.

As palavras dele eram poucas, e essas arrancadas pelas perguntas da prelada.

“Agora, Ângela, compreende esta grande alta em que vais ver este padre... O capelão entrava, duas vezes por semana, no convento. Depois, ia ao claustro... ajoelhava aos Pés da sepultura de Francisca... cruzava os braços sobre o peito, fixava os olhos na parede...

— E orava?

— Não sei... Estava assim uma hora, duas, e mais... Durante esse tempo ninguém o perturbava. Aquela dor era sagrada para todas. De longe, quem quer que o via, orava também... Depois, entrava na igreja, dizia missa por alma daquele anjo, assistíamos a todas com a mesma comoção que nos causara a primeira... Mas, filha, o que eu sofria era insuportável... Não podia viver ali... A imagem da minha querida amiga e daquele homem, ali, sempre, todos os dias... eu não podia com tanto...

Soror Adelaide foi interrompida por uma criada, que disse fora da cela:

— Senhora Condessa, está na portaria o senhor padre Dinis.

— Padre Dinis! — exclamou Adelaide.

— Sim, padre Dinis... Que se passa?. .. Que espanto é esse, Adelaide! ?

— Padre Dinis Ramalho e Sousa... é este, Ângela?!!

— Este!... quem?...

— Sebastião de Melo!...

— Que dizes, Adelaide!... pois padre Dinis é esse homem de quem me falas?!

— Sim, sim!... deixa que eu o veja da janela do dormitório...

D. Ângela acompanhou a religiosa, que, ao primeiro lance de olhos, voltou-se para ela e murmurou alvoroçada:

— É ele... donde conheces este homem?...

# CAPÍTULO IV

A condessa de Santa Bárbara ia passada de espanto, quando entrou na grade, onde encontrou padre Dinis. Aquele homem apresentava-se-lhe outro, agora. A grandeza do seu passado, as misteriosas desventuras da sua vida, o heroísmo do sacerdote ungido pelas lágrimas de uma paixão eterna, gravada sempre naquela fisionomia macerada, o mistério, enfim, acobertado no silêncio de dezasseis anos, era o que faltava naquele homem para inculcar-se prestigiosamente a D. Ângela de Lima.

O padre, mais triste que o seu costume, olhos fixos na vista reflexiva da condessa, percebeu uma inquietação extraordinária, que a não deixava falar com a segurança e placidez do costume.

— Que tem, senhora Condessa?... Sempre triste... mas, hoje, para além do mais, parece-me sobressaltada... Cuidados pelo seu filho?

— Saudades... sim.

— A saudade pelos vivos é dor suave... Saudade insofrível, sem desabafo, há uma só... a sem esperança, a saudade que lhe fala há quinze anos... não avivemos. Umas poucas de dores reunidas enfraquecem a força de cada uma. Todos estes desgostos, que vieram em tumulto, há menos de um mês, parece que lhe paralisaram a sensibilidade, senhora Condessa... Mercê de Deus!

— Senhor padre Dinis, a saudade não paralisa assim... Que outro mo dissesse... mas quem sabe tudo... quem provou o fel de todas as paixões... Eu não estou insensível... essa mercê espero devê-la a Deus... perto vem o dia; mas por agora sinto, sinto muito, e sinto mais ainda porque o homem que mais devera conhecer a minha alma é aquele que parece condenar friamente a minha insensibilidade...

— Eu não a condeno, senhora Condessa de Santa Bárbara... Observo-a, e vejo-a mais corajosa do que a supunha para obrigar-se às condições que a razão lhe impõe. Isto é muito; é mais do que pode o coração da mulher; faz-se, quando não há seiva de paixões, quando a alma parece envelhecer com a matéria, quando se recebem

todas as dores com a cabeça e há força para constranger o coração, que reage...

— Que faço eu?! — interrompeu D. Ângela com ansiedade.

— Suicida-se. O amor de Deus não é o quebrantamento de todos os laços que nos prendem ao mundo. A verdadeira religião é serena como a paz da consciência; tem júbilos e não se nutre só do ermo e da oração; aparece nos olhos em lágrimas, quando o remorso é entranhado e rebelde à contrição; vem aos lábios, em sorrisos de amor para o género humano, quando a alma está gozando a quietação da virtude. Vossa Excelência procurou com avidez um confessor que lhe apertasse os cilícios. Achou-o entre os capuchinhos, que passam por santos, mas não gozam tão bom conceito, a respeito da sua instrução. Senhora Condessa, duvide da santidade, que se lhe apresenta a fazer santos, desfazendo o barro de que saiu o homem de entre as mãos do Criador. Se o seu ministro da consciência lhe diz que a vossa Excelência deve ser o que está sendo, não se preste a santificações que mais tarde são fatigantes, e o espírito violentado por elas, como o arco do

Evangelista, estala, e inutiliza-se por demasia de compressão. A graça de Deus é alegre, expansiva, e vem à luz do dia, e à publicidade dos homens mostrar-se qual ela é...

— Que quer que eu faça, senhor padre Dinis? que me retire do convento?

— Sim, se não há outro meio de a fazer compreender a virtude.

— Não me aconselhou a vinda para esta casa?

— Aconselhei, como remanso de repouso para os trabalhos em que a sua pobre alma tem sido provada. Fui mau conselheiro... e o que se segue... Supus que a vossa Excelência encontrava desafogo entre pessoas que a receberam carinhosamente, e em parte nenhuma, como nestas casas, o bálsamo dos sofrimentos é pronto, e a vontade de aliviá-los sincera. Deu-se o contrário. Vossa Excelência reconcentrou-se e afastou-se de si...

— Pessoas que não conhecia e que o meu confessor...

— Lhe disse que não devia conhecer: porquê?

— Porque a verdadeira virtude é tão rara no mundo como no claustro...

— O frade tinha razão... — atalhou o padre, sorrindo. — A verdadeira virtude, pelos modos, nem entre os capuchinhos se encontra... Sincero e legítimo franciscano é o seu confessor, senhora Condessa!

— Mas, se até aqui tenho vivido sozinha com a sua irmã, hoje encontrei aqui uma amiga de infância, religiosa... de Santa Apolónia...

— Sua amiga de infância?! — atalhou o padre com agitação.

— Decerto... é a Adelaide Maldonado...

— Essa! — exclamou o padre.

— Sim, senhor — disse a condessa, com ar de simplicidade mal fingida.

Padre Dinis, hábil em dominar os seus abalos, perguntou tranquilamente:

— Têm convivido muito?

— Pouco... Ela chegou ontem do campo, onde esteve a ares.

Conhece-a, senhor padre Dinis?

— Sim, minha senhora... Tenho ideias de a ter visto...

O padre não podia esconder a perturbação. D. Ângela não sabia representar um papel que estivera violentamente ajustando ao seu carácter. Escrupulizava em fingir-se ignorante, mentindo à boa-fé do seu amigo, que adotara como pai. As meias revelações inconsideradas que fizera causavam-lhe remorso. Para remediá-las, era tarde; para suspendê-las ali, era reserva indigna da sua sincera alma para com tal homem, o anjo bom, que, desde a juventude, a não abandonara nas mais angustiosas crises. O padre fia-lhe nos olhos o temor do coração. Em si, sentiu-se transido de dor; por ela, falava-lhe uma espécie de compaixão e um receio de a deixar atormentada com o desgosto de não saber calar o que, talvez, lhe não foi dito como segredo.

— Falou em padre Dinis à sua amiga? — disse ele, sorrindo.

— Não, senhor; foi ela que me falou...

— É admirável! — Quando me contava a razão porque viera do mosteiro de Santa Apolónia para aqui...

— Basta... Eu concebo tudo...

— Sofre, senhor padre Dinis? — Se sofro?...

— Sim... sofre porque eu involuntariamente entrei no segredo da sua vida?

— Não, senhora Condessa... O meu egoísmo na dor não vai tão longe... Se tivesse vindo um momento em que eu por necessidade lhe devesse contar o que fui, para Vossa Excelência compreender o que sou, não lhe esconderia esse segredo... Contar-lho sem motivo, seria uma frivolidade, inútil para ambos...

— Seria sempre um exemplo de resignação, um estímulo para receber o sofrimento com ânimo.

— Pois bem... falemos da sua amiga Adelaide... Não a vi há bons quinze anos... Era nesse tempo muito triste... Tinha a formosura de um anjo, e o coração também. E hoje?

— O coração parece-me bom, como era; a tristeza é de lágrimas incessantes, uma saudade de tantos anos sem

alívio!... A face está mudada; não tem nada da Adelaide que conhecemos!... Os mais dos cabelos são brancos, e quem lhe não souber a idade dirá que a pobre Adelaide é velha.

— Pois não é... Há quinze anos, última vez que a vi, tinha dezoito anos... Envelheceu... devia ser assim: mas não se explica como isto foi...

— Tal foi a paixão... a saudade...

— A saudade. .. por ela?

— Sim... por aquela infeliz...

— Não lhe chame infeliz!... — disse o padre com os olhos cheios de lágrimas, e um suave sorriso de indefinível sentimento — , Francisca Valadares não foi infeliz. Morreu? Abençoados são os que morrem assim!... Grande na alma, grande no sacrifício de todas as suas ambições! Infeliz é a mulher, que transige com a perseguição, humilhando-se. Ela não. Feriram-na, sem a ultrajarem. Mataram-lhe o corpo, sem lhe tocarem na alma. E, depois, aquele anjo poderia despenhar-se e não se despenhou. Purificou-se pela agonia, surda, submissa e confortadora para os que sofrem. Subiu sempre para a sua origem. Quando morreu, ao cabo

da atribulada noite da sua curta existência, já tinha na face a luz do crepúsculo da bem-aventurança... Senhora... quando se amou assim... uma vez, e se perdeu tudo num momento... o coração fica vinculado ao túmulo... cheio de saudades e de vida até à decrepitude... Adelaide tem razão... devia envelhecer. Quando embranquecem os cabelos do homem em quinze dias, ao cabo de quinze anos, a mulher, que foi verdadeira amiga, deve ter envelhecido... Diga-lhe que a sua dor é sagrada... e que a sua alma se santifica pelo martírio nobre da saudade... Choramos ambos, senhora Condessa... Porque não? Vossa Excelência vê um velho a chorar. Compadece-se do pobre, porque sabe o coração que ele tem. Neste instante, recapitula os aturados tormentos de tantos anos, que me reduziram a isto!... Ver nascer o sol de cada dia, como um novo sinal de que o meu cativeiro se prolonga... entrar no silêncio de cada noite, com ela sempre aqui. .. e as palavras dela, as últimas, o convulso adeus da moribunda... é um peso que verga toda a valentia moral, senhora! Sem a fé, esta existência era um ludíbrio do Criador...

Os soluços abafaram-no. Levantou-se subitamente, chegou à janela, que se abria para a cerca, e respirou a fundos sorvos o ar, que parecia reanimá-lo da sufocação com que exprimira aquela enlevada reminiscência de todas as horas, mas pela primeira vez denunciada pelos lábios. A condessa, incapaz de inventar lenitivos para a mágoa inconsolável, chamava-o com ternura, pedia-lhe que se não reprimisse assim, que expandisse em franco desafogo a sua paixão... O padre ouvi-la-ia? Talvez não! Com os olhos, lá em baixo, nos horizontes, com as mãos enlaçadas sobre o peito, aquele homem de negro, com as vestes majestosas do levita, era grande ali naquela luta de paixões terrenas, era maior que a magnificência do seu ministério, ungido entre o barro quebradiço do amor mundano e o perpétuo amor de Deus!

— Senhora Condessa — disse ele, assumindo o habitual carácter de fria austeridade, como se as paixões, subjugadas pela sua vontade de ferro, lhe não deixassem leve traço de agitação — , senhora Condessa, seu filho saiu ontem. Confiei-o à viúva do general Almada, que foi levar

seus filhos a Londres. Ela será como sua mãe, e ele como seu filho.

— Mas, senhor padre Dinis, meu filho, na sua carta, não me diz os meios que hão de sustentá-lo no colégio.

— O seu filho não podia dizer-lhe o que não sabe. A Providência deparou-lhos...

— Sempre um segredo...

— Pedido à minha honra. Os meios não lhos dou eu... Apresso-me a despersuadi-la dessa conjetura...

— Pois quem?

— Desculpo a sua curiosidade; mas eu não posso dizer-lhe mais que o seu filho.

— Não sabe?!

— Sei, senhora Condessa.

— Não devo a tal respeito, perguntar mais nada?

— Dê-me essa prova de estima... Os legados do seu marido foram cumpridos, à exceção da esmola deixada a Eugénia, sua criada.

— Porquê?

— Ela não quis aceitá-la: repeliu-a, dizendo que se não vendera ao conde de Santa Bárbara vivo, e menos se vendera ao conde morto. Dois dias depois, encontrei-a numa carruagem. Fez parar os cavalos, chamou-me à portinhola e ofereceu-me a sua casa na Praça da Alegria, número dezanove. Hei de visitá-la um dia... O mistério é provocador... Outra coisa... Amanhã parto para Santarém. O confessor do senhor Conde de Santa Bárbara pediu-me uma visita de amigo. Não sei que tempo me demorarei. Não me despeço da minha irmã...

— Sua irmã?

— Dona Antónia...

— É sua irmã?

— Que pergunta!... porque ma faz, senhora Condessa?

— Não me disseram que Sebastião de Melo tivesse uma irmã...

— Senhora Condessa... mais tarde responderei. Por enquanto consideremo-la minha irmã, e boa amiga de vossa

Excelência.

# CAPÍTULO V

Padre Dinis anunciara-se a frei Baltasar da Encarnação, à portaria do mosteiro de dominicanos em Santarém, e foi conduzido à cela do frade, que o recebeu nos braços, como quem abraçava suspirado amigo de muitos anos, e com extremos do coração esperado. A enrugada face do monge parece que o júbilo a remoçara. O sorriso naquele aspeto venerando, se lhe vinha do coração e do pressentimento, como em verdade vinha, bem pudera dizer-se que era um dos raros sorrisos que se abriram nos lábios do septuagenário.

Ali, no claustro, onde a terra lhe escondera quantos ele encontrara, e quantos consigo foram noviços, por mais de cinquenta anos, ninguém lhe vira um raio de alegria nas sombras eternas do rosto.

A melancolia imperturbável, a abstração profunda, a solidão escura daquela alma, reputavam-na o efeito do

cilício, da disciplina e da maceração moral, em que a devoção, e para muitos o fanatismo, trazia aquele espírito avexado.

Frei Baltasar era um sábio dos velhos tempos, em que o erudito, aos cinquenta anos de fadigas estudiosas, recebia esse título, que os netos daqueles homens, na sua raiva pueril ao passado, não ousam negar-lhe.

A Ordem de S. Domingos acatava-o como oráculo em todas as ciências, e denominava-o, sem desonra para o termo da comparação o S. Tomás da Igreja lusitana, o sustentáculo da boa ciência, e última vergôntea do tronco venerando de frei Bartolomeu dos Mártires.

Em grande elogio à sua capacidade, dizia-se que o ilustrado bispo de Viseu, então secretário de Estado, não se dignava de consultá-lo em melindrosos casos de política. E suposto que, por esta especialidade, frei Baltasar sofresse injusta censura de alguns escrupulosos, que não apoiavam a interferência do ministro do céu nos negócios da terra, o dominicano, cheio de humildade, apontava aos seus detratores um tratado in-fólio de Politica, produção de um jesuíta, que o santo padre canonizara. Era, portanto,

invulnerável a virtude do monge às arguciosas insinuações do beatério, primo-co-irmão da má fé, e, pelo menos, amigo íntimo da ignorância audaciosa. Bastam as poucas linhas escritas para esboçar os traços que, mais à superfície, os olhos dos que veem apenas a crusta exterior encontravam na fisionomia impenetrável do frade.

Com fundadas razões, padre Dinis vira-o por outro prisma, e definira-o de diverso modo. Frei Baltasar pareceu-lhe um homem com dois homens em si diversos, que o punham em dilacerante antagonismo de consciência. Reputava-o sábio, mas curtido no espírito de lições amargas da experiência, com que viera do mundo acolher-se no extremo refúgio do desgraçado. julgara-o bom dessa bondade que não vem ingénita com o coração, mas que se faz, e se adquire como um fruto bom de árvore má, que, sem rega de muitas lágrimas, não vingaria. Padre Dinis não acreditava nos cilícios e disciplinas e jejuns como máquinas de fabricar santos. Frei Baltasar inspirava-lhe da sua ilustração um conceito muito elevado. A fama das suas penitências, flagelos e mortificações, na fé do antigo Sebastião de Melo, era uma crendice popular, que o

dominicano desmentia com os seus setenta e sete anos. O espírito poderia extenuar-se em recônditas amarguras, mas a carne, senão opilada e suculenta como a de um frade de Alcobaça, estava sadia e vigorosa, quantum satis, e o mais e melhor que podia, naquela idade, ambicionar-se.

Dito isto, observemo-lo na ocasião de melhor se avaliar.

— Esperava-vos com ansiedade e sofreguidão — disse o frade, abraçado com o hóspede. — Vai não vai, estive para escrever à senhora Condessa de Santa Bárbara, pedindo — lhe que vos dispensasse algumas horas em beneficio do velho frade de Santarém... Agora sois meu; vou mandar trancar a portaria e pedir uma ração vitalícia, para vós... Rides? Vereis... Hei de encantar-vos com bruxarias de frade, que são piores que as de velha. Eu herdei a nigromancia do venerável Gil, que os pagãos do cristianismo beatificaram em honra dos seus feitiços... Parece que me estais chamando herege!... Ora sentai-vos e entremos, como bons cristãos, em santa harmonia no ágape de um jantar de dominicano, que vos não será indigesto, porque o nosso padre São Domingos é melhor advogado contra indigestões que os beatíssimos patriarcas Bento e

Bernardo... Como veem, frei Baltasar era chistosamente satírico, sem maledicência. Os assuntos celebrados por graves pensadores do século anterior, e pela tradição veneranda do povo, como S. Gil, com quem o divino Garrett brincou depois, eram objetos de mofa para o frade. Filósofo, não da negativa filosófica da escola francesa do século XVIII, mas da crítica pensadora, desprevenida, em que os abusos são joeirados e o facto indestrutível e acrisolado das fezes, que lhe apoucam o quilate.

Padre Dinis, simpatizando cada vez mais com aquele carácter especialíssimo no mosteiro, sentia-se impelido para aquele homem, com toda a efusão de franqueza, que, em poucos minutos, ata em vínculo apertado duas índoles semelhantes. Liga maravilhosa! O padre aborreceu sempre o frade!...

Durante o jantar, na cela do nosso velho que, pela sua autoridade, se isentara das condições do refeitório, falaram em política, matéria fastienta e abstrusa, que, trazida para aqui, seriam uma inglória usurpação ao jornalismo, calamidade imprevista por Gutenberg.

Findo o frugal repasto, frei Baltasar indicou a padre Dinis um quarto para descanso, e entrou no seu. a uma hora, dormiu, orou e pensou.

Padre Dinis escrevia quando o incrédulo cronista de S. Gil lhe ecoou pela fechadura um benedicite, em lúgubre clave. Saíram juntos a passear na cerca; ampliaram a questão do jantar; concordaram em graves coisas sobre legitimidades dinásticas; duvidaram ambos das cortes de Lamego, sem as desautorizarem da sanção jurídica, disseram outras muitas coisas rotundas e salobras, e recolheram, enfim, à cela, quando o sinal de vésperas os mandou recolher. Abriram os breviários, murmuraram os versículos em monótona toada e rezaram ambos, de joelhos, a salve-rainha do costume. A sua ilustração não era, pois, tão ilustrada que os desquitasse das obrigações de orarem.

Sentaram-se depois. Padre Dinis encetava uma nova conversa sobre qualquer assunto trivial, quando frei Baltasar, por um aceno cheio de majestade, lhe impôs silêncio.

— O assunto é outro — disse ele, e sobresteve num recolhimento de minutos, como quem procura de um lance

da alma recapitular os toques essenciais de um discurso estudado. Não era isso. O improviso vinha-lhe pronto aos lábios; mas o coração parecia retrair-se represo de uma expansão que tão cara lhe devia ser.

— Meu amigo — disse ele apertando a mão do hóspede — , o meu coração tem tanta vida... Estes tecidos de setenta e sete anos não se relaxaram ainda... Eu sinto aqui uma opressão... parece-me um temor de profeta... Estou constrangido... Ter-me-ei enganado com o homem que escolhi para o segredo da minha consciência?

— Não ouso responder-lhe... — disse o padre com ressentida dignidade. — Eu sou o que sou.

— Nunca me responderam assim! Vós sois o homem que eu imaginei... Não me iludi... Agora, ouvi-me. Eu nasci no Minho. O meu pai era um fidalgo mais antigo que os reis desta terra. Sem os patriarcas da minha família, Portugal seria hoje uma nesga de Espanha, e Afonso sexto de Castela sepultaria em Guimarães a rebeldia do conde Henrique, e Jesus Cristo não viria no Campo de Ourique profetizar a derrota dos cinco reis mouros. Vem vedes que

a ironia salva-me da imputação que faríeis à balofa vaidade do meu nascimento.

“Eu fui educado livremente. Nasci com maus instintos, e franquearam-me carta branca para dispor à larga do ouro com que servia prodigamente as minhas imoralidades.

“Tive tédio de mim, quando cheguei aos vinte e três anos com o estímulo de uma paixão nobre, sem uma afeição pura por uma só de tantas mulheres que atirei à desonra, como fardos insuportáveis, suposto que na consciência me não pesassem nada.

“Por esses tempos o conde de Viso... reparai que vos não escondo circunstância nenhuma... se vos não disse ainda o meu nome, logo o direi... o conde de Viso veio viver na casa da sua mulher, com quem casou no Minho. A condessa fora educada em Lisboa. Vi-a casada; não a conhecera solteira. Esta mulher tinha tudo que perde um homem. Era de uma formosura peregrina e de um espírito enriquecido por tal arte com os dotes da inteligência que, pelo amor de tal mulher, pelos afetos desperdiçados ao homem boçal com que a casaram, eu seria um anjo e um demónio, seria um virtuoso humilhado a todo o mundo para dominá-la a ela,

seria um assassino dos meus amigos, se a condição do meu domínio fosse tal. Um homem que sente assim não é seu, nem da virtude, nem do crime, nem de Deus, nem da sociedade... É dela... é o que ela quiser que ele seja.

“O conde de Viso era general. Rústico e áspero da rudeza de soldado, sem trato com as sensações delicadas, e sem artifícios para fingir-se com a melindrosa mulher que as conveniências sociais lhe escravizaram, nunca se lembrou de medir o abismo que os separava, nem prever as batalhas que se davam no coração da odalisca, que reage contra a desabrida condenação de um cativeiro, em posse de um sultão, autorizado pelo sacramento do divino preceito, segundo dizem os casuístas de boa-fé.

“O timbre da sua voz não tinha inflexões. Mandava carregar os esquadrões como chamava sua mulher para arrolar os alqueires de milho que entravam nas tulhas. Concebera a ideia de que há homens que vieram organizados para generais; que o seu ofício na guerra é matar e morrer; e, na paz, recordar batalhas, pedir uma comenda para cada ferida, apontar as paredes atrás das quais os seus colegas se esconderam em tal refrega, e

procurar uma mulher, sem a qual não há outra máquina de criar representantes de glórias que a pátria agradecida jamais esquecerá.

“O conde de Viso era assim, e a sua mulher era uma alma anelante, abrasada, cheia de quimeras, conspirando contra tudo que há, porque as suas ambições eram tudo que não há.

“Eu entrei em casa do general como quem vai estudar o terreno de uma batalha infalível. O meu orgulho dava-me de antemão os emboras do triunfo. As probabilidades eram todas minhas, ainda mesmo que a fama do meu nome entrasse ali, primeiro que eu, a acirrar os grosseiros ciúmes do conde e indispor a fina sensibilidade da condessa.

“A estratégia era torpe. Na presença daquela mulher os meus planos caíram. Olhou — me de um modo que parecia dizer-me: — Recua, miserável! “ Recuei. Queimava-se-me a cabeça, cheia de fantasias ardentes, e doía-me o coração de mágoas nunca sentidas, de esperanças que me pareciam desenganos ao meu amor-próprio... de ânsias que não tinham desafogo sem ela, silenciosa e impassível como um

sarcasmo à minha vaidade, uma expiação das baratas vanglórias que me dera a hábil perfídia.

“Era a minha primeira paixão. Alimentei-a com lágrimas generosas. Senti-me outro na alma. Vieram-me subitamente as propensões para o bem. O coração abriu-se-me aos sentimentos ternos, à compaixão pelos pobres, à meditação dolorosa e prestante para com os infelizes. A natureza, tudo isto que nos rodeia e nos não cativa um afeto porque o tumulto de paixões sórdidas nos separam do belo, pareceu-me formosa e esplêndida de um reflexo daquela mulher, que viera, como um anjo de paz, reconciliar-me com a virtude.

“Estranhais esta linguagem calorosa no velho de setenta e sete anos? A impressão deixou um sulco indelével. Esta suave reminiscência, na minha alma, é como a flor de toda a vida, sempre viçosa pelo orvalho de lágrimas. Teria morrido se a paixão sucedesse à paixão. Não era possível. Foi única... O corpo envelheceu, mas o espírito nutriu-se para sempre.

“O conde de Viso era rancoroso inimigo do marquês de Pombal. Eu de todo o meu coração o detestava, porque meu

pai morrera onze anos antes no Castelo de São João da Foz, onde tragou suplícios da invenção carniceira de Sebastião José de Carvalho.

“O desejo de vingança fez-me parecer um homem superior na inteligência curta do conde. Nasceu daí a simpatia com que ele me acolhia na sua casa e a confiança inteira que eu pude hipocritamente captar-lhe. Quando eu lhe disse que esperava um momento feliz de sevar o meu rancor no sangue do conde de Oeiras, o general, que fora valente sob as ordens de Lippe mas que não era capaz de desafrontar-se, face a face, das afrontas que lhe fizera Pombal nos salões do Paço, abraçou-me freneticamente, exclamando: — Amigo para a vida e para a morte!”

“Nesse ano, era em mil setecentos e setenta e sete, morreu Dom José. A notícia desta desejada morte implicava a queda do valido. O conde delirou de contentamento, e mais ainda quando Dona Maria o chamou a assistir à sua aclamação, na qualidade de gentil — homem da sua real câmara, para que fora nomeado.

“O general partiu para Lisboa. A sua paixão única era aquela. Realizavam-se-lhe os sonhos ambiciosos, esqueceu

as insignificâncias do amor, que o rodeavam, olharia para a mulher como um empecilho ridículo se lhe dissessem que a levasse consigo.

“Foi. Dona Silvina despediu-se do seu marido com azedume, que ele não conheceu. Doeu-se da desconsideração, sem propósito, natural à rudeza do soldado ambicioso, e julgou-se ultrajada na sua vaidade.

“Eu adivinhei-a. Felicitei-me de um triunfo e desabafei o desespero, que acabara por pintar-me aquela mulher invencível.

“A condessa sabia... sabia de mais... que eu a adorava... Lutara contra o coração, contrariara-o nos impulsos que a deviam finalmente... perder. Viu-me sofrer na humildade... sofrer calado, dando-me voluntário a maiores desenganos, enobrecendo-me até de sofrer por tal mulher... Mas era fraca... sê-lo-á sempre toda a mulher que combate dois poderosos inimigos... inimigos, sim, a indiferença do marido, o cansaço imprevidente da posse, os extremos do estranho e o carinho mais fervoroso do desejo. Fossem elas virtuosas até ao martírio... renegariam, se lhe não fechassem as avenidas à tentação do amante...

Renegariam, despojando-se das glórias do seu orgulho estéril; da sua consciência, pura sim, mas incapaz de sanar as feridas da vaidade... Sucumbem todas... Sucumbem, padre Dinis, quando a paciência do amante se aproveita das impaciências do marido... Era assim o mundo, é e sê-lo-á sempre... Serão todas como aquela, quando uma verdadeira paixão, fértil de recursos, as inquietar na sua tranquilidade sensabor, naquela sua íntima ambição de viver com um outro homem que lhes saiba colher as flores da alma, e as não aprecie somente pelas formas exteriores...

# CAPÍTULO VI

“No fim de onze meses, o gentil-homem ordena bruscamente à condessa que parta imediatamente para a corte. Sentimos o efeito de um raio. O general devia ter sido forçosamente informado por cavalheiros vizinhos meus, reservados em velhos ódios, e espiões solícitos da minha intimidade com a condessa. Em todas as cartas para sua mulher, o conde incluía uma para mim, ou uma qualquer recomendação, menos na última. A frase desta era selvagem, imperiosa e semelhante a uma ameaça. A partida da condessa, padre Dinis, era impossível. A desgraçada não tinha defesa nenhuma. Oculta, há três meses, aos olhos dos estranhos, como poderia apresentar-se em face do seu marido?!...

“A resposta, que o conde recebeu, escreveu-lha o seu mordomo. Participava-lhe o desaparecimento da sua esposa, agravando o facto com a coincidência de eu ter

desaparecido, com cavalos, criados e a maior parte da minha fortuna, que realizara numa venda repentina.

“Assim fora. Recobrado do torpor em que me deixara a ordem do conde, pedi ao coração um conselho, um lance de coragem com que pudesse reanimar Silvina. Foi instantânea a inspiração. Não a teria nunca, se aquela mulher não fosse a minha suprema alegria, a minha paixão nobre, tudo que sobre a Terra pode impor-nos o sacrifício da fortuna, do sangue e da honra.

“Disse-lhe que a sua vontade não podia obedecer ao general: respondeu-me que, antes de obedecer-lhe, tinha o recurso do suicídio. Senti, nesse momento, a melhor sensação da minha vida. Realizara-se a esperança: um absoluto domínio sobre aquela mulher.

“Dois dias depois, da fronteira de Espanha dávamos a Portugal um adeus para sempre. Do meu património, tudo o que eram bens livres vendi-os por mais de cem mil cruzados. A minha felicidade era ela; mas em qualquer ponto do mundo, com aquele dinheiro, encontraria a felicidade, que se compra.

“Silvina não quinhoava do meu contentamento. Em mim era tudo expansão das íntimas alegrias, de quem não tem no coração espaço para os outros desejos. Nela uma tristeza sombria, uma reconcentração muda, um cismar contínuo, que parecia distraí-la de mim, insensibilizá-la aos meus extremos de mimo e cuidado da sua felicidade.

“E, contudo, eu não podia queixar-me do seu amor. Aquela tristeza era providencial. O grito do pressentimento falava-lhe mais alto que os meus alentos.

“Chegámos a Veneza, onde imaginei que o céu influiria na enfermidade moral da condessa. Vivíamos obscuramente, com aparências que não excitavam a curiosidade, sem estado, sem um sintoma que pudesse denunciar a qualidade dos forasteiros.

“A melancolia da pobre senhora aumentava. Por fim, vieram as lágrimas, e as profecias da sua morte próxima. Abraçava-me convulsivamente, e dizia-me:

— Cedo ficarás sem mim. Vou com a glória de ter sido verdadeiramente amada; e deixo-te na consciência uma voz eterna a dizer-te que o mereci... Perder-te. .. seria pouco;

não me sacrifiquei, porque indemnizaste o que fiz com muito amor. Por este amor quero dar-te a vida... esta sim, que ta dou... não tardará...

“Padre Dinis, bem vê que falo e choro francamente... Desculpe-me estas lágrimas... Na presença de outro, acho-as doces... sozinho, como as tenho chorado sempre... queimavam-me...

“Veio o momento da profecia. “Silvina, alvoroçada por uma dor que nunca sentira e reconheceu ser a última que devia sentir, revelou-me um segredo que os médicos lhe revelaram a ela, quando seus pais a arrastaram ao casamento. Recebi-o cheio de terror! Comuniquei-o ao primeiro, ao segundo, a uma junta de médicos, que chamei para ao pé do leito da minha voluntária vítima. Arrefeceram-me todas as esperanças, pelo gesto receoso com que me responderam.

— Pois é impossível salvá-la? — perguntei-lhes com as mãos erguidas.

— Impossível não — me disseram eles. — A ciência faz milagres muitas vezes.

“Agora, padre, compenetre-se desta agonia. Eu estava com os ouvidos colados à fechadura do quarto da minha infeliz amiga. Ouvia-lhe os gritos vibrantes, os gemidos sufocados à custa do peito que lhe estalava, as animadoras consolações de um médico, que ela não ouvia estorcendo-se no leito, que parecia desconjuntar-se... Ouvi tudo, padre Dinis... ouvi o meu nome... o nome, que todos ignoravam... Dom Álvaro de Albuquerque!... Julgavam-na delirante quando eu entrei... Estendeu para mim os braços, debateu-se pendente do meu pescoço em convulsões frenéticas... Mandaram-me retirar em favor à salvação daquela senhora... Saí cheio de lágrimas e esperanças... Escutei ainda... Conheci, pelo tinido de ferros, que se tentava o derradeiro esforço... Os gritos redobraram, mais agudos, e de súbito enfraqueceram até se ouvirem como gemidos abafados. Abriram a porta, e um médico me disse:

— Faça entrar a mulher a quem há de ser entregue a criança, que felizmente está viva...

— E ela? — interrompi eu.

— Morre — responderam secamente.

“Esqueci a recomendação do médico; entrei no quarto; corri ao leito; vi Silvina com o rosto escarlate, banhado de suor frio, e os olhos fechados. Respirava, parecia mesmo que sorria... chamei-a, respondeu em delírio, balbuciando o meu nome. Chamei-a de novo, repetiu o meu nome ainda. Bradei com aflição “Silvina”, ouvi-lhe pela terceira vez pronunciar “Álvaro! “ Estremeceu... arrancou um longo gemido, o último, abriu os olhos, cobria-os uma névoa branca... estendeu o braço direito, convulso, robusto do último acesso de vida... Beijei-lhe a mão... Senti nos lábios o frio de um cadáver... Estava morta.

“Padre Dinis, as minhas crenças religiosas nasceram naquele instante. Sem Deus, há punhaladas incuráveis. Não caí morto!... Espantei-me da minha coragem, e conheci que não podia tê-la sem conforto do céu. Lembrou-me o suicídio... olhei em redor de mim, como quem procura uma pistola, um abismo, e vi uma criança, que vagia ao peito de uma mulher.

“Falo com um homem de inteligência e coração. Conceba-me e condoa-se, sem que eu lhe conte os meus tormentos minuto por minuto. A desesperação abriu-me um inferno

aos pés. Se me dissessem então que desafogasse o aperto da minha alma com orações... responderia com insultos à impotente piedade. Trovejavam-me dentro do coração todas as fúrias. Aquilo era a expiação mais atormentada que pode contar-se desde que a Providência prepara o abismo para os criminosos. Foi necessário convencer-me de que o dedo de Deus estava ali... Foi necessário convencer-me de que lutava com Deus para retrair no coração as blasfémias inventadas para a minha desesperação...

"Silvina dormia o sono eterno... Os sinos dobravam por ela quando me retirei de Veneza. O meu filho vinha ali ao meu lado. Cheguei a Roma. O terror ia comigo. Debaixo daquele céu arrastava-me, como réptil esmagado. Não tinha coração para nada, nem inteligência que divertisse o meu espírito da sua angústia entranhada. Foi aí na Basílica de Santa Maria dos Anjos encostado à pia batismal, procurando aturdir-me com a fúnebre toada dos órgãos, foi aí que me feriu de repente o pensamento de ser frade. Não era o amor à religião, não era adjudicar-me aos cilícios e à Tebaida mortificada de jejuns e disciplinas... era a necessidade de realizar em mim a derivação da palavra

“monge — … triste e só. Isto era maior valentia que o suicídio... Esta mortalha que vesti há cinquenta e quatro anos, tem mais heroísmo que a cobarde aniquilação de um corpo, incapaz de suportar as tempestades da alma.

“Concebi de um relance todo este drama de dores escondidas aqui, não sei há que tempo, há que séculos... O tempo da minha alma não se conta... Decrépito aos vinte e quatro anos, não sei como tem sido este durar... É um prodígio de organização... um milagre, talvez...

“Dominava-me o indomável desejo de voltar a Portugal... Queria o martírio aqui no meio dos meus, mas só comigo... Parecia-me mais aflitivo este género de insulação... Lembrou-me até bater à porta de Tibães; mas aí era impossível. O dom abade era meu tio, conhecia-me, conheciam-me todos; e a alguns tiros de distância estava o palácio do conde de Viso... Vim, sem fixar o túmulo onde devia sepultar-me... Antes de sair de Roma, procurei pela primeira vez, um meu primo, encarregado dos negócios de Portugal. Denunciei-lhe a minha alma. Em vez de censuras captei-lhe a comiseração. Encarreguei-o de velar pela criação do meu filho. Deixei-lhe toda a minha fortuna,

exceto o património com que devia entrar no convento. Pedi-lhe inviolável segredo sobre o meu destino; parti, não direito a Portugal, fui a Veneza, recebi o cadáver meio dilacerado de Silvina, pus ao meu lado aquele cinerário de chumbo, vinha ali como um momento implacável do meu crime — pesava-me no coração... Ei-lo ali... é o meu genuflexório... A lâmpada que, durante a noite ilumina aquela cruz, treme sobre a cobertura desse caixão em sombras, que me fazem sentir aqui dentro o frio da morte... E isto todas as noites!... Levanto-me, ajoelho, oro com muita fé, chamo-a, reproduzo-a com todos os traços, vejo-a, quando era bela, quando era virtuosa, quando se contorcia no trespasse, suspensa no meu pescoço, quando, lívida, e regelada, e cerrando para sempre os olhos, em que li o meu perdão... Há cinquenta e quatro anos assim!... E vive-se, padre Dinis!... Vivo desta vida... Intitulam-me santo... querem-me para tudo o que é tribulação de consciência, invejam-me a santa paz da alma, pedem-me a ciência que encaminha ao céu... A mim, padre Dinis!... É este o mundo... Santificam-se assim os homens...

— Com Vossa Reverência não se engana o mundo... — interrompeu o padre.

— Engana. A consciência do justo não é perturbada...

— Pelo pesar de passadas culpas é... e sempre.

— Aqui não há só o homem que foi a flagelar o que é. Sinto desesperações... e a consciência do justo espera sempre...

— Com resignação novos tormentos, que possam vir experimentar-lhe a coragem.

— Tenho-a para todos; mas não posso sofrear uma ânsia toda deste mundo... Por ela esqueço-me de Deus e do céu... É um desejo impotente, impossível de realizar-se...

— Que deseja?

— O impossível... não me adivinha?... Esqueceu a minha história... não vê que deixei em Roma...

— Um filho?...

— Sim, o meu filho, o filho de Silvina...

— Pois não o deixou entregue a um seu primo?...

— Deixei. Correspondi-me com ele durante dois anos, com grandes intervalos... Ao cabo de dois anos, meu primo morreu quase de repente, e com ele a única pessoa sobre a Terra que sabia da minha existência. Eu não podia declarar-me, não podia escrever a alguém... e a quem? Era frade... morrera para todos... Inventei um escrúpulo da consciência. Saí desta casa com o bordão de peregrino. Fui a Roma, achei-me enganado, nas minhas esperanças, ninguém me conhecia. Fui a Veneza. Procurei a ama a quem fora entregue meu filho. A pobre mulher, quando me conheceu, não podia calar os soluços.

— Morreu? — perguntei-lhe eu, com a serenidade da resignação.

— Não morreu enquanto eu o alimentei ao meu seio — me respondeu ela.

— E depois? “ — Não sei — dizia a chorar a única pessoa que conhecia um coração de pai a bater debaixo deste hábito.

— Não sabe? — tornei eu ansiosamente. — Pois não estava no seu poder meu filho?

— Estava, mas, momentos antes de expirar o seu amigo, fui chamada à sua presença. Estava aí um senhor, que recebeu o menino dos meus braços e saiu. Nunca mais os vi... Ainda perguntei ao seu amigo se o menino me era tirado por eu não ser uma ama digna... Já me não respondeu... Morreu com o segredo do destino que levou o meu querido menino.

“Aqui tem o que é um mistério aflitivo, insuportável. A quem foi entregue meu filho? Não sei! Quem me diz o que se há passado em cinquenta anos que pesam sobre este segredo? Ninguém, padre Dinis! Nem uma inspiração!..., nem um vislumbre..., nem a mais pequena suspeita!... Homem extraordinário, podereis levantar-me sobre o peito esta barra de ferro que me não deixa elevar a Deus um suspiro bem contrito, dos meus crimes? Dais — me um longe de esperança, que me conforte até morrer, ainda que nunca se realize?

No rosto de Sebastião de Melo transparecia o clarão do espírito que se ilumina por força sobrenatural. Se os oráculos fossem verdadeiros, o arúspice, consultado nos grandes conflitos, devera anunciar a resposta por aquele

afogueamento de rosto, como aceso pelo jorro de luz que lhe vinha do céu.

Frei Baltazar contemplava-o e dizia na sua consciência que o homem de Deus, o profeta, o santo, ia apontar o ponto do globo em que, a essa hora, se achava o filho de Silvina.

Fixavam-se com não sei que fascinação que os assemelhava, na penetração dos olhares, a dois adversários que se medem para arcarem em luta rancorosa.

Depois da pausa, padre Dinis, com a mão direita na testa, como se os frontais se lhe partissem, perguntou:

— Conheceu o marquês de Luso?

— Conheci.

— Sabe se esse homem, quando morreu seu primo, estaria em Roma?

— Deixai-me recordar... O marquês de Luso... estava!... Sei que estava... Foi enviado extraordinário a Sua Santidade para sanar as desinteligências da Cúria com o marquês de Pombal... Porque me fazeis essa pergunta?...

— Sabe que destino teve, depois, o marquês?

— Esperai!... Sei... Terminadas as negociações foi mandado substituir em França o embaixador, que caíra no desagrado da rainha...

— Oh!, Santo Deus!... — murmurou o padre, escondendo como era costume seu, o rosto entre as mãos.

— Que se passa? — acudiu o dominicano, erguendo-se e correndo para ele. — Não me digais meias palavras...

— Ainda outra pergunta...

— Dizei... depressa... oh!... falai, por piedade...

— Que capital me disse Vossa Reverendíssima que deixara para ser administrado para seu filho?

— Cem mil cruzados...

— Era só dinheiro?

— E algumas joias...

— Só? — Só... não me recordo de mais nada...

— Não havia aí um grilhão de ouro...

— Com um punhal...

— E na lâmina — interrompeu padre Dinis, com os cabelos eriçados de entusiasmo — , e na lâmina não tinha uma legenda esse punhal?

— Tinha... — disse aceleradamente o frade — , tinha... De um lado: Múcio Cévola; do outro: morte a Porsena...

— Senhor! — exclamou padre Dinis, estendendo-lhe o braço trémulo.

— Dizei... íeis fazer-me outra pergunta?!

— Basta... É tudo o que podia dizer-se e saber-se...

— Pois quê?!... — balbuciou o monge, tomando o padre entre os braços. — Sabeis... conjeturais que é possível encontrá-lo?... Vive?... Uma palavra vossa... uma só...

Deu-se um fenómeno, que o coração não explica. Padre Dinis não respondeu à última pergunta do frade. Olhou para a cruz, como a invocar o testemunho de Jesus Cristo. Os olhos do dominicano instintivamente seguiram os do clérigo. Sem se consultarem, ajoelharam ao pé do caixão de chumbo, que formava a peanha do crucifixo.

— Oremos! — disse o padre...

Era um êxtase, sem murmúrio... Um como quebrarem-se os vínculos do corpo para que a alma subisse a Deus... Correram minutos... De improviso, Sebastião de Melo estremece em convulsões, empalidece debaixo das vagas de suor, cai com a face sobre o túmulo, e exclama:

— Minha mãe!...

# CAPÍTULO VII

O homem endurecido pelos desgostos pequenos, mas sucessivos, adquire têmpera de coração para vencer a suprema das dores. Não cai por fraqueza de alma. Pode sentir-se morrer devagar em cada fibra; mas aí nesse deslaçar dos vínculos da matéria não há debilidade de espírito. O que morre é o corpo, cujas condições da vida não subsistem com a maceração incessante da alma. O homem, pois, que muito sofre, e não se furta às dores, aniquilando-se, é a continuação do filho de Deus sobre a Terra; é porventura o eterno Cristo expiando a primeira culpa do tronco verminoso da humanidade.

Na alegria é que o homem é para pouco. Não tem frieza nem superioridade de alma para abençoar os grandes lances de ventura, que o surpreendem. A dor naturalizou-se-lhe na vida, converteu-lhe todas as aspirações em desalento, envenenou-lhe o ar que respirava e tornou-o

invulnerável pelo veneno. De súbito fende um raio de luz as suas trevas. O ar puro de júbilos inesperados expande-lhe o pulmão em sorvos de esperança reanimadora. O homem então é fraco. A dor, que o não vencera, enervara-lhe o coração, não lhe deixara o órgão do prazer, mata-o, porque o abandona e porque a seiva, que alimentava esse homem, era o fel da desesperação.

Frei Baltazar foi assim. Quando o padre, inclinado sobre o cofre das cinzas de Silvina, invocava sua mãe, o dominicano ergueu-se como de um pulo, recuou com o pasmo e o terror nas imóveis pupilas, com as mãos convulsas afastava dos olhos o véu daquele sonho, e dos lábios, crispados nervosamente, apenas lhe saíra uma exclamação, que tanto poderia exprimir o júbilo como o terror.

Sebastião de Melo, volvendo o rosto a procurar o frade, cujas comoções não percebera logo, viu-o nessa postura. Foi direito a ele, oferecendo-lhe o peito para abraçá-lo. O frade recuava.

Seguiu-o, pronunciando um nome que devia aquietá-lo daquele delírio, e o frade, encostado à parede da cela, com os braços estendidos, parecia afastar horrorizado o

espectro que o perseguia. Padre Dinis assustou-se do resultado da impressão. Cruzou os braços diante do seu pai, esperando uma palavra que revelasse o contrário de tristes suspeitas. Essa primeira palavra confirmou os desgraçados receios. Passados minutos, o frade soltava uma estridorosa gargalhada, e exclamava, entre frouxos de riso, particulares no idiotismo:

— Padre, vieste zombar do pobre velho!... Há cinquenta e quatro anos que deixei em Roma uma criancinha, e apareces-me tu, velho de cabelos brancos, a dizeres que és meu filho!... Impostor!... O meu filho é uma criança de cabelos louros, olhos negros como os de Silvina, e tinha uns lábios que vagiam como sua mãe suspirava. O meu filho... tu... o meu filho!... Porque te não lembras dizer que és el-rei Dom Sebastião, que volta do encantamento em que o tiveram as fadas do Cristo?!... Aproveita-te do si vera esttama do túmulo do rei, em Belém!... Diz que és ele.

Endoidecera. Padre Dinis, enquanto o monge com horríveis esgares acompanhava a zombeteira apóstrofe, fixava os olhos na cruz, suplicando-lhe, como de recurso extremo, o remédio para tal conflito.

Nos dormitórios ouvira-se a exclamação virulenta do monge. Pela primeira vez, era assim quebrado o silêncio da alta noite. O prelado, avisado do extraordinário incidente, veio à porta da cela e escutou. Dentro, era profundo o silêncio. O frade caíra esvaído numa cadeira, e padre Dinis contava-lhe as palpitações do pulso, como quem receia a morte depois da demência.

O prelado, não querendo recolher-se sem averiguar o estranho sucesso, murmurou pela fisga da porta:

— Frei Baltazar sente-se incomodado? Não lhe responderam. Repetiu, mais alto, a pergunta, e, suspeitoso da continuação do silêncio, abriu a porta, como lhe era permitido, e entrou.

Ao mesmo tempo, o dominicano abria os olhos e fixava-os pavidamente na fisionomia do padre, e logo depois na do prelado, que parara perplexo diante do grupo.

— Que tem Vossa Reverência? — perguntou ele, tomando-lhe carinhosamente a mão, que lhe oferecia. “resposta foi uma lágrima e um sorriso. “prior voltou-se para o

desconhecido clérigo e interrogou-o pelo acontecimento. Padre Dinis respondeu:

— Era necessário que frei Baltazar estivesse no uso da sua inteligência para responder... Eu não posso satisfazer a pergunta da vossa Reverendíssima.

O frade cortou as instâncias do prior com uma outra risada, mais significativa que a primeira, porque já não era o delírio de uma surpresa de felicidade; era a confirmação da loucura.

— Frei Baltazar está doido?! — perguntou o prelado a padre Dinis.

— Doido... eu! — exclamou o frade, saltando para ao pé do caixão dos ossos de Sílvina.

— Doido... eu!... por querer guardar este tesouro... (e apontava para o cinerário) o sepulcro do meu coração... este penhor que conservo há cinquenta e quatro anos para legá-lo ao meu filho... Chamais doido ao velho, que vos pode dar lições na ciência do sofrimento?!... Doido!... Chamai-me antes desgraçado ... rematai os meus suplícios, cuspindo-me nestes cabelos grisalhos... Cuspi... mas olhai

que cada cabelo branco que me vedes é uma hora de vida golpeada, triturada, esmagada debaixo do pé de um demónio!... Cuspi... ímpios!, que aqueles ossos heis — de ouvi-los ranger no seio daquele esquife de chumbo... Cuspi, fariseus da virtude, que todos os dias chegais a esponja de fel e vinagre aos lábios do manso cordeiro representado pelo bom em que sofre... cuspi...

— Frei Baltazar — atalhou o prelado — , olhe que fala com amigos... Não me conhece, não conhece frei João de Deus, o seu discípulo querido, como me chamava ainda ontem?

— Esse... morreu!... — balbuciou o dominicano, soluçando e passando pelos olhos a manga do hábito.

— Não me conhece a mim? — interrogou o padre Dinis, levando-lhe a mão ao coração.

— Conheço... Tu és o homem a quem eu contei a minha vida... Prometeste dar-me conta do meu filho, andaste por lá tantos anos, e ao cabo vieste dizer-me que o meu filho era um padre de cabelos brancos, com rugas da velhice na

face macilenta, com o lume dos olhos amortecidos, e com o aspeto do malvado que se faz interessante pela hipocrisia...

— Isso é verdade?! — interrompeu o prior, dirigindo-se ao padre.

— É verdade, senhor, que o filho de frei Baltazar é esse homem que ele descreve, mas não é o malvado que se faz interessante pela hipocrisia.

— Cada vez estou mais confuso!... — disse o prelado.

— Preciso que falemos, senhor padre.

O frade, extenuado dos violentos embates, não susteve a postura vertical, que sustentara minutos a par com o caixão das cinzas. Viram-lhe o sangue arroxado do delírio escoar-se em palidez repentina, as pálpebras caírem, e os braços, como alquebrados, descerem a procurar encosto. Tomaram-no nos braços, transportaram-no à cela onde esperaram encontrar um leito, e viram uma enxerga. Deitaram-no, puseram-lhe um leigo à cabeceira, saíram e recolheram a casa do abade, onde conversaram vinte minutos.

Voltaram depois. Frei Baltazar dormia. Tristes visões deveriam povoar-lhe o sono convulso: de vez em quando,

ressoava palavras ininteligíveis e soturnas daquele som cavo, que aterra, quando vem quebrar o profundo silêncio da noite. Padre Dinis, com a alma atormentada no marulho das ideias excruciantes que lhe restavam ainda na última cena da sua vida, cruzava os braços diante do espetáculo que se lhe afigurava um sonho.

A demência do seu pai estava justificada pelo estranho abalo que ele, corajoso alvo de todas as impressões, sofria na razão. Admirava-se de si. Atribuía ao estado de Álvaro de Albuquerque a presença de espírito que, por indemnização, lhe concedera o Altíssimo.

Padre Dinis sucumbiria, a não distrair a sua força moral nos recursos inúteis para salvar seu pai.

Os médicos, chamados a curar o efeito da causa misteriosa, capitularam de congestão cerebral o acesso. Sangraram copiosamente o ancião, que vivia mais pelo espírito que pelo sangue. Ao amanhecer, a lanceta, rasgando de novo as veias exaustas do enfermo, abrira por assim dizer a sepultura ao moribundo.

Frei Baltazar não dava esperanças. Raro abriu os olhos para ver em redor de si a consternada comunidade, que lhe beijava a mão, quase gelada. As preces, no coro do templo, de hora a hora, suplicavam a Deus a vida do último homem virtuoso como o primeiro frade. O povo de Santarém aglomerava-se na portaria, perguntando pela saúde do pai, do benfeitor e do apóstolo. A última prece da comunidade foi suspendida pelas badaladas da agonia. Rodearam o leito do frade moribundo, que só na insensibilidade dos paroxismos consentiu um leito... para morrer. Acabava de ser ungido. O ministro da extrema-unção entoava: “Senhor Deus, misericórdia!”, e os circunstantes, afogados em soluços, respondiam: “Senhor Deus, misericórdia! “ Foi então que o dominicano abriu os olhos.

O seu rosto era sereno. Um clarão de vida, como ela é na robustez da adolescência, iluminou-lhe o rosto. Por entre os lábios, meio abertos num sorriso, saíram as palavras: “Senhor Deus, misericórdia! “

— Milagre! — exclamaram os monges.

O moribundo fixou padre Dinis, acenou-lhe para a cabeceira do leito e murmurou — lhe aos ouvidos estas

palavras tardias, entrecortadas pela necessidade de repouso em cada palavra que balbuciava:

— Morro... quando devia morrer... Precisava de entregar o meu depósito ... O meu filho, herdas de mim os ossos da tua mãe... Aquele caixão deve, por fim, entrar comigo na mesma sepultura... Cumprirás... não pergunto... sei que cumprirás o legado do teu pai.

Padre Dinis ajoelhou. O frade estendeu-lhe a mão sobre a cabeça... Quando a retiraram, estava fria...

Rezavam-se os responsos em volta do ataúde de frei Baltazar da Encarnação. O abade empenhara-se com os pregadores da casa para recitarem uma oração fúnebre que solenizasse as exéquias do santo varão. Não houve um frade que tivesse ânimo para sustentar quinze minutos em palavras o sentimento que só as lágrimas exprimiam.

À hora em que devia surgir no púlpito o orador, que ninguém esperava, convergiram para ali todos os olhos. Viram, majestoso de incutir terror, entusiasmo e devoção, o levita de vestes negras, os raros cabelos eriçados, a

maceração no rosto e tremor convulso nos lábios. Era padre Dinis.

Antes da palavra, vieram as lágrimas. Às lágrimas sucedeu a eloquência dos gemidos, o hino do anjo da dor cantado sobre o túmulo. Tremiam a sezão do fervente enlevo os que, mais corajosos, puderam ouvi-lo. Alguns retiraram-se com o lenço nos olhos e arquejantes no coração. A oração expirava quando começou o órgão. O padre demorou-se no púlpito com a cara pousada no parapeito. Assustaram-se. Foram e conduziram-no à cela, esvaído, como se, com a última lágrima, exaurisse a derradeira gota de sangue.

# CAPÍTULO VIII

Na Praça da Alegria, à porta de uma casa de três andares decorados de persianas verdes, e opulentos cortinados nas janelas, parou uma carruagem.

No mesmo quarteirão, à janela de uma casa de dois andares, com sacadas de pau, muito expressivas da debilidade financeira dos seus locatários, estavam uma mulher de meia-idade, e um homem de cabelos brancos, com a barba justamente apoiada sobre a cabeça da mulher, que fixava atentamente a pessoa, que apeava da carruagem.

— É o mesmo das outras vezes... — disse a senhora D. Emília do Loreto, recolhendo — se, ao que parecia, contente de satisfazer a sua inocente curiosidade.

O marido seguiu-a, desceu da testa para a base do nariz os seus óculos prodigiosos de metal, e abancou, continuando silenciosamente a sua tarefa de copiar música.

— Tomara eu saber — disse ele, passados alguns minutos. — Que nos importa a nós quem entra ou sai de casa dos vizinhos!...

A sua mulher, aparando hóstias, que acamava num cilindro de lata, não respondeu. O Sr. Joaquim dos Reis, ao dobrar a folha do papel pautado, olhando por cima dos óculos para sua mulher, que não erguia a vista do seu trabalho, continuou:

— Sim... dizia eu que me importa a mim ou a ti que naquela casa das persianas verdes viva uma bonita rapariga, que é visitada todos os dias por um homem que não sabemos se é pai, se irmão, se marido, se amante?!

E a Sra. D. Emília calada.

— E o caso é — prosseguiu o inexorável — que me tenho deixado ir contigo à janela, como se a coisa me desse muito que pensar! Valha-vos Deus, filhas de Eva... Haveis eternamente de convidar os filhos de Adão a comer do pomo proibido!...

D. Emília suspirou profundamente. A leitora, ciosa, das suas regalias do dom, custa — lhe a conceber a razão

porque aquela mulher, que vive de fazer hóstias, não há de ser simplesmente a Sra. Emília, casada com o Sr. Joaquim dos Reis, obscuro copista de solfa.

É por motivos que vamos anunciar-lhe. D. Teotónio de Mascarenhas, monsenhor da Patriarcal, e filho segundo de uma das três mais antigas famílias de Lisboa, era o pai de D. Emília do Loreto, de D. Amónia dos Prazeres, e (supomos que era) de D. Maria Amália. A mãe destas meninas era uma mulher de baixo nascimento, que começara vendendo peixe na Ribeira Nova, que passara aos dezoitos anos com uma barraca de fruta para a Ribeira Velha, e que se estabelecera aos vinte e cinco anos com loja de bacalhau à Conceição Velha, na casa que faz esquina para um beco que conduz ao Bairro de Alfama.

O estabelecimento de bacalhau, abundante e acreditado, revelava um rápido impulso, dado por favor estranho, ou milagre de Santo António, aos cabedais da Sra. Anacleta, abaixo de medíocres. É que, a esse tempo, estava ela adscrita à poderosa fortuna de monsenhor, que a tomara como sua, desquitando-a, à custa de muito dinheiro, da posse de um beneficiado da Sé, que a mudara dos

linguados e tainhas da Ribeira Nova para as melancias e castanhas da Ribeira Velha.

Os do seu tempo diziam que a bacalhoeira era uma desenvolta mulher, capaz de encadear numa apóstrofe nervosa quantas obscenidades inventaram as gerações de peixeiras, que lhe legaram uma barraca na Ribeira. Acrescentam, porém, que não podia conceber-se mulher nem mais famosa, nem mais elegante.

D. Teotónio de Mascarenhas era invejado e tinha orgulho de sê-lo. Não escondia a sua paixão, nem sacrificava a vaidade da sua conquista aos brasões do seus avós, nem à dignidade eclesiástica que exercia.

Só assim se explica a imprudência, senão impudência, com que ele perfilhava as filhas, lindas crianças, que a Sra. Anacleta lhe dava, como frutos da sua fidelidade, porque, sejamos francos, as duas primeiras eram o pai pintado na finura da organização, e no belo castanho dos olhos vivos.

Mas eram três, como já dissemos, as criaturinhas. A terceira (caprichos da natureza!) não tinha nem a delicadeza de formas, nem o orgulho cintilante das outras.

Fatalmente, uma desastrada coincidência veio afrouxar o fervor paternal no coração do monsenhor. Fizeram-lhe indiscretos amigos acreditar que um espadaúdo capitão de cavalaria foi visto sair de madrugada pela porta traseira da casa da Sra. Anacleta. D. Teotónio, apaixonado amante, mas filósofo refletido, espreitou umas poucas de madrugadas e nada viu. O áspide da suspeita, ainda assim, tinha-o mordido. A farpa ficara-lhe na alma, e só o tempo poderia desencravar-lha. É justamente o que ele esperava, quando nasceu a terceira menina, que se não parecia com o seu pai.

O prebendado curtiu silencioso a afronta, que poderia, contudo, não ser afronta. Falou aos médicos, consultou a ciência no seu gabinete, interrogou o fenómeno da geração e, quando viu que as respostas eram equívocas, e que os mais célebres médicos lhe davam como possível a geração sem rigorosa semelhança de traços corpóreos, o importuno acomodou-se. Ora, D. Teotónio, entre as virtudes que tinha, avultava na da imbecilidade moral, virtude austera mantida sempre na longa série do seus avós.

Como quer que seja, não podia ser inteiramente superior ao dente do ciúme. Com bons olhos nunca ele olhou para Maria Amália, que a extremosa Anacleta lhe fazia dar pulinhos nos joelhos, e dizer “papá, chichi”, e outras muitas meiguices, que o celibatário — o pior de todos os homens (isto é, o celibatário mais celibatário que o próprio padre) não sabe compreender.

Maria tinha nove anos, e não fora ainda perfilhada. A Sra. Anacleta, como boa mãe e solícita curadora do futuro das suas filhas, falou pela primeira vez em perfilhação ao pai das suas fidalguinhas, como ela intitulava o monsenhor da Patriarcal.

A resposta não lhe quadrou. Aquele sorriso, seguido do silêncio pior ainda, irritou-a a ponto de pedir à sua memória reminiscências de uns certos discursos com que ela costumava conter em respeito as suas vizinhas, e os seus impertinentes fregueses do bacalhau.

— Então que celebreira é essa? — perguntou ela, cruzando os braços, e afastando uma perna da outra em postura graciosa, mas nada honesta. — Temos asneira?

Fina vai ela!... Então esta é menos que as outras? Não queres ser o pai desta?

Este interrogatório vinha perfumado de um recheio de palavras escolhidas, as quais antes queremos que o leitor as não usurpe aos ouvidos exclusivos de D. Teotónio, visto que foram propriedade dele.

O fidalgo, enxovalhado pela franca Anacleta, retirou-se calado, como prudente inimigo de escândalos, na presença das suas filhas, a mais velha das quais tinha catorze anos, e a outra treze.

Desde esse dia, infausto para a tranquilidade, que reinara, ao menos aparente, durante quinze anos, naquela casa, Anacleta retirou os seus carinhos às duas filhas perfilhadas, e desvelou-se em mostrar ao monsenhor que a escolhida do seu coração era a mais nova.

Retirados os carinhos, vieram as violências. As pobres meninas, educadas em mestra fora de casa até aos onze anos, não conheciam sua mãe, nas feições mais salientes do seu carácter. Descaídas da graça materna, viram-se a lutar com a antiga regateira. Aterraram-se, não ousavam

queixar-se. O pai, suposto que palerma, era pai, e compreendeu-as. Lembrou — se de as afastar da influência da mãe; receou, porém, perder o amor de Anacleta, paixão verdadeira que se enraizara naquele coração fraco, humilde, e incapaz de se revoltar contra a fascinação, que o agrilhoava à vergonha. Mas — pergunta a lógica — porque não perfilhava ele a terceira filha? Porque não restabelecia a paz doméstica, se não tinha provas bastantes da deslealdade da mãe?

Pobre homem!, as provas vieram depois. Dois anos antes tinha morrido no hospital dos militares um major de cavalaria, que mandara restituir pelo seu confessor a D. Teotónio de Mascarenhas cem peças que lhe foram dadas por Anacleta, dinheiro que ele conscienciosamente sabia que era dele monsenhor.

Era parvo ou não era? Tinha ou não tinha razões para enjeitar a bonitinha rapariga que se lhe apresentava como sua filha?

D. Antónia dos Prazeres, a filha segunda, exausta de paciência, queixou-se ao pai. O bem-aventurado ouviu-a, e disse-lhe que se resignasse, porque a desobediência era

uma tremenda culpa no juízo de Deus. A pobre menina pediu forças ao Deus dos tremendos juízos, e esperou.

Qualquer das duas podia disputar a beleza da sua mãe. O que a mãe não podia disputar-lhes era a doçura suave das maneiras, o ar aristocrata, as elevadas inclinações daquelas duas almas, que se identificavam nas mesmas lágrimas, no mesmo conforto, e nas mesmas esperanças.

Anacleta era uma fúria. A entrada de D. Teotónio era sempre saudada com uma estrondosa salva de epítetos sonoros desde “pelintrão” até “ patife”. O ilustre descendente dos Mascarenhas, algumas vezes chorou, e muitas outras fugiu. Triste coisa era para as filhas a fuga do pai! A mãe procurava-as, cuspia-lhes na cara o fel que lhe sobrava, e entre as lisonjeiras ameaças que lhes fazia, a mais suave era anunciar-lhes que tinham de vender peixe na Ribeira como ela o vendera, antes de se entregar a um monstro. Em honra da Sra. Anacleta, seja dito que não confessou às filhas que passara pelos braços de um cónego antes de se entregar ao monstro com a bagagem do cónego, segundo diziam, e é provável.

Deu-se um facto que apressou o desfecho desgraçado que se anunciava, naquela família. D. Teotónio recolheu-se um dia ao seu quarto, abriu as suas gavetas, vazou sobre uma banca alguns sacos de cruzados novos, contou os rolos de peças que tinha melhor acondicionados num cacifro de charão, recolheu tudo, fechou tudo, e começou a escrever.

Anacleta espreitava-o ansiosamente. Se o espírito do clérigo não estivesse tão absorvido naquela operação, poderia ouvir as pulsações do coração da bacalhoeira. A mulher suava de aflição. Duas ideias terríveis a dilaceravam... “Virá ele, movido por alguma nova suspeita, contar o dinheiro, de que eu tirei as peças para o capitão?... Mas o capitão morreu há dois anos... É impossível!... Então que é isto? Quererá tirar-me de casa o dinheiro, e as filhas que são dela... Então a minha querida Maria fica desgraçada... Não quero... não há de ficar desgraçada... não há de... ”

Aqui está o que fazia contorcer-se à porta do quarto a soberana do coração do monsenhor.

Passados quinze minutos, D. Teotónio dobrou o papel em que escrevera, colocou-o na gaveta do seu dinheiro, fechou-

a, meditou alguns segundo, e saiu. Ao passar por Anacleta estendeu-lhe a mão, e disse-lhe suavemente:

— Venho hoje cear contigo.

— Como quiser... a panela não se aumenta — respondeu ela, sacudindo as saias como quem se levanta da costura.

Mal o padre voltara para a Rua dos Fanqueiros, Anacleta entrou no gabinete, e fechou-se por dentro. Abriu com chave falsa a gaveta, não tocou no dinheiro, e leu sofregamente o papel, que continha o seguinte:

Apontamentos para o meu testamento. Tenho em dinheiro cento e oito mil cruzados, que sendo assim divididos: quarenta mil cruzados para cada uma das minhas filhas Emilis, e Antónia, que perfilhei por mercê régia de 16 de Agosto de 1792, e 5 de Setembro de 1804. Restam vinte e oito mil cruzados, que serão empregados numa propriedade de casas, cujo usufruto deixo à Sra. Anacleta dos Remédios, mãe das minhas filhas, e a estas por morte dela...

Seguiam-se apontamentos sobre sufrágios, que a Sra. Anacleta não leu.

Ai!, pobre D. Teotónio de Mascarenhas!

A górgona saiu com meia cara lívida, e outra meia escarlate.

O papel tremia-lhe nas mãos, e duas vezes fez uma careta horrível, e ameaças de rasgá-la. O anjo mau susteve-a, e inspirou-lhe uma pouca de filosofia e reflexão.

Anacleta entrou no seu quarto. Atirou-se a chorar de raiva para cima da cama, mordeu o travesseiro, rasgou a coberta, e arrancou punhados de cabelos. A filha, a chorar ao pé dela, nem essa a distraía. Depois de fúria tornou a ser filósofa. Meditou, e o quer que foi lhe veio à cabeça, que lhe fez saltar pelos olhos faíscas de alegria feroz. Entrou cautelosamente no gabinete do monsenhor, colocou o papel onde o achara, fechou a gaveta, fechou a porta, e veio sentar-se onde o beneficiado a deixara.

As duas meninas maravilharam-se, na sua água-furtada, onde trabalhavam, quando sua mãe lhes mandou dizer que lhe viessem fazer um bocadinho de companhia.

Vieram a tremer da maldade que se mascarava, e encontraram-na risonha e afável, como nos primeiros

tempos da sua volta do colégio.

— Sentem-se, meninas. Vejo-as a fugirem da sua mãe como se foge de uma madrasta sem entranhas!...

— Nós não fugimos... — balbuciou Amónia. Maria, a mais nova, ia abraçar-se nas suas irmãs, quando a mãe lhe disse colericamente:

— Venha para ali... não vá onde não é chamada...

— Deixe-a vir, minha mãe!... — disse Emília. — Que mal fazemos a nossa irmã, ou que mal nos faz ela?

Anacleta conheceu a sua impetuosa indiscrição, e disse à pequena:

— Vai, vai... eu estava a sondar se eram amigas da sua irmã mais nova.

— Porque o não seremos?!... — disseram ambas, e abraçaram-na com sincera ternura.

— Pois, filhas, bem mal nos tem feito a todas a desconfiança que eu tinha ao seu respeito...

— Qual, minha mãe? — interrompeu meigamente Antónia.

— Pareceu-me que olhavam como demais nesta casa esta menina...

— Santo nome de Jesus! — disse Emília. — A nossa irmã, que beijávamos com tanto amor, quando vínhamos do colégio, ansiosas por abraçá-la... Não se lembra das guerras que eu tinha com a mana Antónia a ver qual de nós andaria com ela ao colo mais tempo!... A mãe é injusta no seu silêncio... responda-me, pelo amor de Deus... Não se lembra?

A consciência estava atormentando Anacleta. Aquela alma de tigre, na sua forçada atribulação, começava a arrepender-se de ter chamado suas filhas, na véspera de um atentado horroroso. Para aqueles olhos não tinham lágrimas; mas, se pudessem ver-lho, o coração estava negro. O resto de sensibilidade, da pouca com que viera a este mundo, doía — lhe de morte.

— Não falemos nisso, filhas... Contai-me as histórias dos vossos livros, que eu não tenho tempo de aprender... Deveis saber coisas muito alegres...

— E muito tristes, também — atalhou Emília. — Ainda há pouco estávamos lendo uma novela bem triste... A mana chorou bastante, e eu nem pude ler tudo.

— Que era? Conta lá, Emília... alguns amantes infelizes... há tantos casos desses...

— Olhe, mãe... Havia um fidalgo de uma terra...como era, Amónia?...

— Não sei... é assim a modo de... não sei é um nome de uma terra francesa, muito mau de dizer.

— Isso não importa... — disse Emília — , era um fidalgo que encontrou uma rapariga de vinte anos muito bonita, mas muito pobre. Apaixonou-se por ela, e deu-lhe palácios, e brilhantes, e o coração que valia mais que tudo...

— Quem te ensinou a dizer essas coisas?! — interrompeu Anacleta com azedume.

— É como elas lá vêm no livro... Se a mãe quer, não conto mais nada.

— Conta, conta... e depois?

— Depois, a ingrata esqueceu todos os favores, que devia ao gentil-homem, escarnecia-o na sua ausência, e para além do mais dava o seu coração a outro homem... Vê que maldade, mãe?

— E depois? — disse a mãe, alinhavando um lenço, sem levantar a cabeça.

— A tal Paulina... era Paulina, não era, Antoninha?

— Era, era.

— A tal Paulina tirava tudo que podia ao gentil-homem, e guardava-o... aqui é que nós não entendemos as palavras da novela.

— Corno eram? — perguntou a mãe.

— Eu vou buscar o livro.

Emília voltou com o livro aberto.

— Ora escute, mãe... é assim; eu leio: “A perjura sacrificava a fortuna do cego amante, que a arrancara do abismo da penúria, em proveito do fruto da sua desleal perversidade, que viera à luz do mundo, durante um ano de viagens do gentil-homem.”

— Que quer isto dizer, mãe? Anacleta estremeceu, e disse:

— Também não entendo.

— Que pena! — disse inocentemente Antónia.

— E depois... — interrompeu a mãe.

— O fidalgo voltou, e, sabendo que a sua amante era ingrata, repreendeu-a, e lembrou — lhe a vil condição de que a levantara na cegueira do seu amor... Ai que tristeza, mãe!... Que horror!... nessa mesma noite, estando ele a dormir, ela... cravou-lhe um punhal no coração...

— Cala-te, cala-te — bradou Anacleta, e fugiu como espavorida das suas filhas. As meninas quiseram segui-la, e ela fechou a porta do corredor, por onde elas deviam passar.

Voltaram, olhando-se espantadas.

— Que seria? — perguntou Emília.

— Talvez compaixão do desgraçado fidalgo — respondeu Antónia que era um ano mais nova.

Emília quis sorrir-se como quem duvida, e ficou absorta no pasmo da sua irmã.

Pouco depois voltava a mãe com um castiçal. Não tinha um sintoma de lágrimas. Sentou-se tranquilamente a costurar. Emília, com timidez, perguntou-lhe se estava incomodada.

— Não vês que estou boa? — respondeu ela. Ouviram-se passos na escada, e na Conceição o toque das ave-marias, As duas meninas beijavam a mão da sua mãe, depois da oração, quando seu pai entrou.

# CAPÍTULO IX

D. Teotónio recebeu uma tão grata como inesperada impressão, quando viu as filhas ao pé da mãe. Desde muito que as não vira trocar uma palavra. Se acontecia jantar ou cear o prebendado em casa de Anacleta, as meninas corriam à mesa, mas não ousavam levantar os olhos do prato para não encontrarem os terríveis olhos da sua mãe. Na ausência do pai, nunca elas foram chamadas. Recebiam alimentos no seu quarto, e deviam a uma velha criada não sentirem fome e sede.

O pasmo do monsenhor aumentou razoavelmente, quando viu a afabilidade com que Anacleta instava com as suas filhas para se servirem de um apetitoso guisado de carneiro, que estava fazendo as delícias corporais e espirituais do ilustre Mascarenhas. A doçura da Sra. Anacleta, nesta noite, chegava a todos. O próprio rival infeliz do capitão de cavalaria quinhoou dos raros afagos

com que a reforçada e galharda bacalhoeira lhe fazia lembrar os saborosos dias da sua pecaminosa lua-de-mel.

Finda a ceia, retiraram-se as meninas a comentar a meiguice extraordinária da sua mãe, e ficaram à mesa os pais, conversando em frivolidades próprias de ambos.

O venturoso fidalgo, no auge de gozo íntimo em que se embalava a sua alma não menos repleta de delícias que o seu estômago do chorudo carneiro, depurou o seu coração de um resto de fezes que lá o nauseavam desde o infausto dia em que a deslealdade de Anacleta era facto consumado. Era uma boa alma, D. Teotónio. Sobejava-lhe em coração o que lhe minguava em inteligência, isso sim; mas o coração era bom, e, sem ele, o dignitário da Patriarcal seria um santo menos equívoco que S. Domingos de Gusmão, e Gregório VII. Quando as Dalilas são garbosas e bem lançadas como aquela decantada Anacleta, não há Salomões virtuosos. D. Teotónio de Mascarenhas apaixonara-se numa idade perigosa. Amores aos quarenta e quatro anos, são amores de toda a vida, e ludibriam o coração, que remoça com a cabeleira postiça e dentes emprestados.

As pálpebras do monsenhor caíam voluptuosamente sobre os olhos piscos, quando Anacleta, recapitulando a ceia com o oitavo copo de vinho, o despertou da beatitude sonorífera.

— Aqui não se dorme, Teotónio... Estás como os caixeiros da loja?

— Tens razão, cruel, tens razão, vamos lá...

O bom homem levantava-se esfregando os olhos rebeldes, e espreguiçando-se com sonoros bocejos, quando a bacalhoeira lhe atalhou a pacífica resolução, mandando-o ouvir.

D. Teotónio fixou-a com um olho, e pouco depois abria o outro, e pôs os cotovelos sobre a mesa.

Anacleta falou assim:

— Meu caro Teotónio, vamos conversar a respeito das nossas queridas filhas Emília e Antónia. Não fizeste bem, mandando-as vir para casa, vai em dois anos. O que elas sabem pouco é. Para cozer, bordar, e ler, isso aprendiam-no elas em casa.

Quando te disse que as mandasses para o colégio, sempre pensei que as mandarias aprender a tocar, como há muitas raparigas por aí, que não chegam aos calcanhares das nossas filhas. Eu não as quero para bacalhoeiras. São tuas filhas, perfilhaste-as, e quero que a sua educação condiga com o seu nascimento... Tu dormes?

— Se durmo!... Estou a ouvir-te, minha querida... e gosto de te ouvir falar assim... Vejo que estás arrependida de as tratares asperamente, há certo tempo para cá.

— É verdade... mas... mal remediado, mal passado... A este respeito é melhor dar um ponto na boca, de parte a parte... Com águas passadas não mó i o moinho...

— Pois sim, Anacleta, o que foi, foi. Eu tenho feito o que faria um bom pai de família para a paz e boa harmonia da sua casa. Tens-me tratado mal, tens sido má comigo, ingrata sem razão, e, não bastava ser infiel amante, foste má mãe... Tenho calado comigo tudo isto; mas Deus sabe o desgosto que trago comigo, e que dará cabo de mim...

A Sra. Anacleta baixara humildemente a cabeça, e parecia contar as migalhas de pão com o palito. O pacífico

amante continuou:

— Calei-me, e morreria sem nada te dizer, se te não visse hoje, arrependida. Anacleta, tu és a minha paixão, a minha família, e tudo... Perdoei-te uma infidelidade como perdoaria um erro a uma da nossas filhas... Bem vês como sou teu amigo... O que eu mal podia perdoar-te era a impertinência com que tratavas essas meninas, que nenhuma culpa tinham de ser minhas filhas... Hoje, ou eu me engano, ou o teu coração é outro. É por isso que te acuso para te perdoar. Sê minha amiga, não me faças amargar na velhice as imprudências de rapaz. Pouco poderei viver; mas esse pouco queria-o viver à tua sombra, e com os teus carinhos. Agora diz o que quiseres, Anacleta.

A corajosa mulher ouviu impassível as queixas do reconciliado amante. Cumpria-lhe, porém, o fingimento, e soube dar-se uns ares de pungida, que lhe não ficavam bem naquele rosto de bronze. Passados os momentos de silêncio, que o artifício exigia, respondeu:

— O que eu peço, Teotónio, é que as nossas filhas entrem num colégio, onde aprendam a tocar piano, e outras

prendas que são muito próprias em meninas do seu nascimento.

— Pois que vão. Graças a Deus, não lhes faltarão os meios, que os há de sobra... bem o sabes... Agora, Anacleta, falemos de outra coisa. Eu quero que essa menina, chamada Maria, e que eu não posso desgraçadamente chamar minha, entre no mesmo colégio, e receba a educação das outras...

— Não vai, não quero que ela vá... — atalhou Anacleta, acusando na voz e nos olhares a cólera que lhe não cabia no coração.

— Porquê... Não me dirás?

— Porque não. Maria, já o disseste tu, não é tua filha? não a perfilhaste, e eu não quero que ela tenha a agradecer favores ao pai das suas irmãs. O que eu tinha quando vim para a tua companhia, pouco é, mas esse pouco é dela. Será bacalhoeira como sua mãe, e não saberá que tem irmãs fidalgas. Não as quero juntas; é preciso que se não vejam para se não invejarem depois... Cada qual siga o destino que lhe dá o seu nascimento...

O monsenhor julgou o arrazoado da ilustrada peixeira como um heroísmo digno dos tempos clássicos da mãe dos Gracos, única mulher que ele conhecia da história antiga. Na grandeza daquele sacrifício viu o cândido Teotónio a explicação a que a contrita mulher se sentenciava na pessoa da sua filha, fruto amaldiçoado da deslealdade. Nunca tão fervorosa lhe fascinou a idolatria a Sra. Anacleta dos Remédios! À vista de tal abnegação, D. Teotónio lembrou-se da progénie dos Mascarenhas, cuja tradição era abundante em repentes heroicos e lances imprevistos. D. Teotónio ergueu-se como se o ombro de um gigante o lançasse fora da cadeira. Estendeu o braço como S. Vicente Ferrer, que ele admirava no coro da Patriarcal, e exclamou:

— Anacleta, a tua filha, depois da minha morte, terá igual quinhão de fortuna com as minhas filhas!

O dramático Mascarenhas deu no raso da comédia humana, quando a fula Anacleta, também de pé, lhe agradeceu assim a magnanimidade:

— Não aceito semelhantes esmolas. já te disse que a minha filha não aceita favores. Pobre há de sê-lo; mas agradecida ao pai das suas irmãs, isso não... E não falemos

mais de Maria! Emília e Antónia quero que vão amanhã para o colégio. A minha há de ir para onde a mandar sua mãe. Não é filha de fidalgo, mas... O seu pai não consentiria que ela recebesse esmolas...

D. Teotónio perdeu a cabeça, e interrompeu:

— Mas ele precisava delas...

— Ele!... ele... — bradou Anacleta, estremecendo na razão da raiva. — Responda, seu biltre!... Quem precisava de esmolas?... O pai da minha filha?

O monsenhor estava aterrado. Secou-se-lhe a saliva na língua, e não pôde responder. Entre as variadas sensações que experimentou, predominava a do medo. Diante dele estava uma cara transfigurada pela cólera. Saltavam uns olhos, que pareciam duas ginjas garrafais. Era a primeira vez que ele via arquejarem como dois foles as asas do nariz da Sra. Anacleta; e não só arquejavam, fumegavam, que é mais extraordinário ainda. Pobre homem! se se não senta, cai apoplético e desastradamente aos pés da Margarida de Borgonha da Ribeira Nova!

Anacleta retirou-se precipitadamente, quando ouviu os passos das duas criadas, que acudiam aos gritos desentoados da sua ama.

Encontraram no pasmo da sua dor o infeliz quinquagenário. Perguntaram-lhe o que acontecera, e ele, arrancado ao seu torpor, pegou do chapéu e saiu, com as lágrimas nos olhos.

Se a demasiada imbecilidade excita a compaixão, D. Teotónio de Mascarenhas era digno dela.

# CAPÍTULO X

Em casa da Sra. Anacleta dos Remédios, à meia-noite, duas horas depois que o beneficiado saíra, adormecera tudo, menos ela. Chorava de remorsos? Não. Vexava-se da índole rancorosa com que a educação a dotara? Longe disso: assoberbava-se.

Abrindo cautelosamente a porta do seu quarto, escutou. Certificada do silêncio, apenas alterado pela gata impaciente fora da cama da sua dona, saiu às escuras, desceu as escadas, bateu de mansinho na porta interior que se abria para a loja do bacalhau, e esperou. Momentos depois, abriu-se a porta, e a pessoa que, tão depressa, veio ao chamamento, seguiu, escada a cima, a Sra. Anacleta.

À luz do quarto, onde entraram, podemos ver a nova personagem. Era o caixeiro mais antigo da loja: um rapazola de trinta anos, cara avinagrada, olhos pequenos e piscos, nariz quadrado, queixo inferior rombo e vermelho

como o bordo de uma pingadeira. No resto era estupidamente regular.. A Sra. Anacleta, fechada subitamente a porta, sentou-se na cama, ao lado do caixeiro, e disse afavelmente:

— Joaquim, vamos falar do nosso futuro. Nunca te falei nisso, mas o que há de fazer — se ao tarde faça-se ao cedo.

— Vamos a isso — disse o Sr. Joaquim arregalando os olhos, e botando a língua de fora, costume péssimo que já a Sra. Anacleta quisera inutilmente corrigir-lhe.

— Se eu quisesse casar contigo...

— Era logo... — atalhou o alvar, dando uma palmada na perna da patroa.

— Olha que a perna é minha... Escuta, meu grosseirão... que se passa?

— Quero casar contigo...

— E o fidalgo?

— O fidalgo... — balbuciou a bacalhoeira — , o fidalgo...

— Sim... a patroa quer deixá-lo?...

— Por ti, deixo...

— Essa é boa! Então, pelos modos, isto é dito e feito!

— Espera. Anacleta pensou um momento. Levantou-se... Tirou do fundo do baú três chaves, pegou no castiçal, e disse a Joaquim que a seguisse muito devagar.

Foram. Anacleta abriu a porta do gabinete do monsenhor; abriu, em seguida, a gaveta do dinheiro, chamou Joaquim, disse-lhe que tirasse o cofre de charão, abriu-o com a terceira chave, reparou no pasmo soez e brutal do caixeiro, e disse-lhe quase ao ouvido:

— Sabes que dinheiro aqui está?... Cento e oito mil cruzados.

— Ui! — exclamou o caixeiro, abrindo os olhos e alongando os beiços no prolongado som daquela sílaba. — Isto é seu, patroa?

— Não. Isto é do fidalgo... mas pode ser nosso, se quiseres ser meu marido...

— Pode?! Então como?!

— Fechemos isto, que ainda não é nosso...

— Deixe-me ver mais um bocado... — dizia o idiota, fascinado sobre os cilindros das peças.

— Já viste... levanta... põe aqui... bem... agora fechemos tudo... anda... devagar... vamos para o meu quarto.

— Joaquim — disse a Sra. Anacleta — , sabes que daqui a dias o dono daquele dinheiro abandona esta casa, levando o dinheiro para a dele??

— Oh!... Isso é o diabo!...

— E, se ele o faz, acaba o meu estabelecimento, fico pobre, e o nosso casamento não se faz. Que achas tu que devemos fazer?

— Eu sei cá!... É não casarmos... Mas isto do dinheiro sair para não tomar, sempre lhe digo que é má obra, patroa! Cento e oito mil cruzados já é dinheiro... Então o homem desarranjou-se, pelo que vejo, cá em casa.

— É verdade... E foi pela tua causa... — Essa é muita boa!...

— Suspeitou das nossas relações, e quis que eu te despedisse. Zanguei-me, bati-lhe o pé, berramos a bom

berrar esta noite, e ele retirou-se, dizendo que de quarta-feira em diante, nada tinha a fazer nesta casa. Hoje é segunda, amanhã ou depois vem ele buscar o dinheiro, e depois, Joaquim, eu fecho a loja porque tenho dívidas, e não posso pagá-las, se me falta a proteção desse monstro.

— A falar a verdade, não sei o que se há de fazer... — Que miserável resposta me dás, ingrato!... Vou ficar desgraçada pela tua causa, e a paga que me dás é dizer que não sabes o que se há de fazer... Valha-te o Diabo, papalvo, nem ao menos sabes ser bom para ti!

— Então que quer, patroa? Diga lá o que se há de fazer, que eu da minha parte não sou homem de... sim, quando é necessário ser homem vou com a cara para diante.

Anacleta, reanimada pelos eloquentes brios do Sr. Joaquim, aventurou-se a apresentar o programa do seu plano, concebido em poucos minutos.

— Eu vou dizer-te uma coisa, Joaquim. Se estiveres pelo que te disser, muito bem; se não estiveres, mal servido estás comigo. Todo o amor que te tenho, muda-se em raiva!...

— Se Deus quiser não há de ser assim, patroa. Fale com toda a franqueza, e conte com a minha afeição.

— Escuta. Só temos um meio de sermos ricos, casados, e felizes para toda a vida. É necessário matar este homem.

Joaquim parecia atacado subitamente de cólera! Eriçaram-se-lhe os cabelos. Secaram-se-lhe os beiços, e suava da testa um líquido semelhante a gema de ovo. Anacleta viu naquela cara a reprovação do crime premeditado. Olhou-o, e sentiu-se, um momento, horrorizada também. A ideia sanguinária estava no seu desfecho; a realidade não podia escapar-se quarenta e oito horas, e a hiena, farejando o sangue, compreendeu de um relance que era tardio o arrependimento. O segredo fora revelado a um cobarde. O caixeiro era indigno de figurar no plano facinoroso. Tudo isto ela viu, e conheceu; mas para tudo era impossível o remédio. Que recursos, naquele aperto, lhe segredaria o demónio? Os extremos.

Anacleta avançou para o caixeiro um passo, e murmurou-lhe ao ouvido estas palavras:

— Olha... que ele há de morrer... isso há de. Se me não auxiliares, não importa... eu sou capaz de o esganar a ele com um braço e a ti com outro... Se disseres uma palavra a tal respeito, nem no inferno escaparás. Com cento e oito mil cruzados sou capaz de comprar a tua última gota de sangue... entendes-me, Joaquim?

Cada vez mais brutificado pelo susto, o lívido caixeiro não tinha já esperanças de sair inteiro daquele quarto. Anacleta contorcia-se em esgares diante de um homem de gelo, que não reprovava nem aceitava as condições do homicídio. Era preciso tentar outra brecha.

— Joaquim — disse ela com menos fogo — , ouve-me. Eu não quero que tu o mates, não. Quero ser eu sozinha, eu só, a que me vingue, e te vingue a ti, homem de lama, que não tens alma para nada. O que tu hás de fazer é muito pouco, para tudo ganhares; escuta-me...

A bacalhoeira foi interrompida por três pancadas fortes na porta da rua, e três menores seguidas à última. Era o sinal de D. Teotónio de Mascarenhas. Anacleta alvoroçou-se, empurrou o caixeiro, fechou-se por dentro, recolheu-se à cama, e apagou a luz.

Bateram de novo. As criadas acordaram, reconheceram o sinal, e foram abrir a porta.

O monsenhor subiu até ao quarto de Anacleta. Bateu mansamente; a porta foi-lhe aberta.

— A esta hora?! — perguntou suavemente Anacleta. — A esta hora, minha amiga. Acende-me uma luz: quero que vejas no meu rosto quanto tenho sofrido.

— Sofrido?! É boa essa!... E porquê?

— Porque te magoei, Anacleta... Venho pedir-te perdão... Eu não devia lembrar-te coisas passadas. Tiveste um erro, mas em bom pano cai uma nódoa. O teu coração é bom; e eu é que fui cruel em mortificar-te... Anacleta, perdoas-me?

O prebendado caiu de joelhos ao pé da cama da benfeitora do capitão de cavalaria, e soluçava aos cinquenta e oito anos, como aos dezoito a sensibilidade costuma fazer chorar aos pés de uma mulher aqueles que lhe dão um imerecido sofrimento.

A cara bronzeada da bacalhoeira viu tudo aquilo serenamente. O monsenhor, finda a apóstrofe lacrimosa, levantou-se, como perdoando-se a si próprio, e teve o

inesperado desembaraço de selar o novo pacto de aliança com um beijo, que a Sra. Anacleta recebeu imóvel e silenciosa.

— Conto com o teu perdão, minha querida? — replicou D. Teotónio.

— Faz favor de me deixar? — disse ela, virando-se para a parede. — Isto são horas de dormir... amanhã falaremos em perdões...

— Adeus, Anacleta... é uma hora... desde as dez não tive um minuto de repouso... vou mais sossegado. Dorme em paz, minha amiga, e até amanhã... Virei almoçar contigo, sim?

— Venha quando quiser... esta casa é sua... D. Teotónio apagou a luz e saiu. Levava outro rosto, e aliviara o coração do peso do remorso.

Seguras as portas, Anacleta levantou-se. Desceu as escadas que descera há pouco, entrou no quarto do caixeiro, e fechou-se por dentro.

Era necessário não abandonar a si próprio o “homem de lama”. A vinda do monsenhor tolhera o relatório do

programa, em que Joaquim era isento de perpetrar o homicídio diretamente. Iam ser feitas novas propostas. Receosa do resultado, Anacleta desceu com um punhal no cós da saia branca.

# CAPÍTULO XI

Às dez horas da manhã do dia seguinte, recolhia de fora Anacleta, e dizia a suas filhas que arranjassem os seus baús para entrarem num colégio, depois de jantar. Ao mesmo tempo mandava preparar as duas criadas para acompanhá-las e ficarem com elas, visto que não queria suas filhas menos respeitadas que as dos condes e marqueses, que as mandavam entregues aos cuidados das suas aias. Esta nova foi recebida com imenso prazer pelas meninas e pelas criadas. D. Teotónio, que se achava presente, esperando Anacleta desde as oito horas, compartia do geral contentamento.

As meninas abraçaram seu pai, chorando, e fizeram valer as mesmas lágrimas para sua mãe, que não seria capaz de merecer-lhas. Habituadas a temê-la, odiavam-na, por fim, e envergonhavam-se de terem nascido de tal mulher.

O contrito Mascarenhas, nesse dia, acarinhava Anacleta como nunca. No sorriso dela, carinhoso também, traduzira o prebendado literalmente o seu perdão. Não só almoçou, mas jantou com as filhas, e, distraído com os júbilos da sua reconciliação, nem tempo teve de sentir a ausência das pequenas.

O que mais cuidado lhe dava era ver Anacleta fazendo o serviço da casa, porque as suas criadas não tinham sido logo substituídas. Ele mesmo quis procurá-las; mas não lho consentiu a enérgica bacalhoeira, que parecia rejuvenescer no seu elemento, quando na banca da cozinha escamava uma pescada.

Na ausência de D. Teotónio, que começava a importuná-la com os seus beijos à traição, Anacleta saiu, e demorou-se uma hora. Voltando, deslacrou uma garrafa de vinho, desarrolhou-a, vazou-lhe dentro um pequeno vidro de líquido pardacento, vascolejou a garrafa por muito tempo, lacrou-a outra vez, enfileirou-a na garrafeira, contando as que lhe ficavam antes, para evitar um engano.

O que aquela garrafa continha, além do vinho, eram duas onças de morfina.

Ao anoitecer, Anacleta desceu à loja, falou com o caixeiro alguns minutos, e subiu a fazer a ceia, cantarolando a Maria Cachucha, cançoneta valida, em que a garbosa jovem pimpara na Ribeira Nova.

Ao mesmo tempo, Joaquim, industriado pela última entrevista que tivera com a patroa, chamou dois galegos da esquina próxima, aos quais disse:

— Estejam prontos às onze horas da noite para levarem ali ao Tejo uma barrica de bacalhau podre.

D. Teotónio de Mascarenhas, mais anafado que nunca, apareceu de súbito na cozinha, quando Anacleta frigia a última posta de pescada. Ria-se jubilosamente a fisionomia do monsenhor, quando a bacalhoeira assustada, ao voltar o rosto, encontrou os lábios emboscados do carinhoso amante.

— Ai!... que graça tão tola!... — resmungou ela, entornando a sertã no fogão, e limpando a face ao avental. — Já podia ter juízo! — continuou, com esgares e arremessos, que deixaram o pobre homem como paralítico, encostado à capoeira.

— Que coração tu tens, Anacleta!... — murmurou o lastimável fidalgo. — Quem te viu, e quem te vê!... Achas-me velho, sem juízo, sem graça, tolo, enfim nada valho para ti!... Ora, pois... Deus te não castigue, assim como eu te perdoo...

— Deixemo-nos de lamúrias... Leve o diabo paixões, e quem com elas medra... Vamos cear, e estão as pazes feitas.

Dito isto, a Sra. Anacleta conduziu para a mesa uma travessa de peixe frito, e uma terrina de alface, enquanto a vergôntea do venerando tronco dos Mascarenhas ia adiante com o candeeiro de quatro bicos.

O beneficiado tinha uma excelente organização, e a melhor das almas para viver neste mundo. Comia com famélico apetite, e poucos segundos roubava à deglutição para responder às meigas graças de Anacleta.

— Abre uma garrafa daquele que nós sabemos — disse o monsenhor piscando o olho profaníssimo à gentil conviva, que lhe estava tocando na perna, ao que deve coligir-se das caretas um pouco lúbricas do grande dignitário da Igreja.

Anacleta abriu a quinta garrafa, encheu o copo de D. Teotónio, e também o seu.

O folgado velho virou o copo, como saboreando a última gota.

— De velho está azedo! — disse ele franzindo o nariz.

— Já notei isso... — disse Anacleta. — Este vinho parece-me que está estragado.

— Enganas-te. O vinho é excelente; o meu paladar é que não está bom. Vamos ver se o segundo se dá melhor comigo que o primeiro.

Vazou segundo copo. Embuchou a quarta posta de pescada, e preparava-se para agredir terceira vez a garrafa, quando a mão lhe caiu insensivelmente sobre o copo.

— Que se passa? — perguntou Anacleta.

— Não sei... estou bêbedo... parece-me que vou dormir... A criminosa sentiu o primeiro abalo do remorso, quando viu sensíveis os primeiros efeitos do veneno. Fugiu do quarto e entrou no da sua filha, que dormia desde as ave-marias.

Como se precisasse de um ente vivo que a protegesse do terror que a desalentava, abraçou-se à menina de onze anos, que abria para sua mãe os olhos pávidos.

Apenas separada por um repartimento de tabique, passava-se na saleta próxima uma cena horrível.

D. Teotónio ergueu-se da cadeira com os olhos anuviados, e estendeu os braços sobre a mesa, procurando Anacleta para o conduzir à cama. Chamou-a com voz rouca, arrancada violentamente ao torpor geral, que o fez cair de bruços sobre a mesa. As pupilas, opiladas, sabiam-lhe fora das órbitas. Um suor repentino inundou-lhe a face, contraída em todos os músculos de um amarelo cor de ocre. As ânsias eram dilacerantes, mas não vomitava. Corriam-lhe convulsões por todo o corpo, e nas orelhas, que tremiam em titilações significativas de congestão, estavam visíveis os sintomas de morte apoplética.

Esta penosa luta, sem um grito, sem esperança de socorro, durou vinte e cinco minutos. Anacleta escutava; ouviu um como rugido sufocado na garganta por uma corda, e esperou meia hora. Nem mais um gemido.

Trémula, e pálida, abriu vagarosamente a porta, onde acabava de expirar o pai das suas filhas. Viu um cadáver estendido de bruços, ao longo da mesa, com as mãos fincadas nas costas da cadeira em que Anacleta estivera sentada.

Recuou, e desceu à loja. Eram nove horas e meia.

O caixeiro esperava-a ao fundo da escada.

— Joaquim — disse ela com a voz espavorida — , vai lá a cima... Se és meu amigo, não me faças entrar mais onde ele está.

— Pois ele... já morreu? — perguntou o caixeiro maravilhado.

— Já...

— Então isso foi dito e feito!... Eu não ouvi tugir nem mugir!... Estará ele a dormir?!

— Não está, não. Vai tu lá... anda Joaquim... Tu disseste-me que fazias tudo, depois que ele morresse...

— E faço... A minha palavra não toma atrás...

— Mandaste o rapaz para fora?

— Disse-lhe que fosse ver a mãe ao Campo Grande. Estamos sós... Não há que temer.

— Então vai, que eu vou para o quarto da pequena, que está a chamar-me.

O caixeiro entrou na casa de jantar. Tomou-o um terror estúpido, quando viu a postura de D. Teotónio. Fez passar diante da sua imaginação cento e oito mil cruzados para reanimar-se. Esteve com o ouvido quase colado aos beiços do cadáver. Certo de que não respirava, sacudiu-o três vezes, e encontrou sempre uns braços hirtos, e uma cara salpicada de manchas cor de viole — ta. Pegou no morto, atirou-o sobre o ombro direito, e desceu ao seu quarto. No meio da escada, sentiu o quer que foi, deixou cair dos ombros o cadáver, que rolou até ao patamar, abrindo com a cabeça a porta do quarto de Joaquim.

Anacleta soltou um grito, quando ouviu este ruído. Quis correr à escada, mas não teve coragem... “Estaria vivo?! “, disse ela consigo, ferrando os dentes freneticamente no beiço inferior.

O futuro marido da bacalhoeira veio à casa de jantar buscar uma luz. Desceu até onde o cadáver continuava na sua imobilidade, e acreditou facilmente que se aterrara sem motivo. E tinha razão. O que o assustara fora a derradeira contração da matéria, que é, por assim dizer, os últimos vínculos da organização a estalarem. Animado por um novo olhar da imaginação sobre o cofre dos cento e oito mil cruzados, arrastou para dentro do seu quarto o cadáver. Estava ali uma barrica, e ao pé uma rima de bacalhau. Tomou ao alto o morto, e fê-lo cair sobre a boca da barrica. Contra as suas esperanças, o cadáver ficou encalhado sobre as bordas da barrica, e não se dobrava aos esforços do musculoso caixeiro. Meditou instantes, coçando a cabeça. Como felizmente inspirado, correu à loja, veio com uma grossa tranca de ferro, deixou-a cair de alto com toda a força sobre os joelhos do cadáver, e reconheceu que o seu expediente foi bom. Quebradas as pernas, o tronco resvalou no fundo da barrica, e os pés ficaram de fora. O hábil Joaquim, pela segunda vez pensador, venceu a dificuldade, forçando os pés a cruzarem-se debaixo do pescoço, deixando na barrica dois palmos livres, para encher com bacalhau.

Feito isto com inesperada perfeição e rapidez, Joaquim subiu ao quarto onde Anacleta conversava com a sua filha a respeito de Emília e Antónia. A pequena chorava de saudade por elas, e pedia a sua mãe que a deixasse ir visitá-las no dia seguinte.

Anacleta viu o caixeiro que lhe acenava da porta, foi a tremer, e esperava alguma nova aterradora, quando ele lhe disse com a mais revoltante serenidade:

— Está pronto tudo, e ficou como se quer. Que horas são?

— Quase onze.

— Então, Tejo com ele, sim?

— Está visto... Depois, Joaquim, hás de vir para ao pé de mim, que tenho medo de estar aqui sozinha, sim?

— Medo de quê? Quem vai não toma... Tenha cá uma garrafa do choco, e até já.

Entraram os galegos no quarto do caixeiro, e levantaram a barrica. O cais está em frente, a trinta passos. Joaquim acompanhava-os. O guarda do fisco, que estancia neste cais, vira abrir a porta da rica bacalhoeira, e sair a barrica.

Não fez reparo, apenas disse ao caixeiro que não havia ordem para deixar despejar ali à beira do Tejo as barricas do bacalhau podre: que fretassem um barco, e a levassem ao meio do rio. Um barqueiro, que ouvira do bote em que se deitava, esta ordem, ofereceu-se para levar a barrica à corrente.

Entrou a barrica e o caixeiro no barco. Os galegos ficaram em terra esperando Joaquim para lhes pagar.

— É aqui — disse o barqueiro.

— Então, ajuda-me a levar a barrica.

— A barrica também vai ao fundo?

— Também... que me importa a mim a barrica? Tenho lá muitas, e a patroa não dá pela falta.

— Assim a coisa vai mais depressa — disse o barqueiro pegando de um lado da barrica. — Upa!... arriba... Vá... agora vira... bem... deixe cair...

— Espera ... espera... — gritou o caixeiro.

Era tarde para esperar. Um arco da barrica estalara quando descaíra para o rio. A extremidade do arco

quebrado, metera-se entre o colete e a camisa do caixeiro, de modo que a barrica precipitada não lhe deu tempo a desencravar-se do arco, e levou-o consigo.

O barqueiro gritou por socorro, e esperou que à tona de água aparecesse o afogado. A superfície da corrente fechara-se, e apenas em redor alguns peixes alvoroçados saltavam à flor de água.

Anacleta ouvira grande ruído na rua. Corria de quarto para quarto com os cabelos arrepiados, e o delírio do terror a chamejar-lhe nos olhos.

— Estou perdida!... Joaquim não vem... Está já preso... Esta bulha na rua a tal hora quer dizer que encontraram o morto na barrica...

Aumentou o pavor, quando bateram à porta com força. “Que farei? Se não apareço, denuncio-me!... Ah!... já sei o que hei de fazer! ... Se me quiserem prender... enveneno-me... Antes a morte... ”

Continuavam as pancadas na porta. Anacleta alentou-se de um desafogo artificial que mais a denunciaria, se

viessem ali procurar o rasto do crime. Abriu uma janela, e perguntou:

— Quem é?

— Senhora Dona Anacleta — disse uma voz — , saberá que o senhor Joaquim morreu afogado...

— Afogado! — bradou ela.

— É verdade. Quando atirava com a barrica à água, embolinhou-se nela, e foi para diante, sem o barqueiro lhe poder valer... Agora se faz favor de nos mandar pagar...

— Pagar o quê?

— Os carretos. São quatro vinténs; nós somos os galegos que levámos a barrica; bem podia dar mais um pataquinho, que o demo da barrica parece que levava dentro o Diabo, Deus nos perdoe.

Às lamentações, sucedera uma gargalhada geral nos grupos, que se juntavam a sindicar do acontecimento.

— Vinde amanhã — disse Anacleta mais tranquila.

— Pelas suas alminhas — disse o galego — , mande-nos pagar agora, que não temos um chavo para pagar a cama.

A bacalhoeira embrulhou num papel dinheiro em cobre, atirou-o à rua, e fechou a janela.

Umas vizinhas beatas, antigas inimigas de Anacleta, ficaram resmungando:

— Sempre foi peixeira...

Dizia outra:

— Olha que mulher, que amizade tinha ao caixeiro, que nem manda procurar-lhe o corpo, para lhe fazer sufrágios pela sua alminha, que Deus tenha na sua divina presença. Padre-nosso que estais nos céus...

E outra:

— Requiescat inpace, amen... Que berzebum de feitiço terá aquele mostrengo para trazer em pecado aquele senhor fidalgo da Patriarcal, que traz mesmo cara de condenado por ela?... Eu te arrenego!... Sempre é mulher que tem bigode!... Pobre caixeiro... coitadinho!... mais um padre-nosso pela sua alma, ó tia Teresa!... Padre-nosso que estais nos céus...

— E outro ao Menino Jesus dos atribulados, que sempre tem a novena mais bonita, que eu comprei por um pataquinho... Nunca as mãos doam a quem te fez, minha querida novena do meu Menino Jesus dos atribulados...

— Ora, fique-se com Deus, senhora Rosinha... Aquele já lá está; cada qual faça por estar com as suas contas preparadas para o dia final, que cedo virá... É verdade, ó senhora Rosinha, e que me diz aos jacobinos?

— Eu os arrenego em nome da Santíssima Trindade, e de Santo Agostinho, advogado contra os hereges...

— Dizem que estão por esses mundos de Cristo esses desalmados, que comem gatos, e cães...

— E meninos, não sabia esta?

— Credo, credo, Santo Nome de Jesus, minha Mãe Maria Santíssima, e todos os santos e santas da corte celestial, que me diz senhora Teresa?

— É como lhe digo... Ouvi-o dizer com estes ouvidos, que a terra há de comer, ao meu confessor, que é aquele santo franciscano, que faz profecias e milagres, e vê tudo quanto se passa nas europas.

— Ó mulher, eu estou banzadinha!... Santo breve da Marca! Até tenho arrepios no meu corpo, salvo seja! Adeus, adeus, fechemos as janelas... A minha alma magnífica engrandece ao Senhor...

## CAPÍTULO XII

A noite de Anacleta foi infinita. Não era a contrição, nem o pavor da justiça divina, que a atormentava. Eram os espectros de duas vítimas. Era o lampejo da luz que pintava fantasmas nas paredes; o ruído dos ratos nos fomos que se lhe afigurava o arrastar-se de um moribundo. Era tudo que a alma da mulher, exceção amaldiçoada à mansidão com que Deus a dotou, pode sentir, acordada de uma embriaguez de sangue.

Ansiava o dia, e o dia veio. A maldita esperava sossego, quando a luz viesse; e não o tinha. Durante a noite, quando Maria fechava os olhos para dormir, Anacieta despertava-a; não podia ver-se só. Aquela criança era-lhe um refúgio: a víbora assustada escondia-se no seio da inocência.

Dia claro, a criança dormia, e a sua mãe escondia os vestígios do crime, e lavava o sangue que o cadáver espirrara, na queda, sobre a porta do caixeiro. Depois abria

a secretária do seu amante de dezasseis anos, e transportava o dinheiro para um falso desconhecido, aberto por detrás do seu leito. Queimava o testamento, fechava a gaveta e o quarto, lançando as chaves, já agora inúteis, ao mais escondido dos forros.

Principiaram os vizinhos a visitá-la, lamentando como ela o fatal sucesso. Anacleta, reanimada, porque era impossível sucumbir ao terror uma alma assim, mostrava-se vivamente pesarosa, e, pelo desfigurado das feições, de boa-fé a acreditavam, e muitos vieram, que retiraram compadecidos da sensibilidade da pobre senhora, que tão outra era do que devia esperar-se do seus princípios.

Vieram criadas novas para casa, e, como se duas não bastassem a entretê-la nos seus tremores da noite, tomou quatro, que se olhavam pasmadas, como se perguntassem umas às outras se a sua ama seria doida.

De casa do marquês do Val, veio um lacaio perguntar, na tarde desse dia, se o Sr. D. Teotónio estava ali. Anacleta respondeu que não; e o criado disse que havia perto de quarenta e oito horas, o fidalgo não fora a casa do seu irmão. Continuaram de quatro em quatro horas as

perguntas, sendo sempre as respostas confirmativas do boato que corria do desaparecimento do monsenhor da Patriarcal.

Movia-se a curiosidade e a justiça, procurando notícias do fidalgo. Deu-se por ordem do corregedor do bairro uma vistoria à casa de Anacleta dos Remédios. Encontraram-na carpindo-se da perda do seu benfeitor, do pai de três meninas, que ficavam órfãs, e pobres.

Foram ao gabinete de D. Teotónio, arrombaram as gavetas, acharam papéis inúteis, e retiraram sem o mais leve indício, que os esclarecesse do destino que tivera.

Por afetar pobreza, a bacalhoeira, restabelecida a plena tranquilidade do seu raciocínio, despediu três criadas, e ficou com uma. Desceu a pesar bacalhau, o que não fizera desde muitos anos, continuou a alimentar no colégio suas filhas, mas privou-as das criadas, que não podia sustentar.

Meses depois, esquecera D. Teotónio de Mascarenhas, e Anacleta, por não ser mais constante que a sociedade, esqueceu-o também, não obstante trajar, com descarada impudência, sempre luto. Como se a concorrência à sua loja

aumentasse, a bacalhoeira, que não vivia já no mesmo prédio e bem sabia ela porquê, recebeu um caixeiro e tomou a viver como senhora.

Maria entrava nos treze anos. Tinha mestres de música e canto, que vinham a casa. Tinha para além do mais uma aia, que, por alto preço, viera do seio da sua família nobre, mas decadente, amestrar a menina na arte de bem falar, e airosamente apresentar-se na sociedade.

Os invejosos admiravam o muito que a bacalhoeira podia; mas a sua loja revelava grande comércio, e recebia carregações de bacalhau exclusivamente suas, e dali muitos bacalhoeiros de segunda ordem eram fornecidos. Os prudentes não se maravilhavam dos lucros que a Sra. D. Anacleta empregava na opulenta educação das suas filhas.

Antónia e Emília, nas poucas vezes que vinham a casa, retiravam-se admiradas do luxo de móveis com que a sua mãe decorava as salas, e das numerosas relações que contraíra.

Anacleta, neste tempo, teria quarenta anos. Em certas organizações, esta idade não pode chamar-se o ocaso da

beleza. Vêem-se, mais cedo ainda, cabelos brancos, e rugas profundas; mas, para tanto, é necessário que o coração tenha envelhecido, e que a rajada do infortúnio, aos vinte e cinco anos, tenha esfolhado as rosas todas da juventude atribulada.

Estas raras exceções não se entendiam com a opulenta bacalhoeira. Os seus cabelos lustrosos eram negros como os da sua filha. O azeviche das pupilas tinha todo o verniz das paixões, cheias de força. A pele grossa, mas alvíssima, com os toques rubros da saúde e do sangue irrequieto, não tinha um sinal que denunciasse mais de trinta anos, e outros trinta para ser bela. Juntai a isto uma haste elegante, braços musculosos, artisticamente roliços do cotovelo para cima, e piramidais para baixo; um pé grande, mas desculpável como alicerce de tão grandiosa estátua, um vasto peito, branco de neve, e arfando de cheio, fareis uma ideia remota, mas a única da Sra. D. Anacleta dos Remédios, qual pode dar-vos o espelho reflexivo da imaginação.

A sua filha mais nova era uma organização mais franzina, mais apurada, mas representando a miniatura de belos

contornos da sua mãe.

Entre as famílias que frequentavam a casa da bacalhoeira, mais querida e com mais carinhos recebida era a de um judeu da Rua dos Fanqueiros, chamado Moisés Pereira.

O filho de Moisés Pereira, por quem D. Anacleta se sentia apaixonada, era um gentil jovem, de vinte e cinco anos, com todos os traços, não degenerados, da formosa raça judaica. Cativo da sua índole depravada, Azarias raras vezes acompanhava sua família a casa de Anacleta. O que ele sentia por ela eram desejos; mas não supunha realizáveis os seus planos licenciosos; e outros, mais honestos, como o casamento, eram impossíveis.

Azarias era um dissipador, Consumia a avultada soma que o seu pai lhe concedia, e antecipava créditos, que o bondoso pai pagou, até ao momento que se viu em risco de sofrer um abalo na sua fortuna. O jovem judeu perdera em poucos dias trinta contos de réis em jogo. Moisés pagou-os honradamente, como severo respeitador da lei do Sinai; mas retirou da vista do seu filho os últimos cobres da sua gaveta.

Deu-se uma ocorrência agradável para Moisés. Os seus amigos de Amsterdão mandavam-no imediatamente partir para Holanda, com a sua família, onde falecera seu irmão, e lhe legara uma fortuna de dez milhões.

Moisés aviou os seus negócios e partiu. Quando esperava encontrar seu filho Azarias no iate, não o viu. Mandou-o procurar, ninguém o encontrou. O ancião verteu duas lágrimas, e murmurou: “Senhor capitão, levante ferro! Meu filho, não é meu filho!... Partamos... Seja feita a vontade de Deus.”

E partiram. A estas horas, Azarias estava em casa de Anacleta dos Remédios. Era ela que o retinha em Lisboa, e fazia abjurar a obediência ao seu pai? Não.

Azarias amava até ao delírio outra mulher, inacessível pela elevação do seu nascimento, e quase indiferente à fogosa paixão do jovem. Não podia abandoná-la; mas não tinha subsistência para quatro dias. Lembrou-se do último esforço, e tentou-o, sem demorar-se a discutir-lhe a indecência. Procurou Anacleta na véspera da sua premeditada saída. Surpreendeu-a, chorando, como se as

lágrimas temas fossem características naquela face de bronze.

Para ela foi encantadora a surpresa.

— Vem despedir-se de mim? — perguntou ela, soluçando.

— Venho cumprir esse desgraçado dever... Quero experimentar se tenho coragem para este lance...

— Que lance? Eu não o entendo bem.

— Assim devia responder-me... É o que eu esperava, Anacleta... é o que eu devia esperar da sua alma fria...

— Senhor Azarias!... — disse a civilizada bacalhoeira, com um trémulo de voz, semelhante ao das organizações delicadas — , ou se engana comigo, ou eu estou muito enganada consigo... Seja franco, porque me diz que a minha alma é fria?

— Porque em dois anos de convivência, não fui capaz de lhe fazer compreender que a amava.

— Eu!... Que provas me tem dado desse amor?

— Que provas?...

— Sim... pois admira-se que eu lho pergunte? Quantas vezes acompanhava aqui a sua família, e, apenas me cumprimentava, fugia, se não tinha um pretexto para se retirar com delicadeza!

— Como foi leviana em julgar-me, Anacleta! A que distância não estava o seu coração do meu! E pede-me provas!... As provas, senhora, são esse meu procedimento, que injustamente calunia. Reputei-a sempre uma mulher perigosa. Tremia de mim quando pensava nos lances a que me conduzia uma paixão, à qual eu não podia ser superior. Fugia — lhe, sim... empregou a frase própria, Anacleta, fugia-lhe porque não podia encará-la sem me sentir apertado na alma, e delirante no coração...

Azarias começava a recordar-se de todas as palavras de estalo, e frases fulminantes, quando Anacleta, mulher que pecava mais por obras, que por palavras e pensamentos, levantou-se do canapé, e foi sentar-se na cadeira próxima a Azarias. Tinha os olhos aguados, e as pálpebras descaíam languescidas, como o pescoço, numa postura inequívoca para o adestrado hebreu.

— Que quer de mim? — perguntou ela a meia voz, com requebrada e terna morbidez. — Uma confissão de amor, como nunca o senti por alguém nesta vida? Eu amo-o, amei-o desde que o vi, tenho sofrido, Azarias, sem esperança até este momento.

O jovem, apelando para os inexaustos recursos do Teatro, ajoelhou-lhe de improviso aos pés, e levou aos lábios sôfregos a mão volumosa da consternada bacalhoeira.

— Minha adorada! — disse ele, comprimindo ao seio a mão nada equívoca — , agora partirei menos desgraçado...

— Partir!... para onde?

— Pois não sabe que a minha família partirá amanhã? — disse ele a custo, sentando-se, porque estava incomodado de joelhos, e deixando pender a cabeça para o seio. — Partirei, Anacleta, já que os ímpios fados assim o decretam... O meu pai o quer!... Bárbaro pai, cruenta guerra eu protesto fazer-te!... (Eram reminiscências da tragédia de Baptista Gomes, que vira dias antes representar na Rua dos Condes.) Deixar-te, Anacleta!... deixar-te no momento afortunado em que os teus lábios me

vaticinavam uma ditosa sina!... E, mil vezes desgraçado!, que melhor te fora a morte, se tão negra te é a vida!...

— Azarias!... — interrompeu Anacleta, levantando-lhe a cabeça do mergulho sentimental, em que o judeu algumas vezes escondia o riso de si próprio — , Azarias, se eu fosse verdadeiramente amada...

— Se fosses verdadeiramente amada!... Perdão... “se fosses”, disse eu!... Excedi-me... perdoe-me, senhora Dona Anacleta... este “tu” foi o muito amor... a muita alucinação...

— Trate-me como quiser... Esse tu chegou-me ao coração... Gosto que assim me trates, Azarias... Vês como eu te recompenso?

— És uma divindade! — exclamou ele, beijando-lhe a testa, sem que o resto da face perdesse a sua cor natural...

— Vou exigir de ti uma prova do teu amor — disse ela com intimativa.

— Exige, minha encantadora!

— Dás-ma?

— Não mo perguntes... A minha honra? O meu sangue? A minha vida? Pede ...

— Não é tanto... é o teu coração...

— Arrancado do peito? — disse ele, dando-se à postura ridícula de Catão, arrancando as entranhas.

— Não!, quero-te com o peito, com todo o vigor, com todos os dotes com que a natureza liberalmente de dotou, meu Azarias... Sabes o que eu quero? Não vás com a tua família...

Nos olhos do israelita brilhou um raio de alegria, mas o artifício pesou-lhe na cabeça, e deu-lhe a curva beatífica de penitente de procissão.

— Vês? — disse ela, comovida — , aí está como tu me amas... Davas-me honra, sangue, e vida, e não és capaz de trocar por mim a tua família...

— Não sou?... Como és cruel!... Anacleta... Há franquezas terríveis, que fazem corar as faces de vergonha ... Mas há momentos críticos em que a reserva seria um crime, entre duas pessoas que se adoram... Queres que eu seja franco?

— Sim, sim. — Perdoas-me a dolorosa expansão em que vou rasgar-te as entranhas da minha consciência para revelar-te uma verdade fatal ?

— Diz, Azarias, depressa, que me tens numa aflição...

— Olha... O meu pai... aquele bárbaro... privou-me... da... A minha mesada... Oh!... que vergonha.

Azarias levava comicamente as mãos à cara, a escondia o impudente sorriso, enquanto a bacalhoeira soltava uma gargalhada.

— O que o teu pai quiser, meu Azarias. Pois tu não sabes que o amor vence todas as dificuldades? E consomes-te!... Muito pequena tens a alma!... E só isso que te faz partir?

— Todos os deveres de filho esqueço por ti... sacrifico-tos; mas sem meios não ficarei numa terra, onde das minhas mãos correram ondas de ouro.

— Pois não irás... ou então desde já te digo que me não amas...

— Não irei?

— Não... digo-te que não... Sou rica... quero dar a minha riqueza a quem der o meu coração... Nada te faltará em Lisboa, meu querido Azarias...

— Anacleta!, pede-me a vida, mas não me obrigues a viver à sombra da tua riqueza... Nas minhas veias gira o sangue hebreu... Os meus avós morreram nesta terra maldita para não abjurarem a sua crença; eu morrerei para não abjurar a honra...

Azarias, se lhe não faltasse o fôlego, tinha muito que dizer acerca da sua honra. Felizmente Anacleta cortou-lhe o discurso, lançando-lhe o braço de fino alabastro, e bem fornecidos músculos, um pouco melhores que o alabastro, em redor do pescoço. Como envergonhada desta liberdade, retirou-o rapidamente, e foi cómica pela sua vez, levando as mãos à face para velar o pudor, rebelde em vir à luz do dia.

Tudo aquilo era bonito, e delicioso de ridículo; mas, se é necessário adotar uma aberração, um quase absurdo na índole desta mulher, é certo que Anacleta amava sofregamente o judeu, e sentia pela primeira vez, nalguma fibra intacta da lepra daquele coração, os assomos juvenis de um amor capaz de sacrifícios.

O jovem, encartado no exercício de todas as torpezas sociais, e farto de estudar mulheres, sabia que tinha mulher e dinheiro, e que pouco mais ficaria valendo fazendo-se melindroso em aceitar a suspirada oferta.

— Azarias!, não me amas!... — dizia ela, amuada, quando retirou o braço.

— Que queres de mim? — esta exclamação fez efeito pela postura de vítima voluntária que o devasso se deu.

— Que fiques em Lisboa.

— Ficarei. — Que consideres tua esta casa.

— Que te considere minha... A minha adorada Anacleta! — e estas palavras foram a vanguarda de um beijo menos pudibundo que o primeiro. Da testa descera aos lábios.

— Sim, tua, tua... toda a vida — disse ela, arquejando, e pagando-lhe com usura o atrevido ósculo.

Neste momento entrava na sala o mestre de piano, acompanhando a menina, que vinha dar a sua lição. Anacleta, involuntariamente, franziu a sobrancelha. No fundo do seu coração, detestou a música. A inocente

Julieta, nesses momentos, querer-se-ia sozinha com o seu Romeu, numa alcatifa de folhagem, bem escondida dos olhos do mundo, num bosque impenetrável. Os singelos amores são sempre assim ... Quem os deturpa são os homens, que fazem romances, estes ímpios que arregaçam as cortinas do sagrado asilo das vestais, rasgam-lhes a elas as túnicas alvas, como a cândida pombinha, e ousam atirá-las nuas à sociedade, que quase sempre tem o impudor de apontá-las, e dizer: “Conhecemos assim umas poucas.”

# CAPÍTULO XIII

O iate partira. Azarias estabelecera a sua residência aparente na Rua Nova da Palma; mas a sua morada habitual em todas as noites do primeiro mês, e durante a maior parte dos dias, era em casa da bacalhoeira. Nem ele nem ela faltaram aos seus compromissos. Azarias dava sensíveis provas de um exuberante amor. Anacleta não consentia que ele saísse da sua casa, sem muito dinheiro para casos imprevistos. O israelita voltara à sua antiga opulência. Naqueles tempos, uma sege e uma parelha de machos era privilégio de poucos. Azarias muito a contento da bacalhoeira, cegava os seus inimigos com esse luxo miraculoso. Era geralmente sabido, na classe comercial, que o hebreu não tinha de casa do seu pai algum subsídio.

Entretanto, o homem não estava inteiramente gasto. já sabemos que amava, como doido, uma menina de alto nascimento, e pouco acessível. Sem ela, Azarias não tivera

desenvolvido tanta habilidade na cena que presenciámos. Por ela é que se venderia, não a uma mulher ainda bela como Anacleta, mas à primeira serpe calva e desdentada de Lisboa, que lhe custeasse as despesas da conquista.

No fim de quatro meses a bacalhoeira deu balanço à sua fortuna, e viu, sem pesar, que a sua paixão lhe tinha custado dez mil cruzados. Restavam-lhe oitenta, porque oito, e os lucros do seu acreditado estabelecimento tinha ela consumido em regalias próprias. Era, e julgava-se verdadeiramente feliz. Recordações de Teotónio de Mascarenhas, se, alta noite lhe alvoroçavam o sangue, o calmante era Azarias, e o sangue entrava plácido no giro regular das suas funções.

A este tempo, o hebreu tinha feito grandes progressos na difícil empresa da esquiva dama. Fascinada pela gentileza do opulento rapaz, deixou-se abordar tanto quanto era preciso para dizer-lhe que o amava; que se animava a ser sua esposa, ainda que os seus pais lho proibissem. Azarias, consciente do resultado que teve, pediu-a e negaram-lha. Aproveitou a resolução da alucinada donzela, e marcou-lhe

uma noite para a fuga. Estavam em terra todos os estorvos: faltava um, e porventura o mais respeitável: dinheiro.

Anacleta, numa das muitas horas de intimidade com Azarias, chamou-o ao seu quarto, e mostrou-lhe o seu tesouro. O jovem afetou uma displicência, quase desprezo, àquela revelação. Não perguntou a soma do capital, nem desperdiçou, a tal respeito, duas palavras. Anacleta poderia ressentir-se na sua vaidade, se Azarias a não indemnizasse com alguns beijos, sem entusiasmo, mas valiosos pela quantidade, o que na qualidade não podiam valer.

A noite da fuga era justamente aquela em que Anacleta estava ceando com Azarias e a sua filha. Finda a ceia, Maria recolheu-se ao seu quarto, e a bacalhoeira, encostada ao ombro do amante, entrava no seu.

— Estou mal do estômago — disse ele.

— Que queres, meu filho?

— Café. Pouco depois, entrava a cafeteira e duas chávenas. Anacleta encheu-as, e ofereceu uma a Azarias.

— Dás-me o meu cachimbo? — disse ele.

— Onde está? — Na sala do jantar sobre a mesa.

— Vou buscá-lo. Anacleta voltava as costas, quando o israelita lhe lançava na chávena um pó esbranquiçado, que diluiu com a colher.

— Aqui tens, meu anjo.

A carinhosa amante bebia o seu café, enquanto o impassível hebreu saboreava os sorvos do tabaco opiado. Aproximava-se a hora da partida. Trocando-se brandas ternuras, Anacleta deitou-se, enquanto o judeu contemplava os rolos azulados do fumo do seu cachimbo. Apenas ela pousou a cabeça na almofada do travesseiro, disse que tinha um sono extraordinário, quando o café lho despertava de costume. Passou-lhe de relance pela memória uma cena horrível. Não se demorou a afugentá-la. Adormeceu contra sua vontade. Quis chamar Azarias, e não pôde. Quis tocar-lhe, e não tinha braços que obedecessem à sua vontade. Era a imobilidade do cadáver; mas vivia.

O judeu operava tranquilamente. Abriu uma gavetinha do toucador, tirou uma chave com que abriu a quarta gaveta de uma cómoda, despejou sobre os vestidos de Anacleta,

amassados em forma de trouxa, o dinheiro em ouro, buscou em roda de si alguma coisa que tivesse um fundo, pegou das meias da estremecida amante, improvisou duas saquinhas de peças, distribuiu grande porção pelas algibeiras, e tomou debaixo de cada braço um grande saco de cruzados novos.

Atravessou às escuras as salas, que conhecia a palmos, desceu as escadas subtilmente, abriu a porta da rua com desembaraço, como quem sai da sua casa, para não causar suspeitas às patrulhas, e foi direito ao Cais das Colunas, onde o esperava uma lancha. Entrou no iate ancorado a pouca distância, entrou num beliche, abriu e fechou um baú, e tomou para terra.

Quando passava entre a maruja, todos se descobriram. O capitão, acurvando a cabeça, onde alvejavam as cãs, perguntou:

— A que horas nos fazemos ao mar?

— Daqui a meia hora. E meia hora depois, a mesma lancha conduziu o israelita, e uma dama, que chorava com a face apoiada no coração do jovem.

Içaram-se as velas, o vento era de servir, e o iate, ao dar a meia-noite no Convento dos Jerónimos, avistava, lá em baixo, o farol na Torre de S. Julião.

Segue o teu roteiro, instrumento de Deus!

## CAPÍTULO XIV

Às onze horas do dia seguinte, com grande espanto dos domésticos, não havia rumor de vida no quarto de D. Anacleta.

As criadas não ousavam chamá-la, porque lhes era defeso não só pela ama, mas pelo seu próprio pudor, bater a uma porta de um quarto, onde existia um homem que não era marido da senhora.

A filha, menos respeitadora dessas considerações, ou mais inocente, bateu à porta, mais de uma vez, e, não ouvindo sequer um ai, animou-se do amor de filha, e abriu a porta. Assustada, correu ao leito da sua mãe, chamou-a, agitou-a, e deitou-se a par com ela, chorando a altos gritos. Anacleta abriu os olhos espantadiços. Sentou-se na cama, e não podia suster a cabeça atordoada. Perguntou que horas eram, responderam-lhe que não tardava o meio-dia. Olhou em redor como quem procura alguém...

— Meio-dia! — exclamou ela. Saltou a baixo da cama, e não podia sustentar-se de pé, olhou para os vestidos entrouxados, e viu duas peças a luzirem numa dobra, levantou os olhos aterrados para a gaveta, vê, duvida, afirma-se... era a chave que nunca ali deixara... vai, cambaleando, e encostada à filha, vê o cofre vazio!... Sustém-se um momento, como fulminada, leva as mãos à cabeça, que se lhe parte com dolorosos latejos, solta um grito pávido, como o guincho de uma ave noturna, e cai, como morta, exclamando:

— Roubada!...

Quando tornou a si, achou-se rodeada de caixeiros, de facultativos, de criada, e de vizinhos.

— Quem a roubou? — era a pergunta de todos; mas Anacleta não respondia a ninguém. A sua dor não se diferenciava do idiotismo. Tudo aquilo parecia-lhe um sonho. Roubada por Azarias!... isto era incrível, impossível! Seria uma cruel brincadeira? Também não...

Era quase noite, e ninguém vinha decifrar o enigma do roubo. A justiça interveio imediatamente nos dissabores

domésticos da bacalhoeira. Pediam-se-lhe esclarecimentos sobre pessoas, nas quais pudessem cair suspeitas. Perguntavam-lhe a quantia roubada; nem a isso respondia. Por mais que a surpresa aflitiva a embrutecesse, Anacleta ainda tinha a finura necessária para conhecer a inconveniência de confessar o dinheiro que tinha... Não podia ninguém lembrar-se do capital que atribuíam ao monsenhor da Patriarcal?

Anacleta estava febril; mas fingia-se mais doente para evitar perguntas. Às onze horas da noite retiraram as numerosas amigas da enferma, e ficou o cirurgião assistente com Maria Amália, que era inseparável do leito da sua mãe.

O facultativo ignorava as intimidades de Anacleta com o filho de Moisés Pereira, suposto não ignorasse que se visitavam as famílias. A doente parecia sopitada nos pasmos, que sucedem à febre, quando o cirurgião perguntou a meia voz a Maria:

— Então já sabe o que se diz a respeito do senhor Azarias, que aqui vi algumas vezes?

Anacleta estremeceu, e Maria, corando, respondeu:

— Não sei.

— Pois eu conto a Vossa Senhoria. O tal judeu, para não desmentir a raça especuladora à qual pertence, namorava uma rica herdeira, filha única do morgado de Alpedrinha. Ninguém supunha que ele fosse capaz de a fascinar; mas o caso é que a tal menina gostou do judeu, e fugiu com ele esta manhã.

Anacleta sentou-se na cama, vociferando um grito, que aterrou o próprio cirurgião.

— Minha mãe... que se passa? — exclamou ansiada a pobre menina.

— É verdade o que acabo de ouvir? — perguntou Anacleta, lançando um olhar, que afetava cruelmente os nervos do facultativo. — Isso é verdade?

— O quê, minha senhora?

— A fuga desse homem com uma mulher?

— É, sim, minha senhora.

— Quando?

— A noite passada.

— É impossível... querem que eu endoideça!... É mentira!

— Se eu soubesse que a molestava, senhora Dona Anacleta, não daria tal notícia... mas não minto por coisa nenhuma. Azarias fugiu com a filha do morgado de Alpedrinha, disso é que ninguém duvida em Lisboa.

Anacleta, que fizera mais do que devera esperar-se da sua índole, não pôde por mais tempo suster os bridões à sua natureza.

— Esse homem roubou-me! — exclamou ela, desgrenhando-se como possessa. — Esse homem é um ladrão, que me levou todo o meu dinheiro... Prendam-no, enforquem-no... Aqui d'el-rei contra Azarias, que me roubou!

A antiga regateira estava no uso plenníssimo das suas funções intelectuais. A mulher natural era aquela! A máscara caiu, na presença dos que vieram da vizinhança aos gritos da enferma, e à choradeira da filha e da criada.

A medicina era impotente diante do desespero de Anacleta. Temiam-na, e não houve braços nem consolações

que a aquietassem até às nove horas da manhã, em que a justiça veio aproveitar a maré cheia dos esclarecimentos. Era o juiz que interrogava Anacleta, fechado com ela no seu quarto:

— Quem roubou?

— Azarias Pereira, judeu, filho de Moisés Pereira, e de Raquel Pereira.

— Quando o roubou?

— Na noite de quarta-feira.

— Violentou-a?

— Deu-me ópio para eu dormir.

— Como sabe que lhe deu ópio?

— Porque se deitou comigo às dez horas, adormeci logo, e acordei ao meio-dia.

— Então esse homem...

— Era meu amante.

— Quanto lhe roubou?

— Oitenta mil cruzados.

— Em que espécie?

— Ouro e prata.

— Onde os tinha?

— Naquele cofre — apontando para o que estava sobre uma cómoda-

O juiz entregou o cofre ao meirinho-geral, que o esperava na antecâmara, e os apontamentos ao escrivão.

O boato correu em Lisboa com a rapidez de todos os boatos que desacreditam, e foi bem recebido, como todas as infâmias que dão margem aos comentários. Admiravam o cabedal que a bacalhoeira acumulara, e vieram logo as suspeitas de dente envenenado morder a reputação da amante do monsenhor da Patriarcal, cujo fim, e cujo dinheiro ninguém farejara.

O marquês do Val, irmão do beneficiado quis ver o cofre em que se achavam os oitenta mil cruzados. Reconheceu-o. Era uma preciosidade, que trouxera da índia seu bisavô?, governador. Instaurou imediatamente um processo contra Anacleta dos Remédios.

A desgraçada, conduzida aos tribunais para novas revelações, ouviu com estranha coragem a imputação que se lhe fazia de ter ficado com o dinheiro de D. Teotónio de Mascarenhas. Respondeu que a caluniavam: que aquele cofre lhe fora dado por ele, para ela guardar as joias das suas filhas. As probabilidades depunham contra a bacalhoeira; mas não houve uma só testemunha que a condenasse, e não chegou a ser pronunciada.

Continuou o processo-crime contra o israelita. Pediram-se revelações para os reinos vizinhos acerca da sua paragem. Não se alcançaram. Ao cabo de alguns meses, dormia o processo, e a maledicência também. Anacieta pagou as custas, e esperou novos esclarecimentos.

O estabelecimento da bacalhoeira, poucos dias depois, estava desmantelado. Quando ela tratava de dar balanço ao comércio, que, nos últimos três anos deixara a cargo de caixeiros, viu que tinha sido roubada pelo guarda-livros, que, dois meses antes embarcara para o Brasil. Havia créditos; mas as dívidas a pagar, suposto que aparecessem riscadas nos livros do caixeiro ausente, eram superiores aos créditos. Anacleta reconheceu que estava

absolutamente pobre; antes porém, que o ela soubesse, já as suas numerosas visitas o sabiam. Abandonaram-na.

A baixela, e móveis com que adornava faustosamente a sua casa, foram arrematados em leilão para pagamento de dívidas. Despedida do prédio que ocupava, achou-se numa pequena casa da Rua da Rosa das Partilhas, com a sua filha Maria Amália, e uma velha criada, que a acompanhou, porque não teria quem naquela idade a tomasse pelo sustento.

Anacleta calculou as suas posses, e achou-se com três cordões de ouro, alguns pares de brincos, anéis, fivelas, e insignificâncias que lhe dera o cónego, seu primeiro possuidor.

A suas filhas, Emília e Antónia, terminavam nesse mês o ano de colégio, cujo pagamento fora adiantado. Mandadas recolher a casa pela sua mãe, não vieram. Queridas no colégio pelas suas prendas e virtudes, foram recebidas como mestras. Amónia ensinava todas as prendas de costura, Emília auxiliava as educandas, na ausência do mestre, a compreenderem as suas lições de música.

Eram felizes.

# CAPÍTULO XV

Sigamos, com repugnância, embora, os vestígios da desgraçada, que se arrasta sobre espinhos da expiação, a que a Providência da eterna justiça a condenou.

Anacleta dos Remédios, seis meses depois que mostrara a Azarias o cofre, em que não via o sangue de Teotónio de Mascarenhas, teve fome. Os medíocres valores que o atraiçoado cónego lhe dera, não existiam. Os abundantes bragais, que pudera salvar do sequestro, vendera-os. As pessoas, que lhe tomavam o seu chá, e comiam os seus jantares, responderam com uma esmola à sua primeira carta, com uma desculpa à segunda, e devolveram-lhe fechada a terceira. Tinha fome!

O suicídio ocupou-lhe a imaginação algumas horas. Comunicou a ideia a sua filha, e a infeliz menina abraçou sua mãe, soluçando: “Pois sim, morramos juntas antes que a fome nos mate!... ”

Anacleta não tinha coragem para tanto. A alucinação foi passageira. Subira de peixeira para senhora de sala; descera de senhora de sala para uma baixa condição, que já conhecera... enfim a fome não lhe era estranha, e a vergonha não atormentava. da sua filha não pode julgar-se o mesmo. A sensação da fome sentiu-a pela primeira vez; a vergonha da indigência queimava-lhe a face virgem dos calores do opróbrio.

Nesse dia em que o suicídio fora adiado, Anacleta viu-se a um espelho, e murmurou: “Ainda não estou velha!” No dia seguinte penteou-se, e vestiu-se o melhor que pôde. Encostou-se ao parapeito da janela, sorriu ao primeiro homem que passara, respondeu com um aceno a uma pergunta, e, recolhendo-se para dentro, mandou retirar a filha para a cozinha.

Maria Amália perguntava, depois, a sua mãe que homem era aquele.

— É o procurador que trata da minha causa contra Azarias. Dali em diante a menina foi mandada recolher à cozinha muitas vezes, porque o procurador era certo todos os dias, e em todos eles deixava por conta do que havia de

receber-se de Aza — rias alguns cruzados novos. A explicação satisfez Maria Amália; mas como lhe acontecesse encontrar algumas vezes, de relance, variadas caras, sua mãe dizia que eram variadas pessoas encarregadas de averiguarem a residência de Azarias para o capturarem. Como quer que fosse, o lume acendia-se todas as manhãs, e o jantar, senão abundante de iguarias, era frugal, e abençoado pela menina.

E os procuradores continuavam. Aconteceu entrar um dos elegantes do tempo em casa de Anacleta. Como ignorante dos precedentes desta mulher, inquiriu-lhe a sua vida passada. Ouviu um contexto de mentiras, que o fizeram sorrir de compaixão. Anacleta, desmemoriada pela devassidão, ou entretida com outras emoções na época da sua gloriosa opulência, não se lembrou que esse homem fora apresentado numa das suas assembleias, que então se não chamavam bailes. O desconhecido falou-lhe em virtude, em honra, e temor de Deus. A meretriz soltou impudentes gargalhadas. O austero jovem retirou-se triste: mas desde esse dia, Anacleta recebia misteriosamente uma mesada, que nunca tratou de averiguar donde lhe vinha. Lembrou-se

de alguma restituição, e não achou mérito na generosidade. Lembrava-se, porém, do moralista, que nunca mais aparecera.

Entre os concorrentes destacava-se pelas exterioridades um que ninguém diria ser procurador de causas... perdidas, como a da senhora Anacleta dos Remédios. Quem quer que era, apeava da sua carruagem no Largo do Calhariz, e subia a pé a Rua da Rosa das Partilhas, cosendo-se com as paredes, até se coar na humilde casa da falida bacalhoeira.

Naquele tempo, 1800, certos homens mais hipócritas que os de hoje, e mais devassos talvez, envergonhavam-se de serem surpreendidos em flagrante entrada ou saída por portas de casas, onde a virtude tinha fugido pelas janelas.

O cavalheiro, que visitava com mais frequência a senhora Anacleta, era um desses beneméritos da opinião pública.

Recapitulando os diálogos que falaram, aproveitaremos o último, que deixa ver o dedo do gigante, que nos aponta todos os outros.

— Então, Anacleta, falaste com a Maricas?

— Não, meu senhor... nem me atrevo a falar-lhe...

— Forte tola!... Porquê?

— Não sei como hei de começar... Pega-se-me a língua ao céu da boca, quando vou a dizer-lhe o seu recado...

— O meu recado? Não lhe digas isso como recado meu... diz-lho como coisa tua; do contrário nada feito.

— Não sei que lhe faça, senhor Duque...

— Cala-te... não me chames duque... já to disse...

— É verdade... tinha-me esquecido... perdoará...

— O que tu hás de fazer é aconselhá-la...

— Não sei como, palavra de honra...

— Isso é fácil... Ora olha, aprende este recado...

“Maria, nós somos desgraçadas, e podemos ser felizes... Há uma pessoa das primeiras pessoas de Portugal, que te quer muito, e que daria tudo porque tu fosses dele. Na infeliz situação em que estamos, tu não podes esperar um casamento, que te tire da miséria. Mais hoje ou mais amanhã, hás de ser de algum homem, que não tenha um vestido que te dê, nem te assegure um futuro melhor do que o que tens. Parecia-me que era uma fortuna para nós

ambas tu quereres tomar amizade a este senhor, que muito em segredo te digo que é um duque.” Se vires que a pequena começa a fazer caretas de beata, diz-lhe logo isto: “Olha, Maria, tu já sabes o que é o mundo, e o pouco que vale sacrificar-se a gente a uma palavra vã, que diz virtude. Logo que empobrecemos, fomos desamparadas por toda essa canalha que admirava o teu génio de pomba, e o teu coração de anjo. Deixa-te de honradez, porque a honra, se fosse uma oferta muito bem recebida por Deus, Deus não permitiria que as virgens, forçadas pela fome, se perdessem.” Ora repete lá isto que eu te disse.

Anacleta, convencida das razões filosóficas do duque, repetiu o recado ao seu modo, engasgou-se muitas vezes; mas o generoso fidalgo teve a amabilidade de repetir-lhe quatro ou cinco discursos, que por fim a bacalhoeira aposentada repetiu excelentemente.

Na ausência do duque, Anacleta, com as ideias frescas, cobrou forças da filosofia e da miséria, fechou-se com a sua filha, e repetiu, com poucas variantes, o texto do eloquente fidalgo. Maria Amália ouviu pasmada o revoltante convite. Não pestanejava, não respirava, sentia rasgar-se-lhe o

coração a cada palavra nova, que lhe feria os ouvidos, arfava como quem dificilmente reprime o choro, que vai rebentar dos olhos... Que sublime lance! que grandiosa luta a do anjo com o demónio! Como seria expressivo da vontade de Deus o raio que naquele instante descesse do céu a fulminar a serpente que se enroscava na pomba!

Maria, terminado o discurso, balbuciou:

— Não entendi, minha mãe... É impossível que seja verdade o que eu supus!...

— Que supuseste, Maria?

— Não me atrevo a dizê-lo...

— Diz... — Não posso... desengane-me... que é o que me quer, minha querida mãe?

— O que te quero, Maria?... Fazer-te feliz...

— Quem me dera sê-lo, meu Deus! Mas de que maneira?

— Escolhendo-te um homem que te dê tudo que precisares...

— Um homem!... que homem?... Não temos parentes nenhuns...

— Parentes!... Quais parentes!... Um homem rico, capaz de te estimar, de te trazer no galarim, com bons vestidos, bem servida, e invejada das outras...

— Onde está esse homem, que me estima, sem me conhecer, sem eu o conhecer a ele, que, sem mais nem menos, me queria tirar desta infeliz situação que a desgraça nos deu? Que tenho eu para merecer tanto?

— A tua formosura...

— Ah!... — exclamou Maria, erguendo-se com as mãos apertadas na cabeça. — Compreendi tudo, Santo Deus! Tenho dezasseis anos, e a minha mãe manda-me ser má mulher! Oh! que vergonha...

Com a face cheia de lágrimas, e as mãos erguidas, Maria Amália fugiu de ao pé da sua mãe, e debruçou-se em soluços na janela do saguão, onde aquela dor não tinha testemunhas.

Anacleta vacilava entre a compaixão e a raiva. Os instintos perversos da peixeira regeneraram-se, como se bastantes anos de outra vida lhe não tivessem modificado a vocação. Abafados pela felicidade, à custa de infâmias,

ressurgiram robustos no momento em que a penúria corroeu os vínculos que prendiam aquela mulher à sociedade.

Na alternativa, venceu a raiva. Anacleta bateu o pé no chão. Aquela reminiscência da Ribeira Nova era significativa. Maria Amália tinha de ceder.

A pobre menina, quando chorava, com meio corpo pendido sobre o saguão, sentiu a atração do abismo, e quis precipitar-se. Conteve-a a memória da sua amiga e mestra, a filha de nobres decadentes, que lhe dera lições de virtude e religião, apresentando-se, como exemplo, na sua posição de criada, nascendo senhora. “Se me não mato hoje”, dizia ela na sua alma, “terei de fazê-lo amanhã... pois amanhã será...”

Quando anoiteceu, os procuradores da causa de Anacleta revezavam-se. Maria, por amarga intuição, relâmpago de luz sinistra que lhe iluminou ignoradas torpezas, compreendeu, nessa noite, a vida da sua mãe. Lançou-se nos braços da velha criada, e choraram ambas.

O duque, depois que ouviu devotadamente com a sua família a missa do capelão, veio por travessas e becos, procurar à Rua da Rosa o ultimato das suas negociações. Anacleta, antes que ele lhe perguntasse o efeito do discurso, ergueu os ombros, como quem diz “nada feito”.

— Resiste? — perguntou o fidalgo.

— Eu não lho disse a Vossa Excelência?!

— Ora, deixemo-nos disso, Anacleta... Eu não engulo araras... O que tu queres é que eu suba o preço... pois bem, subirei... Até aqui eram cinquenta... agora são cem moedas... serve-te?

— Quer Vossa Excelência uma coisa? — disse Anacleta, com os olhos abrasados de cupidez, e a ânsia das cem moedas no coração.

— Diz lá.

— O que se faz por jeito...

— Pode fazê-lo a força... é o que queres dizer?

— Bem visto.

— Também pode ser... Que te parece?... Gritará?...

— Que importa?... a criada saiu... e eu... serei surda, e cega...

— Mas, se a resistência for invencível... já sabes que as cem moedas... é um contrato nulo... percebes?

— Percebo...

— Então, quando?

— Ela está no quarto da criada, ao pé da cozinha, à esquerda.

— Que faz ela?

— Eu sei cá... parece-me que está a rezar as contas...

— Ah! ela reza?!

— Sempre... como não tem que fazer...

— Então parece-me que não ganharás as cem moedas, Anacleta!

— Quem se não aventurou nem perdeu nem ganhou...

— Achas? Então... viva anexim... Cá vou... Anacleta teve um momento de terror. Perguntou a si mesma se aquela menina, que vendia, era aquela filha querida que a fizera

perpetrar um homicídio... Se era aquela que entregara aos desvelos de uma piedosa mestra, e aos extremos de uma apurada educação. Devia ser bem amargurada aquela intusceção do passado! Quem poderá conceber a perdição de uma mulher, que pode assim recordar-se um instante, e em outro aplicar o ouvido para escutar o motim da revoltante cena, que devia passar-se tão perto dela!

O duque, pé ante pé, entrou no pobre quarto, em que Maria Amália, sentada, sobre a cama, com a barba apoiada nas mãos entrelaçadas, e os olhos fixos num registo de Maria Santíssima, parecia pedir como quem pede a morte.

Ao ranger da porta, estremeceu. Quando viu um homem estranho, soltou um grito, e saltou a baixo da cama.

— Que é isso, menina? — disse o duque, recuando para a porta. — Eu não a ofendo...

Maria encostou-se a uma cómoda com as mãos erguidas. — Não tema, Mariquinhas...

Eu não sou nenhum jacobino, que me divirta a devorar meninas galantes... Quis vê-la de perto, já que de longe tão linda me parecia, e tenho a satisfação de lhe dizer que me

não enganei... tanto melhor para a minha querida ingrata... Ora venha cá... conversemos aqui como o rolo saudoso conversa no bosque ameno com a rola saudosa...

Maria Amália, sem descer as mãos da postura aflitiva de quem implora compaixão, recuava para o fundo do quarto — Entendamo-nos — disse ele, sem avançar um passo para ele — , sabe quem sou?

— Não, senhor.

— Eu digo-lhe... em primeiro lugar sou um homem bem-criado e atencioso como vê. Em segundo lugar, tenho um coração que já não é meu, porque desde o momento em que a vi, tive o desgosto de me achar sem ele. Em terceiro lugar sou um dos mais ricos de Portugal. Em quarto lugar, sou duque. E em quinto lugar, finalmente, — faço tudo quando quero.

Amália sentiu dobrarem-se os joelhos, e susteve-se dificilmente em pé.

— Ofereço-lhe o meu coração, a minha riqueza, os meus carinhos... se mos não aceita... estamos mal... penso eu... Ora chegue-se aqui, Maricas... Uma menina bonita não

deve chorar, que se faz feia... Venha cá... sente-se no meu colo, que lhe quero enxugar essas lágrimas...

Maria teve um pensamento, que lhe fez dizer no fundo do seu coração: “Estou salva!”

Caminhou para o duque, sem hesitação, e quando ele, com os olhos abrasados, lhe estendia os braços, a desgraçada corre à porta, que apenas estava cerrada, atravessa a cozinha, chega à janela do saguão, e precipita-se, exclamando: “Meu Deus, perdoai-me!”

Anacleta, que ouvira o brado, vem à cozinha, e encontra o duque pálido e firme, no batente da porta do quarto, como assombrado de um raio.

— Minha filha? — perguntou ela.

O duque apontou a janela. A mãe correu, debruçou-se, e viu-a alvejando sobre as lajes negras, com a face voltada para cima, e os regos de sangue a cruzarem-se.

Que foi o que ela sentiu? Não o saberão decifrar os profundos conhecedores do coração humano. A ciência da dor é quase uma arte que estabelece regras nos seus juízos; mas Anacleta era uma exceção monstruosa.

É certo, porém, que a malfadada, ao levantar os olhos do cadáver da sua filha, fixou — os no céu, perdeu a luz, e caiu aos pés do duque.

Tomando a si, Anacleta encontrou ao seu lado a velha criada, que lhe perguntou:

— Fugiu a menina?

— Pergunta-me se fugiu!... Sonharia eu?

— Como vim encontrá-la neste estado, cuidei que dera pela falta e desmaiara.

Anacleta olhava, como ébria, para a criada. Depois apertou a cabeça como quem precisa segurar uma ideia salvadora, que quer fugir-lhe. Pegou do braço da criada, chegou à janela, mostrou-lhe a filha, e murmurou em som de indefinível terror:

— Está ali... morta... matei-a eu... Não me acuse... deixe-me fugir... depois diga que foi a sua mãe, que a matou... Venda o pouco que tem nesta casa para que lhe deem uma sepultura... Adeus.

Anacleta desapareceu.

Na noite desse dia a tumba da Misericórdia levantava de sobre duas cadeiras um cadáver fraturado.

# CAPÍTULO XVI

Nove anos depois, Sebastião de Melo, numa das suas excursões por países estranhos, entrava em Portugal pela fronteira do Norte. Por esse tempo, um estranho, na província de Trás-os-Montes, corria perigo de ser arcabuzado, apenas a voz “jacobino” fosse proferida, e um dedo apontasse a vítima.

Sebastião de Melo, por desvios tortuosos procurava ganhar as alturas do Alvão, para descer à ponte de Cavez, onde as tropas portuguesas lhe garantiam segurança.

Perdido por serras agras e intransitáveis, anoiteceu-lhe no descampado de um vasto ermo, e fragas negras, de tojos e sargaços, entre os quais se levantava uma pinha de cabanas colmadas, quase impercetíveis, se as colunas de fumo, açoitadas pelo vento da noite, não denunciassem que debaixo daquele céu era possível a existência.

À entrada da aldeia estava uma capela meio derrocada com as sete cruzes da Via Sacra em redor. Na ocasião em que o perdido caminheiro aí passava, às ave-marias, chegou um vulto à porta da capela, e por três vezes tocou três badaladas, tiradas por uma corda. Sebastião de Melo, descobriu-se, e orou. Naquela situação, a piedade falava-lhe mais naqueles sons, perdidos na amplidão da cordilheira de montanhas, que toda a filosofia cristã dos doutores da Igreja.

O passageiro parou para saber do ermitão da capelinha que terra era aquela, e quem lhe daria ali um bocado de pão, e umas palhas para o cavalo.

Viu caminhar na sua direção um vulto, e conheceu uma mulher coberta de farrapos, que lhe perguntou:

— Quer alguma coisa, senhor, ou espera alguém? Deus lhe dê boa noite.

— Deus lhe dê a mesma. Não espero ninguém... Queria saber como se chama este povo...

— Vidoedo. É uma terra muito desgraçada, não é?

— Pelo que parece... Mas não será tão desgraçada que não dê gasalhado a um passageiro que se perdeu?

— Deus permitirá que o senhor não fique na rua. Eu vou ensinar-lhe a melhor casa do povo, onde ninguém bateu que não achasse agasalho.

Sebastião de Melo, que conhecia a pronúncia das províncias, fizera reparo na correção com que a sua andrajosa guia se exprime.

— O senhor vai para longe? — perguntou ela, arrancando da face um espinho de silva, que lhe abrira um rego de sangue.

— Feriu-se? — disse o passageiro, curvando-se para vê-la.

— Não é nada... A gente está afeita a isto...

— Perguntou-me se ia para longe?

— É verdade, mas arrependi-me... não faça caso da minha curiosidade... defeito de mulher velha...

— Vou para Lisboa...

— Sim! — disse a velha, escondendo o sobressalto. — Ainda tem que andar!... É muito longe, segundo dizem...

— Setenta e tantas léguas...

— Ora pois, Deus o leve a salvamento... A casa é esta... procure pelo senhor capitão, e terá uma noite de boa companhia... Passe muito bem, senhor.

— Espere... aceite esta lembrança da minha gratidão. Sebastião de Melo dava-lhe algum dinheiro em prata. A mulher recusou-o com delicadeza.

— Muito agradecida... não lhe faltará ocasião de o empregar melhor... Eu não preciso...

Sebastião de Melo batia à porta do caritativo capitão de Vidoedo, quando a sua célebre condutora se sentava numa pedra, soluçando sufocada em gemidos.

O capitão de Vidoedo era realmente o homem que se pintara ao cavaleiro. A sua larga porta de carro foi aberta pelo próprio capitão, que vestia um avental de saragoça atado no pescoço, e umas polainas da mesma fazenda assertoadas até à cintura. A primeira entrada do hóspede foi na corte das carruagens, onde o senhor capitão tinha uma égua, segundo ele, o primor das éguas, que comprara por seis moedas e um quartinho na feira do São Miguel.

Acondicionado o cavalo com abundante milho e feno, o passageiro subiu para a cozinha, onde encontrou, sentada em escabelos, a numerosa família do senhor capitão, que tinha o prazer de ver assentados ao seu lar quatro avós, dois paternos, e dois maternos, o mais novo dos quais tinha oitenta e cinco anos.

Sebastião de Melo foi acolhido com uma salva de estouros de castanhas, que saltavam na ampla assadeira, pendente do caniço sobre a labareda dos grossos toros de carvalho.

O hóspede sentou-se no melhor lugar, que era ao pé do avô paterno do senhor capitão. Este velho, realmente, tinha no rosto sulcado o que naquelas terras se chama “musgo”.

— Que anos tem este seu avô — perguntou Sebastião de Melo.

— Noventa e dois, feitos pelas bessadas, para o servir.

— Como aqui são longas as vidas! — disse o passageiro, fixando atentamente as cãs venerandas daquele século.

— Pois aí onde o vê — disse o capitão — é rijo como as armas... Ele que lhe conte a vossemecê...

— A vossemecê?! — atalhou o velho. — Dobra a língua... tu não sabes com quem falas... Se fosses à capital do reino como eu, terias aprendido a ser cortês...

— Senhor Capitão, trate-me como amigo, e deixe falar seu avô... Então já foi a Lisboa?

— Já, sim senhor... Há setenta e oito anos, feitos pelo São Miguel.

— Conte lá essa história cá ao senhor, que há de gostar.

— Pois lá vai... o fidalgo não viu aí na porta do carro uma pedra de armas, com quatro cabras por escudo, e um tambor por timbre?

— Como entrei de noite...

— Pois eu conto-lhe... Tinha eu treze anos... era assim um cachopo como aquele meu bisneto que ali está a assar as castanhas. Andavam as guerras do senhor rei dom Pedro segundo com o rei de Espanha. Os malditos dos espanhóis tinham entrado por Chaves, e estavam aí acampados no Vale de Aguiar, daqui légua e meia. Eu, quando o soube, estava — me cozendo cá por dentro, e disse ao meu pai, Deus lhe perdoe: “Vou fazer fugir aqueles diabos. “

Puseram-se a rir de mim, e vai eu que faço? Vou pelo povo, e por outro que aí está ao fundo da serra, que se chama Póvoa, e pedi as lanternas de andar de noite à regra. Ao lusco-fusco, acendi-as, e botei fora a rês (*).

*[(*)Rebanho de gado]*

Pus-lhe, com a sua licença, nos galhos as lanternas, e disse ao pegureiro: “Anda lá para diante co esse gado.” Havia cá em casa um tambor de andar cos entremeses do Entrudo, botei-o pro cachaço, e fui, fui, até avistar o acampamento dos malditos. Apenas cheguei ao alto, comecei a tocar o tambor, e as cabras a descer com as lanternas, com a sua licença, nos galhos. Neste comenos, ouvimos tocar tambores e cometas, que parecia um inferno. E eu a descer pela montanha com a rês... Não lhe digo nada... Os espanhóis não pararam senão em Chaves, e levaram tapona de criar bicho, porque foram encurralados na praça pelas tropas que vinham lá de por aí abaixo de Guimarães. Ora aí está. Depois veio aqui um governo de

chapéu de bicos, e disse-me que o senhor rei me mandava ir a Lisboa. Atirei-me para cima da minha égua, e preguei comigo no palácio real. Veio o senhor rei falar comigo a uma coisa assim a modo de andor, onde estavam muitos figurões, que me diziam muitas coisas e tal etecetera, depois, veio um governo, que ajoelhou ao senhor rei, e eu ajoelhei também; e ele pôs-se a rir, e os outros riram-se todos. Lembrou-me se era de obrigação rir-se a gente quando o rei se ria, e eu pus — me a rir também, e assim me Deus salve se eu sei do que era! Depois, meu amiguinho, orei meteu-me um papel nas unhas, e mandou-me ao erário, onde me deram duzentas amarelas, e me disseram que eu era fidalgo da casa real, e cavaleiro da Ordem de Cristo, para mim e pros meus descendentes, e que mandasse fazer o meu brasão pelo que vinha no diploma, que tenho lá em cima na arca. Ora aí está a história... agora vamos à ceia que está na mesa.

Sebastião de Melo, maravilhado da obscura grandeza daquele homem, nem por isso deixou de prestar homenagem a uma gorda galinha, escoltada de nacos de presunto, que lhe puseram diante. Comeu e viu comer

admiravelmente. Deu graças a Deus, que eram entoadas pelo fidalgo da casa real, e ouviu falar por essa ocasião, de santos e santas que não eram do seu conhecimento. Dadas as boas-noites, beijadas as mãos de tios, mães, pais, avós, e bisavós, sentaram-se à lareira onde as raparigas do povo, com as rocas à cinta e as estrigas ao avental, vinham fazer serão.

Sebastião de Melo estava pensando na velha, que tocava às ave-marias, quando ouviu uma badalada, que fez largar o trabalho, e erguer as mãos àquela gente. Logo depois, como de um outeiro eminente, veio este pregão: (*)

*[(*) Em algumas aldeias do Norte são usuais estes pregoeiros noturnos, que "encomendam as almas"]*

— Rezai um padre-nosso e uma ave-maria por todos aqueles que pedem à misericórdia infinita o perdão dos seus crimes.

Rezaram.

— Rezai um padre-nosso pelos que morreram sem poder pedir a Deus o perdão dos seus crimes.

Momentos depois:

— Rezai um padre-nosso pela desgraçada penitente que não ousa pedir a Deus o perdão dos seus crimes.

Deu-se um profundo silêncio; e, rezada a oração, disseram todos:

— Coitadinha... és uma santa!

— Isto é costume cá da terra? — perguntou o hóspede.

— Há oito anos é todas as noites — respondeu a senhora Ana, digna esposa do capitão, limpando as lágrimas ao seu avental de serguilha.

— É alguma devota cá da aldeia? — disse Sebastião de Melo.

— Não, senhor. É uma penitente, que ninguém sabe donde veio, há oito anos.

— Eu, quando entrei no povo, encontrei uma mulher esfarrapada tocando a sineta da capela...

— É a mesma... é a santa... — disseram umas poucas de vozes.

— Pois durante uns poucos de anos — disse o hóspede — não tem sido possível saber donde veio esta mulher?

— Não senhor — disse a senhora Ana, fazendo zumbir o fuso, e salivando o fiado. — Esta criaturinha de Deus apareceu aqui toda esfarrapadinha, a tremer de frio, descalça, com as pernas enterradas na neve até ao joelho, que fazia mesmo doer o coração. Bateu à nossa porta, e pediu um bocadinho de broa, e uma tigela de água. Mandámo-la entrar, disse que não entrava; quisemos dar-lhe uma aguinha de unto, não quis bebê-la. Comeu o pãozinho, bebeu a água, disse-nos muitas palavras de agradecimento, e foi-se embora. Mandei o meu João atrás dela, que não fosse a criaturinha morrer estatelada nalgum barranco de neve, e ele foi topá-la ajoelhada no coberto da capela, a chorar e a gemer, que o meu João veio a chorar para casa, e fez-nos chorar a todos. Fui eu lá onde a ela, e mais aquele avô do meu João, que sabe dizer as coisas com mais aquela, pedimos e tomamos a pedir, mas não houve trazê-la prá fogueira. À noite fomos lá outra vez, e ela

pediu-nos uma mantinha velha, e mais nada. Dormiu no coberto da capela, que é assim a modo de um alpendre. Pela manhã fomos a ver se ela estaria morta, e topámo-la a vir com a mantinha para no-la dar. Dissemos-lhe que viesse comer um caldinho, não quis. Demos-lhe o bocado de broa, não o aceitou, e disse que ia bater a outra porta.

"Foi a casa de uma pobre, que mora aqui nas costas da nossa casa, e achou-a na cama a tremer maleitas, que andavam nesse ano muito atreitas por cá. Sentou-se ao pé da mulherzinha, agasalhou-a, tratou dela nas tremuras, e no fim comeu um migalho de broa, e bebeu água. Começou a gente a tê-la por santa, e ela dizia que era a maior pecadora que Deus botara ao mundo. Onde houvesse um doente, ela lá estava de dia a tratá-lo, mas de noite vinha dormir ao alpendre da capela. Quando ao domingo, o senhor padre Januário da Póvoa vinha dizer missa, a pobrezinha não entrava na capela, ficava sempre cá fora no alpendre, sempre com a cara na pedra estreme. Assim que tinha o fatinho roto, que se lhe visse a carne, aceitava um, mas havia de ser serguilha, que trazia mesmo sobre a pele de Verão e de Inverno. Dizia o senhor padre Januário que

era uma penitente, e um frade varatojano, que veio às missões, disse que era uma santa.

— Mas agora, senhor fidalgo — disse o capitão — , sempre lhe vou fazer uma pergunta, que me tem dado que congeminar cá com a família. Porque será que ela se não confessa, nem quer dizer o seu nome?

— Deus o sabe! — respondeu o passageiro profundamente reconcentrado naquele grandioso segredo.

— Ora aí está — disse triunfantemente o cavaleiro da Ordem de Cristo — , é o que eu tenho dito a estes lapuzes, que querem saber tudo, que nem os homens que têm andado terras, como nós, se atrevem a dizer... Deus o sabe... é o que é.

Finda a história as raparigas começaram a entoar a ladainha da nossa Senhora, com admirável acorde de vozes, que entristeciam, e, ao mesmo tempo, suavizavam as mágoas ocultas de Sebastião de Melo. À meia-noite, cada qual das que vieram ao serão, pegou no seu tanchão aceso, e despediu-se com a frase usual: “ Com bem passem a noite.”

O capitão foi guiar ao quarto o hóspede, e tratava de meter o gancho da candeia numa fisga da parede, quando Sebastião de Melo, sentado numa caixa, com o coração preocupado por tudo que era misterioso e extraordinário, disse ao capitão:

— Meu amigo, há de fazer-me um importante favor.

— Não tem mais que pedir, senhor fidalgo. — Há de mostrar-me a capela, em cujo alpendre dorme a santa, porque me parece que, se eu for sozinho, não atinarei.

— Vamos lá, meu senhor... é já.

— Tem de me fazer outro favor... Logo que me mostrar a capela, há de me deixar sozinho com essa mulher.

— O que o fidalgo quiser. Saíram. Eram profundas as trevas. O vento, arrastando-se sobre a vegetação daquele ingrato solo, soava um rugido abafado. Os morros de fragas, negrejando na escuridade, pareciam as entranhas da terra, que rebentavam num eterno caos. A sineta da capela, sacudida pelos furacões, vibrava uns sons amortecidos, como as últimas badaladas de um dobre a finados.

O capitão, afeito àquela cena, não reparava no êxtase, misto de terror e admiração, em que Sebastião de Melo se ficava esquecido na presença do quadro pavoroso.

O lavrador mostrou a capela ao seu hóspede, e retirou-se, dizendo-lhe que acharia o portão de casa aberto, quando quisesse entrar.

# CAPÍTULO XVII

Sebastião de Melo parou no limiar do coberto, e viu um vulto imóvel, embrulho indecifrável, chegado à fachada da capela. Caminhou para ele. Ouviam-se apenas as areias estalarem-lhe debaixo dos pés. A penitente dormia, com a face encostada no degrau da ermida. Melo cruzou os braços, e mergulhou os olhos num quadro de sofrimento, novo para ele.

Daí a pouco, rajadas de chuva fria, fustigadas pelo norte, entravam no alpendre, e batiam na face do filho de frei Baltazar da Encarnação. Oculto por detrás de um pilar, que sustentava um coberto, esperou, gelando-se de frio, compenetrar-se do que seria aquela pobre mulher, sofrendo assim oito anos.

Pensava, e pedia à fantasia a revelação daquele mistério, quando a penitente soltou um gemido trémulo e

prolongado. A infeliz tiritava, e limpava com a manta a face borrifada pela chuva.

— Que frio, meu Deus! — exclamou ela. Houve um quarto de hora de silêncio. “Adormeceria outra vez?”, perguntava-se Sebastião de Melo. “Como será possível? A dor petrificará o corpo como a alma? “

Uma segunda exclamação da mulher sem nome, quebrou as reflexões do passageiro:

— Maria Santíssima! quando os meus dias estiverem contados, dai-me uma agonia menos atormentada que este viver!

Esta linguagem aumentou as suspeitas de Melo, que, desde as primeiras palavras, proferidas por esta mulher, imaginara, que debaixo daqueles farrapos, não estava um sofrimento ordinário, e uma mulher comum.

— Senhor Deus!... — continuou, com intervalos, a penitente — , eu não me queixo. A minha alma acolhe com prazer os sofrimentos; mas o corpo é fraco... Não vos peço, Deus de misericórdia, um dia menos no meu prazo de

expiação! Senhor, o que vos pede a pecadora é, à hora da morte, um sinal do vosso perdão.

A penitente, quando proferiu esta última oração, estava de joelhos, com os olhos cravados na lâmpada do altar, através do ventilador, lateral à porta. O som convulso da sua voz soava no pequeno âmbito da capelinha.

— Jesus crucificado, não me deixes morrer sem que eu ouça o perdão da minha filha, do meu anjo, da minha vítima, da minha desgraçada filha...

Sufocaram-na os soluços, que pareciam os gritos surdos de uma garganta, comprimida pela violência da asfixia. Sebastião de Melo, com toda a sua valentia moral, sentia medo, este medo supersticioso, que as almas pequenas nunca sentiram, e que nos povoa a escuridão de fantasmas.

A penitente continuou:

— Se eu fiz vítimas, Senhor... se não pesam sobre a minha alma três cadáveres somente... se as minhas duas filhas, que deixei no mundo, ganham o pão com a desonra, fazei que eu reconheça o seu infortúnio, porque é preciso que sobre a minha cabeça caia mais sangue!... Mandai, meu

Deus, mandai uma voz, que me diga o número de vítimas que amaldiçoaram o seu algoz...

— Não sou a voz enviada de Deus; mas posso dizer-lhe, senhora, que a minha voz nunca blasfemou contra a misericórdia divina! — disse Sebastião de Melo, caminhando um passo para ela. A penitente levantou-se de um salto, como acordando de um sonho. Fitava no homem que tinha diante de si o olhar espavorecido da demência; recuava, com os braços em postura de quem afasta um espectro; parecia querer fugir-lhe, quando o passageiro, apressando-se em impedir-lhe a saída do alpendre, lhe tomou a mão:

— Repare que sou um homem, senhora. Não se aterre, que eu não venho perturbar o segredo das suas tribulações para amargurar-lhas mais do que elas são. Não conhece o cavalheiro que há poucas horas, conduziu a casa do capitão? Já vê que sou um homem...

— Conhece-me? — perguntou ela, retirando a mão de Sebastião de Melo.

— Não a conheço melhor que esta pobre gente que a vê sofrer... Não poderei dar-lhe mais doces consolações do que esta gente lhe dá... Mas eu tenho o que eles não têm... um coração experimentado de amarguras próprias, e uma inteligência apurada pela dor, capaz de conceber as alheias.

— Diga-me, senhor... — disse ela, lançando-se-lhe aos pés diga-me... foi Deus que o mandou aqui?... Foi um acaso que o trouxe a esta terra ignorada de todo o mundo, ou foi um toque divino que o encaminhou para estes sítios?

— Os desígnios de Deus operam-se por meios ocultos. Não tive nunca tenção de aqui vir; e contudo acho-me aqui, no momento em que uma desgraçada pedia a Deus uma voz, que lhe revelasse...

— Pois sabe?... Sabe o que eu pedia a Deus? Pode responder-me, senhor!?

— Não posso, mas quem sabe se poderei em breves dias?... Quem sabe se poderei já neste momento? Como poderei eu, sem a inspiração do céu, conhecer a infeliz que me oculta a sua vida?

— A minha vida! — exclamou ela. — A minha vida!... pode ela contar-se?... Não, ninguém ma ouviria, sem sacudir os vestidos manchados do sangue que escorre gota a gota dos meus... Oh! senhor!... vá... vá... fuja desta mulher... se alguém me ouvir... se essa gente que me dá um bocadinho de pão, soubesse quem eu sou... apedrejava-me... Contar a minha vida!... Para quê?... A Deus, sim... Só a Ele... E conto-Lha todos os dias, porque é preciso que eu me vá despedaçando com as recordações sempre vivas dos meus crimes.

— Senhora! em nome de Deus que nos ouve, em nome de Deus que a escuta todas as horas, abra o seu coração a um homem, que pode fazer-lhe algum serviço neste mundo... Ajoelhe outra vez naquele degrau... É impossível que Deus a não ouça... eu orarei também... peça-lhe que lhe dê um toque no coração, se eu devo ouvi-la; eu pedirei que me gele na alma o fervor com que vou pedir-lhe, se não sou digno da sua confiança, pobre senhora.

— Eu! ouvida de Deus!... eu que não me atrevo a passar deste degrau com medo de atrair o raio da vingança sobre os inocentes, que me chamam santa!

Enquanto ela caía de joelhos, exclamando surdamente estas palavras, Sebastião de Melo, tocado pela faísca do entusiasmo religioso, tinha ajoelhado. Ao ajoelhar-se viu atrás de si a penitente com as mãos erguidas, num êxtase, que aumentou o terror religioso do futuro ministro do altar.

— Sois um homem bom, senhor!... — disse ela, levantando-se, e tomando-lhe a mão. — Não tive, não devia esperá-lo, nenhum toque no coração; mas de repente vejo-me atraída para um homem, cujas feições mal vi ainda... É impossível que não sejais um justo...

— Não sou... Se o fosse, teria adivinhado que nestes ermos existia uma infeliz ignorada de todos os que vivem, como eu, no tumulto das paixões mundanas... Sinto-a tremer... cubra esta capa.

— Não aceito, senhor. Tenha cuidado da minha alma, que o corpo não me dói.

— Fale... Que é o que a prende ao mundo?

— A punição...

— Tem crimes...

— Imensos.

— Perseguem-na...

— Os espectros das minhas vítimas... São muitos...

— Matou...

— Matei...

— Com desgostos, talvez, involuntariamente...

— Com veneno, com a cumplicidade, com a desonra...

— Basta... Eu não sou confessor... Os que morreram estão na presença do Juiz; mas se o sangue cai sobre os que ficaram, procuremos salvá-los. Ouvi-lhe dizer que deixara no mundo...

— Duas filhas...

— Onde?

— Em Lisboa...

— Lisboa?!...

— Sim... conhece-me... já sabe a amaldiçoada que tem diante dos seus olhos?

— Não posso responder-lhe já... — disse Sebastião de Melo, limpando da testa gelada um suor cálido. — O seu nome?

— Que importa o meu nome?... Sou a condenada!

— O seu nome, senhora!...

— Se me conhece, não precisa que eu lho diga... criminosa como eu, sou eu só... Se me não conhece não importa que o não saiba...

— Ouça... eu vivo há anos, em Lisboa...

— Há nove anos?

— Há doze...

— Conhece-me, não é assim?

— Não sei... Ouvi falar de uma fatalidade...

— Qual?

— Conheci um homem chamado Teotónio de Mascarenhas. A penitente soltou um grito, correu para Sebastião de Melo, com impetuosa veemência, e levou-lhe a mão à boca.

— Não pronuncie esse nome, que me mata, por piedade... Oh! senhor! Se me conhece, tenha compaixão de mim...

— Conheço-a, senhora... Sei a sua vida... foi estrondosa de mais, para que o ruído dos seus infortúnios não chegasse aos ouvidos de um homem, que estuda a sociedade no mais asqueroso das suas pústulas... Conheço-a... Anacleta...

A infeliz deixou cair os braços e a cabeça. Não havia naquela máquina de dores, já combalida, forças para a exaltação. O instante mais atormentado da sua penitência foi decerto aquele.

Depois de nove anos era aquela a primeira voz humana, que lhe dizia: “As tuas infâmias não as esqueceu a sociedade.”

— Anacleta — continuou Sebastião de Melo, tomando-lhe as mãos — , seria Deus que me enviou aqui?... Pronunciei-lhe um nome que a encheu de medo... Olhe... se eu tivesse uma vida imaculada, se pudesse julgar-me iluminado no que se passa sobre os juízos humanos, dir-lhe-ia que Teotónio de Mascarenhas já lhe perdoou...

— E minha filha? — gritou ela, caindo de joelhos aos pés do desconhecido, que lhe apontava os crimes.

— A sua filha foi um anjo na vida... é um anjo na presença de Deus, e ao pé de Deus não há ódios nem vinganças.

— Mas eu matei-a...

— Vendeu-a...

— Que infâmia, meu Deus!

— Há três anos que morreu um duque, que, à hora da morte, pedia que lhe afastassem de entre os damascos do seu leito a face ensanguentada de uma infeliz menina que ele fizera precipitar de uma janela, fugindo à desonra.

— Tudo se soube, justo Deus!

— Tudo... A mãe dessa infeliz foi procurada nas margens do Tejo... A populaça de Lisboa queria conhecer a mãe que lançara sua filha a um saguão...

— E fui eu, misericórdia divina, fui eu que a matei!... E amaldiçoavam-me todos, não é assim?

— Todos, não. Alguém escreveu as páginas da vida dessa desgraçada e não lhe dava senão este nome...

— Poupe-me, senhor, por compaixão... Sem que eu lho pergunte, diga-me tudo o que sabe da minha vida...

— Anacleta tinha duas filhas...

— Sim... sim... duas filhas... num colégio.

— Emília casou com um pobre mestre de música, cujas lições ela ajudava no colégio. Vivia com muita honra, e muita pobreza. Lamentava sua irmã; mas não ousava poluir-se com nódoas que a sua irmã, involuntariamente, recebera na sua reputação...

— Pobre Emília!... coitadinha! A minha filha, pobre... e tão rica tinha nascido... Outra vítima, Deus inexorável!

— Não blasfeme, Anacleta...

— Perdão, perdão, Senhor!... E caiu com as faces sobre a laje, murmurando: — E Antónia?...

— Antónia, quatro anos depois, que a sua mãe desaparecera, forçada por uma paixão invencível, entregou-se a um homem, que mudou de nome e desfigurou a sua posição social, para, a título de casamento, a arrebatar dos braços da honra e do trabalho... Esse homem era um

general, chamava-se Gervásio Faria, foi fuzilado há um ano, não sei o que é feito dela...

— Desgraçada filha... Outra vítima, meu Deus... não há perdão para mim!...

— Levante-se, Anacleta... Quer seguir os passos que, neste mundo, caminha o anjo invisível da punição? Duas meninas pobres, a mãe prostituída aos que passavam, uma virgem com a face partida numa pedra... tudo isto foi feito por um homem, que roubava a uma amante o dinheiro que ela roubara ao pai das suas filhas, matando-o. Mas Deus serviu — se do instrumento, e quebrou-o, depois. Azarias saíra de Lisboa, com o ouro da fraca mulher, que devia ser punida. Vagou três dias com feliz jornada para um remoto clima. Ao quarto, uma tempestade atirou com o iate para mares desconhecidos. Ao quinto dia, o ouro roubado estava no fundo do abismo, e trinta vidas assoldadas a esse ouro. Ao sexto, brincavam as ondas com uma pequena lancha em que se viram primeiro três vultos, e, ao sétimo dia, dois. Ao oitavo dia de viagem, essa lancha partia-se entre uns rochedos. Saíram dois homens com um cadáver. Um dos homens caiu desfalecido em terra e nunca mais se

levantou. Azarias encontraram-no nas praias de Tânger, cavando com as unhas um fosso para sepultar uma menina, que roubara de casa do seu pai, que morreu dois meses depois.

— Oh! justiça de Deus!... E ele?

— Não sei... Quando ia ferir-se com um punhal, caiu-lhe o ferro das mãos, ajoelhou, e pediu ao Deus de Moisés, que é o Deus de todo o mundo, que o punisse. Se o visse, Anacleta, perdoava-lhe?

— Oh! sim, sim, perdoava!...

— Essa resposta exprime o estado da sua alma! Mulher... é impossível que Deus lhe não tenha perdoado... Diga-me... Qual é o seu futuro?

— Isto que vê... estou ajoelhada sobre a minha sepultura...

— Em toda a parte está Deus, para abençoar a morte, que lava as iniquidades da vida... Venha para Lisboa... dar-lhe-ei um quarto e um crucifixo, e um leito onde morra...

— Nunca sem que a voz de Deus me mande.

— Não posso fazer nada no seu benefício?

— Fez tudo o que podia...

— Nada, absolutamente nada?

— Faça um juramento... Diga... Nunca direi a pessoa alguma do mundo, enquanto Anacleta for viva, que vi esta mulher. Depois de morta, di-lo-ei, para que o mundo perdoe à sua memória.

Sebastião de Melo jurou.

— Agora... deixe-me... preciso chorar... Vá... diga a todo o mundo que peça a Deus pela maior das pecadoras... Vai para Lisboa?

— Vou.

— É rico?

— Tenho para valer a pobres...

— Se encontrar minhas filhas com fome dê-lhes um bocado de pão... o bocado que me daria a mim se lho pedisse... Adeus.

A última palavra disse-a com os olhos já cravados na imagem do Cristo, cuja lâmpada ia apagar-se.

Sebastião de Melo, como alheado de si, febricitante e extenuado, retirou maquinalmente.

Dali, a um tiro de bala, viu um vulto. Era o capitão de Vidoedo.

— Homem — disse ele — , eu estive à espera duas horas, e quando vi que não vinha, lembrou-me se lhe aconteceria alguma desgraça. Os lobos ainda ontem foram à corte da tia Teresa do Quinchoso, e comeram-lhe, salvo seja, três cabras. Estava a ver se os lobos teriam dado co fidalgo. Tirei-me dos meus cuidados, peguei na caçadeira, e vim por aí fora. Quando aqui cheguei ouvi um zunzum, e logo me pareceu que o fidalgo estava a falar com a santa...

— Ouviu o que dissemos?

— Nem palavra... eu cá não sou desses homens... Então é santa ou não é?

— Deus o sabe?

— É o que diz o meu avô... Quem tem andado terras, é uma coisa bem ao invés da gente do mato.

— Que horas são, senhor Capitão?

— O sete estrelo vai alto... Isto, por mais que me digam, vai lá prás quatro horas. Agora toca a dormir... e com bem passe a noite, fidalgo. O cavalo está a comer, até dizer "basta".

Sebastião de Melo não cerrou os olhos. Tomara chá em casa de D. Anacleta na época da sua opulência, falara-lhe em virtude em casa da meretriz na Rua da Rosa das Partilhas, dera-lhe misteriosamente uma mesada com que mataria a fome a duas famílias numerosas, encontrara a penitente, finalmente, debaixo do alpendre da ermida de Vidoedo. Que três reflexos da mesma imagem! Que tumulto de sensações para uma imaginação apaixonada!...

Devia ter nascido o Sol, quando o hóspede se despediu do fidalgo de Vidoedo, que tão solícito gasalhado lhe dera; mas o céu estava negro, as fragas coroavam-se de castelos de nuvens, que pareciam, impelidas pelo vento, rodarem na esplanada, e despenharem-se nos abismos.

Sebastião de Melo levava consigo um prático com quem se entretinha falando na santa, e nos milagres que já lhe eram atribuídos. A um quarto de légua de Vidoedo, na descida dos precipícios que prendem as pitorescas várzeas da ribeira aos alcantis daqueles cerros amaldiçoados, o prático partiu, e exclamou com grande pasmo e devoção:

— Ela lá está!

— Quem? — A santa.

— Onde?

— Olhe aqui neste direito, por entre estes dois cabeços de fragas; não vê lá no alto um choupelo assim a modo de uma touca, e um calhau mais alto?

— Não vejo.

— É porque a névoa se pôs a diante... Deixe-a passar... Olhe, lá está, não a vê acenar-lhe com o avental?

— Vejo... Sebastião de Melo com os olhos cheios de lágrimas, parado num angustioso êxtase, dizia-lhe adeus com a mão. Os cabelos da infeliz voavam sacudidos pelo vento. O passageiro acenou-lhe que viesse ao caminho; e

ela, imóvel como a fraga que tinha diante dos pés, parecia petrificada. Melo concebendo a vontade de Anacleta, seguiu o seu caminho. Ao voltar de uma encosta, em que a perdia de vista, olhou, pela derradeira vez, e lá a viu agitando o seu avental. Era o último adeus.

O prático não ouviu uma palavra mais do cavaleiro.

# NOTA DE INTERLÚDIO

Comparando o 1° com o 2° volume, salta aos olhos da crítica (que tem olhos) uma desigualdade estética, uma desarmonia de conceitos, de forma, e de estilo que denuncia dois escritores, ou duas índoles no mesmo escritor. As páginas de 1° volume são escritas pelo autor que fala de si, que avulta no quadro que descreve, assombrando-o das cores melancólicas de que a sua alma devia estar escurecida.

No 2° volume, do 4° ou 5° capítulo em diante já não é autor o filho da condessa de Santa Bárbara. O maço que o nosso amigo nos enviou do Brasil continha, além do 1° volume organizado, poucos capítulos do 2°, e o resto eram apontamentos de que nos servimos, como genuínos, porque não podemos duvidar dos esclarecimentos que os

documentavam. Enganar o público, isso é que de modo nenhum.

Sem ofender a arte, nem a verdade, continuámos o romance, e abstivemo-nos de atribuir ao cavalheiro, que morreu no Rio de Janeiro, o que era nosso na forma, conquanto dele na substância. Estas duas entidades (substância e forma) que deram muito que entender à filosofia escolástica da Idade Média, esperamos que não perturbarão a ordem em que se acha a literatura moderna.

Deve notar-se mais que os pseudónimos de que nos servimos é um ultraje que fazemos ao trabalho de D. Pedro da Silva. O misterioso amigo do guarda-livros, que nos honra com a sua amizade, era um historiador fiel, nomeava as pessoas com toda a evidência do batismo, descreve muitas como hoje as conhecemos, e mandaria queimar a sua obra, sem pretensões de Virgílio, se soubesse que um desastrado editor lha sacrificaria à lei das conveniências.

Que a sua alma nos não persiga por esta infração.

# LIVRO TERCEIRO

# CAPÍTULO I

Sebastião de Melo, com as súplicas da penitente nos ouvidos e no coração, aligeirou quando pôde a sua chegada a Lisboa.

Três anos antes, abandonara Portugal. Nessa época as filhas de D. Anacleta, geralmente reconhecidas como filhas de D. Teotónio de Mascarenhas, viviam, como ele o dissera à lastimável mãe, uma casada e pobre, a outra com desonra, mas opulenta. Assim o acreditavam aqueles que não duvidam receber todos os escândalos como factos consumados, mas não prescindem de se fazer escutar nas suas observações moralizadoras acerca de cada escândalo.

Melo sabia a morada de uma e outra. Procurou Emília, a título de encomendar ao seu marido cópias de música para flauta. Encontrou-a sozinha, e converteu facilmente a conversa no verdadeiro motivo que o levara ali.

— É lucrativa a arte do seu marido? — Não, senhor; mas a felicidade não a dá o dinheiro. Vivemos remediadamente. Se não tivéssemos outros motivos de apoquentação, éramos felizes na nossa pobreza. O meu marido tem algumas discípulas de piano, eu ensino em casa algumas prendas que me ensinaram num colégio onde fui educada, e nas horas livres, para entreter, fabrico hóstias, que vendo para os Paulistas.

— E, contudo, não é feliz... Quem o será, meu senhor?!... Há coisas de família, que são mais aflitivas que a miséria, e a fome...

— Não se arrependa dessas pequenas revelações, se receia que eu as tome em sentido diverso do que elas são... Eu sei os seus desgostos.

— Bem pode ser... mas eu não conheço Vossa Senhoria, ou estarei esquecida...

— Decerto me não conhece... suposto que alguma vez nos encontramos...

— Onde?

— Em casa da sua mãe...

— Oh! meu Deus!... cuidei que ninguém se lembrava já da desgraçada mulher...

— Tantos anos há que isto foi!... A senhora Dona Emília teria então quinze anos... Foi há dez... A sua mana Antónia era uma menina que parecia ter pouca vida para este mundo...

— Infeliz!... Oxalá tivesse então morrido!... Viu-nos depois desse tempo?

— Raras vezes... A sua mana conheci-a bem perto desta casa... quase sua vizinha...

— É verdade... Não sei que fatalidade a trouxe para ao pé de nós... Era naquela casa de três andares... Viveu ali três anos; mas nem ela nos viu, nem nós a vimos a ela...

— Já lá não vive?

— Não, senhor. Há um ano que começou a punição da desgraçada...

— Sei o que quer dizer... O homem que, a tirou do colégio foi fuzilado...

— Deus se compadeça da sua alma... — E a mana? — No dia seguinte à morte desse homem, o senhorio da casa recebeu as chaves, e ordem de vender todos os objetos que se achassem dentro, e aplicar a importância em missas por alma do infeliz.

— E ela que destino tomou?

— Não sei, senhor. O meu marido cansou-se em procurar; mas, numa terra destas, vão lá saber onde se escondeu uma mulher obscura, por cuja falta ninguém dá!...

— Tem razão... já vejo que não há meio nenhum de saber...

— Onde ela está? Decerto, nenhum... Deus sabe se ela teve o fim da desgraçada mãe...

— Que fim teve a mãe?

— Dizem que se afogara...

— Deus permitiria que a sua mana não cometesse o ímpio crime do suicídio... Quem vende o que possui para remir as penas eternas do seu amante, decerto se não mata. A religião tem consolações para todas as amarguras. Ora

diga-me, não conhece criado ou criada que servisse sua mana, ou pessoa que a visitasse, enfim... alguém que vivesse em mais contacto com ela...

— Ninguém... Já disse a Vossa Senhoria que entre mim e a minha irmã, desde o momento em que ela deixou o colégio, nunca mais existiu o menor parentesco, nem a mais ligeira relação.

— Parece-me que a senhora Dona Emília foi demasiado severa com a sua irmã...

— Fui, e desta soberba tenho pedido perdão a Deus. Mas, senhor, a mulher casada é escrava do seu marido. O meu marido proibiu-me, e eu pensei que seria maior pecado a desobediência ao meu marido...

— Deus é que nos julga... Desculpe-me estas impertinentes perguntas. Aqui ficam as músicas que quero copiadas, e a paga... Suponho eu que será pouco mais ou menos isto.

E deixara um rolo de papéis com um cartuxo de dinheiro, que D. Emília abriu. Era cinquenta peças, que a deixaram trôpega, física e moralmente, até que o seu marido, por não

ter mais hipóteses a estabelecer, concluiu que se tratava de alguma restituição. Nas suas mil conjeturas, o honrado mestre de solfa imaginou que aquele desconhecido era o judeu Azarias Pereira.

Sebastião de Melo, apesar da sua vontade de ferro e dos seus vastos recursos, descoroçoara, vendo inúteis quantas diligências empregou para encontrar Antónia. Vivia mortificado. A comissão da penitente de Vidoedo não podia ser cumprida. Cada manhã, levantava-se com um novo plano de sindicância, e via cair a noite como um véu, cada vez mais espesso, sobre o segredo impenetrável.

Um dia, apresentou-se Sebastião de Melo em casa do intendente-geral da Polícia, perguntando-lhe se seria possível, por meio de indagações, alcançar esclarecimentos sobre a existência de uma mulher que, um ano antes, desaparecera, sem deixar vestígios do seu destino.

— Morreria — disse o intendente, metendo na boca, desenfadadamente, um rebuçado.

— É possível; mas deve existir nalguma paróquia o assento do óbito.

— Pois bem; nesse caso dirija-se ao vigário-geral, ou quem quer que é.

— Mas se não existir o assento? — Então não morreu. — Pode ter morrido... — Não sei como...

— Suicidando-se.

— Ah! é verdade! — disse o imbecil magistrado, com o regozijo de quem assistiu à resolução de um difícil problema.

— Nesse caso, se se suicidou, quem tiver devoção reze-lhe por alma.

— É justo; mas se pudéssemos obter a certeza do suicídio, ou pelo menos a probabilidade...

— Essa mulher era pessoa de bem?

— Não compreendo bem a pergunta...

— Se era senhora de nascimento...

— Quer dizer... fidalga?

— Sim, pessoa ilustre...

— Era filha de um dos Mascarenhas...

— Dos Mascarenhas? De Dom Teotónio, que morreu há coisa de doze anos?

— Justamente. — Essa pessoa posso-lhe eu dizer que não morreu.

— Deveras, senhor?!

— Deveras; pois eu estava agora aqui a zombar de vossa Excelência?!

— Onde vive? — Não sei... Eu lhe conto a razão porque lhe posso afiançar que essa senhora é viva, e ou pelo menos era-o, há dois meses, quando muito... Um dia apareceu-me aqui uma mulher gritando como uma endiabrada contra os malvados, que lhe tinham roubado a sua menina. Mandei-a calar, com pena de prisão; e a mulher, mais sossegada, explicou do seguinte modo a gritaria com que me atordoou. Disse que era a ama de leite que criara uma menina, filha do general Gervásio Faria, e de uma senhora, amante deste desventurado jacobino. Que o pai tinha perfilhado esta menina, na véspera de ser arcabuzado, e que uns homens encapotados, naturalmente para obstarem a que a criança sucedesse na herança do pai, lha tinham roubado para a

matarem. Com estes esclarecimentos assim vagos, eu nada podia fazer. Tomei o nome da mulher e a morada…

— Conserva esse apontamento?

— Conservo… ei-lo aqui no livro: “Rosa de Jesus, Praça das Flores, número dez.”

— Queira Vossa Excelência continuar.

— Tomei o nome da mãe. Quis saber a morada; mas a mulher não ma disse. Eu como não podia obrigá-la, deixei-a. Inquiri testemunhas. Todas disseram que tinham visto entrar, ao escurecer, uns encapotados em casa da tal Rosa, que ouviram uma menina gritar, que a ouviram a ela pedir socorro. Mas tudo isto, suposto fizesse prova, não era prova contra ninguém. Eis aqui o que posso dizer-lhe a tal respeito, e desculpe-me se o despeço, que estou aqui ocupadíssimo com certas denúncias a respeito de um tal Roberto Fajardo, Malas-Artes por alcunha, que dizem ter escrito uma sátira em verso contra a viscondessa de Jerumina, personagem muito querida da sua excelência o general Beresford.

Sebastião de Melo, grato à despedida, correu com o coração em saltos de alegria a casa de Rosa de Jesus. Felizmente era tudo verdade. A consternada ama contou minuciosamente a história do roubo. Acabou por implorar o valimento do desconhecido a favor dela e da inconsolável mãe.

— Deve viver muito amargurada essa infeliz menina!... — disse Melo.

— Ai, senhor! Conheceu-a?

— Conheci.

— Pois se a vir não a conhece. É mesmo uma coisa de fazer chorar as pedras. Tem a pele pegada aos ossos, e começam-lhe as brancas a aparecer. Caiu-lhe quase todo o cabelo, e sumiram-se-lhe as maçãs do rosto. Que pena ela faz a minha querida senhora!

— De que vive?

— Trabalha; pouco lhe basta para viver. Faz camisas de homem, e engoma. Sou eu que lhe arranjo as encomendas, porque ninguém deste mundo, a não ser eu, sobe as suas escadas para cima.

— Ninguém?

— Esta luz me falte, se eu minto, senhor. Oxalá que ela se não matasse assim, sem querer remédio, nem consolações. Acho-a a chorar, e a chorar a deixo. Desde que me roubaram a menina, que eu lhe levava todos os dias, desde que o malvado inglês lhe mandou matar o pai, desde então a pobrezinha está a encher dias. Qualquer dia vou encontrá-la morta.

— Se vossemecê lhe dissesse que há um homem que lhe promete procurar a filha viva ou morta, parece-lhe que ela se deixaria visitar por esse homem?

— Eu sei, senhor! Ela já não tem esperanças nenhumas, nem eu, a falar-lhe a verdade. E essa pessoa, que me diz, tem alguma certeza de encontrar a nossa menina?

— Certeza, não; tem vontade, e força, e dinheiro. Vencerá todas as dificuldades. Será capaz de arrancá-la dos braços de um gigante, se ela estiver viva; e, se estiver morta, punirá os assassinos.

— Pois então, deixe-me falar com ela primeiro.

— Quando?

— Hoje mesmo; daqui vou lá direita; à noite venha Vossa Senhoria aqui, e achará a resposta.

— Até à noite. Rosa de Jesus, quando tomava de sobre o toucador uma chave, viu dinheiro em ouro. A surpresa foi agradável e maravilhosa. Era mais um argumento que levava para reforçar a sua eloquência.

Sebastião de Melo, enquanto Rosa saboreava a impressão, chamava um gaiato, que corria atrás de um cavaleiro, e entrava com ele numa porta.

— Espera... Vês aquela mulher de capote cor de pinhão e lenço branco?

— Sim, meu fidalgo.

— Segue-a... e vê onde ela entra... Sabes ler?

— Os letreiros das ruas, e o número das portas, sei, fidalgo.

— Toma de cor a casa onde a vires entrar, e vem num pulo dizer-mo à Hospedaria Peninsular, Rua do Arsenal, número quarenta.

— Bem sei, meu senhor.

Meia hora depois, chegava o gaiato.

— Viste?

— Entrou na Rua do Carvalho, no Bairro Alto, número oitenta e sete. Abriu a porta...

— Abriu aporta?!... Tu enganas-te, ou me enganas.

— Raios me partam, cego eu seja dos olhos ambos, e nada me corra direito, se isto não é verdade. Eu pus-me à socapa dentro do portal do conde de Ficalho. A mulher chegou, e abriu a porta da rua, fechou-a logo que se engazofilou, e eu fui ver o número e pus-me na pireza...

— Estás bem certo que era na Rua do Carvalho, número oitenta e sete?

— Mesmo em frente do quintal do conde de Ficalho, à sua mão direita, indo para cima.

O gaiato saiu contentíssimo da comissão. Sebastião de Melo entrou numa sege, e parou a pequena distância da Rua das Flores. Foi à porta número dez, e estava fechada. Com pouca espera, chegou a Sra. Rosa de Jesus, entrou, e após ela o generoso remunerador do seu trabalho.

— Venho triste, meu senhor! Nada fiz...

— Porquê?

— Diz que na sua casa só entrará o padre que lhe levar a extrema-unção.

— Pois não há nada que a mova? Nem a esperança de encontrar sua filha?

— Chorou muito quando lhe disse isso, e respondeu-me: “Os meus inimigos mataram a filha... e querem matar a mãe... “ Teimei, disse-lhe que a vossa Excelência me deixara uma peça sobre a cómoda, e quando lho disse, então é que ela ficou de pedra e cal a dizer que não. “Os meus inimigos são ricos... Eu se tivesse algum amigo, seria pobre como eu.” Foi o que ela, por fim de eu batalhar quanto pude, me respondeu.

— E vossemecê não está resolvida a descobrir-me o segredo da residência dessa senhora?

— Sou pobre; quando Vossa Excelência me deixou, há bocadinho, este dinheiro, eu não tinha um tostão para a ceia; mas pode dar-me a riqueza do Quintela que eu não

sou capaz de lhe dizer onde mora a mãe da minha querida menina. Se quer o seu dinheiro, tome-o lá outra vez.

— Não quero, mulher. Folgo de a ver assim honrada. E, para que vossemecê conheça o valor que eu dou ao seu procedimento, receba esta pequena lembrança de um homem, que quis tentar a sua fidelidade, mas com a intenção de ser útil à sua desgraçada ama.

Rosa via-se senhora de um capital, que nunca reunira nas suas mãos. Durante a noite, em que não pode serenar o sangue, e cerrar os olhos, fantasiou tudo que podia fazer-se com vinte moedas, e acabou por planizar uma lojinha de capela com estanco, da qual, sem Antónia saber, tiraria meios para suavizar-lhe o trabalho de costureira obscura, sempre mal paga.

Sebastião de Melo entrava na Rua do Carvalho, alta noite, e batia a uma porta fronteira ao muro do quintal do conde de Ficalho.

— Quem é? — perguntou uma voz de um terceiro andar.

— Aqui é que mora o senhor André Teixeira?

— Nada, não é.

— Pois o número desta casa não é oitenta e sete?

— Não. O número desta casa é oitenta e nove. Astuciosa maneira de decifrar números de portas, em plenas trevas.

— Muito obrigado.

— Mas no número oitenta e sete — disse a mesma voz — não mora nenhum André.

— Penso que mora — disse Melo, ansioso por terminar o diálogo. — Veio esta noite para cá... Boas noites.

— Só se for isso... Até aqui vinha uma mulher de capote e lenço, abria, fechava a porta, e saía logo.

— Boas noites, muito obrigado. A maldita curiosidade, apesar do frio, conteve na janela a informadora importuna do improvisado André. Sebastião de Melo, receoso de que a sua paragem silenciosa àquela porta fosse suspeita, retirou-se, e voltou, quando a janela do número oitenta e nove se fechou, com grande pesar e confiança da dona da casa.

Bem cingido com a porta, Melo demorou-se alguns minutos insculpindo em pasta de cera o orifício da

fechadura. Passou depois para em frente, e fixou os olhos no único andar daquela casa.

Deu meia-noite. Há meia hora que o encapotado, preso nem ele sabia a que pensamentos vagos, se achava aí, esperando nem ele sabia o quê.

Minutos depois, viu uma como cintila de luz por entre a juntura das portadas interiores da janela de peitoril. O seu coração estremeceu. É que todas as comoções que então lhe agitavam a alma com um excesso de vida estavam presas, eram a continuação daquela noite da ermida de Vidoedo. Naquela casa estava a filha da penitente, cheia de poesia fúnebre, poesia que a sua irmã não tinha, porque vivia uma vida trivial, um misto de misérias e gozos, como o resto do género humano.

Naquela pobre casa estava uma mulher de vinte e cinco anos, símbolo de desgraças recônditas, e a setenta léguas, com as faces numa pedra, e os membros açoitados pela neve, àquelas horas, a mãe dessa mulher pedia a Deus que a não deixasse expirar sem beber, convertidas em fel, as lágrimas de desonra, que uma das suas vítimas derramava.

Soara uma hora. A faísca de luz desaparecera; e pouco depois aquela janela foi aberta. No canto escuro em que se escondera, Sebastião de Melo não podia ser visto, e divisava um vulto em pé, e ouviu uns sons de quem aspira um sorvo de ar. Pareciam suspiros mal reprimidos, ou soluços de quem procura deli-los em lágrimas.

Melo sentia-se febrilmente excitado. As mais fortes organizações têm debilidades infantis. O confidente de Anacleta não podia sustar os ímpetos que o animavam a dirigir àquela mulher uma palavra. A luz brilhou em todo o seu fulgor, um momento, por uma fenda aberta nas nuvens. Melo viu a face daquela mulher como à luz de um relâmpago. Era alabastro dos túmulos, a cabeça de um anjo procurando no céu uma alma. O coração e o génio afoitaram-lhe o temor. Um novo clarão da lua, mostrou Antónia com as mãos erguidas. Melo, sem mover-se, murmurou em voz, que denunciava comoção e lágrimas:

— Antónia! Essas orações são ouvidas no céu.

— Oh! meu Deus — balbuciou a filha de D. Teotónio, recuando, como para fechar a janela.

Melo pressentiu, pelo coração, este movimento, e disse:

— Não fuja, senhora! A desgraça é tímida, mas Deus não quer que desprezemos a voz amiga, que nos manda orar, Antónia!

— Não conheço a voz que me chama — disse ela a tremer, sentindo-se presa por forças superiores àquela janela.

— Se a não conhece, escute-a, que é a voz de um amigo... Falava com a sua filha?

— Sim, sim com a minha filha... Morreu?

— Há um homem que pede a Deus a força, a energia, e o poder do milagre para entregar viva ou morta essa filha a sua mãe.

— Senhor, quem quer que seja, eu regarei os seus pés com lágrimas de gratidão.

— Mas esse homem tem mais deveres a cumprir, Amónia.

— É meu parente, ou amigo, senhor?

— Amigo...

— Conheço-o?

— Poderia conhecer-me. já uma vez lhe disse, no salão da sua mãe: “A sua vida é triste como o pressentimento de morte próxima?.”

— Ah!... Nunca me esqueceram essas palavras... Lembra-me quem mas disse... Era um cavalheiro muito pálido, que nunca mais tomei a ver... E essa pessoa... é...

— Sou eu, Antónia. Se me vir à luz do dia, talvez me não conheça; mas sou eu.

— Mas esse sujeito nessa mesma noite, deu-me...

— Uma rosa branca... e disse-lhe: “É como o coração da mulher triste, quando a rodeiam as alegrias das almas superficiais. Esta flor vivia mais no seu pobre jardim. A mulher de coração, fechada entre as quatro paredes do seu quarto, sentiria prazeres que não são como estes que se mascaram nos salões.”

— Sim, sim, foram essas palavras! Oh! senhor, que espírito o conduz aqui, depois de dez anos?

— O espírito da sua mãe.

— De minha mãe... Por Deus, que me faz tremer de medo!... Senhor, eu sou fraca, e estou sozinha... Não me diga que a minha mãe veio a este mundo falar na desgraçada filha de Teotónio de Mascarenhas...

— Compreendo a ideia que prendeu ao nome do seu pai, Antónia... Se quis ferir a memória da sua mãe, peça-lhe perdão.

— Não quis... não... pela minha salvação... não quis... Eu tremo... Não poderei ouvi — lo... muito tempo ...

— Recolha-se, Antónia. Às dez horas da manhã hei de encontrar aberta para mim esta porta fechada para todos. Se a encontrar fechada, abri-la-ei. Um homem, encarregado de uma comissão, que prende os mortos aos vivos, vence todas as resistências... Antónia, ouviu-me?

— Ouvi ... mas é impossível... Só ao meio-dia é que a minha porta se abre ... eu não tenho a chave...

— Até às dez horas. Foram as últimas palavras. Fascinada pela soberania do homem, pelas reminiscências daquele tipo que se lhe gravara no espírito, e pelo terror imperioso com que a mandava obedecer, Antónia não sabia, nem

podia resistir. A noite passou-a num trémulo de susto. A cada ruído, escondia a cabeça, para não ver, ou para ver mais pronunciado o fantasma da sua mãe. Orou muito, porque o medo seca as lágrimas. Ansiou a luz da manhã, e sentiu-se tanto mais apertada da alma, quanto as dez horas se aproximavam.

Ao romper do dia, Sebastião de Melo entrava ria fábrica de um serralheiro, e esperava que se lhe fizesse uma chave pelo molde aberto em cera.

Às dez horas em ponto, abria a porta número oitenta e sete, subia, e, encontrava uma senhora, que tremia, abrindo a porta da única saleta.

— Conhece nestas feições algum traço do antigo homem? — perguntou Melo, sorrindo.

— Quase... todas... — disse Antónia, violentando as palavras, que lhe não passavam do seio arquejante.

— Então... enganei-me... ainda bem, que não pode duvidar da pessoa. Passou uma triste noite, não é assim?

— Devia passá-la...

— Será a última das mais tristes da sua vida.

— A última se Deus o permitisse...

— Crê em Deus?

— Oh! que muito mais desgraçada eu seria, se não acreditasse!...

— Crê na virtude?

— Meu Deus!...

— Porque chora, Antónia!?

— Se eu fosse virtuosa, não...

— Não chorava assim? Chorava... Essas lágrimas o que são, senão a virtude? Filha, a tranquilidade que por aí vê nas existências, que o mundo chama virtuosas, é tabuleta de uma barata virtude, sem sacrifícios, sem desalentos, sem pelejas, nem triunfos. A virtude é a flor regada com lágrimas, e colhida entre os espinhos, com os dedos a escorrerem sangue. Outra pergunta, Antónia... Quer ser senhora das suas ações, ou obedece a quem lhe disser: “Em nome de Deus, e da virtude quero dominar-te?”

— Obedeço...

— Sem vontade própria...

— Sim, sem vontade própria, porque em nome de Deus, e da virtude, ninguém quererá aumentar os meus infortúnios.

— Bem. Hoje às quatro horas da tarde deixará esta casa.

— Oh! senhor! por piedade!... diga-me se devo abandonar-me assim a uma pessoa quase estranha... Jesus!... tenho a cabeça tão confusa, nem sei o que devo pedir-lhe.

— Peça-me que a venha buscar às quatro horas da tarde...

— Obedeço, senhor, obedeço...

— Bem. Depois da obediência, segue-se a consulta. Até aqui mandou o pai, agora consulta o amigo. Quer entrar num convento como secular?

— Oh! meu Deus! num convento!... já vejo que é o meu anjo salvador... Oh! sim! sim! seja neste momento — disse ela, ajoelhando.

— Não pode ser já. Às quatro horas da tarde. Levante-se, filha... Antes disso é preciso fazermos uma convenção... Antónia, desde este instante, será conhecida como minha

irmã. Se lhe perguntarem o seu passado, diga que não tem nenhum; se lhe perguntarem o meu, diga que sou um homem que tem o coração fechado para todo o mundo. Compreende, minha irmã?

— Sim... eu farei que ninguém me pergunte nada da minha vida... O silêncio, e a oração...

— O silêncio e a oração... é o alimento do espírito; mas a matéria precisa respirar. Nos conventos não se procuram grutas de Tebaida. Está-se mais perto do altar, mas não se voltam as costas ao mundo. já lhe disse... sem sacrifícios todas as virtudes são fáceis... É necessário que saiba as misérias da terra, para elevar com mais fervor as suas súplicas a Deus. Os bons pedem pelos maus; e os maus, com os seus crimes e as suas expiações, são a melhor escola dos bons. Antónia, até às quatro horas...

Melo fez voar o seu cavalo a S. Vicente de Fora. À custa de algum ouro com que as resistências eclesiásticas se vencem, desde Roma até ao presbitério rural mais obscuro, o generoso fidalgo fez passar uma licença de entrada de D. Antónia de Mascarenhas no Mosteiro da Encarnação.

Dali, partiu ao convento, onde lançou nos avultados cofres da casa o preço de uma cela, e as mesadas de um ano, que deviam ser entregues pela prelada à secular. Pouco depois, entravam os móveis da cela de D. Antónia, e Rosa de Jesus, que devia surpreendê-la como criada.

E às quatro horas parava uma carruagem na casa da Rua do Carvalho, número oitenta e sete, donde, com grande espanto, as vizinhas viram sair aquela senhora, que muitas, mais jocosas, disseram ser uma defunta em pé. A do terceiro andar, número oitenta e nove, essa gastou duas horas de animada tagarelice, contando, com grandes flores de mentirosa retórica, a história de André Teixeira, no que deu muito que pensar desde a Rua do Carvalho até ao Cunhal das Bolas.

As que diziam que D. Antónia parecia uma defunta em pé, não iam mal na comparação. Aos vinte e cinco anos, pareciam incríveis semelhantes estragos num rosto em que a arte não encontrava uma linha de juventude.

Na sua linguagem desflorida, mas rudemente expressiva, Rosa de Jesus dera da sua ama um fiel retrato a Sebastião de Melo. Raros cabelos, e alguns já brancos, se lhe

enrolavam em dois pequenos anéis nas fontes, como para deixarem bem visíveis as rugas profundas, que se cruzavam na testa. A vista era baça, e o colorido da pupila pálida como a luz embaciada pelos raios do Sol. O lenço preto, aconchegado ao pescoço, não disfarçava os relevos da magreza. O vestido negro era como a mortalha, em que alvejavam as mãos afiladas e amarelas.. Sebastião de Melo sentiu, ao dar-lhe a mão para a carruagem, o contacto de um morto. Aquela mão era de gelo... Se não fosse a convulsão, dir-se-ia que o sangue se tomara naquelas veias, ou aquela mulher se levantava de um túmulo como a filha da viúva de Naim, ressuscitada por Cristo.

Antónia entrou no convento. Achou-se rodeada de carinhosas senhoras, que perguntavam umas às outras se aquele mosteiro seria cemitério.

Recolhida à sua cela, encontrou a sua amiga, confidente única das suas lágrimas, a ama da sua filha, que devia morrer, um ano depois com o segredo da sua ama. Achou senão opulência, tudo que era grato ao coração de uma mulher, que ambicionava morrer, esperando sempre sua

filha, e receava que a fome a surpreendesse, sem poder granjear com a agulha um bocado de pão reparador.

Ei-la, pois, a irmã de padre Dinis, a íntima confidente dos segredos de Ângela de Lima, a segunda mãe do filho da condessa de Santa Bárbara.

Agora, se a leitora não repara do tratamento que se deu a D. Emília, moradora na Praça da Alegria, voltemos ao capítulo em que a deixamos resignada com as austeridades do copista de música, acerca de uma carruagem, que parou em frente de uma casa próxima, quinze anos depois que Sebastião de Melo lhe deixara cinquenta peças, que o seu marido contava todos os meses, e reservava como garantia de uma sossegada velhice.

# CAPÍTULO II

Suposto que a esposa resignada do Sr. Joaquim dos Reis não desse ao seu marido uma razão justificativa da sua curiosidade, a razão era de certo modo plausível. A casa a cuja porta parara a carruagem, era justamente a mesma em que, dezasseis anos antes, vivera sua irmã Antónia. Como ela, havia ali uma mulher misteriosa; como aquela carruagem, parara ali muitas vezes a do general Gervásio Faria. Estas coincidências, em que a razão nada vê maravilhoso, impressionavam o espírito de D. Emília, que fora toda a sua vida supersticiosa; e, dos quarenta anos em diante, enfadonha em ver coisas sobrenaturais naquilo que para seu marido era positivo como um tempo quaternário, e o valor de dezasseis semifusas.

Quem saltou da carruagem foi Alberto de Magalhães, filho de D. João VI, espião de D. Pedro, cavalheiro da

indústria, contrabandista, negreiro, corsário, enfim tudo o que a boa sociedade de Lisboa queria que ele fosse.

Alberto era esperado no último degrau da escada do primeiro andar por uma mulher de rara beleza, com um sorriso de enlouquecer, e um beijo à flor do sorriso, que acenderia o calor da vida nos lábios de um morto.

Cingindo o braço com a cintura de Alberto, a jovem feiticeira deixava-se ir languidamente quebrada sobre o ombro do cavalheiro, como quem se deixa ir abandonada à mercê de uma estranha vontade.

Alberto sentou-se numa preguiceira de almofadas de damasco carmesim. As espirais inquietas dos curtos cabelos da viçosa jovem tocavam-lhe como plumas na face, enquanto nos seus olhos abrasados de não sei que lume, sentia o contacto suavíssimo de acetinadas pestanas.

— Amas-me muito, Eugénia?

— Se te amo, Alberto! Nem eu sei se isto é amor... O que eu queria era morrer por ti!... Olha como é isto que eu sinto!... Será uma extravagância?

— Eu quero que vivas, e vivas sem saudade...

— Saudades de quê, ou de quem?

— Pois deveras estás esquecida, inteiramente esquecida daquele homem?

— Alberto, é impossível que me faças tal pergunta para me experimentares... Tu bem sabes o que eu podia sentir por ele... O amor de uma escrava... nunca é amor...

— Escrava não o foste, Eugénia... Esse homem amava-te, queria-te ao seu lado; e, se a morte não o surpreendesse, serias sempre a rainha daquele coração, e escrava nunca.

— Escrava, sim. Pois não vês que me deixava uma esmola como preço da minha servidão?

— Não era esmola; era o preço do que ele julgou que faria a tua felicidade...

— Um convento?! Deixa-me rir sem vontade, Alberto... Um convento para mim que tenha dezassete anos, e o coração com todo este amor, que só tu... só a ti... por ti, meu querido, eu devia sentir... E... não te ris, Alberto? O conde, tanto me supunha sua escrava, que depois de dar as suas ordens a respeito do meu corpo, estabelecia as missas

que se diriam pela minha alma... Forte pieguice teve aquele pobre homem, que fanatizaram em Santarém!...

— Tu nunca tiveste por ele interesse do coração?

— Nenhum. Eu tinha dez anos quando vim para aquela casa, como criada grave da condessa. Esta senhora, a quem não desejo mal nenhum, tratava-me bem, e achava prazer em me ter consigo no quarto, donde nunca saía, a não ser para o coro da capela, em dias santificados. Quando cheguei à idade de agradar, encontrei muitas afabilidades no conde, que era pouco propenso a carinhos. Lá me admirou tanta meiguice; mas, só no momento de ser violentada, sem eu saber que género de violência se me fazia, é que eu conheci que era uma criança de treze anos, obrigada a ceder às paixões, sem alma, do dono da casa. O conde para me galardoar a escravidão, que eu, deixa-me assim dizer, estupidamente aceitei, não se escondia da condessa. Pelo contrário, fazia gala da imoralidade, e mandava-me olhar com soberania a pobre senhora. Eu não o faria nunca, se a condessa me não lançasse com um empurrão fora do seu quarto, uma vez que eu começava a contar-lhe a história da violência, para pedir-lhe perdão, e

fugir daquela casa. Eu tinha mau génio, e orgulho, não sei porquê... Desde esse dia, tratei-a mal, mas nem por isso senti o que era amor!... Amor! Ai, Alberto!... amor é isto que eu sinto por ti!... O que eu tinha por ele, nem sombras era do que se passa no meu coração... Se a ternura e a paixão é isto, que me deves, querido, o que eu sentia por ele era ódio...

E colava os lábios sofregamente aos dele, fazendo-lhe sentir os saltos do coração, e os estremecimentos nervosos do braço nu em redor do pescoço.

— Mas, olha, Eugénia, não me disseste ainda como foi a tua retirada de Santarém...

— Ai! não? Eu ta digo... É uma coisa muito natural... Eu estava à cabeceira do conde, porque só eu lhe fazia beber os remédios... Nisto entrou um padre e um escrivão. O padre lançou-me uns olhos que pareciam cegar-me os meus... Não sei o que vi naquela cara, que me não causava aborrecimento, mas terror sim. Nunca me há de esquecer aquele homem!...

Além disto, o escrivão começou a falar em citações, e tribunais, e trapalhadas que me fizeram pensar que se tratava de prender o conde, e a mim também, à ordem da condessa de Santa Bárbara. Retirei-me para o meu quarto, e estava conjeturando o que devia fazer, quando a dona da hospedaria, que me pareceu uma boa mulher, veio ter comigo, e me disse que o melhor era eu retirar-me, porque desconfiava que se me estavam preparando alguns trabalhos. já te disse que não sentia apego nenhum àquele homem... Acompanhava-o, não sei porquê... porque ele era meu amo, e me disse “vem!” Ora aí está... e então que fiz eu? O que faria qualquer mulher na minha situação. Mandei preparar duas carruagens. Numa fiz pôr os meus baús; na outra umas andilhas; saltei para cima com o melhor sangue-frio, e disse adeus cá de longe ao senhor conde de Santa Bárbara, que finalmente era tão boa pessoa, que me deixou uns cruzados novos com a condição de eu me meter como criada de freira, na água-furtada de uma cela!... Deus nos livre de beatos à última hora! Seria o tal padre que lhe meteu esta na cabeça? O homem, por mais que me digam, estava a delirar com febre... Sabes o que eu disse ao tal padre, quando há tempos o encontrei?

— Não.

— Que viesse a minha casa.

— Para quê?

— Quero mostrar-lhe os meus rosários de contas, a minha touca de criada de freira, os meus relicários e bentinhos... enfim quero-me rir, se não tiver medo dos olhos dele.

— Não fizeste bem...

— Porquê?

— Aquele homem não é um homem como eu e como os outros.

— Isso é que eu não sabia!... Então que tem de mais ou de menos?!

— Tem de menos as fraquezas dos outros homens, e tem de mais o poder de subjugar debaixo de um pé as suas paixões alheias. Sonda o insondável, derruba o que é inabalável, e não sabe o que são impossíveis.

— Estás a brincar comigo? Não tenhas ciúmes... Ele é velho...

— Então sempre queres recebê-lo?

— Como tu quiseres...

— Recebe; mas em mim não lhe fales...

— Pois sim. Mas ele sabe que eu sou tua?

— Deve saber, porque, ele sabe tudo.

— Tudo?

— Creio que tudo.

— Hei de fazer-lhe uma pergunta, que te vai deixar mentiroso, meu Albertinho.

— O quê?

— Hei de perguntar-lhe de quem sou filha.

— Pois tu não sabes?

— Eu não. Disse-me o conde que eu era enjeitada... Se ele me dissesse quem eram meus pais, então sim!... se me mandasse atirar dos Arcos das Águas Livres, atirava-me. — Isso poderá ele não o saber, porque o crime tem segredos que a virtude não sabe descortinar...

— Ah! fala-me assim. O tal padre sabe o que todo o mundo pode saber com trabalho, e com finura. Aposto que ele não sabe que eu te dou agora dois, três, quatro, cinco, seis beijos? Aposto outros seis, queres?

— Falemos de outra coisa, Eugénia. Então que me querias pedir ontem?

— Quando?

— Não me disseste que tinhas uma coisa a pedir-me?

— Disse; mas por agora não tenho a precisa segurança no teu amor para me atrever...

— Se é um atrevimento, nesse caso dispensas-me de ouvi-lo, não é verdade?

— Não é atrevimento... é ciúme...

— Ciúme!... Cedo começas, minha gentil egoísta...

— Achas cedo? E eu parece-me, pelo muito que te quero, que nos conhecemos em outro mundo antes deste...

— Leste as novelas de Harlincourt?

— Não sei se li.

— Parece--me que é de lá esse galanteio...

— Zombas de mim? — disse Eugénia com duas lágrimas buliçosas nas longas pestanas.

— Não, filha... era um gracejo de mau gosto... não sabes? Comprei-te uma sege, e dois cavalos negros, da cor dos teus cabelos. Vais ter uma sege às tuas ordens... e dois lacaios ingleses com polaina de anta cor de flor de alecrim... Não gostas?

— Não; o que eu queria era o teu amor.

— E que mais?

— A tua presença sempre aqui... Desejava viver contigo no campo, sozinhos, e um jardim, um bosque, e uma fontinha, e muitas árvores, e um lago com um barquinho. Queria viver no teu quiosque, onde te vi, pela primeira vez, e me perdi de amores por ti.

— De amores!... Foi uma impressão mortal, pelo que vejo! — Não me crês?

— Custa-me.

— Então... deixa-me! E Eugénia levantou-se amuada, e foi sentar-se ao piano, onde corria a escala que aprendera em três lições.

Alberto, que não era todo espírito, nem todo matéria, reconciliou-se com um beijo furtado. A galante criatura voltou o colo de águia, como a pomba ao arrolar do companheiro, e esqueceu o momentâneo pesar.

Amava-o ela? Sim, desse amor capaz de todas as virtudes e de todos os crimes.

— E então... Alberto... ouves o meu pedido?

— Ouço... que queres?

— Não vás a Odivelas.

— Porquê?

— Tu amas ali uma mulher.

— Quem é?

— Não sei, nem quero saber... parece-me que lhe dava um tiro... Mas não a ames, Alberto! Será mais bela, mais carinhosa, será fidalga, mas não sente como eu... Se me

abandonasses... Alberto, tu meditas? Sempre é verdade que amas outra, ingrato?

— Não.

— Então vai... eu acredito-te... vai... mas, repara bem, quando me chegar ao coração a punhalada da certeza, achas-me morta, se me procurares...

— Eugénia! Tu serás um anjo?

— Faz que eu o pareça para todo o mundo... O meu coração começa hoje a amar e a sofrer... Se vês, que, pelo passado, não valho tanto aos teus olhos... desculpa-me, e regenera-me...

— Espantas-me, Eugénia!

— Que é que te espanta em mim?

— Aos dezassete anos, parece que aprendeste no mundo toda a eloquência das paixões práticas, ou das teorias do cálculo... Não descores, Eugénia! Eu preciso de ter contigo estes desabafos... A suspeita é um demónio que entra no coração, e abafa o anjo da boa-fé. Estes estudos na tua alma são-me necessários. Perto dos quarenta anos, venho

achar em ti um tipo novo! Tens um grande coração, e uma grande inteligência, Eugénia! Na tua idade não se finge assim!... Eu supunha-te uma bonita mulher, e mais nada. Agora, olho para a tua cara, e vejo aí a profecia de um destino superior! Ouvi-te primeiro com indiferença, depois com admiração, e, por fim... fazes-me supersticioso! Se fosses soberba de opulências, podias subjugar os corações como um anjo, e esmagá-los como um demónio. Que ideia fazes tu de ti, Eugénia?

— Não sei!... Essa maneira de me falares é nova para mim, Alberto!... Desconheço-te... Queria mais carinhos nessas palavras... Acho-as frias e fortes de mais para uma mulher que não sabe senão amar...

— Quero habituar-te a esta linguagem. O teu génio conspira contra tudo que é trivial... Não podes ser uma mulher vulgar, Eugénia... Vou educar-te...

— Educar-me? Tens essa paciência?

— Tudo que fores, hás de devê-lo a ti. Quero que sejas uma mulher, como conheci algumas em França, e não conheço duas em Portugal. O teu coração alimenta-se de

amor; mas o teu espírito precisa de um manjar que o amor não dá. Quero-te instruída, ilustrada, enriquecida de tudo que pode saber-se, e compreender-se... Aceitas?

— Se aceito! Não vês que sou uma rapariga que apenas sei ler, e nem tudo que leio entendo! E serás meu mestre?

— O teu guia na ciência das pessoas. A ciência das coisas hás de aprendê-la nos livros.

— Pois sim... tudo que quiseres, contanto que tudo que eu possa saber, há de converter-se em felicidade nossa; quando não, quero tudo ignorar... Basta-me saber que devo viver e morrer, amando-te...

Soara a campainha.

— É o mestre de música — disse Eugénia — , não vás sem veres os meus progressos... Esta vaidade é uma ironia, Alberto! Eu creio que tenho a cabeça fechada para a perceção da música, como as cabeças destas desengraçadas colcheias.

# CAPÍTULO III

Quem aproximou Alberto de Magalhães da favorita do conde de Santa Bárbara?

Foi o acaso. Quando Eugénia voltara de Santarém, debruçava-se negligentemente Alberto de Magalhães no peitoril do seu quiosque, sobranceiro à estrada, no Beato António. A foragida rival de Ângela de Lima vinha triste. A simpatia prendia os olhos naquele rosto angélico, em que o viço desbotado era a morbidez da flor colhida em hora de calor, e desbotada pelos ardores da sesta. Alberto, desde que o vulto se desenhara, sem que as feições se destacassem, pressentiu uma mulher bela. De longe a vinha chamando com os olhos, ávidos de um raio daqueles que se pasciam indiferentes pelas agrestes margens do Tejo. A poucos passos do quiosque, a passageira, fixando um homem estranho, corou surpreendida; mas não pôde, se

muito quis, deixar sem recompensas a vista fascinadora que a mandava imperiosamente olhar.

Alberto era um belo homem, se é belo um homem que não tem na cara o rosado feminil e o olhar sonolento das mulheres que se reclinam sobre estofos, como enfastiadas de um baile e de um amante de quatro meses importunos... Se a beleza é isto, o amigo do antigo cigano era um homem feio. O nariz nem grego nem romano, era um nariz cosmopolita, majestoso em toda a parte, e quase sempre o preferido nas fisionomias fantásticas dos inventores de tipos extraordinários. O bigode negro e desalinhado, pouco se destacava da cútis pálida, se a cor de chumbo também pode, sem agravo à arte, chamar-se palidez.

Gostariam de um homem assim? Eugénia, sentiu, ao vê-lo uma opressão, um temor, uma ânsia, uma... como lhe chamam os fisiologistas do sentimento?... Uma paixão. É isto possível? É. Estas emoções recebem-se. Alimentadas por minutos, decidem de toda a vida de certas organizações; desprezadas, ou não correspondidas, como felizmente sucede quase sempre, poucos dias bastam, se não são horas, para o completo esquecimento.

Eugénia olhou, e seguiu o seu caminho, mas o coração ficava-lhe ali. Alberto desapareceu, e num instante, esporeava o cavalo quase a par com ela. Eugénia já não era a mesma. Tremia, e não ousava olhar. O cavaleiro não descoroçoava como qualquer noviço em semelhantes profissões.

— Dá-me a honra de acompanhá-la — disse ele com o chapéu descido até ao joelho.

— Terei muito prazer com tão boa companhia — disse Eugénia, com uma espécie de forçado desembaraço, capaz de fazer benzer uma senhora de província, que, há vinte anos, viajasse por aqueles sítios?

— Vai para Lisboa?

— Para Lisboa.

— E de cá?

— Sim, senhor.

— Vem dos ares do campo?

— Venho... — disse ela sorrindo — , mas não venho de fazer o que é costume dizer-se “ir a ares”. Venho de

Santarém.

— Dá-me licença que lhe faça algumas perguntas?... Se forem indiscretas, não me responda... É solteira?

— Solteira.

— Absolutamente livre?

— O mais que posso ser.

— Não tem família?

— Nenhuma.

— Mas deve ter uma qualquer posição...

— Tenho sido criada numa casa.

— Criada!... E é feliz?

— Menos do que é costume ser-se na minha condição.

— Trocaria de boa vontade essa condição?

— Por qual?

— Se amasse... se achasse uma imprevista felicidade.

— Se fosse uma felicidade, abraçava-a.

— Quereria encontrar um homem que a prendesse à felicidade pelo coração?

— Queria: mas eu não posso ser amada.

— Porquê? Eugénia não respondeu?

— Onde se recolhe em Lisboa?

— Por alguns momentos em casa do conde de Santa Bárbara...

— Do conde de Santa Bárbara?! Esse homem não está em Santarém?

— Ficou lá.

— Eu conheço-a... A menina não é uma simples criada do conde de Santa Bárbara. Eugénia corou, e desceu os olhos de repente.

— Desculpe-me... uma outra pergunta: é Eugénia?

— Sou Eugénia.

— Não tenho pergunta nenhuma a fazer-lhe... já vê que sei o segredo da sua vida. Ama esse homem?

— É impossível... não há forçado nenhum que ame as galés. Alberto maravilhou-se. Era necessário encontrar destas respostas em lábios de dezassete anos, para sair da apatia moral, em que o paralisara o cansaço.

— Eugénia... Olhe para mim... Acha-me um homem repulsivo?

— Não é possível...

— Se me tivesse encontrado numa situação em que eu lhe dissesse que a adorava, e que me seguisse... que faria?

— Pedia-lhe que me não fizesse mais infeliz do que sou...

— E com o pressentimento de que encontrara um homem digno da sua alma?

— Tinha orgulho de ser desgraçada.

— Eugénia! A nossa conversa tem sido extraordinária... Seja-o até ao fim... Quer seguir-me?

— Sigo... e sigo-o, sem pensar... Há de proteger-me? — Como se protege uma filha. Tem que fazer em casa do conde de Santa Bárbara?

— Tirar uns baús que me pertencem.

— São coisas que estime pelo coração?

— Não é nada... são vestidos.

— Deixe-os... Siga-me como seguiria um seu irmão... Pouco depois, Eugénia entrava em casa de Alberto de Magalhães. Quando se viu sozinha num vasto salão, apertou as mãos na cabeça, e murmurou:

— Ou isto é um sonho, ou eu estou doida!... Que é o que se tem passado, há uma hora, na minha vida?...

Alberto entrava. Sentou-se num sofá, e conversou duas horas com Eugénia, como conversaria com uma filha.

Dois meses depois, na Praça da Alegria, parece que era outro o parentesco; mas o coração de ambos, contra as leis químicas destas reações, aumentara no calórico, o que, naturalmente, diminuíra na pureza.

# CAPÍTULO IV

Recuemos, que é necessário. Desde o momento em que D. Antónia de Mascarenhas entrara no Convento da Encarnação, Sebastião de Melo empregara quantos esforços o coração lhe sugerira para encontrar a criança, aos três anos, arrancada dos braços de Rosa de Jesus. Baldadas diligências. Os parentes de Gervásio Faria pareciam estranhos a esse atentado, e procuraram iludir as suspeitas de Melo, auxiliando-o astuciosamente nas suas averiguações.

Perdidas as esperanças para Antónia, o carácter enérgico do apaixonado amante de Francisca Valadares não as perdera. A tremenda crise porque sua alma estava passando, numa paixão infeliz, apurava-lhe a sensibilidade, e inspirava-lhe todos os desvelos em suavizar o infortúnio alheio.

Da vida deste homem, largamente decifrada no Livro Negro, apenas trasladamos as páginas, que são o núcleo, o enredo deste longo drama de infortúnios. É fora do nosso plano, historiar vagarosamente a paixão fatal, que o fez padre, que Adelaide, a freira de Santa Apolónia, contou por alto à sua amiga Ângela, em Odivelas.

É certo, porém, que Sebastião de Melo, na sua volta a Portugal, em fins de 1817, fortaleceu esses vínculos de amor que o prenderam a um túmulo. No ano seguinte morreu Francisca Valadares, e alguns meses depois Sebastião de Melo era padre Dinis Ramalho e Sousa. Nesse mesmo ano, entrou na Encarnação a filha do marquês de Montezelos. Passados três dias o padre entra na Quinta das Alcáçovas com o traje de cigano, para salvar o filho de Ângela de Lima; e, contudo, nalguma parte padre Dinis apareceu como Sebastião de Melo, a profetizar um desgraçado futuro ao conde de Santa Bárbara.

Estas prodigiosas metamorfoses, que, a não serem explicadas, perturbariam a cronologia dos factos, são cabalmente deduzidas, e rigorosamente certificadas no

Livro Negro, que se acha já publicado na sua maior extensão...

Antes, porém de acompanharmos o desenvolvimento das cenas que se representam em 1832, sigamos padre Dinis na sua jornada à província de Trás-os-Montes em Março de 1819.

Onde vai este homem que se despediu por alguns dias do túmulo da religiosa de Santa Apolónia? Vai a Vidoedo. Vai dar conta da sua missão à penitente, que talvez já durma, cansada, ao fim de nove anos de martírio, o sono eterno, debaixo da pedra que ela lhe apontara...

— Estamos perto de Vidoedo? — perguntou o padre ao guia que levara de Cabeceiras de Basto.

— Meia légua, senhor. Do picoto daquela serra já se vê o povo.

— Já aqui vieste alguma vez, amigo?

— Vim, sim senhor, com a minha mãe, consultar a santa. É a troco dela que vossemecê cá vem, pois não é?

— Ora diz-me, a respeito de que doença vieste com a tua mãe consultar a santa?

— Por causa da minha companheira, que tinha o mafarrico no corpo, Deus me perdoe.

— E que vos disse a santa?

— A santa mandou-nos falar com o cirurgião, que era o mestre da saúde do corpo; e, se o cirurgião lhe não desse cura, disse-nos que falássemos com um padre, que é o mestre da saúde da alma.

— E depois?

— Mandou-nos embora, e não quis pegar em nada que lhe dávamos.

— Então porque é que lhe chamam santa?

— Isso agora é que eu não posso dizer a vossemecê. Ela não cura o espírito ruim, ela não é benzedeira, ela não cita as almas, ela não desmancha feitiços, nem corta a bicha, nem levanta a espinhela, a falar-lhe a verdade, não sei porque lhe chamam santa. Quem nos cá mandou foi a fidalga do Arco. Pelos modos, a fidalga teve os seus

desgostos, e veio ter com a santa de Vidoedo, e contou-lhe lá não sei quê, que a trazia muito mal do coração por causa do fidalgo do Outeiro, que lhe devia... Enfim, cala-te boca... O caso é, meu amiguinho, saberá vossemecê que a fidalga veio cá, e quando tornou para a terra pouco tardou que o fidalgo não casasse com ela. Todos disseram que foi feitiço, e a minha mãe, foi onde ela, que é nossa senhoria de uns bens que lhe arrendámos, e contou-lhe a história da minha Maria. A fidalga, ouviu, ouviu, e afinal de contas disse a minha mãe: “Ana, vá você a Vidoedo, e procure uma mulher que está quase sempre no coberto da capela; conte-lhe os padecimentos da sua nora, e faça o que ela lhe disser. “ Ora vossemecê já sabe o que se passou. O cirurgião disse que não curava borracheiras, e o padre disse-me que lhe desse cumfoeiro pela rabada até lhe pôr o Diabo fora do corpo, salvo tal lugar. A minha mãe foi-se ter com a fidalga, e contou-lhe o passado, dizendo que a santa de Vidoedo não era benzedeira, nem sabia desmanchar feitiços. A fidalga riu-se, e respondeu que a santa de Vidoedo, quando a procurava alguém com paixão de alma, costumava pedir ao nosso Senhor que livrasse a criatura da sua aflição. Foi o

que foi. A minha mãe não tornou cá pelo vezo; quanto a mim, a mulher sabe tanto de exorcismos como eu de latim.

A conversa prolongou-se neste tom, até que padre Dinis, ao transpor a lombada de um serro, deu de face com Vidoedo. Alargou-se-lhe o coração. Meia face do Sol, mergulhando — se no mar, tingia de púrpura a vegetação meio florida de gestas e codecos que formavam a cintura da desabrigada povoação. A capelinha lá estava no mais elevado morro daquele monte de fragas. A cruz de pedra tosca era como a solitária vigia daquela augusta dora, que há dez anos, aos  seus pés, se purificava em lágrimas incessantes. O padre queria-se só. Despediu-se do guia, e encurtou o passo da mula, como quem deseja demorar uma impressão, que abrangia as mil sensações diversas.

Para certas almas, o êxtase do sacerdote, em frente da pinha de pobres cabanas, com os olhos fixos no reflexo do Sol espelhando-se nas lousas polidas que guarneciam o colmado da capela, para certas almas, repetimos, o arroubamento de Sebastião de Melo será estímulo à meditação do que este homem seria naqueles instantes de solidão.

O passado de Anacleta, cheio de crimes, de fausto, e degradação; a filha de Anacleta, àquelas horas, suplicando a Deus a vida do seu benfeitor, e o segredo do destino da sua filha; Ângela de Lima, a mãe do menino comprado ao punhal de um infanticida; a condessa de Santa Bárbara, amarrada a um poste de dor e infâmia, que o seu marido lhe lançaria em rosto; Pedro da Silva, agonizando os últimos arrancos de uma paixão desditosa; Francisca Valadares há um ano no túmulo, e esse túmulo fechado para sempre... e depois... como desmentido a tudo que é da vida, como desengano a todas as ilusões... aquela desgraçada, além, segregada do mundo, cortada lentamente em cada fibra, vivendo, esperando a morte redentora...

Padre Dinis levantava maquinalmente as mãos e os olhos para o céu, quando as badaladas a ave-marias foram um toque suave que lhe acordou o coração.

“Aquele sino será ainda ela que o toca? Abençoada dor que me abres o céu neste momento! Mulher predestinada, a quem o Senhor confiou a missão de me salvar das últimas ilusões da minha arrastada existência! Bendita sejas tu,

santa, que vais deste mundo, deixando um homem, que o mundo admirou na publicidade, e que não vale em todos os actos da sua vida, como um só dos teus desconhecidos instantes de arrependimento!...” Choravam os olhos, e os lábios gemiam esta expansiva invocação. Escurecera quando o padre entrou no povoado.

Parou em frente da capela, e viu, como um ano antes, Anacleta dirigindo-se para ele:

— Senhor, quer que lhe ensine a pousada dos passageiros?

— Eu sei-a já. Aproximai-vos... Dai-me a vossa mão, Anacleta... Vós já me conhecestes.

— Já!... pela voz!... — balbuciou ela, regando de lágrimas a mão do padre, e querendo ajoelhar.

— Vedes o meu rosto?

— Vejo... não é o da pessoa que pensei... Enganei-me... perdoa-me... — disse ela, recuando.

— Não vos enganastes... O rosto do homem do mundo não é como este do padre... Olhai... Tenho cabelos brancos...

Envelheci... Até logo, irmã! Virei dar-vos conta da minha comissão. Ficai pedindo a Deus por mim, e pela alma de uma mártir, que deixei a dormir na sepultura, enquanto venho aqui para não confiar a ninguém as vossas confidências.

Padre Dinis bateu à porta do capitão de Vidoedo. Sentou-se no escabelo onde se sentara de outra vez; ninguém o conhecia.

— O senhor reverendo padre vai de caminho para pregar a Semana Santa em Ribeira da Pena, ou Vila Pouca, ou Ermelo, não é verdade?

— Não, meus amigos. Vim aqui à vossa aldeia procurar as orações...

— Da santinha?... De bom proveito lhe sejam. É o nosso anjo custódio... Desde que ela veio, até parece que as novidades suprem mais na tulha. Tem aqui vindo muita gente de longe. Vai quase há um ano, que aqui veio um fidalgo de Lisboa, e desde então a santinha, quando encomenda as almas, pede mais um padre-nosso e uma ave-

maria para que Deus Nosso Senhor encaminhe os passos de um homem bom que procura as vítimas da maior pecadora.

— Coitadinha! — murmurou o sacerdote, escondendo a comoção. — Dizei-me... — disse ele, por divertir o assunto — , já pernoitei na vossa casa, senhor Capitão... e vi aqui uma gente, que não vejo. Falta-me um velho, que estava ali sentado, e contava a história da sua pedra de armas.

— Morreu... era meu avô, e poucas horas depois morreu minha avó... Tinham vivido juntos setenta e um anos; juntos morreram, e morreram nos braços da santa da capela: é de fé que estão no céu.

— E ela... a pobre mulher, continua no mesmo rigor de vida?

— Sempre o mesmo, só com a diferença de costumar subir muitas vezes a um picoto do outeiro, lá em baixo, donde se vê para a estrada. De vez em quando vemo-la lá, como quem espera alguém. No mais, o seu alimento é pão e água, e a sua cama tem sido sempre debaixo do alpendre, na pedra estreme. Aqui há meses veio aí uma fidalga de Basto, com criado de farda, num cavalo grande, e

fanchonaça de uma vez. Entrou no nosso quinteiro, e pediu que mandassem chamar a santa. Fui eu procurá-la a casa de um doente, disse-lhe que estava aí uma fidalga, e ela fez-se da cor desta camisa, e veio depois que tirou os cáusticos ao doente. Quando viu a fidalga, parece que lhe estava com medo. A tal mocetona tratou-a muito bem, e foi com ela para a minha casa nova, que é de sobrado, e lá falaram por muito tempo. Depois saíram ambas, e eu disse cá comigo: "Eu sempre hei de saber o que isto é... Aqui parece-me que há sarilho de feiticeira, ou benzedela." Cosi-me com a parede da bouça, que está à ilharga da capela, a lobrigar o que elas faziam... Vai, senão quando, reverendo senhor clérigo, a santinha ajoelhou, a fidalga ajoelhou a par dela, estiveram assim muito tempo, e, por fim, ouvi dizer a fidalga: "Não tem mais nada a fazer-me?!" — "Mais nada", respondeu a santa, "o que aqui fez podê-lo-á Vossa Excelência fazer na sua casa. Tenha fé no remédio, que lhe pode vir de Deus; de mim, miserável pecadora, não tem nenhum a esperar." Ficaram-me cá na memória estas palavras. O caso é que, passados dois meses, tomou aqui a fidalga, procurou-a na capela, e disse-me o tio António da Poça que a viu abraçada à santa. O que isto foi não sei; mas

que a coisa tinha engenhoca de bruxedo isso lá é como o senhor sol.

Padre Dinis combinou, e compreendeu a história do capitão, que era a mesma do incrédulo marido da mulher possessa.

Terminada a ceia, e dadas graças a Deus pelo sacerdote, que, segundo o uso, tinha a primazia, sentaram-se no escabelo, quando a voz da penitente pediu as orações do costume. O salvador de Amónia Mascarenhas estremeceu, quando ouviu o último pregão:

“Mais um padre-nosso, e uma ave-maria para que Deus Nosso Senhor encaminhe os passos de um homem bom, que procura as vítimas da maior pecadora!”

— Agora — disse o hóspede — permitireis que eu vá procurar esta mulher ao alpendre?...

— Eu vou ensinar-lhe o caminho, senhor padre.

— Sei-o, meu, amigo; ficai, e, ao ser dia, fazei-me o favor de me ajudar à missa na capelinha...

— Então, senhor padre, deixai-me dar parte aos vizinhos, que amanhã é Quinta-feira Santa.

A lua prateava as montanhas. O sopro do vento, sempre forte naqueles altos, ramalhando as urzes, dava ao vasto matagal o aspeto do mar tempestuoso em noite de luar.

O clarão iluminava tudo em redor do padre. Um ano antes era outra a noite para Sebastião de Melo. As feições de Anacleta, tão junto dele, mal pudera vê-las então, porque os olhos eram cegos ao abrirem-se na cerração escura daquela noite de Dezembro.

Em Março não sucedia assim. Padre Dinis ia ver a mulher que conhecera dez anos antes, se não viçosa, gentil ainda, exuberante de vida com fogo nos olhos, com desenvolta e lasciva ária de maneira, que a faziam se é possível, mais fascinadora, que formosa.

Perto da capela viu-a, sentada, fora do pardieiro. Pulsava-lhe o coração como o do homem, não habituado ao crime, que vai tentar o primeiro abismo. É que os sentimentos da alma, contrários e repugnantes, excitam na matéria sensações idênticas.

Anacleta levantou-se, e veio esperá-lo ao caminho. O padre, por dominar as comoções, recebeu-a com um gracejo.

— Não perdeu ainda o uso da boa sociedade... Vem receber-me à entrada do seu palácio...

— Assim é... O meu palácio é este; mas não tem senão uma pedra, que lhe ofereço, como canapé...

— Pois sim, Anacleta, dai-me essa pedra, e vós sentai-vos ao pé do vosso amigo de doze anos... Olhai... falemos tranquilamente... Nada de lágrimas, nem desmaios... Deixai-me ver-vos de perto, minha penitente... Vejo que não tendes um cabelo, que não seja branco... Ora aí estamos nós bem velhos, minha irmã! Não vos vejo aí nada, que se pareça com o que fostes...

— Penso que não... Há dez anos que me vi... morrerei ignorando o que sou...

— Melhor assim... Tenho quarenta anos... que vedes?... — Quarenta anos!...

— Sim, Anacleta... Compreendo o vosso silêncio... Parece-vos incrível... Pois é verdade... a dor faz isto!... Não me

achais uma grande diferença?...

— Não posso compará-la... Não me lembro de o ter visto...

— Viste, Anacleta...

— Quando... onde?!

— Há doze anos na vossa casa... há dez... na vossa casa também.

— Há dez!... Oh! meu Deus!...

— Que vos pedi eu, senhora?! Não quero comoções... É um desejo imenso, que eu tinha de vos mostrar em mim o homem do passado... Já que chorais, não direi mais nada... a tal respeito.

— Diga, diga... tudo o que me disser há de ser-me bom...

— Pois bem... lembrai-vos de Sebastião de Melo! Anacleta ergueu-se impetuosamente... tomou o braço do sacerdote, e foi com ele onde uma réstia de luz vinha sem sombras.

— Sebastião de Melo!... Mãe Santíssima!... isto é incrível... Deixe-me reunir as minhas ideias... Quando eu era rica... foi algumas noites a minha casa um jovem, levado... não sei por quem...

— Por Azarias...

— Sim... sim ... e chamava-se...

— Sebastião de Melo.

— Espere... condoa-se de mim, que vou fazer-lhe uma pergunta, que parece trazer-me o ar e o coração... mas e preciso... Quando eu era uma mulher pública... deixe-me assim dizer, que é um merecimento perante Deus este despedaçar-me... quando eu era uma mulher pública, na Rua da Rosa das Partilhas, foi a minha casa... um jovem, que me quis arrancar do abismo, que me quis convencer de que eu podia ser uma mulher honrada e virtuosa, que me deu, enquanto eu vivi aí, uma mesada... que não quis dizer o seu nome... que vinha sempre desfigurado... e de noite, a horas mortas...

— Era Sebastião de Melo... Aquietai-vos, Anacleta... Magoais-me... Agora o esquecimento desse homem... já vejo que não há no que vedes nada que vos lembre o outro; mas acreditai que é o mesmo. Ora pois, irmã pelo sofrimento já vedes que há muitas agonias ao mesmo tempo, veladas pelo mesmo Deus, e esperançosas na mesma eternidade...

Somos dignos um do outro pela força atrativa do padecimento. Sejamos egoístas com os nossos cabelos brancos, não é assim?... Diante de nós está o infinito... A vida é lá... aqui é um longo paroxismo num dia curto... Mudemos de conversa, Anacleta... Falemos das vossas filhas e de vós, sim?

— Deles... De mim, que serve? Eu já não vivo.

— Assim o julgam... reputam-na morta...

— Assim vos agradeço, meu Deus!

— Vossas filhas encontrei-as. Uma é Emília, vive... já vos disse... casada, e crê-se feliz. A outra ia fechar a curta carreira dos seus sofrimentos, quando a encontrei. Dei-lhe o título da minha irmã... Levei-a a um convento... não é feliz; mas tem uma cela para as lágrimas, uni altar para a oração, e uma sepultura, ao pé das sepulturas onde dormem o sono eterno muitas mulheres virtuosas... já vos disse, Anacleta... Não vos quero assim de joelhos...

— Mas, senhor! Deixe-me satisfazer esta ansiedade do meu coração...

— Isso não é aqui... é ali aos pés daquela cruz... ide lá, ajoelhai, que eu quero orar convosco...

E ajoelharam ambos.

— Anacleta!... dizei comigo: Deus de justiça e de misericórdia! Há dez anos que as minhas lágrimas não têm sido em vão choradas aos pés da cruz do vosso Filho! Os meus crimes eram grandes; a minha penitência foi pequena; mas eu sou um verme, e vós sois Deus. Perdoai-me pela gota de sangue que Jesus Cristo verteu sobre as manchas de Madalena! Perdoai-me, para que eu possa inclinar nesta pedra a cabeça moribunda, abençoando a dor... Perdoai-me...

Os soluços embargaram a voz de Anacleta. Padre Dinis levantou-se, inclinou-se para a penitente, e disse num som entrecortado pelo fervor das últimas palavras:

— Ajoelhai aos pés do ministro de Deus, irmã! Anacleta voltou-se, com os olhos febricitantes, fixos na face do padre.

— Na vossa vida há crimes, que eu ignore?

— Nenhum... penso que nenhum!

— Perdoais a quem vos fez desgraçada?

— De todo o meu coração...

— Eu vos absolvo, em nome do Padre, do Filho, e do Espírito Santo... Orai... É meia — noite... Às quatro horas serei convosco...

Ao alvorecer, quem foi tocar a sineta da capela chamando à missa, encontrou a penitente, caso extraordinário, mergulhada num profundo sono. Palpou-lhe as mãos, e achou-as ardentes. Chegava padre Dinis. Tomou nos braços Anacleta, que abriu os olhos, sorrindo, e lhe beijou a mão. Aberta a porta da ermida, o padre paramentou-se, veio à porta, e estendeu a mão à penitente:

— Entrai, filha! Anacleta entrou. Chorava e ria simultaneamente; mas as pernas não a sustentavam. O padre segurou-a e conduziu-a ao pé do altar.

Principiou o sacrifício incruento. Cada vez que o padre voltou o rosto, o povo chorava, sem compreender as lágrimas que inundavam a face do sacerdote.

À comunhão, o ajudante tomou uma toalha que lançou ao pescoço de Anacleta.

— Ecce agnus Dei... — disse o padre, com os olhos fixos na penitente, e estremeceu.

Ao pronunciar as palavras: “Corpus Domini nostri Jesus Christi...” os lábios de Anacleta estavam roxos, as faces da cor da toalha, apenas os olhos, vidrados de lágrimas, e cravados no sacerdote, exprimiam... o último lampejo da vida...

O padre voltou-se para o altar, e disse no seu coração:

— Senhor! Levai a desgraçada se lhe perdoastes! — A súplica foi cortada por um grito do povo. — Que se passa? — perguntou serenamente o padre ao ajudante.

— Morreu a santa...

O sacerdote voltava-se pronunciando “Dominus vobiscum”, e recebeu o derradeiro olhar de Anacleta.

Consumado o sacrifício, tomou o cadáver nos braços, e colocou-o sobre a cómoda dos paramentos. Chamou o capitão, e pediu-lhe que o ajudasse a cavar uma sepultura no alpendre da capela. Todos quiseram tirar terra da sepultura da santa. Duas horas depois algumas mulheres oravam em redor da pedra que a cobrira, e pediam ao

espírito bem — aventurado da predestinada que as não desamparasse. Padre Dinis transpunha daí a pouco o outeiro, donde dissera, um ano antes, o adeus à penitente, que lhe acenava da agulha dos rochedos. Olhou para lá...

— Era ali!... — disse ele, e chorou.

# CAPÍTULO V

Treze anos depois, encontramos frei Baltasar da Encarnação, recobrando o sentimento da vida, e a consciência da morte, para pedir ao seu filho que juntasse as cinzas de Silvina ao seu cadáver. Vimos padre Dinis, superior ao homem, tentar o último heroísmo, recitando uma oração fúnebre sobre o esquife do pai, e cair, pela primeira vez na sua vida, aos abalos da comoção.

Este homem devia estar no fim da sua carreira. A natureza humana, sem proteção divina, não pode tanto. Naquele último lance, deviam exaurir-se-lhe os alentos afrouxados, longos anos em dramas, cujo desenvolvimento deveria ser-lhe a morte repetida muitas vezes. O desenlace não podia tardar.

O filho do dominicano recolheu à sua casa da Junqueira, e, desde esse dia, o entranhar-se em melancolias, sem voz de amigo que lhas perturbasse, a solidão, um quase

esquecimento de si, e dos outros, tomara o homem de ferro num ente que parecia temer a fala de homens. Muitas vezes passou a mão pela cara, e achou-a abrasada; outras muitas, sondou o estado da sua consciência, e julgou-se criminoso; mas a consciência, passados os momentos da febre, reagia, e o infeliz supunha-se demente.

As súplicas da condessa de Santa Bárbara instavam a sua presença. O túmulo de Francisca Valadares pedia-lhe uma lágrima. As últimas palavras do seu pai falavam-lhe de Silvina... e, depois, a memória, a recordação de um longo passado, em que a menor das suas tribulações seria, para um homem débil, uma alienação mental!...

Quinze dias decorreram desde que o padre se despediu de Ângela de Lima para satisfazer a promessa ao frade de Santarém Esse espaço, sem uma notícia, amargurara as duas protegidas de Odivelas. Antónia que sentia por aquele homem um amor de devoção, um estremecimento de filha, chorava, e não podia revelar à sua amiga as santas prisões que a ligavam a padre Dinis. A condessa, mesmo convencida do nenhum parentesco de Antónia com Sebastião de Melo, não ousava aventurar uma palavra

indiscreta, que obrigasse a sua amiga a revelações que, por jus tos motivos, quaisquer que eles fossem, lhe eram ocultas.

Ao cabo de oito dias, mandaram à Junqueira procurar noticias do padre, e souberam que ele chegara cinco dias antes muito to doente, e que não saíra do seu quarto, nem dera ordem para se lhe anunciar alguém. As instâncias da condessa redobraram, as cartas repetiam-se, as súplicas estavam sendo um novo suplício para o solitário pensador dos tormentosos conflitos da sua vida.

Padre Dinis foi a Odivelas. As duas senhoras abraçaram-no na portaria, e conheceram que aquele já não era o homem de quinze dias antes. Escutava-as, parecia escutá-las, mas não respondia, nem ligava duas ideias sem comprimir a testa, com quem procura recordar-se dos termos com que uma ideia que quer se exprime. Apenas Ângela ou Antónia se calassem.

A cabeça do sacerdote descaía lentamente sobre o peito, e o abatimento só uma pergunta, rápida e surpreendente, o acordava, fazendo-o estremecer.

As duas amigas olhavam-se aterradas.

— Meu pai, meu bom amigo! — dizia Ângela. — Que tem?

Não lhe merecemos a sua confiança! Por Deus, diga-nos, que novos padecimentos o mortificam? A sua ida a Santarém transfigurou-o!... Foi uma desgraça!...

— Seria, senhora Condessa? — perguntou ele com um ar infantil, pouco distinto do idiotismo.

— Decerto foi... E, senão diga-nos... diga às suas amigas o que lhe aconteceu?

— Abraçar um homem morto... dar-lhe um ósculo de filho nas faces amarelas... pedir — lhe que me alcançasse de Deus um prazo de quietação... ou a morte...

— Pois bem... Deus tudo concederá a padre Dinis, ao benfeitor de tantos infelizes... mas... quem foi o morto que abraçou?... Foi aquele santo homem que confessou meu marido?

— Sim... foi esse... há catorze dias que caiu cansado na sua longa carreira... e nunca mais se levantará...

— Não caiu, não, meu pai!... Elevou-se à presença de Deus... Se não é culposa uma santa inveja, invejemos-lhe o seu destino.

— Pois sim, minhas filhas, invejemos-lhe o seu destino... Como vai Antónia, que está tão triste, tão magra, e mais velha que eu?!

— Boa, meu irmão...

— Não a acredite — interrompeu Ângela — , olhe que está muito doente, muito cismática, e diz que morre muito breve... Tenho-lhe pedido que diga ao médico os seus sofrimentos, e não quer. Todas as manhãs lança sangue, e à noite tem febre.

— Pobre irmã!... Não deves nada à felicidade... vai deste mundo sem mentir o sabor da alegria...

— Não fale assim, meu irmão... Não tenho eu sido tão feliz? Que mais pedirei a Deus, agora, que tudo tenho... que tudo consegui...

— Não foi tudo, Antónia... Estou numa dívida contigo, e penso que será insolúvel...

A amante de Gervásio Faria abaixou os olhos e não pôde esconder da condessa um tremor instantâneo.

— Senhora Condessa... O seu filho escreve-lhe?

— Tenho duas cartas, e padre Dinis?

— Quatro... Diz-me que aborrece o estudo... Nunca o vi muito propenso às ciências... Pensava muito, recolhia-se muito em abstrações, impróprias dos quinze anos... Era poeta muito cedo... Nunca aprenderá as ciências da vida positiva... Enfim, Deus o encaminhe... Tem vivido muito sozinha, senhora Condessa?

— Com a minha querida Antónia, e com Adelaide Maldonado...

— Como vive essa senhora?... Creio que já me disse... triste...

— Sim... amarguradíssima... muito deseja vê-lo...

— Chame-a, senhora Condessa. D. Ângela saiu com presteza e júbilo. Entretanto, padre Dinis, a menos de meia voz, disse a Antónia:

— Minha filha... Tem um dever a cumprir... Abra o seu coração a esta amiga, que lho merece; conte-lhe a história do seu passado, que eu não tenho já reminiscência do que se passou... Olhe, Antónia, não lhe esconda a história de uma mártir, que era sua mãe...

Abriu-se a porta da grade, e apareceu, adiante da condessa, a beneditina Adelaide Maldonado. Padre Dinis ergueu-se, e cortejou-a com a reserva que há para uma pessoa que se vê pela primeira vez. A freira teve com padre Dinis quase os mesmos embaraços.

— Senhor Sebastião de Melo... — disse ela, com dificuldade.

— Vossa Excelência é a senhora Dona Adelaide Maldonado? — Uma serva sua.

— Custar-me-ia a conhecê-la... Creio que têm passado por nós alguns séculos... Há dezasseis anos que nos não vimos...

— É verdade... e cuidei que morreria, sem este momento...

— Aqui tem duas boas senhoras para amigas, senhora Dona Adelaide. Ambas elas têm passado por aquelas aperturas do infortúnio, donde, se se sai com vida, o coração aumenta em sensibilidade...

— São verdadeiras amigas... Começo com elas a sentir, há poucos dias, o que pode gozar-se de tranquilidade e alegria num convento, onde a necessidade me tem forçado a viver...

— A necessidade?... É uma dolorosa coação... Breve vem o dia, minha senhora, em que a vossa Excelência achará francas as portas desta casa, se quiser abandoná-la...

— Que triste profecia!...

— Não lhe dê esse nome... O mosteiro é uma excrescência dos séculos, que são hoje chamados à presença da civilização para se verem condenar como réus de barbarismo. O mosteiro vai entrar na partilha dos apóstolos da lei nova... que não são dos que sacodem as sandálias ao sair dos povoados... Prepare-se, minha boa senhora, que amanhã encontrará o mundo com os braços abertos para recebê-la. Se quiser fazer-se interessante,

diga que a violentaram a professar... Verá que piedosa lástima comove no seu favor... Seja das primeiras a sair, porque a última será obrigada a fazê-lo impelida pela fome...

— Nem a primeira, nem a última, senhor Sebastião de Melo...

— Padre Dinis... padre Dinis... dê-me este nome, que é o meu nome, senhora Dona Adelaide... Pois nem a primeira nem a última?

— Não, senhor. Onde me caíram murchas as flores da juventude, há de cair-me também a coroa de espinhos... Morrerei... isto é... quero enterrar-me, onde morri...

— Em Santa Apolónia... — interrompeu o padre, como continuando o pensamento da religiosa.

A emprestada viveza, que momentaneamente lhe dera aos gestos o antigo brilho, extinguiu-se. Recaiu na modorra, de que os extremos das suas amigas o arrancaram.

Rodou uma sege no pátio. E em seguida, a moça-porteira, chamou: “Santa Bárbara”. Uma criada veio anunciar o senhor Alberto de Magalhães.

— Que entre nesta grade. Padre Dinis acordou do espasmo, quando à porta da grade apareceu Alberto. Ergueu-se, apertou-lhe a mão, e convidou-o a ocupar a cadeira de preferência nas requintadas formalidades de uma grade.

— Aqui numa ocasião em que vinha procurar notícias de vossa Excelência?! Sou bem — aventurado nos meus desejos.

— Em que posso ser-lhe prestável, senhor Alberto de Magalhães?

— Se me der a honra de procurá-lo na sua casa... veremos se à quarta vez sou mais feliz. Sabendo eu que a vossa Excelência estava no seu quarto, não consegui que o seu criado lhe anunciasse o meu nome...

— Foi minha a culpa. Dei essas ordens. Desculpe-me a desprevenção em que eu estava da sua visita. Remediarei a minha falta, se me der ocasião de trabalhar no seu serviço.

— Não é no meu serviço... Eu posso, sem indiscrição. dizem, na presença destas senhoras, o fim com que o tenho procurado".

— Há dias que, saindo eu de casa do marquês de Casimbra, às dez horas da noite, ao entrar na minha carruagem, fui abordado per um vulto que me suscitou suspeitas. Preparava-me para o receber grosseiramente, quando o encapotado me disse:

— Não sei quem sois, nem vos procuro de preferência a outro qualquer indivíduo, que passa aí a noite nessa casa. Passei casualmente, conheci o dono deste palácio, vi cavalheiros à janela, vi carruagens à porta, e resolvi esperar o primeiro, que saísse, para aventurar uma pergunta que vos não demorará muito tempo.

— Tende a bondade de falar-lhe — disse eu — , e se vos apraz entrar nesta carruagem ouvir-vos-ei na minha casa.

— Não, cavalheiro. Prometo não ser importuno. Dizei-me: conheceis alguma coisa da vida íntima da alta sociedade de Lisboa?

“Esta pergunta petrificou-me. Não havia nada mais vago, minhas senhoras. Meditei um pouco na gravidade da resposta, e disse:

— Conheço alguma coisa; mas poderei ignorar quase tudo.

— Que idade tendes?

— Trinta e oito anos.

— Conheceste nalgum tempo, na sociedade de Lisboa, um cavalheiro de província, chamado Sebastião de Melo?

— Não... não me recordo desse nome...

— Desculpai-me... Não tenho mais que vos diga... Muito agradecido, cavalheiro.

“Ao primeiro intuito, este homem pareceu-me doido. Não quis deixá-lo sem profundar o verdadeiro merecimento deste diálogo extraordinário. Chamei-o, e disse-lhe, com a intenção maligna de me recrear:

— Imaginai que eu conheci Sebastião de Melo.

— Não se trata de imaginar. A pergunta, se vos não parece fantástica, merece uma resposta real, e não imaginária. Conhecestes, senhor, o indivíduo que vos nomeei?

— Se o não conheci pessoalmente, posso num momento colher todas as informações, que me pedirdes.

— Pois bem. Subi a essa sala, e perguntai a esses senhores se algum conheceu Sebastião de Melo, e se é vivo.

“Entrei na sala e, alto e bom som, perguntei:

— Algum dos senhores conheceu Sebastião de Melo?

— Quase todos me responderam umas poucas de vozes.

“Esta resposta mudou completamente o conceito que eu estava fazendo do meu trágico encapotado.

— É vivo?

“Uns responderam: não. Outros: não sabemos. Uma voz que foi a última, disse:

— É.

“Vim dar parte da comissão ao meu amigo sem nome.

— Tende a generosidade de perguntar ao cavalheiro que vos respondeu que vive Sebastião de Melo, se este homem pode ser encontrado por pessoa que muito precisa vê-lo.

“Fui: interroguei particularmente a pessoa.

— Esse homem é hoje um padre. Assina-se Dinis Ramalho e Sousa. Vive na Junqueira.

— Tem a certeza disso, Vossa Excelência?

— Tenho... Não sabe que eu sou o intendente-geral da Polícia? Agora... tome o meu conselho... Não diga a esse homem a minha última resposta. Padre Dinis é um ente misterioso. Sei que teve trabalhos na sua juventude, porque o encontrei fora de Portugal com a vida em risco, muitas vezes. Quem sabe se esse homem, que o procura é um punhal de reservada vingança?... Lembra-me um passo acertado... Vou fazer prender esse homem...

— Isso não... — atalhei eu. — Vossa Excelência não há de dar esse passo por cima da minha honra. Qualquer que seja a intenção deste homem, é um facto particular, sobre o qual a intendência da Polícia não se pode despoticamente ingerir. O mais que posso é ocultar-lhe a posição atual de Sebastião de Melo...

— Como lhe aprouver...

“Desci com a cabeça aturdida de suspeitas. Notei que era esperado com ânsia.

— Então? Dais-me uma boa nova?

— Pudera dar-vo-la, mas não vos conheço...

— Que vos importa quem eu sou, cavalheiro?! Sois menos delicado do que me parecíeis... Adeus, senhor.

— Esperai-lhe disse eu caminhando com ele — , eu conheço Sebastião de Melo.

— Quereis que eu imagine? — disse ele, sorrindo.

— Não... acreditai, sob minha palavra de honra, que conheço o homem, que se chamou Sebastião de Melo. Posso fazer-vos um serviço. Dai-me um sinal, que eu possa apresentar a esse cavalheiro. Se ele me disser que vos recebe, indicar-vos-ei a sua residência

— Em que terra?

— Em Lisboa.

— Esperai... — entrou num botequim, demorou-se alguns segundos, e voltou:

— Comprometeis a vossa palavra pela pronta entrega deste papel a Sebastião de Melo?

— Comprometo a minha vida. A resposta procurai-a aqui, amanhã, às mesmas horas.

“O desconhecido desapareceu. A carta, que me foi entregue, é esta, senhor Sebastião de Melo.

Padre Dinis abriu serenamente a carta. O que ela continha era um bilhete. Mal o viu, ergueu-se de um ímpeto. Parece que os olhos iam saltar-lhe das órbitas sobre aquele bilhete, que tremia nas mãos convulsas. Impresso em todas as fisionomias, aquele espanto era justo; a ansiedade das senhoras não era menos aflitiva que a do padre, se, porventura, aquelas comoções eram aflição.

Ninguém ousava interrogá-lo e todos esperavam uma palavra.

Padre Dinis, de improviso, restituído à sua torva tranquilidade, voltou-se para Alberto com voz firme:

— Meu senhor! Diga a esse cavalheiro que me procure quando quiser. Agradeço-lhe a parte que tomou, senhor Alberto, neste negócio... As minhas senhoras, permiti que me prive da vossa companhia. Aqui vos deixo o senhor Alberto, que sairá mais tarde, porque tem carruagem.

Foi de lágrimas o adeus das três senhoras. As palavras sumiam-se nos soluços.

# CAPÍTULO VI

Eram onze horas da noite desse mesmo dia. Padre Dinis, acurvado sobre a banca da escrita, largara a pena, apoiara a cabeça na mão esquerda, e, na direita, tinha o bilhete-de — visita que recebera em Odivelas.

Que novo episódio vem perturbar a existência tempestuosa deste homem superior na virtude, e no infortúnio? Quando saldará contas com a Providência o velho, que, desde a juventude, começou a expiação de uma culpa enorme? Quando concederá o Altíssimo duas horas de tranquilidade ao anjo protetor de tantos criminosos, de tantos inocentes, e de tantas almas roubadas à perdição, restituídas à honra e ao serviço da virtude?

Seriam estas as reflexões do padre? Não. Ele nunca ousou como Job, interrogar a Divindade. Como Cristo no Horto nunca pediu ao anjo do Senhor que lhe afastasse o seu cálice, se a vontade eterna lho mandava devorar.

Suplicando a morte, dizia: “Quando virdes, Senhor, que a expiação excede o crime, levai-me!”

Nessa noite, porém, eram outros os seus pensamentos. Uma hora de silenciosa meditação sobre aquele bilhete, revelava um encontro inesperado, uma surpresa das mais extraordinárias para tamanha impressão.

A Torre dos Jerónimos deu meia-noite. Ao mesmo tempo, o criado de padre Dinis dizia fora do quarto:

— Está ali um homem desconhecido, que manda perguntar se o indivíduo, que lhe fez entregar um bilhete, pode subir.

— Que suba. — Para a sala? — Não; para este quarto. Minutos depois, o encapotado, lançando a capa dos ombros na antecâmara do gabinete, entrou.

— Sebastião de Melo... — disse ele, estendendo a mão ao sacerdote.

— Azarias... — disse placidamente o padre, apertando-lhe com frieza a mão.

— Se te não enviasse um bilhete, decerto me não conhecias.

— Não... Há vinte anos que te não vi.

— Foi na África a última vez.

— Justamente.

— Desde então, a tua vida como tem corrido?

— Cheia de penas.

— A minha... as minhas rugas que te respondam. Quero que me concedas o privilégio do primeiro desgraçado debaixo do céu.

— Concederei...

— O teu carácter moral está mais transfigurado que o físico.

— Tens razão... não podia deixar de ser assim.

— Mas eu tenho a pedir-te alguns momentos de brandura. Se o teu coração é duro como as tuas palavras, manda-me sair.

— Que queres de mim, Azarias?!

— Amizade.

— Não posso. A tua presença o mais que pode é excitar-me compaixão.

— Dá-me essa, ao menos... Escuta-me: eu desembarquei, há quatro dias, em Lisboa. Vivo, há quinze anos, mil e quinhentas léguas longe desta terra. Não sei o que a minha memória tem sido em Portugal!... Talvez nem já exista o meu nome no catálogo dos grandes perversos... Lembras-te, Sebastião de Melo, de teres sido levado por mim a casa de uma senhora, que vivia à Conceição Velha?

— Lembro... Dona Anacleta dos Remédios era o seu nome. — Justamente. Sabes alguma coisa dessa mulher?

Sei... mas não me interrompas as notícias que vou dar-te. Amou um homem que se chamava Azarias. Este homem, abandonado pelo seu pai, que ele envergonhara e arruinara com as suas dissoluções, procurou esta mulher, cuja paixão escarnecera com os seus amigos, e vendeu-se-lhe por umas sopas, e uma casaca, e um cavalo, que ela lhe deu. Azarias tramava a perdição de uma pobre menina, e não poderia

captá-la sem as sopas, a casaca, e o cavalo que Anacleta lhe dava.

“A bacalhoeira teve a ingenuidade de mostrar ao seu amante um tesouro. Azarias concebeu um plano arrojado. Roubou-a, e roubou ao seu pai a mulher que devia dias depois enterrar nas areias de Tânger. Essa aventura deves tu sabê-la melhor que eu... mas a de Anacleta sei-a eu melhor que tu.

“A bacalhoeira ficou pobre. Os credores sequestraram-lhe tudo. Recolheu-se a uma casa pobre, e achou-se entre quatro paredes com a sua filha, e a fome e a nudez por companheiras...

“Anacleta voltou de um espelho para a janela, e chamou o primeiro que passou. Poucos dias depois era meretriz de fama. Mas o prestígio declinou, e as necessidades tinham aumentado com a vantajosa mercancia a que se dera.

“A filha de Anacleta... olha se te recordas... era uma linda menina, quando a conhecemos. Um duque apaixonou-se por ela, e reputou a sua paixão em cem moedas. Propôs a veniaga à mãe; venceu as pequenas hesitações da

consciência, e contratou definitivamente. Anadeta expôs as razões do duque e as suas; mas não convenceu a filha. O duque, mais atleta que orador, lembrou-se da violência; a mãe apoiou o expediente, porque receava a fome, e Azarias não lhe mandava um ceitil dos seus cem mil cruzados. Maria Amália, creio que se chamava assim, no momento de ser violentada, suicidou-se.

"A mãe desapareceu, e julgaram-na morta. Amaldiçoaram-na todas as filhas e todas as mães, porque a reputaram a matadora da pobre menina. Foi preciso que o remorso atormentasse o duque, no fim da vida, para confessar o suicídio de Maria Amália, que os anjos receberam na sua queda. A maldição sobre a memória de Anacleta reviveu, com indignação mais rancorosa.

"A amante de Azarias não se matara. Muito longe de Lisboa, abraçou um martírio de dez anos. A sua cama era uma pedra, o seu lençol o gelo da noite, a sua casa o alpendre de uma ermida, o seu sustento um bocadinho de pão e uma tigela de água em cada dia. Ao cabo de dez anos, esta mulher perdoou a Azarias Pereira, para que as suas vítimas lhe perdoassem, — e, como a última fibra do

sofrimento estava partida, Anacleta morreu. Jaz debaixo de uma pedra, sobre a qual ajoelham os povos, que a reputam santa... Não tenho mais que dizer-te a respeito dessa senhora.

— É bastante. Repara em mim, Sebastião de Meio! Ouvi-te sem uma lágrima. Este homem está morto. De certas amarguras em diante, acaba-se a sensibilidade. Venho aqui como um autómato, impelido por uma força que me tem reduzido à condição de um ente irracional. Vim ao faro do sangue, como o tigre. Não tenho alma, nem razão, nem consciência. Sou uma máquina. Há vinte e oito anos que sou castigado... por quem? Algum tempo pensei que Deus me punia: de certos flagelos em diante, acreditei na existência do Lúcifer da fábula cristã, porque me julguei entregue aos caprichos de um demónio. Deus — o Deus dos meus avós — foi vingativo com Caim, experimentou o sofrimento humano em Job, mas perdoou a David. Os últimos clarões da minha razão mostraram-me que a fortuna e a desgraça são eventualidades que não têm sanção no céu nem no inferno. Todas as religiões são mentirosas, todas as misérias vêm do acaso, e não há juiz

que abençoe ou condene, fora do homem. Tirai-lhe a consciência, e o homem dará um abraço nas feras, e irá com elas devorar o animal seu semelhante. Consciência é que eu não tenho. Aniquilou-ma o sofrimento... já te disse, venho a Portugal maquinalmente. Ao cabo de vinte anos de fome e de penúrias, e de abjeções que me envileceram aos meus próprios olhos, morreu um homem, que me deixou seu herdeiro, se eu existisse. Esta notícia encontrou-me no fundo da Tartária. Vim à Holanda, recebi essa herança com que podia comprar felicidades, mas eu não tenho já ambição nenhuma, desejo nenhum, esperança nenhuma a realizar no mundo, nem fora do mundo. Quis restituir um roubo a essa mulher, que eu fiz cair comigo ao meu abismo. Acho-a morta!... Não supunha encontrá-la tão feliz... Mas duas filhas, que Anacleta tinha num colégio, já não vivem?

— Vivem...

— Pois bem... que recebam elas a restituição... Não tenho mais deveres a cumprir. Roubei-a... Esse ouro bem sabes que o vi desaparecer entre duas vagas encontradas, enquanto eu sustentava nos braços um anjo, que me fizera um demónio, aquele cadáver lívido sobre que viste caírem

as lágrimas de um grande perverso... Amanhã, como primeira e última súplica de Azarias, receberás esse dinheiro, e não te proíbo de declarar às filhas de Anacleta que o ladrão veio a Portugal, no fim de vinte e três anos, restituir o preço com que comprou a sua perpétua infâmia. Que não agradeçam esse dinheiro a Deus, nem à virtude... Foi o acaso que trouxe aqui a máquina... Se um outro acaso amanhã me colocar na precisão de roubar as filhas de Anacleta, roubá-las-ei.

— Azarias... — disse serenamente o sacerdote — , quem te perverteu assim?

— A desgraça.

— Quantas vítimas fizeste num momento? A mulher que levaste contigo. O pai dessa mulher que morreu doido. Anacleta que passou da prostituição ao martírio. Uma filha de Anacleta que se suicidou. Outra que se entregou, como amante, a um homem que outros homens arcabuzaram. Abriste e fechaste quatro túmulos, e puseste à beira do quinto uma desgraçada que espera, antes que o teu pé a despenhe, encontrar uma filha que lhe arrancaram, porque essa criança poderia no futuro dar-lhe um bocado de pão da

herança do seu pai. Azarias! Esta obra é tua! Na primeira luz do quadro, os traços mais distintos são os teus.

O teu braço era poderoso, que pôde tanto! E a justiça de Deus, que não confiara ao teu braço a missão de aniquilar, quebrou-o. Tens sido tu só a expiar os tormentos de tantas reses que imolaste à sensualidade. Não podes neste drama negro encontrar a luz de um pensamento nobre. Empregaste a torpeza para satisfazer torpes vocações. Que querias tu? Sofrer algumas contrariedades, e ressurgir do abatimento de alguns dias com a paz no coração, e os braços do mundo abertos para te acolherem? Que tens tu sofrido, que expie as torturas de um pai, que se vê privado da sua filha única, da sua companheira de velhice, da esperança toda do coração quebrado de amarguras... um pai, Azarias!... Tu sabes o que é um pai, que conta os suspiros da sua filha, desde o berço até aos dezassete anos, para chamá-la uma vez, e ter em resposta: “A tua filha roubaram-ta!?” Sabes o que é a fome, que faz descer uma mulher de uma elevada posição, ao estrado asqueroso, onde a obscenidade é uma condição, para não morrer de indigência? Compreendes o quinhão de infâmia que tens na

violência imposta a sua filha por Anacleta? Aos olhos de Deus serias tu um homem punido, e regenerado, quando a mulher que te amara e te daria esse tesouro, se lho pedisses, acordava sobre a pedra, e não podia levantar os braços hirtos para agradecer à misericórdia divina mais um dia de martírio e arrependimento? Revoltas-te contra a Providência, tu, que vês passar, sem uma lágrima, a fileira de espectros, que te fariam cair a face no chão, se não dominasse em ti o mais revoltante de todos os orgulhos... o orgulho no crime! A “fortuna ou a desgraça são o acaso”, disseste tu, homem fraco! A consciência do justo, do bom filho, do bom irmão, do bom marido, e da boa mãe porque não é perturbada com as paixões abrasadoras que queimaram na tua alma o instinto da virtude? Eu, que tenho um crime, porque não sou casualmente feliz? Anacieta que assassinara o pai da sua filhas, para enriquecer Maria Amália, porque se viu roubada nesse tesouro caro de infâmias, e porque viu sua filha com a cabeça partida sobre um pedra? Olha as expiações como se encadearam!...

— Espera!... Eu fui portanto o instrumento da vingança de Deus... Não tenho a responsabilidade dos meus crimes...

— Também o carrasco é obrigado pela lei a apertar o laço no pescoço dos padecentes... O carrasco não é responsável; mas os câmes que o trouxeram à posição que ocupa entre os seus semelhantes? Quem é responsável por eles? Quantas paixões ignóbeis te perverteram até ao momento em que roubaste Anacleta? Quantos desgostos deste ao teu velho pai, que obrigaste a fugir à desonra, e à pobreza, que lhe preparavas em Portugal? Quantas imoralidades tuas deram brado em Lisboa, antes que a última coroasse a tua abjeta reputação?... Vês! Não foi o acaso que te escolheu para punires Anadeta. A sociedade entra na enxovia e oferece o patíbulo ou o cutelo do algoz a um dos condenados.

O condenado opta pelo cutelo, porque a infâmia o fez cobarde, diante do patíbulo. A Providência também escolhe os seus flagelos nas fezes sociais. Não verás nunca o homem honrado, servindo de açoite ao criminoso. Os tigres despedaçam-se uns aos outros... Azarias! Se a tua alma é de ferro, vai-te em paz! Deus te dê a consciência, que eu

não sei as palavras com que se arranca a primeira lágrima de contrição ao criminoso que, no fim de vinte anos, inventou o acaso para rebater os assaltos do remorso...

Azarias levantou-se, abraçou padre Dinis, e balbuciou na despedida palavras quase ininteligíveis. O padre viu, com pasmo a improvisada resolução do judeu; mas nem ligeiramente lhe estorvou a saída...

No dia seguinte, oitenta mil cruzados eram entregues, pelo Sr. Salema, a padre Dinis.

— Posso saber onde encontrarei a pessoa, que me envia este dinheiro?

— Não sei — respondeu o capitalismo. — Azarias retirou-se a noite passada de Lisboa. Não sei que direção levou.

— Faça-me um obséquio e servirá o seu amigo... creio que Azarias é seu amigo?

— Não o conheço. Apresentou-me uma letra de duzentos contos, sacada em Londres.

— Pois, senhor, tenha a bondade de dividir esta quantia em duas quantias iguais. Uma deve ser entregue a Dona

Antónia Mascarenhas, secular no mosteiro de Odivelas; a outra a Dona Emília Mascarenhas, moradora na Praça da Alegria, número vinte e dois.

— E os recibos a quem devo apresentá-los?

— A Azarias Pereira. É natural que de qualquer parte Vossa Senhoria receba ordens, isto que deixou no seu poder...

— O que vai de oitenta mil cruzados para duzentos contos...

— Senhor Salema... Vossa Senhoria goza de uma boa opinião, e ninguém terá dúvida em lhe pedir um favor.

— Posso servi-lo nalguma coisa?

— Às senhoras, que vai embolsar os oitenta mil cruzados, não pronuncie o meu nome. Não há necessidade alguma da minha intervenção nesse negócio.

— Fique sossegado, que serão satisfeitos os seus desejos. Não vejo nisso o menor favor... Diga-me, senhor padre Dinis, tem encontrado o nosso amigo Alberto de Magalhães?...

— Algumas vezes, raras. Sabe que ele seja meu amigo?

— Falou-me da vossa Senhoria com bastante entusiasmo, o que é raro no carácter dele... Sabe que está apaixonado?

— Não sabia...

— Pois, se eu me não, engano, será a primeira vez na sua vida. O homem deu-lhe no goto uma rapariga que foi coisa muito íntima do conde de Santa Bárbara...

— Uma tal Eugénia? — Justamente. O caso é que o rapaz... ele já não é rapaz; não pode ter menos de trinta e oito a quarenta anos, a verdade é que está apaixonado, que vive só para ela, e que pouco se lhe dá do complicado comércio a que deve a grossa fortuna que possui...

— É muito rico esse cavalheiro?

— Riquíssimo, Pode dispor de doze milhões de um momento para o outro.

— É muito em Portugal... Pois, senhor, eu desejo ao meu amigo todas as venturas que a sua paixão lhe pode proporcionar...

— Dispõe nalguma coisa do meu préstimo, senhor padre Dinis?

— Queira honrar-me no seu serviço, senhor Salema.

# CAPÍTULO VII

O Sr. Salema fez guiar a carruagem para a Praça da Alegria, número vinte e dois. D. Emília, como sempre, veio à janela, chamada pelo ruído da carruagem, e recuou de espanto quando a viu parar à sua porta. O seu marido mal teve tempo de despir um velho casacão de briche, e envergar uma casaca preta que podia, sem favor, pleitear antiguidades com o casacão, seu irmão mais novo.

Salema batia, pela terceira vez, na porta da saleta, única do mestre de solfa, quando deu de face com a personagem inesperada do Sr. Joaquim dos Reis.

— Procuro a senhora Dona Emília Mascarenhas. — É minha mulher; e eu sou seu marido.

— Agradeço a explicação; mas não é com o senhor que eu me devo haver.

— Pois ela ali está... Emília, este senhor procura-te.

— Não tenho a honra de o conhecer — disse timidamente Emília.

— Eu também a não conheço, minha senhora; mas, segundo informações que me deram, a pessoa com quem falo é a senhora Dona Emília Mascarenhas.

— Uma criada da vossa Senhoria... Eu não sei com quem falo, e peço perdão se tenho sido incivil por ignorar o tratamento que devo dar-lhe...

— Ora, minha senhora, deixemo-nos de bagatelas. Procurei-a para lhe entregar quarenta mil cruzados...

— A minha mulher? — balbuciou o mestre de música, apanhando os óculos, que lhe resvalavam ao pendor do nariz.

— A mim! — exclamou ela apontando-se com o dedo, e procurando de um relance uma lembrança que lhe justificasse a verosimilhança de tal surpresa.

— Justamente; salvo se a senhora não é Emília Mascarenhas. Eu vou já sabê-lo por uma pergunta...

— Eu sou Emília do Loreto Mascarenhas... mas poderá haver ouro nome assim...

— Deixa falar este senhor, Emília — disse o Sr. Joaquim dos Reis, pondo o lenço vermelho em postura de recetáculo à destilação do tabaco, que, no justo êxtase de tal surpresa, lhe caía nos bofes da camisa em grossas pingas.

— A senhora conhece Azarias Pereira? — Eu que te disse, Emília? — atalhou o inquieto consorte, violentando o nariz repleto a sorver uma pitada com solene estampido.

— Conheci, sim, meu senhor!... — respondeu titubeando de vergonha da filha de Anacleta.

— Conheceu, ou não? Perece-me que a vejo embaraçada na resposta.

— Conheceu perfeitamente... Isto são mulheres — ocorreu o previdente marido. — Envergonham-se de dizer certas coisas... Mas enfim, não há remédio senão dizê-las... isto é uma história comprida; mas lá vai...

— Este senhor — disse Emília, corando — não te pediu ainda que lhe contasses alguma história.

— Não pedi, nem quero. O caso é muito simples. Azarias Pereira manda entregar à senhora Dona Emília Mascarenhas quarenta mil cruzados. Tem alguma razão de supor que este dinheiro lhe deve ser entregue, minha senhora?

— -Tem, tem... — disse com veemente entusiasmo o Sr. Joaquim dos Reis.

— Tenho... — confirmou Emília, vendo que Salema esperava uma resposta.

— Pois bem. Queira passar o recibo... Eu chamo-me José de Campos Salema.

Enquanto Emília escrevia, o milionário chamava da janela o criado da tábua, que entrava carregando a saca de dinheiro em ouro, à qual o negociante juntou um maço de notas do banco, e letras sobre o erário. Passado o dinheiro soltas vistas titubeantes do pianista em disponibilidade, Salema retirou-se com o recibo, entrou na carruagem, e mandou tocar para Odivelas.

Emília entrou no seu quarto, e acendeu a lâmpada a Nossa Senhora da Rocha, diante da qual rezou quantas

devoções sabia. O seu marido, menos suscetível de fervores religiosos, olhava estupidamente para aquele dinheiro, e receava uni ataque apoplético, receio que nunca o inquietara nas horas mais calorosas das suas perdidas criações de harpejos. Sigamos Salema a Odivelas. Antónia Mascarenhas era pela primeira vez aí procurada por um homem estranho. Esta visita coincidia com o momento em que a irmã adotiva de Sebastião de Melo contava as desventuras da sua mãe e as suas à condessa de Santa Bárbara. Com os olhos mal enxutos das lágrimas, e o coração arquejante, Antónia pediu à sua amiga que a acompanhasse.

A condessa entrou com ela na grade.

— Qual das senhoras é Dona Antónia Mascarenhas?

— Sou eu, senhor.

— Venho encarregado de entregar-lhe quarenta mil cruzados...

— Enviados por quem?

— Por Azarias Pereira.

— Esse infeliz ainda vive?

— Vive, sim, minha senhora. Nego, porém, que seja infeliz. Quem saca sobre minha casa duzentos contos de réis... será tudo, menos infeliz.

— Deus permita que a sua felicidade lhe não venha só do ouro...

— Pois, minha senhora, queira passar-me um recibo, e receber a quantia...

— Não recebo, senhor.

— Não recebe? Essa é boa! Venho de entregar igual quantia à senhora Dona Emília Mascarenhas, que naturalmente...

— É minha irmã... Esse dinheiro não me pertence... se a vossa Senhoria está encarregado de fazer uma restituição em nome de Azarias, queira dirigir-se ao marquês do Val, a quem essa quantia pertence...

— Eu não me dirijo a mais alguém. Quem quiser que me procure na minha casa. já cumpri a pedido de alguém obrigações que não tinha, e compromissos estranhos às

ordens que me foram dadas. O que posso, minha senhora, é deixar-lhe aqui o meu nome, a minha residência, e a certeza de que este dinheiro será entregue à ordem de Dona Amónia Mascarenhas seja a quem for.

— Vossa Senhoria pode fazer-me um obséquio... Decerto o não negará a uma mulher que lho pede com ansiedade.

— Queira mandar-me, minha senhora.

— Na Travessa da Junqueira, número quarenta e quatro, mora um sujeito chamado padre Dinis Ramalho e Sousa. Tenha Vossa Senhoria a generosidade de procurá-lo e dizer — lhe, que, da minha ordem, faça entregar essa quantia ao marquês do Val. Sei que ele cumprirá. Mereço-lhe esse sacrifício?

— Cumprirei, sem a mais leve repugnância. Salema saíra, quando a condessa, como transportada de respeito e admiração, abraçou Antónia.

— Ah! que é um anjo, minha querida amiga.

— Em quê, senhora Condessa? Eu que fiz, que não fosse um dever? Aquele dinheiro era do meu pai; mas meu pai era um eclesiástico...

— Que importa? Não foi perfilhada, Dona Amónia?

— Fui; mas meu pai, nas agonias da morte, quando conhecesse que fora envenenado pela mãe das suas filhas, amaldiçoaria aquela desgraçada mulher, e a raça que bebeu o leite daquele seio. Não posso... não podia ver um dinheiro, que fez da minha pobre mãe um verdugo... Perdoa-me, infeliz mártir!... Se estás na presença de Deus, condoí-te da tua filha, que, talvez neste momento, recebeu de ti a inspiração, para rejeitar aquele dinheiro, que tem o segredo de cinco cadáveres...

Antónia escondera o rosto no seio da condessa, e humedecera-lhe com lágrimas as mãos.

Retiraram-se da grade, entraram na cela, onde, como duas flores de virtude, se respiravam mutuamente os aromas que brevemente deviam subir à presença de Deus, que as confiara às vigílias de um anjo.

# CAPÍTULO VIII

O Sr. Salema tinha imensas razões para afirmar a paixão de Alberto de Magalhães pela valida do defunto conde de Santa Bárbara. Dias antes àquele em que vimos o proprietário dos nove navios cumprir as ordens do israelita Azarias Pereira, procurava ele Alberto para negócios muito urgentes, que só com o chefe de uma vasta rede de corsários podiam ser tratados.

Salema exigia que Alberto de Magalhães, a título de uma viagem a Constantinopla, saísse de Lisboa, para reconciliar com a sua presença desinteligências perigosas de alguns comandantes de navios, por causa de uma presa que um tal Lima fizera nas costas da China, a qual, e contra os compromissos sagrados da seita, sonegara no inventário.

Salema sabia que o tal Lima se refugiara em Gibraltar, e procurava desquitar-se das obrigações de pirata subalterno, entrando em Portugal como um honesto

brasileiro que se retira do comércio, e vem saudar na pátria o formoso clima da sua infância.

Era, portanto, forçoso punir um refratário; e o capitalista, alma destas complicadas operações, desde muito, delegara em Alberto a supremacia, o império absoluto do mar sobre dez navios com mil e oitocentos homens, entre os quais Alberto era conhecido por Barba Roxa.

Salema alegara ao seu tenente-rei as razoes urgentes da sua partida. Alberto ouvira-o com enfado, e respondera-lhe que deixasse o Lima em pai, que lhe não pusesse estorvos à sua entrada em Portugal, que todo o homem tinha direito a vir dissipar em terra as penosas economias do mar, que o Lima, com vinte anos de serviço, apenas poderia recolher com oitocentos contos, e não havia de que pedir-lhe saldos.

Salema conveio na imperiosa decisão do inflexível Barba Roxa, e entendeu que o coração daquele homem perdera a consciência do ferro. A humanidade de tais sentimentos não era natural ao seu carácter. O milionário conhecera-o resfolegando sangue pelos olhos, quando, no alto mar, o faro da presa lhe vinha exasperar a sede do ouro. Quem poderia transfigurar-lhe o génio? Neste mundo há só dois

milagres que podem de um abismo de perdição levantar um homem, morto para os sentimentos nobres, e insuflar-lhe a vida de um anjo: é a religião, e a mulher. Os sentimentos religiosos de Barba Roxa eram, pouco mais ou menos, os de Come-Facas. Alberto de Magalhães, na sociedade, tinha um ateísmo ilustrado; no mar, em face das tempestades confessava Deus na sua consciência; e como não podia conciliar a pequenez do homem com a majestade da tormenta, concluía que o verme não era responsável pelas suas misérias. Ainda assim, quando uma vaga lhe mostrava as fauces verde-negras, Barba Roxa não consentia que a maruja blasfemasse.

Não fora, portanto, a piedade que efeminara o coração, e enfraquecera o braço do corsário. Tinha muita razão o credor da dívida insolúvel da marquesa de Penacova. Andava ali influência mágica de mulher. Nesta convicção, Salema farejou a lura onde a lebre esperava o macho — como ele grotescamente dizia — e deu com Eugénia nos subúrbios de Sintra numa carruagem, com Alberto de Magalhães, que lhe pousava languidamente sobre o ombro nu a cabeça, que, tantas vezes, desgrenhada pelas rajadas,

no mar, parecia desafiar a cólera dos elementos, e marcar com os olhos o mastro em que o raio, resvalando, devia abismar-se aos seus pés.

Eugénia era senhora do coração de Alberto. Contra todas as leis do hábito, contra todas as precedências do opulento viajante, que deixara nas capitais da Europa a reputação de fácil conquistador, e mais fácil desprezador de invejadas conquistas, Eugénia, sem querer encarecer-se por artifícios, em cada novo dia, aos olhos do seu amante fascinado, irradiava uma nova sedução., uma beleza moral, espontânea e inesperada.

Sem ser aconselhada pela arte, a forçada rival de D. Ângela de Lima, sabia tudo o que o instinto ensina, e que a educação mais acurada não supre em muitas mulheres de grosseira inflexibilidade.

A fidalguia das maneiras sem requebros estudados em frente de um espelho, sem quebramentos de pescoço e cintura, que muitas vezes confundem a mulher mais elevada com os jeitos da mais envilecida, em Eugénia era tudo a tempo, ocorriam as posturas e as palavras com encantadora naturalidade, compunham-se-lhe as formas tão

ao próprio com as evoluções do espírito, que seria preciso ambicionar o impossível para desejar algum novo dom naquela mulher.

E, depois, veio-lhe de súbito o que era para desejar-lhe algumas vezes: a melancolia. No princípio, Eugénia, fora das recordações pesarosas da sua escravidão, como ela lhe chamava, era galhofeira, finamente mordaz, e demasiado faladora, mas nunca desengraçada. Ora isto não se ajustava tal qual com o carácter sombrio de Alberto. Mas,,. ao seu pesar, era tal o melindre com que a tratava, que nunca ele ousou dizer-lhe o que lhe faltava para ser perfeita.

Não foi preciso. A natureza completou o trabalho daquela bela organização. Logo que o espírito se afeiçoou ao manjar, que Alberto lhe aconselhara, e que a leitura lhe engrandeceu o mundo da inteligência, que apenas adivinhara pelo instinto, Eugénia era perfeita, entristecia-se sem azedume, cismava com os lindos olhos pasmados nos lábios do amante, como se não quisesse deixar nos lábios a pronúncia completa de uma ordem, antes de ser pelos olhos adivinhada e obedecida.

— Principio a sentir a verdadeira felicidade, Eugénia — disse Alberto, sentado numa pedra musgosa dos Pisões, em Sintra, enquanto ela fazia um ramo de flores agrestes.

— És feliz, Alberto? Por me veres tão alegre, não é?

— A minha generosidade não iria tão longe!... Sou feliz porque sou feliz... A ventura alheia... que importa ao egoísmo do homem? Bem pudera a tua alegria entristecer-me, por eu não poder senti-la contigo!... Sou feliz... Devo-te tudo, Eugénia. Hoje é que eu começo a recear alguma grande tempestade nesta minha vida, que tanto amo, que tão outra do que foi me amanheceu há poucos dias...

— Pois que pressentes, meu filho?! Não olhes assim para mim que me fazes mal!... O meu Deus! Tu tens lágrimas, Alberto! Que se passa? Esta solidão não é boa para ti... Arrependo — me de ter lembrado a nossa vinda para o campo... Vamos para Lisboa, amanhã, queres?

— Não. Tu não sabes o sabor destas lágrimas... Quando se é triste assim, é abençoada a tristeza... O amor faz isto, Eugénia!... Faz de conta que estas duas lágrimas são entre nós uma aliança eterna... juntos toda a vida, Eugénia!

Quando Portugal nos der um momento de mortificação, fugiremos daqui. O céu é belo em toda a parte do globo, quando a alma não está solitária... Senti desesperações dolorosas no Oriente, no Meio-Dia, no túmulo de Londres., e nas ruínas desertas de Cartago... em toda a parte a proscrição, o desalento, e a morte. Faltavas-me, Eugénia!... e nem sequer o coração me vaticinava a esperança de encontrar-te. Agora, sim... iremos de paragem em paragem até descansarmos ambos num a, onde digamos: “Vivemos pouco, porque era muita a felicidade ... Aqui, descansa-se no seio da morte.”

— Tão triste, Alberto!... E vês tu... gozo tanto ouvindo-te falar assim!... É porque todos esses pensamentos são meus... adivinhaste-mos... Eu também desejo abrir uma manhã os olhos para ver um mundo que nunca me visse... Pois sim, meu anjo!... Quando receares um desgosto em Portugal, vai, mas não me deixes, que, sem mim, não serás feliz em parte alguma. Não te rias desta minha vaidade, não? Não deves... Eu sinto isto, porque penso que se não pode amar tanto, e arriar duas vezes assim... Se o amor é

hoje a tua felicidade, como esquecerás tu a pobre mulher que te fez sentir alguma coisa do bem que lhe fizeste?

— Que te fiz eu, Eugénia!... Quase nada!...

— Olha, Alberto!... Vês estas flores?... são agrestes; nasceram ali, sem que ninguém as cultivasse, naquele silvado. Eu era assim, quando me colheste entre espinhos. É no que eu pensava, quando fazia este raminho. Toma-o... Olha, tu decerto não lhe darias mais valor, se estas flores viessem de um jardim, cultivadas com grande esmero para ti... pois não? responde... não penses...

— Não, decerto, Eugénia.

— Pois eu estou sendo para ti o que são essas flores... Elas e eu devemos-te uma estimação, que ninguém nos daria... O pior é murcharem as flores... e eu não queria a sorte delas... Que triste desenlace teve a minha comparação!

Neste momento, da estrada de Lisboa chegava o mordomo de Alberto, com um maço de papéis, que apresentou ao seu amo.

Este abriu, leu, e a meia voz disse ao criado: “Entregue-os ao prior... diga-lhe que não falta nada; passado um quarto de hora, estarei lá.”

— O cavalo vinha tão suado!... — disse Eugénia, referindo-se ao do mordomo.

— Era necessário vir de Lisboa com presteza... — Mas não é nada que te inquiete, Alberto, pois não?

— Cousa nenhuma, filha. A nossa vida é tranquila como o murmúrio daquela fonte... Todas as notícias são sempre bem-vindas... Pressagias alguma coisa triste?

— Eu, não... Não me vês tão contente, capaz de saltar de ramo em ramo como aqueles passarinhos?! Seria ingrata a Deus e a ti, se me não contentasse com a felicidade que tenho. Achas que o coração de uma mulher possa ambicionar mais?

— Pode...

— Pode!?... O quê, Alberto?

— Tu... Eugénia... fala-me com a sinceridade com que falarias a Deus, tu não ambicionas mais nada?

— Muito... o impossível... queria a imortalidade, mas assim como hoje a vida nos corre... Do contrário, não; ao menor dissabor, à mais pequena nuvem neste nosso céu, quero a morte...

Ora aqui tens a minha ambição, querido da minha alma!... Tudo o que não for isto... tudo o que forem coisas dos homens e da terra... acho-as pequenas, para valerem a ambição de uma mulher como eu, que adora um homem como tu...

— Que coisas da terra chamas tu pequenas?

— O que muitas mulheres... quase todas... reputarão a suprema felicidade, a grandeza da sua missão, a realidade magnífica do seu sonho... Não me perguntes mais nada, Alberto. Há coisas que se não devem perguntar a uma mulher na minha situação.

— Porquê?

— Teimas, mau?!

— Só esta e mais nenhuma. Qual é a tua situação para que se te não devam fazer certas perguntas?

— Para quê?... Porque o coração responde a elas ingenuamente, mas o rosto não pode deixar de corar...

— Compreendi-te, minha filha... Agora mais pergunta nenhuma... Aqui tens tu a igreja paroquial de Sintra... O exterior é mesquinho... queres vê-la por dentro?

— Pois sim; eu gosto muito do silêncio das igrejas... e agora ao pôr-do-Sol deve ser bonita a refração da luz... Ela está aberta, penso eu...

— Está.

Entraram no templo, e foram direitos à sacristia. Achavam-se ali dois clérigos, o prior e o cura, e o mordomo de Alberto de Magalhães. Eugénia ficara observando um painel da esquerda do altar-mor, e aí se conservava enlevada no entusiasmo da arte, quando sentiu passos ao pé de si. Era Alberto, e o prior paramentado de sobrepeliz e estola. Eugénia não ligou importância àquele grupo, que parecia esperá-la na última escada do altar.

— Eugénia — disse Alberto — , vem aqui ajoelhar comigo.

A fisionomia da esposada tinha alguma coisa de celeste. Por debaixo do véu transparecia-lhe o rubor do delírio, da

alegria, da surpresa, de todas as paixões grandes reunidas, de todos. os êxtases abrasados numa expansão única, que devia matá-la ou endoudecê-la, se fosse duradoura.

Sem articular dois sons, Eugénia ajoelhou, e quando o ministro do sacramento lhe disse as palavras que ela devia repetir: “Recebo pelo meu legítimo marido Alberto de Magalhães...”, a trémula menina, vacilante sobre os joelhos, fez-se cor de cera, e segurou-se ao braço do seu marido, que acabava de jurar as últimas palavras do sacramento.

Ao erguerem-se, ambas as faces tinham lágrimas. As de Alberto seriam, e eram filhas de uma paixão satisfeita, mas também eram, porventura, o egoísmo do homem que dava a uma mulher o gozo de ambições, que ela nunca sonhara. As Eugénias... que importa explicá-las ao homem?... O coração da mulher que as adivinhe... É a ela que Deus confiou o privilégio de idealizar as sensações que tocam imediatamente com a divindade por todas as fibras nobres do coração humano. Enquanto os anjos não falarem na voz do homem, serão as sibilas sagradas da religião do sentimento, serão as mulheres de eleição, as predestinadas

do génio, as que possam decifrar, em palavras as comoções e as lágrimas de Eugénia.

# CAPÍTULO IX

A recomendação de D. Antónia foi lealmente satisfeita. O marquês do Val, que acompanhava D. Miguel, recebeu a boa nova dos quarenta mil cruzados, ao pé do Porto, e pediu imediatamente licença para vir embolsar, em Lisboa, uma quantia que, alguns meses depois, lhe valeu muito na emigração. Há quem diga que o marquês, num excesso de reconhecimento ao seu defunto irmão D. Teotónio de Mascarenhas, lhe rezara por alma, de um só jacto, três padre-nossos.

Cumprido o encargo, padre Dinis foi a Odivelas abençoar a nobre e virtuosa resolução da filha de Anacleta. Encontrou-a doente. As golfadas de sangue, com intermitências de febre, repetiam-se, de modo, que a pobre senhora mal podia vir à grade, encostada à sua querida confidente, a condessa de Santa Bárbara. A saúde desta não prometia mais vida. O que a outra não tinha tanto era a

fortaleza de organização, porque Ângela de Lima, há mais de um ano, fora julgada héctica.

Padre Dinis encarava as duas senhoras como duas lâmpadas a bruxulearem os últimos lampejos. “Daqui a pouco”, dizia-se ele, “a minha vida é completamente escura. Tudo que me rodeava, vai desaparecendo. E Deus quer que eu veja de pé esta longa agonia das pessoas que me alimentavam o coração... Seja feita a vontade de Deus!”

Principiava o sacerdote falando na restituição, quando bateram à porta interior da grade. Era uma criada da prelada, que pedia licença para sua ama falar ao senhor padre Dinis. A dona abadessa, entrando, não demorou a causa da sua vinda:

— Por lhe não dar incómodo, senhor padre Dinis, pedindo-lhe o favor de entrar na minha grade, vim, sabendo que estava aqui com as minhas amigas, e suas. O fim para que o procuro reverte em honra e glória de Deus. A fama das suas virtudes chegou à cabeceira de um meu sobrinho, que se acha gravemente doente. A minha tia, condessa de San-Gens, pede-me que rogue eu a Vossa Senhoria o obséquio de procurar meu sobrinho Álvaro Faria, primo

direito do general Gervásio Faria, fuzilado em mil oitocentos e dezassete...

A prelada não continuaria se reparasse na convulsão do padre, na palidez de Antónia, e na perturbação de D. Ângela.

— Para satisfazer-lhe — continuou a abadessa — a grande devoção que ele tem de confessar-se com a vossa Senhoria.

— São obrigações do padre, minha senhora, que se não rogam, lembram-se-lhe. Irei, e muito breve, se é urgente a minha ida.

— Já, sendo possível. Eu sabia que a vossa Senhoria vinha aqui hoje, por mo ter dito a minha amiga condessa, e preveni-me, mandando vir uma carruagem, que está à espera da vossa Senhoria.

— Irei já, minha senhora... Ao Lumiar é perto, e eu prefiro ir a pé; necessito deste movimento; e Deus permitirá que o enfermo não perigue com a minha demora de alguns minutos...

Padre Dinis entrou no quarto, onde um enfermo, rodeado de filhos, e irmão, e parentes de todas as ramificações do

venerando tronco, não ouve uma só palavra que o console nas aflitivas angústias que lhe precedem a morte, como um cortejo de larvas. O terror está pintado nas fisionomias que lhe contemplam, com impotente piedade, os tardios remorsos.

Álvaro Faria é um homem de cinquenta a cinquenta e cinco anos. Uma velhice extemporânea arregoou-lhe profundamente os tegumentos do rosto, que parecem rasgados pela proeminência dos ossos. Como num rosto de réprobo, esculpido em cera, vêem-se dois glóbulos que volteiam, e saltam, e rodam nos eixos em vertiginoso delírio. São os olhos, que buscam na vista de cada circunstante o segredo do seu remorso.

Quando se abriu a porta do quarto, e apareceu o aspeto sereno do levita, os tocantes traços daquela formosa fisionomia de velho, os majestosos contornos do peralvilho de outras eras, esquecidos para muitas pessoas que ali se achavam, e um dia viram Sebastião de Melo... quando padre Dinis apareceu, dizíamos nós, retiraram-se todos.

— Tenho muita fé nas suas virtudes, senhor!... — disse o doente, estendendo ao padre a mão descarnada.

— Tenha muita confiança na sua contrição, e na misericórdia divina.

— Desejo confessar-me.

— Ouvi-lo-ei.

— Antes de começar a confissão queira dizer-me se posso escolher a culpa, que mais pesa na consciência.

— Pode; e exponha a maior culpa com a mesma confiança da menor. Há crimes que é necessário uma grande violência no arrancá-los do coração para os expormos na presença de um estranho. Esses receios tem-nos o homem de pouca fé, e contrição tíbia. Nesta posição, considere-me superior ao barro do homem. Veja-me como um instrumento de perdão, e esqueça-se de que eu posso ser um dos que não saldaram contas com a justiça de Deus.

O enfermo reanimou-se. O aspeto do ministro do Altíssimo era mais eloquente que as palavras. Álvaro Faria, cumpridas as fórmulas penitenciárias do sacramento, falou assim:

— Há quinze anos que foi fuzilado por crime de rebelião meu primo o general Gervásio Faria. Na véspera de ser

justiçado, confirmou com um testamento a perfilhação de uma filha que tinha. Esta menina, no futuro, devia ser herdeira do seu pai, e eu procurei todos os meios de obstar a que ela crescesse com o conhecimento de ser filha do meu primo. Devorava-me uma ambição infernal! Eu era rico, mas com um crime ignorado podia ser riquíssimo. Espionei a existência desta criança, e soube que ela vivia em poder da ama que a criara, e que a sua mãe desaparecera. Uma noite, com os meus criados, entrei em casa da ama, e arrebatei a criança do berço. Era uma menina de três anos, linda como um anjo, e sorria-me de uma maneira, que então me parecia uma súplica de piedade, e hoje me parece um escárnio às minhas agonias. Aconselharam-me que a matasse...

— E matou-a? — Não tive coragem. Mandei-a para uns caseiros que tenho no Algarve, e deixei-a lá estar até aos doze anos. Quando a menina chegou a esta idade, soube, pelos caseiros, que ela queria procurar em Lisboa uma casa onde servisse. Disse aos caseiros que a deixassem fazer a sua vontade. Nesta ocasião apareceu no Algarve o mordomo de um fidalgo de Lisboa, viu a pequena, soube

que ela queria servir uma casa, como criada grave, de uma senhora, e trouxe-a consigo para casa do seu amo. Há poucos meses que essa menina existia... Devo restituir-lhe a herança do seu pai?

— Deve. — Mas, senhor, os meus filhos ficam arruinados.

— Que mendiguem. Tem filhas, senhor?

— Uma.

— Deus não permitirá que ela encontre um amo, que a force à desonra, como Engénia.

— Eugénia!... Esse nome é o da...

— Amante do defunto conde de Santa Bárbara.

— Então o senhor conhece-a?

— Conheço... nada perde com isso...

— E é indispensável a restituição?

— Se ela a não dispensar.

— Isso é impossível!... Os meus filhos não podem ficar pobres!...

— Vossa Excelência não me disse que era rico, antes de roubar essa menina, e a herança do seu pai? Se lhe restituir, rico fica.

— Não é assim! Tudo que me veio dessa herança... perdeu-se! Era um palácio em Campolide; devoraram-no as chamas, e não ficou pedra sobre pedra. Eram cem contos de réis em mãos de um tal Moisés, judeu, que faliu em Amesterdão, e os credores perderam tudo. Aqui tem, senhor, essa herança não a possuo; se a restituo do que é meu, meus filhos pedirão uma esmola.

— Imitarão o filho de Deus, que a pediu, e não lha deram. — É impossível! A religião não põe assim o punhal ao peito de um moribundo!...

Os trejeitos do enfermo eram horríveis. Fechava os punhos, e nitria com os dentes por entre os quais a língua respingava sangue. O padre, na presença daquele espetáculo, cruzou os braços, e desviou os olhos, elevando-os para a imagem de Cristo. Quebrado do acesso, Álvaro caiu em profundo sono, pouco diverso doutro sono de que se amanhece na presença de Deus. O sacerdote esperou.

Acordado em convulsões, o penitente, irreconciliável com as condições um pouco sérias da restituição, ainda viu o padre, que o encarava com a mesma austeridade.

— Cuidei que se tinha retirado, senhor padre!... Quanto à restituição, tenho de consultar algumas pessoas religiosas, que decerto não hão de querer que os meus filhos mendiguem, para que a filha bastarda do meu primo saia da vil condição de criada de servir para herdar os bens dos meus avós... Ali!... agora me lembro... os meus bens são vínculos... não podem ser alienados fora da família...

— Isso é uma legislação absurda, senhor Álvaro. Os seus bens são vínculos; mas o rendimento dos seus bens é alienável até à última geração. O direito civil não absolve o roubo.

— Isso há de ainda discutir-se...

— Não se perca, senhor. A sua demanda vai decidir-se no tribunal de Deus; deixe aos  seus filhos litigarem a natureza dos seus bens... Vou dar-lhe uma esperança, não salutar para a alma, mas pode melhorá-lo no corpo, e o tempo fará o resto, _ Qual é?

— Essa menina que a vossa Excelência considera na vil condição de criada de servir dispõe de doze milhões.

— O senhor está a zombar.

— Não acho oportuna a ocasião para zombarias. Essa senhora casou anteontem em Sintra com Alberto de Magalhães.

— Nesse caso poderei salvar-me sem a restituição... que lhe parece, senhor padre?! Eu tenho muita fé na sua virtude! Poupe-me os meus filhos de pedirem esmola...

— O que posso fazer a Vossa Excelência é pedir a essa senhora que lhe conceda a esmola de cento e tantos contos aos seus filhos.

— A esmola? Isso é uma afronta ao meu nome.

— Nesse caso pedirei a Eugénia que aproveite a ocasião de “receber a honra” de não falar aos seus filhos nos cento e tantos contos.. Senhor Álvaro, a ironia não fica bem ao meu carácter... Sou pequeno em virtude, ao pé da obduração em que está sua alma. Antes de quarenta e oito horas, Vossa Excelência terá de Eugénia de Magalhães uma renúncia dos bens que poderiam pertencer-lhe do seu pai.

# CAPÍTULO X

Alberto de Magalhães encostado ao piano, com o contentamento de expansiva ternura nos olhos, escutava as maravilhas da arte, que só o talento criador de Eugénia, em tão pouco tempo cultivado, podia adivinhar.

Toda fragrância e mimo, sensível a cada olhar, estremecendo de carinho a cada palavra meiga, a cada gesto apaixonado, a ditosa esposa quisera exprimir no som do piano o que não podia trazer do coração em palavras. Tanta felicidade embriagava-lhe o sentimento em delírios de a tomarem febril. Tinham decorrido quarenta horas, quarenta fugitivos instantes, depois que pronunciara a palavra esposo. O sono não ousara tocar-lhe as pálpebras, sempre abertas para ver bem junto aos seus lábios o sono plácido, povoado de sorrisos, em que o seu anjo parecia saborear os frutos de uma feliz consciência.

Alberto viera encontrá-la ao piano, e ali ficara enlevado na mágica palidez de uma noite mal dormida, que tão suave colorido aumentava ao viço das rosas no rosto infantil de Eugénia. Assim se deleitavam os dois entes absolutamente venturosos, quando foi anunciado padre Dinis Ramalho e Sousa.

Eugénia, como surpreendida, estremeceu, e corou. Alberto, sem hesitar um instante, mandou entrar para aquela sala o seu antigo amigo Sabino Cabra, o cigano.

— Alberto... retiro-me?

— Não, filha... hoje queria eu que todo o mundo te visse...

Padre Dinis cortejara Eugénia, quase sem a fixar. Com Alberto, abraçou-se pela primeira vez.

— A que devo eu o prazer de o ver na minha casa? — Venho felicitar-vos, Alberto de Magalhães; e repreender-vos. Ontem foi o vosso casamento, e nem sequer vos mereço, já não digo um convite de amigo velho, mas ao menos a apresentação da vossa esposa. Aproximai-vos de mim, menina, e não repareis no tratamento que vos dá o velho padre. Estes cabelos dão-me direitos de paternidade.

Eugénia aproximou-se com timidez.

— Não vos quero assim acanhada. Conversai comigo falai-me de Sintra, dos amores de Bernardim. Ribeiro com a ingrata Beatriz, que menina e moça foi levada de casa do seus pais; dizei-me se o vosso coração não tem muita vida aqui debaixo deste céu, que o meu amigo Byron achou indigno desta raça de escravos... Pobre lorde, encontrei-o em Veneza procurando nos canais o cadáver de uma boa rapariga, que se matou por ele!... Era um generoso coração! Queimava o cadáver dos amigos, desenterrava do lodo o cadáver das amantes, fazia versos à filha, e não lhe dava os sobejos das suas dissipações; vendia aos ingleses os poemas em que os insultava; pintava comicamente o carácter da mulher na mãe do Dom João... era uma excelente criatura, que nos dava a honra de nos chamar bárbaros... Estou-vos enfastiando, meus amigos... Tendes razão.

— Pelo amor de Deus, não diga tal — atalhou Eugénia. — Vê como as suas palavras me restituíram o desembaraço?... Agora já sou outra... parece-me que o conheço há muitos anos...

— Pois é assim que eu vos quero. Então, Alberto, já sabeis quem era a pessoa que me mandaste a casa?

— Já... disse-mo Salema, que vos levou oitenta mil cruzados de uma restituição.

— Então não falemos disso mais... Sabei que tenho fome... Dai-me de almoçar, senão recolho-me ao conventinho dos pobres monges que lá estão em cima nas suas celas de cortiça...

Sentados à mesa dizia Alberto:

— Não sabe, meu caro padre, o que a minha mulher me dizia um dia?

— Não digas, Alberto...

— Porque não há de ele dizer? Se dissestes mal de mim, Eugénia, fostes injusta.

— Mal... nunca! — acudiu ela.

— Mal, não — disse Alberto — disse que lhe tinha medo, e certo medo que não é antipatia?

Valha-me Deus!... As rugas da velhice assustam as crianças... Já agora, filha, é sorte de velho!

— E quando eu lhe disse que padre Dinis sabia tudo quanto se passava...

— Enganaste-la...

— Quanto se passava debaixo do céu, sorriu-se.

— E teve mais juízo que vós, Alberto... Dai-me um desses biscoitos torrados, Eugénia.

— E acrescentou que vos faria uma pergunta...

Alberto, és um chocalheiro — disse Eugénia, com o ressentimento do mimo.

— Uma pergunta?... Dizei lá, menina; mas primeiro dai-me uma colher de açúcar. Os velhos são como as crianças: gostam do doce. Agora dizei lá a vossa pergunta.

Não digo, senhor padre Dinis; eu estava a brincar com Alberto: estou quase zangada com ele...

— Isso é que eu não quero... Quereis aí chá, Alberto?

— Se me faz o obséquio... Digo o que foi, Eugénia?

— Há de ela dizê-lo — atalhou o padre.

— Pois então... será logo — disse Eugénia, tentando em vão esconder o sobressalto.

Findo o almoço, passaram a uma sala.

— Agora, Eugénia... a pergunta?

— Meu Deus!... Ela não é vergonhosa, mas eu temo passar por louca, querendo achar na vossa Senhoria as qualidades de um adivinho.

— Dizei... riremos ambos, depois.

— Com essa condição... digo... Queria saber quem era meu pai e a minha mãe.

— Sim? Amanhã vos direi, minha boa menina. Eugénia, convencida da seriedade da resposta, ficou branca, transida e imóvel. Alberto procurava na fisionomia do padre um sinal de brinquedo naquela resposta.

— Ficais perplexo? Tendes razão. Olhai, porém, que não sou feiticeiro, nem desencanto genealogias. Amanhã, Alberto, estareis vós e a vossa senhora na minha casa, às duas horas. Jantareis comigo... Dai-me um abraço, filhos!... e adeus.

Padre Dinis saíra. Eugénia, abraçada ao seu marido, dizia:

— Isto é um sonho, Alberto?

— Não, filha. O padre Dinis é um homem superior... eu não to disse?

Ao mesmo tempo, as seculares condessa de Santa Bárbara, e D. Antónia Mascarenhas, recebiam licença do patriarca para estarem fora do mosteiro o prazo de tempo necessário para a restauração da sua saúde. Esta licença ia acompanhada de uma carta de padre Dinis, que convidava as duas senhoras a aparecerem na sua casa, no dia imediato, à uma hora da tarde.

Mediava, portanto, uma hora entre a vinda das senhoras e a dos noivos de Sintra...

Um quarto antes de uma hora chegou a carruagem de D. Ângela de Lima. As senhoras passaram, como familiares daquela casa, pela saleta de jantar, e viram cinco talheres e uma mesa, ricamente adornada de preciosas peças de ouro e prata. O luxo inesperado surpreendeu-as menos que o número de talheres.

Padre Dinis entrava no momento em que as seculares se consultavam com os olhos, e sorriu benignamente àquele pasmo em que as viu tão entretidas, que nem se voltaram para cumprimentar o dono da casa.

— Foram pontuais, minhas amigas.

— Ah!... o senhor padre Dinis! — exclamou Ângela, correndo com Antónia a abraçá-lo.

— Acham demasiada opulência em casa de um padre? Têm razão, mas o padre, quando as circunstâncias o colocam a par das classes elevadas, é necessário sacrificar à decência a humildade... Isto são coisas velhas, que a minha irmã nunca viu cá em casa... Nem a mim me lembravam já...

— Mas quantos somos a jantar? — disse Antónia.

— Os talheres são cinco! — acrescentou D. Angela.

— É que são cinco os convivas — disse o padre, encaminhando-as para a livraria. Nenhuma das senhoras cedeu à ansiedade de saber quem eram as duas pessoas estranhas. D. Ângela lembrou-se do seu filho... mas quem

seria o outro? D. Antónia lembrou-se da sua irmã... de Azarias... mas seria possível este encontro?

— Já sabem uma nova? — disse o padre. — Casou Alberto de Magalhães.

— Deveras?! — interrogaram ambas.

— Há dois dias, em Sintra.

— Com quem?

— Com uma menina pobre.

— Que virtuoso homem! — disse Angela.

— Naturalmente era alguma menina de boa família...

— Descendente de duas famílias muito ilustres...

— Bastarda, não? — Sim, minha querida Ângela... é bastarda.

— Ora vejam! Alberto parecia um homem insensível... Quem sabe se foi um casamento de capricho!

— Casamento de paixão — disse o padre, com a firmeza da convicção.

— Há muitos assim que não acabam felizes como começam... Mas tais serão as virtudes dessa menina... Namorou-se nos salões?... É muito natural. Namorou-a na rua... é extraordinário!

— Na rua?

— Na rua, senhora Condessa.

— Não entendo bem, ou o acontecimento é original...

— Não é original... Encontrou-a, oferecendo-lhe o seu coração, a menina aceitou-o, e por fim considerou-a tão elevada pelas virtudes, que a fez sua esposa, e reabilitou-a de desventuras passadas, que a sociedade intitula “desonra”.

— Pois ela...

— Tinha sido violentada a ser amante de um poderoso, que a tinha como serva.

— Mas não me disse que descendia de duas famílias ilustres essa menina?

— E confirmo o que disse... A infelicidade não anula o nascimento.

— Então foi abandonada pelos seus pais? — retorquiu Antónia.

— Ela é que lhe há de contar a sua história, minha irmã.

— Pois é ela a que vem...

— Com o seu marido jantar connosco... Aí está uma carruagem... São eles. Entrem na sala de visitas... A minha irmã restituo-vos a vossa supremacia... Espero que fareis a honra da casa. Vinde receber a esposa de Alberto de Magalhães.

Antónia desceu alguns degraus da escada para dar a mão à bela menina que subia, com o padre, que lhe dera o braço.

— Temos cá a senhora Dona Antónia de Mascarenhas! — disse Alberto. — Como passa, minha senhora?

Entravam na sala, trocando-se os ditos comuns da civilidade, quando Eugénia deu de face com a condessa de Santa Bárbara. Eugénia apertou o braço do padre como pedindo — lhe um apoio, e uma razão daquele encontro. A condessa, esvaída e corada ao mesmo tempo, não respondia ao cortejo de Alberto, que também não

compreendia a imprudência do sacerdote. D. Antónia não participava das comoções, que se passavam nas fisionomias de todos, menos na do sacerdote, cuja impassibilidade estava sendo para Alberto uma suspeita de que aquele homem, ao cabo de trabalhosos sofrimentos, entrava na crise de uma demência. O facto inesperado, este absurdo encontro, não se explicava de outra maneira.

Padre Dinis, quando o silêncio daquela falsa posição começava, disse tranquilamente:

— A hora dada para o jantar é mais tarde. Sentemo-nos e conversemos. Senhora Condessa, vou comunicar-lhe o resultado da missão nobre, que ontem me foi ordenada pela senhora dona abadessa de Odivelas. Tratava-se de confessar um primo do general Gervásio Faria, fuzilado em mil oitocentos e dezassete. Eu não vou revelar o sigilo da confissão. É por ordem do céu que vou cumprir uma promessa feita ao moribundo... Dona Antónia... coragem! Vejo-a desmaiar!... O seu coração deve estar endurecido na dor, para afrouxar tão depressa debaixo de uma impressão que Deus lhe manda!... Então!... Bem!... Pode chorar, mas quero que me escute...

“Esse general tinha uma filha, que fez sua herdeira. Essa menina fora roubada dos braços da ama, aos três anos de idade... Quem a roubou foi o meu penitente... Não a matou, porque a viu muito linda, e a coragem arrefeceu-lhe no coração pervertido pela ambição, porque, diz ele, nos lábios desta criança voava um sorriso, que lhe parecia como uma súplica de piedade...

— Então a minha filha... vive!... — exclamou Antónia, correndo para o padre com as mãos erguidas.

— Já que viestes, minha irmã, sentai-vos aqui mais perto de mim... Ora aí tendes o que é uma precipitação!... Aqui estão Alberto, e a sua esposa, sabendo que tivestes uma filha... Não repareis, senhores... Esta senhora tem chorado assim, muitas vezes, com a face sobre o meu coração... Deixai-a chorar, e depois continuaremos.

Continue... eu sinto-me capaz de ouvir tudo... — balbuciou Antónia, escondendo no lenço o sangue que lhe vinha com os fluxos de uma tosse, quase impercetível. Eugénia, sem ação, sem vida nas feições, olhava aquela senhora, e sentia em si os aturdimentos de um sonho, como nos instantes que se seguem ao despertar.

Padre Dinis continuou:

— A fortuna usurpada, por um misterioso processo da Divina Providência, desapareceu. O ladrão à hora da morte, pressente a eternidade das penas; quer salvar-se; mas não quer restituir, porque, se restitui, seus filhos pedirão esmola. A salvação deste homem é possível sem restituição? Ele quer que seja; mas o ministro de Deus não o absolve. Contra ele há dois brados que clamam vingança ao céu: o de uma pobre mãe, privada da sua filha; e da filha privada da sua mãe, e da sua herança, e do seu pão. Para que o meu penitente se salve, sem deixar seus filhos a mendigarem, é necessário que a mãe da menina roubada lhe perdoe as tormentosas aflições de quinze anos!... Antónia! Perdoareis a este homem?

— Sim, sim; mas, se a minha filha vive, que ma entregue. — Bem... O moribundo já tem o vosso perdão: mas não basta isso... É necessário que a menina privada da herança, e da sua mãe, lhe perdoe a orfandade, a fome, os desastres que possam ter decorrido na sua existência de quinze anos de abandono, e de miséria... Sem isso, a salvação do agonizante é impossível... Eugénia!... perdoais ao homem

que vos privou de mãe, e da fortuna? Vossa mãe já perdoou... agora vós!...

Não tentaremos o impossível. Esta cena não se descreve. Padre Dinis está em pé, com o braço direito estendido na postura em que o tinha, apontando para Antónia, quando disse: “Vossa mãe já perdoou!” Antónia quando compreende a significação daquelas palavras, e olha para o padre espavorecida como interrogando-o pela realidade daquele sonho, sente uma névoa baça toldar-lhe a vista, e o alento que se lhe esvai nuns braços que já não vê. É Eugénia, que ajoelha com a sua mãe nos braços, e a condessa, também ajoelhada, que ampara a cabeça da sua amiga, chegando o ouvido à quase exausta respiração dos lábios. O coração de Antónia bate debaixo da mão de Alberto, que dobrou um joelho, e não tira os olhos dos da sua esposa, que parecem nublar-se. Padre Dinis, inferior a Deus, e superior a todos os homens, olha aquele grupo com um santo sorriso, como o dos mártires glorificando a Deus. Alberto chama Eugénia, como receoso de a ver desfalecida.

— Não temas — disse ela — esta força vem-me de Deus. A minha mãe não morrerá... pois não, senhor padre Dinis?

— Não, filha... Não vê que se abrem os olhos? Quando estivesse morta, o amor de mãe ressuscitá-lo-ia. Antónia! Não é um sonho... Eu adivinho as perguntas do vosso coração. Esta menina é vossa filha... Alberto é o seu esposo... Ângela é a vossa querida amiga... Vede, já o é também da vossa querida filha... Olhai como elas se abraçam contritas, pedindo-se perdão com as súplicas da alma... Eu, que vos tenho nos braços, e no coração vos tenho tido, dezasseis anos, serei sempre o vosso irmão... Estais melhor? Penso que sim... Não tendes força para ir abraçar a vossa filha?... Olhai, é ela que vem beijar-vos a mão... Abençoai-a... Chorai muito, que, na vossa situação, não há palavras... Mas não quero que o banquete seja de lágrimas. Deixemo-las, Alberto... Vinde ver a minha mesa. Direis que Luculo convida Apício a jantar...

O jantar esperava as senhoras, quando Ângela veio dizer que era impossível conduzir Antónia à mesa; que a sua amiga estava gravemente incomodada do peito, e pedia licença para recolher-se à cama. Eugénia pedia licença para acompanhar sua mãe, e a condessa de Santa Bárbara encarregava-se de as servir, levando-lhes uma gota de

caldo, e jantando com elas, para compartir da felicidade das suas amigas.

Padre Dinis e Alberto de Magalhães, como organizações feitas na provação dos abalos, não abandonaram completamente o apetitoso jantar, que lhes era servido. Em fugitivos instantes deixaram a mesa, onde as palavras que trocaram foram muito poucas. Recolhido em si, digeriam, por assim dizer, a impressão que receberam com coragem: mas o coração era de homens, e o homem não pode evitar os efeitos de tudo que é sublime, pelo belo, ou pelo horrível.

Passando ao quarto de Antónia, encontraram-na febricitante. A estas horas, era certo um créscimo, desde que padre Dinis a visitara, na sua volta de Santarém. Eugénia velava sua mãe; Ângela de Lima juntava os desvelos de amiga aos desvelos da filha.

Padre Dinis chamou Alberto de Magalhães ao seu gabinete, e escreveu o seguinte bilhete:

“Eugénia de Magalhães renuncia à herança que tinha a receber de Álvaro Faria.”

— Dizei a vossa mulher, que assine esse bilhete... Levai-lhe essa pena...

Terminava o prazo das quarenta e oito horas, quando Álvaro Faria recebia o perdão da filha do general, conduzido por um frade capuchinho encarregado de lhe ouvir a sua confissão.

Ainda viveu alguns meses. Foi necessário dizerem-lhe que o conde de Vila Flor estava em frente de Lisboa para morrer de pasmo... que de remorso... era impossível.

# CAPÍTULO XI

Estamos a 28 de Agosto de 1833. Alberto de Magalhães vive em Sintra com a sua esposa, cada vez mais querida, e a sua sogra, que pede com incessantes súplicas um ano mais de vida para conhecer, na sua carreira de quarenta e dois anos, um só de felicidade. Os carinhos da sua filha não a salvam. O Outono virá brevemente confundir no sussurro da folhagem, que rola no chão, o último gemido daquela mulher.

Na casa próxima à de Eugénia vive a condessa de Santa Bárbara, só, desconhecida à sua própria criada.

Na quinta vizinha, numa pobre casa de lavoura, vive padre Dinis, que, no dia 24 de Julho, incapaz de sentir o entusiasmo dos liberais na Praça do Rossio, foi interrogado sobre “ quem vivia.” O sacerdote, sem empalidecer, perguntou a Deus e à sua consciência que peso teria a sua vida na balança dos partidos. O seu silêncio ia ser punido,

quando um homem de entre as multidões, armadas de lanças e chuços e espadas, o tomou pelo braço e o afastou do holocausto. Era Alberto, cujo laço azul e branco impunha respeito, e mais ainda o seu nome impresso no catálogo dos beneméritos credores da causa da liberdade, para a qual o suspeito espião de D. Pedro contribuíra com muitos contos de réis. Neste conflito, um homem de catadura sinistra abraçou Alberto, erguendo-o três vezes ao ar.

— Não me conhece, intrépido Barba Roxa.

— Conheço...

— Viva à liberdade!

— Viva à liberdade!

— Somos todos iguais!

— Justamente, todos iguais!

— Viva o povo, povo de valentes, e de heróis!... Abaixo o despotismo!

— Abaixo o despotismo... — repetia sempre Alberto com um sorriso de escárnio.

— Uma nova época vai ser inaugurada! — continuava o orador.

— Diga-me... que fogueira é aquela? — perguntou friamente Alberto.

— São os móveis do Miguel Alcaide, que foi enviado ao diabo esta manhã! O povo faz justiça pelas suas mãos! O povo é rei!

— Viva, portanto, o povo!

— E morram os frades!

— Eles morrerão...

— E também os padres! Os infames! Os hipócritas! Os jesuítas! Os inquisidores... morram os padres!

— Sois muito cruel, senhor Lima! — atalhou mansamente padre Dinis.

— Quem lhe disse o meu nome! Eu não conheço este sotaina! Olha o diabo, que aqui me aparece!

— Este sotaina — replicou o padre — é um homem que reprimiu em Inglaterra a sua vida, senhor Lima, condenada

ao cárcere perpétuo por certas abordagens nas costas da América...

Lima, o pirata, que o milionário Salema queria punido, encarou padre Dinis com respeito, curvou-lhe a cabeça, e estendeu-lhe a mão. O padre repeliu-o, e seguiu impassível o seu caminho. Alberto de Magalhães, preparado para evitar qualquer agressão do seu facinoroso colega do mar, seguiu o sacerdote.

E desde esse dia nunca mais voltaram a Lisboa. A condessa, afeita ao amor de Antónia, seguiu-a, porque a sua amiga não podia separar-se da filha. Padre Dinis convivia em ambas as casas, testemunhando uma felicidade, preparada por ele, como instrumento do céu. Pedia a Deus que o não deixasse sobreviver às duas senhoras, que eram a sua família, a nutrição dos seus afetos, o amparo daquele coração, que não tinha, por morte delas, senão a saudade de um anjo, e a esperança de encontrá-lo no céu.

Deus tinha disposto. Amónia, após quinze dias de cama, rodeada de médicos, conversou uma noite com padre Dinis até às três horas da madrugada, Recordou os lances todos

da sua vida. Contou-lhe episódios da infância, a história minuciosa, sentimento por sentimento, da sua paixão pelo pai de Eugénia. Pediu-lhe que repetisse o martírio da sua mãe: as palavras que se trocaram, e a descrição da capelinha em que ela morrera.

O padre concebeu, um momento, esperanças de uma favorável crise na doença. começava a dar-lhe consolações, e citar exemplos de curas inesperadas, quando Antónia, sorrindo à ternura do seu benfeitor, murmurou:

— Meu amigo, meu pai... peça a Deus que me receba no seu bendito seio, porque a minha vida está no fim... Devo à Virgem Santíssima esta revelação... pedi-lhe sempre, que me desse o pressentimento da morte próxima... Morro feliz, meu anjo bom, morro feliz... podendo, na minha... talvez... última hora, dizer-lhe: “Padre Dinis... devo-lhe esta morte... Vou esperá-lo na bem-aventurança!...”

Antónia fechou lentamente os olhos, mas respirava. Era o sólio percursor do sono eterno. O padre ajoelhou diante do crucifixo, quando entraram Eugénia e Ângela.

— Morreu? — exclamou Eugénia. — Ainda não! — murmurou o padre.

— Oh, minha mãe! — bradou Eugénia, beijando-a na testa húmida de suor. Antónia abriu os olhos, sorriu, levou ao coração as mãos de ambas, e perguntou por Alberto.

O marido da filha chegou ao leito, e afastou-lhe os cabelos da testa.

— Que é, minha querida mãe?... Sente-se melhor?

— Sinto-me bem... e padre Dinis, onde está? Olharam todos, e não o viram. Alberto procurou-o em casa, e soube que tinha saído; voltou a perguntar se deveria procurá-lo em casa dele; Antónia acenou que sim; e disse à filha: “Diz-me o coração que o não tomo a ver.”

Padre Dinis entrara em casa. Quando Alberto voltou, e disse que o não encontrara, Antónia murmurou: “Eu não vos dizia? Seja feita a vontade do Senhor... Ângela, minha querida amiga, deixo-a depositária desta lágrima que verto na sua mão... é de padre Dinis... diga-lhe que a moribunda não podia deixar-lhe outra lembrança... a última lágrima... Eugénia!... Ângela!... Alberto!... a memória da minha

desgraçada vida aí vos fica para nunca vos esquecer esta pobre mulher... ”

Fechou os olhos... Os gemidos que chamaram por ela ouvi-los-ia... mas na eternidade.

Eugénia desmaiou nos braços do marido. Ângela apertou a mão do cadáver, e murmurou:

— Até logo, minha amiga! Será verdade que uma grande aflição purifica a natureza humana, santificando-a com o dom da profecia?

Aquele “até logo!” não seria inspirado por uma voz sobrenatural, que disse a Ângela: “Vem, oh mártir!”...

Algumas horas depois, a condessa de Santa Bárbara recebeu a seguinte carta:

Eu pedi a Deus, com todo o fervor da minha alma, que cerrasse os meus olhos, cansados de ver e chorar, antes que o túmulo me escondesse dois anjos que me foram consolação na velhice, e vaidade, sem culpa, no coração.

O senhor não atendeu a oração. do pecador. A minha “irmã”, a flor que levantei debaixo dos pés da sociedade,

que fiz reverdecer com os meus desvelos, que ensinei a fortalecer-se na seiva das suas próprias lágrimas, a minha primogénita, deixai-me assim Chamar-lhe, nas entranhas do coração... morreu!

A estas horas, Antónia, que me estava na alma, no sangue, no pensamento de todas as horas, quebrou-se deste vínculo de dezasseis anos, e deixou-me no mundo como guarda de mais um túmulo.

Condessa de Santa Bárbara, minha filha também, que te aparentaste comigo pelo martírio, que respiraste comigo o ar que mata o Pulmão por onde se respiram as lágrimas na terra; Ângela, tu podes, de um lance de olhos, compenetrar-te do meu drama em metros de vinte anos. Daqui até ao meu berço... decorrem cinquenta e quatro... Os tormentos dessa longa juventude... morrerão comigo.

Estou rodeado de túmulos. Aqui, Pedro da Silva, o anjo da tua juventude, Ângela. Ao pé, selado por um mistério da Providência, o túmulo do conde de Santa Bárbara, Sobre o coração o peso da pedra, que me esconde as cinzas de Francisca Valadares. Ali, os ossos da minha mãe abraçados pelo cadáver dilacerado do meu pai. Além, a sombra de

Anacleta, a mártir que conversa com a tempestade do céu no alto das montanhas, Aqui, na minha mão, o calor ainda do último beijo que fechou os lábios de Antónia.

O que tenho eu sido na face da Terra? O espectador sinistro que contempla todos os infortúnios, e leva consigo a morte ao desenlace de todos os dramas.

Se há generosos sacrifícios da minha vida, quais são as consolações com que a justiça eterna me indemniza? A solidão, a orfandade, a queda de cada ente que levanto, mas a queda num abismo onde os gritos da saudade não tem um eco.

Eu não blasfemo, Ângela! O meu desalento não é um perjúrio às mortificações de Cristo, que eu jurei adorar, como professo na vida da resignação, e como homem que procura, há trinta anos, penitenciar-se com o riso nos lábios, e com a mão estendida para o algoz.

Não, blasfemo, filha. Sinto que a última hora da minha expiação não tenha soado... sinto, porque estou fraco, Porque não posso mais, porque ouço estalarem as molas deste barro quebradiço.

Quando vos deixei, pobres senhoras, recebendo o último suspiro de Antónia, que devia ser vosso, ajoelhei com os olhos no céu, e pedi ao Senhor que abrisse diante da minha velhice um largo horizonte, uma vasta peregrinação, sobre espinhos, um grande anfiteatro em que as carnes me fossem retalhadas, em que o martírio saldasse as minhas contas com o supremo juiz.

Era necessário fugir debaixo deste céu. Era necessário fugir de ti, minha filha, para não ver o leu cadáver. O resto das minhas forças, e a pouca vida que as anima, devia gastá-las em me afastar destes sítios, onde brevemente fecharás os olhos, Ângela.

Quero ignorar o teu fim: quero imaginar que vives: quero sonhar que um dia voltarei a Portugal, rojando sob o peso da decrepitude, a expirar nos teus braços.

E todas estas ilusões, extremo ar da minha alma, morrerão, onde eu viver. Partirei, Ângela!

Se um dia voltar, e me disserem que o penúltimo túmulo se fechou... se tiveres morrido... ajoelharei sobre a última

pedra que deve erguer-se para esconder o segredo do derradeiro conviva neste banquete de desgraças...

Condessa de Santa Bárbara, não conspiremos contra a soberania de Deus! Face em terra, filha! E murmuremos uma ação de graças, quando o raio vos estalar sobre a cabeça...

Alberto e Eugénia... são dignos do teu amor... Alberto tem a ciência da desgraça... Eugénia tem a herança do coração da sua mãe... Nos braços deles podem correr tranquilos os teus últimos dias.

O teu filho, será um dia o reflexo das virtudes de Ângela de Lima... Se na sua volta a Portugal, vos encontrardes... fala-lhe de mim, e diz-lhe que em poder de Alberto de Magalhães existe o seu património. Um dia receberá o meu legado, que não é ouro com que se compram baratas as virtudes, e se nutrem facilmente as paixões famintas... Será um livro.

A bênção de Deus afaste de sobre a tua cabeça os tormentos do remorso. A minha filha, adeus.

A condessa leu, com a mesma serenidade, a primeira e a última palavra. A vida exterior era a mesma; a morte, porém, estava dentro. Cada minuto era um ano; cada aspiração era um hálito venenoso, que lhe quebrava os vínculos do espírito à matéria inalterável.

Finda a leitura, Ângela passou à sala de espera, onde estava o portador da carta:

— Onde lhe entregaram esta carta?

— Em Belas.

— Disseram-lhe que tinha resposta?

— Não, minha senhora.

Ângela veio ao quarto de Eugénia, e pediu-lhe a sua carruagem para vir a Lisboa. Alberto, assustado por tão improviso destino, pediu a significação deste lance. A condessa entregou-lhe a carta.

Eugénia, que a ouvira ler, perguntou:

— E que faz com a sua ida a Lisboa, minha querida amiga? — Quero despedir-me... abraçá-lo como filha... é uma ansiedade do coração...

— Mas tem a certeza de encontrá-la?...

Decerto nenhuma... — replicou Alberto.

— Diz-me o coração que o verei... Se o não vir, paciência... Deus me levará em conta este desejo vão...

Abraçaram-se. Eugénia chorava, e a condessa entrava na câmara onde Amónia expirara, e dava um beijo nos lábios roxos do cadáver.

A carruagem partiu. Na Porcalhota a condessa sentiu uma vertigem. julgou que devia ser o resultado de uma horrível impressão... encontrara alguns cadáveres do exército realista, que estanciava naquelas paragens, e vira dois soldados coléricos a agonizarem encostados a uma ribanceira, ao lado da estrada, pedindo uma gota de água, que ninguém lhes dava.

À primeira seguiu-se uma segunda vertigem, cãibras, vómitos, arrepios, e um suor glacial. A carruagem parou. Um cirurgião militar chegou à portinhola, e disse ao boleeiro que a recolhesse depressa a Lisboa, se não queria levar um cadáver. D. Ângela pediu água. Deram-lhe quanta quis beber, e lançou-a logo. Alguns militares rodeavam a

carruagem, e um de superior patente ofereceu-lhe a sua casa. A condessa recusou, e pediu que a conduzissem depressa a Lisboa. Sentiu falta de ar, e olhou para as mãos que de repente se tornaram de uma cor azulada. O cirurgião disse ao ouvido do seu vizinho: está morta dentro de uma hora... já tem a cianose. Ora a cianose, na cólera de 1833, era o sintoma infalível de uma próxima asfixia.

A carruagem, a todo trote, parou na Travessa da Junqueira, número quarenta e quatro.

O boleeiro ia bater, quando a porta foi aberta por padre Dinis, que correu a abrir a portinhola. Recuou... Ângela tinha os olhos abertos, mas os lábios mudos. Padre Dinis estendeu-lhe a mão, que devia apertar-lhe a sua... não se moveu. Reparou de novo na face da condessa salpicada de manchas azuis, e viu que os olhos se tinham fechado. Tomou-lhe o pulso... nem uma palpitação...

— Parece que está morta... — disse o boleeiro.

— Está... ajudai-me a tirá-la... Padre Dinis subiu... depositou-a sobre um canapé, ajoelhou... e disse em voz

que tinha em si alguma coisa sobrenatural... um misto de terror, de santidade e de sarcasmo:

— Está feita a vossa vontade, Senhor! Quem quiser servir-vos, há de sentir-se esmagado debaixo da vossa cruz!... Senhor!... Aqui estou! Que quereis de mim?

# LIVRO QUARTO

# CAPÍTULO I

Eugénia recebeu a chave do caixão da sua mãe, e partiu com o seu marido para Lisboa.

Tinham decorrido dez horas, depois que Ângela de Lima fechara os olhos na presença de padre Dinis. A filha de Antónia já não vinha em socorro da sua amiga que estava morta; mas... quem seria com padre Dinis, no angustioso conflito de possuir um cadáver na sua casa, o cadáver da mulher a quem fora escrita uma tal carta, um adeus tão aflitivo!?

Irei — dizia ela — consolar o protetor da minha mãe; obrigá-lo-ei, com ternura e carinhos de filha, a ser da nossa família, Alberto, a viver na intimidade dos nossos corações, a participar da felicidade, que restauremos, quando a comoção desta desgraça estiver esquecida... Podemos fazer com que ele tenha alguma indemnização, neste mundo, do muito que lhe deve a minha família... não é assim, Alberto?

— Não aceitará, Eugénia. Aquele homem escapa a todos os cálculos humanos. Tem virtudes incomparáveis; mas o meio porque chega a possuí-las é sobrenatural, ou inconcebível para o resto dos homens, se não é para ele também. Sabes como eu o julgo, Eugénia? É um instrumento de Deus; mas tem sempre, ao seu lado, um demónio, que faz que as suas virtudes sejam doces para a humanidade, e amargas para ele. Isto parece um absurdo, filha; mas o maravilhoso, chamado ao tribunal da fraca razão humana, dá de si um encadeamento de absurdos. Nós não sabemos nada. Vivemos e morremos materialmente. É necessário que apareçam estes meteoros de deslumbrante clarão para desviarmos os olhos das mesquinharias, que nos rodeiam, e acreditaremos que há grandes segredos, acima do entendimento do homem ordinário, como eu.

— Tu!... um homem ordinário... tu!! que fizeste de mim o que sou... que me salvaste para a virtude pelo meio com que se abismam na perdição muitas mulheres...

— E que nome darias tu ao homem, que me levantasse do abismo da perdição para fazer de mim o que sou?

— Um Deus. — E se esse homem empregasse os meios da corrupção para me elevar à altura onde todas as virtudes são fáceis?...

— Não concebo a pergunta, Alberto...

— Se esse homem, lembrando-se que me deixava no mesmo abismo em que me encontrou, apenas me dissesse: “Toma lá com que sejas honrado um ano” e eu comprasse com essa dádiva novas desonras através das quais cheguei a uma situação de ser virtuoso pela consciência e pelo cálculo? Que nome darias a esse homem?

— Um instrumento de Deus, chegando ao seu fim por veredas extraordinárias.

— É o que pode dizer-se de padre Dinis...

— Mas não é esse o homem que tu disseste, por comparação, talvez, que te levantou do abismo da perdição...

— É ele...

— Padre Dinis?

— Ou Sebastião de Melo, ou... não sei como se chama... Quem dirá o verdadeiro nome deste homem?

— Há então um grande segredo na tua vida e na de padre Dinis?...

— Há. — Segredo, que morrerá contigo?

— Sim, Eugénia.

— Nunca mais falarei de modo que me repitas que o teu mistério é sagrado.

— Deixarias de ser um anjo, se transgredisses o teu juramento...

A carruagem parara em frente da casa de padre Dinis. A porta estava fechada. O criado da tábua bateu três vezes, e não ouviu rumor de vida.

— Aí não está ninguém nessa casa — disse um lojista, que morava em frente.

— Pois não mora aqui um padre? — perguntou Alberto. — Creio que morará; mas, há coisa de duas horas, saiu daí numa sege um esquife com uma senhora que saiu morta de uma carruagem, que, se me não engano, era essa mesma.

Atrás dela saiu o padre, e os dois criados que tinha, e não tornaram...

— Mas tornarão, talvez... — interrogou Eugénia.

— Parece-me que não... Eu sei a quem os criados disseram que o seu amo os despedira, porque não voltaria a casa.

— Mas — disse Alberto — se falarmos com o senhorio da casa poderemos saber se padre Dinis lhe entregou as chaves.

— O senhorio era ele. Há mais de quinze anos que ele comprou essa casa a um outro senhor que ali viveu, e que, se bem me lembro, ouvi dizer que se chamava Sebastião de Melo.

— Que faremos? — perguntou Eugénia ao marido.

— Que faremos?... Não sei, Eugénia... Creio que tudo está consumado. A condessa a estas horas, é um cadáver confundido entre centenares de cadáveres. Padre Dinis é impossível encontrá-lo... Das duas, uma: ou está morto, ou sepultou-se vivo.

— Não será assim, Alberto... Faz o que eu te digo... Vamos ao cemitério...

A carruagem parou no Campo de Ourique. Alberto interrogava os boleeiros de seges de praça que encontrava. O último disse ser o condutor de um esquife, que saíra de uma casa na travessa da Junqueira. Não soube informar acerca de padre Dinis. O cura da paróquia, e mais ninguém, tinha sido o préstito do cadáver. Disse que a defunta ficava para ser enterrada na última vala do campo, à esquerda, para o lado de baixo.

A carruagem circungirou aquela seara de mortos, sem número, sem sinal, acumulados aos três e quatro da mesma família, no mesmo fosso, e envoltos no mesmo lençol. (*)

*[(*) Não é exageração. Dos estragos da cólera-morbo em 1833, especialmente em Lisboa, não há uma estatística, porque os espíritos dessa época, preocupados com a guerra ás portas da cidade, curavam mais de pensar os feridos em batalha, que computar os mortos da epidemia. Hei de lembrar-me sempre do estupendo pavor que recebi, aos sete anos, quando, numa segunda-feira, bati à porta do meu mestre de primeiras letras, e ninguém me respondeu: a razão do silêncio era tristíssima; não vivia ninguém naquela casa; e, contudo,*

*eu deixara ali, no sábado, sete pessoas vivas. Até domingo às três horas da tarde, morrera o mestre, três irmãs, o pai e dois criados.]*

Além, do extremo do descampado, levantava-se uma como baliza, vigia de mortos, um vulto escuro, que Eugénia conheceu pelos olhos do coração.

— Queres vê-lo?

— Quem?

— Padre Dinis... Olha, ao lado daquele grupo, que despeja padiolas num fosso, não vês, para a esquerda um homem imóvel?

— Vejo... tens razão... é ele... ninguém estaria ali naquela postura... Depressa!...

A carruagem parou a pouca distância da vala. Eugénia e Alberto apearam. Consultaram-se se deviam perturbar aquele homem, de braços cruzados, e olhos mergulhados no cômoro de saibro, como se daquele chão devesse levantar-se o ente que as suas mãos ajudaram a reclinar no leito gelado.

Eugénia parou quase ao lado do padre. Alberto, com o chapéu na mão, e os cabelos eriçados do entusiasmo daquelas cenas, em que o pé do terror esmaga os espíritos intrépidos, não ousava aproximar-se tanto. — Senhor... — murmurou a filha de Antónia.

Padre Dinis voltou serenamente a face, como se não fosse surpreendido.

— Eugénia!... também vieste visitar a última paragem da amiga da tua mãe!... Também aqui estás, Alberto?... Vinde para ao pé do nosso anjo, que nos deixou aqui o coração... Está aqui... Olhai para este tabuleiro de terra... é dona Ângela de Lima que se reduziu a isto!... Aqui tendes a formosura, as esperanças, trinta e quatro anos de martírio... um coração que recebeu todos os golpes, uns lábios que abençoaram toda as dores, uns olhos que choraram todas as lágrimas, e se fecharam quando a dor, que eu lhe causei, devia ser a última... Quereis que vos diga? É uma vítima que eu fiz!...

— Não diga tal, padre! — atalhou Alberto.

— Pois que quereis, cegos? Não vedes em mim uma auréola de fogo sinistro? Tudo, que se aproxima de mim, cai. Respiro a morte... Quem viver do ar, que me rodeia, morrerá. Senão... vede... Eu preparava-me para abandonar Portugal, e tinha dito a Deus: “Não permitireis que aquela... era esta que aqui está... não permitireis que Ângela morra diante dos meus olhos... Eu vou, Senhor, trabalhar no vosso serviço... Na Índia há martírios para os que proclamam o Vosso nome. Ainda bem! Irei dizer que Vós sois um Deus de justiça, e testemunharei com os meus padecimentos de longos anos a Vossa vingança... Deixai-me satisfazê-la com o meu sangue, mas não violenteis o Vosso servo a baixar os olhos sobre o cadáver da filha do seu coração...”

A minha oração foi cortada pelo rodar de uma carruagem, que parou à minha porta. Desci, e vi Ângela fechando os olhos.

— Ainda o viu? — perguntou Eugénia, soluçando.

— Ainda me viu...

— Ela tinha dito que o coração lhe dizia que o viria encontrar.

— Encontrou-me, para me dizer na linguagem muda do último suspiro... “Deus não te fez a vontade... Aqui estou morta debaixo dos teus olhos... “ Ora, vede que vida a minha, bons amigos!... Dizei-me se não há aqui alguma coisa que excede as medidas do sofrimento humano! E, depois, olhai que é escusado chamar Ângela. Está morta, não tem ouvidos, nem olhos, nem coração. Acabou-se tudo aqui...

— Mas o céu... a eternidade... — disse Eugénia.

— Dizeis bem, minha filha... O céu, a eternidade!... O vosso coração é puro, não é?

— Puro!... O meu Deus!... quem pudera responder-vos saindo do berço...

— Pois eu digo-vos que o vosso coração está cheio de sentimentos bons, de esperanças nobres, e de fé nos milagres, que Deus pode operar em galardão de virtude, que lhos pede. .. Olhai, filha, pedi ao Senhor que vos deixe contemplar Ângela de Lima... podereis vê-la num sonho, no céu, na elevação das vossas orações... Se a virdes, dizer-lhe

que vistes padre Dinis, chorando sobre esta cova... Adeus, Eugénia!... Alberto... sê sempre bom para esta menina.

— Padre Dinis, não o deixaremos; Eugénia disse que seria da nossa família...

— A minha família são os túmulos... Acaba-se em mim esta raça de desgraçados... Ide-vos, em paz. — Senhor, venha connosco, pelas dores que tem sofrido com tanta resignação...

— Não queiras aumentá-las... Sede generosos com o pobre velho. Ide-vos... obedecei-me.

— Eugénia beijou-lhe a mão, banhando-lha de lágrimas. Alberto abraçou-o e encontrou entre os seus braços trémulos um corpo frio, tranquilo, resistindo às comoções daquele adeus.

A carruagem parou ao longe. Eugénia queria, pela derradeira vez, contemplar o homem superior, que tinha em si o segredo do seu marido, salvando um anjo no abismo da perdição... já o não viu.

## CAPÍTULO II

Sintra perdera os encantos para os felizes consortes. Aí lhe amanheceram dias de perfeita ventura. Nunca o desprazer os escurecera, senão viessem duas mortalhas enturvar a luz do céu propício, que testemunhava os seus amores estremecidos.

Eugénia vivia triste. A solidão daqueles ermos, que tão bons lhe tinham sido pensar sozinha na sua felicidade, povoava-se-lhe agora de visões pavorosas e tristes de mais para a sua alma enferma de saudades.

As imagens da mãe, da condessa, de padre Dinis, e, até, por atribulada coincidência, do conde de Santa Bárbara, aterravam-na, faziam-lhe girar o sangue alvoroçado, lançavam — na, como impelida por força estranha, dos braços de Alberto, para o mais escuro do seu quarto, onde chorava. O extremoso marido não compreendia aquela inquietação, e não podia duvidar do amor de Eugénia. À

mistura com os carinhos vinham as lágrimas... que lágrimas, porém, eram aquelas? Saudade? Pecava por excesso; não se explicava. Temor? De quem, ou porquê? índole? Não era a sua tão melancólica... Pelo contrário, Eugénia, se tinha horas de melancolia, desde certo tempo, em que se habituara a viver pelo pensamento num mundo diverso da sua infância, eram muitas as horas de uma vivacidade jubilosa, cheias de ditos galantes, de anedotas graciosamente facetas, em que Alberto, por força, devia rir — se. Que lágrimas, pois, eram aquelas?

Voltando de Lisboa, onde fora, sem consultar sua mulher pela primeira vez, Alberto encontrou-a triste; mas triste e mimosa de uma resignação, que não ousava perguntar ao seu marido a razão daquela falta de estima. Conhecedor profundo de todas as almas, excetuando a de padre Dinis, Alberto recompensou-lhe a humanidade dizendo-lhe que fora preparar o seu palácio em Lisboa, para se retirarem de Sintra no dia seguinte. Eugénia lançou-se-lhe nos braços, exclamando:

— Bem hajas, meu querido!... Eu desejava que saíssemos daqui, mas não ousava pedir-to.

— Porquê?

— Não sei; parecia-me que eras feliz aqui, e eu não queria mostrar-te que o era menos...

— Mas choravas...

— Chorava... não podia reprimir as minhas lágrimas; quanto mais coragem pedia a Deus, mais mulher me sentia.

— Que sentias? Medo?

— Não sei, Alberto... não posso dizer-te o que era... um peso de ferro sobre o coração... falta de ar, de luz, de vida... Tenho-te só a ti; mas não podia dizer-te as minhas visões...

— Visões? Julguei-te mais forte... — Sou muito fraca. Os vivos não me aterram... Parece-me que, ao teu lado, sou superior a todos; mas os mortos... Oh! meu Deus!... que frio sinto correr-me o sangue... Alberto, pela última noite, que passaremos em Sintra, não me deixes um instante sozinha... Tenho hoje mais medo que nunca...

— Medo! Que viste, Eugénia? Pelo teu amor, como por tudo que há nobre na tua alma, diz-me o que viste...

— Pelo meu amor... dizes tu... ó Alberto, para que invocaste o meu amor? Não posso esconder-te nada, se te serves desse testemunho... Eu digo tudo... Olha... lembras-te de me dizer padre Dinis que pedisse a Deus que me deixasse ver Ângela?

— Sim.

— Pedi... pedi com muito fervor, quinze dias...

— E depois?

— Vi-a... Alberto sorriu-se.

— Não te rias, que me fazes mal... Então começo a tremer de te contar o que vi... é uma profanação o teu riso... Escuta-me com piedade, e religião, sim, Alberto?

— Diz, filha... que viste?

— Vi Ângela... Eugénia estava lívida. Os olhos espantados fixava-os nas sombras agitadas nos escuros da sala pelos trémulos das luzes. Alberto, ao seu pesar, começava a sentir-se eletrizado do pavor magnético dos olhos dela. Naquele instante, passou-lhe fugitiva uma ideia:

“Estaremos tocados do contágio sobrenatural daquele homem?”

— Como viste Ângela?

— Como a conheci... em companhia do seu marido... Martirizada... amaldiçoando-me no silêncio do seu quarto... Vês?... Eu não queria dizer isto... Agora, sofre comigo, Alberto!...

A convulsa senhora correu aos braços do marido como quem foge de uma larva.

— Que tens, Eugénia? Que peso dás a essa aparição de um espírito exaltado?!

— Um peso de me não deixar viver feliz... Tenho-a visto assim muitas vezes, sempre assim... Mas é impossível que ela me não perdoasse!... Contei-lhe tudo... Ouviu-me a chorar... e beijou-me no fim com tanto amor... Será uma superstição, Alberto?...

— É... se o mundo tivesse pervertido a tua alma não terias semelhantes visões.

Vinte e quatro horas depois estavam em Lisboa recebendo a visita das notabilidades políticas, comerciais, e literárias, que se felicitavam por terem no seu seio o generoso propugnador das ideias liberais, e ao mesmo tempo lastimavam a perda da mãe e sogra dos ditosos cônjuges, senhora, cujas virtudes eram notórias (suposto que nenhum dos circunstantes a conhecesse de vista nem de traição). Faziam-se, nesse tempo, os ensaios orais do "artigo-necrológio" que depois se tornou um cargo especial dos talentos, fúnebres da nossa terra, donde, apesar das inovações do género, não foi ainda possível excluir o "a terra lhe seja leve" para todos; e o " era uma florinha no despontar da vida" para as donzelas "era o modelo dos pais, dos amigos, dos esposos e dos cidadãos" para o velho que exerceu "cargos municipais" e o "era um carácter dantes quebrar que torcer" para os fidalgos de raça. De resto, o necrológio, em Portugal, vai individualizando a nossa índole literária, como a parábola no Oriente, e a metafísica na Alemanha. Ora, esta enfiada de palavras desatadas e sem propósito no romance, vieram para dizer que Alberto de Magalhães hospedava na sua casa a nata da gente nova, a alta sociedade que deslocara da sua peanha

de sete séculos o ídolo supersticioso da velha raça. Eugénia excitava o interesse dos ilustrados admiradores do seu espírito, e fazia-se respeitar pelos mais audazes, que vinham do estrangeiro enfronhados em arrebiques da nova civilização, e caracterizados à feição de certos homens, que viram em Paris, denominados “leões”.

Nas salas, pois, de Alberto de Magalhães reuniam-se os primeiros leões, que tinham a generosidade de reputar “leoa” a galante dona da casa.

Alberto, o homem do mundo, que anos antes encontrara em França, estranhos à boa sociedade de Paris, os que na sua casa ostentavam familiaridade com a melhor gente de Saint-Germain, ria-se em particular dos seus amigos, e convidava-os a contarem-lhe a vida de Paris, como quem desejava um dia entrar naquela terra sem a gaucherie desparvenus (como dizia o recente barão de Sã, que falava pessimamente o português e o francês).

— Em Paris, (dizia o dito barão) madama, a vida é bela de tudo o que a vida tem de bom e da leplaisir au coeur. As mulheres... perdão madama!... Em Portugal não faz bom som na orelha a palavra “mulheres”. Em França, se diz les

femmes, e eu não sei o que há de gauche nesta frase posta em português. Les femmes ont cette coquetterie... perdão; eu estou esquecido da minha língua, e, malgré moi, falo em francês quase sempre por engano. As damas, dizia eu, têm este coquetismo... pode dizer-se “coquetismo”, Xavier?

— Pode... é genuíno clássico — respondeu o senhor Xavier, magistrado zombeteiro, que pisava a bota de verniz do seu vizinho, desairando-lhe dolorosamente o aprumo dificílimo dos calos, pouco parisienses.

— Tem este coquetismo — prosseguiu o barão puxando à esquerda o fantástico frisado de “la cheuevre à Saint-Sinion ”, como ele seriamente a definia. — Elas têm este coquetismo que faz mal ao coração, e entusiasma, enivre, embriaga a cabeça. Elas sabem fazer o que as senhoras de Portugal não sabem, c'est à dire, elas sabem causer...

— Causer?... Não o compreendi, senhor Barão — disse Eugénia com infantil artifício.

— Cauçer... madama, não tem na nossa língua uma palavra enérgica, significativa, “tranchante”, que explique assaz o sentido. Causer é uma espécie de “conversar”.

— Ah!... já entendi... queira prosseguir.

— Em Portugal, posso avançar que não sabemos o que é conversar au coin du feu. Falta — nos este verbe que, abstração feita de raras damas, cativa o ouvido com conversas sempre palpitantes de interesse. Portanto, a mulher francesa conversa sempre em négligé. Ela nunca se impõe pretensiosamente por se fazer escutar banalidades. Ela tudo que diz é petillant, e por tudo dizer, não faz as grimanças de algumas ridicules, que não tiveram o seu Moliére. Oh! eu amo as damas francesas.

— Com esse entusiasmo pelas felizes senhoras de Paris deve ter sido muito venturoso nas suas empresas, senhor Barão!... — disse Eugénia recobrando toda a finura do seu carácter railleur, como diria o bom do barão, se fosse pateta uma polegada menos.

— Se vos apraz, madama, direi, sem vaidade, que surmentei entraves, que fariam recuar muitos outros. Quem não amaria em Paris, a não ter o coração blasé?

— Não lhe foi por isso muito doloroso o exílio... — atalhou Eugénia.

— A posição do exilado é sempre penível, minha senhora; mas o bom Deus, como dizem os franceses, indemnizou-me com mão larga...

— E eu cuidei que os portugueses não eram bem recebidos pelas senhoras francesas...

— Enganou-se, madama, eu estou ao facto de exemplos que provam o contrário...

— Sim?

— Aqui o nosso amigo — disse o magistrado — é o almanaque das aventuras dos proscritos. Sabe uma copiosa crónica de escândalos, e promete, quando recuperar a perdida língua pátria, escrever — Os Fastos do Exílio.

— Nesse caso — disse Alberto — , esperaremos essa preciosidade literária, moral e filosófica...

— Mas em tudo sabes, meu Barão — prosseguiu um conselheiro, que se vira em tratos para disfarçar os frouxos de riso, que o cometeram durante a algaravia do barão. — Não sabes tudo e eu vou contar, ou causer, como tu dizes, acerca de um acontecimento que vai provar a Vossa

Excelência senhora Dona Eugénia, que os portugueses são bem recebidos pelas senhoras francesas.

— Estimo-o muito como português, vaidosa dos cavalheiros portugueses... É uma espécie de nacionalidade, não é?

— Decerto... Aí vai a história, Barão. Faz as tuas notas. Em mil oitocentos e vinte e nove apareceu em Paris um cavalheiro português, que dava pelo nome de Leopoldo Saavedra. já sabem do que vou falar...

— Isso é um bizarro sucesso — disse o barão —, mas não sei bem como isso foi... ouvi falar à vol d'oiseau.

— Leopoldo Saavedra apresentou-se com recomendações do ministro francês no Brasil, e foi apresentado na melhor sociedade. Era rico, boa figura...

— Conheceste-o? — perguntou o magistrado.

— Não. Nesse tempo estava eu com o Palmela em Londres. Tratei muito de perto pessoas que o conheceram. Além de rico, e gentil, era eloquente, falava umas poucas de línguas, e conversava com os gregos na pura língua de Homero. A melhor mulher de Paris, a flor dos salões de

Carlos décimo, era a duquesa de Cliton, viúva com vinte e tantos anos de idade, e trinta mil libras de renda. Imagine, senhora Dona Eugénia, uma dama três polegadas mais alta que a vossa Excelência, rosto comprido e magro, tez pálida, olhos grandes e negros, pestanas longas como franjas de cetim, boca irrepreensível em todas as linhas da formosura, um buço espesso, que se encaracolava voluptuosamente nos cantos dos lábios, pescoço de cisne, larga dos ombros, musculosa quanto o escultor, inspirado pelo belo, quis que o fosse a Vénus de Guido, não quebrando pela flexível cintura como milagrosamente, aprumando-se na linha reta em que uma rainha daria as suas ordens, olhando com inteligente soberania para a pequenez das coisas que a rodeavam, falando com orgulho, saudando com soberba, deprimindo as invejosas, matando com ironias as paixões fáceis dos leões parisienses... tal era a amante de Leopoldo Saavedra, nosso patrício...

— Mas quem é esse Leopoldo Saavedra? — disse Eugénia. — Não tenho ouvido pronunciar esse nome...

— Nem eu, minha senhora, fora de Paris. Supomos que seja um rico brasileiro, que se deu esse nome, e que se

retirou ao Brasil...

— Meu marido — disse Eugénia — viveu algum tempo na América, pode ser que o conhecesse.

— Ouvi falar desse homem no Pará: mas não me interessei em saber quem era — respondeu Alberto, torcendo o longo bigode, cujas guias comprimia com os beiços.

— Seja como for — prosseguiu o narrador — , devia ser um homem de péssimo carácter, ou então a sensibilidade depravada pelas paixões, não podia elevá-lo ao amor sublime da duquesa de Cliton.

— Era um roué, ao que parece! — disse com solenidade o barão, congratulando-se da oportunidade propício de embutir o roué, que, de há muito, lhe estava nos lábios escorvados para a primeira ocasião.

— Seria. O caso é que Leopoldo Saavedra, tido e havido como amante da duquesa, ostentava por ela, nos salões, a mais grosseira indiferença, chegando a vexá-la nestes sérios nadas que constituem o amor-próprio de uma senhora de nascimento... A duquesa tinha um irmão, cioso

da boa nomeada da sua irmã, e duelista acreditando na seita dos timbrosos, que se deixam matar por causa de uma palavra áspera, ou de uma pisadela. Leopoldo disseram — me que o encontrava em casa da viúva, e afetava por ele, o mais revoltante desprezo. A alta nobreza aparentada com a herdeira dos Clitons, famosos desde Carlos Magno, e soberbos dos seus brasões ganhados nas cruzadas, lembrou à duquesa a imprudência de dar públicos sinais de afeição a um forasteiro, que só se fazia interessante unicamente pela opulência. Pediram-lhe que esperasse da América informações mais precisas a respeito de Leopoldo Saavedra, antes das quais a sua dedicação poderia ser o precipício da sua dignidade, e o dissabor da família. A duquesa disse que era livre como o pensamento; e, desde esse dia, o cavalheiro incógnito apeava, à porta do teatro, da carruagem da duquesa, e, conduzindo-a ao camarote, tomava junto dela a posição de uma escandalosa intimidade...

— Escandalosa! — disse sorrindo o magistrado.

— O conselheiro está procurando os adjetivos mais moralistas que temos! Nunca o vimos tão indignado

contra...

— Os tête-à-tête... — interrompeu o barão de Sã, que as circunstâncias forçavam a engolir muitos à propôs, que lhe vinham, a “palpitar de momento”, aos lábios engatilhados.

— Eu revolto-me contra todos os escândalos — continuou o conselheiro — , porque sou chefe de família; e, quando o não fosse, a honestidade manda que o narrador de uma história imoral, na presença de uma senhora virtuosa, não aplauda cinicamente as imoralidades, que conta...

— A la bonheuú — disse o barão. — Vamos ao mise-en-scène das imoralidades.

— Leopoldo era malquisto nos salões. A inveja, o ciúme, e a intriga minavam-lhe a reputação, quando a duquesa o convidou a ser seu marido. Que supõe, senhora Dona Eugénia, que faria o suposto aventureiro, como os parisienses o intitulavam?

— Casou... se a estimava, se era efetivamente aventureiro...

— Muito longe disso; rejeitou a oferta; disse que o seu amor era um capricho, e que a sua vaidade não descia.

— Não achas célebre, Alberto? — perguntou Eugénia.

— Célebre, não... Parece-me natural a resposta.

— Não a amava... — disse Eugénia.

— É o mais que pode deduzir-se.

— Mais alguma coisa ainda, senhor Magalhães... Não só a não amava, mas ludibriou-a, ofereceu-a à irrisão pública, e o público aceitou-a porque a escarneceu, levando o escárnio a ponto de lhe afixar pasquins na porta do camarote...

— Sabe o que os pasquins diziam, senhor Conselheiro — disse Eugénia.

— Vi um: era um verso que traduzi assim: “A alma de Ninon transmigrou no flexível corpo da gentil Cliton. Jovens, esperai! O Sol nasce para todos... A vossa vez virá também...

O forasteiro português dobrou o cabo das Tormentas como o seu patrício Gama, e preparou para vós as vantagens da descoberta. “ A duquesa não mais foi vista no teatro, nem recebeu alguém, à exceção de Leopoldo, cujas

visitas acabaram pela da despedida. Saiu de Paris, a título de comprar em Florença uma quinta onde a duquesa devia viver como sua simples... A sua simples...

— Mattresse... femme entretenue... — acudiu o barão, contentíssimo de ter salvado o conselheiro de uma séria dificuldade.

— Justamente. Tinha passado a fronteira belga, quando o irmão da duquesa caminhava a par com ele. Desafiou-o. Leopoldo não aceitou o duelo. Tiveram um encontro sem testemunhas; não sei, porque ninguém sabe os meios porque o francês foi assassinado. O cadáver apareceu, é o grande caso, sem uma beliscadura, e ao pé do cadáver uma pistola disparada. Leopoldo ou morreu do tiro, ou soube evadir-se de modo que nem a duquesa, nem a polícia diplomática conseguiram encontrá-lo.

— E a duquesa vive? — perguntou Eugénia, visivelmente comovida do infortúnio de tal mulher.

— Creio que sim, minha senhora. Em mil oitocentos e trinta e dois, vivia, mas afastada da sociedade, triste... creio que viajava desde mil oitocentos e vinte e nove.

— Répliée sur elle-même... — disse o barão, fazendo rir o magistrado.

— Ora aí tens, Barão, uma boa página para os teus Fastos do Exílio — disse o conselheiro.

— Deixa-o restaurar primeiro a língua do seus pais... — atalhou ironicamente o magistrado.

Era meia-noite.

O salão estava deserto, e Alberto de Magalhães profundamente triste.

# CAPÍTULO III

A súbita melancolia de Alberto resistiria às carícias de Eugénia, que, no silêncio da sua alma, perguntou a Deus se a sua felicidade de cinco meses fora uma ilusão, que morrera naquela noite. A pobre menina não tinha ainda visto os olhos cavos e sombrios do seu marido, acusando remorsos, ou fixando no futuro um inimigo, que vinha pagar-lhe um débito de sofrimentos. Por um receio, que imediatamente assalta o coração da mulher casada, no momento em que sente esfriarem-se os carinhos do esposo, Eugénia imaginou — se aborrecida, e importuna ao homem, que a fizera sua por um capricho, ou ilusão, que devia despoetizar-se cinco meses depois.

Esta suspeita era angustiosa! Eugénia não podia suportá-la com tranquilidade, em paciente silêncio, privilegiado dom das almas pequenas, ou das que tocam pela grandeza o sobrenatural.

Alberto, para maior tormento da sua mulher, entrara, à meia-noite, no seu gabinete de leitura, e às duas horas da manhã, era ainda esperado por Eugénia. Duas longas horas de atribulados raciocínios tinham sido aquelas para a filha do general Gervásio; e para Alberto... Deus sabe o que elas tinham sido...

Às três horas, Eugénia bateu à porta do gabinete, e foi-lhe aberta. Aquele quarto não tinha luz!

— Às escuras, Alberto?!... Isto que é, santo Deus?

— Nada, Eugénia... É um desmaio moral de algumas horas... passará quando o tributo estiver pago...

— Que sentes, filho?... este sofrimento é novo...

— Velho para mim...

— Parecias-me feliz, há poucas horas... — E sou...

— És!... Triste felicidade!... Por prazer não se fecha a gente num quarto três horas, a pensar, a empalidecer, e a martirizar caprichosamente uma mulher, que te dá a vida para que não saibas o que são cinco minutos de dor...

— Vamos, Eugénia... Eu estou bom... não vês que o estou?... Não há tempestade moral, que resista à tua voz, minha filha... Porque não tinhas vindo há mais tempo?...

— Cuidei que me aborrecias...

— Aborrecer-te?... A ti!... Que não possas ver a minha alma nestas três horas, que passaram por ela! — E olha, Alberto... eu vinha dizer-te uma coisa...

— Que vinhas dizer-me?

— Agora... não sei se to diga...

— Diz... basta que eu seja o misterioso... O meu passado tem abismos, e não quero que tu lá desças... O presente tem segredos... são as feridas do passado que sangram... Tenho de ser misterioso, por piedade para contigo, e para comigo... Mas tu, não. Sei todos os minutos da tua vida; não quero que me ocultes um só pensamento... é impossível que o tenhas de maneira que te seja vergonhoso denunciá-lo... Que é o que vinhas dizer-me?

— Tens razão, não devo fechar no coração o pensamento, que devia dar-te, e dará ainda alguma felicidade... Ouve-me e perdoa-me Alberto... Eu sou uma mulher: basta isto para

não satisfazer as necessidades do coração de qualquer homem medíocre em ambições... Sou uma mulher como todas as mulheres comuns, não me prevaleço de merecimentos que não sejam triviais, e tu és um homem que eu imagino ser único, superior a todos, insaciável na alma, e fácil de esgotar em poucos dias todo o amor que eu posso dar-te em muitos anos. Devo ser-te enfadonha, ou já, ou passado algum tempo... Estudo o teu carácter, amoldo-o por certos tipos que a leitura me tem dito que são os teus, adivinho a tua alma, por muito que ma escondas talvez por comiseração... Pois bem; sejamos irmãos, quando não podermos ser amantes. Como tua irmã, faz-me o que padre Dinis fez a minha pobre mãe. Dá-me uma cela num convento; um abrigo em que me considere tua, porque esse abrigo me foi dado por ti... Parece-me que receberia com lágrimas de gratidão uma esmola, que me viesse da tua mão... Quando isso acontecer, Alberto, se a tua mão não pode fazer a felicidade de outra mulher, o teu coração está livre... livre, meu Deus!... Alberto... que te fiz eu?... Não posso consentir que o teu coração seja doutra...

A transição da naturalidade, com que expunha o plano futuro de um amigável divórcio para a veemência com que soltou a palavra “livre”, parecera a passagem do intervalo lúcido para o acesso febril da demência.

Impetuosamente lançada nos braços de Alberto, que a beijava, comovido, e maravilhado, Eugénia, figurada na imaginação dos que veem com os olhos da alma o sublime daquele quadro, era como um protesto contra as injustiças, com que um ceticismo infame, galardoado pela moda, fulmina a mulher, depositaria do pouco, que a divindade deixou da sua essência, entre os homens.

Quantos lances assim obscuros! Quantos heroísmos assim esquecidos, ignorados nas torpezas comuns, como a pérola envolta no cisco, que a tempestade rola na praia!

Quantas mulheres fechadas num túmulo com o segredo da sua voluntária abdicação de uma coroa de rosas, para cingirem a de espinhos, que a mão do homem lhe ajeitou na cara, à feição da sua perfídia!

Alberto viu-se pequeno na presença daquela mulher, e achou frívola a expressão humana para responder às

condições com que Eugénia lhe pintava a sua futura felicidade. As palavras dela tinham-lhe feito no coração uma cura milagrosa. Feridas rasgadas na cicatriz de uma antiga paixão foram como fechadas, de improviso, pelo bálsamo da paixão nova. Qualquer que fosse a sua superioridade, Alberto era um homem como todos os homens, suscetível de cair no mais escuro desamparo da esperança, e fácil de abrir diante do seus olhos, enxutos por mão de mulher, um vasto horizonte de esperanças confortadoras.

A aurora viera encantadora da sua luz continuar a Primavera dos felizes amantes, um momento atribulados. O dia seguinte, e seis meses sucessivos não tiveram um minuto de sombras. A magnificência, a consideração pública, a fama caprichosa, e o servilismo até, formavam o préstito da fortuna, que se desvelava em adivinhar os desejos dos venturosos consortes. Alberto de Magalhães era o modelo dos cavalheiros, Eugénia a inveja das espirituosas, e muitas vezes o osso em que mordiam as virtuosas equívocas. Em todo o caso, boas e más, amigas e inimigas, entravam nos seus salões, cortejavam as

primorosas rendas dos seus vestidos, calculavam a faustosa prodigalidade das peças de Sevres e Saxónia, modelavam as miniaturas da sua ambição tacanha pelos magníficos moldes com que os salões de Magalhães deslumbravam os olhos cobiçosos dos nobres de improviso, já que na sua casaca um crachá resplandecia.

A natureza do homem teria sofrido uma grande revolução, se a riqueza de Alberto de Magalhães não fosse o estímulo de curiosidades maledicentes, e conjeturas mais ou menos irracionais. O filho de D. João VI continuava a ser, para alguns, da régia estirpe, e para muitos de princípios aventureiros. Às qualidades, que lhe eram atribuídas nos salões da condessa de Alfarela, abandonados em 1833, e esquecidos em 1834, acrescentava a nova geração dos síndicos da vida alheia que os milhões de Alberto de Magalhães provinham de falsificação de moeda, derramada por toda a Europa, e quinhoada pelos primeiros homens de cada país. Verdade ou não, atendendo a que o dinheiro do uso ordinário de Alberto eram legítimas libras, e boas peças de D. Maria I, os seus numerosos amigos não se

dedignavam de compartir no fausto granjeado com moeda falsa. Excelentes e tolerantes pessoas!

Comensais efetivos do suspeito milionário eram o conselheiro cronista da duquesa de Cliton e Leopoldo Saavedra, o magistrado integérrimo que mordia a verbosidade bárbara do seu companheiro de emigração, barão de Sã, que nunca perdeu as esperanças de largar um dia os trejeitos de desgracioso macaco, para sacudir a juba crespa do leão parisiense na jaula em que D. Eugénia, involuntariamente, o tinha preso pela cadeia do ridículo.

Infalíveis à mesa, também o eram no camarote, nos coxins da carruagem, no passeio a cavalo, em tudo finalmente, em que o estômago ou o espírito pudesse funcionar de modo, que o ouro pródigo de Alberto lhes garantisse a irresponsabilidade das suas algibeiras, que começavam a organizar-se, em 1834, com os desperdícios dos sibaritas que estiveram sentados oito séculos em volta da primeira toalha, e começaram, em 1833, uma penosa indigestão das iguarias temperadas com sangue... da qual indigestão alguns arrotos, hoje, são incomportáveis pela náusea...

Menos política e mais romance. Escutemos este diálogo entre dois elegantes da plateia do Teatro de S. Carlos:

— Que te parece Lisboa?

— Civilizada. Vejo aqui mulheres que me parecem as mulheres de Paris. Há vida nesta geração nova, e um toque especial nestas fisionomias que olham para a gente sem sentirem o beliscão traiçoeiro do pai, ou da tia beata. Vejo que sabem pegar num óculo. Em mil oitocentos e vinte e oito, as mães destas criaturas angélicas, se vinham a São Carlos, punham o leque diante dos olhos, quando as dançarinas exibiam a perna escandalosa. Graças à reforma, seis anos de civilização fizeram que a perna fosse instalada no catálogo dos espetáculos honestos. Olha lá... quem é aquela mulher do treze da segunda ordem, que fixa o óculo num camarote em frente?

— É Dona Eugénia de Magalhães...

— Casada?

— Sim, com o misterioso Alberto de Magalhães.

— Ouvi já falar nesse homem, e ainda ontem vim do Porto.

— É um problema. — Tem muito dinheiro?

— Muito. Há quinze dias atribuíam-se-lhe doze milhões; hoje deve ter vinte e quatro. Morreu há dias um tal Salema, proprietário de nove navios, e deixou-lhe tudo.

— Porque lhe chamam vocês problemático?

— Porque ninguém sabe quem este homem é. Filho de Dom João sexto, salteador, cavalheiro de indústria, espião, corsário, falsificador de moeda...

— É tudo isso?

— Cada opinião quer que ele seja uma das coisas.

— Se a indústria produz vinte e quatro milhões, declaro-me seu cavalheiro... O que eu prescindo a benefício de algum tolo é do nascimento por obra e graça de Dom João sexto.

De resto, tanto se me dá que me chamem Conrad, como São Francisco Xavier... O caso é que a mulher é boa... Quem é ela?

— Filha bastarda do general Gervásio Faria.

— Fuzilado em mil oitocentos e dezassete?

— Justamente. A mãe é, ou foi uma Dona Antónia Mascarenhas, filha de um parvo fidalgo, que era cónego, arcediago, bispo, ou não sei quê...

— Era um grande patusco, que quis ser representado por aquela bonita rapariga. Quem é aquele que entrou?

— É o marido.

— Eu já vi aquele homem.

— Onde?

— Penso que na Bélgica... Foi justamente na Bélgica. Tinha quatro orças inglesas, e um faetonte com ornatos de prata; mas... não se chamava Alberto de Magalhães.

— Então?

— Disseram-me que era judeu, que vivia na Holanda, e, se bem me recordo, chamava — se Tobias Navarro.

— Será o mesmo...

— E... juro que é... e poucos dias depois que o vi, desapareceu; e em lugar dele admirei uma outra notabilidade... uma tal duquesa de Cliton, que se vestia de homem, e procurava um homem, que se chamava Leopoldo

Saavedra, e que eu, na minha consciência, entendi que era Tobias Navarro. Há quantos anos está em Lisboa o tal problema?

— Há três.

— Há cinco foi que eu o vi... Vais a casa dele?

— Vou.

— Apresentas-me?

— Com muito gosto.

— Agora?

— Agora?!

— Que dúvida. Parece que não estiveste em Paris!...

— Então... vamos. Sigamo-los. D. Eugénia recebeu afavelmente o apresentado. Alberto de Magalhães saíra do camarote, e passeava no salão, mordendo o bigode, e passando a mão pelos cabelos, hábito adquirido nos momentos de aflição. Os cavalheiros, que visitaram o seu camarote, vieram encontrá-lo no salão. Alberto recebeu friamente o apresentante e o apresentado. Respondeu com

enfadados monossílabos aos ditos rotineiros do acto, e recebeu com íntima satisfação a despedida.

— É ele... — disse o apresentado. — Noto que é grosseiro...

— Pelo contrário; nunca vi homem mais cortês. É que estava abstraído! Tem grande coisa que o mortifica.

— Serão ciúmes?

— Da mulher?

— sim.

— Pelo amor de Deus! A mulher é um anjo. — Não reparaste nos requebros em terceira mão, e nos galanteios requestados do barão de Sã.

— Isso é um tolo.

— Tanto melhor para ele... Os tolos são felizes; eu se fosse casado eliminava os tolos da minha casa. Cada cidadão, que me fosse apresentado, não poderia sê-lo, sem exibir o diploma de sócio da Academia Real das Ciências. Olha, criança, decora estas duas verdades que o Balzac não menciona na Fisiologia do Casamento. Um erudito, ao pé

da tua mulher, fala-lhe na civilização grega, na decadência do Império Romano, na civilização da mulher pelo cristianismo, em economia política, em direito público, e até em química aplicada ao extrato do espírito de rosas. Confessa que tudo isto o maior mal que pode fazer a tua mulher é adormecê-la. O tolo não é assim, Como ignora e desdenha a ciência, dispara à queima-roupa na tua pobre mulher quantos galanteios importou de Paris, que são originais em Portugal, porque sã o ditos num idioma que não é francês nem português. A tua mulher, se tem a infelicidade de não ter em ti um marido doce e meigo, começa a comparar-te com o tolo, que a lisonjeia, e acha que o tolo tem muito juízo. Concedido juízo ao tolo, concede-se-lhe razão; concedida a razão, concede-se-lhe tudo. Ora aí tens porque eu antes queria ao pé da minha mulher o padre José Agostinho de Macedo, em cuecas, do que o barão de Sã coberto com a capa daquele grande piegas José do Egipto. Ris-te?... Se queres ser feliz abdica da inteligência, convence-te, e convence os outros de que és um pária do senso comum, entra nesses camarotes, e diz que a letra do Barbeiro de Sevilha é de Voltaire, e a composição do maestro Spinosa; vira-te para a vítima

predestinada, e diz-lhe que a música é a voz mística dos anjos confidentes das paixões delirantes, que dos olhos dela deviam partir as inspirações que arrebataram Rafael de Urbírio, que farás autor da Norma. Se ouvires uma gargalhada insofrida, deixa-os rir; continua; faz-te vítima interessante, acolhe-te à piedade da dama, e fala-me depois...

Correra o pano para o segundo acto da Sonâmbula. Os dois diletantes entrando na plateia, olharam para o treze da segunda ordem, e viram Eugénia que se retirava. A curiosidade trouxe-os ao peristilo do teatro, e viram partir a carruagem de Alberto.

Entraram no camarote, e perguntaram ao barão de Sã a causa daquela retirada.

— Máfoil Je n 'en sais — respondeu ele, cravando o óculo num camarote em frente.

— Quem te prende assim a atenção esquiva, meu caro Barão? — perguntou o apologista dos tolos.

— Celle femme à qui me frappe au coeur.

— Traduz.

— Aquela mulher é “frapante” no coração.

— Que te disse eu? — murmurou ao ouvido do companheiro o sincero admirador dos parvos. — Dás licença — continuou para o barão — que se veja a benemérita frapante do teu coração?

— Volontiers.

O cavalheiro do Porto, apenas fixou o óculo, murmurou:

— Célebre coisa!

— O quê? — perguntou o seu amigo.

— Logo... ó Barão, conheces aquela mulher?

— Não, e tu?

— Conheço.

— Quem é?

— A rainha de Sabá.

— Onde fica Sabá?

— Na extrema ocidental da Europa.

— Mas ela está sozinha.

— Viaja com o título de condessa de Minturnes.

— Podes apresentar-me?

— Não; estou indisposto com ela...

— Porquê?

— Por causa de uma questão de voltarete, que jogámos em casa do representante de Marrocos em Londres. Adeus, Barão.

— Vês as vantagens de ser tolo? — dizia o zombeteiro portuense ao seu amigo de Lisboa. Esta noite sonha com a rainha de Sabá, e amanhã vai contar a Eugénia que foi apresentado à condessa de Minturnes, de quem recebeu um lisonjeiro acolhimento... Agora sério... viste aquela mulher?

— Vi.

— Queres saber quem é? A duquesa de Cliton.

— A que procurava na Bélgica o Tobias Navarro?

— Em corpo e alma. Cá para mim está explicada a abstração de Alberto e a saída rápida do camarote.

E tinha razão aquele homem, que conhecia toda a gente. Fora isso: Alberto, apenas entrara no camarote, deu de frente com uma mulher, que lhe fixava um óculo imóvel, suspenso num belo braço, guarnecido de rendas e pérolas. Aquele óculo, com o seu tamanho, escondia meio rosto. Alberto não foi o primeiro a corresponder à estranha atenção. Eugénia, meia curiosa, meia ciumenta, olhou de relance para o camarote de frente, e disse para o marido:

— Não a conheço... Se não é tola, quer fingir que o é Alberto olhou, pela sua vez, mas não olhou dois segundos; o braço estremeceu debaixo do óculo, as faces empalideceram, as perguntas vacilaram-lhe, e o coração impelia-lhe à cabeça ímpetos de sangue, que parecia romper-lhe as veias da cara.

— Alberto... tu que tens? — perguntou Eugénia assustada.

— Nada, filha. E, pouco depois, saiu para o salão, onde o vimos. A duquesa de Cliton, se devemos acreditar o elegante que da plateia lhe não perde um movimento, raros instantes afastou o óculo de sobre Eugénia, que não podia suportar a curiosidade daquela mulher. A quantos

entraram, perguntou quem era ela; apenas o magistrado lhe soube dizer, que não era portuguesa. O conselheiro, narrador da história de Leopoldo Saavedra, se estivesse presente, poderia precisar as suas explicações mais satisfatoriamente.

Do teatro a casa, Alberto de Magalhães não pronunciou uma palavra. Eugénia, trémula e acanhada pelo respeito que a situação do seu marido lhe impunha, apenas quebrava o silêncio com mal reprimidos suspiros.

Chegados a casa, Eugénia, que profundara o carácter do seu marido no que ele era sondável, deixou-se entrar sozinho no gabinete de leitura.

— Vem cá, Eugénia... — disse ele. — Senta-te ao meu lado... conversemos... Um bom marido deve explicações a uma boa esposa, quando o óculo de uma mulher o faz fugir de um teatro. Aquela mulher é a duquesa de Cliton, e eu... sou... ou fui Leopoldo Saavedra...

— Ó, meu Deus!... — exclamou Eugénia, levando as mãos ao rosto.

— Que é, filha?

— Oh! meu querido Alberto, aquela mulher vem trazer-nos a desgraça.

— Acho singeleza no teu terror... Escuta, Eugénia... quero-te mais varonil. Ouviste a história do conselheiro?... Foi justamente, há seis meses, naquela noite das três horas de trevas neste gabinete. Sofri muito então...

— Saudades?... Remorsos?

— Nem uma coisa, nem outra... Sofri os efeitos da calúnia. Colocado eu numa outra posição social, sem ti, o homem, que contou uma infamante fábula, teria saltado da janela. Aquela mulher é uma duquesa, que se me vendeu por oitenta mil francos. Foi um contrato. Eu tinha tido os manuscritos de Richelieu em que as primeiras mulheres tinham à margem do seu nome a cifra porque se vendiam, e concebi o plano de avaliar o quilate da duquesa de Cliton. Achei-lhe o preço; não faltei às condições estipuladas, no contrato, e quis retirar — me com honra, como o locatário, que pagou a renda do prédio, e retirou, deixando a propriedade no estado em que a encontrou. Aquela mulher perseguiu-me. Lembrei-lhe que fui pontualíssimo na exatidão dos meus compromissos: ofereci-lhe uma quantia

suplementar para rescindir alguma questão de dolo, e ela não a aceitou. Disse que queria a minha alma porque eu era um homem que não podia fazer escravas e desampará-las. Sorri à lisonja banal, exprimi o legítimo desprezo em que a tinha, e vi aos meus pés uma carteira em que deviam estar as cédulas de oitenta mil francos.

“Esta mulher pareceu-me nobre, e desgraçada. Imaginei uma loucura. Perguntei ao futuro se a convivência com ela faria que ela fosse interessante à minha alma. O futuro não me respondia. Sacrifiquei-me, e disse:

— Junta a esta quantia sessenta mil libras. Compra uma quinta em Itália, viverei contigo, e o tempo decidirá a posição que devo ter ao teu lado.

“Rejeitou. Perguntei-lhe o que queria de mim.

— Quero ser tua mulher — me respondeu ela com certo entono, que me fez saltar dos lábios uma exclamação, e um sorriso de escárnio.

“Deixei ficar no chão a carteira, e retirei-me. No dia imediato parti para a Bélgica. Dois meses depois de mim, chegava o irmão da duquesa, temido em Paris, e conhecido

nas fonteiras pelos repetidos triunfos que alcançara em duelos.

“Desafiou-me: rejeitei, porque rejeito sempre o duelo. Encontrou-me; disparou-me uma pistola, que me feriu mortalmente; apertei-lhe a garganta com as mãos, e larguei-o morto. Cheguei moribundo a Luxemburgo. Ao cabo de oito meses de padecimentos infernais, ergui-me salvo.

“Aqui tens o meu segredo, Eugénia... — Mas tu não pudeste suportar os olhares daquela duquesa... Sentes amor, ou receio... Se te é indiferente...

— Indiferente... não. Conheço-lhe o carácter ... Sabes o que é, Eugénia? É o amor que eu tenho a esta vida tranquila que vivemos, depois de longos trabalhos, de sobressaltos criminosos, de esquecidas vergonhas, e tumultuosos abalos de consciência. Descoro, enfraqueço, e sou pequeno aos meus próprios olhos, quando um leve sopro ameaça tempestade no remanso desta nossa vida...

— Mas que receias, Alberto?...

— Por mim, nada: eu nada temo debaixo do céu; mas por ti, tudo... tudo que possa inquietar-te, minha filha, e desvendar a candura da tua alma, e o estremecimento com que respondes aos meus temores.

— Pois bem... hás de fazer o que eu te pedir...

— Tudo.

— Abandonemos Portugal...

— Sim, e muito breve... não importa saber para onde vamos... Sou outra vez feliz, Eugénia!... Há em ti uma mulher para o coração, e um anjo para a alma... Aponta-me sempre o meu destino... Amanhã darei todos os passos para a minha saída.

# CAPÍTULO IV

O barão de Sã, todo ele óculo constantemente assestado na heroica rainha de Sabá, realizava em toda a sua plenitude as teorias do portuense, acerca dos tolos. A duquesa de Cliton respondia pronta às demonstrações inequívocas do barão.

Finda a ópera, o ditoso parvo esperava na descida, com o coração em corcovos, a gentil condessa de Minturnes. Ao vê-la, sentiu-se transido de um gélido torpor, que o bestializava. Na efervescência da sandice sua, o leão sobreposse não sabia combinar a elegância da perna direita com a da esquerda. O amor entusiasta espiritualizara-lhe as carnosas massas das pernas em arames trémulos. Os braços, por não encontrarem um apoio em que se dessem uma área distinta, passaram para as costas, formando, em sentido oposto, a seráfica atitude de S. Francisco das Chagas.

A duquesa, ao perpassar, sorriu-se. O barão duvidou; mas a dúvida era gloriosa. Reanimou-se. Foi colocar-se ao pé da carruagem. A rainha de Sabá, com um pé no estribo, voltou-se para ele, e disse afetuosamente, em francês, na língua apaixonada do barão:

— Boa noite, cavalheiro. Desejo as vossas relações. Perdido, alucinado, deslumbrado, febril, tolo, enfim, o barão seguiu a carruagem da duquesa, e viu-a parar no Isidro.

Irresoluto, entre recolher-se a cismar no estranho caso, ou aproximar-se, quanto possível, do ar, que a prodigiosa rainha disfarçada respirava... subiu. Entrou numa sala e viu uma mesa rodeada de gastrónomos provincianos, que comiam de noite, e de dia atulhavam as arcadas do Terreiro do Paço, e assaltavam José da Silva Carvalho, ou Agostinho José Freire, na rápida fuga da sege para o gabinete de ministros.

O barão, para coonestar a sua entrada, pediu chá e fiambre, e sentou-se a uma pequena mesa a um canto da sala. O seu coração precisava de expandir-se. Chamou o

criado, e disse-lhe com aquela familiaridade que lhe dava a sua boçal alegria:

— Amigo, a que horas se levanta a condessa de Minturnes?

— A... ? — perguntou o criado, envesgando a boca aberta, e fechando o olho esquerdo.

— A condessa de Minturnes.

— É criatura que não conheço.

— Não conheces? Pois ela é cá hóspede da casa.

— Nada, não, senhor; só se viesse há dez minutos para cá.

— Então é que veio... vai saber...

O criado foi e voltou, enquanto o barão, distraído, talvez, funcionava admiravelmente com o estômago, demonstrando assim que não há incompatibilidade entre duas sérias paixões.

— Não está cá essa pessoa em que fala.

— Pois eu não a vi entrar para cá, e por sinal que vinha do teatro?

— A condessa de Maturras!...

— De Minturnes, homem.

— Qual condessa, nem qual açafate... Aqui está uma mulher francesa que vem procurar um testamento que deixou seu marido, que morreu nas linhas do Porto.

— Estás enganado.

— Estarei... mas não diga nada.

— Queres que eu te diga quem é esse mulher? É uma rainha!

O servo calou-se: aquele silêncio, bem apuradinho, queria dizer: “Este homem é doido!”

— É a rainha de Sabá.

— De Sabá? Isso é lá pró fim do mundo...

— Qual fim do mundo... é na extrema ocidental da Europa...

— A rainha de Sabá — atalhou o erudito — foi uma rainha que levou presentes ao rei Salomão.

— Histórias da carochinha, meu amigo. Deixa-te do teu Salomão, e fala-me da condessa de Minturnes...

— Então ela é rainha, ou condessa? — Rainha; mas viaja disfarçada... — Então alguma quer ela pregar.

— Não é isso... Os reis, quando viajam, para se livrarem des bommages...

— Das bomagens!... dos santos?

— Não... das homenagens, dos cortejos, entendes?... Costumam disfarçar-se...

— Ah!... Ora quem tal diria!... Por isso o cônsul francês aqui vem todos os dias... — É o que te digo ... Conta-me cá: a que horas se levanta ela ?

— De madrugada.

— E que faz?

— Sai, e torna às nove; almoça, e fecha-se no quarto até ao meio-dia; depois vem o cônsul, que sai à uma hora; depois...

— E não é visitada por mais ninguém?

— Aparece aí um encapotado que não deixa ver a cara...

— Essa é boa!... E não sabes onde ela vai de manhã?

— A falar-lhe a verdade, disseram-me aí uma coisa, que eu não acredito...

— Que foi?

— Que ela vai para o campo, e que se põe a atirar tiros de pistola a um alvo.

— Ora essa!...

— Assim me disse o boleeiro da sege, que a leva todas as manhãs, mas pediu-me muito segredo; mas eu ao senhor digo-lhe isto, em paga de me dizer muitas coisas que eu não sabia.

— Pois, então, cala-te; não digas a ninguém o que eu te disse...

— Nem ao próprio Padre Eterno.

— Eu amanhã ao meio-dia hei de vir aqui visitá-la... Adeus.

O barão retirava-se, quando outro criado lhe saiu ao encontro, dizendo-lhe que uma senhora, hospedada naquele hotel, lhe pedia o favor de entrar na sala próxima, porque pretendia falar-lhe.

Não se explica a estupefação do titular! Naquele momento João Fernandes fez mais do que faria César! O portuense tinha razão. O parvo colhia louros sobre louros. Um homem de medíocre inteligência, experimentado em triunfos, não atingiria, em meses de aturada paciência, a altura que o tolo, em poucas horas, atingiu! Convencido de que um destino superior o impelia, o barão entrou na sala.

A duquesa de Cliton, despindo os acessórios do luxo, vestira os da estudada elegância. Sentada na otomana, recostada negligentemente, bamboava com o pé as franjas de uma manta escocesa, que não tinha o egoísmo de esconder os ombros largos, torneados, e alabastrinos da sua dona. Era, com efeito, a mulher pintada pelo conselheiro; mas, o retrato, ao pé do original, era uma sombra pálida, um daguerreotipo desvanecido pela imperfeição da máquina.

A aparição do ditoso aventureiro não compôs ligeiramente a negligência da dama. O barão gaguejava, corcovando-se, um frio cumprimento, a que a duquesa respondeu, indicando-lhe uma cadeira estofada, em que (tão perto estava) descaía, como por descuido, a fimbra da sua manta de xadrez.

— Falais o francês? — perguntou ela.

— Alguma coisa, madama, para portugueses; mas na nossa presença ser-me-ia necessário conhecer as subtilezas da língua.

— Vejo que vos fazeis compreender, senhor; é quanto ambiciono. Conheceis-me?

— Conheço, madama... Tenho essa honra...

— Quem vos disse?

— O coração anunciou-me que vós éreis uma grande personagem: e alguém confirmou as suspeitas do coração.

— Quem?

— Um cavalheiro que viajou...

— Naturalmente aquele cavalheiro pálido, de olhos negros, e bigode à Solimão...

— Perdão, madama, não era esse. O cavalheiro a que aludis é Alberto de Magalhães, o outro ...

— Alberto de Magalhães! ...

— Sim...

— Casado com aquela gentil dama do óculo branco?

— Justamente.

— Casado há muito?

— Há um ano.

— Por paixão?

— Creio que sim.

— Quem vos disse o seu nome?... Não foi ele?

— Já tive a honra de dizer a vossa majestade que não.

— Vossa majestade!... Olhai que a minha coroa é simplesmente ducal.

— Já disse que vos conhecia...

— Sou?

— A rainha de Sabá.

— Por Deus! Zombavam da vossa boa-fé, ou escarneciam de mim!

— Perdão, senhora condessa de Minturnes.

— Condessa de?

— Minturnes: é o vosso disfarce.

— Crede que estais enganado, cavalheiro. Os títulos que me deram são uma caricatura. Sabá não tem rainhas; e Minturnes é uma lagoa... Se vos apraz, dizei ao vosso informador que lhe desejo uma longa vida no meu condado...

A duquesa ria-se, e o barão encarava-a com ar de estúpida incerteza.

— Parece que duvidais, cavalheiro? Hei de punir-vos pela falta de fé... Não vos direi quem sou...

— Assim o quer a minha desgraça... Se me dizeis que não sois a pessoa que eu supunha, creio que sois rainha...

— Já vos disse que não sou...

— Sois rainha dos corações... o vosso império não tem limites; de pólo a pólo fareis vassalos.

— Agradecida pela lisonjeira consideração que me dais... Permiti que eu vos dirija algumas perguntas, porque me pareceis um perfeito homem do mundo, um consumado parisiense.

— Vivi lá dois anos...

— Bem o denunciais pela correção da língua que falais... e pelas maneiras distintas com que acolheis a extravagante forasteira, que se vos apresenta sem mais títulos à vossa atenção que os que lhe são devidos pelos facto de ser mulher...

— Acrescentai... como poucas, como nenhuma, cheia de encantos, fascinadora, e deslumbrante.

— Não vos iludais, senhor... Creio que me falais muito a sangue-frio para que deva acreditar-vos...

— A sangue-frio!... Concebeis porventura os efeitos de um vosso olhar, que vai direito aos mais íntimos segredos da

alma?...

— Quereis convencer-me de que vos mereci uma atenção fora do comum? Isso seria da minha parte uma renúncia do juízo, e da vossa uma quimera momentânea, um engano de ótica moral. Deixai os vossos fantasmas, e vinde ao mundo real... Sois amigo do senhor Alberto de... de...

— De Magalhães? Conheço-o perfeitamente... A vossa pergunta, madama, denuncia...

— Interesse por ele?

— Certamente... um interesse extraordinário ...

— Espero não vos fazer ciúmes do amor que lhe consagro...

— Sinto-os já, madama... Ele conhece-vos? — Creio que sim... — Novos motivos para que eu deva acreditar... — Que o amo? Isso é uma leviandade!...

— Perdão!... O amor é injusto...

— Ouvi-vos dizer que Alberto de Magalhães era afeiçoado a sua mulher...

— Muito.

— E correspondido?

— Muito... sei-o por experiência... é uma fortaleza invencível aquela mulher.

— Resistiu-vos?

— Até hoje... No futuro...

— Esperais?... É justo. Nesse caso, essa mulher... adora-o?

— Loucamente.

— Fazeis-me um serviço?

— Mandai, madama.

— Dizei ao vosso amigo, que uma estrangeira deseja conhecê-lo... Dizei-lhe que sou a mesma em quem ele fez a graça de fixar o seu óculo, hoje.

— Não vos mereço outro conceito.

— Todo... e sinto dizer-vos que a vossa hesitação revela pouco hábito do grande mundo...

— O coração hesita, porque vos não pode ceder aos merecimentos doutros homens...

— Tranquilizai-vos... Não tereis causa de arrependimento...

— Deverei apresentá-lo eu?

— Não. Quero recebê-lo só: assim fostes recebido, cavalheiro... Da nossa entrevista resultou alguma afronta para o meu marido, se eu fosse casada?

— Não; mas com ele...

— Serão iguais os inconvenientes... Eu tenho estas facilidades, sem consequências... Posso respirar todos os hábitos sem contaminar o pulmão... Os venenos da sociedade não me corrompem... Aprendei com Locusta a alcançar a invulnerabilidade de Mitridates.

O barão não a entendeu. Cuidou que Mitridates era uma mulher célebre, que não se facilitava nos primeiros encontros. Não aventurou perguntas, porque o passado importava — lhe pouco.

— Cumprireis, cavalheiro?

— Amanhã sereis visitada pelo meu amigo.

— Tenho a honra de saudar-vos e agradecer-vos. É uma hora da noite... Não me oponho ao vosso repouso.

O barão, desapontado pela transição repentina, rosnava alguns disparates sobre a despedida, quando a duquesa, feita a última mesura de cabeça, no limiar da porta, entrou no seu quarto.

O leão, em férias, saiu trombudo cordeiro; e pela primeira vez na sua vida, ouviu a voz da consciência que lhe chamava “tolo”!

Assim mesmo, o barão de Sã respondeu à consciência: “Veremos.”

# CAPÍTULO V

Alberto de Magalhães, na manhã do dia imediato, entrando na carruagem, recebeu uma carta do barão de Sã, datada às duas horas da noite.

Não pessoalmente — dizia o barão em francês — por evitar embaraços de D. Eugénia, visto que a entrevista era melindrosa, e precisava ser tratada muito a ocultas com o marido de uma senhora zelosa.

A carta contava apenas o que tocava diretamente com Alberto. O estilo encobria uma certa reserva. Ou o barão fora afinado pelo ciúme, ou não era tão profundamente néscio como o supunham, e havia sobejos motivos para o supor.

Magalhães não pensou muito tempo no que devia fazer. Entrou no banco, fez escala por algumas casas comerciais, entrou na do seu companheiro do mar, o milionário Lima, que contava o preço porque acabava de comprar o melhor

edifício monástico de Lisboa, e parou à porta do Isidro, mandando entregar um bilhete à senhora duquesa de Cliton.

Os criados, primeiro, responderam que não morava ali tal senhora, e um deles apesar do comprometimento em que ficara de não revelar ao próprio Padre Eterno os segredos do barão, perguntou se a sua excelência procuraria talvez a rainha de Sabá, que viajava disfarçada em condessa de Malturnias.

Um ligeiro sorriso desenrugou a face de Alberto. Conhecedor do carácter extravagante da duquesa, julgou impossível a bárbara nomenclatura porque era conhecida no hotel, títulos que por honra da França se não achariam no seu passaporte, Estas dúvidas desvaneceu-as a criada particular da duquesa, que no topo da escada, dizia que o cavalheiro podia subir, que a senhora o estava esperando.

Alberto entrou na sala, em que era esperado pela duquesa, que palitava os dentes, com estudada indiferença, ou com a mais tranquila familiaridade.

— Senhora Duquesa — disse Alberto elegantemente cerimonioso.

— É esse o meu título; outro tanto não posso eu fazer... Qual é o nome que tendes hoje, meu senhor?

— Não tenho nome permanente; sou geralmente conhecido como desprezador de argúcias parvas e ironias de melodrama. Com este nome tenho viajado por entre todas as sociedades; prefiro o meu incógnito ao da rainha de Sabá, e da condessa de Minturnes.

— Não vos entendo, cavalheiro... O epigrama é de mau gosto... Não tenho culpa de que os vossos amigos sejam tolos. Eu, quando me disfarço, desço da minha condição, não me levanto, porque não preciso. Nasci com um nome grande, e não preciso do ouro astucioso, ou de um título cómico para avultar aos olhos de Portugal. Creio que nesta terra o maior sois vós; e eu preciso descer para nivelar-me convosco, e com os vossos patrícios. Neste hotel sou conhecida como a viúva de um capitão, que morreu nas trincheiras...

— Prescindo do seu romance, senhora Condessa. Precisa de mim no seu serviço?

— Não, senhor. Mas preciso contar-vos o meu romance, e vós não sereis tão insensível que volteis as costas a uma senhora dos salões de Carlos décimo que vem de propósito visitar-vos a Lisboa. Tende a condescendência de aceitar esta cadeira que vos oferece a duquesa de Cliton.

Alberto sentou-se. O coração aconselhava-lhe uma grosseria; mas a cabeça, sempre fria, mandava-o ser cavalheiro na presença de uma mulher arrogante, bela, e radiosa de uma cólera que lhe incendiava tragicamente os olhos.

— Conheci-vos em Paris — continuou a duquesa modulando, pelo som de uma conversa familiar, a sua voz — quando a vossa presença excitava a curiosidade das mulheres, que vão atrás do misterioso, escondido nas riquezas de um homem de talento, que surge de improviso sem ninguém saber donde veio. Fizeste-me a honra de procurar o meu conhecimento; recebi-vos na minha casa; falei de vós com entusiasmo às minhas amigas, e aconselhei a muitas que vos cativassem porque vós éreis um perfeito

cavalheiro. As minhas amigas requestaram-vos, e foram desprezadas. A preferida era eu, que, desde certo tempo, recordai-vos, evitei as ocasiões de vos dar um desengano, ou um triunfo. Recebi uma carta vossa em que me oferecíeis oitenta mil francos: essa carta chegou à minha mão duas horas depois, que eu perdera trinta mil no jogo. Aceitei a proposta, e recebi-vos às duas horas da noite na minha câmara, como se recebe um marido odiado que compra uma mulher necessitada. Devo dizer-vos, senhor, as minhas tenções. Como mulher honrada não devia faltar às condições do contrato; seria vossa por oitenta mil francos; mas dois segundos depois deveria com a ponta de um punhal esconder no vosso coração, o segredo da minha infâmia... e o da vossa temeridade feliz. A porta do meu quarto foi-vos aberta como a antecâmara de um túmulo. Entrastes com não sei que pesar escrito na face. As vossas maneiras eram acanhadas, as vossas palavras requintavam em delicadeza, os vossos olhos encaravam-me com certo respeito... parece que dizíeis no fundo da alma: “Esta mulher era digna de melhor sorte! Devia ser soberana e virtuosa como o mundo a respeita!... Custa-me a tratá-la

como uma bela máquina que se aluga por oitenta mil francos!...” Falai-me sinceramente... não sentíeis isto?

Sentia. E, portanto, nesse momento, alcançastes na minha alma um triunfo que vos devia dar mais glória que o outro! Admirei-vos tão honesto em face de tamanha corrupção! Perguntei-vos se o mundo veria aquele quadro por debaixo da cortina que a vossa mão levantasse, respondestes-me que primeiro abraçaríeis a desonra como profissão. Às cinco horas da manhã saíeis da minha casa, e olháveis espantado para mini, quando vos disse: “Deste quarto saiu há três anos um esquife com uni cadáver; era o do meu marido. Desde esse dia o primeiro homem, que entrou aqui, fostes vós.” Respondestes-me com um sorriso sarcástico. O punhal tremeu-me no punho... Não tive coragem... amava-vos! Momentos depois, o meu credor, que era entre tantos o mais ardiloso concorrente ao meu coração, era embolsado de trinta mil francos: e, no dia seguinte, antecipei uni contrato dos meus rendimentos, e fui, pessoalmente, levar-vos oitenta mil francos. A máquina estava resgatada, e aparecia a mulher nobre da sua paixão, forte da sua imperiosa vontade, fraca nas suas lágrimas de

desonra nunca choradas, pedindo-vos uni sentimento do coração em paga do sacrifício comprado com ouro. A vossa resposta foi o pasmo, e depois do pasmo a zombaria. Pedi-vos que consultásseis os precedentes da minha vida, que pedísseis o testemunho das minhas infâmias aos mais depravados infamadores de Paris, respondestes — me que os meus precedentes eram nobres, mas que a transação, feita convosco, não era legitimamente honesta para lisonjear o amor-próprio de um marido, zeloso da sua honra. Mereci-vos a generosidade desta resposta na minha casa, onde vos levou o orgulho para contemplar-me, rainha do baile, que pouco antes se aviltara aos vossos pés, miserável escrava. Atirastes-me aos pés uma carteira com cento e oitenta mil libras. Era esta. É uma restituição, que venho fazer-vos; mas... consentireis que vo-la conduza a casa, porque uni credor honrado não procede de outra maneira. A carteira é um episódio. Deixai prosseguir o meu romance, como tivésseis a benevolência de intitular a minha desonrosa peregrinação de cinco anos. Eu tinha um irmão, que se enobrecia com o meu orgulho, e saudava todos os dias os triunfos que a minha honra granjeava no seio da imoralidade parisiense. Este homem informado da

vossa fuga miserável, pequena, e deixai-me dizer, nauseenta, de Paris, assistiu como amigo às minhas lutas de saudade, e de remorso. Pronunciei em delírio o vosso nome, senhor Leopoldo Saavedra, e o meu irmão, valendo-se desta involuntária revelação, profundou o segredo da minha desonra, e encontrou-o, senão humilhante como ele era, ao menos consequência funesta de uma paixão invencível. Perdoou-me; mas não quis perdoar-vos. Disse que a duquesa de Cliton podia ser fraca, como a última das mulheres, mas não podia ser ludibriada pelo primeiro dos homens. O meu honrado irmão enganara-se convosco... Procurou-vos na Bélgica onde se falava de um rico judeu, chamado Tobias Navarro. Pediram-se à Bélgica os traços principais deste cavalheiro: eram os vossos. Fostes desafiado; rejeitastes a arma da honra; fostes ferido, e empregastes no vosso desforço a arma do carrasco... O meu irmão foi estrangulado! A força era o vosso predomínio. Com a força bruta do dinheiro, desonráveis uma mulher; com a força muscular do braço esganáveis o irmão dessa mulher... Força moral, vigor de coração, não devíeis ter nenhum, cavalheiro... Mas eu é que tinha duas dívidas a saldar convosco: a do dinheiro, e a da força. A da desonra e

a da vida... Vejo-vos sorrir!... Ainda bem que a vossa alma envilecida não pode elevar-se ao remorso, que comove a piedade no coração de uma inimiga!... Ride, nobre senhor! No alto mar, o corsário sanguinolento aprende a rir das lágrimas... Que se passa?... Empalideceis! Coragem, valente Barba-Roxa! Afrontai com bravura esta onda de cólera, e de vingança! Diante de uma mulher não há covardes, quando a força moral não gela os alentos do homem! Força moral, já vos disse que não tendes nenhuma!... Agora sabei, senhor, que vos persigo há quatro anos! Se não encontrasse, há seis meses, em L'Hasse, um missionário português, que embarcava para o Japão, e que me disse existir em Portugal um homem com os sinais de Leopoldo Saavedra... nunca vos encontraria. Suspeitei ainda mais a vossa existência aqui, porque esse padre me animou a procurar-vos, quando eu lhe disse que tinha duas dívidas de honra a pagar-vos. O missionário não se enganou... O Leopoldo Saavedra de Paris, o Tobias Navarro da Bélgica, o Barba-Roxa do Mediterrâneo, era o Alberto de Magalhães de Portugal... Tenho abusado da vossa paciência, senhor! Levantai — vos e saí desta casa!

A duquesa, erguida, e trémula, sem erguer os olhos do chão, apontava a saída da sala a Alberto, esmagado no seu orgulho, entorpecido em todas as faculdades morais que reagem até à morte do brio, ébrio, se assim pode chamar-se-lhe, do rancor sufocado que, reprimido em excesso, produz a paralisia do corpo e da alma, retirou-se como um sonâmbulo! Como explicais tanta altivez, tamanha soberania recalcada? O facto aconteceu. Estes insondáveis mistérios repetem-se! Não duvideis da sua verdade, almas que atravessais uma longa existência sem um abalo, sem um lance, que vos obrigue a pensar no que é o coração do homem!

# CAPÍTULO VI

Luva a estalar na mão rebelde às costuras de seda preta; frisado à fantasia, byroniano, ondeante, em arrepios, que querem dizer talento; bigode com anéis simetricamente hirtos, em prumo, por milagroso cabeleireiro; colete de cetim alvíssimo, apenas assertoado na cintura, para que o peito de engomados arabescos, e cintilantes pedras não ficasse obscuro; gravata branca, pedestal marmóreo de um queixo decorado de lourejante pêra; casaca de tufos nas ombreiras, e lapelas de cetim; calça preta, cosida à perna musculosa, impando no joelho, e terminando em botões de madrepérola, que se destacam do escuro cordovão do sapato; e mais que tudo isso uma cara festival, um olho de fauno, outro de carneiro moribundo; bochecha rúbida, e ventas amplas de um nariz triangular, sem cavalete, que rompe os tecidos globosos da testa estreita; isto tudo e o mais que se não diz por não valer especial menção, quer dizer que a dita pessoa não pode ser senão o barão de Sã.

Sua excelência acaba de apear de um tilburi à porta do Isidro.

O jóquei da almofada subiu a anunciar o barão de Sã, a quem?,.. Isso não sabiam eles dizê-lo... a uma senhora estrangeira hospedada naquele hotel. Entretanto, o admirador da rainha de Sabá sacudia das botas o imaginário pó, retesava os coleirinhos, que emigravam no cilindro da gravata, levantava os ombros para chamar a casaca às rigorosas linhas dos chumaços, e recolhia apressadamente um molho de cabelos de um caracol que se desfizera na região occipital.

Voltou o jóquei, anunciando que a senhora recebia com muito prazer a visita do cavalheiro.

O barão subia, tossindo, sem vontade, uma tosse especial que acomete os tolos na presença de certas mulheres, que têm a desventura de relacionar-se com eles.

A duquesa mediu desde o frisado até à ponta do verniz do sapato o opressivo cavalheiro, comissário do seu recado a Alberto de Magalhães. Recebeu-o com ar de sobranceria. Tinha nos lábios um sorriso de formal etiqueta para os

cumprimentos anilados do odorífero barão. Levou algumas vezes o lenço aos lábios, e através da cercadura de rendas poderia o irrisório leão divisar um sorriso desdenhoso, e, mais ainda, de cerimonioso escárnio.

Findo o tiroteio das frivolidades, a duquesa de Cliton agradeceu ao barão a pronta execução que generosamente dera às rogativas de uma estrangeira, que se retirava de Portugal profundamente reconhecida a um dos primeiros, e mais obsequiosos cavalheiros desta terra.

— Retirais de Portugal?

— Brevemente, creio eu.

— Tenho compreendido... — disse o enfiado barão.

— O quê, senhor?

— A vossa vinda a Portugal tinha um fim...

— Certamente... Portugal não é terra que se visite, por simples prazer, sem um fim.

— O vosso fim era prender o coração de Alberto...

— Nesse caso, lamentai-me porque me retiro, e o coração de Alberto fica solto...

— Se me tivésseis consultado, dir-vos-ia que tal homem não se apaixona, é de bronze; o coração que tem, se o tem, é da sua mulher.

— Ditosa mulher!... Pode cantar como a trigueirinha do cântico dos cânticos...

— Tende a bondade de repetir.

— Tive a honra de vos dizer que a mulher de Alberto é bem feliz; não é?

— Conta com a lealdade do seu marido... e não pode recear que as estrangeiras infelizes lhe questionem a posse...

A duquesa mordeu o beiço, e murmurou “miserável!”. Depois, com a mais admirável naturalidade:

— Confessai que sou uma desgraçada tola, em me apaixonar por tal homem!...

O barão não tinha crítica absolutamente alguma. O sorriso da desconhecida parecia — lhe natural. De maus fígados, e crassa ignorância, o titular concebeu desforrar-se apurando com ironias, da sua estofa, o suposto despeito

da condessa de Minturnes, rainha de Sabá, viúva de um capitão, ou industrioso demónio que viera perturbar-lhe a pacífica bestialidade.

— A vossa vaidade, madama, deve ter sofrido muito... — Muito...

— Quando se é gentil, ardente...

— Vive-se no fogo como a salamandra... é uma calamidade! — É uma afronta... Eu sinto muito ter sido o comissário da vossa recomendação para um homem que vos voltou as costas cruelmente...

— Agradecida... Tendes tido semelhantes infortúnios?

— Não, madama. Eu tenho sido absolutamente ditoso com as mulheres...

— Fazem-vos justiça, senhor!... Sois casado?

— Detesto o casamento... Sou inacessível.

— Inacessível! Quem o diria?! Tanto fogo nos olhos, tanto ardor na frase... é impossível! Ou vós sois um cadáver galvanizado, ou as mulheres que se roçam por vós são de mármore. O fogo comunica-se; os poros do sentimento

nunca se fecham; o coração, na vossa idade, e com o vosso temperamento, deve estar sempre constipado.

— Constipado!...

— Apaixonado... falei figuradamente... Estive, há anos na Ásia, e aprendi muitas metáforas.

— Metáforas!... Falai com seriedade...

— Por Deus!... achais que zombo?! O coração não vos diz que sois superior? Sê-lo-eis na crueldade? Penso que sim. Tendes-me pulverizado com os vossos sarcasmos. Sois um Júpiter de ironias fulminantes! Porque vos não conheci eu numa idade em que pudesse tentar a conquista da vossa alma inacessível!? Aos trinta e cinco anos, uma mulher não serve senão de fácil triunfo a conquistadores da vossa intrepidez, aos Alexandres Magnos do mundo das paixões!... Se quisésseis ser César, eu não se me dava de morrer por vós, desprezada Cleópatra...

— Não vos entendo, senhora; falai mais devagar... Não sei, como já vos disse, as frases menos usadas em francês.

— Falar-lhe-ei em português, cavalheiro.

O barão, quando ouviu a correta pronúncia portuguesa das últimas palavras da extravagante mulher, imaginou-a coisa muito superior aos cálculos da humanidade.

— Fala português?

— Gostei do idioma; como sabia sofrivelmente o espanhol foi-me fácil e agradável o conhecimento de uma língua, que eu imaginei teria de falar um dia...

— Com Alberto de Magalhães... — interrompeu o ciumoso amante, rindo em ar de mofa inteligente, mas denunciando a crassa toleima dos seus chascos inoportunos. A duquesa riu-se dele. Quem os não conhecesse pelos precedentes pensaria que eram ambos tolos.

— Está prodigiosamente cómico, senhor Barão de Sã. Agora sim, dou este testemunho de que a vossa Excelência é inacessível... Veja que fraca mulher! Concebi o plano extravagante de o cativar... Pobre Dido que desembarquei nas praias ocidentais procurando um Eneias de sapato de verniz, e gravata de cambraieta!...

E continuava a rir-se de um modo que sopitou o jovial barão em trágica seriedade.

— Não me responde... não me anima, cavalheiro? Iluda-me, se mais não pode... inscreva-me no catálogo das suas perseguidoras, mas dê-me uma delicada esperança de lhe tirar com os meus suspiros, uma faúlha das cinzas do coração dessa desolada Cartago sobre que eu venho chorar, como Pompeu.

— Vossa Excelência zomba de mim?

— Por todos os santos e santas da corte celestial, presentes e futuros, como dizem os espanhóis, juro que não acho na vossa Excelência uma pessoa de quem se zombe. Falo — lhe uma linguagem figurada... já lhe disse porquê... vivi no Oriente, sentei-me na base das pirâmides ouvindo os contos árabes; pernoitei na cabana dos índios, ouvindo o Ramakna e o Maabarata; sentei-me nas areias do deserto, como Agar, perguntando às caravanas a significação daquele hino de siroco, palavra eterna de maldição que reboa nas plagas infinitas do solo amaldiçoado... A minha vingança rugia aqui dentro como a onda abrasada do simum... A vítima buscava o algoz entre as feras da Líbia...

O barão, que, pouco antes, não entendera as subtilezas da língua francesa, confessava ingenuamente que não

entendia melhor as da sua pátria, se quisesse ser franco. Esquecida da pessoa com quem falava, pessoa com cujo quilate intelectual em poucos minutos, avaliara, a duquesa ia cedendo à expansão, imperiosa necessidade do talento, ao desafogo de uma dor, que pode esconder-se com artifícios de amargas ironias; que pode aturdir-se na embriaguez de um afetado einismo; mas que tantas vezes desmente a arte, exalando-se em transportes de eloquente amargura!...

Elevara-se, e quando reparou na fisionomia boçal do barão, que porventura exprimia assim a sua admiração por tudo que lhe era impercetível, a duquesa arrefeceu, desceu da tragédia para a farsa, e afivelou a máscara que por pouco lhe caía, na presença de um espectador ignóbil para compenetrar-se do sentimento de uma grande dor.

— Acha-me bem fastidiosa com as minhas rêveries, senhor Barão, não é verdade?... É necessária muita paciência para aturar uma mulher meio homem, meio literata... Somos ridículas aos olhos dos entes positivos, despoetizados, e incombustíveis, como o amianto, por mais

que os toquem as faíscas do coração de mulher, como eu tenho a desventura de ser... Gosta de mim, senhor Barão?

Esta pergunta de improviso, espécie de disparate com que a duquesa fechou o período, atarantou o fidalgo, a ponto de lhe roubar provisoriamente, a correção da frase portuguesa, e mais ainda o dom de articular as poucas palavras com que se recolhera da emigração, que lhe esterilizava os conhecimentos exportados da pátria; e sobre todas as perdas, o espoliara lastimavelmente do senso comum. José Maria de Sã, um dos primeiros barões do seu apelido, foi a preexistência profética de todos os outros.

— Não me responde?! — disse ela, decifrando as revoluções que se alternavam na fisionomia grotesca do barão. — O seu silêncio, cavalheiro, não é delicado. Franqueza: gosta de mim?

— Se gosto de vossa Excelência!... Devora-me o ciúme, como não há de ser palpitante o meu amor.

— Não me capacito... Desconfio sempre das paixões que fazem estilo. Acho que a pequenez do amor está na razão

inversa da grandeza das palavras. Simplifique as suas respostas senhor Barão. Gosta de mim?

— Imensamente.

— Aí está uma palavra muito grande!... Assim não quero. Tenho cisma com os advérbios... Não fuja do verbo da pergunta. Terceira vez: gosta de mim?

— Como quer que lhe responda?... Não há linguagem humana que responda convenientemente a tal pergunta.

— Pois não há? Ora, Barão, pergunte-me se gosto de vossa Excelência.

— Gosta de mim?

— Gosto. Aqui tem!... Há lá nada mais natural? Já sabe como eu quero o estilo em matérias de amor. Outra pergunta: que quer de mim?

— Adorá-la, amá-la eternamente; beijar humildemente os seus vestígios, dar a última gota de sangue pelos seus suspiros, contemplá-la extaticamente...

— Três advérbios que somam dezasseis sílabas. Não ame assim, senhor Barão. Não vê que tudo caminha para o

espiritualismo? Subtilize as suas frases, espiritualize-as, basta de matéria o indispensável!... Que quer de mim?! Não responde!... Não me quer nada!... Ora vejam que amor tão frio!... Nem tanto espiritualismo, cavalheiro... Peca pelo extremo!... Se me dissesse francamente que me queria fazer sentir o ardor do seu sangue, as palpitações das suas artérias, o aroma dos seus suspiros, as lúcidas cambiantes dos seus belos olhos... eu diria que o estilo é uma bonita maneira de encobrir certos pensamentos, que não têm estilo nenhum, pelo menos autorizado nos bons clássicos franceses e portugueses. Ora agora... amar-me eternamente, beijar os meus vestígios humildemente, contemplar-me extaticamente, tudo isso, além de ser impossível no estado atual do coração humano, é uma promessa assustadora, e um futuro insuportável que me anuncia. Amar eternamente!... Deus nos livre disso, não há amor que resista a vinte e quatro horas de filosofia! Eu de mim não aceito o programa; se promete amar-me três dias...

— É impossível!... Abandone-me; mas eu hei de amá-la enquanto sentir no coração uma gota de sangue!

— É sanguinário, Barão! já me falou em sangue duas vezes!... Adote uma linguagem mais pacífica. Não gosto de Catões no amor. O sangue será muito proveitoso nas funções da vida. animal; mas no nosso caso, dispensa-se. Acho-o até prosaico...

O barão abria a boca, e franzia a testa. O que ele exprimia com semelhante careta, não saberemos nós dizê-lo, nem a duquesa o saberia. Escarnecido, ridicularizado, vítima sem consciência de uma vingança que a ultrajada amante de Alberto de Magalhães estava exercendo, o barão decerto não ouvira o rancoroso epíteto de “miserável” que a duquesa rosnara, quando ele lhe disse que Eugénia contava com a lealdade do seu marido, e não receava que as estrangeiras infelizes lhe questionassem a posse.

Por fazer justiça à duquesa de Cliton, não duvidamos afirmar que o miserável barão não seria decerto um holocausto digno da sua vingança, se ela tivesse que fazer. Devemos aceitar-lhe como divertimento, ou capricho, a zombaria que pesava sobre o fidalgo, zombaria cruel que devia rematar por uma originalidade, que ainda não vimos

contada nalgum romance, e cuja publicidade estava reservada para nós.

— Deveras prosaico — prosseguiu ela, dando-se uns ares de náusea, que afundavam ainda mais as regras da testa do leão, mudado em bode expiatório. — Senhor Barão! ai vai um rasgo de carácter, que faz honra ao meu sexo, e à minha pátria. Uma mulher tem obrigação de ser franca, visto que os homens são os que se servem das palavras para esconderem os pensamentos, como disse um meu patrício.

— Eu não sou assim, madama.

— Sois!... Devíeis, a estas horas, ter impedido a minha franqueza, que, pelo descostume, sempre fere mais ou menos, o pudor de uma mulher, ainda que ela seja francesa, e tenha uma cadeira das que ficaram nos salões da filha do Regente, e simpatize cordialmente com as cartas teóricas de Ninon de Lenclos, e com a pátria, um pouco mais eloquente de Marion de Lorme.

O barão, diga-se a verdade, não a entendia, e fazemos votos, porque, neste momento, a capacidade intelectual das

leitoras não seja mais ampla que a do barão.

Entretanto, a duquesa, que sabia mais que todos nós, continuou:

— Franqueza, meu querido senhor Barão. Amo-vos!

— Que dizeis, mulher divina?! — exclamou o fidalgo subitamente erguido, levando as mãos à altura cómica de um pai que vai abraçar uma filha, que julgava perdida.

— Já vos disse... Amo-vos... Quisera ser rainha, de Sabá, para vos fazer rei de Sabá, e conde de Minturnes!

— Senhora, permiti que, de joelhos, vos beije a mão!

O barão de Sã, quando pedia a dramática permissão, estava de joelhos, e esperava que a mão da divindade lhe viesse ao encontro dos abrasados beiços, que, neste homem, não eram verdadeiramente lábios. Com grande pasmo seu, a mão não vinha, nem a duquesa o mandava erguer-se.

— Deixai-me sentir o nobre orgulho — dizia ela, meigamente soberana — de ver aos meus pés o primeiro leão português, suponho eu que o sois, nobre fidalgo da

Espanha, Não vos mando levantar, como é estilo nas tragédias de Corneille, porque o meu coração é soberbo, e só se rende à humildade. Gloriai-vos de ter conquistado o coração de uma mulher, que só tem a mancha de ter sido desprezada pelo vosso amigo Alberto de Magalhães. É vosso, porque ele o não quis: mas será vosso como não pode ser de mais alguém...

Ouviram-se passos no corredor. O barão queria erguer-se da postura incomodativa, e burlesca; mas a duquesa, retendo-o, suavemente, prosseguiu:

— Dou graças aos deuses tutelares por me terem encaminhado aos braços de um cavalheiro, que...

Abriu-se a porta, e entrou o cônsul francês, que, ferido pelo espetáculo estranho, recuava, enfiado. O barão erguia-se vexado, quando a duquesa, soltando uma gargalhada sem nome, de um género novo de desconhecida zombaria, disse ao cônsul:

— Viestes a tempo, senhor Cônsul, para desfrutar o final do último acto de um vaudeville, que este senhor

representou comigo. Acabava de beijar-me a mão, intitulando — me rainha de Sabá!...

O barão estava verde! A transpiração momentânea ensopou-lhe a goma dos colarinhos. No rápido esforço, que fez ao levantar-se dos pés da duquesa, rompeu a calça no joelho direito, e estalou dois botões da polaina, retesa na posição, que o alfaiate não previra.

O cônsul fitava-o com desprezo, primeiro, e, com compaixão, depois que a duquesa de Cliton lhe disse:

— Senhor Cônsul, se tendes alguma influência nos agentes da polícia de Lisboa, fazei que este senhor, que me parece uma pobre pessoa, seja recolhido a um hospital de doidos!... Forte desgraça!... Quem vem a Portugal depara encontros extraordinários!... Byron apareceu-lhe um malvado que o espancou; a mim apareceu-me um doido...

— Tenha a bondade de retirar-se, senhor! — disse o cônsul com severidade ameaçadora.

— Esta mulher é uma infame, uma devassa! — bradou o barão, fazendo ouvir um ranger de dentes, que fazia lembrar as trevas inferiores de que fala o Evangelho.

— Vedes, senhor Cônsul? — dizia a duquesa — para além do mais é furioso!... Vou fazer entrar os meus criados...

— Retire-se, senhor... quando não vai ser obrigado a pontapés... — disse o cônsul, tomando o barão, violentamente, por um braço, até ao cimo da escada. Neste momento a duquesa olhava para a porta, e viu recuar o cônsul, tangido por um prodigioso murro que o estendeu no meio da sala. O desarvorado diplomata apalpava cuidadosamente o nariz fraturado, quando o tilburi do barão de Sã entrava na Rua de S. Paulo, muito devagar.

Fiquem sabendo que o tolo, na opinião pública, sabia dar, a propósito, murros sublimes, verdadeiramente portugueses. Honra lhe seja feita!

# CAPÍTULO VII

Alberto de Magalhães, que afrontara intrépido as borrascas da variada existência, sentira-se pequeno, vil, esmagado pelo abalo que lhe fizera na consciência uma mulher, que reputara desprezível como vingadora da sua desonra; mas respeitável como insidiosa intrigante.

Há homens desamparados, sem um amigo, sem um recurso, impelidos de infortúnio contra infortúnio, desprezados pelos olhares da sociedade, mordidos pela própria consciência, finalmente sós com a sua vergonha e o seu remorso. Estes, expulsos de todos os braços, segregados da convivência dos grandes e dos pequenos, nutrindo-se do seu próprio fel, experimentando em cada novo dia uma afronta nova, não podem considerar-se inteiramente abandonados, se entre mil mulheres que os desprezam há uma só que os acolha com a familiaridade do amor, com a confiança da estima, acolhimento inefável à

semelhança do céu no remate de tormentosas penas. Há destes homens, e Alberto de Magalhães, quando desceu as escadas da duquesa de Cliton era um homem assim.

Fulminado, com um vulcão na cabeça, com todas as paixões acumuladas, sem respirar nenhuma, o pensamento único, a única elevação pura da sua alma, o nome e a imagem que lhe vieram à superfície das fezes amargas, que lhe não cabiam no peito, foi Eugénia. Diante do seus olhos estava o vulto repulsivo da duquesa, vomitando imprecações, cuspindo-lhas na cara como frechas de lume, acusando-o de crimes apensos à sua vida de corsário, assoberbando-se do segredo com que parecia ameaçar-lhe a reputação em Lisboa, onde tanta gente ansiava descortinar o segredo da fortuna dele.

A par do demónio, afigurava-lhe a imaginação atormentada a imagem do anjo. Eugénia era a única pessoa, que vivia da sua vida. Só ela o absolveria dos criminosos conflitos que enegreciam a história da sua inesgotável riqueza. Uma só pessoa do mundo, Eugénia, cairia com ele ao abismo da desonra. Com o peito pequeno para os saltos do coração, o terror na face, e a cabeça

estéril de recursos, Alberto de Magalhães desafogava nos braços de Eugénia, como criança ressentida, a mais varonil, a mais dilacerante das torturas humanas. A mulher, perante quem o corsário quisera ser um rei, saberia brevemente que o seu marido fora um ladrão, no mar, e adquirira à custa de ouro os arminhos de uma impostura, infame máscara que lhe afivelara nas faces a ela, para, que ao mesmo tempo, a saliva da desonra cuspisse em duas caras descobertas.

Eugénia, aterrada do silêncio com que Alberto a tomara nos braços, sentindo-lhe as precipitadas pulsações do coração, vendo-lhe lágrimas impossíveis nos olhos de tal homem, pressentiu uma grande desventura, e não ousou interrogá-lo.

— Alberto... nada te pergunto... — lhe disse ela, sorrindo e chorando. — Sei que somos muito infelizes. Assim devia ser. Era impossível que isto durasse muito. No mundo não há felicidade. Paciência, filho; recebamos os golpes da Providência, corri resignação, mas abraçados, sejam eles quais forem. Colhemos as flores... colhamos agora os

espinhos... Bem sei... Aquela mulher atormenta-te... sei tudo...

— Sabes tudo?!

— Adivinho tudo... O amor faz a gente profeta... Há uma ligação de vida e de morte entre ti e aquela mulher...

— Não é assim, Eugénia... Eu já te disse... esta mulher, o mais que pode é quebrar a quietação deste gozo que começou, há pouco tempo, na minha trabalhosa vida... Veio a Portugal depois de me seguir o rasto, quatro anos. Encontrou um padre, que lhe deu sinais certos da minha existência. Este padre, Eugénia, suspeitas quem seja este padre?...

— Padre Dinis?! — Não pode ser outro. Um padre português que encontrou em L'Hasse, passando para as missões, não pode ser outro. Vês o contacto daquele homem o que é? Tudo que roça por ele, caiu em terra. Foi ele que o disse... Traz consigo o contágio da morte; esta mulher impeliu-a ele para aqui...

— Ó Alberto!... crer que o padre fosse nosso inimigo?!

— Não. Era amigo do conde de Santa Bárbara, de dom Pedro da Silva, de dona Ângela de Lima, de dona Anacleta, da tua mãe, de dona Francisca Valadares, devia sê-lo do seu pai... e onde estão os amigos de Sebastião de Melo? São seis mortalhas... e o nosso amigo, eu sei que o é; mas padre Dinis é o instrumento cego de Deus; dá um ósculo de amor, e traz o veneno da morte nos lábios; prepara para os seus amigos um leito de flores, e a sepultura está por baixo deles. Foi ele, Eugénia, é impossível que o não fosse... Não deixei vestígios meus em parte alguma do mundo. Ninguém soube a minha nação, porque eu falava todas as línguas, ninguém descobriu no mar a esteira dos meus navios, porque... ninguém ousou perguntar quem ia dentro deles... Só um homem, superior, tocado por Deus ou por Satanás, poderia apontar-me, e dizer: “O homem que procuras, está em Portugal, e chama — se Alberto de Magalhães.”

— Seria ele, meu filho, mas evitemos a desgraça, se é possível... Que receias?

— Já te disse que tudo por ti...

— Pois seja por mim... Poupa-te, Alberto; porque se me matam...

— Se te matam?!...

— Sim... perdes uma verdadeira amiga... Todo o teu ouro não te dará um coração semelhante ao meu...

— Matarem-te, Eugénia!... Quem?!... Que Deus ou que demónio pode tanto! Onde está o poder do ouro e do punhal que consinta inimigos em redor de ti!... Emprazo a Providência covarde, e todas as legiões de demónios!

Eugénia, se tivesse conhecido Come-Fucas, ou Barba-Roxa, ou Tobias Navarro, no momento em que estrangulava o irmão da duquesa, ou Alberto de Magalhães arremessando ao Tejo D. Martinho de Almeida, não recuaria, como aterrada da ferocidade que brilhava nos olhos do seu marido. A alucinação fizera-o levar a mão ao lado esquerdo, e comprimir o punho de um ferro, no momento em que pronunciou a palavra “punhal”. Eugénia vira-o sempre alegre ou melancólico, mas em ambas as paixões dominava a suavidade das índoles boas. Aquele aspeto era-lhe novo.

Pareceu-lhe como transfigurado pela cólera de um desses caprichosos tiranos, que a pintura da Idade Média idealizou

pelos traços morais de Nero ou Caracala. Organização fina, e para além do mais espiritualizada pelo amor, e mimosa, pelo hábito de ouvir suspiros, e não rugidos, Eugénia sofreu um receio, que lhe coagulou o sangue... A tremer, encarava-o indecisa, e no pasmo da surpresa não ousava tocar-lhe, porque tinha ouvido dizer ao seu marido que tivera horas, nesse tempo, de apetecer uma embriaguez de sangue do género humano. Se, nalgumas dessas revelações, lhe perguntara a que atribuía ele esses acessos, Alberto respondera-lhe: “A um defeito da organização adulterada pela sociedade, que fazia os infames, e mandava-os subir ao cadafalso.” Estas respostas eram precedidas de tristeza, e seguidas de um beijo, que parecia a última respiração de um ar envenenado que lhe dilacerava os pulmões. Este lance, porém, era muito diverso dos outros.

Fatigado das contrações nervosas, que vieram depois da apóstrofe enfurecida, Alberto caiu extenuado sobre uma cadeira, e ansiava como se viesse de lutar braço a braço com um gigante.

Eugénia aproximou-se, silenciosa, e afastou-lhe os cabelos da testa. A mão ficou-lhe húmida de suor frio.

— Vai passando, Eugénia... — disse Alberto, tornando-lhe a mão, que levou aos lábios. — Abençoada sejas, minha filha, que repreendeste a cólera vertiginosa do homem sanguinário, com o teu silêncio. Nunca mais me digas que te matam; porque em mim há o homem que obedece às fatalidades, e o tigre que salta por cima dos vermes, que o rodeiam. Eugénia!, vai entrando no abismo do meu carácter. Se tenho alguma qualidade boa, a ti a devo. Se me vejo sem ti, com força no braço, e a ferocidade no coração, morrerei afogado em sangue... Aterram-te as minhas palavras... Bem o vejo... Daqui a minutos seremos felizes...

— Deus o permita, Alberto...

— Deus!... Pois sim... seja Deus que o permita...

— Quando retiramos de Portugal?

— Brevemente... não sei em que dia; mas não é possível ser já...

— Se o fosse ainda que custasse todo o ouro, que nos rodeia, e que é de mais na nossa felicidade...

— De mais, filha... sim... “de mais”... disseste uma verdade, cuja extensão nem tu conheces... É justamente

este ouro, que me tem aqui preso uma hora... e quantas serão elas!... São cadeados de ouro, que me amarram a um poste de ignomínia...

— Que dizes, Alberto?...

— Nada... um desvario da minha cabeça perdida... Não era um desvario. O pensamento de Alberto oculto a sua mulher, era muito discreto. Lembrava-se de que a duquesa de Cliton, se ele se retirasse repentinamente de Portugal, propalaria, quaisquer que fossem os documentos com que pudesse justificá-lo o boato dos infames precedente de Barba-Roxa conhecidos daquela mulher. É o que devia demorá-lo em Lisboa; do contrário, os cabedais imensos de Alberto, quase todos no Banco de Inglaterra, não precisavam de espaço para a sua liquidação.

Reanimado por qualquer ideia salvadora, Magalhães saiu, a pretexto de apressar a sua retirada.

A sua carruagem parou à porta do Isidro. Apeando, Alberto reparou num homem, que vinha descendo, quando ele subia as escadas da duquesa. Este homem ocultara o

rosto e, protegido pela tíbia claridade do crepúsculo, passou por Alberto como quem receia ser conhecido.

— A senhora Duquesa? — perguntou a um criado. — A senhora que a vossa Excelência hoje de manhã procurou?

— Sim.

— Saiu.

— Quando?

— Não há dez minutos.

— Naturalmente era um vulto, que me pareceu um homem, que encontrei, quando subia.

— Não, senhor. Esse vulto era um homem que jantou hoje com a senhora... Duquesa... eu não sei se é duquesa... seja lá quem for...

— Seria o barão de Sã?

— É pessoa que não conheço...

— Um homem da minha idade, louro do cabelo, com...

— Nada, nada; eu mal o vi; mas o homem pareceu-me velho...

— A que horas costuma recolher a Duquesa?

— Não sei, senhor. Ela nunca saiu a estas horas. Hoje vai ao teatro, e não tardará para se vestir, que lhe leva boa hora e meia, segundo dizem os criados.

— Foi de sege?

— Sim, senhor.

— Dás-me aí um quarto onde espere por ela?

— Pois não... queira entrar nesta sala. Deixemo-lo esperar, cismando no vulto da escada, e no plano que delineou.

Sigamos a duquesa de Cliton. A sege parou à porta de Alberto de Magalhães. A duquesa mandou-se anunciar, como uma estrangeira que desejava falar a sua excelência. Responderam-lhe que o senhor não estava em casa; mas que a senhora mandava subir a pessoa, que procurava seu marido.

Admiremos o carácter de Eugénia. Quando se lhe anunciou uma estrangeira, a esposa de Alberto não hesitou um momento em crer que a duquesa de Cliton procurava

seu marido com sinistra intenção. E não lhe viram um ligeiro sinal de perturbação. Quem visse seu pai, dezoito anos antes, dar a voz de fogo às espingardas que deviam vomitar-lhe as balas no peito, juraria que Eugénia era filha do bravo general.

A duquesa estava irresoluta se devia aproveitar o oferecimento. Uma ideia súbita fê-la saltar garbosamente da sege.

Atravessou três vastas salas, e encontrou uma mulher que a impressionou, ao seu pesar, extraordinariamente.

Eugénia, com a ponta dos dedos da mão direita assentes na borda do mármore de uma jardineira, e a direita, na altitude orgulhosa da estátua de Minerva, indicava-lhe com soberania o sofá que a duquesa cortejando-a ligeiramente em bom português, se sentou.

Eugénia, sem o menor trémulo na voz, abriu assim o diálogo:

— Diriam a Vossa Excelência que o meu marido não estava em casa? Pareceu-me que uma senhora da sua

qualidade não teria relações com o meu marido, sem podê-las ter comigo.

— Não acertou, minha senhora. Contraí com o marido de vossa Excelência uma dívida, antes que o matrimónio os unisse, de modo que as dívidas contraídas com o esposo se considerem dívidas da esposa.

— Compreendo-a, senhora.

— Felizmente. Não terei de fatigar-me em explicações. Vossa Excelência terá a suma delicadeza de entregar ao senhor Alberto de Magalhães cento e oitenta mil francos, contidos nesta carteira; e visto que, se considera sócia no comércio de finanças com o seu marido, queira passar-me um recibo...

— Não recebo a carteira...

— E, por consequência, não passa o recibo... É o mesmo, minha cara senhora. Confio na pontualidade da entrega, e peço-lhe as suas ordens.

— Queira Vossa Excelência levar a carteira.

— Não me forçará a isso... Suponho-a delicada bastante, minha senhora, para ma não mandar prender ao pescoço. Ora, como importa saber quem deixa este dinheiro, eu vou deixar aqui o meu nome.

— É ocioso, senhora Duquesa de Cliton.

— Ah! conhece-me... É muita honra, senhora Dona Eugénia. Em todo o caso, deixarei um bilhete-de-visita... Que pena! Não trago nenhum no meu indispensável... Não importa... há um meio em recurso extremo.

A duquesa tirou um lápis, chegou em passo de rainha de tragédia à parede, e escreveu: Manel, Thaces, Fhares.

D. Eugénia reparou e riu-se.

— Achou galanteria nos meus apelidos? — perguntou a duquesa, persuadida do riso ignorante de Eugénia.

— Galanteria, não; parece-me ridícula a sua mão, querendo arremedar a mão de Deus no festim do rei de Babilónia!

E continuou a rir-se com a mais pungente zombaria. A duquesa enfiou.

— Ria, senhora; mas imagine aquelas letras escritas com sangue, e não com fogo...

— Isso é muito bonito em romances, senhora Duquesa; mas aqui... repare... uma pouca de saliva e uma luva faz desaparecer a sua legenda.

Eugénia cuspiu no letreiro e com uma luva deixou apenas uns laivos escuros.

— Acho-a sublime, senhora. Vejo que é legítima metade de um corsário! Já dançou sobre as vagas do mar? já assaltou, de punhal na mão, a amurada de algum navio mercantil?

Eugénia não compreendeu a pergunta da rival; mas empalideceu.

— É pena que nascesse em tão pequena terra! — continuou a duquesa, contando com o triunfo que lhe fugia. — Mulheres assim, corajosas e desenvoltas, devem respirar por mais largo. No mar, são infinitos os horizontes, e as comoções estrepitosas. Nobre dama, a quantas abordagens felizes acompanhou o intrépido Barba-Roxa?

— Não a compreendo, senhora! Poupe-me o desgosto de a mandar sair...

— Pois sim... sairei, primeiro, delicada senhora!... Vossa Excelência sairá depois com os olhos fixos naqueles traços negros... É preciso que a mulher de Baltasar abandone às chamas os seus reais aposentos.

A duquesa saiu. Eugénia entrou rápida no seu quarto, e caiu de joelhos, a chorar, diante da imagem de uma Nossa Senhora que a sua mãe lhe dera, e recomendara como protetora nas suas maiores aflições.

## CAPÍTULO VIII

Alberto, alguns minutos depois que entrara na sala do Isidro, esperando a duquesa, recebeu da mão de um seu criado da carruagem uma carta.

— Quem te entregou isto?

— Não conheci, senhor; era um homem que não deixava ver um bocado da cara; parece-me que era o mesmo que descia as escadas quando Vossa Excelência subia.

— Ele espera resposta?

— Não, meu senhor: retirou-se logo. A carta continha o seguinte:

Alberto de Magalhães retire-se desta casa. Evite encontrar-se com a duquesa de Cliton. Não pense dois minutos, depois de receber esta intimação. Vá hoje infalivelmente ao teatro.

A letra era-lhe desconhecida: embora, ninguém, que não fosse uma personagem muito interessante no drama, que ia correndo, escreveria semelhante carta. Força sobrenatural obrigava-o a respeitar a intimativa de tal ordem. O temor de pequenas coisas faz as grandes superstições. Alberto retirou-se. Entrando na carruagem sentiu o rodar de uma sege. Palpitou-lhe o coração que a duquesa vinha ali; mas o preceito anónimo mandava-o evitá-la. Seguiu a rua oposta, e entrou na sua casa, menos exaltado que de manhã, mas muito mais maravilhado da figura misteriosa que aparecia anexa ao plano aniquilador da sua felicidade.

Eugénia, contra o seu costume, não veio encontrá-lo com o beijo carinhoso da saudade.

— A senhora? — perguntou ele.

— Está no seu quarto. Deu ordem que a não chamasse, se entrassem visitas.

— Deu-se algum acontecimento enquanto estive fora?

— Veio aqui uma senhora estrangeira. Demorou-se poucos minutos; e logo que ela saiu a senhora Dona

Eugénia entrou no quarto, e levava os olhos rasos de lágrimas...

— Vá dizer-lhe que preciso falar-lhe; se me dá licença que entre no seu quarto.

Eugénia, porventura absorta nos pensamentos que a faziam chorar, não ouvira a carruagem. Quando a criada lhe deu o recado do seu marido, que não esperava tão cedo, correu a abraçá-lo, exclamando:

— Tu aqui... Estava pedindo à Mãe de Deus que te acompanhasse...

Entraram no quarto. O leitor supõe as revelações que Eugénia vai fazer ao seu marido. Deixemos Alberto nessa dolorosa provação da sua coragem moral; nesse martírio, sem nome, que a palavra “corsário”, pronunciada pela sua inocente mulher, lhe fará sofrer.

Vamos à residência da duquesa de Cliton, que há momentos se recolheu.

Quando a criada vinha ajudá-la a despir os enfeites incomodativos, foi repelida.

— Deixa-me!... — bradou ela, atirando-se ao canapé, e arrancando a pedaços as luvas, que não saíam prontamente das mãos. Trejeitava com os olhos, com os lábios, com os braços, e com as pernas. Parecia assaltada por uma legião de insetos, que a mordiam em todas as fibras. Possessa de rancor impotente, cruzando a sala a passos largos, parando um momento para redobrar os ímpetos, fazendo estalar os nós dos dedos, e fremir os suspiros que lhe não cabiam no peito arquejante, a vaidosa duquesa acusava a sua própria covardia, por ter deixado incólume a mulher de Alberto de Magalhães. Indecisa, se devia tentar outra vez a entrada em casa dela, resolvera-se pela ida, escondera duas pistolas na algibeira interior de uma murça de pele de tigre, e levantava o fecho da porta, quando a porta se abriu por mão exterior. A duquesa recuou primeiro, depois, reconhecendo a pessoa que lhe impedia a saída, ofereceu-lhe a mão.

— Não vos esperava agora... — disse ela, sentando-se. — A vossa vinda é uma providência, ou uma desgraça...

— Vejamos qual das duas missões devo aceitar... — disse o vulto desconhecido de Alberto de Magalhães, deixando

cair a capa dos ombros, e recostando o cotovelo à cadeira da duquesa.

— Quero uma vingança!...

— já sei que é esse o vosso pensamento, senhora Duquesa.

— Mas quero-a pronta, hoje, e já.

— Aumentaram os estímulos desse ódio implacável? — Exasperaram-mos!... A mulher de Alberto insultou-me com sarcasmos... Quis beber um golo do fel, que o infame me verteu no coração... há de bebê-lo...

— De que modo, senhora Duquesa?

— De que modo? Não sei... se me aconselhará...

— Não tencionais disparar uma pistola no peito do marido?

— Sim.

— Que mais quereis? Se privásseis da vida a viúva, em vez de vos vingardes, far-lhe-íeis uma esmola, porque Eugénia ama esse homem com delírio.

— Tendes razão, senhor!... Não tocarei nessa mulher... mas a minha vingança quero-a hoje. Sabeis a história dos meus padecimentos... é preciso que eu tenha uma hora de felicidade... estou sufocada: sinto aqui na garganta uma corda, há cinco anos... quero respirar...

— Respirai. O perdão das injúrias é uma respiração; mas essa não vos aconselho eu. A Providência de Deus tem seus tribunais na terra. Vós sois o algoz que recebeis o cutelo da mão providencial.

— Eu não cumpro desígnios da Providência... Vingo a morte do meu irmão, que foi morto quando salvava a minha honra.

— E, contudo, o sangue do vosso irmão não lavou as nódoas do vosso carácter.

— Não: e que importa isso? Que me importa a face que tenho voltada para o mundo? Desprezo com todo o asco a opinião pública. A minha consciência é que me dá preceitos, as nódoas que tenho, e que me vedes, não as pode lavar o sangue do meu irmão; mas veremos se

tranquilizo a consciência com o sangue do assassino covarde...

— Alberto de Magalhães?

— Sim!... e quero que seja hoje...

— Seja hoje.

— Aconselhai-me, já que viestes seguindo os meus passos para dirigir as minhas tenções.

— Não me dissestes, Duquesa, que o vosso ódio vos aconselharia?

— Pois então de que me servis?

— Acompanhar-vos-ei... e quando o vosso braço fraquear...

— Conto com o vosso? Não precisarei. As minhas pistolas são boas, e a pontaria é infalível.

— Quereis um conselho?

— Dizei... senhor... ia-me enganando... nem a sós convosco, devo chamar-vos pelo vosso nome?

— Não.

— E o caso é que vos obedeço prodigiosamente.

— Naturalmente aos cabelos brancos.

— Não sei... Vós tendes na fisionomia um selo sobre-humano. Conheço-vos, vi-vos há seis meses; conheço-vos há três dias, e penso que estou debaixo de uma influência magnética há muitos anos...

— No vosso carácter, Duquesa, é uma maravilha que me faz honra... Reparai bem que sou um homem, pouco mais ou menos organizado, como o barão de Sã... O que tenho mais que ele... são os anos, o sangue arrefecido, a cabeça quase como o coração...

— Mas... eu não compreendo isto!...

— O quê, Duquesa?

— O interesse, que tomais na minha vingança...

— Não tomo nenhum.

— Nenhum? Cada vez sois mais problemático!...

— Aconselho-vos, e nada mais. Nem ao menos tenho o interesse do advogado, que aconselha o seu cliente...

— Mas, em tal caso, deveríeis aconselhar-me para o bem... — Que chamais vós o “bem”?

— O perdão das injúrias.

— Escarneceríeis, e os vossos criados não me deixariam entrar na vossa casa, segunda vez.

— O que devo então pensar? Que quereis a minha gratidão de uma maneira ou de outra?

— De nenhuma.

— Por Deus! Isto parece-me um trocadilho de frases... Que misterioso homem sois! Dizei-me, por quanto há: devo julgar-vos a pessoa que encontrei há seis meses?...

— A mesma pessoa.

— Com outras ideias?

— Com as mesmas ideias, e seis meses de mais. Resumi as vossas perguntas, que se faz tarde.

— Tarde!... para quê?

— Vesti-vos.

— Que me vista!... onde vou?

— Ao teatro.

— Com que fim?

— Vereis Alberto de Magalhães.

— Sim?

— Sim, Duquesa.

— Duvido.

— Não duvideis.

— E sua mulher... irá?

— Não sei.

— E depois?

— Entrarei convosco na carruagem, antes que a de Alberto tenha partido. Pararemos na rua próxima da de Alberto e apearemos.

— Depois?

— A meia-noite é cerrada a escuridão. Ninguém nos verá escondidos na esquina do palácio. Quando Alberto apear...

— Que farei?

— O que o ódio, vosso leal conselheiro, vos disser.

— Agora compreendi-vos, senhor!

— De que maneira?

— Tendes ódio a Alberto de Magalhães.

— E não tenho coragem para uma vingança direta, é o que quereis dizer?

— Não digo tanto...

— Pensai o que quiserdes, Duquesa.

— Seja o que for... a vingança é minha! Se quisesse recuar, não poderia, depois que vos ouvi... Sois imperioso... esperai que eu me vista.

A duquesa saiu, e deixou a murça com as pistolas sobre a jardineira. O confidente do assassino, viu as pistolas uma a uma, voltou as costas para a porta donde podia ser observado, e esteve assim alguns minutos.

Nessa noite, as aias não tiveram senão que admirar a rapidez do toucador da duquesa de Cliton.

Voltando, encontrou o seu hóspede sentado, profundamente distraído consigo, se o julgarmos pela imobilidade em que a cabeça, entre as mãos, se conservou.

— Pronta! — disse ela; e foi tirar as pistolas da murça. Ergueu os perros varonilmente, e trocou por outros os fulminantes.

— Sois prevenida, senhora Duquesa...

— Achais? — Não vos falta o menor ademane de um jogador de armas... Sois a Judite dos tempos modernos... A França dá todos os séculos uma Joana d'Arc...

— Aceito a comparação... Vamos?

— Ide. Eu vou a pé. Não entro no teatro. À saída encontrar-me-eis à portinhola da carruagem.

— Ai que loucura! — exclamou a duquesa — , eu não mandei tomar bilhete de camarote!...

— Esqueceu-me dar-vos, senhora. Está aqui, número dez da segunda ordem.

A duquesa aceitou, maravilhada. Desceram ambos, e separaram-se no pátio do hotel...

# CAPÍTULO IX

Quase simultaneamente chegavam duas carruagens, e abriram-se dois camarotes, em S. Carlos.

Num, entrava a duquesa de Cliton. No outro, Alberto de Magalhães, e a sua mulher. Os óculos encontravam-se ao mesmo tempo; depois, desceram da posição observadora, para nunca mais se encontrarem.

Eugénia recebia, como sempre, afável e desvelada as visitas sucessivas. Cortejava com o seu sorriso de encantadora simpatia os cavalheiros da plateia, que porfiavam em merecer-lhe uma dessas frívolas atenções, mais para reparo dos seus vizinhos, que para gosto seu. As damas dos camarotes acenavam-lhe com os leques, e por acenos lisonjeavam — lhe o gosto do seu penteado de canudo de trancinhas enfloreadas, que era o supremo luxo das damas de 1836.

A leitora não admira tanto o gosto do penteado, como a paciência de Eugénia em alindar-se caprichosamente, na mesma noite de um profundo abalo à sua tranquilidade, e de uma formal ameaça à vida do seu marido. Duas palavras de um bilhete anónimo explicam tudo. Como viram, Alberto entrou no quarto de Eugénia. Ouvira em poucas expressões arrancadas como gemidos a apóstrofe sanguinária da duquesa. Caíra, ao seu pesar, num profundo abatimento de que a sua mulher tentava salvá-lo. Era esta a dolorosa situação de ambos, quando um criado, fora do quarto, pedia que lhe recebessem uma carta que devia ser imediatamente entregue.

Eugénia tremeu de encontrar naquela carta a revelação de um novo infortúnio, se podia havê-lo; mas recebeu-a com ansiedade, e entregou-a a Alberto.

Continha isto:

Filha de Antónia Mascarenhas, não tremas pela vida do teu esposo. Vai passando a nuvem. Sorri a novos dias de felicidade.

A letra desta carta era semelhante à que Alberto recebera no hotel. Como a voz de um anjo invisível, que fala em nome de Deus, aquelas palavras levaram a convicção ao espírito de ambos. Um nome passou de relance pelo coração de ambos; mas não ousaram proferi — lo. Era impossível!... Padre Dinis àquela hora devia estar no Japão... Era, talvez, um milagre!... Um enviado da mãe de Eugénia!... Esta piedosa ideia tocou a supersticiosa inteligência da esposa de Alberto; mas, tão extraordinária lhe parecera, que não ousou comunicá-la ao seu marido, quase sempre armado de um sorriso de incredulidade para as quimeras espirituais da visionária de Sintra.

Alberto devia ir ao teatro: o preceito, depois que viu a segunda carta, pareça-lhe inviolável. Eugénia queria acompanhá-lo, sentindo um dobrado prazer de encontrar-se face a face com a furiosa rival; precisava de ferir-lhe o amor-próprio, juntando às liberalidades da natureza quantas a arte podia inventar-lhe. Foi, e nem um sinal de sofrimento, nem um instante de melancolia lhe notaram. Era tudo, naquela fisionomia, irradiação de júbilo, e

naquele corpo de fada, resplendor de rendas, de ouro, e de brilhantes.

Não assim a duquesa de Cliton. Os seus belos olhos mergulhavam num abismo cavado pela imaginação procelosa sobre a turva dos frívolos, que, naquele instante, contemplavam uma linda mulher, que, mal diriam, meditava um assassínio, realizado poucas horas depois. Pálida, mas por isso mais à feição romanesca dos espectadores, a duquesa nunca dera tanto nos olhos, nem excitara tanto o apetite de ser conhecida.

O barão de Sã, que fora vítima, mas vítima que dera um gentil soco nas ventas audaciosas do cônsul de Luís Filipe, estava contente na plateia, cercado de bons estúrdios, contando ao seu modo a aventura estranha, dominando a gargalhada ruidosa que perturbava o espetáculo, a recrudescendo a sua vingança a ponto de capitanear uma bateria de binóculos assestados na lívida duquesa.

O cavalheiro do Porto, que metera em semelhantes entalas o barão, era o mais estrídulo nas risadas, aplaudindo-se da sua obra, e comprometendo-se a provar ao barão que a estrangeira da aventura continuava a ser

rainha de Sabá. e condessa de Minturnes. Novas gargalhadas, novas observações, chasco daqui, agudeza de acolá, atenção de todos, e sobretudo o indispensável “sio” dos pacíficos burgueses, que tinham em resposta um “fora parvos!”, ou outra equivalente amabilidade.

Alberto de Magalhães observava do seu camarote as afrontas diretas à duquesa. Eugénia acompanhava-o nesta análise, e murmurou ao ouvido do seu marido:

— É com ela?

— É.

— Porquê?

— Não sei... Vejo que o motor principal é o barão de Sã.

— Acho aquilo infame.

— Decerto. Esta última palavra foi dita já fora do camarote. Alberto entrou na plateia: o óculo da duquesa acompanhou-o até ao grupo dos que a insultavam, e a tinham obrigado a esconder o rosto com o leque, e ao ver que ele se associava aos outros, temeu verdadeiramente, e retirou-se para o fundo do camarote, soltando uma risada

nervosa, um como rugido de hiena, quando chega a hora de cevar-se.

Entretanto, Alberto parou em frente da dúzia de cavalheiros, que lhe prestaram atenção, e se gloriaram de merecer-lhe um sorriso, se ele o tivesse pela sua galhofa.

— Sois uns miseráveis covardes, senhores! Insultais uma dama, que não tem um homem no seu camarote. Olhem que desonram suas irmãs, abrindo o exemplo!

... Se levantasse um pouco mais a voz, poderia ser ouvido no camarote da duquesa. Resposta, nem um monossílabo! Realmente os folgados jovens não eram tão valentes como espirituosos. O próprio barão de Sã, que fora feliz na última refrega, não tinha confiança em si, nem esperava dar mais, na sua vida, um segundo soco do calibre do primeiro.

Alberto retirou-se placidamente, sem lembrar-se de que o sono do dia seguinte poderia ser-lhe perturbado por algum cartel.

A duquesa nunca mais viera à frente do camarote. A indignação contra o barão de Sã, e os seus sequazes era geral. A autoridade, se não receasse algum bofetão, decerto

interviria no escândalo; mas, na turba, avultava o comandante de um corpo, e a espada naqueles dias cheirava ainda a sangue, perfume que revolta o olfato das autoridades civis.

O resultado foi encruecerem-se os ódios da duquesa. No seu apaixonado raciocínio, aquela galhofa de bárbaros fora promovida por Eugénia e Alberto. Faltava-lhe, para completa evidência, vê-la a ele na roda dos miseráveis aduladores do ouro do corsário. Logo que o viu, os seus olhos não podiam ver mais, precisavam retrair-se a uma cena infame. Foi quando ela soltou a gargalhada, ouvida nos camarotes próximos, que tiveram a leviandade de a reputarem meretriz; mas nem assim aplaudiram o desfaçado insulto à desgraça. Depois da gargalhada, vieram as lágrimas, excitadas por um misto de raiva, de orgulho, de dignidade, e até de compaixão de si mesma. Porque não se retirava do camarote aos insultos? Porque não podia quebrar uma aliança feita com o seu oficioso conselheiro, intérprete fiel do imenso ódio que lhe fazia de cada minuto, que decorria, um século sem vingança. No meio do quarto acto, os da plateia inferior repararam na

saída de um homem de cabelos brancos, óculos azuis e longas barbas.

Findou a ópera. A duquesa de Cliton quando saía do seu camarote viu um homem embuçado, ombro a ombro com ela.

— Vinde ao meu lado. Era-lhe desconhecida esta voz. Quando descia, a turba dos insolentes fazia roda no peristilo do teatro, por onde ela devia passar. O encapotado, figura célebre e anacrónica fora de Veneza, e dos dramas arrepiados, parou com todo o sinistro da arte em frente do grupo. Não falou; mas a roda abriu duas alas, e a duquesa não ouviu um remoque. Poucos passos distante desta cena, estava Alberto. Quais as suas intenções eram, poderia adivinhar-lhas quem soubesse o que, nos olhos dele queriam dizer os raios de sangue. Eugénia esperava Alberto, trémula, encostada ao braço do conselheiro, que tinha dito com grande surpresa:

— Oh!... esta mulher... é a duquesa de Cliton! — e maior foi o seu espanto quando Eugénia lhe respondeu:

— É. A duquesa, e o encapotado entraram na carruagem.

— Vou cheia de fel, senhor.

— Sei-o.

— Presenciastes?!

— Presenciei.

— Não me dissestes que não vínheis ao teatro?

— Vim... Segue-se que vos enganei, Duquesa.

— Que é isto? — disse a duquesa, vendo o seu confidente despegar umas longas barbas e levantar das orelhas umas cangalhas.

— É o homem com todas as suas variantes... Cada vez mais ininteligível... — Sou um hieroglífico humano, senhora Duquesa? Este nó górdio há de parti-lo o túmulo... — disse ele sorrindo, amargamente.

— Então vistes o infame Alberto na roda dos que me insultavam?

— Não vi.

— Desmentis-me, ou não reparastes?

— Desminto-vos. — Senhor! — exclamou a duquesa, saltando sobre o coxim.

— Alberto fez calar os insolentes.

— Mentis!

— Mercê, senhora Duquesa!... Se me dizeis, com consciência, que menti... confesso que não reparei.

— Dizei antes assim... e perdoai a minha exaltação.

— Afronta por afronta... não tenho que perdoar-vos.

— A minha vingança é cada vez mais legítima.

— Deixai a Deus esse juízo.

— Não me faleis em Deus!... Eu não creio em Deus.

— Haveis de crer.

— Quem me forçará?

— A desgraça.

— Maior desgraça do que esta?! Qual?

— A da vossa mãe.

— Minha mãe!... Conheceste-a?...

— Sim... duquesa de Cliton...

A carruagem parara na rua indicada pelo homem das barbas postiças ao boleeiro.

— Cobri-vos com esta capa, e com este chapéu, senhora Duquesa.

— E vós?! — Tenho outro chapéu, e outra capa... Apeai-vos. A carruagem de Alberto vem atrás de nós.

Apearam.

— Olhai lá... O homem, que ides assassinar, está ao pé de nós. Dentro de três minutos deve ser um cadáver. Tendes coragem?

— Tenho!... — respondeu ela com impetuosa energia.

— Não vos treme a mão na coronha da pistola?

— Não.

— Vinde... encostai-vos a essa porta. Quando ele saltar da carruagem... desfechai.

— Para onde ides? — perguntou ela a tremer.

— Estou perto de vós. A carruagem parou. Alberto saltara, e ao voltar-se para dar a mão a Eugénia, ouviu o estalo de um fulminante. Quase ao pé de si estava o vulto, que lhe batera uma pistola. Eugénia caía desmaiada para o interior da sege, quando Alberto corria sobre o suposto assassino com um punhal. O punhal descia sobre um vulto, quando outro susteve o braço de Alberto, ao mesmo tempo que a duquesa desfechava a segunda pistola, com o mesmo resultado. Alberto arrancava o braço da mão que lho suspendera, quando ouviu estas palavras:

— Alberto de Magalhães, é uma covardia assassinares uma mulher!

Palavras, que o fulminaram! O punhal caiu-lhe das mãos. A convulsão do rancor converteu-se na sinistra imobilidade do cataléptico. Os joelhos dobravam-se-lhe, sem que a alma os mandasse... Arrancando a voz à sufocação da surpresa, exclamou:

— Oh, padre Dinis!... Dizei-me que sois um Deus, porque é preciso adorar-vos.

E ajoelhava. — Erguei-vos, senhor! Não pronuncieis esse nome... Alguém houve chamado assim... quem quer que foi... morreu!... Duquesa de Cliton, se este homem devesse ser morto por vós, Deus não permitiria que eu vos encontrasse... Segui-me!... Alberto dizei a Eugénia que a sua avó era mártir e a sua mãe uma santa... e que os sofrimentos do mundo lhe são indemnizados em beneficio dela... Adeus.

Padre Dinis guiava pelo braço um autómato, sem vontade e sem ação; era a atrofia moral, a surpresa que retrai a sensibilidade num pasmo estúpido.

# CAPÍTULO X

A duquesa de Cliton, apenas apeou na hospedaria, pediu licença ao seu condutor para retirar-se ao seu quarto, porque sentia necessidade de deitar-se.

— Sim — respondeu padre Dinis — , mas sentai-vos alguns momentos neste canapé. Eu tenho necessidade de falar-vos, e vós de me ouvir. O vosso incómodo é todo espiritual, e a cama e a solidão são o pior dos refúgios para quem sofre da alma. Sentai-vos, Duquesa... conversemos. Olhai para mim, que sinto uma angústia sobrenatural, quando vos vejo os olhos... e eu gosto das angústias... são o meu alimento, e recaio num torpor tedioso quando me faltam comoções que me laceram a vida pedaço a pedaço. Olhai para mim, filha de Branca de Montfort.

A duquesa estremeceu, e encarou involuntariamente a face rugosa do padre.

— Que vos pareço? Que juízo fazeis deste homem que aqui está?

— Nenhum... não sei o que sois... tremo até de o saber...

— Odiais-me?

— Porquê?... Acho que devo ser-vos agradecida porque me não deixastes morrer às mãos daquele homem.

— Tendes para comigo uma obrigação mais solene...

— Qual?

— Não consenti que o matásseis.

— Isso não o devo a vós, se é motivo de gratidão... Devo-o às minhas pistolas, que me atraiçoaram...

— As vossas pistolas foram fiéis: fizeram o que podiam fazer... não estavam carregadas.

— Isso é falso... carreguei-as eu.

— Não é falso, Duquesa, as pistolas...

— Que é delas?

— Estão aqui descarregadas...

— Nesse caso atraiçoaram-me... Deu-se uma infâmia, que eu ignoro... Fui atrozmente enganada por alguém...

— Por mim ...

— Por vós?... Descarregastes as minhas pistolas?

— Vede, senhora, tenho aqui nesta algibeira a pólvora e as balas.

— Mas isso, senhor, é uma infâmia, uma traição, uma ignomínia que não tem nome!... Quem vos deu o direito de entrar na confidência dos meus segredos para me atirar ao ridículo?

Padre Dinis, sorrindo, e humedecendo os lábios, que pareciam de repente calcinados, abriu uma carteira de marroquim vermelho, tirou uma carta, já cortada nas dobras, como escrita há muitos anos, e ofereceu-a à duquesa.

— Conheceis esta letra?

— Creio que sim!... Esta letra... deixai-me reparar... esta letra é de...

— Falai baixo, senhora... é justamente de quem supondes... A assinatura desengana — vos... olhai... “Branca de Montfort”...

— Minha mãe!

— Sim... vossa mãe... Lede estas quatro linhas.

— Não posso!... Estou perdida da cabeça... A minha mãe morreu há vinte e sete anos... Com que direito possuís esta carta? Que ligações vos prendem a minha desgraçada mãe?... Respondei, senhor. Se me dizeis que há Deus, que há comiseração, que há virtudes praticadas por amor de Deus, tende para comigo a virtude de me dizer quem sois!

— Quem sou!... Duquesa, essa pergunta é-me feita há mais de cinquenta anos, tenho — me consultado para responder a ela, e nunca respondi ao meu próprio desejo de saber quem sou...

— Isso é dramático, é misterioso, deve lisonjear bastante o vosso carácter sobrenatural; mas, na situação desgraçada em que me vejo, não acho prazer em apreciar a vossa missão extraordinária, não quero saber porque força oculta Alberto de Magalhães vos ajoelhou. O que preciso, o que

não dispenso saber é o domínio que quereis exercer sobre mim, a virtude que vos manda acompanhar cavilosamente os meus passos e atraiçoar os meus planos.

— Ouvi as quatro linhas, senhora Duquesa:

Se uma imprevista eventualidade fizer desgraçada minha filha, não a deixeis abismar — se. A infeliz é a vergôntea de um tronco corroído de vermes: serão amaldiçoados os seus frutos.

— A profecia não se realizou! — disse a duquesa, recuperando toda a energia varonil do seu carácter.

— Bendito seja Deus, se a profecia se não realizou!... E eu julgava que sim...

— Não! Repito-vos que não! Resvalei num abismo, mas ergui-me! Não estou desonrada!

— Silêncio, senhora! A duquesa viu repentinamente empalidecer o padre. Aquelas duas palavras assustaram-na, como um eco dos túmulos. O velho cerrava o punho esquerdo, ao qual encostara a cabeça; mas o braço tremia, e a convulsão fazia ranger a cadeira, a que ele se encostava.

Passaram-se minutos. A situação de ambos é uma agonia superior à conceção de quem procura num romance avaliar o exterior dos sofrimentos sem uma cicatriz no coração.

Este conflito é interrompido por uma criada que anuncia um cavalheiro, que precisa absolutamente falar com a duquesa de Cliton.

A duquesa recusa-se; mas as instâncias redobram. Padre Dinis, que ouvira silencioso as respostas dela, ergue-se num ímpeto, e abre a porta da sala. Alguém, sem outro convite, entrou atropeladamente... É Alberto de Magalhães.

Padre Dinis recua, e deixa cair os braços quando o cavalheiro faz menção de abraçá-lo. A duquesa, perplexa e lívida, presencia imóvel o lance inexplicável.

— Que quereis, senhor Alberto de Magalhães? — perguntou o padre num tom severamente rancoroso.

— Estranho-o, padre Dinis!...

— Abreviai a vossa resposta: a quem procurais?

— A senhora duquesa de Cliton. A duquesa restaurada do primeiro torpor, evadira-se da sala. Padre Dinis disse em

alta voz:

— Senhora Duquesa!... Uma criada veio dizer que a senhora não podia vir à sala. — Bem vedes que é inútil esperá-la, senhor Alberto. Quereis alguma coisa de mim?

— Dizer-lhe, ao menos, que não mereço a aspereza com que me recebe... Que mal lhe fiz, senhor?

— A mim ... nenhum...

— Então ... o seu procedimento é inqualificável.

— Estes cabelos brancos não admitem uma repreensão. A velhice, curtida de dores, tem orgulhos, senhor Alberto. Sal da minha presença!... Espero que me não estrangulareis pelo meu “inqualificável procedimento”.

— Oh, senhor!... veja que me cospe o maior dos insultos!... Repare que tenho a afronta no coração e a vergonha no rosto!... Esqueça-se de que fala ao homem que encontrou há dezoito anos!... Se admite que a regeneração da virtude seja possível... se me concede estímulos de homem, seja generoso... seja para comigo um pouco da divindade que tem sido para todo o mundo! Acuse-me!...

diga o mal que lhe fiz!... Deus é testemunha da minha inocência!

— Senhor Alberto... mereço-vos alguma estima?

— Estima, e respeito, senhor!...

— Não procureis mais esta mulher. Não me procureis a mim. Não balbucieis os nossos nomes. Saí desta casa.

Alberto retirava-se, pela segunda vez, estupidamente sonâmbulo, daquela casa. Qualquer conjetura que possamos atribuir ao que ele sentira, será sempre um esforço de análise impotente. Quando o coração é aturdido por um tumulto de opostas ideias, o carácter exterior fecha-se, escurece-se, e não deixa rasto de luz que encaminhe o observador mais provado na experiência das dores que o homem esconde com egoísmo à fria curiosidade dos estranhos. Quem poderá conceber, em lance tal, o tropel de angústias que embruteciam Alberto de Magalhães?...

Depois que Alberto saíra, a duquesa entrou na sala e não viu padre Dinis. É que também saíra para entrar numa ordinária “casa de pasto com dormida”, na Rua de S. Paulo.

Aí, às três horas da manhã, sentado a uma pobre banca, iluminado por uma vela quase extinta, tiritava de frio, aquecendo as mãos na chama da vela, o confidente da duquesa de Cliton; acabava de escrever no Livro Negro, algumas páginas, de que copiámos as últimas linhas, e não as copiámos todas porque o Livro Negro de padre Dinis é um volume que se destaca do contexto dos Mistérios de Lisboa, e será, por isso, em seguida.

Este homem, lembre-se o leitor que o encontramos no declinar da vida, aos quarenta anos de idade, respirando no túmulo de Francisca Valadares, a freira de Santa Apolónia, os derradeiros alentos das paixões mundanas, que deviam ter sido tempestuosas até àquela idade. Os vínculos que o prendem à duquesa de Cliton, se não forem significados nas linhas que vão ler-se, a biografia do homem prodigioso (*) virá depois iluminar as obscuridades em que se esconde um grande crime, a que o levita atribui a longa expiação de profundos dissabores dos últimos vinte anos.

*[(*) Ver a obra “O Livro Negro de padre Dinis”.]*

A página, fielmente copiada, dizia isto:

“Era esta a paragem que me faltava. A última estância do peregrino, que se avizinhou do túmulo, e a vergonha, o ultraje, devorado surdamente, a última palavra da condenação proferida pelos lábios dessa infeliz...

Era forçoso que eu encontrasse esta mulher, meu Deus!

Era forçoso que, antes de consumir o resto de vigor em serviço da humanidade, apregoando o vosso nome a bárbaros, o martírio da alma, a trituração das fibras espedaçadas, precedesse o martírio do corpo.

Tenho visto, Senhor! Não quereis que o meu sofrimento seja comum! Quem no futuro contar aos homens a existência do vosso servo, terá inventado uma fábula, um mito, que apenas moverá a dor da imaginação, e a piedade dos incrédulos.

Que obscuros martírios em velhice tão infeliz, em punição tão longa!... E não me queixo, Senhor! Mas consenti que a vítima gema, já que lhe secastes a fonte das lágrimas!

Prevendo todos os flagelos, não tinha imaginado este, meu Deus! Não pensei que devia seguir os passos desta

mulher desonrada, que se vendera para remir os seus créditos em reféns, hipotecando a honra por oitenta mil francos!

Era muito!... Era nova esta angústia entre milhares de angústias que rodeiam o crime, eternamente expiado!

Perdoai-me, Senhor; mas eu quis avaliar friamente a natureza da vossa vingança! Eu vira que o meu contacto era como a mordedura do escorpião. Uma sentença de morte fora escrita no céu para bons e maus, que sentissem no rosto o meu hálito, embora os salvasse da indigência ou do crime. julguei que Alberto devia morrer assassinado por essa infeliz mulher: ou deveria ser o assassino da pobre, que a voz de um túmulo, fechado há vinte e sete anos, me mandava salvar. Seria um decreto sobrenatural espedaçarem-se esses dois entes? Faltavam dois cadáveres para o meu cortejo de larvas?

E resisti à Providência ou à fatalidade! Roubei a bala que devia matar o homem que recebera Eugénia dos braços de Antónia, moribunda. Suspendi o punhal que descia com a morte ao coração da... filha de Branca de Montfort...

Eu venci, Senhor! Eles vivem! Mas se esta resistência aos vossos decretos, deve ser punida, que novo castigo pode inventar um Deus misericordioso!?...”

# CAPÍTULO XI

À hora em que estas linhas eram escritas, a duquesa de Cliton, não invocava, porque o não conhecia, o Deus das tribulações. Sozinha, com a sua desesperação, enfurecia-se nas trevas misteriosas, que adjudicavam a sua vontade a um desconhecido, que lhe impunha o preceito da obediência, em nome da sua mãe.

Incrédula, mas supersticiosa até ao absurdo, qualidade repugnante, mas inerente aos incrédulos sem a segurança que dá a muitos o estudo da corruptora filosofia dos ateus, a duquesa de Cliton, abrasada na imaginação, e talvez febril, julgou que via o espírito da sua mãe, mandando-a cegamente obedecer ao homem enigmático, que lhe falseara a sanguinária vingança. Excitada pela aparição imaginária, abriu um baú, tirou o retrato da sua mãe no tamanho natural até à cintura, colocou-o na mesa do quarto, em frente de si, e sentou-se, fixando-o com

assombro, e estremecendo a cada frémito que o seu próprio vestido fazia ouvir nas mais silenciosas horas da noite.

O retrato era um prodígio de arte. O vulto saltava da tela. Aqueles belos olhos seguiam os menores movimentos da duquesa. As rugas daquela testa espaçosa pareciam contrair-se. Os lábios, tristemente cerrados, pintavam-se-lhe trémulos na imaginação espavorida. A visionária, muitas vezes, quis afastar dos olhos o painel; mas, ao lançar-lhe as mãos, recuava estremecendo; e se tentava fugir para as trevas da sala, já não era o retrato que a aterrava, mas sim o vulto da sua mãe, suspenso na escuridão, arrastando a longa cauda de uma mortalha branca. Era a febre; porque o sangue queimava-lhe a cabeça, e o coração batia convulso contra os espartilhos que a sufocavam.

A duquesa chamou as criadas, quis muitas luzes, mandou-as esperar na sala próxima, e esteve até ser dia, em frente do retrato, sem derramar uma lágrima, nem articular uma súplica. O terror supersticioso não lhe ensinava o desafogo da dor, a eloquência de uma filha atormentada, que pede à memória da sua mãe uma inspiração salvadora.

O criado do hotel, que abriu a porta da rua, pouco depois de amanhecer, espantou-se vendo um homem embuçado, justamente o que vinha algumas vezes procurar a rainha de Sabá. Seja dito de passagem que este tolo, fiei à simpatia e identidade de índole que o prendia a outro tolo, jurou sempre nas palavras do barão de Sã, e por conseguinte, a duquesa de Cliton, na sua opinião, continuava a ser representante da antiga hóspede de Salomão.

Franqueada a porta, padre Dinis subiu, sem interrogar o criado, que não ousava embaraçar uma resolução assim definitiva! O mais que fez, e ninguém deve levar-lho a mal, foi comentar o caso de modo que a coisa mais equívoca que naquele dia lhe amanhecera ficava sendo decerto a honra da rainha de Sabá. Um tal homem, e a tais horas, decerto, no entender do circunspecto interlocutor do barão, não era o primeiro-ministro da rainha. Para amante achava-o jarreta; mas quem sabe se debaixo da velha capa estaria disfarçado um rei da Babilónia, ou do Egipto, nações conhecidas do jovem, que ao mesmo tempo filosofava deste modo, e engraxava as botas dos hóspedes?!

A porta em que bateu padre Dinis comunicava para a sala em que estavam duas criadas da duquesa, cabeceando com sono, depois que se fartaram de anotar as excentricidades da sua ama, que, a acreditá-las, há cinco anos que cumpria fado, espécie de loba-mulher, ou lobisomem fêmea, se os há, como nós sinceramente acreditamos.

A porta foi imediatamente aberta. O padre que, sem o pensar, incutia terror prestigioso nas criadas, perguntou pela ama.

Disseram-lhe que passara o resto da noite a pé e que a ouviram passear no quarto.

Davam-se estas explicações quando a duquesa apareceu à porta do quarto, acenando ao hóspede que entrasse.

Desta vez, as criadas não duvidariam cantar um terceto acompanhado de rebeca com o moço da hospedaria...

Padre Dinis dera um passo dentro do quarto, e recuou de modo que teria caído se o não amparara o alisar da meia porta fechada. A duquesa compreendeu depressa a causa do sucesso; mas esta compreensão, por assim dizer,

perturbava-lhe ainda mais as mil conjeturas em que trazia perturbado o espírito, acerca daquele homem.

Foi o retrato que produziu a cena inexplicável. O padre não soltara uma exclamação, nem fizera um só dos muitos esgares que andam apensos a todas as surpresas, e que fazem as delícias dos pintores e dos atores de tragédias pavorosas. Pálido, sim, porque a palidez era a sua cor natural; mas, além de pálido, o que poderia ver-se-lhe de mais era o brilho extraordinário dos olhos que se encravavam, pasmados e imóveis, nos olhos, não menos vivos, do retrato. Esta situação durou cinco minutos. É de crer que prolongada outros cinco, nem o coração nem a inteligência pudessem suportá-la; porquanto, padre Dinis, ao cabo daquele espaço de silencioso diálogo, se o era, com a sombra de Branca de Montfort, tinha à flor dos lábios um sorriso que a duquesa não podia encarar, porque tinha medo de uma demência, ou talvez receio de alguma estranha visão que a sua febre lhe afigurava.

A transição, porém, é maravilhosa. Padre Dinis lança um profundo olhar à duquesa. Estende-lhe a mão com afetuosa meiguice. Conduze-a ao pé do retrato da sua mãe, e diz:

— Sim, Branca; tua filha será uma virtuosa mulher! A duquesa tiritava de susto, e esforçava-se por soltar a sua mão da mão de padre Dinis.

— Quer fugir-me, Duquesa? É medo? De quê, senhora?! Não foi este retrato a sua companhia até agora?

— Foi... e mais ainda que o retrato... Eu vi minha mãe... de outra forma...

— Não diga isso, Duquesa... O seu espírito é varonil de mais para essas fraquezas infantis... A sua mãe está aqui... é justamente esta mulher... O que aqui lhe falta é um sopro de Deus que lhe dê uma alma. Essa não será restituída à humanidade, que lha não compreendeu, que lha cercou de trevas e desalentos, que lha despegou do invólucro da carne, cortando-lhe fio a fio as ligações que o prendiam... O que pode ver-se nesta vida da sua mãe... é isto, Duquesa. O mais é uma loucura das imaginações abrasadas, ou a estupidez dos espíritos rasteiros... Tire dali aquele retrato, e venha para esta sala.

A duquesa obedeceu maquinalmente. Voltando à sala, encontrou o criado da hospedaria, recebendo as seguintes

ordens de padre Dinis:

— Chame galegos que conduzam a bordo de um navio os baús desta senhora.

O criado retirou, e o padre prosseguiu sem ser interrompido:

— Compreendeis, senhora Duquesa, que saís de Portugal...

— Já?!

— Sim; às oito horas sai a escuna francesa Sacre-Coeur.

— Ficais em Portugal?

— Não: acompanho-vos até Paris.

— E depois? Abandonais-me?

— Se vos abandono!? Não! Sigo o meu destino.

— Qual?

— Aquele que me embaraçastes...

— Não será assim... Eu, a minha vida... precisa de vós...

— Daqui em diante... não. Entrego-vos a Deus. Suposto que o não acrediteis, será o que tem sido para convosco. Se blasfemastes... a Providência não se dói das blasfémias do réptil. Há desgraças que absolvem as injúrias da criatura contra o Criador; Deus vos dará dias de paz e de amor, Duquesa...

A escuna levantou ferro. À proa viram um homem de cabelos brancos, e os olhos rasos de lágrimas, olhando para terra com aquele olhar derradeiro de um proscrito para o horizonte, onde lhe fica uma desamparada mãe, ou uma filha desvalida.

Quem ficava aí, em Portugal, que merecesse uma lágrima de padre Dinis?

Uns poucos de túmulos...

Ao anoitecer desse dia, na alta sociedade de Lisboa, corriam diversas versões sobre a estrangeira, apupada em S. Carlos. Dizia-se que Alberto de Magalhães, amante dessa mulher, que tinha o parvo despejo de intitular-se rainha de Sabá, e condessa de Minturnes, fora desafiado até ao meio-dia por seis cavalheiros, insultados na plateia. Era esta a

versão mais autêntica, e ao menos, na segunda parte verdadeira.

O primeiro cartel era assinado pelo coronel de cavalaria Jorge Pimentel, o segundo pelo barão de Sã, e os outros, até seis, por firmas notáveis na burguesia nobilitada, de fresco.

Alberto serviu-se da frase, com que respondeu ao primeiro, para todos os outros: “Não se batia.”

O coronel, que não era homem de contemporizações, nesse dia e no seguinte conservou a espada, virgem, na opinião dos seus camaradas, no inseparável telim. Ao terceiro, como não encontrasse Alberto nas vizinhanças do quartel, donde se não alongou muito, arrumou a espada para melhor ocasião.

O barão de Sã, posto que professor no pugilato (vide o nariz do cônsul), há quem diga que não saiu de casa três dias.

Os restantes cavalheiros, aliás timbrosos, a pedido das suas famílias, também ficaram em casa, jogando o voltarete pacificamente. Prudentes pessoas!

De maneira que, Alberto, convidado a jantar nessa tarde com o seu velho amigo e devedor insolúvel, marquês de Sesimbra, atravessara os lugares mais frequentados de Lisboa, a pé, e não teve o dissabor de aquietar os cavalheiros arrufos dos feros espadachins.

Eugénia, que não pudera resistir ao abalo da véspera, não saíra do leito esse dia; nem por isso, dera ao seu marido sinal de que o desejava ao seu lado. Alberto de Magalhães era homem de segredo para todo o mundo, mas já o não era para Eugénia. Outra mulher, dadas semelhantes circunstâncias, veria na saída do seu marido, depois da cena que a fizera desmaiar na carruagem, um horrível mistério: ela não; recebeu-o carinhosamente na volta, e nem sequer, por indiretas palavras, tentou o vão do insondável coração de tal homem. Isto mesmo era reconhecê-lo; porque não é, interrogando-os, que se conhecem os problemas de certos espíritos, que se nos escondem.

Por agentes misteriosos, Alberto soube que a duquesa de Cliton tinha partido, e que na repartição competente fora tirado passaporte por padre Dinis Ramalho e Sousa. As

suas investigações chegaram a Paris, donde lhe disseram que a duquesa estava na sua quinta de Cliton, e que certo padre espanhol, espécie de capelão que a acompanhara na sua viagem por Itália e Portugal, tinha embarcado em Marselha, para as missões do Japão, com os missionários franceses da propagação da fé. Acrescentavam os esclarecimentos que a duquesa vivia muito retirada, com pouco fausto, e que, por delação de uma criada, fora possível saber-se que a pobre senhora estava maníaca, e tinha dias de beatério. Ultimamente, rematavam as informações dizendo que os rendimentos da duquesa eram escassos, por isso que o melhor das suas propriedades fora hipotecado a usurários, que lhe forneceram avultadas somas, dissipadas por ela na sua extravagante viagem de quatro anos e tantos meses.

Dias depois que estas informações chegaram, saía de Lisboa um comissário de Alberto de Magalhães, que devia entrar em Paris com um nome suposto, falando inglês. Este homem era o portador de letras saciadas em Inglaterra sobre comerciantes de Paris. Deveria informar-se com determinada pessoa acerca dos credores da duquesa de

Cliton, dos quais cobraria recibos na qualidade de procurador da duquesa ausente.

E, consumadas as prescrições, a duquesa recebia na sua quinta de Cliton, da mão de um inglês, um maço de recibos que acabava de cobrar por ordem de um padre português, seu constituinte, que embarcara para o Japão. A duquesa viu-os com sobressalto, e achou solvido um crédito de duzentas mil libras. Na atonia moral em que a deixara surpresa, não pode logo interrogar o suposto procurador do padre, e quando, capaz de reunir as ideias amotinadas ia interrogá-lo, o inglês, sem ela dar por isso, tinha saído, meio maravilhado da grosseria ou aristocrática insolência com que fora recebido.

Sabedor do bom andamento do seu negócio, Alberto de Magalhães sentiu-se superior a si mesmo. Na comoção da sua expansiva alegria, revelou a sua mulher o segredo que lhe escondera, sem receio de desaprovação, mas receoso de vê-lo malogrado por qualquer coincidência desastrosa. Eugénia, abraçando-O com fervente entusiasmo, exclamou:

— É, como é bom ter um marido assim!... Alberto, cada vez me vejo mais pequena ao pé de ti!... Quantas vezes eu

terei sido obstáculo para esses heroísmos, que me fazem orgulhosa de ser tua a ponto de recear que Deus me castigue!

É por isso que Alberto de Magalhães se reputava feliz, e tremia de sonhar com um abalo à felicidade doméstica, que anos antes, lhe parecera uma utopia de almas pequenas, e fáceis de contentar-se com pequeníssimos prazeres.

O arrojo límpido da sua aventura entrara outra vez no leito donde saíra agitado pela tempestade de alguns dias. O céu, o sol, o ar, o teatro, a opulência, o amor, a esperança, a ternura, o piano de Eugénia, o cortejo dos parasitas, a amizade sincera de algum raro hóspede, tudo, outra vez, lhe sorria como dias antes, e lhe embalsamava a existência dupla de suaves perfumes.

Se a presença do barão de Sã fosse necessária para encher um vácuo nas passadas regalias de Alberto, nem esse ornamento das suas salas lhe faltou. Boa pessoa, o barão de Sã, que não era valente, fora do soco de improviso, nem odiento, passados cinco minutos depois que o apoquentaram, viera pessoalmente dar explicações a Alberto, que o recebeu perfeitamente na sala do jantar, e o

serviu de sopa, a que o barão chamava Potage, e de uma perna de peru, iguaria que, como quase toutes les sauces (disse ele) lhe cativava a simpatia, a julgar pelo ruído que fazia na sôfrega mastigação, à semelhança dos companheiros de Ulisses.

O barão de Sã tinha suficiente crítica para não roçar de leve o nome da duquesa de Cliton. Queria dar explicações do seu indiscreto desafio; mas Alberto não lhe deixava brecha. Por fim, reanimado por dois cálices de champanhe, reanimação que muitas vezes pediu emprestada à libérrima garrafa, o barão começou, meio francesa, e meio língua nenhuma, a descrição do famoso soco, que fez rir muito Alberto, e que obrigou a retirar Eugénia da mesa com as mãos nas ilhargas. O barão reputava-se venturoso por ter arrancado estas sinceras gargalhadas, justo galardão do seu triunfo sobre as Gálias, que acabava de comentar um pouco mais chistosamente que César.

Se fosse homem de reservas, o barão não perdoaria nunca ao estúrdio do Porto, que lhe meteu na cabeça os títulos irrisórios da duquesa. Esse sim: lá lhe feriu um pouco a sua suscetibilidade leonina, e por pouco, no salão

do teatro, não viu sobranceira a segunda edição do murro que fez morder o pó ao bravo representante das Tulherias, como lhe chamou no relatório homérico, pronunciado em presença de Alberto de Magalhães. Por fim, o coração entrou-lhe nos ordinários diques, e o cavalheiro do Porto, podia, sem receio, dizer ao barão que a rainha de Sabá o nomeara ministro da fazenda.

Há mais alguma coisa que a benevolência manda dizer a respeito deste fidalgo. Não é absolutamente líquido se as atenções para com Eugénia eram puras. Os maliciosos quiseram ver na familiaridade do barão um ressaibo adulterino, que o cavalheiro do Porto, ardente Plutarco dos tolos ilustres, julgava não só possível, mas até facto consumado. Neste melindroso ponto, a calúnia não passava do murmurar impotente de meia dúzia de detratores de profissão, e outras tantas senhoras infames, que o acaso deslocara do alcoice, e viera sentar nas cadeiras estofadas de Alberto de Magalhães. Desculpai, leitoras suscetíveis, se a frase da legítima indignação nos ressalta dos bicos da pena. Se tivésseis conhecido Eugénia, se soubésseis quantos anjos de virtude, como Eugénia, aí são mordidos

pela víbora cevada nas almas torpes de demónios, infamadores de profissão...

É possível que o barão de Sã, mais por estupidez que por maldade, aninhasse nas entranhas lôbregas do coração de lama, um pensamento impuro, talvez excitado pela natural afabilidade da neta de D. Teotónio de Mascarenhas. É muito possível, porque o fidalgo saíra de Portugal em 1828 com uma aduela de menos, e perdera outra em Paris.

Sem embargo, porém, dessa considerável perda, o improvisado amante da duquesa de Cliton respeitava Eugénia, e confessava-se conscienciosamente miserável, quando o salteavam os fogachos de pretendente infeliz. Eis aqui uma virtude que eleva o carácter do barão de Sã duas polegadas acima do ordinário. Conhecemos raros patetas com a intuição clara de que o mundo assim os aclama, porque realmente a caprichosa natureza assim os fez. A esta boa qualidade deve o nosso excelente barão o muito que nos temos ocupado da sua pessoa, que, se nos ler, como é natural, supomo-lo ingénuo bastante para se não julgar desconsiderado nem desfavorecido no retrato que remexemos à posteridade.

# CAPÍTULO XII

É tempo de procurarmos notícias do filho da condessa de Santa Bárbara, D. Pedro da Silva, que, ano e meio antes, partira para Londres, e entrara no colégio de Mr. Hunt, Suspension Bridge, Hammersmith, que, por esse tempo, gozava grandes créditos.

As saudades da pátria esvaeceram-se mais depressa do que deveria supor-se das lágrimas e tristezas daquele adeus a padre Dinis. Absolvamo-lo desta leviandade, se o foi, porque não temos direito a inculpar certas organizações. Exaltações febris tão facilmente se abrasam como arrefecem em espíritos, ordinariamente infelizes, porque a inconstância é a suprema das enfermidades humanas.

Quem leu o diário das sensações de Pedro da Silva, no primeiro volume desta verdadeira história, tinha sobra razão para crer que tanta sensibilidade daria com a pobre

criança numa física pulmonar, Nós mesmo, despeitado observador das paixões incendiárias, quando líamos aquelas lacrimosas estrofes da elegia filial, esperávamos, nos subsequentes apontamentos, um desenlace fúnebre, um contágio do smoke inglês, que precipitasse o sensível colegial nas ondas do Tamisa.

Felizmente, a organização do jovem era outra, ou a Providência lha modificou.

Pedro da Silva, nos primeiros meses, escrevia a padre Dinis, queixando-se da austeridade de Mr. Hunt, diretor do colégio. Não era o peso da ciência que o mortificava, nem mesmo as tarefas literárias, britanicamente indigestas, lhe causavam o mau-humor das suas cartas. O que ele não podia sofrer era o improper inglês, as minúcias rabugentas dos mestres de gravata branca, casaca pontiaguda, e calça a meia-canela. Obrigavam-no a sentar-se com as pernas perpendiculares, e o pescoço a prumo. Pedro da Silva, pelos modos, queria cruzar uma perna sobre a outra, e dar ao pescoço todos os giros que a próvida natureza planizara quando deu às vértebras cervicais o movimento. Mandavam-no comer, direito e retesado, um palmo afastado

da mesa, de modo que uma linha perpendicular tirada da ponta do nariz caísse sobre os dois joelhos hermeticamente chegados, como os do aprendiz do sapateiro, que não pode com o rebolo. Mandavam-no, finalmente, falar pouco, e esse pouco obrigavam-no a falar com a garganta, penoso arbítrio que D. Pedro da Silva cumpriria facilmente se metesse na goela uma espinha de peixe, condição necessária para falar o inglês sem auxílio de mestre.

Estas e muitas outra razões alegava o colegial nas suas cartas a padre Dinis. As escritas a sua mãe eram muito poucas. A condessa de Santa Bárbara nas cartas ao seu filho, em estilo ascético, revelava uma transfiguração moral, que, graças ao frade franciscano, também desfigurava os sentimentos exaltados que lhe vimos pelo seu filho. Metade da sua alma tinham-lha fanatizado: a outra metade, votada para o mundo, era de padre Dinis.

Pedro da Silva, porém, não compreendia semelhantes distinções. Retirando de Portugal, o ressentimento ia com ele. A sua mãe, pelo facto de ser virtuosa viúva do conde de Santa Bárbara, não a julgou ele obrigada ao sacrifício dos

deveres contraídos com o seu pai antes de ser esposa do algoz, que só à beira do túmulo fora honrado.

Se o jovem tinha razão não o diremos nós. A questão é toda moral. Que a resolvam os moralistas como devia de ser aquele austero capucho de cuja instrução duvidava padre Dinis.

Do que fica dito não se deduza que Pedro da Silva era uma alma banal, fútil, e nesciamente folgazã. Do contrário queixavam-se os mestres e os condiscípulos. Aos dezasseis anos, os próprios ingleses, que parece monopolizarem o enojo melancólico, admiravam-lhe a habitual concentração, o amor do ermo, a rudeza do trato e o fastio com que olhava os divertimentos dos coleps.

A hora da aula, procuravam-no no quarto, para o repreenderem, e encontravam-no absorvido em meditações impróprias da sua idade. Perguntando-lhe se queria voltar à pátria, respondia que não: se queria sair do colégio, que não: se lhe desagradava a ciência, que não: se tinha alguma coisa a pedir, “que o deixassem”.

Note-se, todavia, que a ciência não podia ser-lhe dissaborosa, porque em boa verdade era manjar que ele não tinha provado em Inglaterra.

De livros ingleses devorara todas as novelas de Anna Radcliffe e traduzira os Mistérios de Udoo, que lhe merecera, entre todos, uma predileta preferência.

De resto, não lia nada útil, nem abria as páginas dos livros da aula. Pedro da Silva era poeta. As extemporâneas melancolias, que o indispunham contra a sociedade frívola, que o rodeava, e contra os estudos indigestos dos primeiros anos, eram a incubação do estro, o doloroso parto da primeira poesia, que nasceu balbuciante ao pé de uma flor. Avarento dos seus primeiros sonhos metrificados, ninguém lhos conheceu, ninguém lhos entenderia, porque, três anos depois o próprio poeta não pode conceber o estado da sua alma quando os escrevera. Era o amor? A saudade? A esperança? Era tudo, sentido no mundo interior do jovem aos dezasseis anos, e exprimido pela palavra nublosa, que depois se esquece, como palavras que nos foram ditas por uma fada num sonho venturoso.

Não idealizemos muito, que o tempo não vai para isso. Materialmente, não há nada inexplicável; todos entendem. Subtilezas de espírito, deixemo-las a cargo de cada um, que sentir em si o éter expansivo dos arroubamentos.

A última carta que recebera de padre Dinis anunciava-lhe a morte da sua mãe, ocultos quase todos os pormenores do último quadro dessa tragédia.

O filho da condessa de Santa Bárbara, reconcentrou-se, chorou raras lágrimas, pensou longos dias e noites intermináveis; pediu, alegando as razões que tinha, dispensa das obrigações de colegial, e inspirou receio aos mestres.

O diretor, que continuava a receber regularmente tudo que era preciso para o seu aluno, doía-lhe na honrada consciência a despesa infrutuosa do colegial, e dirigiu-se à pessoa que em Londres curava da sua educação. Disseram-lhe que em Lisboa já não existia a pessoa com quem se entendia; mas que, por via de uma outra, continuava a receber reiteradas recomendações para que Pedro da Silva não sentisse a mais ligeira falta, nem as contrariedades que era costume opor aos jovens, educados em Inglaterra.

Estas recomendações vinham da Casa Salema & C.a, até certo tempo; depois, falecido Salema, e extinta a sua casa comercial, as ordens vinham de um particular.

O leitor recorda-se de ter sido entregue a Alberto de Magalhães o património do filho da condessa, quarenta contos de réis, que o padre recebera da mão daquele que, quinze anos antes, recebera quarenta peças, preço do neto do marquês de Montezelos, da mão do padre, na Quinta das Alcáçovas.

Alberto, conservando o segredo que pedira energicamente ao cigano Sabino Cabra, transfigurado em padre Dinis Ramalho, encarregara o seu amigo Campos Salema de fazer vigiar em Londres os menores desejos do filho de Ângela de Lima. Salema, porém, morrera passados meses; e os encargos acerca de D. Pedro da Silva passaram para um nome suposto, visto que Alberto, de modo nenhum, queria figurar neste negócio, qualquer que fosse a sua maneira de ver as coisas.

Mr. Hunt, honrado diretor do colégio, dois anos depois que recebera o aluno, e tão pouco aproveitado o tempo via, fez saber para Lisboa que,, além de despesas inúteis, a

saúde do discípulo era cada vez mais débil, e a idade perigosa, especialmente nos nevoeiros de Londres. O correspondente português mandou que D. Pedro da Silva fosse transferido para Paris, se o quisesse. Decerto, queria. Recebeu a boa nova com sobressalto, e instalou — se em Paris, não em colégio, mas entregue aos cuidados de uma família que vendia muito caros os seus cuidados, mas enfim tratava de inventar carinhos novos para juntar à mensalidade novas libras.

D. Pedro vivia, em Paris, menos ocioso e meditativo. Frequentava um curso de belas letras. Mudara de paladar intelectual. Detestava Radcliffe, sua literatura favorita de dois anos antes; entusiasmava-se com Lamartine, e via tudo colorido do melancólico azul do poeta das Meditações. O lirismo trazia-o por aéreas regiões. A ansiedade precoce de uma amor indefinido convidava-o a provar o pomo, cujo sabor espiritual as endeixas da época disputavam ao materialismo da escola que expirou, quando as estrofes de Lamartine, bebidas na prosa de Chateaubriand, poetizaram a dor como um adorno das almas privilegiadas.

O nosso jovem estava francês, em toda a extensão da palavra. Em redor, tumultuava-lhe uma sociedade, rica de encobertos tesouros, que lhe excitavam o coração mais apaixonado que curioso. Balzac desflorava-lhe muitas ilusões, e Pedro da Silva detestava Balzac. Por esse tempo Gautier publicava as Obras Humorísticas, e não esteve longe de ser desafiado pelo cândido colegial de Londres. O que ele queria era ser homem, quinhoar do fel e do maná, que trasbordava nos romances e na poesia, sua predileta. Queria, enfim, vazar-se nos grandes moldes, que fantasiara na imaginação escandecida.

Aos dezanove anos era-lhe insuportável a obscuridade. As portas do “grande mundo” estavam-lhe fechadas. No tumultuar dos salões do Bairro Saint-Germain não ciciavam os murmúrios apaixonados da sua alma atormentada pela sede daqueles gozos.

Estes desejos manifestou-os à família com quem vivia, e poucos dias depois saíam de Lisboa cartas, que serviriam de apresentação de Pedro da Silva às notabilidades da aristocracia de sangue, e de dinheiro. Não era só isto. O jovem, perplexo da felicidade que não ousara prever tão

cedo realizada, era possuidor de um carro, dois cavalos, dois lacaios, e o luxo correspondente.

A sua entrada no ambicionado éden não encontrou o anjo do gládio ardente a estorvar-lhe o passo. Foi bem recebido, e bem aconselhado. Os jovens, mais velhos poucos anos, diziam-lhe que era necessário desembaraçar-se. As damas davam-lhe camélias e jasmins para assunto de ligeiras poesias, que o acanhado rapaz não lia, mas entregava com a mão trémula, e o pejo de noviço no rosto.

O bando dos arruinados no corpo, na alma, e na fortuna, rodeava-o, mas quase nunca o encontrava só para o iniciarem liberalmente nos mistérios da seita. A sombra de Pedro da Silva era um velho fidalgo, que lhe não tolhia o gozo, do que era legítimo gozo, e media-lhe a polegadas o profundo abismo que o ameaçava por debaixo de um alcatifado de flores.

O jovem foi dócil, enquanto a obediência não era sacrifício. O que devia decidi-lo não eram os conselhos paternais do velho ministro de Luís XVIII; mas o coração, motor despótico de todas as molas da máquina humana, esse sim.

Na Primavera de 1837, D. Pedro da Silva acompanhou o seu mentor aos subúrbios de Angoulême, onde o visconde de Armagnac costumava passar o Estio, em uma quinta. O jovem, ainda poeta de coração, almejava as flores, o matiz verde dos campos, a linfa cristalina dos regatos, a borboleta namorada do botão esquivo do lírio, e os horizontes, e o céu, e as brisas eternamente azuis de Lamartine.

Não foi, portanto, forçado para a província. O idílio, com o seu cortejo de faunos e dríades, acenava-lhe de lá com uma grinalda de rosmaninho e madressilva. Não se riam, leitores, da languidez do estilo: na juventude sente-se isto; e se não se lembram de o terem sentido, nem saudades lhe vêm de lá, podem ser excelentes pessoas, podem ter provado tudo que é bom para o corpo; mas o que não tiveram, nem já agora terão, é o paladar dos gozos da inteligência. Isto é por falar, melindrosos leitores. Eu creio piamente que todos sois, além de boas pessoas, mais ou menos poetas. Se me engano, não perdemos nada de parte a parte.

O filho de Ângela de Lima nada perdeu também saindo de Paris.

A sociedade, vista de perto, parecia-lhe coisa muito diferente do que os romances lhe pintaram. Não, vira heroínas nem heróis. Em toda a parte se comia, conversava, passeava, e dormia da maneira mais positiva e trivial que é possível. Os episódios estrondosos, poetizados por paixões devassadoras, não os presenciou, nem lhe constou que se dessem. Nos salões as damas frívolas falavam de vestidos, as preciosas questionavam o mérito literário das Meditações e das Orientais, com grande enfatuamento e prodigalidade de sandices ditas com muito espírito, que é o que as francesas têm de mais nobre todas, as hermafroditas do mundo moral. As velhas faziam trejeitos enjoados, a cada momento, estudados das novas. Os homens falavam em fundos, em Luís Filipe, em Henrique V, em Argel, e em outras muitas coisas que reduzem o poeta à condição de um ente nulo nos graves negócios da vida.

E por isso, Pedro da Silva começava a aborrecer-se de Paris, e da sua decantada sociedade, quando saiu para

Angoulême. Verdade é que lhe não era indiferente a certeza de absoluta privação de sociedade na quinta do seu amigo, onde apenas alguns fidalgos cricunvizinhos tomavam o chá do antigo ministro, e discutiam as necessidades do departamento até às dez horas, em que era um escândalo não estar na cama.

Qualquer que fosse a vida enfadonha a que se sacrificava por alguns meses, o poeta, aborrecido do rumor incessante de Paris, saudava a solidão, e esperava cantar todas as árvores da encosta, todas as luas cheias, todas as fontinhas subumais, e até se prometia procurar nalguma parte as brisas azuis de Lamartine, brisas de certo exóticas em Paris, onde as não vira, com grande mágoa sua.

Instalado nos quase pardieiros feudais do seu amigo, Pedro da Silva recebeu uma impressão suavíssima como todas as melancolias que vêm da natureza ao coração, e não vêm do pesar do coração a vestir de luto a natureza que nos rodeia.

Ao romper da alva, no primeiro dia de residência da pitoresca aldeia, uma légua distante de Angoulême, o bardo ergueu-se, sôfrego de inspirações matutinas, abriu a sua

janela, que dominava uma extensa ribeira, murada de castanheiros seculares, bebeu o ar puro daquele céu de azul, como todos os céus de Lamartine, acreditou nas brisas da mesma cor, e escreveu as primeiras linhas de uma ode, que devia servir de prefácio às suas impressões quotidianas.

Em frente, no alto de uma colina, a um quarto de légua, viu Pedro da Silva um magnífico palácio, menos romântico que o castelo esboroado, que parecia ter sido a primeira habitação do senhor feudal das imensas várzeas, que se desenrolavam, aos pés do gigante de granito, como um tapete coberto de esmeraldas. Quem viverá ali?, perguntava-se o anelante sonhador de romances, povoando o castelo de damas esquivas, rodeando a barbacã de trovadores suspirosos, e fazendo erguer a ponte levadiça que deixara sair o nobre senhor para alguma caçada, com o gerifalte em punho, e a matilha dos lebréus, açudada ao som da trompa indispensável.

Nestes êxtases, que são a vida dos dezanove anos, veio encontrá-lo o hóspede.

— Que vos parece este panorama, Pedro?

— Encantador!

— Sentis a sacra fiama mens divinior? Poetizais? Tendes o magna sonatorum do velho Horácio?

— Não se pode descrever este quadro; mas reconheço que se pode ser poeta com este céu, com este silêncio, com tudo isto que é superior a tudo que tenho lido... De quem é aquele palácio?

— Aquele palácio é de Madama Elisa de Montfort, duquesa e Cliton.

— Ouvi falar dessa senhora em Paris. Ela vive ali?

— Há ano e meio que dali não saiu.

— Pelo que vejo é romântica...

— Parece-me que é mais desgraçada que romântica...

— Desgraçada!... Porquê? — Segredos, que quase sempre morrem no coração das mulheres orgulhosas como ela tem sido.

— Alguma grande paixão...

— Parece que sim. São coisas que a vossa idade dispensa saber. A verdade é que a duquesa de Cliton foi o ornamento dos salões de Carlos décimo, solteira, casada, e viúva. Depois chegou-lhe a hora aziaga de pagar o tributo de lágrimas à sua fraqueza, perdeu o irmão num duelo, viajou perto de cinco anos e recolheu-se àquela casa, que detestava antes dos seus infortúnios.

— Que detestava!... pois não tinha razão! A casa é findíssima!...

— Por fora...

— Está arruinada por dentro?

— Não é isso... Ali há mistérios horríveis entre aquelas paredes. Se perguntares ao povo dessas aldeias o que lá se passa, ouvireis dizer que os mortos dão ali os seus bailes, e que saltam por esses prados, com as suas mortalhas, como ursos brancos. Dá-vos o riso? É o que vos digo. A vossa? predileta Radcliffe, se conhecesse aquele castelo, dava-vos mais vinte romances, e morria atormentada por mais vinte mil fantasmas da sua lavra, como Madalena Scudery.

— Não zombeis da minha pobre inglesa, que me encheu a cabeça de belas ilusões, há três anos... Dizei-me o que há de positivo naquela casa, que valha a pena de chamar-se misterioso...

— Isso é que eu não sei, meu amigo. O que posso dizer-vos é que a mãe desta senhora, chamada Branca de Montfort, suicidou-se ali, há de haver vinte e tantos anos, perto de trinta...

— Porquê? — Sois impertinente, meu menino! Os vossos dezanove anos são curiosos de mais!... Quereis uma coisa? Imaginai um romance, uma tragédia, uma balada como as da vossa península. Tendes o esqueleto, vesti-o de carnes. Aí é que está o milagre da imaginação. Tende, porém, cuidado em me não fazer figurar na vossa lenda, porque eu temo estes literatos modernos que põem sempre a responsabilidade das suas fantasias sobre os ombros de algum velho, que lhe conta as extravagâncias...

— Estai certo, meu querido amigo, que não farei balada nenhuma; antes queria conhecer a duquesa misteriosa.

— Isso é difícil. No ano passado, nem se dignou mandar saber como eu cheguei. Este ano provavelmente acontece o mesmo.

— Ela vive só?

— Com as criadas, e os criados, e um mordomo, e um capelão.

— É rica, não é?

— Porque o perguntais? Vedes um casamento em perspetiva?

— Deus me livre!... Perguntava se era rica porque aprendi em Paris a fazer esta pergunta, acerca de cada pessoa que nos cumprimenta, ou de quem ouvimos falar.

— O que se segue é que tendes doze costelas em verso, e doze em prosa. Tendes já o vosso bocado de matéria... Um poeta nunca pergunta se uma mulher é rica. Não se lhe perdoam perguntas que não sejam estas: é espirituosa? Tem aspirações? Idealiza a existência? Vê em cada flor que murcha uma alma de virgem que se destaca do corpo?

Ouve em cada frémito da folhagem um suspiro de amor? Contempla melancólica em cada gota de orvalho, que aljofra a flor, uma lágrima de saudade? E tudo que não forem estas perguntas é um crime de lesa-poesia, é um insulto feito ao vosso Lamartine, que nunca há — de chegar de gatinhas onde voou o meu querido Luís Racine, que almoçava familiarmente com Apolo... A propósito, vamos almoçar. Sejamos francos: isto é belo... deslumbra os olhos, mas o estômago é alguma coisa superior às brisas azuis do gentil-homem.

— Deixai o gentil-homem, senhor Visconde. Lamartine é o primeiro poeta do mundo.

— Estudai, meu menino, que saístes ontem do colégio...

— Não preciso estudar. O coração nasceu comigo tal qual o sinto e sentirei até que ele não pulse...

— Isso é bonito... Quereis dizer que...

— Lamartine é o rei da harmonia.

— Então recitai-me com harmonia este verso do vosso ídolo:

C'est Dieu, c'est ce grand tout, qui soi-même sadore.

“E este:

Reproduit Vinfini chaque fois qui respire...

“Confessai que é extravagância supor que Deus respira o infinito!

— É uma sublime extravagância! Eu noto que há coisas escritas para uma geração nova...

— Obrigado! Passais-me diploma de inválido!... Não sei entender o vosso poeta!...

— Não digo tanto ao vosso respeito, senhor Visconde; mas decerto me não dareis versos do vosso Racine que valham tanto...

— Porque não? Quereis ver o rei da harmonia, copiando do meu valido poeta? Ouvi: Racine disse:

O áeux! que de grandeur, et quelle majesté! J’y reconnais un maitre à qui rien n 'a cofité, Et qui, dans vos déserts, a semé la lumière, Ainsi que dans nos champs il seme lapoussiére.

“Ouvi agora Lamartine:

Dieu... De sespuissantes mains a laissé tomber le monde Comme il a dans les champs repandu la poussiére El semé dans les airs la nuit et lumiére.

“Confessai que é flagrante o plagiato!... Quereis mais? Penso que é na Meditação que vem este hemistíquio:

... Leflotful attendif.

“Ora Quinault disse:

Leflotfut atlendif.

“A cópia é fiel... tem o mérito da lealdade! ... E este:

“temps, suspends ton vol! é a cópia literal de Tomás... Ainda mais... a Meditação...

— Está o almoço na mesa — interrompeu o criado.

O criado salvou-vos da importuna erudição do detrator de Lamartine, ditosos leitores! Deus nos livre de zoilos, em jejum!

# CAPÍTULO XIII

Findo o almoço, em que a reputação de Lamartine teve a sorte do fiambre, anunciaram ao ardente sectário de Racine o padre capelão da duquesa de Cliton.

Fazei-o entrar na sala dos retratos. É admirável! — refletiu o visconde. — No ano passado não mereci à senhora Duquesa esta civilidade. Tive a delicadeza de ir saber pessoalmente dela, e nem se dignou mandar-me entrar!... Enfim, celebridades da senhora Duquesa... Vamos lá. Entretanto mandai preparar os cavalos, que vou mostrar-vos Angoulême.

O capelão vinha, da parte da duquesa cumprimentar o vis conde, e rogar-lhe a especial graça de entrar na sua casa, se eventualmente passeasse por aqueles sítios. O cortesão retribuiu afavelmente os cumprimentos, e fez saber à senhora duquesa que, duas horas depois, iria receber as

suas ordens, como o último dos seus servos, e o primeiro dos velhos amigos da sua casa. Era o antigo estilo.

Transtornara-se, portanto, o plano do passeio à capital da província a que D. Pedro condescendia por urbanidade. Saciado do bulício estava ele. O que lhe aprazia mais era a solidão, povoada pela fantasia, que tão fecunda lhe poetizava os silenciosos moradores seculares daquele castelo.

Deixá-lo, pois, imóvel no terraço, amurado de ameias e seteiras, pelas quais a imaginação lhe afigurava ouvir o silvo das frechas, que escreveram com sangue a história de Fredegonda, que o visconde afirmou ter estanciado ali, quando perseguia o rei de Austrália no século sétimo!

O visconde, representante, por isso de uma família de doze séculos para cima, saiu para Cliton. Entrou na grande sala, e esperou a duquesa alguns minutos. Esperava encontrá-la velha, doente, extenuada, e até enfadonha! E viu-a ainda bela, pálida, mas não daquele desgracioso colorido de um convalescente; alquebrada sim, mas docemente, graciosamente alquebrada. O que tinha em Cliton, e que em Paris o visconde lhe não vira, era o luto,

rigoroso não, porque o preto era do melhor cetim, das melhores rendas, e dos enfeites menos vulgares.

— Senhor Visconde, a vossa prontidão é um castigo bem merecido que infligis à minha desatenção do ano passado...

— Oh!... senhora Duquesa... não podereis nunca ser desatenciosa...

— Se se é desgraçada, perdem-se até as reminiscências do bom tom, e... deixai-me dizer assim, brutifica-se a consciência do dever. Quando me fizestes a honra de procurar — me, senhor, eu estava a braços com a crise mais tormentosa da minha vida...

O mundo ignorava os surdos martírios com que de lá vim flagelar-me nesta casa desamparada de tudo que faz a felicidade, sozinha, e parece que edificada aqui de propósito para se penitenciarem as vítimas de uma péssima organização... Adiante, senhor Visconde... Desculpai a confiança com que vos falo; mas eu sei que sois meu amigo, que o fostes do meu pai...

— Que vos tive nestes braços, criancinha de três anos...

— Que me vistes crescer, brilhar, e emurchecer como uma flor desfolhada por mão amaldiçoada...

— Senhora Duquesa!... chorai, se as lágrimas vos são um desafogo... não vos envergonheis... guardai para vós a causa delas; mas deixai-as correr livremente...

— Agradecida, senhor Visconde... Sinto-me melhor... Cuidei que era mais forte...

— E sois, Duquesa! A verdadeira coragem é esta vida que viveis...

— Coragem!... Não, não é! Coragem é afrontar a opinião pública; avaliá-la no seu justo preço; atirar-lhe à cara com os escândalos e com o ouro; passar com a cabeça alta por diante dos tartufos... matilha de cães que nos rasgam as franjas dos vestidos, mas só isso!...

— Essa é a coragem do cinismo, e a duquesa de Cliton tem sentimentos elevados, e sabe que neste momento é ouvida (apontando para as paredes) pelos retratos das gerações de doze séculos. A verdadeira fidalguia, a herança dos Montforts, é sofrer surdamente, curvar a cabeça na solidão, mas levantá-la soberba na presença da sociedade.

— Da sociedade!... E que sociedade, senhor Visconde!...

— Não vos falo da sociedade de Paris de hoje: isso é um misto de elementos repugnantes, de ouro e de fezes... é uma canalha, perdoai-me a expressão. A sociedade é outra coisa; é aquela sociedade em que abristes os olhos nos salões de Luís dezoito, e que dominastes nos de Carlos décimo e em que brilhareis ainda nos de Henrique quinto...

— O quê, senhor?... Em que brilharei?... Ah! não vedes o meu coração... O mundo esqueceu-me, e eu esqueci-o. Saldámos as nossas contas... vou pagando um eterno débito de lágrimas...

— Mas o velho visconde não quer que a sua amiga, que lhe dava beijos, e lhe arrepelava a cabeleira, faça tal... Há de tomar a Paris...

— Isso nunca, senhor.

— Sois terminante, senhora Duquesa! Pois não tendes ainda idade para dominardes absolutamente nas vossas ações... Que julgais vós que é Paris em mil oitocentos e trinta e sete? Pensais que existe ali um código de moral que julgue o vosso passado, qualquer que ele tenha sido? Olhai

que não. Esse tempo era aquele em que a virtude se envergonhava de dar a mão ao crime; e, se a consciência não bastava para punir os viciosos, lá estavam os juízes, que castigavam com um justo desprezo.

— Perdoai, senhor Visconde; mas eu tomo a liberdade de lembrar-vos que sois um juiz apaixonado dos crimes e das virtudes da sociedade, da qual como que sois um ornamento pela nobreza do sangue e das ações. Eu penso que a imoralidade de mil setecentos e trinta e sete é a imoralidade de mil oitocentos e trinta e sete, e de todos os tempos, e de todas as sociedades.

— Isso é uma heresia, senhora Duquesa!

— Pois então... lamentai-me, porque morrerei herege.

— Há uma diferença espantosa...

— Diferença... também eu digo que a há... e ao meu ver é esta: dantes a imoralidade era a retalho; hoje é por atacado... Sorris? Pois eu acho que o riso franco e expansivo é mais nobre! Prefiro a lhaneza dos vícios à luz da civilização, que os absolve, ao impudor que lavrava nas entranhas da sociedade antiga, e estudava todos os

recursos da hipocrisia para se iludir a si próprio, mentindo a Deus, que juravam em vão, e mentindo às classes inferiores, às quais se impunham como exemplo.

— É maravilhosa a vossa linguagem!...

— Excedi-me, não é assim? Pois desculpai-me, senhor Visconde... Não é espírito de contradição. É esta franqueza, talvez impolítica, que se adquire nos longo monólogos de uma mulher solitária, que lê constantemente o livro da consciência, e estuda sem cessar os quadros do mundo, que abandonou, sempre vivos na memória... Mudemos o assunto... Tencionais permanecer muito tempo no vosso castelo?

— O tempo do costume, senhora Duquesa; cinco meses...

— Habituado à sociedade, deve ser-vos penosa a solidão... Os vossos amigos daqui decerto vos não alimentam o espírito...

— Desta vez, terei companhia.

— Vosso genro e filha, naturalmente...

— Não, Duquesa: é um jovem que me foi recomendado de Londres e de Lisboa, um verdadeiro neófito do mundo elegante, por quem me interesso, e que não quis deixar em Paris, abandonado às suas visões romanescas...

— É inglês?

— Não, minha senhora... é português.

— Português? São tão raros...

— Os elegantes portugueses?

A duquesa corou, e não respondeu. A pergunta do visconde, se não era cruelmente sarcástica, parecia-o.

— De mais a mais, o meu Telémaco gosta imenso destes sítios. Encontrei-o hoje de manhã poetizando as florestas que rodeiam o vosso palácio, e mal ele sabia que bela castelã podia realizar todas as suas fantasias de provençal!...

— É uma honra ser incentivo das vossas espirituosas ironias, senhor Visconde! Se vos apraz, imaginai-me a suspirosa beldade de algum trovador de mandolins, que se

fina de saudades a gemer trovas na margem cristalina do regato...

— Convosco, senhora Duquesa, só pode dar-se uma ironia... é diminuindo o quilate das vossas belezas, é...

— Isso é excelente... Aí está o que a sociedade nova não tem... O privilégio da galanteria acabará convosco. O vosso hóspede é da vossa escola?

— O meu hóspede... ainda não tem nenhuma. É um jovem de dezanove anos, amando flores e brisas azuis, apaixonado por Lamartine, perguntando às fontinhas a causa do seus murmúrios, e à rola as penas do seu canto gemebundo. É um silfo humano, que vive da viração da tarde, e da lua, que prateia os mares, e do hino da filomela, que agradece ao Senhor as fragrâncias matutinas. Ora aqui tendes o meu hóspede... é uma criança...

— Bem feliz!... O pior é que perto vem o sopro, que lhe desfolha as bonitas ilusões...

— Não há de ser aqui neste éden, em que por força, se é poeta, em que o fui nos meus bons tempos, e onde, ainda

hoje me parece que vejo os zéfiros e as graças, que doidejavam em redor da minha lira...

— Olhai que fizestes uma bonita estrofe em prosa, senhor Visconde de Armagnac!

— Fiz, Duquesa? Ainda bem que vos faço sorrir com as minhas prosas!... Dais-me licença de vos apresentar o meu hóspede?

— Sim, com toda a vontade... ele chama-se?...

— Dom Pedro da Silva.

— Pelo dom...

— Vê-se que é fidalgo velho. Se fosse espanhol poderia ser qualquer belfurinheiro, ou mercador de lãs.

— Conheci algumas famílias portuguesas da principal nobreza, nas minhas viagens. De quem é filho?

— Da defunta condessa de Santa Bárbara. Mas espero merecer-vos a graça de não lhe falardes na sua mãe, porque há motivos para que ele queira ignorado o seu nascimento... Ouvistes falar desta condessa, Duquesa?

— Não, senhor... Teria morrido quando eu estive em... A duquesa calou a última palavra, estremecendo, e chorando. O visconde não reparou, porque limpava a luneta embaciada.

— Sim... eu creio que morreu há quatro anos, pouco mais ou menos... Ordenais-me alguma coisa, senhora Duquesa?

— Peço-vos que me deis, quando vos não for penoso, a honra da vossa convivência.

— Se vos não importuna a minha visita, amanhã, no fim da tarde, com o meu hóspede...

— Sempre que vos aprouver...

O visconde encontrou D. Pedro a meio caminho, montado num fogoso cavalo, que parecia reprovar com bravos corcovos o mau piso dos becos e encruzilhadas.

— Olá! — disse o visconde. — Temos rapaziada? Quereis morrer prosaicamente arrebentado debaixo do vosso andaluz?

— Está folgado! Julga que brinca nos bulevares... Deixá-lo saltar. É um generoso animal que fareja as ossadas dos

seus antepassados, que aqui caíram na retaguarda da vossa hóspede Fredegonda...

— Perguntai-lhe se respira as brisas azuis do vosso poeta.

O visconde pagava ironia com ironia.

— O meu cavalo é clássico, meu caro Visconde... Pertence à escola dos fautores de Apolo...

— Será o Pégaso? Então vai enganado com o cavaleiro... que lhe não dá muita honra...

Neste trocadilho de picadelas, sem intenção ofensiva, aproximaram-se como dois condiscípulos. O visconde era bizarramente rapaz, e o seu fraco, além de Luís Racine, era ser tratado por “tu” pelos rapazes.

— Então... queres saber? — disse o visconde. — Da saúde da senhora Duquesa? Estimo que seja excelente...

— Adivinha lá o que se passou!...

— Faço ideia... passou-se muito bem... O senhor Visconde sabe tirar proveito, como ninguém, dos lindos nadas. ainda vos perguntei a idade da duquesa, minha senhora, como se diz nos castelos, penso eu...

— Trinta e tantos anos, com toda a beleza dos dezoito.

— Sim? Abençoados, portanto, são os sofrimentos de uma dama que se conserva, aos trinta e tantos, bela como aos dezoito!...

— Os vossos romances ingleses não falaram destas mulheres? Pois há disso muito em França, onde o espírito, por isso que é mais sublime que a matéria, sofre, sem tocar nas belezas do corpo.

— Não entendo bem a vossa fisiologia, senhor Visconde. Eu pensava que a mortificação em cada minuto fazia passar um ano.

Conheci minha mãe, com trinta anos de idade. Disseram-me que fora linda aos dezoito, e eu vi-a tristemente feia e envelhecida fibra a fibra. É verdade que a minha mãe não era francesa; mas permiti-me que eu duvide da distinção que fazeis entre as dores de cada país.

— São exceções, meu caro Pedro. Vossa mãe poderia ter enfermidades orgânicas.

— E a duquesa não tem nenhumas... Tanto melhor para ela... Temos naturalmente o meu Visconde apaixonado!...

— Sois criança... Eu é que receio muito por vós...

— Por mim? Sois piedosamente compadecido das fraquezas do próximo!... Em Paris apontáveis-me um abismo em cada sala, um crocodilo em cada mulher, e um cavalheiro de indústria em cada rapaz que me apertava a mão. Tendes sido o meu anjo custódio... E aqui?... Também há abismos e crocodilos?

— Não, e eu vos digo porquê... Olhai que vou falar-vos sério... Até aqui falou o amigo; agora fala-vos o pai. A duquesa de Cliton é uma mulher perigosa. Eu lembro-me de seis duelos por causa dela...

— Espero que me não baterei, meu caro Visconde...

— Nada de galhofa... Eu bem sei que vos não batereis, porque essa duquesa de Cliton, cujos sorrisos custavam uma bala ou uma estocada, já não existe. Nesse tempo a duquesa namorava para esmagar o amor-próprio de alguns homens e de algumas mulheres. O desfecho dos seus namoros foi sempre trágico; mas escandaloso nunca. Ninguém ousava dizer “a duquesa é amante deste, ou daquele”. O que se seguiu dali foi odiarem-na, e aplaudirem

o primeiro infortúnio que a fez cair da altura do seu orgulho...

— Pois, por fim, caiu?!

— Desgraçadamente... e nessa queda arrastou a vida do seu irmão, que era um bravo rapaz, brioso como os seus avós, e chorado pela velha fidalguia.

— Foi morto nalgum duelo?

— Sim; mas em duelo infame...

— Por quem?

— Por um vosso patrício, dizem uns; por um demónio incompreensível, sem nação, sem nome, sem família, dizem outros...

— Um meu patrício!... como se chamava?

— Em Paris era Leopoldo Saavedra; na Bélgica, Tobias Navarro; em Londres... não sei o que era, nem sei o fim que levou. Dizem que a duquesa o perseguira quatro anos, sem encontrá-lo. Eu soube pelo consulado que ela esteve algum tempo em Lisboa; que suspeitou a existência do impudente cavalheiro ali; mas enganou-se, e parou finalmente em

Clíton, cansada de uma peregrinação pouco honesta. já vedes que uma tal mulher não é mulher que se ame, porque se aquele coração tem amor, não há verdade sobre a Terra. Deve estar morto, ou cheio de fel. Previno-vos, jovem. Não tencionei dizer-vos isto; mas, logo que recebi licença de apresentar-vos, mudei de propósito. Sois como a flor temporã que o sopro de Abril desfolhou. Vede que tenho meus assomos de poesia! Não tivestes ainda um desses abalos que decidem do coração humano. Quem sabe o que vos reserva a fatalidade nesta mulher! Prudência, pois. Encarai-a com mais filosofia que sensibilidade. Se a virdes sorrir, reparai bem que esse sorriso, é um expediente astucioso com que se escondem as lágrimas. Se lhe ouvirdes facécias, passadas de fina ironia, recebei — as como um escárnio sempre ou às vossas ilusões ou à sua própria amargura... Não tenho mais a dizer-vos. Recebei isto como receberíeis um conselho desse padre que velou a vossa educação até aos quinze anos, e cujo nome não pronunciais sem profundo respeito. O que ele vos disse, quando se despediu de vós, é uma eterna verdade: “A primeira mulher que se ama decide de toda a vida do coração de um homem.” Agora, mudemos de carácter: a

conversa é pouco bucólica; acho-a mais própria para os salões de Paris, onde é necessário entrar com Balzac de — baixo do braço esquerdo, e o direito pronto para fazer uma cruz ao demónio... Cuidado com o cavalo... se ides nesses galões, deixai-me passar duas milhas para diante... Tendes-me enchido de lama com as vossas proezas equestres... Quereis forçosa — mente que eu seja o Sancho Pança desta aventura!... Não vedes como vai quieto o meu inglês!... Dir-se-ia que tem o spleen dos seus compatriotas!... Vai trauteando o God save the King...

Durante o jantar, questionaram em coisas de literatura, e o visconde falou entusiasticamente da grande confiança que merecera a Talleyrand, a Mr. Vilele, e a Carlos X, e chorou, quando em estilo de sibila, prognosticou a ingressão de Henrique V ao trono de S. Luís.

Passando à sala de armas, saudaram com entusiasmo religioso as armaduras dos avoengos, ascendentes, entre as quais o visconde mostrava o arnês e a lança de Bernardo VII, senhor de Armagnac, guerreiro do século XIV, e um capacete, e umas grevas, que ele dizia pertencerem (posto que o não jurasse) a Raimundo de Poitiers, príncipe de

Antioquia, tio da rainha de França, Leonor, valente entre os mais valentes da segunda cruzada. Mais que tudo isto, a preciosíssima raridade que o velho gentil-homem apontava, sem lhe tocar, era uma cabeça truncada de uma estátua, grosseiramente cinzelada. Pelos modos, aquela cabeça era o ídolo de Irminsul, a imagem de Arminius, que Carlos Magno derrubara no seu templo, quando o grande rei vingava os padres francos dos ultrajes recebidos na Germânia. Historiada a galeria das frias lâminas de ferro, onde pulsaram os co — rações de tantos heróis, o visconde recaiu na sociedade atual com todo o peso da sua cólera, e fulminou-a. Depois tomou tranquilamente café, e bebeu dois cálices de genebra.

D. Pedro da Silva crera infantilmente em tudo aquilo, e achara prosaico e burguês o café, depois de espiritualizar-se nas venerandas relíquias, sobre as quais tinham passado nove séculos.

Todos os homens, assim, são bons, são crédulos, vivem muito à superfície da vida universal, e são felizes, quando a sociedade os chama à barra da utilidade pública, e lhes pergunta a que vieram.

## CAPÍTULO XIV

É anunciada a visita dos dois cavalheiros à duquesa de Cliton. O seu primeiro gesto é de enfado: parece que se arrepende de ter quebrado o silêncio doloroso, sim, mas tranquilo de quase dois anos. As conveniências, porém, mandam-na mascarar-se com o sorriso da polidez, com as maneiras herdadas da sua natural gentileza, e entra no salão, em que é esperada com indiferença pelo visconde e com indecifrável sobressalto por D. Pedro da Silva.

A duquesa responde aos cumprimentos acanhados do nosso poeta com certo desleixo e reservada frieza, que faz muitas vezes aborrecida uma mulher, que se julga por isso mais austera com os seus deveres de senhora da alta sociedade. Depois volta-se para o visconde, e repete os lugares-comuns, que são o martírio da sociedade mais culta, e da menos culta. Ainda se não inventaram ideias novas que melhorassem a falsa posição de um hóspede que

se senta simetricamente numa cadeira, e não tem a familiaridade precisa para se deitar numa otomana, pedindo fogo para acender um charuto.

— Parece-me que teremos uma linda Primavera, senhor Visconde.

— Decerto, minha senhora...

— Tem muitas flores no seu jardim?

— Não, senhora Duquesa. Desde que a minha filha casou, as flores murcharam como ela. Eu não pude substituí-la, porque as minhas tinham murchado muito antes...

— Sempre falando em estilo figurado...

— É a sorte dos velhos... Quando lhes falta a naturalidade graciosa da frase, não há remédio, senão fazer estilo...

— Oriental?... É um bonito estilo... Eu penso que as almas da Ásia são muito diversas das almas do Ocidente. Isto aqui é tudo tão claro, tão correto, tão gramatical que chega a aborrecer... Creio que esta maldita vizinhança da fria Alemanha e da formalizada Inglaterra fizeram da França uma terra de austeros pensadores, e de filósofos materiais,

que não são capazes de conceberem outro mundo mais transparente que o globo em que vivemos comendo, e bebendo, e comerciando. Devia ser deliciosa uma república de poetas.

— Em que o presidente fosse Lamartine ... — Justamente...

— E a duquesa de Cliton a oitava musa...

— Ai!... Deus me livre de tal... só se me denominassem a “zanga”, que eu já vi invocada num poema patrício deste cavalheiro, que, se bem me recordo, o senhor Visconde me disse que era português...

— Sim, senhora Duquesa, sou português — disse D. Pedro da Silva, que se estava julgando de mais naquele diálogo.

— Há muito que deixou Portugal?

— Há quatro anos.

— Sem saudades?

— Tive muitas, minha senhora... Depois habituei-me a novas relações...

— E esqueceu as da sua pátria... que naturalmente eram relações de família, que são as que mais facilmente se trocam por outras. Gosta de França?

— Não tenho ainda tempo de conhecer a França, senhora Duquesa.

— Por qual das faces? A França artística é o gigante no berço, que anuncia uma corpulenta robustez; a França política é um caos de nuvens, que anuncia umas poucas de trovoadas de sangue; a França intelectual é a primeira nação do mundo; que lhe resta conhecer?... A França moral? Isso é uma mulher nervosa com uma vontade em cada minuto, com uma virtude abraçada a cada torpeza, hoje pálida de cansaço, amanhã corada pelo auxílio do carmim; hoje apostolizando o Evangelho de Cristo, amanhã proclamando Robespierre, o sumo pontífice da Razão... A França é tudo isto, senhor Dom Pedro, e, se me acredita, não esqueça este esboço confusamente poético, porque há de encontrá-lo verdadeiro; e, senão, o senhor Visconde que o diga.

— Eu não poderia pintá-la com tanta graça; mas tenho querido mostrar a França ao meu jovem amigo pelo prisma

da senhora Duquesa. Ele, porém, diz que o talento tem o privilégio de colher em todas as plantas agras o mel da inteligência, como as abelhas...

— Ai! engana-se... — atalhou a duquesa. — O génio é uma mortificação. Não sei que francês disse que o talento era uma longa paciência. Sofrem muito os que não olham para tudo isto com o riso nos lábios, e a pitada nos dedos. Não vê, senhor Dom Pedro, que os poetas choram constantemente? São os Achabs e os Jeremias das modernas Jerusaléns... Não vê como chora Lamartine?

— Mas Voltaire cantava... — atalhou o jovem.

— Ah! sim... é porque Voltaire era um ilustre truão. A sua missão era aquela. O ridículo precisava ser morto pelo ridículo, como disse La Fontaine, e Voltaire morreu no dia em que a sociedade velha, recheada de supersticiosas pieguices, morria injuriada pela hilaridade dos seus inimigos... Eu peço que me desculpem o entono com que estabeleço axiomas... É um defeito das francesas; é mais uma sincera feição que eu sensivelmente junto ao quadro que vos pintei, há pouco, senhor Dom Pedro...

— Essa feição é muito lisonjeira para a França, senhora Duquesa — replicou o jovem — , mas suponho que será a menos vulgar das feições nas damas francesas.

— É engano. Aqui, quase todas as mulheres de salão falam assim. Somos as netas daquelas que mereceram a Molière uma crónica muito conhecida... Senhor Visconde, se vos apraz iremos Mostrar o meu jardim ao vosso hóspede...

— Oh! sim, senhora Duquesa, o meu hóspede acha em cada flor uma ode, e em cada murmúrio da folhagem uma harpa cólia...

— Sim?

— O senhor Visconde é-me devedor dos seus ditos mais finos... — atalhou D. Pedro. — Tem muito lindas zombarias comigo, e eu sou feliz por ser o motivo delas se forem agradáveis à senhora duquesa de Cliton.

O visconde soltou uma gargalhada inofensiva, expressão eloquente da sua alegria, e até da sua bondade. À duquesa, porém, a resposta do português pareceu-lhe uma delicada ironia. A formosa castelã galardoara-lha com um sorriso,

que faria endoidecer todos os imaginários trovadores das baladas de D. Pedro.

Deixá-los ver as flores, e vejamos nós o que nem a duquesa, nem o visconde poderiam devassar no coração do discípulo de padre Dinis.

A primeira impressão, que recebera da gentil duquesa, foi a confusão, o embaraço, o natural enleio dos dezanove anos. Ouvindo-a falar, como que esquecido da pessoa que acabava de ser-lhe apresentada, sentiu-se molestado no seu amor-próprio, e desejou terminada a primeira para ser a última visita. Obrigado a responder à primeira pergunta, que lhe era feita por duas palavras e um sorriso mais doce que elas, o português respondeu, corando, e corou, não de pejo, que seria demasiado pejo, mas de surpresa, porque alguma coisa vira, nova e surpreendente, na fisionomia distinta da zombeteira Desdémona daquele barão de Sã, vergonha eterna dos Otelos de contrabando.

No correr do diálogo, D. Pedro da Silva não se maravilhara tanto da eloquência, que se julgasse uma pedra arrastada pela lira de Orfeu. Preso aos olhos, e aos lábios, e às vertigionosas evoluções da fisionomia dela,

fitava-a com ternura, com pasmo, com idolatria, e o que menos via nos seus êxtases era o que os olhos costumam ver. Naquela idade juramos que o coração via tudo. Com mais seis anos, juraríamos que o coração era o órgão mais cego, e concederíamos uma vista dupla a certa alma que Platão denominou concupiscente, e que Teófilo Gautier, amigo íntimo de D. Pedro da Silva, asseverou que tinha visto (do que sinceramente duvidamos).

Querem, portanto, saber se era amor o que sentia o pupilo de Alberto de Magalhães? É muito atendível a exigência, e todo o homem que faz romances está, ipso facto, constituído na obrigação de devassar a vida do seu semelhante, quando ele próprio a não diz. Desta vez, porém, será o próprio que nos salve de um vício de mulher de soalheiro, hermafroditismo moral de que me vejo inculpado por força de circunstâncias:

“Passeávamos no jardim (diziam os apontamentos que copio), e a duquesa colheu uma rosa desbotada, quase murcha, que me ofereceu. Aceitei-a sem compreender logo a significação. Mais adiante cortou uma França de mirto, que ofereceu ao visconde. O velho cortesão retribuiu com

uma saudade, e a duquesa retorquiu com um martírio. Em tudo isto, andava eu candidamente imbecil. A linguagem das flores, feita para crianças, parecera-me um estudo ridículo. Concebi o enredo daqueles símbolos, quis fazer-me interessante na comédia muda que se representava, colhi um suspiro, que não ousei oferecer, suposto pedisse licença para o cortar.

— Temos poesia a um suspiro? — perguntou-me o visconde.

— Há poesia num suspiro? — disse a duquesa.

— Muita... imagino eu... — respondei com ingenuidade.

— Eu acho mais nas lágrimas — replicou ela melancolicamente.

Anoitecera. O visconde esperava nessa noite alguns hóspedes de Angoulême. Era necessário partir, e eu achei cruel esta separação tão cedo. Pareceu-me que a duquesa se sentiu da nossa partida, porque ficou triste quando o visconde deu o sinal da partida, erguendo-se com um sorriso e uma banalidade por despedida. Eu, por mim, se a franqueza é uma virtude, neste momento detestei o meu

amigo Teófilo Gautier, que me dissera dias antes que não há nada mais ridículo que o olhar seráfico de um aprendiz de amor, que pela primeira vez se afasta de uma mulher com o olhos rasos de lágrimas. Eu lágrimas não tinha, mas o efeito da impressão, a violência irresistível da simpatia, o desejo de ali ficar, a saudade daquela voz, daqueles olhos, daquela melancolia, sem arte, nem intenção, ai! essa sentia-a com toda a minha alma, com todo o fervor da minha candura, assaltada de improviso por um afeto que devia purificar-se numa paixão.”

É ele que o diz. D. Pedro da Silva amava a duquesa de Cliton. Realizaram-se as profecias do visconde; aquela mulher era perigosa; e aquele jovem não tinha ainda encontrado o primeiro tomo de tal obra, que o livrasse das seduções imprevistas do segundo. Não porque as mulheres sejam volumes em quarto ou em oitavo, mas há volumes que se parecem com as mulheres. Quem lê o primeiro de certas obras privilegiadas não admira as maravilhas do estilo do segundo, nem se deixa embair das falsas consequências de princípios sãos; mas quem vai ler no segundo as consequências deduzidas dos falsos princípios

do primeiro volume, perde-se como um aluno de seminário, que saiu há quinze dias de ouvir a teologia do ex-frade, e vem ao Marrare ou ao Suíço escutar as preleções dos literatos, que atiram à religião com Strauss e Victor Cousin, e ficam contentíssimos de si, não tendo dito nada seu.

Alinhavada esta nesga de erudição, continuemos a história. D. Pedro da Silva, que achava superlativamente fastidiosos os hóspedes do visconde, fechou-se no seu quarto, imaginando quantas hipóteses inventa o coração de um jovem propenso para o maravilhoso, e eletrizado pelo amor. Pegou da pena, julgando que abria no papel uma fonte caudal de versos apaixonados, e, com grande pasmo seu, sentiu-se estéril, e prosaico com a dissertação sobre finanças, que acabava de ouvir a um dos hóspedes do visconde, antigo maire em Angoulême.

Teimando com a musa, por não ter coisa melhor em que ocupar-se, tomou como assunto o suspiro, que colhera, e dissertou em vinte quadras o melhor que podia dizer-se da dita flor.

À meia-noite, o visconde procurou-o no seu quarto, e encontrou-o mergulhado na sua obra. Pediu-lhe que a lesse,

e fez o favor de dizer-lhe que era bonita. Com mais quatro zéfiros, alguns faunos, as três graças, e a deusa Tétis, a poesia de D. Pedro da Silva teria arrancado ao idólatra de Luís Racine um sincero aplauso.

No dia seguinte, deviam partir para Angoulême, e partiram.

O filho da condessa de Santa Bárbara ia triste, taciturno e tétrico, se o querem assim. Angoulême com a sua majestosa catedral; com o seu velho castelo em cujos alicerces estava a pedra tocada pelo primeiro conde do Perigord, Vulgrime I, que vivera no século IX com as suas muralhas que soaram sangue em 1351, assaltadas por Carlos, o Mau, de horrível memória; finalmente com as suas memórias de ter sido o berço ilustre de Saint-Gelais (santo pouco conhecido), de Balzac, da rainha Margarida de Valois, e de Ravailac (que seria a esta hora o segundo santo da terra, se andasse mais recatado e prudente, quando cravou o punhal fanatizado em Henrique IV; finalmente todos esses interessantes atributos de Angoulême enfastiaram D. Pedro da Silva, assim como me enfastiam a mim e aos leitores também. O que ele queria

era voltar à quinta de modo que se não fechasse o dia, sem, ao menos, saudar com os olhos, leais intérpretes do coração, os últimos raios do Sol, que purpureavam as vidraças da duquesa de Cliton.

E o visconde de Armagnac começava a suspeitar isso mesmo, quando lhe disse, com intenção de fazer-se passar aos olhos do seu jovem amigo por homem perspicaz:

— Que vos parece a duquesa?

— Achei-a bela, e triste.

— Poética, silfídica, radiosa, cintilante, fatal, arcanjo, sibila, fada... e que mais?

— Eu cuidei que a pergunta fora feita seriamente, meu caro Visconde...

— E foi: o mais que fiz foi acrescentar os adjetivos que forçosamente se dão rendez-vous com o substantivo “mulher”. É a linguagem híbrida e coruscante do vosso amigo Teófilo Gautier, que é a alma vil de Voltaire, no século dezanove... E, então, achais... (falemos sério) achais que a duquesa de Cliton vale bem a pena de quatro lamentações lamartinianas? Falai franco?

— Acho que vale. Quem fora poeta! Quem dera ter uma forte cabeça para exprimir a sensibilidade de um forte coração!...

— Ah!... sim?... Por consequência estais apaixonado.

— Não digo tanto; mas sinto alguma coisa nova...

— Se entendeis que é perigoso amá-la, fazei-me sair já destes sítios...

— Falais sério?

— Falo-vos, senhor Visconde, como falaria ao meu pai. Amá-la apaixonadamente... isso não; mas podê-la amar... era preciso não a ter visto para dizer que não...

— Eu previra isso mesmo!... Sou um profeta na minha terra! Quereis, portanto, deixar a minha casa?

— Já vos disse... Se me haveis de impedir amanhã amá-la fazei-o hoje...

— E se ela vos não amasse?...

— Se me não amasse...

— Sim... esta pergunta é muito natural... Da vossa parte, vejo que há as melhores disposições; mas não basta isso: falta metade. Se ela vos repelir? — Se me repelir... desprezo — a!...

— Sem sofrer?

— Sim: o meu amor-próprio reagiria contra a fraqueza do coração.

Nesse caso entendo que não há perigo nenhum.. Quereis dizer com isso que não serei amado pela duquesa de Cliton?...

— Penso que não, e já vos disse porquê. Aquela mulher é o simulacro da antiga duquesa de Cliton. Foi um meteoro: queimou-se no excesso de luz. Pois não concebeis o que é uma mulher cética?... Estais muito atrasado na moderna fisiologia do coração humano...

— Cética!... Porquê?

— Porque amou delirantemente, vulcanicamente, como Helena, como Cleópatra, como Virgínia, e foi desprezada como Dido, pelo perjuro Eneias, vosso patrício. Compreendeis a coisa?

— E por isso, não pode amar, não pode sentir...

— Não. A matéria bruta gasta-se: e o coração é como a matéria bruta. Harvei provou que o coração era o órgão principal do sistema sanguíneo, e mais nada...

— Estais eruditamente chistoso, senhor Visconde... Se eu pudesse desmentir-vos...

— Dava-vos a minha quinta, e a edição ilustrada dos meus dois Racines, pai e filho... Quereis apostar? O vosso cavalo diabólico, que me tem enchido as calças de lama... Quereis?

— O meu cavalo está às vossas ordens. Acho, porém, ultrajante a aposta de um cavalo quando se trata de uma mulher como a duquesa.

— Bravo! Estais quinta-essência de macáçar, éteres, espírito puro de Kant, átomo de Descartes, aroma de flor, sopro, brisa... Valha-te Deus, criança; tu sabes tanto de mulheres como de equitação... Desviai para lá esse hipogrifo, que dilata as ventas como um hipopótamo, capaz de me cravar as patas nos hipocôndrios!

— Pareceis-me um grego... do Baixo Império com os vossos hipos!... Ora dizei-me, meu caro amigo, vamos hoje à

duquesa?

— Vamos... quereis recitar a vossa poesia almiscarada, anilada, e azul?

— Deus me livre! — Deus vos livre! para além do mais, sois envergonhado como um colegial de Inglaterra, que foi passar as férias com três misses hirtas e direitas como as sentinelas de Black-Friars. Se fazeis de donzela tímida, de puer Ascanius, desmentis a ousadia peninsular da vossa raça fenícia, cartaginesa, sueva e árabe. Nada de pieguices, que são a missanga com que se adorna o amor das crianças. A duquesa não vos quererá assim melhor do que doutro modo. Não vos aconselho que sejais audacioso como manda o satânico autor da Lágrima do Diabo; mas quero que sejais homem. Recitai a vossa poesia, sede o Lamartine destas aldeias, e cantai todas as flores da minha terra, que eu vos prometo uma medalha honorífica da sociedade botânica de Paris.

O visconde de Armagnac, sempre epigramático e fecundo em ironias salgadas ao sabor voltairiano (que ele cristamente detestava) era, no fundo, uma excelente pessoa, e um raro amigo.

Prevendo uma fatalidade, no caso possível de se abrasarem os elementos da paixão inocente do seu jovem amigo, ensaiava-se nas armas do ridículo para, mais tarde, matar essa paixão, como se matam em França todas as coisas sérias.

Vejamos como as armas se lhe quebram nas mãos.

# CAPÍTULO XV

Recolhidos a casa, mudavam de fato para visitarem a duquesa, quando o mordomo de Cliton chegava com um convite para um jantar no dia imediato. D. Pedro quis ver mistério neste convite. Parecia-lhe extraordinária esta interrupção na vida solitária da duquesa. Queria que alguma razão mais imperiosa que a polidez, aconselhasse semelhante jantar. Teve até a inocente vaidade de se imaginar a causa próxima daquele convite. A candura tem seus pedantismos, assim como os pedantes, às vezes, têm canduras irrisórias. São os extremos que se tocam.

O jantar no dia imediato não dispensava a visita projetada naquele dia. Foram, e desta vez, a afabilidade da duquesa, recebendo-os, era mais franca, mais jubilosa, e menos aristocrática nas frases da tarifa, e nas empavonadas gesticulações da cabeça.

Pedro da Silva é que não perdera nada da sua timidez do dia anterior, mas também não perdia o mais ligeiro acionado, o mais indiferente gesto dos olhos de Elisa de Montfort. Às perguntas respondia concisamente; aos gracejos do visconde respondia corando, e muitas vezes mordeu nos lábios a resposta, que poderia ser um desagradável sarcasmo.

Quando o visconde lhe pediu que recitasse o seu “suspiro”, escrito na véspera, e digno de quinhoar na glória da poesia moderna, o poeta esquivou-se, dizendo que não tinha de memória a poesia que escrevera. O visconde, porém, tirou do bolso o fatal papel, que passou às mãos da duquesa, com permissão do autor.

A duquesa sem instar com D. Pedro, na leitura, leu-a mentalmente, e elogiou-a muito, suposto que de propósito ou eventualmente, lançasse sobre o poeta, cujo coração tremia, um olhar misterioso, uma espécie de silenciosa interrogação. Aquela poesia falava de um suspiro de amor, e aquele amor nascera onde o suspiro fora colhido. As belezas vaporosas do pequeno poema não as compreendera o visconde; mas a duquesa que sabia, pelo menos, o índice

de todos os capítulos escritos no coração humano, entendeu, sem orgulho, que D. Pedro da Silva era uma criança com a suscetibilidade de apaixonar-se infantilmente.

Esta crise passou: mas outra mais penosa para o pupilo de Alberto de Magalhães sucedeu àquela.

O visconde era procurado por uma alta personagem, que, não o encontrando na sua casa, vinha ali cumprir certa mensagem política. Retirou daquela sala para outra, e D. Pedro ficou face a face da duquesa. Esta calamidade é a maior de todas que a Providência pode mandar a um amante de vinte e quatro horas, com dezanove anos de idade! Não a previra o pobre rapaz; e a própria duquesa, que lhe adivinhara o coração, sentiu, por ele, semelhante incidente. Era necessário evitar uma tortura àquela criança. A duquesa convidou-o a entrar na sala próxima, onde estavam os retratos, os painéis preciosos, as paisagens dos melhores autores, que poderiam servir-me aqui de imensa glória, se eu tivesse a paciência de copiar uma dúzia de nomes, e a crueldade de apurar a dos meus leitores como tem sido apurada a minha por fazedores de

romances, que são capazes de vos dizer a cor dos tapetes de uma sala, a madeira dos móveis, as flores das jarras, o fabricante do piano e o número das oitavas, e finalmente, os autores dos quadros, que são necessariamente Rafael de Urbino, Ticiano, Miguel Ângelo, Espanholeto, Gerardo Dow, Gaúdio Loreno, Murilo Corregio, Júlio Romano, Rembrandt, Velazques... Enfim, cada qual escolha dali à sua vontade, e imagine que os painéis da galeria da duquesa de Cliton eram preciosidades gloriosas de alguns, ou de todos esses nomes.

É no que se entretiveram a duquesa e o seu hóspede, ao que deverá aparentemente julgar-se. Mas D. Pedro ouvia o som das palavras dela, e pouco se entusiasmava na admiração da arte.

— Parece que não sois poeta!... — disse ela, sorrindo com a meiguice que não tinha a virgem de Foligno, a mais graciosa cabeça de uma fantástica Fornarina.

— Não vos pareço poeta? Se eu realmente o não sou, nem vos disse que o era!...

— Sois; mas aqui, em frente da poesia que manou em ondas do pincel, pareceis-me frio!...

— Não posso mentir-vos... Não sinto os entusiasmos que desejara sentir para ser um verdadeiro poeta...

— Não amais a pintura?

— Amá-la-ia, muito, penso eu, se estas madonas representassem a existência de uma raça de lindas mulheres extintas; mas se os originais existem ainda...

— Não vos extasiam as cópias... Tendes razão; mas não tendes “poesia”, que é uma coisa muito diversa da razão... As cópias são belas para se amarem. Os originais deixam sempre mágoas, como as sentiu o grande poeta, que nos deixou tantas cópias da formosa mulher que lhe queimou a imaginação até aos trinta e sete anos...

— Foi infeliz, porque viveu de mais...

— De mais? Isso é uma excentricidade!

— De mais, senhora Duquesa... Eu penso que... D. Pedro reteve-se, como quem procura a frase própria, ou suspende a imprópria.

— Dizei... — instou a duquesa, esperando com interesse. — Eu penso que se tem vivido de mais, quando... em vinte e quatro horas...

— Dizei...

— Se sente o mais que pode sentir-se.

O jovem corou como uma donzela, ao terminar a resposta, que lhe saiu interrompida, palavra por palavra.

A duquesa não se sorriu, como a leitora imaginou. Desviando os olhos para o quadro, onde D. Pedro fixava maquinalmente os seus, quando respondia, disse alguma coisa sem reflexão a respeito de certa paisagem.

Neste conflito, entrava o visconde, pedindo desculpa da sua demora, e dissertando largamente sobre os heroicos ascendentes da duquesa, cujos retratos ocupavam a maior extensão das quatro paredes, afora um que vimos no Isidro em Lisboa, e que fizera recuar e transpirar um suor frio a padre Dinis. O visconde notou a falta, mas por delicadeza não a fez sentir.

A fragrância do jardim convidava-os a passear. O visconde observou que a duquesa não falava desafogadamente com o

seu hóspede. Achou ali uma reserva que poderia dizer — se o despeito de uma namorada, ou o desdém de uma astuciosa. Ambas as conjeturas eram inverosímeis. “Quem sabe”, dizia ele consigo, “se esta criança caiu na imprudência de fazer-lhe uma declaração, que ela recebeu como afronta à sua dignidade?”

O sangue-frio dos velhos julga sempre assim. Por mais experimentados, o coração, já descorado das reminiscências de bons tempos, falsifica sempre os seus juízos.

A duquesa, realmente, parecia melancólica, ou abstrata. As flores já lhe não eram incentivo para as puerilidades de um diálogo mudo com o refinado cortesão de Versailhes. Colheu uma lágrima, e teve-a entre os lábios, até que insensivelmente caiu, cortada pelo pé. D. Pedro parecia refugiar-se em cada gruta de mirto e lilases, aos olhos da duquesa. Atormentava-o a dúvida: não podia decifrar o silêncio da duquesa: recordava-se de tudo que o visconde dissera quando lhe profetizava os perigos da fascinação por tal mulher. Cada vez mais receoso e convencido da loucura que praticara, arrependera-se de ter deixado ao coração a

liberdade de falar, e prometia à sua consciência de nunca mais soltar um monossílabo, que denunciasse a sua alma. Era a promessa do poeta Ovídio.

O visconde interrogara pela quarta vez, a melancolia da duquesa, e recebera sempre em resposta um sorriso e um gesto negativo. Depois, com ar sombrio e a testa enrugada, o honrado velho encarava D. Pedro, e por um outro gesto, e um olho meio fechado, significava-lhe as suas suspeitas, a que o rapaz respondia com olhar pasmado, que, traduzido literalmente, queria dizer: “Tens razão... ”

Era noite. Os hóspedes retiravam-se. A duquesa, com soberana displicência, chamou D. Pedro, já quando o visconde estava no vestíbulo do palácio experimentando as cilhas do cavalo.

O trémulo jovem invocou toda a sua coragem para entrar sem desaire na sala. A duquesa veio-lhe ao encontro com um papel na mão:

— Quis entregar-lhe os seus versos, que ficaram aqui por esquecimento. Asseguro-lhe um glorioso futuro na história literária de Portugal. Continue a cultivar a poesia, que é

uma bela prenda, e uma pedra de grande brilho para deslumbrar os olhos das mulheres. Mas consagre os seus “suspiros” às da sua idade, porque as outras raro terão a alma bastante pura para compreender-lhos... Boas noites.

D. Pedro ficou, como devem imaginá-lo, fulminado. Saiu da sala, quando se viu sozinho. Desceu as escadas como cego, e, por nos servirmos da sua própria ideia, o rubor da cara ou lhe injetara sangue nos olhos, ou lhe pintava de escarlate todos os objetos.

Montou a cavalo, sem responder a uma pergunta muito natural, que o visconde lhe dirigira. Esta pergunta foi repetida:

— Que tivestes com a duquesa, Pedro?

— Poupai-me o desgosto de responder-vos.

— Mas eu tenho direito de interrogar-vos.

— Não vos responderei, senhor Visconde.

— Deixastes de ser meu amigo?

— Sou vosso amigo, hoje, mais do que nunca.

— Fui profeta?

— Fostes.

— Foi portanto uma desgraça, a vossa vinda para aqui...

— Foi. Esta desgraça tinha sido prevenida por outro homem antes de vós...

— Antes de mim?!... Por quem?

— Por padre Dinis... Foi ele que me disse: “A primeira mulher que se ama, decide de toda a existência do coração de um homem...” É uma verdade fatal! Eu já vos disse...

— Pois devo acreditar que amais assim uma mulher que vistes há quarenta e oito horas?

— Amei... agora já não; detesto-a; mas a minha alma ficou ferida para sempre. Se fosse um homem que me ultrajasse assim, cravava-lhe os dentes no coração.

— É incrível! Que vos fez ela para tanto?

— Respeitai a minha vergonha!... Como não quero bálsamo para a ferida, deixai ver se o esquecimento a cura... A vossa amizade é impotente.

O visconde interrompeu o seu inconveniente interrogatório. Aquela noite foi uma noite infinita para D.

Pedro da Silva. Fechado no seu quarto, verteu as primeiras lágrimas por uma causa nova. Nem ele sabia definir-se. Alternativamente odiava a duquesa, e sentia necessidade de cair de joelhos aos pés da imagem dela que se lhe não afastava um instante da imaginação. Queria cerrar os olhos, violentando o sono, ou carregando a fantasia de sombras, que lhe escurecessem o quadro da sua recente desgraça... era impossível! Invocou o espírito da sua mãe, que lhe tinha dito que a invocasse nas suas tribulações, chamou no seu socorro todas as palavras de padre Dinis... e o espírito da sua mãe era mudo, e as palavras do sacerdote não lhe desciam da memória ao coração. Abriu a janela para refrigerar a cabeça afogueada, e não pôde retirar os olhos do vulto escuro do castelo de Cliton, onde naquele instante a imaginação lhe desceu o crepe, que Emília, vira no castelo de Udolfo. A manhã estava fria; o leste gelava-lhe o rosto; mas as fontes latejavam-lhe como calcinadas interiormente. Purpureavam-se os horizontes; o Sol ia nascer; os operários entravam na quinta, quando o infeliz, que vaticinava longos infortúnios, fechou a janela para continuar as trevas da noite. Organização débil, sentiu esvaecimento de cabeça; encostou-se ao travesseiro,

pedindo a Deus uma hora de repouso; pareceu-lhe que fora ouvido, porque começava a esquecer-se da vida atormentada daquela noite. Não era sono: era a prostração da febre; as forças da alma extenuada que passavam para o giro impetuoso do sangue.

Às oito horas, o visconde, receoso, abriu a porta do quarto, e encostou o seu hóspede com as faces escarlates, as pálpebras amortecidas e azuladas, as mãos ardentes, o sangue em tropel batendo contra as veias túmidas dos pulsos, e os lábios roxos como se fossem cauterizados.

Assustou-se. As primeiras palavras disse-as Pedro da Silva:

— Mandai preparar os meus cavalos, que quero partir já.

— Para onde?

— Paris.

— Não podeis... Vós estais muito doente.

— Não estou. É uma ponta de febre que o ar puro me curará. D. Pedro ergueu-se, e não se susteve de pé. Caiu numa cadeira, e forcejou por tornar a erguer-se. Conseguiu

dar alguns passos. Saiu do quarto, passeou na sala próxima; mas minutos depois, sentou-se, murmurando surdamente:

— Não posso!

— Eu não vos disse que não podíeis? — disse o velho, tomando-lhe o braço. — Vinde deitar-vos.

O filho de D. Pedro da Silva, que morrera tísico, e de D. Ângela de Lima, que morreria tísica se a cólera-morbo a não fulminasse, entrou no quarto, e lançou-se sobre a cama.

O visconde fizera correr o seu melhor cavalo para que o médico viesse, uma hora depois. O doutor, menos charlatão, ou menos erudito que o de Santarém, indagou os precedentes daquele acesso, e concebeu o que podia conceber da moléstia, e nada lhe receitou. Não obstante proibiu a saída, e aplicou-lhe distrações, se o efeito daquele tipo moral não fosse debelado pela mulher, que era de todas a melhor triaga para tal veneno.

Nesse dia era o jantar da duquesa, para o qual estava convidado o médico, que foi o portador das desculpas do

visconde. Elisa de Montfort afastou-se da sala em que recebera alguns convidados de Angoulême, para interrogar particularmente o médico:

— Que é o que tem o hóspede do visconde?

— Tem a pior de todas as moléstias, porque não há medicina para ela.

— Tísico?

— Lá irá ter... mas por enquanto, senhora Duquesa, o mal do pobre rapaz é uma paixão por não sei que Beatriz, que o faz arder em febre.

— Deveras?!

— Positivamente, senhora Duquesa... Nada lhe receitei, porque não tenho que lhe fazer. Se eu pudesse transformar-me em bonita criatura do sexo amável, queria passar pelo desgosto de não poder usar da medicina, para ter a glória de salvar aquele bonito rapaz, que fala deliciosamente um francês misturado de inglês e espanhol.

A duquesa, durante o jantar, esteve sombriamente triste. Os convivas entenderam que era um serviço à dona da casa

o distraí-la com a conversa interessante. Para eles, depois de ano e meio, era maravilhoso verem-se ali reunidos naquela casa, fechada muito tempo às antigas relações e parentes dos Montforts.

Mr. de Colorrib, e Mr. de Poltrot, e o deão da catedral de Angoulême, eram, entre os fidalgos analfabetos do banquete, os mais distintos por letras, por espírito e por virtudes. Mr. de Colorrib falava nas suas recentes viagens na Europa; Mr. de Poltrot lastimava a decadência da literatura francesa, e mordia os romances de Gautier, de Dumas, e de Paulo Féval.

O deão queria que o ouvissem seriamente sobre os felizes resultados da associação propagadora da fé na América e no Japão, o que, em verdade, era difícil, não obstante estar rodeado de católicos-apostólicos-romanos.

— Que vos pareceu Lisboa? — perguntou a duquesa a Mr. Colorrib.

— Lisboa é um “desapontamento”, senhora Duquesa. O Tejo é como o véu de lindos matizes, que esconde o rosto de

uma feia mulher. A capital da Lusitânia, que dizem os Portugueses ser fundada por Túbal, neto de Noé...

— Isso é falso!... — atalhou o deão. — Túbal nunca foi ao Ocidente... A Bíblia não diz tal embuste.

— Eu também creio que não... Como vinha dizendo, Lisboa não tem monumentos, nem magnificência, nem civilização, nem sociedade. Conserva-se como a deixou Byron. É uma terra de bárbaros de casaca e chapéu de castor.

— Pois não frequentastes a sociedade de Lisboa? — disse a duquesa.

— Estive em alguns salões... dois ou três que representam a aristocracia monetária, porque a outra caiu com a mudança da política. Eu levei de Londres cartas para um tal Alberto de Magalhães, que é o único homem de bom-tom que encontrei em Lisboa. Deu — me um baile, em que vi duzentas mulheres, pouco mais ou menos, e entre tantas, só a dona da casa falava correntemente o francês comigo, e o inglês com o embaixador. É uma perfeita dama, tanto mais admirável quanto, segundo ela me disse, deve a

sua educação ao marido. Se a ouvísseis falar em literatura, Monsieur de Poltrot, havíeis de desejar que tal mulher não tivesse nascido entre hotentotes...

Ninguém reparava na palidez da duquesa de Cliton. Mr. de Colomb continuou:

— Fui testemunha de um escândalo que me fez rir muito...

— Passado nessa casa? — atalhou a duquesa.

— Sim, senhora Duquesa. Eu vou contar... Um dos concorrentes era um tal barão de Sã, ridículo petit-metre, com pretensões a leão, vesúvio de tolices, um fátuo, finalmente, que deveria ser uma preciosidade incalculável, se nascesse em terra onde os seus patrícios soubessem desfrutá-lo. Representa quarenta e tantos anos. Usa bigode à Solimão segundo, gravata branca a toda a hora, e é um mártir da religião do verniz, porque comprime os calos num sapato que o traz sempre em pulinhos, como se a tarântula o mordesse nos calcanhares. Desculpai as minuciosidades, senhora Duquesa, porque era preciso dar uma cabal informação ao auditório, que parecia prestar uma benévola

atenção ao meu querido amigo o senhor barão de Sã. Eu creio que já disse que a sua mania era o galanteio às mulheres, às quais falava na civilização americana, onde nunca fora, e nos salões de Paris, onde nunca entrara. Além disto, dançava e dançava sempre, todas as quadrilhas, todas as valsas, e sentia profundamente que tivesse passado de modo o solo inglês. Ainda mais, fazia calembures e forjava epigramas para os seus amigos. Está definido sumariamente o barão de Sã, se não vale a pena dizer que ele trazia sempre o cabelo anediado como a cabeça de uma criada de servir aos domingos. Estávamos pois em casa de Alberto de Magalhães, e eu gozava o delicioso fidalgo com todo o enojo da minha indignação, quando entrou um outro cavalheiro a quem chamavam “ barão dos Reis”. O nosso amigo soltou uma estridorosa gargalhada, quando o seu colega entrou com uma velha pelo braço, que diziam ser sua mulher. O barão dos Reis tinha uma presença regular. Era homem de cinquenta e tantos anos; vestia como os outros, andava e falava como todo o mundo de Portugal, e eu não vi razão para a gargalhada do meu cicerone, nem para os sorrisos doutros elegantes que vieram fazer coro com o barão de Sá.

— Não sabeis porque a gente se ri? — perguntou-me ele. “ — Não, não sei.” — Eu vos digo — disse ele — aquele homem foi feito barão, há dias. Chamava-se Joaquim dos Reis; foi meu mestre de piano; mas um péssimo mestre, que nunca foi capaz de me fazer tocar o harpejo da Jovem Dlia Abandonada. Era um sórdido, que me sujava as teclas do piano: e quando viu que não levava a vida executando música, deu-se ao ofício de copista de solfa de igreja. Haverá quatro anos que um tal judeu, vindo não sei de donde, lhe restituiu um dinheiro, roubado não sei se à mulher, que é aquela velha, e o caso é que o senhor Joaquim dos Reis entra em jogo de fundos, compra com os papéis do governo um convento em Santarém, empresta ao ministério uma bagatela, e apareceu-nos barão, há dias, para além do mais com a insolência de apresentar-se aqui na grande roda!

“O meu imbecil amigo terminou a biografia do mestre do piano com outra gargalhada, e foi direito a ele, perguntar-lhe se estaria já habilitado para lhe ensinar o harpejo da jovem Lúid Abandonada. Esta pergunta incitou a hilaridade em alguns rapazes, que o seguiram, e o pobre barão

filarmónico retirou-se imediatamente do salão com a pálida mulher. Minutos depois, o criado do cavalheiro Magalhães entrou na roda dos elegantes, onde estava o barão, e disse em alta voz:

— O senhor Alberto de Magalhães manda-me conduzir imediatamente o senhor barão de Sã para fora das suas salas!

— É original o acontecimento! — interrompeu a duquesa. — Muito original! O barão de Sã retirou tão corrido como o barão dos Reis; e os seus amigos, que se tinham rido do sarcasmo, ao seu ver muito espirituoso, ficaram louvando o procedimento do dono da casa, e cortando cruelmente a reputação do expulso com ignomínia.

— E depois?... — interrompeu um sobrinho do deão, que tinha a honra na ponta do nariz. — O vosso bizarro amigo, que nos fizeste a honra de apresentar, não desafiou Alberto?

— Essa pergunta é de selvagem! — retorquiu o deão. — Quem fala aqui de desafios? Estamos em terras de cafres, ou somos do país mais civilizado do mundo?

— Meu querido tio, o duelo é a civilização — retorquiu o espadachim, empinando um copo de Bordéus, em que era mais perito que nos duelos, graças ao exemplo do seu tio, perfeito cónego, que passara uma regalada vida, comendo, bebendo, apostolizando a propagação da fé, lamentando a decadência do cristianismo, e dormindo.

— Não falemos em coisas desagradáveis — disse o capelão da duquesa, por não trazer à memória da sua ama e senhora os funestos resultados do duelo do seu irmão. — Como vão os trabalhos da propagação da fé, senhor Deão?

— Bendito seja Deus, os efeitos são divinos, porque a causa é a causa do Senhor. Monsietir Petit, o anjo do Evangelho, escreve de Chichipe-Outipe, e diz que vive entre os Potovatonuas, que conservam ainda a tradição dos jesuítas, os quais denominavam os “homens negros”. já sobem a mil e duzentos os cristãos. Um padre português, varão apostólico, homem predestinado, foi-lhe mandado como auxílio do céu pela Providência Divina. Monsicur Petit diz que, sem o socorro deste enviado do céu, não teria colhido tantos frutos da semente lançada entre os espinhos do paganismo. Acrescenta que a sua figura faz lembrar os

apóstolos da primitiva Igreja, e que a sua palavra, sempre cortada de gemidos, faz chorar o auditório, e leva ao espírito a unção de um São Paulo, e do antigo patriarca das índias. O seu nome é padre Dinis Ramalho...

— Padre Dinis Ramalho... — exclamou a duquesa.

— Sim, senhora Duquesa. Embarcou em Marselha, haverá dois anos, com os padres franceses. Ele e o padre Petit são os únicos que sobreviveram aos trabalhos, às sedes, e ao martírio... Vejo-a entusiasmada com o triunfo dos meus dois queridos missionários, senhora Duquesa! Dou graças a Deus por lhe ter causado essa boa comoção!... Mas não quero que chore!... isso é de mais...

— Não são amargas estas lágrimas, senhor Deão — disse a duquesa, que não pudera disfarçar a comoção.

— Ora, meu tio — atalhou o sobrinho do relator dos triunfos apostólicos — , reserve esses beatíficos quadros para contar a minha mãe, que acaba sempre por dar mais quatrocentos francos para a obra da propagação da fé.

— És um imbecil, meu talentoso sobrinho — gaguejou o deão, engolindo um damasco de calda, que teve de fazer

recuar nos limites da garganta com um copo de champanhe.

Findo o jantar, que fora para a duquesa uma prolongada luta de cruéis recordações, de vergonhas íntimas, de remorsos sufocados, os importunos convivas esperavam a ilustre hóspede na sala onde o chilo se purificaria em espirituosa conversa, se lhes não fosse anunciado, que a senhora Duquesa, por incomodada, se recolhera à sua câmara, e pedia desculpa aos seus amigos.

Retiraram-se com hipócrito pesar, exceto o médico, a quem era obrigatória a visita ao quarto da sua nervosa doente, que ele curava sempre com quatro anedotas de Paris, contadas com linguagem decente.

Desta vez, porém, a panaceia não aproveitou. Não quisera saber de anedotas a duquesa. Estava mais que nervosa. Era alguma coisa parecida com o frenesi, o que ela tinha. Inquieta, enraivecida, abrasada, franzindo a testa com trejeitos de aborrecida, a rival infeliz de Eugénia, recebera o doutor com estranho mau modo, e por pouco lhe não disse desatenciosamente que a deixasse só.

O médico, da sua parte, não era paciente bastante para aturar caprichos de mulheres, visto que curava os da sua com dieta de palavras.

Pegara portanto no chapéu e na bengala, quando a duquesa, que até ali parecera indiferente aos frios lenitivos do perplexo doutor, o chamou com a costumada suavidade da sua voz e das suas maneiras:

— Vai zangado, doutor?

— Não, minha senhora... zangado não; mas... quem não sabe decifrar charadas é um dromedário se é teimoso...

— Tendes razão... Eu tenho sido uma charada, e a vossa ciência é outra...

— Mas a minha charada tem um conceito...

— Decerto... são os epitáfios... e bonitos conceitos que eles são, até mesmo porque há conceitos bons que é necessário serem escritos sobre a sepultura para se estabelecerem...

— Bonito calembur, senhora Duquesa! O que vejo é que passou a tempestade... estimo muito... Vamos a ver este

pulso... Noventa pulsações por minuto... É a digestão que se faz irregularmente... isto não é nada... Nunca vos vi semelhante ataque... fizestes-me lembrar vossa mãe, senhora Duquesa. Tinha dias insuportáveis! Então, era eu rapaz pouco experiente da organização problemática das senhoras, e tinha medo da vossa mãe. Depois, casei, e quis Deus que a minha mulher tivesse uma organização com todos os segredos. Tem sido uma anatomia que me não fica barata, mas tenho aprendido muito nela. Receio que me suceda como a Bichat, que foi vítima das suas observações no cadáver, e uma autópsia em mulher viva, é coisa um pouco mais séria e perigosa... A senhora Duquesa ri-se? Pois olhe que eu tenho chorado muitas vezes, porque não pude ainda descobrir a farmacopeia com que se curam as mulheres dos médicos. Cuidei que curava a minha com um decoto de papoulas...

— Pois destes papoulas a vossa mulher?!

— Nada... tomei-as eu, porque, se é verdade o Evangelho, a minha mulher é a carne da minha carne, o osso dos meus ossos, e os remédios que eu tomar devem influir nela como em mim. É o que eu pensava, como bom lógico que sou,

quando tomei as papoulas. Imaginei, que dormindo eu, dormia ela, e dormindo ela, estávamos ambos calados. Enganei-me, como um charlatão, como um Paracelso de ridícula memória. A minha mulher falava tanto, que me acordava! Acreditai, senhora Duquesa, que a medicina está muito atrasada enquanto virdes que os médicos não vivem bem com as suas mulheres...

O mais tudo se cura; não há moléstia acabada em “ite” que não tenha uma abundante farmácia. As próprias paixões se curam, com um pouco de extrato de Molière. Agora tenho eu um doente que espero curar com duas risadas aplicadas a tempo... já sabeis quem é o meu doente?

— Não.

— O hóspede do visconde de Armagnac...

— Pois está apaixonado?

— Como um Sardanápalo em miniatura!

— Como o soubestes?

— Disse-mo o visconde.

— De que maneira?

— Muito simples. Uma declaração desprezada...

— Onde?

— Não fui tão longe nas minhas indagações. O que me disseram foi só isto. Perguntei desde que tempo duravam aqueles sofrimentos, respondeu o visconde que não havia muito...

— Será romanticismo de criança...

— Ah! a senhora Duquesa... acha... que será... romanticismo?...

— Fazeis-me essa pergunta com um tom...

— Sem intenção... e, se a tivesse, não há aqui pensamento mau... Bem podia ser...

— O quê?

— Uma criança audaciosa...

— Por Deus!... Achais que eu tenho atrativos de apaixonarem um homem em quarenta e oito horas?

— Hei de ler os meus autores a esse respeito...

— Não incomodeis os vossos autores por semelhante motivo. Eu não me interesso nesse estudo... Ides ver o vosso doente?

— Tenciono lá passar a noite, se não disserdes o contrário, senhora Duquesa.

— Tentais, portanto, curá-lo...

— Não, minha senhora... tento ...

— Falai sério como um médico...

— Falo sério, como sempre, em sérios negócios. O menino apaixonado quer sair, e o visconde não o deixa sair sem que eu lhe garanta o nenhum perigo da saída.

— Que perigo?

— O perigo de uma congestão cerebral, ou coisa que o pareça... Os sintomas que hoje lhe vi eram assustadores. É o amor mais febril que tenho encontrado nos casos variadíssimos desta epidemia...

— Então não vos quero demorar. Ide e fazei-me o favor de testemunhar o meu desgosto pela falta do visconde e do

seu hóspede, muito especialmente por causa do imprevisto incómodo...

# CAPÍTULO XVI

O coração da mulher é um abismo. Este axioma é já tão velho, que não é habilidade nenhuma repeti-lo. Habilidade é sondar o dito abismo e adivinhar a mulher. Muitos o tentam, e poucos conseguem vir a lume com a pedra filosofal. É uma exploração perigosa como a dos exploradores. E como as viagens do pólo, em cujos gelos ficam sepultados os nautas atrevidos. E, se não fosse assim difícil a conquista, a mulher não valia nada. O que a faz preciosa é o segredo.

A duquesa de Cliton, angélicas leitoras, era uma mulher superior à análise do médico penetrante e do experimentado visconde. Vereis que o autor é muito mais esperto ele só, que os dois cavalheiros juntos, porque, descosendo as pregas daquele coração com a tesoura da maledicência, indispensável neste nosso trabalho de

fisiologia, vai mostrar-vos a mercancia de Alberto de Magalhães.

A duquesa já nós sabemos que se retirara a Cliton, onde vivia sozinha. Esta violência, imposta à sua índole, durara ano e meio. As criadas reputavam-na maníaca, e muitas fugiram atemorizadas, suspeitando alguma furiosa demência na sua ama. Os dias de profunda melancolia, seguidos aos acessos de frenesi, reputavam-nos beatério: e não os reputavam mal, porque a duquesa, nesses dias, rezava com fervor, chorava como Madalena, e tinha outras muitas virtudes de muitas outras santas, que nos não lembram agora. Nesta alternativa de santa e de frenética, passaram-se dezoito meses, até que, uma bela manhã, a duquesa de Cliton, melhor avisada, entendeu que não nascera para tal vida, nem tinha motivos razoáveis para viver assim. Esta judiciosa deliberação coincidiu com a chegada do visconde de Armagnac à sua quinta. Resolvida a conviver, cumprindo os deveres de senhora do tom, mandou cumprimentar o melhor amigo da sua casa, raciocinando desta maneira: “O visconde há de querer conciliar-me com o mundo; primeiro resistirei; depois, por

muito rogada, consentirei que venham a minha casa as antigas relações de Angoulême: e mais tarde, irei a Paris onde está a minha sociedade, onde se respira o ar da vida que eu preciso respirar. A minha reclusão de ano e meio deve ter movido o interesse e a simpatia das turbas a favor das minhas desgraças. A maledicência não exige virtudes para se calar; e eu espero que a maledicência me considere uma mulher superior e me veja através de um prisma de superstição, que eu saberei sustentar com a minha riqueza, e com o cálculo, filho da experiência.”

A duquesa planizara assim; mas a reação era tão impetuosa que lhe não deixou seguir com vagar o fio dos acontecimentos. O convite para o jantar foi uma precipitação, que maravilhou o deão, e os outros convivas, menos o viajante, e o literato que absolviam todos os caprichos e celebridades de uma mulher, francesa para além do mais. Para estes, o isolamento da duquesa, era uma fase tão natural como a convivência. Se a vissem irmã da caridade hoje, e amanhã elanguescida num sofá, arquejando cansada de uma valsa vertiginosa, julgariam ambos os factos, como necessidades da organização. E,

nisto, não nos levam vantagem Mr. de Colonib, e o seu amigo; porque — sabemos que há organizações assim.

D. Pedro da Silva era uma individualidade inesperada na sua nova época. Amestrada em todos os relances de olhos, e em todos os silêncios significativos, a duquesa adivinhou depressa a temperatura do coração do seu apresentado. Não se julgou radicalmente amada; mas viu as labaredas do vulcão repentino, embora superficial, que queimava por dentro o jovem. Bem sabia ela que não era este o primeiro triunfo seu! Tinha visto assim abrasarem-se muitos vesúvios em redor do gelo da sua alma, que só Leopoldo Saavedra soubera derreter, não diremos se com o fogo das suas palavras, se com o metal candente de oitenta mil francos. Fosse o que fosse. Por esses tempos, Teófilo Gautier escrevia o seguinte: “A mulher que resiste a cem mil francos, cederá a duzentos mil... Todas são corruptíveis... a cifra é que varia... Mas a nossa questão não é esta.

A duquesa de Cliton para saber que era amada não precisava de ler o “suspiro” do português em versos

franceses. Convinha-lhe, porém, aceitar o cortejo de D. Pedro da Silva?

Este grave quesito inquietou-lhe o sono da noite, que precedeu o dia do jantar. A essas horas o atormentado jovem refrigerava ao ar da noite a cabeça escaldada. A duquesa não supunha tanto; mas combinando umas coisas com as outras, esperava alguma coisa, e repreendia-se da demasiada severidade das expressões com que lhe entregara desdenhosamente a poesia.

O resultado excedeu a expectativa. Não queria tanto; mas sentiu-se orgulhosa de alguma coisa. As mulheres, de tempo a tempo, quando começam a duvidar da sua formosura, gostam de colher bons resultados das tais experiências. Se há alguma superior a estes louváveis caprichos, não a conhecemos. As mais veneráveis matronas, as Octávias que levam a mão ao nariz quando as incomodam os perfumes das Lésbias e das Márcias, essas mesmas, que seguem à letra as imposições do sacramento, que as fez boas esposas e boas mães, não se mortificam demasiadamente se o binóculo impertinente de algum importuno as persegue, inclusivamente na terceira ordem.

A duquesa era como todas as outras, e tinha alguma coisa mais, que muitas outras não têm: era muito linda, muito espirituosa, muito rica, e muito vaidosa com sobra razão para sê-lo.

O pior foi a conversa do jantar. Os elogios de Mr. Colorrib a Eugénia de Magalhães deixaram-na atrozmente ressentida. O lume do rancor não se apagara nas cinzas de um aparente esquecimento. A vingança, baldada por um homem superior que o destino lhe deparara, só poderia desvanecer-se por influência religiosa que a duquesa não estava disposta a receber. Perdoara por impotência: este sacrifício não tinha mérito nenhum. Parecia-lhe impossível perdoar, depois de consumir quatro anos e meio atrás dos vestígios da sua vítima predestinada. Recebera da América uma carta de padre Dinis; mas essa carta não lhe falava em Alberto de Magalhães, nem lhe impunha o perdão do ultraje. Não prescindira da sua vingança!... Mas o que tem uma coisa com a outra? Tem muito. Encadeia-se infernalmente o ódio entranhado da duquesa com o amor rejeitado de D. Pedro da Silva. jogava uma paixão vertiginosa entre a criança que nascera, dezanove anos

antes na Quinta das Alcáçovas, e o sicário do marquês de Montezelos, que a vendera por quarenta peças, para quinze anos depois, a dotar com quarenta contos.

Podíamos aqui já levantar o segundo véu da tragédia oculta no coração da duquesa; mas antes queremos que os leitores sintam a inocente vaidade de levantá-lo.

D. Pedro da Silva estava mais tranquilo quando chegou o médico, portador dos cumprimentos da duquesa, que repetiu na presença do doente. já prevenido por suspeitas, o doutor reparou que o jovem ouvira em sobressalto os termos banais da etiqueta, convenceu-se da causa morbus, e achou que tinha dado um grande passo na ciência, mas para a cura decerto não dera nenhum.

Interrogado pelo visconde, se, no dia seguinte, poderiam partir, o médico respondeu que sim, se a distração era o fim da saída.

Na manhã do seguinte dia, o médico, antes de recolher-se a Angoulême, visitou a duquesa que o esperava ansiosamente, e deu parte das melhoras do português, que se retirava para Paris. A duquesa sentiu uma mordedura de

víbora no coração. Este desenlace era o menos ajustado possível com os seus cálculos.

— Já partiu? — perguntou ela, não sabendo esconder a comoção.

— Ainda não... Partirá de tarde. O visconde tem negócios que o não deixam sair de manhã, e disse-me que viria despedir-se da senhora Duquesa.

— Sim?

— Sim, minha senhora... E... Bem sei o que quer perguntar-me... Creio que também virá...

— Sabe que vem?

— Ouvi dizer que sim.

— A quem?

— A ele... A senhora Duquesa não acredita que o médico é duas vezes confessor... e duas vezes adivinho... que sabe o que se passa na alma, e o que se passa no corpo...

— Quereis dizer...

— Que o meu doente tem razão para adoecer... Os ares aqui são sadios, o céu é bom, as águas são puras, mas os olhos têm a cólera-asiática...

— Gracejais, doutor?

— Com a senhora duquesa de Cliton não se graceja. O caso podia ser mais sério... Quem vence os corações sem entrar em batalha, mesmo por caridade com o próximo, não deve aparecer nunca... E não me detesteis por estas franquezas de velho...

O doutor foi interrompido pela notícia da chegada do visconde de Armagnac e D. Pedro da Silva.

— Vê? — continuou o penetrante adivinho do corpo e da alma, como ele modestamente se reputava. — Ele aí está... Era preciso que fosse muito pouco orgulhoso para não vir... Ouço dizer que estes homens da Espanha são netos dos árabes...

O doutor saía quando entravam os cavalheiros. A duquesa apertou a mão a D. Pedro da Silva, encarando-o com certo ar de dignidade que lhe não ia mal.

Tive um verdadeiro pesar — disse ela — com o vosso incómodo, senhor Dom Pedro. Fosse qual fosse o motivo porque não aceitastes o meu convite, quisera que não fosse uma doença de algumas horas...

— Uma passageira doença... — disse D. Pedro.

— Saudades de Paris?

— Justamente.

— Depressa se desenvolveram tão dolorosamente.

— Cuidei que seria superior, mas enganei-me...

— Superior... a quem?

— À saudade, senhora Duquesa.

— A solidão não é lenitivo para quem foge às multidões de Paris, com saudades de Paris...

— É assim, senhora Duquesa.

— Criança... criança... — atalhou o visconde, que adivinhara as intenções orgulhosas do seu amigo.

— Não pensam assim as crianças... — retorquiu a duquesa, rindo sem vontade.

— Já não há crianças... Que anos tem, senhor Dom Pedro?

— Dezanove.

— Aos dezanove anos é-se homem pelo coração... ama-se tudo, e, em primeiro lugar, a mulher, não é assim?

— Decerto, senhora Duquesa, em primeiro lugar, a mulher digna de todo este amor...

— E há alguma digna de tanto amor?

— Há, minha senhora... Se conhecêsseis a que eu amo...

— Deve ser um ente perfeito, uma mulher invejável... é de Paris?

— De Paris.

— Da vossa idade? — justamente da minha idade. É daquelas “que compreendem os meus versos”, e me repeliria como indigno dela se soubesse que eu tinha consagrado versos a quem mos não entendesse.

A duquesa mordeu o lábio inferior, e continuou:

— E foi por causa dela que eu tive o desgosto de vos não ter ontem no meu jantar?

— “Desgosto”, não, senhora Duquesa. Ela decerto não tem a pedir-vos desculpa de um desgosto... e eu também não, porque há fraquezas que devem tolerar-se a um rapaz de dezanove anos... A minha senhora, eu tenho roubado a palavra ao meu amigo visconde, que parece querer dizer-vos que tem necessidade de retirar-se a tratar de negócios, porque tem a bondade de acompanhar-me a Paris.

— Pois partem hoje?

— Hoje às cinco horas — respondeu o visconde.

— Vamos passar a noite a Angoulême.

— Se partem às cinco horas... são ainda três... D. Pedro da Silva já tinha o chapéu na mão, e meia curvatura em ar de despedida. O visconde seguira o exemplo do seu heroico amigo, cuja coragem lhe estava dando em que pensar, e maravilhar-se.

A duquesa, apertando a mão ao português, disse com doçura:

— Senhor Dom Pedro da Silva, serei indiscreta se vos pedir uma cópia da vossa poesia a um suspiro?

O jovem estremeceu a esta pergunta, antes de responder, titubeando:

— Indiscreta, não, minha senhora!

— Bem pode ser que o seja, porque ouso pedir-vos cópia de uma cândida inspiração, tão lisonjeira para a pessoa que vos faz poeta de tão sentidas poesias... Este desejo... é mais orgulho de sexo... que outra coisa. É delicioso pertencer, suposto que no último grau da escala ao do ente que vos apaixonou assim... Dais-me a cópia da vossa poesia?

— Enviar-vo-la-ei, senhora Duquesa.

— Não a receberei... Peço-vos que sejais o portador... Há outro motivo de menos consideração para ousar pedir-vos tanto. Queria fazer-vos uma recomendação de viva voz para uma minha amiga de Paris, a duquesa de Choiseul. Conto com a vossa urbanidade?

— Sim, senhora Duquesa... E uma honrosa comissão, que me dais, qualquer serviço de que me julgueis digno.

— E, portanto, não partiremos hoje... — atalhou o visconde.

— O pior é se eu sou o desarranjo dos vossos planos, senhor Visconde... — disse a duquesa com ar infantil.

— Não temos planos, senhora Duquesa. Vós sois a que traçais o destino aos vossos servos... Pena é que não hajam grandes transtornos com o adiamento da nossa salda para fazermos jus à vossa gratidão...

Saíram. D. Pedro da Silva estava sem saber definir a sua situação.

O visconde beliscou-o, quando montaram a cavalo, e disse, piscando o olho:

— Ah, maganão!...

# CAPÍTULO XVII

Formosa de todo o viço possível aos trinta e sete anos, airosamente sentada sobre um galhardo murzelo, que relinchava orgulhoso da sua dona, acompanhada de dois criados de rica libré, respondendo com um sorriso protetor aos aldeões circunvizinhos, que corriam da lavoura à beira da estrada para a cortejarem com alaridos, a duquesa de Cliton, ao fim da tarde, passeava no caminho, onde devia passar D. Pedro da Silva.

Já perto dos muros do visconde, encontrou o  rapaz que, por pouco não solta uma exclamação de surpresa quando a viu tão bela, tão risonha, tão radiosa, e tão de tudo quanto podiam encontrar os olhos ambiciosos de um poeta, e os vossos, também, leitor sensato!

O cavalo de D. Pedro, pesadelo fatal do visconde de Armagnac, levantou as patas dianteiras para afagar grosseiramente o cavalo da duquesa. Este, que não era

impassível às lisonjas do seu colega, ergueu-se também, guinchou, soprou duas colunas de fumo pelas ventas trémulas, e mostrou exuberantemente que tinha algumas lições de pugilato. Pedro da Silva receava a quieta da duquesa; a duquesa, porém, sorria do perigo, e afagava com a elegante mão as crinas eriçadas do seu cavalo.

Restabelecida a harmonia entre os dois generosos adversários, entraram a par na estrada, corcovando-se, encaracolando-se, nitrindo nos freios, escarvando garbosamente, enfim, dando-se certa importância que fazia valer os cavaleiros mais cento por cento. Isto, que parece fútil e pequeno, mal imagina o leitor o valor que tem em idênticas circunstâncias. É impossível dizerem-se coisas grandes e tocantes duas pessoas, que se amam, se caírem na imprudência de montarem dois jumentos. Experimentem, e verão.

Posto isto, não queremos atribuir à equitação somente o seguinte diálogo:

— Quereis deixar a minha aldeia, senhor Dom Pedro? Tendes razão... isto aqui é muito triste...

— Para mim, decerto...

— E para todos... Para vós é que eu, antes de ontem, o não supunha... Parecíeis-me tão feliz... deis da minha terra coisas tão lindas... prometíeis poetizar tanto estes ermos, que não tiveram nunca o seu cantor! Decerto vos enganáveis!... Eu bem sabia que vos devíeis aborrecer depressa... O vosso coração não estava aqui, pois não?

— Estava... senhora Duquesa.

— Adormecido, não é verdade?

— Adormecido... foi uma desgraça acordarem-mo.

— Com uma carta lacrimosa de Paris?... Não me respondeis?

— Que devo eu responder-vos, senhora!...

— Não me quereis para vossa confidente... e eu quero sê-lo... já vos pedi a poesia... que é dela?

— Aqui está, senhora Duquesa...

— Dar-ma-eis na minha casa; mas, se me dais uma poesia que não é minha, alguma confiança vos mereço. Dizei-me

tudo, ou resumi tudo que tendes a dizer numa palavra...a mais.

— Amo.

— Compreendem-vos?... Não admireis esta pergunta. Agora são moda o homem e a mulher “não compreendidos”. Sereis um desses... Compreende-vos a mulher que amais assim?

— Deve compreender-me, que eu não conheço nenhuma mais inteligente...

— Que mais desejais?!

— O que desejo?... Não desejo nada... Queria esquecê-la, porque era mais feliz se a não conhecesse...

— Mas ides procurá-la a Paris!... Não é bom sistema de esquecer mulheres..?

— Chama-me a fatalidade... Hei de esquecê-la em Paris...

— Ides sacrificá-la a outras?

— Não a sacrificarei... Ela é inteiramente insensível. Não se magoará com a preferência... Então é indigna de vós...

Não é: eu é que fui um temerário em levantar os olhos para ela...

— Quereis vós uma coisa? Não vades...

— Que não vá?!

— Sim... eu prometo todos os meus esforços em dar-vos um lenitivo aqui... Posso pouco; mas posso contar-vos como é que as ilusões expiram na vossa idade... É um serviço que me agradecereis, passados anos; chegareis a ser um homem do grande mundo, sem lá ter ido pagar o tributo das belas afeições, que vos impelem o coração a trasbordar de simpatia por uma flor. Quereis?

— Morrer no coração... suicidar-me... não, senhora Duquesa, não quero. A vossa generosidade não me deleita, nem me alivia. O que eu quero é o amor, é a vida...

— E receais que eu vos dê a morte?

— Receio...

— É que eu sou também uma das mulheres não compreendidas... Gostais deste sítio? Olhai o Sol!... parece a cabeça abrasada de um gigante que sai detrás das

montanhas para se rir da nossa pequenez... Este silêncio é tão suave para o coração... Paremos... Como deve ser belo este mundo para quem for feliz!... São tão poucos os dias que aqui se vivem!... Se não fosse a desgraça, com que saudade o moribundo se lembraria do céu, das flores, das estrelas, e do amor!...

— Sim, sim, do amor... mas o amor é a desgraça, não é, senhora Duquesa?

— É... acreditai-me que o é, meu amigo... Desgraçado aquele que encerra as suas ambições numa paixão única! Eu invejo a felicidade daquela pobre mulher que canta além. Para aquela o seu mundo está resumido ali, no trabalho, nas esperanças pequenas, que nunca lhe mentem, nas ambições mesquinhas, que ninguém lhe estorva... O tumulto, as tempestades, as aflições são para nós, almas soberbas, avarentas de gozos impossíveis, sempre com os lábios na cara e a sede a queimar-nos as entranhas... Não é assim, com esta linguagem, que eu devo mitigar-vos as saudades, Dom Pedro da Silva; mas estudai em mim o sofrimento, e vereis que o vosso é pequeno. Tende piedade de mim, e sentireis menos as vossas dores.

Estavam diante do portão de Cliton. D. Pedro conduziu a duquesa pelo braço, deixou-a na sala de visitas, e passou à galeria enquanto ela mudava de trajes.

Os quadros importavam-lhe pouco. Este último diálogo, que não fez impressão nenhuma no leitor, avivará mais o lume, que a duquesa ardilosamente ignorante, prometia abrandar. Se a verdade deve ser nua nos romances, como cá fora na vida prática, diremos que o filho de Ângela de Lima não se lembrava já de Paris, e, se tivesse por quem, mandaria dizer ao visconde que desfizesse as malas.

A duquesa mandou chamar o poeta para o seu boudoir. O boudoir da duquesa, ou antecâmara, que é mais português, era um capricho de opulências orientais ao paladar de França. Os perfumes da Ásia impregnavam os átomos, escandeciam a cabeça, e embriagavam frouxamente o coração. Os estofos elásticos, submissos às posturas voluptuosas do corpo, parece que tinham sido construídos ao sabor das voluptuosidades do espírito.

O resplandor dos cristais, a opala, o charão de mil visagens grotescas, o mármore negro em que tremia o reflexo das luzes, as moles esteiras que pareciam calar os

ecos dos passos, como um segredo da sua dona, que devia ser uma fada... e muitas outras coisas, que deleitavam Pedro da Silva, e que decerto não servirão de deleite ao leitor, tomavam encantadamente fantástica a existência do nosso patrício naquele viveiro de delícias.

Era aí que a princesa de um conto árabe esperava o poeta de suspiros e jasmins.

— Não repareis no desalinho de tudo isto... Vai em cinco anos que mandei recolher de Paris estas insignificâncias ao meu solar. Enquanto viajei, tudo isto esteve para aí amontoado. Quando volvi à casa onde nasci, pouco ou nada se me dava desta ostentação estéril, que não melhora a condição de pessoas infelizes como eu tenho sido...

— Sois infeliz, senhora Duquesa?

— Muito... Não falemos de desgraças... Seria da minha parte uma rude franqueza chamar-vos a minha casa para vos contar infortúnios de mulher, que não passam de tormentosas insignificâncias do coração... Dai-me a vossa poesia...

— A “minha” poesia?

— Sim...

— Não queria eu que ela fosse “minha “...

— Pois então não seja vossa... Quereis que vos diga a poesia da vossa querida Beatriz, meu caro Dante? Pois sim... Lede-a vós... Deve ser mais bela... As palavras devem sair com a fragrância do coração...

— Vós já a lestes...

— Que importa? Eu tenho lido os sonetos de Petrarca; mas imagino que os compreenderia melhor se o autor viesse lermos... não se me dava de o receber aqui, envolto na sua mortalha, contanto que me viesse falar da sua Laura...

— Mas eu não posso falar-vos da minha...

— Não? Sois mais misterioso que um poeta da vossa terra, a quem mataram os amores da filha de um rei.

— Admiro-vos, senhora Duquesa! Conheceis a minha terra, e os poetas da minha terra como se lá tivésseis vivido!...

— Não vos admireis... A minha mãe era uma senhora muito ilustrada, conhecia a língua portuguesa como a francesa, e lia os melhores livros de Portugal. Se visitardes o meu quarto encontrareis muitos livros da vossa língua... E, não sei porque capricho, me fez aprender o português, que ainda hoje falo, com pequenas dificuldades... Ides ler a vossa poesia, não ides?

D. Pedro da Silva, com a voz trémula, respirando a custo, e o coração convulso, leu a poesia, que a duquesa ouviu, sorrindo, e encontrando com meigo olhar os olhos do poeta, que procuravam, no fim da leitura, adivinhar-lhe o sorriso indefinível. D. Pedro esperava uma palavra de elogio, isso só, porque seria loucura esperar outra coisa. E o silêncio continuava, e o sorriso não se desvanecia nos lábios que pareciam reprimir a gargalhada, que fulminara, uma noite, a cabeça impermeável do barão de Sá.

A duquesa recebeu graciosamente a poesia, sem descer os olhos da face rosada do jovem. Depois dobrou-a vagarosamente. Abriu a sua carteira de madrepérola, despejou aos pés de D. Pedro os papéis acetinados e flores murchas que ela continha, e introduziu a poesia, inclinando

languidamente a cabeça e abrindo um pouco mais, o seu sorriso.

— Eu quero que ela esteja sozinha... A minha carteira é a imagem do meu coração...

D. Pedro fez o que nós faríamos. Não respondeu ao galanteio com um monossílabo, e ele próprio não sabe dizer se o compreendeu no mesmo instante. O que ele confessa é que sentiu frios e calores, quando a duquesa, pegando-lhe da mão, lhe perguntou:

— Tendes alguma ofensa de que me acuseis? Saí desse estado de perplexidade... Vede que vos falo com toda esta familiaridade... Respondei-me... Eu ofendi-vos?

— Não me podíeis ofender... Magoastes-me, senhora Duquesa.

— Perdoais-me?

— Oh, senhora!... porque me pedis perdão?

— Esta poesia era minha... completamente minha... e eu repeli-a... perdoais-me?

— Quem vos disse que eu sofri tanto por causa dessa repulsa? — disse D. Pedro com a voz comovida e os olhos inundados de lágrimas...

— O meu pesar... o meu coração, que tem o remorso que lhe lembra as suas injustiças... Sabeis qual tem sido a minha vida, Dom Pedro da Silva?

— Tendes sofrido, não preciso saber mais nada...

— Precisais... Sabeis que eu não posso amar-vos?

— Não sei; mas devo acreditá-lo, porque me é dito por vós... Não me surpreendestes, que eu já sabia que era forçoso este sofrimento... Mas fizestes mal em me chamar a vossa casa para um desengano assim...

— Era necessário que viésseis, e vireis todos os dias. Preciso ver-vos... quero a vossa amizade, e não ouso aspirar a uma paixão, que não posso corresponder-vos, porque sou indigna de vós.

— Indigna de mim?

— Sim, indigna! É necessário muita coragem, ou nenhum amor-próprio para semelhante confissão... Embora!...

Quero expiar o que vos fiz sofrer, rasgando da face um véu, que vos deixe ver as sombras da escuridade em que tenho esta pobre alma... Eu seria uma infame mulher se vos captasse com meiguices calculadas, uma a uma, para, ao cabo de quinze dias, vos dar este desengano. Se me dais um sentimento bom da vossa alma infantil, deixai-me colher essa flor sem espinhos; mas não quero toucar-me com ela, porque a minha cabeça tem fogo do inferno, e a flor murcharia logo! Dom Pedro, não me julgueis doida... Eu reconheço infelizmente que tenho todas as faculdades na melhor disposição para serem a minha tortura... Preciso de um amigo, com o coração puro, com a candura na inocência das palavras. Quero adorá-lo, quero queimar-lhe o incenso que tenho salvado das tempestades do mundo; mas não quero dar-lhe o que sou porque não sou nada... sou um corpo, um falso triunfo, que não pode fazer a vaidade de ninguém... Reparai que não estou boa... Está chegando a minha terrível hora de reconcentração. Concedei-me a liberdade de vos despedir... Vinde amanhã jantar comigo, e fazei que venha o visconde.

D. Pedro da Silva sentiu que a mão da duquesa apertava a sua com estremecimento. Quis despedir-se com algumas lágrimas eufóricas; mas o coração naquela idade não tem à sua disposição um dicionário de sinónimos, ou a reminiscência salvadora de um romance.

Duas noites antes, retirara atordoado da repulsa. Por causa oposta, D. Pedro da Silva não ia agora menos confuso. Entrando, porém, em colóquio tranquilo com a sua consciência, entendeu que era o homem mais feliz do globo. Entendeu mal.

O homem mais feliz do globo é o idiota.

# CAPÍTULO XVIII

Seria curioso o diário sucessivo dos diálogos da duquesa de Cliton e D. Pedro da Silva, no decurso de três deliciosos meses.

Os manuscritos, que nos enviaram, não nos autorizam a inventar coisas que se não disseram. Atendendo, porém, à esperteza inequívoca dos leitores, e também à minha, poderemos calcular pouco mais ou menos que em noventa entrevistas, a uma por dia, não podiam dizer coisa que não tenhamos dito muitas vezes nós.

Para muita gente dá que entender o como é que se entretém o fogo sagrado entre um amante, honesto como Florian, e a respetiva amada, que se venera como uma vestal. Acham pequeno o vocabulário da língua humana para em cada novo dia dizer uma coisa nova. Chegam os tais a persuadir-se até que o aborrecimento há de vir por

força enjoar dois amantes que procuram descobrir o moto-contínuo do palavreado. Enganam-se.

O visconde de Armagnac, que, nesta espécie, fazia coro com os sobreditos, perguntava ao cabo de dois meses de visitas sucessivas, em que é que entretinham o tempo.

— Eu vos digo — respondeu D. Pedro com toda a candura e verdade do seu coração. — A duquesa de Cliton tem sempre uma coisa nova a contar-me das suas viagens. Apaixonadíssima pelo Oriente, fala da Grécia com mais entusiasmo que o Byron, e do deserto com mais poesia que o meu próprio Lamartine. Às vezes exprime-se num estilo de inspirada, e da exaltação da febre do talento recai numa espécie de sonambulismo, que me faz lembrar aquela grega que profetizava a queda do paganismo.

— Com efeito... — atalhou, sorrindo o visconde. — Eu não sabia que a duquesa de Cliton tinha talento com febre, e era sonâmbula!... Quando a conheci em Paris estava sempre acordada como uma raposa, e tinha os olhos vivos e buliçosos como a própria antípoda de que fala Buffon.

— Não zombeis, Visconde.

— Por Deus, que não zombo, meu caro Pedro... E quando não está sonâmbula, nem tem febre no talento, que fazeis?

— Há sempre boas inspirações, assuntos do coração, que nos fazem parecer curto o tempo.

— Pelo que vejo, defendeis teses sobre o amor. Isso deve ser delicioso. E quando as teses são discutidas, lavrais a ata, academicamente falando, da sessão?...

— Não vos entendo, Visconde...

— Que candura! Hoje que tencionam fazer?

— Leremos as Noites de Young.

— E amanhã?

— O Paraíso Perdido, de Milton.

— E depois?

— Depois... é domingo?

— É... que ledes no domingo?

— As vossas Memórias sobre o Ministério de Talleyrond — Então quereis dormir como o credor ao sétimo dia...

Angélicas criaturas!... Ora olhai para mim... Tendes falado seriamente?

— Como sempre vos falo, senhor Visconde.

— Só tratais de sonambulismo, e de febre no talento? Só adormeceis com as minhas Memórias sobre o Ministério de Talleyrand?

— Na vossa pergunta há uma intenção desonesta, imprópria...

— Estilo inglês... improper... É pena que não useis capa...

— Capa?! Que quereis dizer?

— Queria ver se videis um dia sem ela... Conheceis a história de José do Egipto?

— Conheço perfeitamente... e vós conheceis a história de Susana no banho?

— Perfeitissimamente... Os velhos eram lascivos, por isso que não acreditavam na febre do talento...

A prática tornou-se pouco edificante. Basta o que fica escrito para avaliarmos a cordialidade de Pedro da Silva, cuja moral, formada em Inglaterra, estava sendo

inofensivamente, chasqueada pelo velho, que votava pela restauração dos costumes da Regência, salvas as aparências. A corrupção não era coisa que se aplaudisse, mas o visconde não duvidava recebê-la como facto consumado. Não arruinar a casa nem a saúde, era este o ponto onde convergiam as solicitudes do velho a favor do seu jovem amigo.

O certo é que os amores do pupilo de padre Dinis não podiam ser mais honestos. O coração interessava-se nas viagens da duquesa; o espírito alimentava-se do pábulo do espírito, e a matéria não exigia nada. No seu platonismo sincero, o legítimo poeta, como todos deviam ser para acumularem ao mesmo tempo as funções de contraltos na Capela Sistina, ou a guarda das portas invioláveis do harém, visto que a poesia não basta para viver o legítimo poeta, dizíamos nós, coraria, se a duquesa lhe dissesse que a escola dos espiritualistas não granjeava mártires no boudoir de uma mulher de trinta e sete anos, sem deveres a cumprir com o seu marido.

Diga-se a verdade: a duquesa não era capaz de meter em tais embaraços o seu extremoso amigo. No coração desta

mulher estavam três corações, pelo menos. O de que ela se servira, para nutrir as ideais ambições de D. Pedro da Silva, era um coração ideal, como o da amável leitora, que nos faz a honra de nos ler, e acreditar o mais que vai dizer-se a respeito do carácter inconsistente da confidente de padre Dinis.

A duquesa calculara, amando o português, ou fingindo amá-lo, criar um inimigo contra Alberto de Magalhães. O jovem apaixonado, propenso ao romanesco, saudoso dos antigos brios da cavalaria errante, seria um instrumento cego nas hábeis mãos da malograda condessa de Minturnes do barão de Sã. Amor não lho daria ela sem condições; ora o amor que se dá com condições, como quem lavra uma escritura de doação de bens com o ónus de certas tenças, um tal amor... imaginemos que amor poderia ser!... Uma segunda cena, suposto que mais trágica, da comédia representada com o ridículo barão, que andava por Lisboa vazando a bílis nas nédias bochechas do pobre Joaquim dos Reis.

O cálculo era aquele: mas o coração da duquesa, isto é, o coração número três desmanchava os cálculos do número

um.

O primeiro mês de namoro, como se diz nos cafés, e cremos que nos salões também, transtornou os planos da duquesa. O hábito de tratar com um jovem ingénuo, apaixonado, nunca surpreendido numa mentira dessas que as mulheres toleram, pagando-se com usura a familiaridade, e depois as boas maneiras, a gentil presença, e a poesia sempre ardente de D. Pedro da Silva, porventura tudo isto, e muitas coisas mais, fizeram palpitar-lhe o coração, inativo desde muito, o coração das idealidades, das esperanças, das afeições generosas, e da íntima estima, que é o mais caro sentimento que devemos às mulheres, que foram anjos antes de serem o que são.

D. Pedro, sem compreender a metamorfose, estranhou a intimidade carinhosa com que era recebido. É que até então, esgotados os entusiasmos da cabeça, a frieza do coração gelava o rosto da duquesa, que, nem artificiosamente, já sabia manusear os ardis calculados para a sua vingança.

Era, portanto, amado D. Pedro da Silva, e amado como devia sê-lo por tal mulher, que, desde viúva, apenas sentira

ódios, e caprichos. O delírio por Leopoldo Saavedra fora uma lava de orgulho que respirara inflamada pela faísca da vergonha de si própria. Se lhe chamássemos amor a esse ciúme rancoroso, degradaríamos muito aquela virtude.

A mulher, porém, que fingira um sentimento nobre por D. Pedro da Silva, com a perversa doblez de o atirar com um punhal ao coração de Alberto de Magalhães, seria suscetível de uma afeição sublime, chegaria a envergonhar-se da ultrajante ideia em que quisera fazer cúmplice um nobre jovem, que, cheio de fé, se lhe dava com toda a inocência dos dezanove anos?

É o problema que vai resolver-se. Eram, pois, passados três meses, depois que a duquesa adotara como seu o “suspiro” do nosso poeta.

Em tarde calmosa de Julho, debaixo do transparente céu, que parecia sorrir ao seu retrato refletido no lago, cantavam os passarinhos, murmuravam as fontes, ciciavam em redor do mirto as borboletas, rescendiam as flores, zumbiam os insetos e murmuravam lânguidos colóquios a duquesa de Cliton, encostada ao ombro do seu ditoso poeta.

Embriagado pelo néctar da suprema felicidade, o alquebrado amante não sabia dizer o que tinha de celeste no coração, e imaginava que o horizonte da sua alma abrangia a realização de tudo que sonha o talento, do mais a que podem ir as aspirações ambiciosas do homem.

Da apologia bucólica do panorama, que os rodeava, vieram à silenciosa concentração, mudez das almas privilegiadas, na extrema alegria, ou na dor profunda. Foi a duquesa que quebrou o silêncio com a sua voz maviosa, único som que faltava para o hino do crepúsculo:

— Pedro, ouviste o que eu te disse.

— Não!... Tu falaste agora?

— O meu coração falou tanto!... Cuidei que me ouviras!... Será necessária a palavra, quando o fio elétrico se interpõe na linguagem muda de duas almas?

— Não é, não... Olha... eu ouvi-te...

— Sim? Devias ouvir belas coisas... repete-mas, Elisa...

— Queres? Cismavas no futuro, e perguntavas ao tempo, à fatal sibila que escarnece os cálculos humanos...

perguntavas-lhe se a nossa felicidade de hoje seria exterminada um dia... Era isso?

— Elisa!... Tu és um anjo!...

— Porquê?

— Vieste ao fundo do meu coração, e viste o invisível para todo o mundo! Como pode isto ser? Aventuraste-te a adivinhar, ou a minha alma é tão clara para ti como têm sido verdadeiras as minhas palavras?

— O anjo és tu, Pedro da Silva... O anjo és tu, que não viste a traição que te preparava cavilosamente uma mulher da infame sociedade deste mundo...

— Uma traição!...

— Sim... mas não me peças a significação desta palavra... Hoje, filho, adoro-te com toda a unção de um espírito juvenil! Hoje pede-me sacrifícios, que eu dou-te a vida... Diz-me que queres uma expiação do crime, que me faz chorar estas lágrimas, e eu provarei todas as amarguras, tomarei das tuas mãos todos os sacrifícios...

— Não fales assim, Elisa!... Antes quero ver-te soberana. O teu orgulho tem suavidades para mim... Quero-te orgulhosa; não te culpo por vaidades legítimas... Era vaidosa porque devias sê-lo. As humilhações, se me forçasses a elas, eram próprias de mim, que me sinto insignificante quando ouso chamar-te “minha”...

— “Tua”!... — atalhou ela com tristeza — , e serei eu tua!...

— Se o serás, Elisa?!

— Sim... sabes que sacrifícios eu te custaria?

— Não... — Não? Pouco valho então para ti, Pedro!...

— Elisa... eu não compreendi a tua pergunta. Que me disseste?

— Na minha posição, sabes com que condições uma mulher se renuncia inteiramente a um homem?

— Sei... e recebo-as todas...

— Eu não tas ofereço... não pode realizar-se a tua generosidade — Não podes ser meu marido...

— Bem o sabia...

— Sabia-lo?

— Sim... tu és a duquesa de Cliton... Eu sou um forasteiro, que não posso sequer pronunciar os nomes dos meus pais... Sou rico; mas não sei donde vem esta riqueza. O filho bastardo não tem a quem peça uma genealogia que possa emparelhar com a tua...

— Cala-te... Tu não levantas o teu espírito à altura do meu.

Sou muito pequena aos teus olhos... e tens razão... porque realmente... sou pequeníssima... Não posso ser tua mulher!... Vê tu que pequena eu sou!...

— Porquê, Elisa?... Quem te domina?

— A consciência, que tem um escrúpulo, e o coração que tem uma nódoa...

— Amaste um homem...

— Não o amei... é uma infâmia sem nome! Esse demónio deixou-me um punhal de fogo enterrado no coração. — para toda a vida... Este lume queimaria a existência daquele que tentasse identificar-se com o meu espírito... Mas não me

aborreças, por isso, meu caro amigo. Sê meu irmão, já que esse malvado me matou o único irmão que eu tinha...

— E foi ele?

— Pois não sabes a minha história!?... É uma maravilha que ta não tenham contado... Vejo que devo uma grande fineza ao visconde de Armagnac... Silêncio, pois... Eu não quero cativar-te com lágrimas de falsa contrição. A mulher, que correu cinco anos atrás da vingança, não está contrita... Pedro da Silva... não temos nós sido felizes, há três meses?

— Sim ... feliz... mas tu não és feliz...

— Não... não sou... Sustento esta máscara... tenho um domínio de ferro sobre as minhas lágrimas, quando quero; falo com as mulheres felizes porque obedeço às reminiscências dos meus bons tempos, tão depressa corridos da tragédia da minha vida...

— Elisa... tu choras?!

— Vamos daqui... já não acho belezas nisto... Vejo tudo coberto de luto... Olha, Pedro da Silva, fizeram-me desgraçada e má... Eu era boa e feliz...

Saíram do jardim e entraram silenciosos na sala. Esta situação durou longo tempo. Pedro da Silva meditava uma pergunta arrojada. Lutou com mil receios opostos. Revestiu — se de uma audácia de homem, farto do mundo, ou sequioso de grandes comoções, tomou a mão da duquesa com estranha intrepidez, e disse-lhe num tom pouco natural na sua idade:

— Elisa... responde-me... esse homem ainda vive?

— Vive.

— Onde?

— Em Lisboa.

— Como se chama?

— Que te importa o seu nome?

— Cuidei que esta pergunta merecia a confidência desse nome.

— Com que intenção ma fizeste?

— Com a intenção de vingar a mulher que me chamou “irmão”...

— Agradeço-te o cavalheirismo; mas não aceito a generosidade... Não tinhas outra intenção?

— Tenho... Vingar o irmão da duquesa de Cliton.

— Aceito, em nome do meu irmão... Esse homem chama-se, em Lisboa, Alberto de Magalhães.

A duquesa ergueu-se convulsivamente, e apertou com júbilo satânico a mão de D. Pedro, que procurava recordar-se do homem, cujo nome lhe não era inteiramente desconhecido.

— Conheces este homem?

— Não conheci... Eu, quando saí de Portugal, só conheci um padre que me educou, a irmã desse padre, e a minha mãe, que já não vive...

— És um perfeito homem, Pedro da Silva. Agora sim, avaliei a tua alma!... Ouve-me... Quero a tua vida: não consentirei que tenhas a menor inteligência com o assassino do meu irmão. Prometes-me?

— O quê, Elisa?

— Absoluto desprezo para tal homem.

— Não prometo... juro, pela memória da minha mãe, que vingarei teu irmão.

— Pedro da Silva!... A duquesa estava abraçada ao pescoço de D. Pedro, quando sentiu passos, e suspendeu a réplica ao juramento do jovem. Era o visconde de Armagnac, que vinha do passeio e fazia escala pelos paços encantados da rainha das fadas, como ele costumava, nos sobrescritos perfumados dos seus bilhetes, indicar a residência da duquesa.

A conversa, quase toda a cargo do visconde, tornou-se profusamente banal como as suas Memórias sobre o Ministério Talleyrand...

A duquesa, no seguinte dia, entrava no seu toucador, e viu sobre uma salva de prata uma carta, que abriu sofregamente. Era este o seu conteúdo:

É necessário ser digno de ti, como amigo da memória do teu amigo. Estas amizades, contraídas com um morto, são imperecedouras. Quero um dia poder ajoelhar contigo sobre o túmulo do teu amigo, e dizer: “Nosso irmão! foste vingado!” Pedro da Silva.

Elisa, alucinada, escreveu duas palavras; mandou-as ao seu destino; esperou ansiosa a resposta. Devolveram-lhe a mesma carta fechada... Pedro da Silva, à meia-noite, saíra para Paris.

O visconde de Armagnac, espantado de semelhante repente, que não pode suster, deu razão ao diabo, por não querer nada com rapazes.

## CAPÍTULO XIX

Treze dias depois, Alberto de Magalhães recebia do seu correspondente em Paris uma carta que falava de passagem em Pedro da Silva, nas seguintes linhas:

Disse-vos, há tempos, que D. Pedro da Silva saíra para Angoulême a passar a estação na quinta do seu amigo visconde de Armagnac. O honrado velho interessa-se extraordinariamente pelo rapaz. Hoje mesmo, porém, chegou ele aqui, e sacou quinze mi francos. Disse-me que saía de França por alguns meses, sem me dizer que país viajava, Em cumprimento das vossas ordens, não duvidei entregar-lhe a quantia pedida...

Alberto, lida a carta, disse a Eugénia:

— O filho da condessa saiu de França.

— Para onde?

— Não sei. Não poderá ir longe com o dinheiro que sacou...

— Aquele rapaz, com tanta liberdade, pode perder-se... Porque o não sujeitas à influência de alguém?

— De quem? Não quero que ele tenha uma privação... Deixá-lo ser rapaz; tempo virá em que seja homem com as deceções de todos os homens. É preciso que nos habituemos a considerá-lo pessoa da nossa família.

— Por isso mesmo, Alberto, é que eu me interesso no seu futuro. Tu podes fazê-lo rico; mas feliz decerto não, porque ele é filho de uma desgraçada mãe, e de um pai, que morreu despedaçado de angústias...

— Eugénia! ...

— Ah! sim... não falemos nesse homem... Empalideces sempre que te falo nele... É tão misterioso o teu passado, meu querido amigo!... Tomara eu que um dia te levantasses sem memória... Queria que te recordasses somente destes últimos quatro anos, em que devemos tanto à Providência...

— Se a Providência te ouvisse... Sim, Eugénia... eu queria esquecer-me... Só assim poderia reputar-me o mais feliz

dos homens... E não será orgulhoso... Tudo o que temos seria um meio de consolar infelizes...

— Se realizasses o teu pensamento de sair de Portugal...

— É o meu querido pensamento... Sairemos, Eugénia; mas eu preciso deixar cair a máscara diante do filho de Ângela de Lima. É preciso que ele venha a Lisboa, que me conheça, que me ame, e que nos siga. Uma terceira pessoa na nossa família é uma necessidade para o coração... Eu considerá-lo-ei meu filho, e tu sentirás por ele a ternura de irmã. Logo que ele torne a França farei que venha a Portugal... Há de vir... parece-me que receberei uma bela comoção quando vir o jovem, que tive nestas mãos, criancinha, com meia hora de existência...

— Tu!... Não me tinhas dito isso...

— Decerto, não... e basta que saibas isto, Eugénia...

— Cuidei que só o viras há cinco anos, em casa de padre Dinis. E ele conhece-te?

— Pelo nome, decerto não. Diante dele foram poucas as minhas palavras... eu creio que nenhumas. Estou que me não conhecerá se me vir.

— Dizes-me uma coisa, meu querido Alberto?

— Qual é?

— Este menino é teu... digo... é teu filho?

— Não... não tem comigo parentesco nenhum. Não te disse tantas vezes que era filho de Ângela de Lima, e de Dom Pedro da Silva, da casa de Alvações?

— Disseste... mas perdoa-me... esta curiosidade, que é toda do coração... Não te perguntarei mais nada...

No pátio de Alberto de Magalhães parou uma sege de praça, e o sujeito que apeou, anunciou-se com um bilhete, em que vinha escrito a lápis o seguinte: “Um emissário de Mr. Artur de Montfort.”

Alberto ficou estupefacto com semelhante extravagância, e escondeu de Eugénia o bilhete, pedindo-lhe que se retirasse.

— Oh! filho!... Até o nome das tuas visitas é um segredo para a tua mulher!... — murmurou ela, retirando-se mais despeitada do que deve entender-se das suas palavras.

A pessoa anunciada entrou numa sala de espera; esperou alguns segundos, e foi conduzida a outra, onde encontrou Alberto de Magalhães. Este, ao vê-lo sentiu uma comoção que o emissário de Mr. Artur de Montfort não concebeu. D. Pedro da Silva, que o leitor adivinhou sem que lho dissessem, foi imediatamente conhecido por Alberto de Magalhães. O discípulo de padre Dinis, quando encarou o assassino do seu constituinte, suspeitou que era ele o homem, que vira uma vez em casa do padre, nas vésperas da sua partida para Londres. Esta suspeita embaraçou-o a ponto de perder da memória as primeiras palavras do seu tremendo mandato.

— Posso saber — perguntou Alberto, contrariando a perplexidade — quem é o cavalheiro que me procura?

Esta pergunta desvaneceu a suspeita de D. Pedro, que recobrou a energia perdida, respondendo em claro português:

— O meu bilhete dá uma perfeita ideia de quem eu sou.

— É efetivamente o emissário de Artur de Montfort? Artur de Montfort morreu há perto de nove anos. Vem por

consequência do outro mundo... Como se vive por lá?

Este sarcasmo desarmou momentaneamente o pobre rapaz, que se supunha funcionando em pleno mundo de Anna Radcliffe. Subira-lhe a cor ao rosto; devemos, porém, crer, que nesse rubor havia mais cólera que vergonha, pela resposta que deu:

— Por lá... vive-se mais tranquilo que por cá. Lá, os assassinados repousam. Aqui, os assassinos esperam a sua hora.

— Pela declamação, vejo que o senhor é admirador da escola dramática de Victor Hugo... Antes de falarmos do outro mundo, que deve ser uma interessante palestra, falemos um pouco deste vale de lágrimas, em que tenho a honra de encontrá-lo. O cavalheiro é português?

— Sou português; mas não venho disposto a fazer a minha biografia.

— Tem razão. Quem vem da região dos espíritos não deve gastar tempo com as materialidades cá de baixo. Queira dizer a sua embaixada, que eu todo sou atenção.

— Artur de Montfort foi assassinado há nove anos.

— É o mesmo que eu já lhe tinha dito.

— Peço-lhe a delicadeza de me não interromper, quando não esqueço-me de que estou em casa de um cavalheiro, e ofereço-lhe já uma pistola.

— Agradeço a oferta... — respondeu Alberto com uma ligeira continência, e um sorriso o mais fulminante que pode imaginar-se. — Queira falar, na certeza de não ser interrompido.

— Tenho pouco a dizer-lhe. Depois de nove anos, não se considera prescrita a vingança de Artur de Montfort. Exijo que o assassino deste cavalheiro me responda no campo da honra, com as armas na mão.

É um duelo que vem propor-me. Deixe-me meditar alguns minutos... Fuma, senhor... não sei o seu nome... mas dispensemos esta formalidade de batismo... se quer bons Havanos...

— Não fumo.

— Mas o fumo não o incomoda?

— Não fumo. — Mas o fumo não o incomoda?

— Não, senhor... Digne-se responder-me com brevidade.

— Um pouco mais... um minuto no seu relógio... pontualidade inglesa! Sabe perfeitamente o que é pontualidade inglesa... Vejo-lhe aparências de quem tem visto muito mundo, e tem representado em lances rasgados, como este que vem propor-me!... Sou o primeiro a maravilhar-me da grandeza de alma com que vem de além dos túmulos pedir saldo de contas ao assassino do seu amigo. Castor e Pólux existiram uma vez, e agora é a segunda. É admirável, porém, que na sua idade se fortaleçam os vínculos de amizade, que o prendem, com tanta honra ao túmulo do seu amigo? Quando esse cavalheiro morreu, que idade poderia ter o meu digno adversário? Dez anos. Decerto nunca o viu... Há, porém, uma pessoa que dá muitos ares de Artur de Montfort. É a duquesa de Cliton, que mora nos subúrbios de Angoulême... Quem simpatizar com as feições da gentil duquesa pode, se for romântico, simpatizar com a sombra mortuária do irmão... Passou o minuto, cavalheiro... Agora respondo: aceito o seu duelo; mas tenho a fazer-lhe uma pequena

reflexão, que espero não desatenda. Um duelo não se propõe assim. A praxe não prescinde de testemunhas...

— Não conheço ninguém em Portugal.

— Não? Nesse caso, eu vou relacioná-lo com dois cavalheiros, que receberão a honra de ser seus padrinhos. Onde se hospedou?

— No Isidro.

— No Isidro? Naturalmente está no quarto número sete...

— Sim... justamente... número sete.

— Deve ter encontrado lá o aroma das perfumarias da duquesa de Cliton...

— Não compreendo o motejo, senhor Alberto de Magalhães.

— Na sua idade ignoram-se muitas coisas, senhor Dom Pedro da Silva.

— Como lhe é conhecido o meu nome? — disse o jovem fixando o fleumático zombeteiro com a imobilidade do pasmo.

— O seu nome é como a luz que não deve esconder-se debaixo do meio alqueire... O meu querido senhor, se não tem a mandar-me no seu serviço, queira recolher-se ao seu hotel, e dentro de uma hora será visitado por dois amigos meus, aos quais ocultará o seu nome, se assim lhe convier. Sou mesmo de opinião que oculte o seu nome...

D. Pedro, retirando-se, não podemos dizer que pensava isto ou aquilo, porque não pensava em nada. Lances tais são a atrofia da razão, embaralham todos os juízos possíveis, e escurecem todas as luzes que invocamos para encontrar o fio do labirinto.

O certo é que, uma hora depois, o enleio do nosso simpático amigo aumentou a ponto de o embrutecer miseravelmente. Esperava no seu quarto as prometidas visitas, quando lhe anunciaram o conde de Alvações, que era irmão do seu pai, e o marquês de Montezelos, irmão da sua mãe! Semelhante coincidência era impossível vir do acaso! A débil cabeça do amante da duquesa tinha lume! Um fatal mistério desorganizava todos os seus planos, e ameaçava algum transtorno na sua razão!

Os dois titulares tinham perguntado pelo cavalheiro Alfredo de Elbéne, no quarto número sete. Novo embaraço!

Entraram: eram homens de quarenta anos.

D. Pedro da Silva foi saudado por eles como Mr. Alfredo de Elbéne. Falaram-lhe em mau francês, e ele respondeu corretamente na língua em que lhe falavam.

— Monsieur de Elbéne — disse o marquês de Montezelos — venho, com o meu amigo, cumprimentar-vos, e desde já oferecer-vos o nosso auxílio numa pendência de honra, que tendes com o senhor Alberto de Magalhães.

— É caso novo — acrescentou o conde de Alvações — sermos enviados pelo vosso adversário, para nos colocarmos da vossa parte. Todavia, esperamos acrediteis que somos dois cavalheiros, incapazes de falsear a nossa honrosa missão de padrinhos...

— Assim o creio... — balbuciou D. Pedro.

— A vossa proposta qual é?

— Um duelo com qualquer arma da escolha do desafiado.

— Alberto dá-vos a escolha da arma.

— Não aceito a generosidade.

— Isso é orgulho descomedido... Aceitai.

— Qual arma joga melhor Alberto de Magalhães?

— Não sabemos... Alberto de Magalhães nunca se bateu. Essa honra estava reservada para vós. Que arma quereis?

— O florete, se Alberto conhece esta arma; no caso negativo, a pistola.

— Em tal caso irão ambas as armas.

— É o mais previdente... — acrescentou o marquês de Montezelos.

— Aceito... — disse D. Pedro.

— A que horas?

— Quando quiserdes.

— Às cinco da tarde. Não tendes predileção por algum lugar?

— Qualquer lugar é bom.

— Às cinco horas entrareis connosco na carruagem.

— Pareceis-me um corajoso jovem, Monsieur de Elbéne! — disse o conde de Alvações, apertando-lhe a mão na despedida.

— Desejamos o vosso triunfo cavalheiro — acrescentou o marquês de Montezelos, que fora da porta, dizia ao ouvido do seu antigo amigo, em português chão:

“Pobre rapaz... em que te meteste.”

## CAPÍTULO XX

À hora dada, a carruagem do marquês de Montezelos recebeu D. Pedro da Silva, e a do conde de Alvações tomara a dianteira para parar no lugar aprazado. Passaram em Campolide, e o filho de Ângela de Lima, quando avistou um palacete, não pode reprimir duas lágrimas, que lhe tremiam nos olhos, e não foram desapercebidas para o companheiro.

— Que tendes, Monsicur de Elbéne?

— Nada, senhor Conde... Uma saudade...

— De namorado?...

— De filho...

— Ah!... tendes mãe?

— Já não tenho...

— Lembraram-vos os seus carinhos? Tendes razão sobra para chorar... Eu também chorei muito a minha...

— E, com efeito, vejo que chorais...

— Agora é outra coisa... Esta casa fez-me lembrar uma infeliz senhora que aqui viveu...

— Vossa irmã?

— Devia sê-lo... foi a mulher por quem morreu um irmão que me aparece, há dezanove anos, em todos os instantes da minha vida... Vai aí adiante de nós o irmão dessa pobre vítima de um tirano, que se dizia pai... Eu dou a minha vida se ele se lembrou da sua irmã...

— Parece que devíeis ser inimigos...

— Como sabeis que devíamos ser inimigos?! — interpelou o conde surpreendido, da extraordinária penetração do suposto francês.

D. Pedro que vira logo a inconveniência de semelhante reparo, tergiversou na resposta.

A carruagem do marquês de Montezelos parou a um tiro de bala distante do palacete da defunta condessa de Santa

Bárbara. Há aí uma esplanada inculta, coberta de rosmaninho, rodeada de charnecas. Apearam.

Alberto de Magalhães veio cumprimentar os padrinhos de D. Pedro da Silva, que apresentaram Mr. Alfredo de Elbéne aos padrinhos do seu adversário.

O filho de Ângela de Lima não denunciava o menor sintoma de pulsilanimidade.

Alberto, mais pálido que ele, mediu-o com um destes olhares de ostentação, de piedade, ou de pasmo. Voltou-se, depois, para o marquês de Montezelos:

— Pergunte ao seu afilhado que arma quer.

— Seja qual for — respondeu, obviando a pergunta de inútil formalidade, D. Pedro da Silva.

— Os franceses têm a primazia do florete entre todas as nações. Senhor Marquês, queira dar um florete a Monsieur de Elbéne.

D. Pedro, com admirável impassibilidade, despiu o fraque, o colete, as luvas, recebeu o florete, e colocou-se em frente

de Alberto, que se despia vagarosamente como quem receia uma constipação.

— Parece que Alberto tem medo!... — segredou o conde ao ouvido do marquês.

— Também me parece!... devia ser bonito, se o petit-metre vinha a Portugal dar uma escovadela no chevauer sens peur que atirou com dom Martinho de Almeida ao Tejo...

— Quando defendia vossa irmã de uma calúnia ultrajante à sua honra, senhor Marquês!...

O irmão da condessa encarou com azedume o conde. Aquelas palavras eram um buído sarcasmo, que o irmão de D. Pedro da Silva dardejava sobre o seu velho inimigo, sempre que podia.

Este diálogo mudo foi distraído pelo combate que começava. D. Pedro atirava ao seu adversário alguns golpes mortais, que revelavam mais ódio que ciência na arma. Alberto desviou-lhos, recuando, e o jovem, alucinado, contando com o seu triunfo avançava quanto o seu contendor recuava.

Próximo a um cômoro, que formava uma espécie de devesa no campo, Alberto viu, de relance, que não podia recuar. A este tempo os padrinhos, de parte a parte, julgavam — no em grande desvantagem e perigo eminente.

— Agora recuareis vós, meu caro senhor, que eu não posso recuar mais — disse Alberto com urbano sorriso, como quem diz um galanteio a uma dama.

D. Pedro, que até aqui fora agressor, sem talvez se lembrar, no entusiasmo da luta, que teria de ser agredido, foi forçado a recuar. Não obstante a prontidão dos botes, que o salvavam dos tiros mortais que, aparentemente, Alberto lhe fazia, D. Pedro da Silva sentiu a ponta do florete adversário rasgar-lhe o lado esquerdo da gravata. Os padrinhos, que supuseram ferido o rapaz, correram a suspender o combate.

— Não está ferido — disse Alberto.

— Decerto, não estou ferido — confirmou D. Pedro. E continuaram o duelo. Outra vez o florete de Alberto procurou a gravata do fatigado emissário de Artur de Montiort. Desta vez era o lado direito da gravata que sofreu

o rasgão. Isto já não podia ser casual. Os cavalheiros confirmaram os antigos créditos de Alberto, um pouco duvidosos, e confessaram na sua consciência que Mr. Alfredo de Elbéne podia ter morrido, pelo menos, duas vezes. D. Pedro perdeu a cabeça. O orgulho revoltou-se contra a generosidade. A defesa, que tão necessária lhe, era, tornou-se em desatinada agressão. O seu florete convertera-se em arma de assassino: tentava golpes traiçoeiros, baldados, pela fria intrepidez do adversário; fitara-lhe o coração como o alvo a que visavam as últimas pontarias do ferro, sempre repelido. Era o ódio, a vergonha, ou a desesperação delirante acometendo com ímpetos inúteis uma estátua de bronze. Alberto de I Magalhães receando um acaso que fizesse ferir o filho de Ângela de Lima, fez-lhe saltar o florete fora das mãos, e colocou a ponta do seu sobre o pé, esperando a resolução dos padrinhos.

Estes, porém, intervieram, declarando impraticável a continuação da peleja com arma em que Alberto de Magalhães era incalculavelmente superior. Uma das testemunhas, por parte dele, declarou que Mr. Alfredo de

Elbéne não soubera afastar vinte golpes mortais que o cavalheiro adversário generosamente renunciou. Dizia-se, pois, que prescindissem do florete, e que se batessem à pistola.

D. Pedro da Silva hesitou um momento na resposta. O coração mandava-o abraçar aquele homem: a cabeça reagia em nome do cavalheirismo, que é uma virtude particular nos duelos, pela qual muitas misérias se nobilitam, e muitas sandices se decoram com os arminhos de uma honra de convenção.

Venceu a cabeça. D. Pedro da Silva disse que aceitava o alvitre da pistola. Alberto encarou-o com piedade, e a soberba do jovem sentiu-se ultrajada, como anos antes, quando o seu companheiro sofreu o beijo nada macio de um cato.

Os padrinhos carregavam as pistolas, quando Alberto de Magalhães pediu uma entrevista de alguns minutos com Mr. Alfredo de Elbéne.

O suposto francês, sem consultar os árbitros da sua honra, que o não conheciam melhor que a sua nação,

desviou-se com Alberto de Magalhães.

— Como nos vamos bater — disse Alberto — com uma arma em que as balas se não fazem resvalar para o chão como a ponta de um florete, é muito possível que um de nós caia morto. Entre nós, porém, há certos negócios que nos privam de morrer como dois irracionais.

— Certos negócios! — atalhou D. Pedro. — E negócios que precisam de certas disposições testamentárias...

— Não o entendo, senhor Magalhães.

— Eu vou fazer-me entender. Eu sou depositário de cem mil cruzados, que são o património de dom Pedro da Silva, filho doutro dom Pedro da Silva, e de dona Ângela de Lima. Padre Dinis Ramalho e Sousa, encarregou-me da administração deste dinheiro.

— Ao senhor!... — exclamou D. Pedro.

— A mim. Um incidente, qualquer que ele seja, colocou-nos na precisão de nos matarmos... Se eu morro, é necessário que a vossa Excelência saiba onde pára o seu património, porque ninguém saberia depois dizer quem era

o seu tutor. se a vossa Excelência morre, é necessário que me diga a aplicação que hei de dar a tal dinheiro.

— Senhor Alberto... O que me diz é uma coisa que me perturba de modo que não sei o que lhe responda! Eu estou incapaz de responder!... Preciso que falemos mais largamente.

— Convenho... Em tal caso adiemos o duelo, não é assim?

— Se me não é desonroso...

— De modo nenhum. Alberto de Magalhães dirigiu-se ao grupo das testemunhas:

— Meus amigos, Monsieur de Elbéne acaba de aceitar-me algumas explicações, que desagravam por alguns dias os seus brios ofendidos. Há outras explicações a darem-se, e não podem ser aqui definitivamente determinadas as nossas respetivas posições. Sereis avisados do resultado, qualquer que ele seja. Por hoje, a vossa missão, nobremente desempenhada, termina aqui. Monsieur Alfredo de Elbéne, dai-me a honra de entrar na minha carruagem. Depositai em mim, e na vossa coragem, confiança ilimitada.

Apertaram-se as mãos, abraçaram os padrinhos, e partiram. já na carruagem, disse Alberto:

— Quer entrar na minha casa, ou no seu hotel?

— É-me indiferente; o que eu necessito, e já, é que me explique, senhor Magalhães, a importância que me vejo obrigado a confessar que a vossa Excelência tem a minha vida.

— É isso justamente que eu lhe não explico, senhor Dom Pedro.

— Porquê? Devo acreditar a necessidade desse mistério?

— Deve, se não aceitar a necessidade, ao menos resignar-se a ignorá-lo...

— Vossa Excelência tem sido o administrador do meu património?

— Já lhe disse que sim.

— O correspondente que me faz dar em Paris as minhas mesadas?

— É a obrigação que me foi imposta por padre Dinis.

— Onde está padre Dinis?

— Nas missões.

— Vossa Excelência conheceu minha mãe?

— Perfeitamente.

— E a mim?

— Conheço-o desde que nasceu. Se tivesse reminiscências da primeira pessoa que viu neste mundo, lembrava-se de me ter visto a mim.

— Que confusão! E quem era o senhor?

— Este homem que hoje vê, com vinte anos de menos.

— Isso não é resposta... Quem era Vossa Excelência, que estava assim tão perto da minha mãe quando eu nasci?

— Não respondo à sua pergunta.

— Conheceu meu pai?

— Muito bem... — respondeu com menos frieza, Alberto.

— Morreu, não é verdade?

— Há dezanove anos.

— Eu já o vi alguma vez, não é assim?

— A mim? Viu há cinco anos...

— Em casa de padre Dinis, nas vésperas da minha partida para Inglaterra.

— Não se esqueceu... cuidei o contrário...

— Suspeitei, quando hoje o vi; mas pensei que era impossível a coincidência... Tenho mil perguntas a fazer-lhe, e não sei o que deva perguntar-lhe...

— Organize melhor as suas ideias, que temos muito tempo.

— Eu é que não posso espaçar esta situação penosa... Queira dizer-me... Vossa Excelência matou em duelo Monsieur Artur de Montfort?

— Não, senhor.

— Como não?!

— Eu nunca tive duelos. Monsieur Artur de Montfort disparou-me uma pistola à queima-roupa, e feriu-me. Eu estava desarmado, apertei-lhe com as mãos a garganta, e dei — lhe o desgosto de o não deixar respirar.

— Matou-o por consequência...

— Por consequência de falta de respiração. Depois desse facto é que o senhor Dom Pedro da Silva se relacionou com o espectro do seu amigo, não é verdade?

— E não conheço o espectro do meu amigo. Lembro-lhe, senhor, que é importuna a zombaria da pergunta.

— Quer que falemos com seriedade?

— Decerto...

— Pois sim; falemos com seriedade. Quem o mandou a Portugal pedir-me contas por tal sucesso?

— Ninguém... vim espontaneamente.

— Acredito-o, senhor Dom Pedro da Silva; mas coloca-me na dolorosa precisão de perguntar-lhe se quer fazer ressuscitar a cavalaria andante. Acho extravagante a sua comissão. Que vínculos o prendem a um homem que não conheceu? Que vantagens espera, se conseguir matar um homem que não conhece? Responda, senhor Dom Pedro da Silva.

— Há coisas de muito melindre...

— Franqueza... Vossa Excelência é o amante da duquesa de Cliton... Temos dito tudo...

— Sou amigo da duquesa de Cliton, não me envergonho de o confessar.

— Nem vergonha nem glória. A duquesa de Cliton é como outras muitas mulheres: não acredita nem desacredita.

— Depois que a vossa Excelência a desacreditou?

— Já antes...

— Isso é falso... A duquesa de Cliton foi esposa e viúva exemplar. Quem a infamou foi Leopoldo Saavedra.

— Tire todo o partido dos seus dezanove anos, senhor Dom Pedro... Bem vê que sou tolerantíssimo... Mas não brinquemos com palavras que significam insultos... A duquesa de Cliton, se a vossa Excelência quer, foi uma virtuosa senhora até ao momento em que encontrou Leopoldo Saavedra; mas Leopoldo Saavedra não tem glória nenhuma de ter vencido as virtuosas resistências dessa esposa e viúva exemplar. Se há alguma coisa a que deva atribuir-se esse triunfo, é aos oitenta mil francos de Leopoldo Saavedra...

— Que diz, senhor?!

— Não me compreendeu?

— Penso que ouvi dizer que a duquesa se vendera por oitenta mil francos...

— Justamente.

— Explique-se, senhor Alberto de Magalhães! Mas pela sua honra, não zombe de mim com semelhante ultraje.

— Que me explique?! Pois fui obscuro?

— Sim... não concebo a maneira como foi dado esse dinheiro.

— Da maneira mais simples. Escrevi-lhe uma carta oferecendo-lho, e ela respondeu — me com outra aceitando-mo.

— Com a condição...

— Sim, com a condição de se entregar lealmente ao seu comprador.

— Quero uma prova, senhor Alberto!

— Só posso dar-lhe meia prova, a outra metade que lha dê ela. A minha está aqui. Alberto abria uma carta, que D. Pedro lia sofregamente. Era a resposta que anuía à proposta de Leopoldo Saavedra, em quatro palavras:

Sim, hoje às duas horas da noite.

— Isto não prova a infâmia — disse D. Pedro.

— Não se fala aqui em dinheiro.

— Ah! não? Então será nesta... Era uma longa carta em que a duquesa de Cliton, referindo-se ao dinheiro que recebera e restituíra vinte e quatro horas depois, reputava desvanecida na sua consciência de mulher, a nódoa aviltante de semelhante contrato.

D. Pedro da Silva, lida a carta, fixou Alberto com a penetração de um demente, tremiam-lhe os lábios brancos, vibravam-lhe em todo o corpo calafrios do terror, e o coração confrangido batia-lhe no peito em ímpetos, que o pobre rapaz acreditou que deviam fulminá-lo ali.

Alberto de Magalhães condoeu-se desta situação, e repreendeu-se de exacerbá-la tanto.

— Senhor Dom Pedro — disse ele — a sociedade tem muitas pústulas assim. É a primeira que lhe vê? Tenha coragem... não sucumba... É pena que seja este o primeiro desmentido à sua inocência, porque é forte de mais para um coração jovem... Estas torpezas é melhor lê — las nos romances, é melhor duvidar que possam dar-se, que experimentá-las sem as ter imaginado. Eu sabia que a vossa Excelência devia sucumbir... sabia-o, porque eu mesmo, homem do mundo que lera e experimentara todas as ignomínias, pasmei da corrupção da mulher, que me ouviu com fastio nas salas, que me desprezou a fácil oferta do coração, e aceitou a mais fácil ainda do dinheiro...

— Senhor Alberto... por piedade peço silêncio... Tenha a bondade de fazer parar a carruagem, que preciso sair... não estou bem aqui...

— A carruagem vai por instantes parar à minha porta. Vossa Excelência há de aceitar a minha casa... é a do único amigo que tem no mundo... Vai conhecer uma mulher que foi íntima amiga da sua mãe... Falaremos muito da sua mãe, de dona Antónia, e de padre Dinis... Vai ouvir a história da estranha missão que esta gente veio cumprir sobre a

Terra... Habitue-se a ouvir o som das minhas palavras, porque não há ainda vinte e quatro horas que eu dizia a minha mulher que a vossa Excelência era uma pessoa da minha família. e a minha mulher era profeta quando me disse que o filho da condessa de Santa Bárbara tinha muita liberdade e poucos anos... Não se enganou... Arrependo-me de lhe ter feito a vontade, senhor Dom Pedro...

— De me ter feito a vontade?

— Sim... E não devia conceder-lhe a sua vinda de Londres para Paris... A moderna Babilónia devia perdê-lo...

— Pois é Vossa Excelência quem me governa?

— Indiretamente... Os seus passos têm sido sancionados por mim... Eu sabia que a vossa Excelência saíra de Paris; mas o dinheiro que sacara, quinze mil francos, fez-me crer que a sua viagem era curta... Tudo isto parece-lhe uma coisa extraordinária, não é assim?

— Um sonho ... atroz!...

— Hei de melhorar-lhe a sua situação, Dom Pedro... Confie em mim, que tenho um grande poder na sociedade, porque a sociedade é bastante vil para me reputar um

grande homem... Sou rico, Dom Pedro... Hei de dar-lhe conselhos e ouro... Não prometo dar-lhe boas ilusões para a alma, mas hei de ensiná-lo a comprar os mais caros gozos da matéria... Queira apear... A minha casa é aqui.

D. Pedro recebeu o braço de Alberto, e foi, inerte de espírito, maquinalmente, subindo as escadas. Entrou numa sala em que Alberto lhe disse:

— Eu volto já... e para não estar só, converse com a sua mãe, que está ali.

D. Pedro estremeceu, quando viu o retrato da sua mãe na direção do dedo de Alberto.

Sozinho, aproximou-se. Mancebo, com todo o fervor das paixões nobres, chorou. Inteligente, com a nobre superstição do talento, sentiu necessidade de balbuciar: “minha mãe!”

Naquele momento, uma voz Intima, melodiosa como um cântico dos anjos, repetia as últimas palavras de Ângela ao seu filho, escritas para Londres, quinze dias antes da morte dela.

Eram estas:

Viva ou morta, meu querido filho, chama-me, pronuncia o meu nome, pinta-me na tua fantasia, Ouve-me, e sentirás que te fato; olha-me, e verás que te vejo. Pede-me a profecia do teu destino, e ouvirás que te digo “tens de ser muito desgraçado, porque és meu filho!”

— Vossa Excelência tem a bondade de seguir-me? D. Pedro seguiu o escudeiro, e à entrada de uma pequena sala ricamente trastejada, encontrou Alberto, que lhe disse:

— Toda esta casa deve considerá-la sua residência, senhor Dom Pedro; mas com especialidade esta sala, e aquelas alcovas. Se resolve demorar-se em Lisboa, lembro-lhe que a casa onde existem os espólios mais gratos de uma mãe para seu filho, deve ser a preferida pelo filho de dona Ângela de Lima.

— Muito agradecido, senhor Alberto de Magalhães: mas eu não me demoro em Lisboa. Preciso ir imediatamente a França; creio que sairei depressa dali e depois seguirei o destino que me aprouver.

— O que lhe aprouver, não; porque Vossa Excelência não é absolutamente livre nas suas ações.

— Não sou?... Queira explicar-se.

— Sim, senhor, já que me força. No momento em que eu fizer suspender os recursos que, até hoje, estiveram às suas ordens, Vossa Excelência é um ente desamparado.

— Por consequência, eu tenho vivido até hoje das suas esmolas? Alberto, embaraçado na réplica para que não estava preparado, respondeu com menos prontidão:

— Não, senhor. Não tem vivido das minhas esmolas; mas vive debaixo da minha tutela: eu sou o administrador da sua fortuna, e a vossa Excelência apenas tem vinte anos... não é senhor absoluto do seu património.

— Quem me legou esse património?

— Não sei.

— Não foi minha mãe, nem meu pai, nem padre Dinis?... Emprazo o seu cavalheirismo para que me responda.

— Não, senhor.

— Portanto renuncio a essa esmola de mão oculta, contanto que me deixem a minha liberdade.

— Ninguém tem a liberdade de fazer-se desgraçado, quando um amigo lhe diz: “Não serás desgraçado!” Vossa Excelência há de ser dócil ao representante de padre Dinis, ao testamenteiro da sua mãe, a um dos dois que enxugaram as derradeiras lágrimas dessa nobre senhora. Entre na consciência dos seus deveres. Encare-me como um homem que deve respeitar. A ridícula importância de rivais, que exercemos há poucos minutos, deve desaparecer da sua imaginação. Aí está uma criança que daqui a um ano há de rir-se da situação de hoje. Aqui está um homem de quarenta e quatro anos, que sente a ânsia de comprimi-lo ao coração, como quem abraça um filho. Se me não estima, possua-se de algum respeito ao meu carácter. Se me não quer para amigo, há de sofrer-me como preceptor. Quando padre Dinis vier a esta terra, renuncio o domínio que me foi delegado na sua educação. Vossa Excelência será livre. Receberá das mãos desse santo, ou desse demónio, a sua herança, e sepulte-a nas ondas, se assim o quiser então. Por enquanto não. Não pode renunciar a minha influência, porque ninguém tem direito a renunciar à honra impunemente... Senhor Dom Pedro da Silva, minha mulher vem cumprimentá-lo.

D. Eugénia agitada pela surpresa de tal aparição, mas alegremente agitada, entrava na sala. D. Pedro ainda com o chapéu na mão, em postura de quem vai despedir-se, recebeu-a com ares de distraído, friamente. Eugénia esperava outra receção, ou queria encontrar no filho de D. Ângela de Lima e efusão carinhosa da sua mãe.

D. Pedro, transido da sua angústia, recorreria às frivolidades do cumprimento, se a sua dor fosse pequena, ou se o hábito de sofrer o tivesse industriado no doloroso artifício de sorrir nos lábios, e chorar no coração.

— Senhor Dom Pedro da Silva — disse Alberto, conduzindo-lhe Eugénia pela mão — , minha mulher é filha da sua amiga dona Antónia...

— Dona Antónia!... é impossível! Dona Antónia era irmã de padre Dinis, e a vossa Excelência é portanto sobrinha de padre Dinis?...

— Não sou...

— Não é — respondeu Alberto, apressando-se a evitar a confusão de Eugénia. — Dona Antónia não era irmã de padre Dinis... Foi um problema para todos, menos para esse

homem, que tinha o segredo de resolver todos os problemas do infortúnio... É uma longa história que a vossa Excelência ouvirá, quando quiser estudar estas existências, que o rodeiam, e que vão desaparecendo todos os dias... para além do mais apresentando-lhe Eugénia como a confidente de dona Ângela de Lima, e a sua amiga única, desde que dona Antónia saiu dos braços dela, porque devia morrer no momento em que a felicidade começava para ambas...

— Que coisas tão confusas! — murmurou D. Pedro, apoiando a cabeça na mão. — É incrível que a minha cabeça possa com tanto!... Tanto mistério!... Não é possível, em duas palavras, senhor Alberto, saber o que sou, quem é Vossa Excelência, quem é padre Dinis, que interesse há em me envolverem desde criança num labirinto de incertezas!?

— Quem Vossa Excelência é? Sabe-o de mais, creio eu. Quem eu sou? Pergunte-o à sociedade, e adote a explicação que mais lhe convenha. Se me obriga a responder, por mim, digo-lhe que sou um misto de virtudes e de crimes. Quem é padre Dinis? Não sei, e daria milhões a quem mo dissesse. O que posso afiançar-lhe é que a vossa Excelência sem

padre Dinis, seria a estas horas um punhado de cinza. Perguntou o interesse que havia em rodeá-lo de mistérios. A resposta é complicada. A sua mãe nasceu no fastígio da sociedade. Lá de cima vêm à terra as reputações com grande estrondo. O seu nascimento, senhor, foi uma ignomínia, e tamanha, que o seu avô, para manter a pureza de linhagem, deliberou a sua morte, em sacrifício à honra da sua casa. As ordens do fidalgo foram iludidas; Vossa Excelência viveu; mas essa vida não podia manifestar-se à luz do dia, porque era uma vida salvada a furto; era um quadro desonroso que se escondia aos olhos da sociedade; era uma acusação vilipendiosa à honra de Ângela de Lima. Acha infame esta moral? Também eu; mas curve a cabeça, que eu também a curvo. A humanidade é isto. Quem não quiser transigir com ela, suicide-se; mas o melhor é transigir, porque a misantropia não tem indemnização nenhuma e a reclusão dos conventos caiu em ridículo subterfúgio das almas pequenas. Amargam-lhe estas lições, meu jovem amigo? Cumpro uma promessa... Disse — lhe há pouco que não prometia dar-lhe belas ilusões para a alma, mas ensiná-lo-ia a comprar os mais caros gozos da matéria... Que mais quer de mim? Consolações frívolas ao

seu sofrimento de hoje? Sejamos maiores que a sua dor, que não merece, realmente, a aplicação do nosso talento médico em curá-la...

D. Pedro fez um polido gesto de pedir silêncio, cuja significação Eugénia não entendeu. Um criado chamou para o jantar. D. Pedro suplicou três vezes a mercê de o deixarem naquela sala por alguns instantes. Eugénia, com irresistível afabilidade, estendeu — lhe a mão, convidando-o a acompanhá-la. O filho de Ângela, surpreendido do carinho, ou lisonjeado da familiaridade, ofereceu-lhe o braço, sem resistência ao convite. Alberto de Magalhães, que aplaudira o feito galante da sua mulher, disse com orgulho, na sua consciência, que nenhum homem seria mais teimoso que D. Pedro da Silva convidado por Eugénia.

# CAPÍTULO XXI

Vejamos o que à mesma hora, se passa em Cliton. A duquesa, na opinião das suas criadas, está outra vez sofrendo acessos de beatério, porque há vinte dias, não recebe alguém, à exceção do visconde de Armagnac, e do seu médico. Encerrou-se no seu quarto, recebe os alimentos por escrúpulos, não consente que as suas criadas se interessem no seu alívio, e permite apenas que se abra meia janela, quando se lhe anuncia o solícito doutor, ou o visconde.

À hora, pois, em que D. Pedro da Silva ouvia atentamente Eugénia, que contava comovida a história da sua mãe, a essa hora estava o visconde de Armagnac sentado à cabeceira do leito da duquesa. O médico saíra momentos antes, encarecendo os incómodos da sua ilustre enferma, apoiando liberalmente todos os padecimentos que ela imaginava, e dizendo, em ocasião propícia, ao ouvido do

visconde, que a duquesa não tinha nada fora do espírito, e que os limites da medicina estavam no corpo.

A duquesa fixava o visconde com a silenciosa ternura de quem espera um alívio da pessoa que lhe conhece os segredos da sua dor.

— Notícia nenhuma, senhor Visconde?

— Se tivesse a dar-vo-la não esperaria que ma pedísseis, senhora Duquesa.

— Sabeis se escreveram ao cônsul para indagar os movimentos de dom Pedro?

— Escreveram; mas não há tempo ainda para a resposta.

— Que vaticinais deste infortúnio, senhor Visconde?

— Não vaticino ventura nenhuma, senhora Duquesa. Foi uma imprudência...

— Minha...

— Sim... vossa... Um velho tem liberdade para falar a velha linguagem... Foi vossa... não devíeis chamar à intimidade dos vossos segredos uma criança com o sangue

da juventude alterado pelos fogachos dos malditos romances, que pervertem o gosto, e a organização...

— Mas eu amava-o... e não queria amá-lo para me satisfazer o capricho de alguns dias... Tremia que amanhã lhe contassem esse negro quadro da minha história, e que ele me reputasse uma vil mulher, um triunfo dos que se atiram aos pés, e se lhes cospe em cima. Eu queria-o para o meu marido, e impus-me o dever de apresentar-me com essa nódoa, que me humilhava diante de um jovem cheio de candura e sentimentos nobres. Não me arrependi ainda, porque é nobre ser-se desgraçada, e não há felicidade à custa de vilanias... Os lábios podem rir; mas a víbora enroscou-se no coração. A vergonha onde menos se manifesta é no rosto... Está na consciência... é uma brasa viva sempre... e há de matar-me esse fogo...

— Não descoroçoeis, senhora Duquesa...

— Quereis iludir-me... Eu adivinho tudo... eu ouço um demónio que me diz tudo o que até aqui se tem passado.

— Sois ilustrada de mais para tanta superstição...

— Não é isso que chamais superstição... São os factos que se seguem uns aos outros... é a filosofia da desgraça que me ensina a tirar as consequências dos princípios... Quereis saber tudo? Lembrai-vos, bem, Visconde, que vos disse aqui... Pedro da Silva era um cavalheiro, e desafiou Alberto. Alberto não se bate porque não aceita desafios... Pedro precisava dizer a esse homem as razões que o levavam a semelhante provocação. Disse-as, com toda a nobre coragem do jovem, que desagrava uma mulher ultrajada na sua honra, e assassinada na vida do seu irmão... depois...

— Que mais quereis? Se Alberto de Magalhães é tão vil que não aceita uma provocação tão nobre, é digno de ser apunhalado pelas costas, visto que a justiça o não entrega ao algoz...

— Não será assim, senhor Visconde...

— Pois que vaticinais?

— Alberto mostrar-lhe-á as minhas cartas...

— Que importa? As vossas cartas que podem dizer? Uma confissão apaixonada do vosso delírio? Isso já não é novo para dom Pedro, que conhece de vós mesma o amor infeliz

que desperdiçastes com esse aventureiro... As vossas cartas são inocentíssimas... São até uma nova justificação do crime porque ele deve ser punido...

— Não, Visconde! — disse a duquesa, levando as mãos aos cabelos desgrenhados, e afastando-os do pescoço com frenesi. — Não... essas cartas revelam... essas cartas são a minha condenação irreversível...

— Não veio, porquê, senhora Duquesa! O mais que podem revelar é que a vítima sucumbiu aos ardis do traidor... Essa fraqueza é muitas vezes um honroso diploma, escrito com lágrimas sim, mas honroso sempre para os corações nobres... corações como o vosso, senhora Duquesa, que não tem senão mil virtudes a absolver um crime...

— Enganais-vos... não sabeis o que essas cartas são.

— Não vos martirizeis, assim, Duquesa! Falai com tranquilidade... conversemos...

— Deixai-me chorar!... concedam-me esta covardia, já que não tenho a coragem do suicídio... Ah, padre Dinis, padre Dinis, que foste a minha desgraça!

— Em que padre Dinis falais?... Serei talvez indiscreto na pergunta; mas é a primeira vez que vos ouço pronunciar esse nome.

— Deixai-me este segredo, Visconde... Não vos doa a curiosidade de querer entrar no fundo desta escuridade em que me vejo... Recuareis espavorido...

— Não é curiosidade, senhora Duquesa; é o interesse em ser-vos útil; mas não valho nada... principio a desconfiar de que só há um homem que pode trazer-vos a bonança à cabeceira do vosso leito...

— Esse homem não tomará aqui mais...

— Quem... dom Pedro?

— Sim... sim... dom Pedro não tornará mais a esta casa, nem talvez à vossa.

— Diz-vos o pressentimento que o mataram?

— Diz-me que morreu para mim... A estas horas está envergonhado de me ter conhecido...

— Que imaginação!... Serenai, Duquesa, Fazei valer sobre vós o vosso grande espírito! Vede que a nossa vida tem um

largo horizonte onde encontrareis para a dor de hoje uma consolação amanhã. Que alma é essa que se confrange assim antes que a toquem os desgostos? Pois nem sequer esperais a hora do sofrimento? Que fareis então quando o punhal vos ferir deveras?

— Morrerei!...

— Morrereis! ... Fraqueza que vos não granjearia sequer a piedade do deão de Angoulêrne, que havia de ver na vossa morte as funestas consequências do vício. Eu queria ver-vos mais altaneira, de face com as angústias, que são sempre as precursoras das alegrias. Quem é hoje que se deixa morrer de uma paixão?

— Ninguém; mas de vergonha... eu!

— E tendes vivido cinco anos, depois que a consciência vos acusa! Ora confessai que os vossos sentimentos são saudades do meu hóspede, e eu prometo que ele virá beber essas lágrimas, e embriagar-se do amor que elas destilam...

— O vosso gracejo é importuno, senhor Visconde!

— Quereis que choremos ambos?

— Não... eu quero chorar sozinha; mas não vos dei ainda motivos para que me negueis uma séria compaixão... Esta desgraça não é cómica!... Oh! Providência! Como Tu és inflexível...

— Senhora Duquesa... não posso ouvir-vos declamar assim... Vede o que eu posso fazer-vos, e achareis do velho quase inútil o amigo da vossa mãe, o homem que a sentiu expirar nos seus braços...

— Nem tão trágico, Visconde! Não faleis na minha mãe, que eu tenho medo a esse nome... Eu via-a já reprovar a minha vida... Não me faleis, nessa mártir, se o foi, porque passarei uma noite tormentosa... Quereis contar-me o segredo da sua vida? Ou da sua morte?

— Não, senhora... É impossível... morreu com ela... e morrerá comigo!

— Só convosco?

— Só.

— Ninguém mais neste mundo o sabe?

— Alguém poderia sabê-lo...

— Quem?

— Esse nome é metade do segredo...

— Vive ou morreu?

— Morreu.

— Tendes a certeza disso?

— Tenho...

— Qual?

— Não posso responder-vos mais... nunca disse tanto como agora... Tenho-me fingido completamente estranho ao lance que se passou aqui, para evitar interrogatórios...

— Pois basta... Assistireis a outro talvez mais desgraçado...

— É impossível.

— A morte? É o que eu vejo mais perto de mim... É a única, neste mundo, que me dá um sorriso de esperança.

— E no outro?

— Que tenho eu com o outro?

— Estais assim, Duquesa? Olhastes para a corrupção e ficastes de gelo como a mulher de Loth! Não credes em nada?

— Creio que estou condenada, que tenho o meu inferno em redor de mim...

— Incompreensível! Porque sofreis assim? Dai-me a razão, ou eu duvido.

— Não duvideis... Heis de lê-lo brevemente...

— O quê?

— O meu libelo infamante... a acusação que nem vós me perdoareis... Visconde, se me não levais a mal esta súplica, retirai-vos.

— Obedeço, senhora Duquesa...

O visconde inventou todos os crimes; recordou-se de todos os lances trágicos da história; combinou todas as desventuras possíveis, e não achou a incógnita daquele insondável tormento.

Visitando-a todos os dias, procurando delicadamente trazê-lo ao segredo do seu grande pavor, não conseguiu

nunca arrancar à duquesa a última palavra. Chegou a chorar com ela, porque em verdade a situação daquela mulher era lastimável.

A duquesa estremecia, com o ouvido atento, apenas ouvia passos ao longe do seu quarto. O presságio dizia-lhe que D. Pedro da Silva não tomaria ali, e, contudo, o rumor de passos apavorava-a, e entre as vozes confusas dos servos parecia-lhe sempre ouvir a de D. Pedro, que dizia: “Infame, que te vendeste!” A estas visões seguiam-se as lágrimas, os frenesis, a febre, e a necessidade de ter ao pé de si o visconde, que não concebia a extravagância de tais medos.

Assim correram vagarosos e atribulados vinte dias. Assim amanheceram e escureceram dias de angústias, presenciadas pelo velho amigo de Cliton, que dava a Satanás a ideia maldita que tivera de apresentar o seu hóspede naquela casa, fatal depois de um século!

O médico já não assistia impassível aos sofrimentos da duquesa. O espírito entrara nos limites da matéria, e a medicina era impotente na cura de uma enfermidade cuja causa recrudescia cada vez mais. Interessado na honra da ciência, dera-se com todo o desvelo a cortar no coração da

ilustre enferma a raiz do mal. A necessidade do desabafo fê-lo confidente da duquesa, e o doutor esquecia a sua vasta clínica, acompanhando o visconde nas estéreis consolações.

Eram, pois, passados vinte dias, depois que D. Pedro saíra do palácio de Cliton, prometendo vingar a morte de Artur de Montfort.

A duquesa, nesta noite, sente-se mais comprimida, queixa-se de que não tem ar para viver uma hora, fala ao médico de visões que lhe perturbam a cabeça, e faz um esforço sobre a sua vontade caprichosa para ceder aos dois amigos, que a conduzem a respirar nas salas um ar novo.

A duquesa sente esvaimentos, e desmaia numa otomana, murmurando que já vê a mortalha na mão de um demónio, que a não deixa um só instante. Este demónio, reduzido a figura humana, é Alberto de Magalhães, revelação sobrenatural, que ela fez ao visconde, diga-se a verdade, mais imbecil do que devia supor-se, porque perguntou ao médico se seria possível espancar aquela visão com algum medicamento. O médico respondera que o medicamento

mais apurado para afugentar a visão de Alberto de Magalhães, eram algumas onças de D. Pedro da Silva.

O doutor não acreditou na morte anunciada pela duquesa, e gracejou durante o desmaio, pedindo ao visconde que fosse dar com ela um passeio até Portugal, e que dirigisse as coisas de modo que ele, médico, viesse um dia a comparar a duquesa avó com a duquesa filha, e duquesa neta, porque a ciência lucraria muito com este estudo de raça e temperamentos homogéneos.

O visconde aplaudiu a argúcia com o seu fidalgo sorriso, e preparava-se para responder com outra de melhor gosto, e mais decente, quando a duquesa abriu os olhos, e sentou-se espavorida na otomana, perguntando se não estivera ali D. Pedro da Silva.

— Não, minha senhora, não temos o gosto de poder-vos dizer que sim — disse o médico.

— Não me iludam!... eu ouvi a sua voz... Ouçam... não entrou um cavalo no pátio?

— Não, senhora Duquesa.

— Como não? Zombam de mim? Ouçam... Visconde, é impossível que isto seja uma ilusão!...

A duquesa levantou-se; deu dois passos para a janela; afrouxaram-lhe as pernas, que não podiam com o ímpeto da arma, e encostou-se ao doutor, que começava a ouvir o ruído de alguma coisa no pátio.

Neste momento relincharam os cavalos da duquesa; outros, que não eram dela, responderam mais longe. O visconde correu à janela, e distinguiu na escuridade dois cavaleiros, que vinham vagarosamente por entre as longas alas de olmos, que forravam as muralhas do pátio.

— Penso que posso dar-vos os parabéns, Duquesa!...

— Oh!... — exclamou ela, caindo no sofá. — Os parabéns!... Folgo muito em vos dizer que não sois profeta... Creio que temos aí dom Pedro... Eu vou saber...

— Não... não! — exclamou ela, estendendo-lhe os braços — não vos retireis de ao pé de mim... por quem são... não me deixem... se é ele... aqui o conduzirão... mas, Visconde, ide, ide... dizei-lhe que estou sofrendo de modo, que não posso falar-lhe... Ide também, doutor... Não vão... fiquem

aqui... não me deixem... já agora é preciso beber o cálice... com resignação... Compadeçam-se de mim...

Um criado pedia licença para introduzir o Sr. D. Pedro da Silva. Esperou alguns segundos a resposta. A duquesa fez um sinal afirmativo, que o visconde traduziu:

— A senhora duquesa manda entrar.

— Devo retirar-me, senhor Visconde? — perguntou o médico.

A duquesa fez um sinal negativo: pôs um lenço nos lábios, como refrigério; pendeu a cabeça com gracioso desleixo, e esperou.

# CAPÍTULO XXII

D. Pedro foi adiante da duquesa, e cortejou-a silencioso. Recebeu a mão do visconde, e fez um leve aceno de cabeça às reverentes curvaturas do médico.

— Dai-me um abraço com mais efusão, jovem — disse o visconde, abraçando-o.

— Honrais-me com essa expansão, Visconde — respondeu D. Pedro, correspondendo afetuosamente ao abraço do velho.

— Não cumprimentais a duquesa?! — murmurou o visconde ao ouvido do rapaz, favorecido pela postura do braço.

— Permitis, senhores — disse D. Pedro — que eu tenha alguns minutos de particular inteligência com a senhora duquesa?

O doutor respondeu, saindo. O visconde conduziu o seu hóspede para o fundo da sala:

— Ides fazer algum destempero?

— Não, Visconde, podeis estar na sala próxima que não ouvireis uma palavra. Eu não destempero com essa facilidade... Sou português, não o sabeis?

— Olhai que essa desgraçada senhora está doentíssima... quereis matá-la?

— Matá-la eu!... vós desfrutais-me! Eu mato lá alguém? Que é o que vos faz recear que eu tenha a dizer-lhe palavras que não sejam muito afetuosas?

— Não sei... ela suspeita...

— Ah!... ela suspeita?! E vós?...

— Eu... não... não atino com a razão destes sustos.

— Tendes a bondade de vos retirar?

— Cumpro... prometeis-me prudência e honradez?

— Essa pergunta é quase um insulto... Retirai-vos, se me não quereis obrigar a pedir — vos quarta vez.

O visconde saiu respondendo com um olhar duvidoso ao olhar suplicante da duquesa.

D. Pedro, com o chapéu na mão, sem descompor-se da postura de um cavalheiro que estuda atitudes, sem puxar cadeira como é de estilo nos dramas de enfurecidos de pé, diante da duquesa, com um amável sorriso nos lábios, que se desmentiam, falando como quem diz numa sala, um segredo a uma dama, sem lho dizer ao ouvido, falou assim:

— Senhora duquesa de Cliton, recebeis-me tão friamente?!

— Sentai-vos, senhor.

— Permiti que vos não obedeça. Eu demoro-me instantes. Há vinte dias, ninguém diria que eu seria hoje assim recebido nesta sala...

— Eu preciso ouvir-vos, senhor Dom Pedro... Tenho o coração aqui algemado no peito... não o deixarei expandir-se, sem que vos ouça.

— Então receais que eu vos diga uma de duas coisas? Há, porventura alguma que não seja boa?

— A minha, situação não comporta as vossas ironias... dizei uma delas.

— Eu tenho a dizer-vos só uma, porventura, a mais agradável para ambos. Esta carteira contém uma cédula de oitenta mil francos. Desejo-vos bastante para trocar convosco esta quantia. Acreditai que vos não acho cara, senhora Duquesa. Mas se o preço estipulado por Alberto de Magalhães não é o corrente... eu não duvido aumentar alguns francos...

A duquesa, deixai-me assim dizer, morreu durante aqueles segundos. Desfigurou-se completamente. Da palidez passou para o escarlate, como se lhe tingissem as faces de sangue. D. Pedro pronunciara a última palavra com estudada frieza satânica, quando a duquesa, como ressuscitada, ergueu-se em pé, cravou os olhos ensanguentados nele, e disse, em voz que vinha de dentro como as últimas palavras de um moribundo que vai morrer de raiva:

— Saí da minha casa, quando não mando-vos azorragar pelos meus lacaios! já, canalha!

— Um momento, ilustre senhora. Consenti que vos entregue duas cartas, que me autorizaram a propor-vos um segundo contrato absolvido pelo primeiro. Inutilizai, senhora Duquesa, esses papéis, se não quereis que um terceiro venha amanhã oferecer-vos menos de oitenta mil francos.

D. Pedro retirava-se.

— Olhai, senhor? — disse a duquesa, face a face com ele é necessário que eu vos tenha desconsiderado muito, para vos não dar uma bofetada... Sois bastante infame, para não sentirdes a afronta... Saí!

— Senhora Duquesa, se tivésseis um irmão, ou um amigo, cuspia-vos no rosto... Ninguém se responsabiliza por vós...

A duquesa tocou uma campainha. D. Pedro saíra por entre o médico e o visconde, aos quais não disse palavra, e talvez não visse. O rápido e forte tinir da campainha, no momento em que o português sala, não impressionou os criados, que supuseram ser chamados para acompanharem a visita.

O visconde, porém, entrara pálido na sala, e encontrou a duquesa encostada com as mãos à jardineira, convulsa, com os olhos fuzilando lume, cravados na porta por onde saíra D. Pedro, e com as suas duas cartas cerradas nos punhos.

— Que tendes, senhora Duquesa? — perguntou o visconde, fazendo-a sentar. — Entrai, doutor... Vede o que isto é... Ela não me responde... Olhai o que ela tem nos olhos!...

— Queimai... — balbuciou a duquesa, entregando as duas cartas ao visconde, que as queimou logo, chamando-a de novo.

— Não a chameis, senhor Visconde... — disse o médico, tateando-lhe o pulso e as fontes. — Isto vai passar... Ajudai-me a transportá-la para a otomana... vai desmaiar.

Assim aconteceu. A vida gasta na vertigem de alguns minutos devia restaurar-se com a perda dos sentidos. O visconde pedia ao médico que não abandonasse a duquesa naquela noite, e foi a sua casa onde esperava achar D. Pedro.

Encontrou-o, escrevendo-lhe uma carta, que devia ser-lhe entregue, por isso que D. Pedro queria partir naquela noite.

— Que fizeste àquela mulher?

— O que eu lhe fiz?... Conversei com ela...

— Que cartas eram aquelas?

— Ah! vós vistes essas cartas?

— Vi.

— Se as vistes porque me perguntais que cartas eram?

— Não as li... queimei-as, a pedido da pobre senhora, que ficou desmaiada.

— É de uma sensibilidade esquisita aquela dama! É uma perfeita atriz!...

— Respeitai-a, senão podeis amá-la. Eu não vos consentirei esses chascos de criança.

— Calai-vos lá, senhor, que eu não dou mais importância às vossas cãs... Respeitai-me a mim, digo-vos eu agora!

— Sede mau amante, se vos apraz; mas mau amigo, não! Explicai-me este enredo... Que passastes com Alberto de

Magalhães? Viste-lo?

— Vi.

— Batestes-vos?

— Sim, senhor.

— E depois?...

— O vosso “depois” a que se refere?

— Um de vós...

— Devia morrer... é o que quereis dizer?

— Sim...

— Vivem ambos com a mais perfeita saúde, e claro entendimento.

— Não entendo...

— Não tenho eu sido preciso nas minhas respostas, Visconde?

— Tendes... mas ocultais-me tudo...

— Não posso descobrir-vos mais nada.

— Aquelas cartas que continham?

— Perguntai-o à duquesa.

— Eu não vos mereço uma confidência?

— Se fosse minha, a confidência, seria vossa. Essas confidências só pode fazê-las a duquesa de Cliton.

— Que mistério!... Quais são as vossas intenções agora?

— Vou marchar para Paris.

— Esta noite?

— Imediatamente.

— Não dais folga aos cavalos?

— Tenho outros de quatro em quatro léguas.

— Descansai ao menos esta noite.

— É impossível, Visconde. De hoje a três dias dei a minha palavra de honra que estaria em Londres.

— Em Londres?! E depois?

— Vou para Constantinopla fazer a minha residência.

— Só?

— Não... com uma família de Lisboa.

— Não torno a ver-vos, Dom Pedro?

— É crível que não... dai-me um abraço... e sabei que a minha morte moral encontrei-a nesta casa... Vede-me bem... Nesta idade... sou o mais desgraçado dos homens! Essas lágrimas lisonjeiam-me... Fostes um bom amigo... eu é que não quis ouvir as vossas profecias... Adeus, Visconde...

— Dom Pedro... não me deixeis assim como um homem indigno de confiança... Que crime espantoso praticou aquela mulher?

— Não tenteis a minha honra, que baldais a vossa amizade... Sou criança, mas envelheci há vinte dias, e tenho um perfeito conhecimento dos deveres do homem experimentado... Sede bom para ela, que sois o seu único amigo... Adeus...

Abraçados, trocaram lágrimas de verdadeira estima. Um, com a sensibilidade dos vinte anos, outro com a ternura da ansiedade, que afaga um filho adotivo; choravam ambos, e, porventura, vaticinavam que não tornariam a encontrar-se.

# CAPÍTULO XXIII

São 2 de Outubro de 1837. Ao Cais do Sodré, em Lisboa, convergem as carruagens fidalgas e burguesas de Lisboa, com os seus donos para o bota-fora de Alberto de Magalhães e a sua esposa, que vão viajar por alguns anos.

Passa-se aí uma cena mais ou menos ridícula, mas, digam o que disserem os chocarreiros circunstantes, há ali alguma coisa patética. O caso é este: o barão de Sã, que fora, meses antes, expulso com ignomínia de casa de Alberto de Magalhães, por insultar o barão dos Reis, casado com a tia da sua mulher, o fatal barão de Sã, dizíamos nós, não podendo ver partir o seu amigo sem reconciliar-se com ele, aparece na ocasião solene das últimas despedidas, no Cais do Sodré.

O bom homem, que era digno do título, mas sensivelmente tolo, chegou com as lágrimas nos olhos, ao pé de Eugénia, e beijou-lhe a mão. Voltou-se depois para

Alberto e beijou-lhe a testa com grandes gaifonas de ternura.

Eugénia encarou compassivamente aquele lance, e disse no fundo da sua boa consciência que o barão de Sã era um néscio digno de melhor sorte. Alberto abraçou-o com piedoso desdém, e olhou com sobranceria os espirituosos, que chasqueavam a pieguice do barão.

O incidente passou. Eugénia recaiu na melancolia, que o seu marido lhe não consolava, porque a opressão que lhe apertava a alma, enfraquecendo-lhe o ânimo, era daquelas que precisam consolações, às vezes, de uma criança.

A filha de Antónia abraçava com a mesma indiferença as falsas e verdadeiras amigas. Olhos e coração tinha-os fixos no seu marido, que recebia os abraços da fria formalidade com a soberana indiferença de um príncipe entre aduladores servis.

A escuna portuguesa Akibne dera o último sinal de levantar ferro. Os viajantes entraram na lancha rodeada de botes, entre os quais avultava o do barão de Sã, que embebia as lágrimas num lenço branco em que as senhoras

repararam muito, admirando — lhe as puras rendas da Escócia, que o franjavam, coisa só vista no barão de Sã: pode ele ter essa glória.

Eugénia precisava soltar do coração as lágrimas presadas. Desceu à sua câmara, faustosamente adornada, e chorou, sozinha; sentiu o desafogo de uma violenta dor, que não sabia definir.

Se marido, que a encontrara assim, tomou a face dela sobre o seio, cobriu-a de beijos, enxugou-lhe as lágrimas, e, por lenitivo, apenas balbuciou três vezes o seu nome.

Esta situação permaneceu assim longos minutos. Chegaram a fitar-se tristemente; interrogavam-se na aflitiva mudez de dois infelizes condenados a não se queixarem, caminhando para a morte.

Alberto o que sentia? Que dor era aquela de Eugénia? Que presságios estendiam o mesmo crepe sobre dois corações? Que medo os congela, a ponto de não trocarem duas perguntas?

— Vamos ver o mar, Eugénia — disse ele, oferecendo-lhe o braço. — Se tu não enjoasses faríamos uma bela viagem.

O céu está delicioso... o vento é favorável, o mar convida a cismar no céu... olha como é bonita esta amplidão!... Tira os olhos da terra, Eugénia... A majestade da natureza está adiante de nós!... Além que fica? A turba que folga e ri, a miséria que representa comédias para se esquecer de que a tragédia esfarrapada lhe lavra nas entranhas... Deixa a sociedade... Olha o mar...

— Sim... o mar é belo... esta comoção é quase nova para mim... mas, além, além...

— Fica o túmulo da tua mãe...

— Sim... o túmulo das minhas amigas...

— Sentirás aqui, mais vivas saudades delas... Conversemos com as suas imagens... Porque não tens saudades da irmã da tua mãe, que lá fica viva, e se despediu de ti com os olhos enxutos?... A morte é que reabilita as amizades ... eu sei-o bem, Eugénia... Deixemos os mortos, que são o pó... o espírito, esse, se o amas, acompanha-te... É aqui nesta solidão, que eu vejo Deus lá em baixo naquele horizonte infinito... Foi aqui onde eu senti abalos fortes à minha descrença em tudo... O que é a vida!

Quem poderá dizer que a sua alma está morta!... O que eu hoje sinto!... que vontade de pedir ao céu que se abra para nos receber!...

E, contudo, a minha vida começou há tão poucos dias! Não é cansaço... é a ânsia da imortalidade... o terror de um abismo para cada um de nós, separados... talvez!...

— Juntos, meu anjo...

— Mas viver tão pouco!... É tão rápida esta Primavera, que vem depois de uma longa estação de gelo e desesperação na alma!

— Lembras-te, Alberto, o que eu te disse em Sintra, nos Pisões, na tarde do nosso casamento?

— Que foi, filha?

— Vivemos pouco porque era muita a felicidade... aqui descansa-se no seio da morte... Não foi assim?

— Lembro-me... mas eu não queria que me recordasses esse receio de então... Eu não quero vaticinar uma morte próxima...

— Nem eu, meu Deus!... Mas, se Providência não ouve as minhas súplicas... se te encontrar pendido ao abismo, hei de cair contigo... hei de dizer-te: “Vivermos pouco porque era muita a felicidade... aqui descansa-se no seio da morte...”

— Falemos da vida, Eugénia...

— Sim, sim, falemos da vida... Que fará agora o filho de Ângela?

— Anseia por nós... Está em Southampton com os olhos fixos no horizonte a ver se descobre estas velas... Vês como ele foi pontual? Disse-lhe que devia estar em Londres no dia dezoito, e apenas chegou foi apresentar-se a Lord Wilham. Que nobre coração em peito tão jovem!... Como podem nascer para o infortúnio aqueles espíritos!... E por pouco o seu primeiro vagido devia ser o último!...

— Foi padre Dinis que o salvou... Que divindade é aquele homem!... Terá morrido?...

— Não.

— Não? Soubeste-o!...

— Soube... ainda ontem por um jornal francês... Está na América missionando... Há de escrever com o próprio sangue a última página do seu Livro Novo... Que livro será aquele?!...

— Um milagroso encadeamento de virtudes...

— Quem sabe?... Os primeiros elos dessa cadeia... serão grandes crimes! _ Crimes... naquele homem?!

— Nele, em mim, em todos os homens que vêm aqui satisfazer um decreto superior...

— Não sei contrariar-te, Alberto!... As tuas palavras têm um cunho tal de certeza...

— De experiência atroz, Eugénia... Faz de conta que eu vim ao mundo e vi sobre uma pedra eterna, letras cobertas pela crusta dos séculos. Quis lê-las e não pude. Foi-me preciso chorar muito sobre essas letras, desgastar com lágrimas essa crusta, e, ao cabo de longas penas, decifrei a legenda, que dizia: “Desgraça eterna... Partilha de todos os homens ultrajados pelos homens ...” Foi o que eu li ...

— Pois, sim... mas não entristeças desse modo... Falemos em dom Pedro da Silva... É toda a nossa família que nos

espera, não é verdade?

— Sentes por ele uma ternura de irmã!

— Mais... eu creio que mais... queria poder chamar-lhe filho...

— Viste-o chorar com a história da tua mãe?

— Se vi!... Enganei-me com ele... Ao princípio julguei-o de pedra, e duvidei que fosse filho de Ângela de Lima... depois... era ele, Alberto, devia ser por força, o filho daquele anjo...

— Se lhe conhecesses o pai!... Que morrer tão lento!... Que perfume de mártir!... Que legado de remorso eterno!...

— Que tens, filho... tu empalideces?

— Nada, Eugénia... não é nada... É esta dor do coração que me há de matar...

— Sentes aquela pontada do costume?

— Sinto... agora não é tanto... passou...

— Fidalgo — disse o piloto — , amanhã não temos tão bom mar.

Alberto que não precisava interrogar as suspeitas do piloto, olhou para o norte, e respondeu:

— Aquilo é aguaceiro.

— O quê, Alberto? — perguntou Eugénia com timidez.

— Aquela pequena nuvem que apareceu agora... vês?

— Vejo... aquilo não é nada — disse Eugénia. Alberto fez sinal de silêncio ao piloto. Pouco depois, um castelo de nuvens alargava os flancos a nordeste. Alberto, como distraído, convidou Eugénia a entrar no beliche. Entreteve-a instantes, e subiu à tolda. O piloto mandava rizar o traquete, e colher o gafetope.

Alberto clamou:

— Olhe que todas as manobras sejam feitas sem ruído assustador. Qualquer que seja o contratempo proíbo que se fale em perigo... Mande amainar o joanete. Eu volto já.

Desceu à câmara. As criadas de Eugénia rodeavam-na perguntando-lhe se o mar estava bravo. A corajosa, que recebia a força sobrenatural do contacto com um homem

superior, zombava dos temores das criadas, que não podiam suster-se com o repentino balanço do navio.

Alberto passeava a passos rápidos, sorrindo à inocente intrepidez da sua mulher. Os tufões rugiam as gáveas, e arfavam na vela grande do mastro de ré aqueles latejos convulsos semelhantes ao som da água que referve na cachoeira. Do fundo da escada que subia da câmara para o convés, bradou Alberto:

— Riza todas as velas!

Instantes depois, Eugénia perguntava que ruído era aquele por cima.

— É chuva, minha intrépida navegadora.

— Queria ver a chuva no mar... Deixas-me Alberto?

— Pois sim... Mas olha que a chuva do mar não se vê impunemente como a de terra... A abóbada do navio é o céu...

— Não, que eu levo o guarda-chuva... Eugénia parou no topo das escadas, surpreendida pelo espetáculo novo. Instintivamente recuou, e, para não voltar as costas ao

quadro aterrador, violentou o ânimo, e cingiu-se ao braço do seu marido.

O céu era de bronze, e as nuvens cinzentas, como castelos a desmoronarem-se, boiavam no dorso das ondas, que se partiam nos flancos da escuna. O seio negro dos curtos horizontes, abria-se às vezes, e vomitava uma labareda instantânea. Sobre o navio estourara um trovão. Este som perdera-se ali, como o último arranco da humanidade agonizante, nas fauces do abismo.

— Tremes, Eugénia!...

— Tremo!... Isto é horroroso!...

— Queres retirar-te?...

— Não... Há perigo, meu filho?

— Nenhum...

— Esperemos, então...

— Queres ver sair a luz deste caos... Devia ser assim o primeiro dia da criação... O espírito de Deus era levado sobre as águas... Devem ser assim os paroxismos da natureza, no seu último dia... Tenho visto mil vezes esta

cena e acho-a sempre nova... Repara, Eugénia... Vês além a bonança?

— Onde?

— Aqueles dois palmos de céu sem nuvens?

— Vejo.

— É como o anjo da paz. Daqui a minutos este céu é o céu dos amantes que viajam... Poderemos dizer que assistimos vivos ao espetáculo da morte... que nos defendemos das iras da maior potência com quatro tábuas, que a mão do homem construiu...

— O homem... que é tão pequeno...

— Não, Eugénia, o homem tem em si o infinito da divindade... Li esta verdade neste grande livro, que vai fechar-se, e que a mão da Providência abre aos incrédulos... Que maior grandeza pode ter o homem! Não inventou ele a bússola, e o leme, que o faz olhar com orgulho, para a serpente da morte, que ameaça enroscar-se-lhe no débil trono, que o faz, rei dos elementos?... Vês, Eugénia!... aqui tens o céu de há pouco... Olha a bonança

como vem risonha a prometer-nos vida, e alegrias, sem fim!...

— Que tão linda mudança! Eu creio que sobre o mar há grandes prazeres, Alberto...

— Eu só tive um na minha longa vida...

— Um só?

— Este, Eugénia... só este.

— Não sentias o prazer da vida, quando te salvavas de um risco?

— Não: muitas vezes tinha pedido a morte, e a morte passava a sorrir de mim... indigno da paz, que mora lá em baixo no fundo do oceano... Festejemos o céu, cor da esperança... Vamos jantar, Eugénia?

— Sim... vamos jantar... Tenho apetite... Em sete dias de viagem verás que hei de pôr — me redonda, e bochechuda... quero comer muito, e nutrir muito para dom Pedro me não conhecer...

— Larga rizes! — disse Alberto ao piloto, que não ousava mandar diante do amigo íntimo de Salema, seu antigo amo,

bem sabia ele porquê.

## CAPÍTULO XXIV

O piloto enganara-se. Seguiu-se um dia delicioso. A escuna velejava, soberba de si, nas solidões sem horizonte, como a rainha dos mares. A felicidade ia-lhe no seio. Os minutos, que decorriam, não os anuviava a tristeza. Eram límpidos como o céu, serenos como a superfície do mar, claros e luminosos como a prata das ondas em que a Lua se revia. Até alta hora, Eugénia embebida na intimidade dos seus gozos, saboreava uma ventura só sua, egoísta, sem ter de comunicá-la ao seu marido, que a sentia deliciosa como ela, e livre de atender à sociedade frívola que tantas vezes lha perturbara.

Eugénia fugia com o pensamento do passado. Aprazia-lhe a imagem de Ângela de Lima; e, contudo, esta grata reminiscência custava-lhe sempre uma lágrima, e uma tortura nunca desvanecida, pungente sempre com a mesma força. Era a imagem do conde de Santa Bárbara, ponto

negro que se alargava até lhe escurecer as suas lúcidas saudades.

Fantasiava o que deveria ter sido Anacleta, e entristecia-se. Corria a escala dos sofrimentos da sua mãe, e chorava. Contava-se, minuto por minuto, a história da sua vida e forcejava por calar o pressentimento a ameaçá-la de um trágico fim.

— Porque — dizia ela — em que tenho eu sido má? Quando fui infeliz, não foram os meus crimes uma necessidade da minha servidão?... Porque terei eu de ser vítima como minha avó, e a minha mãe, e o meu pai? Desde que fui arrancada ao meu abismo pela mão superior de Alberto, não tenho eu sido uma mulher, que quer valer aos seus irmãos, não se esquecendo nunca do seu passado? Porque não olharei hoje o meu futuro sem estremecer?

Esta última interrogação era a que Alberto se fazia apenas a consciência o chamava a um tormentoso diálogo. Encontravam-se aquelas duas almas, e os olhos fixavam-se como pedindo-se coragem mutuamente. O corsário, para iludir os seus temores, censurava-se na sua pueril superstição. Eugénia, para convencer-se de que tinha um

amparo, lançava-se com um sorriso de fingido ânimo, nos braços do marido, menos forte que ela.

— É tão bom ter um amigo!... — murmurava ela, acolhendo-se, como assustada, para bem perto do coração de Alberto, que lhe passava a mão sobre os cabelos como quem amima uma criança.

— É um amigo, para além do mais esposo... — continuou ele, sorrindo.

— De mais a mais!... Pois não é tão natural o vínculo que )rende o esposo ao amigo?

— Natural?... Não... A amizade é alguma coisa muito distinta do amor. Vês como é sereno este mar? Não há aqui a tempestade de há pouco, a revolta dos elementos que nos causou sensações violentas: vês tão quieto, tão monótono, mas, ao mesmo tempo, tão suave este mar? A amizade é assim. O mar é a tormenta que impressiona, mas que fatiga; é o grande facho de luz, que ilumina, mas queima.

— Dizes a verdade, meu anjo... creio que é assim... És, pois, meu amigo? Mais que um irmão? Mais que um marido? Companheiro inseparável de toda a minha vida?

Sempre o anjo que me diz que eu nunca me fiz indigna do teu amor? Deixa-me chorar, Alberto!... Sinto tanta precisão de chorar!... Nunca senti aliviar-se-me tanto o coração como agora!... É o céu que se vai abrindo na minha alma... Que imensa claridade, filho! Ai! Como se sente no mar!... Deviam vir aqui todas as pessoas infelizes... Criaria Deus esta amplidão para o desafogo das almas apertadas na angústia do mundo... Oh! Alberto! eu não sei que toque sublime me fere o coração!... Nunca fui tão digna de ti... Abraça-me, anjo!... Sê criança comigo!... Se não podes chorar de alegria, diz-me que és feliz!...

— Queres que eu to diga, Eugénia? Tu não tens a face encostada ao meu coração?... Não o sentes? Achas que ele poderia palpitar assim sem uma impressão de grande júbilo ou de grande terror?! Bem to disse eu, Eugénia, que sentirias no mar uma existência nova... É que tu nasceste para tudo que é grande! As mulheres tremem no mar. O menor abalo nestas frágeis tábuas é a sepultura que se lhes abre aos pés! E tu, não! Viste a tempestade com o pasmo da maravilha, e o terror não descorou as rosas varonis da tua face! És a digna mulher deste homem, que adormece ao

rugido das tormentas, e acordou muitas vezes ao grito da tripulação, que invocava o Deus dos aflitos!... Abriga-te em mim, filha!... Se me visses morrer, julgar-me-ias um predestinado pela coragem...

— “Se te visse morrer”!... que pensamento, meu Deus!...

— Se me visses morrer, Eugénia, pensarias que a morte é o crepúsculo de uma deliciosa eternidade! Sabes tu qual é o pensamento que me vem sempre banhar o coração de alegria? É a morte contigo!... a certeza de que me não sobrevives...

— Não, meu querido Alberto, não te sobreviverei um instante... Eu to juro...

— Não jures, Eugénia... dispenso-te a formalidade... Sei que morrerás...

— Ainda bem, meu Deus! Vejo que entraste no fundo da minha alma...

— E tu? ... Vês a minha?

— Vejo, sim, vejo!... Morrerias também!

— Abençoada sejas, minha filha... Fizeste o que ninguém fez!... Viste-me tal qual sou!... Eu não ambicionava tanto!... Pedi a Deus ou à fatalidade uma mulher para a vida, e não ousei suplicá-la para a morte...

— Não fales assim em morte, Alberto!

— Fala-se na morte, quando nos é cara a vida... Os desgraçados, esses é que procuram, esquecê-la, porque a querem, porque precisam ampliá-la atrás de uma esperança que se realizará uma vez...

Correram rápidas as horas, porque as horas de Alberto e Eugénia corriam deliciosas. O mar sempre tranquilo, a Lua sempre límpida, o coração sempre novo para os deleites da conversa intima, conspirava tudo para desejar mais longa viagem. E depois, a esperança, a formosa fada vestida sempre de novas galas, estudando sempre novas seduções, acenava — lhes de longe, nos encantados jardins do Oriente, que Alberto descrevia com o vívido entusiasmo do homem, poeta pelo amor. Eugénia ia arrastada pelos sons daquela voz, voz única nas solidões do oceano, voz de um anjo que a fazia levantar os olhos lacrimosos para o céu, em gratidão de tanta ventura.

Ao sexto dia de viagem descobriram Southampton. Nascera o Sol, orlado de franjas purpurinas. Subira, e deixara em baixo nos horizontes, um cinto escarlate, que pouco a pouco desmaiou, até se converter em névoa densa, que veio rolando, à superfície das águas, até esconder aos olhos do vigilante piloto o canal de Inglaterra.

Depois, uma lufada de vento noroeste estremeceu nas velas.

O capitão, como estranhando o sucesso, franziu a testa, e chamou a tripulação a postos.

— Esperem as ordens — disse ele, e trocou algumas palavras rápidas com Alberto de Magalhães, que passeava na tolda.

Urna segunda lufada, precursora do tufão, encontrou a maruja, obedecendo às ordens do capitão:

— Arria velas! — E os mastaréus do joanete e de gávea! — acrescentou Alberto, ao ouvido do capitão.

A manobra foi rápida, e o tufão impetuoso passou nas gáveas como um grito de demónio enraivecido por não ter podido surpreender a vítima.

A neblina era cada vez mais densa. O leme foi confiado ao piloto, que não desviava os olhos da agulha. O mar cavado estalava na quilha da proa. A escuna balouçava-se desencontradamente, e as amarras, rolando no tombadilho, aterravam as criadas de Eugénia, que se julgavam moribundas a cada balanço.

Alberto de Magalhães descera à câmara, onde encontrou sua mulher, com as mãos erguidas diante da imagem da Senhora, que a sua mãe lhe dera. Interrompida na sua oração, pela mão de Alberto, que lhe tocava no ombro, Eugénia respondeu-lhe com um sorriso angélico.

— Estás orando, minha amiga? Que pedes à tua imagem predileta?

— Peço-lhe a tua felicidade, meu querido amigo. Hei de ser ouvida, porque peço com muita devoção... Queres que eu vá contigo lá acima?

— Não...

— Há perigo?

— Nenhum... Perguntas-me se há perigo com o ânimo tão quieto!

— Eu não tenho medo, Alberto... Nenhum medo... Quando esteja arriscada a minha vida, e a tua, sabes o que me faz pena? São estas pobres criadas, que me cortam o coração com as suas lamúrias... Coitadinhas!... Todas três deixaram mães e irmãos, e gostam da vida, sem saber que a verdadeira felicidade nem elas a conheceram ainda... Olha, Alberto... Desde que fizeste comigo o contrato de morrermos juntos, não tenho à vida o apego que faz recear a morte... Aposto que tenho mais coragem que tu?

— Parece-me que sim... Este balanço incomoda-te?

— Não, filho... Eu sinto-me boa... não me incomoda senão a tua inquietação... Que tens? Parece que tens os ouvidos mais atentos às vozes do capitão...

— Não, Eugénia... E porque me soam bem estas palavras, que só se ouvem no mar.

Neste momento bradara o capitão:

— Talinga os viradores.

— Talinga os viradores! — murmurou Alberto.

— Que se passa? — disse Eugénia, reparando no enleio com que o seu marido repetira as palavras da manobra.

— Eu vou à tolda, Eugénia... Não te inquietes...

— Eu queria ir contigo.

— Agora, não... Esta tempestade não é poética como a outra... Fica, minha filha, que eu venho já...

Alberto recebeu um beijo da sua mulher e subiu. A face, onde ela imprimira os lábios levava uma lágrima. O homem de ferro quando a sentiu levou as mãos à testa, e murmurou: “Não o permitais, meu Deus!...”

As criadas aflitas rodearam Eugénia, perguntando-lhe se estavam em perigo.

— Orai comigo, para que o Senhor nos proteja. Esta resposta exacerbou o terror das criadas. Romperam num choro que Eugénia não podia calar com as suas consolações. A pobre senhora começava a enfraquecer, quando Alberto voltou.

Eugénia acabava de ouvir duas palavras que lhe gelaram a suposta coragem. Estas palavras foram seguidas de um

“sio” prolongado, que o seu marido dera no topo da escada, que descia para a câmara. Que palavras horríveis foram essas?

— Vamos a pique!

— Vamos a pique, Alberto? — exclamou ela, lançando-se-lhe nos braços.

— Esperança, Eugénia — disse ele com impostora tranquilidade.

E a procela mugia. Algumas vezes o portaló descera ao nível da água. Os mastros rangiam, e as junturas da escuna, impelida de vaga a vaga, respondiam estalando ao bramido da tempestade.

— Alberto, desenlaçando-se dos braços trémulos de Eugénia, para a qual as palavras animadoras não bastavam já, subiu acima impetuosamente, e quando cruzava os braços contemplando as chumas de homens, que viravam o cabrestante sobre a âncora, ouviu um estalo, e empalideceu: era o mastaréu de gurupés que se partira.

— Espia ferro — bradou Alberto.

— Espia ferro — bradou mais alto o capitão. E esperou. O mastro da ré parecia saltar fora do encravadouro. Um marujo segredou ao ouvido do capitão que havia rombo à ré.

— Os arpéus não mordem terra! — bradou o piloto.

— Então como vamos a pique? — perguntou Alberto com azedume.

— As unhas da âncora garram, porque não há pedras, é tudo laje — respondeu o piloto.

— Mande cortar os mastros, capitão — disse Alberto, e desceu à câmara, onde encontrou sua mulher chorando, e amparando uma criada, que desmaiara.

— Recolham-se... — disse Alberto, tomando nos braços a criada desfalecida, que levou ao seu beliche.

— Ouve-me, Eugénia...

— Vais dizer-me que morremos, Alberto?

— ... Vou dizer-te que é preciso vivermos. Quero toda a tua coragem, e, se a não tens, recebe-a de mim...

— Sim, sim, quero que nos salvemos... que hei de eu fazer?

— O navio está perdido... perto de nós está a costa... Em poucos minutos estaremos salvos...

— Sim?... Então que temes?

— Terno que enfraqueças...

— Não temas, Alberto; mas não me deixes sem ti um instante...

— Vamos entrar na lancha... Eu e tu, entendes?... Vamos sós ... pode ser que a lancha seja absorvida; nesse caso... repara bem... logo que eu te disser “abraça-me”, hás de cingir — me deste modo... pela cintura... não me prives os braços... mas segura-te com toda a tua força... compreendeste-me, Eugénia?

— Sim... e esse abraço... talvez seja o último... Oh! Alberto... agora me disse o coração que vamos morrer!... Oh! meu filho, que tão pouco durou a nossa felicidade!... Ai, meu Deus, que morte tão aflita vai ser a nossa!...

— Silêncio, Eugénia... É necessário que sejas egoísta da vida, neste momento... Se choras assim, essas mulheres não te deixarão sair daqui... Sobe comigo... depressa...

— Olha lá esse leme! — gritou o capitão.

— Saltou fora! — respondeu o piloto.

— Depressa! — repetiu Alberto.

— Ajuda-me a subir, que eu não tenho forças... — murmurou Eugénia, abraçando-se-lhe ao pescoço.

— Desatraca a lancha! — bradou Alberto.

— Perdeu-se! — respondeu o capitão.

— Perdeu-se? — disse Alberto, com aflição.

— Quebrou a amarra!

— Oh! meu Deus! — exclamou Eugénia, quando viu o mar proceloso, o navio desarvorado, a palidez da morte em todas as faces, e alguns marujos, que se lançavam ao mar, enquanto outros, abraçados aos mastros partidos, que escorregavam do tombadilho, rodopiavam no marulho das ondas. Alberto conduziu sua mulher à proa, tomou-lhe a face sobre o peito, e murmurou:

— Esperemos!

— O quê?... A morte?...

— E se for a morte?

— Bem-vinda seja!...

— Isso é coragem ou resignação, minha filha?

— Resignação... Eu sou fraca, meu anjo! Deus Nosso Senhor nos salve; e, a não nos salvar, que nos perdoe!... A minha mãe, suplica ao Senhor por nós... Ângela, minha querida amiga, foste uma santa, pede a Maria Santíssima que nos não deixe morrer assim... Alberto, pede também a Deus!... ergue as mãos comigo...

— Já pedi... e verás que nos salva... Eugénia!... Confiança em mim e em Deus!...

— Sim, sim... eu tenho toda a confiança... vamo-nos salvar...

— Lembras-te das tuas palavras nos Pisões?

— Sim... “Vivemos pouco porque era muita a felicidade... aqui descansa-se no seio da morte...” Bem hajas tu que ma lembraste...

— Capitão! — bradou Alberto.

— O capitão lançou-se ao mar — respondeu um marujo.

— E vós porque o não imitais, rapazes?

— Os que restam são dez dos vossos antigos soldados... não nos conheceis?

— Conheço... Salvai-vos!

— Os vossos antigos soldados morrerão ao pé de vós. Neste momento a ré da escuna era submergida. Alberto, escorregara com a sua mulher nos braços e apegara-se dificultosamente ao estibordo.

— Rapazes! Vede se salvais, essas mulheres que estão na câmara... Se o conseguirdes, nunca mais lutareis com as tempestades... Eugénia... cinge-me pela cintura... assim... muito ânimo... nunca mais nos separaremos...

Os dois corpos caíram no mar.

# CAPÍTULO XXV

D. Pedro da Silva estava em Londres, desde o dia 16 de Setembro.

Copiaremos algumas linhas dos seus apontamentos, escritos desde esse dia até 11 de Outubro...

17 de Setembro

É-me preciso invocar muitas vezes a minha dignidade para não ceder às vergonhosas fraquezas do coração. A duquesa é a mulher fatal da minha vida. Uma vez impressa na minha alma, as suas feições reproduzem-se ali com traços de lume. Eu não posso esquecê-la! Tenho instantes de me julgar ludibriado por Alberto de Magalhães! Forjou-se talvez uma infame traição à minha boa-fé! Aquela mulher, se não fosse inocente, sucumbi — ria à aviltante proposta que lhe fiz! Reagiu com uma valentia moral, que

há de fulminar-me a mim, se eu, uma vez, souber que a duquesa é inocente!... Inocente! não! Aquela letra era dela, e Alberto de Magalhães não pode mentir. Aquele homem quis salvar-me, e não empregaria recursos ignominiosos para isso. A duquesa é uma mulher que se vendeu! E não posso esquecê-la, meu Deus! Creio que sou um grande miserável! A honra será uma palavra de convenção!?...

Dia 18

Eu vi-a, em sonhos, banhada de lágrimas... Dizia-me que não queria perdão. Mostrava-me no seio o ponto onde eu, devia cravar-lhe o punhal que ela me oferecia de joelhos! Em redor dela agrupavam-se homens de rosto horrível que lhe chamavam devassa, e riam gargalhadas infernais. Eu quis protegê-la, e ela disse-me que juntasse os meus insultos aos daqueles homens, para que a sua expiação fosse completa! Acordei... O coração salta-me no peito! Este fogo que me abrasa a cabeça, deve endoidecer-me! Não tenho distração alguma. Estes homens, que me abrem os seus salões, mortificam-me! Eu preciso de uma distração, seja ela qual for... O jogo poderá salvar-me?

Dia 19

Não! O jogo embrutece-me. Ganhei muito ouro, que não quis levantar da banca. Os que me rodeavam chamavam-me doido, e Lord William obrigou-me a levantar milhares de libras!

O dinheiro é o meu inferno! Enquanto jogava, aparecia-me a duquesa, que jogara também, e perdera ali a honra, perdendo oitenta mil francos! Um vil aproveitou-se do azar de uma carta!... E ela, tão infame, que se jogou também, e cedeu ao ignóbil capricho de desempenhar o seu crédito nalgumas horas!... Teria enlouquecido aquela infeliz, quando respondeu à proposta de Alberto!?... O remorso purificaria o seu coração!... Não seria aquela infâmia o cumprimento de um destino superior!? As outras mulheres serão mais honradas que ela!? ó Elisa... se tu visses a minha alma!... Se nesse instante me pedisses perdão!...

Dia 20

Não posso, não quero assim viver!... O pensamento do suicídio começa a incorporar-se nas minhas meditações. Escravizei a minha palavra de honra a Alberto de Magalhães, e só posso desquitar-me dela, suicidando-me! E porquê? A minha felicidade será impossível? Aos vinte anos morrem assim as esperanças? O homem será isto que eu sou?...

Que tenho eu com Alberto de Magalhães? Que ascendente quer este homem empregar sobre mim?... Eu sei que podia ser feliz... Posso e quero sê-lo... Se me suicido, a sociedade inscreverá o meu nome no catálogo dos doidos ou dos covardes! Ainda ontem um lorde se suicidou, e os seus amigos o mais que fizeram foi concordar em que todo o homem tinha direitos a retirar-se do lugar em que se não sentia bem... Mas eu quero que alguém me lamente... Sou só no mundo... não terei uma lágrima... Elisa deve detestar-me, e eu... O meu Deus... vós sabeis que aquela mulher é necessária à minha vida!... Vergonha!... Será forçoso que a minha alma se nutra de torpezas!...

Dia 26

Não me venço! Isto é um destino!... A reação custa-me a vida!... Falham-me todas as tentativas!... Não há recurso que eu não tenha sonhado!... Nem o jogo, nem a devassidão, nem a embriaguez... Ela sempre ao meu lado!... Esta dor embrutece-me!... Há seis dias que procuro explicar-me o estado da minha alma, e não posso. Eu devo amá-la muito! Aquela mulher é um anjo infamado! Só terei descanso quando ela me perdoar! Porque a não ouvi eu? Porque me humilhei aos preceitos desse homem que detesto! Foi ele que me ensinou aquelas malditas palavras, que a mataram!... Foi ele... um estranho... um infame generoso, que me envenenou uma vida inteira!... Não sou eu um homem!... Se o coração me impele para aquela mulher, porque não hei de eu buscar a minha felicidade, embora tenha de descer a um abismo de impudência!... Quantos homens, ainda hoje, dariam a vida por um sorriso de Elisa!... E todos ignoram essa fatalidade da sua vida... Se o coração lhe perdoa, porque não há de perdoar-lhe a consciência?!...

No dia 27, D. Pedro da Silva passara para França. De Paris escreveu ao visconde Armagnac, e não teve resposta. Esta carta devia ser uma tocante exposição da sua alma, e uma súplica de conforto para não ceder, sem vergonha, a uma paixão que se debatia com o pundonor.

Escreveu segunda. Nesta devia ser mais viva a expressão. Talvez implorasse a proteção do visconde. Talvez descesse às extremas fraquezas de um jovem, cuja alma não tinha ainda o fino tato, que a experiência ensina, e que muitas vezes a sociedade reputa acrisolada honra. Esta segunda carta não teve resposta. Assim contrariado, e ofendido no seu brio, tocou o grau da desesperação. Foi ele próprio a Angoulême.

O visconde não existia já na sua quinta. Tinha partido no dia vinte, com a duquesa de Cliton. Para onde? Ninguém lhe sabia dizer! O capelão de Cliton aconselhou D. Pedro que consultasse o médico, única pessoa, além do visconde, que entrara na intimidade da senhora duquesa. O filho de Ângela arrancou ao doutor uma difícil revelação. Elisa de Montfort partira para Inglaterra. As suas tenções eram

exercer uma nobre vingança sobre o assassino da sua honra e do seu irmão.

D. Pedro da Silva tomou a Londres. Empregou todos os meios de espionagem, e não encontrou vestígios em Londres, onde a polícia tem um pronto conhecimento do mais obscuro forasteiro, que transpôs as suas fronteiras.

No dia oito devia Alberto chegar a Southampton. Estaria ali a duquesa? Esperaria ela, no desembarque, Alberto de Magalhães? Este varonil desforço pintava-lha na imaginação abrasada como um ente superior. Partiu para o canal de Inglaterra. Procurou-a. Nem o mais ligeiro indício! O ouro de D. Pedro não destruía os milagres, que estava fazendo o ouro da duquesa de Cliton.

A situação do pupilo de Alberto de Magalhães era amargurada! O pobre rapaz, nas suas indagações, passava por doido. A polícia de Southampton chegou a ameaçá-lo de o prender, por se tomar incómodo com as suas misteriosas pesquisas.

No dia dez de Outubro, oito dias depois que a escuna Aldone saíra de Lisboa, D. Pedro da Silva recebeu

casualmente um jornal, que se entregava no seu hotel. Passava-o pelos olhos distraidamente, quando encontrou o seguinte:

## CATÁSTROFE

Temos a lamentar o naufrágio da escuna portuguesa Aldone, que foi a pique, dez milhas distante deste porto. Transportava para Inglaterra o seu rico proprietário, Alberto de Magalhães, e a sua família, Um marujo da tripulação, com quem acabamos de falar, conta um extraordinário sucesso, que nós contaremos simplesmente como ele nos foi contado pelo comovido marinheiro.

A escuna foi abandonada quando já não havia esperança alguma de salvação. O valoroso Alberto lançara-se ao mar com a sua esposa, abraçada à cintura, e pedira a alguns marinheiros, que nunca o abandonaram, que salvassem as criadas.

O relator deste infausto sucesso lançou-se a nado a par com Alberto, que as ondas impeliam favoravelmente para a costa. O valente português muitas vezes exclamou a sua

mulher que tivesse ânimo, porque estavam salvos. A infeliz senhora soltava gritos de terror, a cada onda que parecia tragá-la, e à superfície da qual seu marido aparecia sempre abraçado com ela. O marinheiro, inseparável daquele grupo, digno de comover a piedade divina, empregava corajosos esforços em expor o seu corpo quase desfalecido ao choque das ondas. Uma destas arrojou-os impetuosamente a terra.

Alberto, estirado sobre a praia, quis desatar os braços da sua mulher, que lhe cingiam a cintura, e não pode. Estavam hirtos, e inflexíveis como de ferro. Palpou-lhe o coração, que já não batia. Gela-se-lhe o sangue... Chamou-a com desesperação... Tomou-a nos braços, comprimiu-a ao coração, como se o calor pudesse passar àquele peito inanimado... Estava morta!

Seguiu-se uma cena horrorosa! Alberto de Magalhães ajoelhou ao pé do cadáver da sua mulher... deu-lhe um beijo nos lábios... arrancou um punhal do bolso interior do colete, e cravou-o no peito, exclamando: “Eu não falto aos meus juramentos, Eugénia!

O marinheiro, estupefacto, lançara tarde a mão ao punhal!

O suicida estrebuchou alguns minutos, e expirou, levando aos lábios a mão da sua mulher!...

O jornal continuava a descrição do naufrágio. Numerava as vítimas. Eram toda a tripulação, exceto cinco marujos até ao momento em que a triste notícia era publicada no jornal.

D. Pedro não lera as últimas linhas. Aquilo parecia-lhe um sonho! Fixara os olhos no papel, que lhe tremia nas mãos, e ficara aí nessa situação indefinível do pasmo, da absorção, da morte passageira do espírito.

Neste momento abriu-se a porta da sala. D. Pedro maquinalmente olhou para ali, e viu... a duquesa de Cliton! Petrificou! Alheado de si, incapaz de consciência, ferido pelas duas comoções simultâneas, esperou que a duquesa viesse ao pé dele. Foi ela que veio.

Trazia nos lábios um sorriso diabólico, e nos olhos o lume do rancor que a queimava por dentro. Tomou das mãos inertes do jovem o jornal, apontou a palavra “catástrofe”, e

disse, com voz tremida, mas enérgica e impossível de ser imitada por mulher:

— A vingança de Deus antecipou-se à minha! Alberto de Magalhães não contará as minhas infâmias a outro homem!

O benefício que ele vos fez, senhor Dom Pedro da Silva, pagai-lho com sufrágios pela sua alma.

A máquina não se moveu. A duquesa de Cliton saíra, e viera sentar-se a par do visconde de Armagnac, que a esperava num tílburi à porta do hotel.

— Que foste aí fazer, senhora Duquesa? — perguntou o visconde.

— Fui despedir-me do vosso amigo, e dar-lhe cartas de recomendação para o Oriente, visto que Alberto de Magalhães o não acompanha.

— A vingança endurece-vos a alma, senhora!

— A alma? Tenho-a eu porventura! Achais que a alma é alguma bala de ferro que resiste ao fogo da desesperação?... Visconde! Eu morri primeiro que Alberto

de Magalhães! O que resta de mim, é a porção de demónio que entra na organização de todas as criaturas!

# CAPÍTULO XXVI

Três meses depois, D. Pedro da Silva, inquilino de uma pequena casa de campo, nas vizinhanças do palacete da defunta condessa de Santa Bárbara, em Campolide, escrevia o seguinte:

“Dar-me-á Deus alívio?... Poderei hoje chamar à minha alma as recordações desta vagarosa agonia de três meses? Creio que não... Eu começo, há pouco, a sentir a consciência da vida... Que é o que me chamou a Portugal?... Não sei... Que vim fazer ajoelhado sobre o túmulo da minha mãe?... Lembro-me que chorei muito... e mais nada!... Depois, vim procurar esta solidão para morrer ignorado... Achava precisão de saudar todos os dias aquela janela, onde vi, pela segunda vez, minha mãe... Mas vivo!... Sinto este jugo de ferro!... Vivo, e não tenho a coragem do suicídio!... Hoje, mais que nunca, recuo aterrado a semelhante ideia! Que é isto que se passa em mim? Para

que me guarda a mão que me suspende o braço? Que nova desgraça é essa que eu vejo aproximar-se? É a miséria... é a fome... é a indigência!... Eu não tenho ninguém que me socorra hoje, e amanhã, quando o meu criado me pedir um vintém para um pão, dir-lhe-ei que sou o último dos mendigos!... Resvalei até aqui!... O meu património acabou com esse homem fatal!... Estou pobre!... Pobre!... Esta palavra soa-me aos ouvidos como a gargalhada de um demónio!... Quem é que estende a mão a um desgraçado, sozinho, com a vergonha na face, e a inutilidade para todos os serviços!... Se não quiser morrer aqui de miséria, terei de ser um lacaio!... Aqui tens teu filho, Ângela de Lima!... Vê se me conheces, duquesa de Cliton!... Eu sou o teu discípulo, sou o filho da tua filha do coração, padre Dinis!... Venham abraçar-me, ou cuspir-me no rosto, que eu agradeço tudo... Que morte a daquele homem!... Quem seria ele!... A esta hora a sociedade esqueceu o seu nome! Foi grande como Satanás! Teve coragem de prostituir com ouro uma mulher, que deveria ser um anjo; mas também a teve de cravar-se um ferro no coração!... Como a morte engrandece os homens!... A única distinção está ali... nas vizinhanças do túmulo!... E a duquesa?... Mal me recordo

que a vi... Sei que me falou... que me disse ela? Não sei!... Penso que me insultava!... Que me diria ela? Sei que a detesto desde esse momento! Há Providência aqui neste ódio! Aquela mulher deve ser um símbolo de todas as ignomínias!... Qual será o seu fim!... Se eu pudesse... queria vê-la... Enquanto eu tive um pouco de ouro que desperdicei, não me lembrou aproximar — me de França... Viajei, e quando as últimas migalhas me mandavam trabalhar, ou morrer, vim aqui... A quê?... A morrer!... Esta situação é impossível... A resolução há de vir, quando a última gota de fel me queimar o vínculo covarde que me prende não sei a quê, a que mentira, a que esperança!...”

Um criado entrara no quarto em que D. Pedro escrevia.

— Que queres?

— Venho dizer a Vossa Excelência que preciso dinheiro para compras.

— Aqui tens... Quanto te devo, Francisco?

— Um mês.

— Aqui tens o teu ordenado.

— Pois despede-me?!

— Sim.

— O senhor Álvaro não está contente com o meu serviço?

— Estou... é que não posso sustentar-te, nem pagar-te... Estou pobre; não tenho nada além desta quantia que te dou...

— Pois Vossa Excelência...

— Espanta-te a miséria? Tens razão...

— Não tem quem o socorra?

— Ninguém...

— E não pode empregar-se nalguma coisa?... Perdoe-me estas perguntas; mas eu sou afeiçoado a Vossa Excelência, e sabe Deus o que me custa não poder sustentá-lo à minha custa.

— És o único amigo que possa dizer-me tal... Vai, Francisco... Hoje jantaremos, amanhã não me pedirás dinheiro para compras, que o não tenho.

— Para isso ainda eu chego, senhor Álvaro; não se aflija... Quer Vossa Senhoria uma coisa?

— Que queres dizer-me?

— Vossa Excelência uma vez estava delirado, e falou em inglês... Eu tenho servido ingleses, e entendi algumas palavras...

— Que disse eu?

— Não me lembra já o que foi; mas o grande caso é que a vossa Senhoria sabe falar inglês...

— Sei... e depois?

— E francês?

Também. Se o senhor Álvaro quisesse, podia agora aproveitar um bom arranjo...

— Qual?

— Li ontem numa gazeta um anúncio que dizia: “Precisa-se de um indivíduo, que saiba falar inglês e francês, para segundo guarda-livros da casa comercial do barão dos Reis. Quem estiver nas circunstâncias de servir...”

— “De servir!”... eu não sirvo ninguém... Vai-te!

— Perdoe-me Vossa Senhoria.

O criado retirou-se, assustado da intimativa. D. Pedro continuou a escrever: “Faltava-me esta degradação!... Mandam-me servir!... Eu, que me julgava há três meses o primeiro dos homens! Serve, se não queres morrer de fome, D. Pedro da Silva, descendente de reis!... A pobreza é o escárnio de um nascimento ilustre... E porque não hei de eu ser servo, se estou assim!... Se eu pedir ao irmão da minha mãe um bocado de pão, não pedirei uma esmola? O trabalho é a independência... trabalharei... mas em quê?... Para que sirvo?... E não tenho um amigo que responda às minhas perguntas! Que é desses lordes, que me rodeavam há três meses?... Onde se apagou a auréola brilhante, que me fazia tão distinto aos meus próprios olhos?... A própria consciência diz-me hoje que eu sou o último dos entes obscuros... Só! Desamparado! Órfão! Sem amigos! Aos vinte anos sem aptidão para coisa nenhuma!... Que farei eu amanhã?!... Isto é muito! Não tenho nada a esperar!... A fome há de entrar aqui primeiro que o suicídio!... Há de!... E depois, se eu não tiver ânimo para me abraçar à extrema

resolução do desespero... morrerei lentamente!... Pois sim... espero-a!... ”

O desgraçado, levando as mãos à cabeça, parecia querer segurar o entendimento que lhe fugia. O escrever consolá-lo-ia? Talvez; mas cansaram-lhe as ideias. As lágrimas caíam no papel, e embebiam as letras, que a pena trémula vagarosamente escrevia. A dor, no extremo, é estéril. Quando os olhos se abrem à respiração de uma agonia homicida, não peçam ao infeliz, que chora, o impossível enredo do drama infernal, que lá vai dentro daquele espírito embrutecido. Não nos peçam também a nós a análise dessas aflitivas lágrimas. Tais eram elas, que só a morte poderia explicá-las,...

No dia seguinte o filho de Ângela de Lima entrava na Rua das Chagas, e pedia a um guarda-portão o favor de anunciá-lo ao senhor barão dos Reis.

— Quem é o senhor?

— Diga-lhe que venho aqui, por ter visto um anúncio em que o senhor Barão...

— Ah! já sei... quer vir para caixeiro...

— justamente... pata caixeiro...

— Pois espere que eu vou dar parte a Sua Excelência.

D. Pedro da Silva esperou no pátio, encostado à lustrosa roda da carruagem do antigo mestre de piano.

Mandaram-no subir para uma sala de espera. A meia hora que esperou devia ser a última experiência, que o desgraçado empregou na humilhação do seu orgulho. Franquearam-lhe uma segunda sala, onde ao cabo de cinco minutos apareceu o barão dos Reis, em robe-de-chambre, boné de lontra, sapatos de mouro, e pena na orelha.

— Pode sentar-se... — disse ele, encarando o rapaz por cima dos óculos. — Acho-o muito novo... quantos anos tem o senhor?

— Vinte.

— Tem sido caixeiro?

— Não, senhor...

— Que modo de vida tem tido?

— Que modo de vida tenho tido?

— Sim... em que se ocupa?

— Tenho vivido alguns anos em colégio.

— Colégio! Pois o senhor quem é?

— Sou um homem que me ofereço para caixeiro da sua casa.

— Mas não tem uso do comércio... Que línguas estrangeiras sabe?

— Falo o inglês e o francês.

— E de comércio sabe alguma coisa?

— Nada.

— Então como quer ser caixeiro?!

— Já vejo que lhe não sirvo... Tenha Vossa Excelência muita saúde...

D. Pedro retirava-se.

— Olhe cá... parece que é muito apressado... O senhor está disposto a seguir a carreira comercial?

— Sim, senhor; mas vejo que é impossível...

— Impossível... não é tanto assim... Com trabalho tudo se alcança. Quem é seu pai?

— Não tenho pai.

— Mas há de ter alguém em Lisboa.

— Ninguém.

— Essa é boa!... Então como vive?

— Como vivo?!

— Sim... é só?

— Só.

— É célebre coisa! Onde tem vivido?

— Em Londres, e Paris.

— Quem o sustentava lá?

— Não sei dizer a Vossa Excelência.

— O senhor parece-me um homem extraordinário! E se eu quiser tomá-lo para a minha casa, quem é que o abona?

— Quem me abona?

— Sim... quem se responsabiliza pela sua fidelidade?

— Sou eu...

— É o senhor!... Isso não basta... Senhor Barão... queira dar-me as suas ordens...

— Venha cá... o senhor não me parece um homem como os outros!... Como se chama?

— Álvaro de Oliveira.

— Quanto quer ganhar na minha casa?

— Não sei responder. Vossa Excelência me dará o que quiser.

— No primeiro ano ganhará cinquenta moedas, casa e cama, e roupa lavada. Serve-lhe?

— Tudo me serve.

— Homem, isto parece uma comédia! Com que então tudo lhe serve!... O senhor quer ser meu caixeiro, ou não quer?

— A pergunta parece-me uma zombaria! Pois a que venho eu aqui?

— Mas acho extraordinárias as suas respostas! Não me parece um homem que precisa ser caixeiro para viver!...

— Pois preciso, senhor Barão.

— O senhor teve algum desgosto na sua vida, desarranjou-se com a sua família, quanto a mim.

— Já tive a honra de dizer a Vossa Excelência que não tenho família.

— Absolutamente nenhuma?

— Ninguém absolutamente.

— Pois senhor, seja o que for... Eu vou ter consigo um sistema, que não é o costumado nestes contractos. Nem lhe peço fiança, nem receio que o senhor desempenhe mal as suas obrigações. Fica na minha casa, na qualidade de segundo guarda-livros, com quatrocentos e oitenta mil réis por ano. Ao princípio receberá as instruções do seu companheiro, e com o tempo há de instruir-se no andamento do comércio. O meu negócio é todo de comissões com Inglaterra: como o senhor fala correntemente o inglês, tudo o mais se remedeia com a prática. Está disposto a ficar já na minha casa?

— Já, se assim o quer.

— E os seus arranjos?

— Que arranjos?

— Os seus baús...

— Os meus baús virão hoje mesmo.

— Pois nesse caso, venha comigo, que quero apresentá-lo ao primeiro guarda-livros. Temos, portanto, o filho de D. Ângela de Lima segundo guarda-livros do Sr. Joaquim dos Reis, que Deus, no auge da sua cólera, fizera barão para vexame da fidalguia destes reinos.

## CAPÍTULO XXVII

O segundo guarda-livros fora acolhido simpaticamente pelo primeiro. Em poucas lições comunicou-lhe as teorias do comércio, e admirou o talento com que o jovem as concebia, sem embargo da distração com que ouvia as preleções.

O próprio barão, homem rude e inacessível aos seus familiares, especializava o seu caixeiro Álvaro, e falava dele aos seus colegas com grande elogio. A qualidade que mais o impressionava era a contínua reclusão a que o rapaz se dava, logo que satisfazia as suas obrigações. Perguntara-lhe muitas vezes em que se entretinha no seu quarto, e Álvaro respondera-lhe que achava prazer em estar só. Este prazer, para o Sr. barão dos Reis, era uma prova de sensatez, distinção com que honrava o seu caixeiro, entre todos os outros, que não perdiam uma hora de recreio,

sempre ruinoso para o corpo, que da alma importava-lhe pouco o antigo mestre de piano.

A baronesa afeiçoara-se em pouco tempo ao caixeiro que o seu marido tratava com extraordinário melindre. Sentia-se impelida por aquele jovem tão distinto em maneiras, em palavras, em educação. Zelava com cuidados de mãe tudo que pertencia a Álvaro. Mandava-o muitas vezes chamar para tomar chá com ela; e, se ele não vinha, como quase sempre acontecia, a filha de D. Teotónio de Mascarenhas não se dedignava em procurá-lo no quarto, e pedir-lhe que não se entregasse a uma melancolia sem motivo.

Que não era sem forte motivo essa tristeza, adivinhava-o ela; mas seu marido ordenara-lhe que nunca fizesse ao caixeiro perguntas curiosas acerca da sua vida, porque, uma vez lhas fizera ele, e tivera em resposta uma súplica de nunca se lhe fazerem tais perguntas, para não ser forçado à grosseria de mentir ou não responder.

Uma noite subira o guarda-livros para a sala a instâncias do barão, que o vira nesse dia chorar. Eram passados três meses, depois que D. Pedro entrara ao serviço daquela

casa, e faziam justamente seis que naufragara a escuna Aldone.

— Está hoje muito triste, senhor Álvaro!... — disse o barão.

— Muito triste...

— Há alguma coisa nova que o mortifique?

— Nenhuma... agradeço os cuidados de vossa Excelência.

— O senhor sabe que o tenho mais na qualidade de parente que de caixeiro?

— Sim... reconheço que lhe mereci carinhos de pai... devo-lhe muito.

— A pena que eu tenho — acrescentou o barão com rude franqueza — é não ter uma filha, que lha dava com toda a minha fortuna. O senhor casava com uma filha minha?

— Não, senhor.

— Não!... Porquê? É casado?

— Não sou casado, nem devo sê-lo... Eu não faria a felicidade de ninguém, e mulher nenhuma poderia

melhorar as desgraçadas condições que me foram impostas para viver...

— Ora, deixe-se disso... Não há mal que sempre dure. Pelo que vejo anda aí paixão de alma... que o mortificou... Enfim o tempo é o médico dessas doenças... Eu também tive minhas rapaziadas, e sei por mal dos meus pecados, o que é isso... pela minha mulher... (ela aí está que o diga) tive eu uma paixão de levar couro e cabelo! Eu sou franco, e não estou com imposturas. Esta senhora era filha de um fidalgo, e eu não passava de um simples mestre de música no colégio em que ela estava e mais uma irmã. Apaixonei-me por ela sem esperanças nenhumas de a fazer minha mulher. A mãe não era fidalga, mas por morte do... (diga-se a verdade... O meu sogro era um monsenhor da Patriarcal) o certo é que ela ficou rica por morte do fidalgo, e fossem lá falar-lhe em casamento com um professor de piano! Depois, minha desgraçada sogra empobreceu... (isso são contos largos) e eu, que não namorava minha mulher pelo dinheiro, mas sim pelas qualidades, casei com ela, e nunca me arrependi... Vivemos muito pobres, mas muito honrados, até que um dia nos deitámos pobres, e

amanhecemos ricos... Isso são contos largos... mas fique sabendo que a nossa fortuna não veio como a de muitos que eu conheço... Se sou rico, é porque nos restituíram o que era nosso, e eu com o meu trabalho aumentei, sem prejudicar o meu próximo, É verdade que devemos quase tudo que somos à proteção comercial que nos deu nosso sobrinho Alberto de Magalhães...

— Alberto de Magalhães! — exclamou D. Pedro, mudando de cor.

— Sim... então que é isso?... O senhor conhecia Alberto de Magalhães?...

— Conheci... Quem era esse homem?

— Meu sobrinho, casado com a sobrinha da minha mulher...

— Eugénia...

— Sim, Eugénia... — atalhou a baronesa com sobressalto — pois o senhor Álvaro conhecia minha sobrinha?

— Conheci... faz hoje seis meses que morreu...

— É verdade... é por eles que eu trago luto... Pois o senhor conheceu minha sobrinha? Onde a conheceu?

— Aqui em Lisboa... Queira dizer-me... Eugénia não era filha de dona Antónia?

— Minha irmã...

— Sua irmã... senhora Baronesa!

— Minha irmã!...

— Oh! meu Deus!... — murmurou D. Pedro, procurando combinar as ideias tumultuosas que lhe acudiam.

— Também conheceu minha cunhada?! — perguntou o barão.

— Dona Antónia?... Conheci uma dona Antónia, que era mãe de Eugénia, que viveu na companhia de um padre...

— É essa justamente... é minha, cunhada, que soubemos depois que vivera na companhia desse grande homem... Mas o senhor deveras conheceu toda essa gente?

— Senhor Barão... eu não posso responder a mais alguma pergunta... Basta que lhe diga que dona Antónia foi a minha verdadeira mãe.. .

A baronesa soltou uni grito, ergueu-se pálida e trémula, fixou os olhos pávidos no rosto de D. Pedro, e ficou nesse pasmo que o barão não compreendia.

— Que tens, Emília?!

— Não tenho nada... O meu amigo... tu tens tantas razões como eu para te admirares...

— De quê?

— A pessoa que temos em casa... este senhor não se chama Álvaro de Oliveira...

— Não?...

— Senhora Baronesa... — murmurou D. Pedro, tornando-lhe a mão — , se me conhece... peço-lhe uma sagrada reserva do meu nome...

— Menos para o meu marido, que o conhece tão bem como eu...

— Pois quem é? — perguntou o barão estupefacto.

— Eu não te falei há um ano, de uma senhora que viveu com a minha sobrinha... e com a minha irmã...

— Era a condessa de Santa Bárbara...

— Mãe deste senhor, que é dom Pedro da Silva...

O barão, não sabemos porque mecânico instinto, curvou ligeiramente a cabeça, e perdeu o uso da palavra, perda que devia ser em tal homem causada por um motivo assombroso! D. Pedro, enleado numa tão rápida corrente de comoções, não foi mais eloquente que Joaquim dos Reis. A filha de Anacleta cedia à necessidade de abraçar o filho adotivo da sua irmã, quando D. Pedro se aproximou do barão, abraçou-o com expansivo ardor, recebeu a irmã de Antónia no mesmo abraço, e choraram todos três.

Eis aqui um lance em que o antigo copista de solfa saiu fora da sua esfera! Havia tanta sublimidade nas suas lágrimas, tanto amor, e respeito, e ternura no abraço com que pagara o do filho de Ângela, que ele mesmo teria orgulho de si, se pudesse ver-se como nós o admiramos.

Na manhã do seguinte dia, D. Pedro da Silva continuou o exercício da suas funções de guarda-livros. O barão mandou-o chamar à sala, e obrigou-o a sentar-se no sofá.

— Vossa Excelência já não é meu caixeiro.

— Despede-me, portanto...

— Não o despeço... Longe de mim tal pensamento... Vossa Excelência e a minha mulher são a minha família... Recebo-o como mandado pela Providência para a minha casa... Quero — o sempre aqui; mas como caixeiro não...

— E eu só posso ser caixeiro na sua casa... do contrário, retiro-me.

— Ó senhor!... Não me contradiga, que lhe não mereço isso...

— Senhor Barão, eu continuo a ser Álvaro de Oliveira... Só posso com este nome ser da sua casa... Aceita-me assim?

— Não posso... Há de ser quem é... Eu tenho glória de ter na minha companhia um jovem que eu quisera que fosse meu filho...

— Honra-me com esse título, e enche o meu coração de reconhecimento; mas, se quer continuar com a sua missão de pai, deixe-me ser seu caixeiro, que eu serei sempre digno do nome que me dá.

— Mas, senhor!... Poderei eu consentir que a vossa Excelência...

— Se é um sacrifício, faça-mo; se não pode fazer-mo, coloque-me em outra qualquer casa de negócio, em que eu possa ganhar com o trabalho a minha independência...

— Isso nunca... Há de ganhá-la na minha casa... Desde hoje em diante é meu sócio...

— Não posso sê-lo... quero ser hoje o que ontem era... Não recebo a felicidade do dinheiro como felicidade... Quero uma cara independência, ganha licitamente com o trabalho... Se um dia a conseguir sairei de Portugal... Preciso de ver os vestígios que deixei no meu caminho trilhado até aqui...

— Pois bem... Vossa Excelência será na minha casa o que quiser...

— Na presença dos meus companheiros não quero distinção nenhuma... Sou Álvaro de Oliveira...

— Será Álvaro de Oliveira, mas, em particular, comigo, será Dom Pedro da Silva. A minha mulher pede-me que o leve ao seu quarto. A pobre Emília ficou doente com a

surpresa que a vossa Excelência nos fez, e quer falar muitas horas com a vossa Excelência.

— Vamos, senhor Barão.

# CAPÍTULO XXVIII

À porta do palácio de Cliton apeara um velho com trajes sacerdotais. Perguntara pela duquesa de Cliton e responderam-lhe que não residia ali.

— Que tempo há — instou o padre — que a senhora duquesa retirou daqui?

— Há cinco meses — disse o capelão.

— Para onde?

— Não sei dizer-lhe... nem ninguém saberá.

— Permitis que eu passe uma noite nesta casa, porque é tarde para ir demandar pousada a Angoulême?

## CAPÍTULO XXIX

— Podeis entrar... Aqui não se nega hospitalidade a ninguém.

O forasteiro entrou. Se o capelão lhe observasse a fisionomia, quando o mandou entrar, talvez reconsiderasse a sua hospitaleira franqueza! Aquele rosto já cadavérico, contraíra-se numa visagem que deve ser a do padecente na presença do cadafalso.

— Parece que vindes doente? — perguntou o capelão.

— Muito doente, senhor... São os últimos passos da minha carreira...

— É escusado perguntar-vos se sois padre...

— Sou padre.

— De que departamento?

— Não sou francês.

— Não?! Donde sois?

— De Portugal.

— Vindes, talvez, para vos unirdes à missão apostólica?

— Não, senhor... eu venho das missões.

— E sois português?

— já tive a honra de vos dizer que sim.

— Chamais-vos padre Dinis Ramalho?

— Conheceis esse nome!?

— Conheço-o dos Anais da Propagação da Fé, e ouvi, há de haver um ano, falar de vós ao deão de Angoulême com grande interesse. Se sois padre Dinis, fostes, na América, companheiro do padre Petit.

— Fui.

— E o vosso companheiro?

— Foi martirizado no dia em que saí... Assisti-lhe à morte, e vim.

— Deixaram-vos sair os ímpios?

— Deixaram... pedi-lhes a vida, com a condição de ma deixarem renunciar noutra parte.

— E concederam-vo-la?... Pois era mais natural que vos deixassem morrer ao pé do vosso companheiro...

— Deus é que nos julga...

— Tendes razão... Perguntais pela senhora duquesa de Cliton... Conhecei-la?

— Conheço.

— De donde?!

— Do mundo...

— Tem sido bem desgraçada esta senhora...

— Sim?... Cuidei que era muito feliz...

— Bem digna era de o ser... Viveu aqui um ano com tranquilidade...

— Um ano... o de mil oitocentos e trinta e seis?

— Sim, senhor... Depois vieram novas desgraças...

— Novas desgraças — quais?

— Quais... perguntais vós... Eu não sei se devo revelar-vos o que é segredo para muita gente...

— Revelai, que eu sou um homem morto. Andai... Dizei, que eu sou um túmulo, que se vos abre para esconder um segredo...

— Desculpai-me... mas eu não devo...

— Falai, padre La-Croix:...

— Quem vos disse o meu nome!?

— Nem já me recordo... Dizei... a senhora duquesa um ano depois das suas viagens, que novas desgraças experimentou?

— Quereis que vos diga?... Prometeis não comprometer esta minha revelação?

— Falai...

— Amou um vosso patrício... que vivia com o visconde de Armagnac, e chamava-se dom Pedro da Silva... Que tendes?... esse sobressalto...

— Nada é... Chamava-se dom Pedro da Silva ... e depois?

— Esse jovem, por motivos muito particulares que eu nunca pude atingir, abandonou-a...

— E ela?

— Seguiu-o, creio eu, três meses, e, quando voltou, vinha desfigurada... Demorou-se aqui vinte e quatro horas com o visconde de Armagnac, e partiu para nunca mais voltar...

— Há cinco meses, dissestes vós...

— Há cinco meses.

— O visconde de Armagnac deve saber onde ela existe.

— Creio que saberá.

— Onde vive esse homem?

— Perto daqui, no alto da encosta fronteira a esta casa.

— Tendes por quem lhe vá um recado?

— Ele não virá aqui... São dez horas, e a noite está tempestuosa.

— Dai-me uma tira de papel, e fazei-me a mercê de enviar lá um criado.

Padre Dinis escreveu num quarto de papel, que entregou aberto, as seguintes palavras:

Chama-me do fundo da sepultura, e eu quebrarei a pedra para descer aos teus ossos.

O capelão, curioso, viu estas palavras, e pasmou. Voltando à sala em que deixou o missionário, encontrou-o de joelhos, e não ousou interrompê-lo.

— Já terminastes a vossa reza? — perguntou padre Dinis.

— Já, senhor.

— E eu não... Desculpai-me, e deixai-me só alguns minutos.

— Quando terminardes, puxai este cordão da campainha para vos servirem a ceia...

O padre ergueu-se quando o capelão saiu. Tomou o castiçal, abriu a porta da próxima sala, e achou-se diante dos retratos. Aproximou a luz de um deles e sorriu-se amargamente. Este retrato era marginado inferiormente pela seguinte legenda:

Renoit de Montfort, duque de Cliton.

Saiu desta sala, atravessou a antecâmara de um quarto. Quando pôs a mão no ferrolho da porta desse quarto, recuou aterrado e trémulo. Refez-se de ânimo: levantou o fecho inutilmente: a porta estava fechada. Meditou instantes rápidos. Deslocou um canapé de coxins desbotados, que se encostava à parede desse quarto. Comprimiu uma mola e fez abrir um tabique o espaço por onde cabia um homem. Entrou, e mal entrara, caiu-lhe a luz das mãos, e achou-se em cerrada escuridade. Palpou em roda de si, e encontrou um leito: estremeceu, e curvou-se sobre esse leito, que tinha uma cama, onde se conservavam ainda os miasmas de um cadáver. Aí, nessa postura, não pronunciava palavra; mas os gemidos eram dos que trazem pedaços de vida. Ergueu-se de súbito. Palpou ainda, e encontrou um copo. Este contacto, semelhante à mordedura do escorpião, parece que o matara. Padre Dinis caiu, rugindo duas palavras: “Deus implacável! “ Este desmaio prolongou-se. Quando voltou a si, o missionário ouviu passos na saleta próxima, e viu o reflexo de uma luz.

— Isto é coisa diabólica! — dizia o capelão.

— Não se explica tal fenómeno! — acrescentava o visconde de Armagnac.

— Padre Dins! — chamava o capelão, aproximando-se da antecâmara, onde entrou, soltando um grito de espanto.

— Vede aquela abertura na parede, senhor Visconde!

— É verdade! E naquele quarto!...

— Onde morreu a mãe da senhora duquesa de Cliton!... onde nunca mais ninguém entrou!

— Dai-me essa luz, e retirai-vos... — disse o visconde.

— Agora é que eu acredito que moram fantasmas neste castelo... Vou abandonar esta casa!... — murmurou o aterrado capelão, apalpando as saídas com grande medo de ser estrangulado por alguma larva.

O visconde entrou pela fenda, e viu o sacerdote, em pé, encostado ao leito. Tremia — lhe o braço que sustinha o castiçal.

— Quem sois, senhor?! — perguntou ele, tremendo-lhe a voz como na dúvida de ter em resposta o silêncio de um cadáver, ou a voz de um vivo... impossível!

— Chamei-vos do fundo do meu túmulo, e vós viestes. Cumpristes a vossa palavra... estais quite, Visconde.

— Mas quem sois?! Conhecestes, porventura...

— O duque de Cliton?

— Sim.

— Morreu há trinta anos... o seu cadáver foi enterrado na capela desta casa.

— Justamente.

— E, trinta anos depois, o duque de Cliton aparece encostado ao leito nupcial da sua mulher.

— Que dizeis?... Eu não vos entendo...

— E contudo, eu falo a linguagem dos vivos... Eu sou o homem a quem chamaram duque de Cliton.

— Vós!...

O visconde recuara estendendo o braço com a luz para a face do missionário.

— Vós!... — prosseguiu ele quase esvaído de medo — dizei-me se vindes aqui representar uma horrível

comédia!... Não brinqueis com os mortos, que são sagrados!

— Vem abraçar-me, visconde de Armagnac! Não tremas...

Estes braços são os mesmos, que te apertaram ao coração... Verás que têm ainda o calor da vida... Foges-me, Visconde? Não vês em mim nada do homem antigo? Olha este braço!... Não vês o sinal eterno que a ponta do teu florete aqui deixou?... Ainda vive a duquesa de Bouillon, por cujos sorrisos me fizestes verter sangue?

O visconde, com os olhos imóveis, a boca meia aberta, e o coração em saltos de terror, foi maquinalmente aos braços de padre Dinis, que o procuravam.

— Não queres reconhecer-me, Visconde?

— Vós... o duque de Cliton!

— Sim... o que os homens chamaram duque de Cliton.

— Que se julga morto há trinta anos... e enterrado na capela desta casa... é impossível!... Quantos anos tendes?

— Sessenta e um...

— É impossível!

— O quê?

— Não tendes essa idade... Sois mais velho... Eu conheci o duque de Cliton. desde criança... morreu de trinta anos...

— E ressuscitou de sessenta e um... Deixai dormir em paz o sono eterno, o meu fiel criado, que está lá em baixo no jazigo com o meu nome, Falemos dos vivos, Visconde. Onde está minha filha?

— Vossa filha!?

— Elisa de Montfort...

— Jurais-me por tudo quanto há sagrado que sois o duque de Cliton?

— Já vos disse que sou o homem a quem deram esse nome.

— Santo Deus!... Isto é um sonho!...

— Pois acorda, Visconde!... Não perdeste ainda o sestro de rapaz!... No nosso tempo, tu sonhavas sempre!... Lembras-te quando sonhaste que me vias amanhecer velho tendo — me deitado novo?

— Lembro... lembro ... agora vejo que me não mentes... Tu és o duque de Cliton... ou eu endoudeci...

— Respondes agora à minha pergunta? Onde está minha filha?

— A tua filha... Duque... antes de te responder, deixa-me refletir neste lance... Eu preciso convencer-me de que não há aqui um pavoroso sortilégio em tudo isto...

— Que lucras em mortificar um pobre velho, Visconde?

— A tua filha... é irmã da caridade... Padre Dinis fitou o visconde com uma atenção que o gelou. Era o êxtase sem respiração. Não se ouviu um suspiro naquele pequeno âmbito. O terror comunicava-se deles para os objetos. Os lampejos da luz tremiam nas dobras da coberta de damasco que cobria o leito. Nas paredes nuas, não retocadas há trinta anos, corriam sombras de um fantástico horrível, que povoava de visões sinistras a imaginação supersticiosa do visconde.

Padre Dinis, alguns segundos imóvel, estendeu a mão ao seu interlocutor.

— Tens fé? — perguntou ele.

— Se tenho fé?

— Crês em Deus?

— Creio em Deus!...

— Ajoelha comigo, Visconde... Pede ao Senhor que feche aqui o meu prazo de expiação... Pede ao Altíssimo que deixe cair neste momento, em todo o peso, a pesada da sua tremenda vingança! Pede-lhe que me faça morrer naquele leito... Não... não, eu preciso de vida...

As últimas palavras disse-as, erguendo-se subitamente, e encaminhando-se para o falso postigo, por onde entrara. Passou para a antecâmara. O visconde seguiu-o...

Disse, depois, o padre capelão que os vira sair ambos nessa mesma noite, e que o missionário nunca mais ali voltara.

— Podeis entrar, senhor. Perguntai pela enfermaria das coléricas, e lá encontrareis a irmã de caridade que procurais.

Esta resposta era dada a padre Dinis pelo porteiro do Hospital do Hotel Dieu em Paris. Encaminhado à

enfermaria das coléricas, perguntou a uma das enfermeiras se podia falar a Virgínia du Saint-Esprit, irmã de caridade.

A enfermeira mandou-o esperar no seu quarto, e voltou dizendo que Virgínia não viria, sem que soubesse o nome da pessoa que a procurava. O missionário escreveu o seu nome, e remeteu-lho.

Momentos depois, a irmã da caridade entrava no quarto, amparando-se com o batente da porta, porque vinha quase desfalecida.

Padre Dinis estendeu-lhe a mão, que a duquesa de Cliton aceitou, mais por necessidade de se encostar àquele braço, que por expansão de amizade, e contentamento de encontrar o homem, que ela supusera o ente misterioso que lhe resgatara os seus rendimentos hipotecados.

O padre, sucumbido, menos corajoso que ela, já incapaz de resistir às comoções extraordinárias, gasto, por assim dizer, no corpo e na alma, não disse uma palavra que salvasse a duquesa da embaraçosa posição em que se via diante do salvador de Alberto de Magalhães, e do homem

celeste que tinha em França um eco constante das suas virtudes na missão.

— Não esperava ver-vos mais.. , — disse a irmã da caridade. — Disseram-vos que eu vivia... ou morria aqui. Quem foi?!

— Foi Deus, que o quis... Aqui me tendes, senhora Duquesa...

— Não me deis esse nome... — atalhou ela com um gesto de silêncio — , falai baixo... deixai-me gastar todo o fel do meu sacrifício... Se me conhecerem fujo daqui...

— Não fugireis... Lembra-vos o que eu vos disse em Lisboa?

— Não sei... não me lembreis Lisboa...

— Quero ao menos, lembrar-vos, as minhas palavras... “Haveis de crer em Deus”... foi isto?

— Creio sim, creio em Deus...

— Como vossa mãe, que foi mais desgraçada que vós.

— Do que eu?... É impossível... assim desgraçada há só uma... Tomais a falar-me na minha mãe!... Que tendes com

ela ou comigo?... Em nome de Deus, abri-me o vosso coração...

— Em nome de Deus vos digo que o meu coração não se abre... O cadáver não tem forças para quebrar a pedra... eu também as não tenho para partir os selos que fecham o abismo do coração... Elisa de Montfort, eu vim dar-vos um abraço... de despedida... para sempre...

— Cuidei que não podíeis chorar assim... Vós desfaleceis!... Sentai-vos, senhor!... Quereis que vos traga um médico? Não fizestes bem em vir aqui, tão perto da enfermaria dos coléricos... Que tendes?

— Nada, Duquesa... Não tenho já coragem para tanto... Conheço pela minha fraqueza que cheguei ao fim desta longa caminhada... Era já tempo, meu Deus!... Consumou-se o sacrifício... Redobrai-me as forças, se me encheis de novo o cálice...

Padre Dinis ia ajoelhar, quando a duquesa o susteve.

— Sentai-vos... creio que vos sentis muito doente... Nestes dois últimos anos fizestes uma grande mudança!... Para onde ides?

— Para Lisboa ...

— Não vades... ficai em França... Tendes-me aqui como se eu fosse uma vossa filha... Quereis que vos acompanhe nos últimos anos da vida como vossa filha?

— Como minha filha!... — exclamou o padre — , como minha filha! E quereis ser minha filha!...

— Queria como sou de todos aqueles que sofrem... Professei uma aliança com os desgraçados até à morte, e vós... creio que sois bem infeliz, não sois?

— Já fui... agora, não. Isto está acabado... As agonias são dolorosas, mas o meu último gemido é o precursor de uma eterna paz... Não posso aceitar as vossas consolações, irmã da caridade ... Tenho em Portugal um túmulo que me espera... Vou unir-me aos ossos dos meus pais... vou entregar-lhe o que resta da herança de dores que me legaram... são estes ossos descarnados, e este hábito, que tem sido a mortalha da minha alma, que morreu há muito... morreu, quando vós nascestes, Duquesa...

— Quando eu nasci!... Que quereis dizer?!

— Nada vos quero dizer... Sois menos infeliz aqui?

— Não sei o que sou... Tenho, pelo menos, esperanças de uma próxima morte... Já tarda; mas ela virá, quando quiser... Recebo todas as angústias, sem resistência... Procuro-as, e não sei se as há no mundo novas, porque as quero, e então... hei de procurá-las...

— Já vedes que, neste mundo, é preciso tocar a extrema do desgosto, para começar daí em diante uma outra existência melhor...

A da morte... Sim, a da morte; pois que outra, a não ser essa? E quem é que a saúda, que a ama, que se desvela, procurando-a nas missões, ou nos hospitais? Somos nós... Sois vós, e sou eu, porque ambos somos dois infelizes... E tanto que devemos à Providência! Não seria um bem cruel capricho de Deus, inspirar-nos o sabor da vida, agora, que temos dentro do coração tudo frio, tudo descorado aos olhos da face, tudo morto em redor de nós!... Que nos valeriam hoje os estímulos da felicidade? Que faríamos a muito ouro? Que esperanças há aí que possam comprar-se com dinheiro? Nada... nenhumas... o ouro, nas nossas mãos, seria como as riquezas do árabe sequioso, que dera

toda a sua caravana por uma gota de água... Neste estado, é-se feliz...

— Feliz!...

— Não é?

— Não o sereis vós, que tendes trinta anos... mas eu, tão velho, tão fraco... Não posso já com a vida sobre estes ombros, que apenas podem sustentar o peso da mortalha!... Olhai, Duquesa... Sou assim há trinta anos... Caminho assim para o dia que está perto... Mal sabeis calcular o prazer desta aproximação...

— Sei que prazer é... Que vim eu aqui fazer, senão surpreender a morte, que talvez me reservasse para uma velhice aterradora...

— Procurais o suicídio... Que foi o que vos trouxe aqui?... Em que momento vos pareceu que a morte era um beneficio?...

— Quando não pude com a vida... quando não tive ânimo de beber veneno... Cheguei a levar aos lábios um copo, em que a minha mãe...

— Silêncio! — exclamou o padre, colando a mão na boca da duquesa.

— Pois sim... eu calo-me... e porque devo calar-me, senhor!... Eu devo morrer sem conhecer-vos?

— Deveis...

— Isto é cruel!... Porque me seguis? Que interesse tivestes na minha felicidade, padre Dinis?

— Um interesse impotente... Encontrei-vos desgraçada, desgraçada vos deixo...

— Eu não abracei os vossos conselhos ...

— Seria o mesmo, se os abraçásseis... O pregão de Deus condenara-vos ao sofrimento, à vergonha, e ao opróbrio... A minha voz foi débil....Não vos acuso, nem vos absolvo... Eu sou um verme e o vosso pé esmaga-me... Sois o açoite que me fere... eu teria sido um ímpio, se quisesse desarmar a mão de Deus... Tinha a vida suspensa por um fio... bendita seja a vossa mão, que o cortou...

— A minha mão!... Em que vos fiz sofrer?... Dizei... Faltava-me este remorso!... Falai!...

— Não tenteis o impossível!... Respeitai com lágrimas este segredo... Que Deus me mate no instante em que a minha língua vos disser a primeira palavra desta revelação... Não podeis nunca saber quem eu sou, porque eu teria de vos erguer morta dos meus pés...

— Santo Deus!

— Falai-me com a face erguida porque o podeis fazer!...

— Senhor!...

— Dizei-me que eu não tenho algum poder nas vossas ações, porque eu recuarei corrido às vossas ordens de me calar!...

— Eu não ousaria nunca dizer-vos tal!...

— Já o dissestes, Duquesa; e eu deixei-me humilhar, porque pensei que vos exaltava!... Foi tudo inútil!... A vossa queda era irremediável... Caístes... comigo, com a vossa mãe, com todos aqueles que me rodearam, ao mesmo abismo... Caíram todos... e dom Pedro da Silva cairia também já?

— Porque me falais nesse homem?... já sabeis o segredo da minha última desgraça!... Conheceis esse homem como conhecestes...

— Alberto de Magalhães?... Conheci-os depois de vos conhecer, Duquesa!... Devia conhecê-los ambos, porque ambos deviam fazer convosco uma aliança de flagelos, contra mim... Basta, Elisa... Vim quebrar a tranquilidade do vosso sacrifício a Deus... Ficai, irmã da caridade, ficai aí nessa enfermaria esperando a morte, que eu pedirei ao Senhor que vos ela não faça esperar muito...

— Pedi... pedi...

— Pedirei, como a tenho pedido para mim... Dai-me um abraço, que eu vou deixar-vos.

— Não... não me deixareis... Sede o meu amparo, que não tenho mais ninguém que se compadeça dos meus surdos padecimentos ... Em nome da minha mãe... vos peço que me não deixeis...

— Vossa mãe... Vossa mãe, Elisa...

— O sorriso de padre Dinis era uma expressão que aterrou a duquesa. Nem ele talvez soubesse a significação

daquele sorriso, nem o leitor poderá adivinhá-lo sem que lhe expliquem o segredo daquele copo, que fez estremecer padre Dinis no quarto onde morrera a mãe da duquesa de Cliton. O certo é que o missionário, desde que sorrira à súplica da duquesa, ficou num estado de idiota abstração, que a irmã da caridade estranhara, e receou como um sintoma de loucura próxima. Às perguntas que ela lhe fez sobre o seu destino, respondia com palavras desconexas, e muitas vezes com um triste silêncio, em que as lágrimas lhe saltavam dos olhos às mãos, que levantava para um crucifixo.

Nesta conjetura a enfermeira entrava dizendo que um senhor bem trajado apeara de uma carruagem, e queria falar à irmã da caridade, Virgínia du Saint-Esprit. Acrescentou a enfermeira que lhe dissera que não podia falar a esta pessoa, sem dar o seu nome; e que o diretor do hospital, que se achava presente, lhe dissera a ele “o senhor Visconde pode subir”.

Padre Dinis recobrou o alento, com este recado, que a duquesa ouviu, num trémulo. Antes de responder à enfermeira, entrava o visconde de Armagnac.

O missionário foi recebê-lo, e murmurou-lhe. quase ao ouvido:

— Nem uma palavra ao meu respeito, Visconde!

— É preciso salvarmo-la... — respondeu o visconde.

— De quê? Que perigo a ameaça?

— Este suicídio lento em que a vês... Restitui-lhe a felicidade, Duque!...

— A felicidade!... Tu vens destruir a obra de Deus.

— Não!... A dos homens...

— Vê se o consegues... Salva-a se podes... Eu vou deixá-la...

— Já?

— Já...

Padre Dinis tomou a mão da duquesa, e permaneceu, na postura silenciosa de um adeus, que nos comprime a garganta, e dilacera o coração. Elisa de Montfort levou aquela mão ao seio, e recebeu com ela uma lágrima. O visconde, mudo espectador de tal conflito, tinha os cabelos

hirtos daquele entusiasmo que uma grande dor nos comunica. O padre, largando a mão da duquesa, abraçou-o; e, quando, com fingido ânimo, voltava as costas à irmã da caridade, e dera um passo, parou, voltou-se de repente para ela, estendeu-lhe os braços, e desmaiou nos do visconde, que se apressara a socorrer as forças débeis da duquesa.

Padre Dinis conhecera que não podia recear novos flagelos. Os grandes infelizes têm a presciência da morte: reconhecem-na, quando se aproxima; sentem-na, acolhem-na no coração, e quando ela os comprime no seu abraço indissolúvel, já eles têm morrido.

O missionário, quando tomou a si, achou-se nos braços do visconde, e viu de joelhos a duquesa de Cliton. Balbuciou palavras que o iam atraiçoando, se a habitual frieza do seu carácter não arrefecesse a tempo os impulsos do coração.

— Eu não posso morrer aqui! — disse ele. — Ajudai-me a cobrar as forças que me levem a Portugal... Deixai-me morrer feliz, porque não tenho já outro galardão neste mundo senão a morte que desejo, e o túmulo que quero abrir com as minhas mãos... Não me destruam este

desejo... Auxiliem-me... não me estorvem o passo, não me obriguem a comoções com que não posso... Duquesa... retirai-vos... Peço-vos com toda a instância da minha alma, que já nem sabe pedir... Ide-vos...

— Eu vou... irei... padre Dinis...

— Abençoada sejais, senhora... Acompanhai-a Visconde...

— Não... eu não preciso da vossa companhia, senhor Visconde... Acompanhai-o a ele... A minha jornada é curta...

A duquesa entrou na enfermaria das coléricas, e padre Dinis, amparado pelo velho amigo de D. Pedro da Silva, saiu do Hotel Dieu.

# CAPÍTULO XXX

Dez dias depois, padre Dinis saiu de uma sege, encostado ao braço do boleeiro, e entrou no pátio do barão dos Reis.

Foi anunciado ao dono da casa, e entrou numa sala, onde esperou que a sua excelência viesse recebê-lo com a afabilidade que decerto não experimentaria, se viesse a pé, ou o barão não tivesse ouvido o rodar da sege.

— Tenho a honra de cumprimentar a Vossa Excelência — disse o padre, erguendo-se a custo da cadeira.

Queira sentar-se... Parece que está incomodado... É a velhice, senhor Barão... Eu sou completamente desconhecido a Vossa Excelência...

— Não me recorda de o ter visto ... — Decerto, não... O fim para que tenho a honra de procurá-lo, não exige que a vossa Excelência me conheça.

— Em que posso servi-lo?

— Vossa Excelência comprou o convento dos ex-frades dominicanos em Santarém.?

— Comprei, sim, senhor.

— Eu venho impetrar de vossa Excelência permissão de exumar do claustro os ossos de um frade que morreu naquela casa... Posso contar com a sua licença?

— Sim, senhor; se precisa só da minha licença, pode contar que está servido.

— Precisava de uma outra eclesiástica... essa ofereço-a à observação de vossa Excelência...

— Não é necessário... queira arrecadar. Eu dou ordem para que a vossa Senhoria possa quando queira, encontrar francas as portas do convento.

— Amanhã, se Deus o permitir, parto para Santarém. Se agora lhe não é penoso dê-me Vossa Excelência uma ordem com a qual eu possa apresentar-me ao seu administrador em Santarém...

— Atualmente tem lá o meu guarda-livros. Vossa Senhoria dirija-se a ele, que está no convento... e...

— Como se chama?

— Álvaro de Oliveira, e queira dizer-lhe que falou comigo a tal respeito; não precisa de outra ordem; e tudo mais em que possa ser-lhe útil, queira mandar-me.

— Muito grato a Vossa Excelência... Queira dizer-me... Como está a senhora baronesa?

— Pois conhece minha mulher?

— Conheci, muito criança ainda... Há bons trinta anos...

— Se quer que a chame...

— Não, senhor... Eu não posso demorar-me... Se for possível, em outra ocasião, terei o prazer de vê-lo... Senhor Barão... dê-me as suas ordens...

— Queira dizer-me o seu nome para que a minha mulher saiba quem perguntou por ela...

— Seria inútil, senhor Barão... O meu nome... quem é que sabe o meu nome?... A sua senhora não me conheceria nem pelo nome, nem pela pessoa...

— A minha casa está sendo fértil em extravagâncias — disse, com abstração, o senhor Joaquim dos Reis.

— Não compreendi o que se dignou dizer-me...

— Foi cá um reparo que eu fiz... não falava com a vossa Senhoria... Vejo que quer retirar-se...

— É forçoso... Muito grato ao seu favor, senhor Barão... Eu não posso oferecer valias que não tenho... Vou penhorado da sua bondade, e creio que a vossa Excelência conhece que um velho padre, que vai lidar com esqueletos, não tem já nada com que indemnizar obséquios. Senhor Barão...

O padre entrou na sege, e apeou na Travessa da Junqueira, número quarenta e quatro. Os vizinhos viram com uma espécie de terror abrir-se a porta daquela casa, três anos fechada, sem que ninguém soubesse dizer o fim que tivera o seu proprietário, depois que dali saíra amortalhada uma senhora que os boleeiros tiraram morta da carruagem.

Padre Dinis subiu apoiado ao braço do boleeiro, que três vezes o susteve em pé, na entrada da primeira sala. O velho sentou-se, enquanto o boleeiro abriu todas as janelas, porque era insofrível o ar represado, que ali se respirava.

No canapé, em que o padre se sentara, estava um vestido de mulher, que ele tomou sofregamente, e levou aos lábios com os braços trémulos. Era o vestido que despiram do cadáver de Ângela de Lima. No chão viam-se fragmentos de uma capa, pedaços de pano de linho, e objetos de lã traçados. Eram o resto dos vestidos da condessa de Santa Bárbara, que tinham sido lacerados pelos ratos.

O boleeiro encarava o seu misterioso patrão com assombro, e via em tudo aquilo um incompreensível negócio de feiticeira.

— Podes sair... — disse-lhe o padre. — Amanhã partiremos para Santarém...

— Vossa Senhoria fica sozinho aqui?

— Fico.

— Não quer que lhe traga o comer de alguma hospedaria?

— Não, rapaz; podes ir descansado, que eu tenho quem me dê de comer.

Em seguida entrou um tabelião, e leu uma escritura de doação daquela casa, com os objetos que nela se encontrassem à Santa Casa da Misericórdia, com a condição de que ele doador, padre Dinis Ramalho e Sousa, seria recebido na enfermaria dos particulares, no Hospital de S. José ; e, no cemitério da mesma casa, depois da sua morte, em sepultura térrea, seriam com ele enterrados os ossos, que se achassem num caixão de chumbo ao pé do seu leito.

Assinada a escritura, padre Dinis ficou só. Ergueu-se. Olhou em redor de si com religioso pavor. Parece que evocava da sepultura as últimas pessoas, que se tinham reunido naquela sala. Recaiu extenuado no canapé, e soluçou com a face escondida nas mãos cadavéricas. Pediu, talvez, forças a Deus, e levantou-se de um ímpeto. Foi ao longo de um extenso corredor: levantou o fecho de uma porta, deu um passo dentro daquele quarto, e recuou. Fora aquele o quarto de D. Antónia de Mascarenhas. em frente, estava o de Ângela de Lima, Tentou ali entrar... e ajoelhou no limiar da porta. Que palavras foram as suas? Não as disse ele, nem o coração, mas feito nas torturas, as

adivinha. E prosseguiu na sua atormentada visita. Dir-se-ia que caminhava entre espectros que o salteavam de cada quarto em que entrava. E eram tudo trevas em redor dele, quase trevas iluminadas pelo clarão ténue das frestas, que aumentavam o terror supersticioso do ancião, devorado de febre.

O último lugar que visitou, era o seu escritório. Abriu um gavetão, que tirou do encaixe. Estendeu o braço e fez sair uma pequena gaveta, escondida por um segredo. Despejou-a sobre uma banca, e saiu do escritório, porque precisava respirar o ar puro da primeira sala.

Neste momento, bateram à porta. O homem que entrou disse ser enviado do governador civil.

— Que tem a dizer-me? — perguntou o padre.

— Sua Excelência manda dizer-lhe que todas as investigações, empregadas há quarenta e oito horas, para descobrir dom Pedro da Silva têm sido inúteis. Que pudera certificar-se da entrada dele, em Lisboa, há um ano; que soubera que ele vivera em Campolide com um nome suposto, e que, há oito meses, pouco mais ou menos

desaparecera dali, e não é possível saber-se que destino teve. O senhor governador civil soube que ele vivia pobre, e lembra-se que poderá ter-se suicidado, mesmo porque, há meses apareceu no Dafundo um cadáver de pessoa bem vestida, que ninguém conheceu, posto que atribuíssem esta morte à sociedade maçónica, porque o cadáver trazia uma mordaça.

— Em tudo isto, não há nada certo... — atalhou o padre.

— Absolutamente nada... pode ser que com o tempo se descubra. Anda-se em procura de um criado que serviu este sujeito em Campolide, mas também não é possível encontrá-lo... veremos...

— Queira dizer a Sua Excelência que eu lhe agradeço muito a continuação das suas informações...

Vinte e quatro horas depois, padre Dinis procurava no convento dos ex-dominicanos o senhor Álvaro de Oliveira, guarda-livros do senhor barão dos Reis.

Disseram-lhe que o guarda-livros, segundo o seu costume, passeava no claustro do convento, depois que escurecia até à meia-noite, e que dera ordem de não o chamarem.

— Esperarei... também não quero que o chamem.

— Então, pode esperá-lo na sala, porque Vossa Senhoria, visto que é tão tarde, é natural que fique em Santarém.

— Fico... E o senhor também é caixeiro do senhor Barão?

— Nada, não sou. Eu acompanho como escudeiro o senhor Álvaro.

— Este senhor Álvaro deve ser um guarda-livros muito estimado do senhor Barão!... Tem escudeiro!... Cá em Portugal não há muito disso...

— É que o meu patrão, se tivesse um filho, não o desadorava mais do que faz ao senhor Álvaro! Ele nem é guarda-livros, nem nada... Vai para onde quer, e vive como se fosse filho da casa... Estamos aqui há um mês, e a senhora Baronesa já cá o veio visitar quatro vezes... Acho que o senhor Álvaro vive muito triste, e o seu gosto é andar lá por baixo pelo claustro, onde estão as sepulturas dos frades. Tenho-o visto chorar muitas vezes; mas ele não quer que se lhe pergunte o que tem. Vossa Excelência conhece-o?

— Não conheço...

— Se o conhecesse, eu era capaz de lhe ir dizer que o senhor. estava aqui...

— Nada, não o interrompa... Esperarei até que ele venha... A que horas costuma recolher-se?

— À meia-noite, e às vezes mais tarde ainda... Eu vou-lhe dizer que o procuram de mando do senhor Barão...

— Faça o que quiser...

D. Pedro da Silva apareceu no limiar da porta. Olhou indiferentemente para o velho padre, que estava ao fundo da sala, quase escurecida pela bandeira do candeeiro.

Padre Dinis, ao vê-lo, ergueu-se... fixou-o... deu um passo para desmentir um engano, que lhe fizera refluir todo o sangue ao coração... Ia dar outro passo, porque o primeiro roubara-lhe o dom da palavra... não pôde... estendeu-lhe os braços, que descaíam lentamente extenuados de violentas convulsões. D. Pedro foi ao chamamento mudo daquele incógnito... reconheceu-o; e quando exclamou: “Padre Dinis!” esse homem deixava-lhe cair no seio a cabeça desfalecida.

— Eu devo muito a Deus!... — balbuciou o padre. — Devo-lhe tudo, e tão ingrato hei sido!... Que outro homem, sem ser guiado por um anjo, vos encontraria aqui, filho de Ângela!... Que espantosas surpresas na minha vida!... Que lances... que desastres... e sempre a Providência em todos os meus planos!... Falai, Pedro!... eu quero ouvir a voz da criança, que chorou nos meus braços, antes de ver o mundo. Falai-me... Vim encontrar-vos muito desgraçado, não vim?

— Não, senhor padre Dinis... eu não sou desgraçado ...

— Não sois desgraçado!... Bendito seja o Senhor!... Sois o primeiro homem feliz que se aproxima de mim, sem o contágio dos meus infortúnios... Que é o que faz a vossa felicidade neste momento?

— São as desgraças passadas...

— Foram muitas?...

— Excederam as forças do sofrimento... Deixei de sofrer, quando se me esgotaram as lágrimas, e se me fez de pedra o coração...

— A primeira mulher que se ama, decide de toda a vida de um homem.

— Bem me lembro... foram as suas palavras... Viu o meu futuro, padre Dinis! A primeira mulher que amei rematou as minhas longas esperanças na violenta morte dos dezanove anos... Perdi todas as riquezas do meu coração... Acho-me frio nos sentimentos de honra e desonra... Não tenho desejos, nem saudades, nem esperanças... Sou a máquina que produz estupidamente um dia após outro dia...

— E contudo sois feliz...

— Creio que sim... Esta atonia tem muita semelhança com a insensibilidade da morte... Pois a vida não é a ânsia esperançosa do dia seguinte? Viver não é esperar? E eu que espero? As horas do escasso sono, que vem completar a impassibilidade do meu nada...

— E o trabalho não vos agita?

— Eu não tenho trabalho nenhum...

— Não sois guarda-livros de uma casa comercial?

— Não sou nada... tive muita fé no trabalho... trabalharia talvez, por necessidade, e pode ser que um dia se transfigurasse a minha vida, e o contentamento me nascesse da desgraça... Cheguei a imaginar que me levantaria da queda, para sentir em mim uma nova coragem... Deus não o quis... O barão dos Reis sabe quem eu sou...

— Como!?

— Não sei que perguntas e respostas me denunciaram à baronesa... Vós sabeis bem que a baronesa é...

— Sei...

— O barão chama-me filho... Serve-se da sua autoridade para me afastar do comércio... Consente que eu viva aqui, e insta porque eu vá de Portugal para fora... O honrado homem não sabe que a minha sepultura está em qualquer ponto da Terra... Ora pois, meu querido mestre... fale-me de si... Eu julguei-o morto... Há um ano que me não escreve...

— Eu sabia que não existíeis em Paris... Soube em Angoulême que saístes da França...

— Em Angoulême?! Esteve aí?!

— Estive...

— Com quem?

— No palácio de Cliton com o capelão.

— No palácio de Cliton, que pertence...

— À viúva do duque de Cliton.

— Conhece essa mulher?

— Ligeiramente... e vós?

— E eu?... Não adivinhais que foi essa mulher que me atirou a esta infelicidade em que me encontrais?

— Não adivinho, Dom Pedro da Silva... que vos fez ela?

— Iludiu vilmente as minhas ilusões de criança... Escarneceu a minha inocência... Apresentou-se-me como um anjo de honestidade e de candura... Fez que eu viesse a Portugal pedir com as armas na mão um desforço honroso a Alberto de Magalhães... por quem é... Por ela, que se lhe vendera por oitenta mil francos!... Não o horroriza esta infâmia?... Deve estar esquecido do que é uma grande humilhação!... Em que pensa, padre Dinis?

— Ouvia-vos, Dom Pedro!... Se me não vedes aterrado, é porque tenho na alma a paralisia, que vós ainda não tendes... Foi pois a duquesa de Cliton que vos matou!... E vós... não lhe perdoastes...

— Eu?.. Perdoei... e perdoei depois que me cansaram as forças do sofrimento... Perdoei, porque não tenho já a sensibilidade da altivez ofendida... Perdoei, deixe-me assim dizer, porque me falta a voz para amaldiçoá-la...

— Perdoai-lhe de todo o vosso coração...

— Que interesse tem na generosidade do meu coração para com essa mulher?

— O interesse do sacerdote do Cristo, que mandou os seus apóstolos apregoar o perdão das afrontas... Não tenho outro...

E acha que ela é digna de perdão? É... Sabe como ela vive? Não sei se vive... Há onze dias, deixei-a em Paris como irmã da caridade, na enfermaria das coléricas, no Hotel Dieu.

— Que diz, senhor?

— Que lhe perdoeis...

— Falou-lhe?

— Falei...

— Disse-lhe o meu nome?

— Perguntei-lhe por vós.

— E ela?

— Não me respondeu... Creio que se não lembra de vós... Está muito perto do túmulo para voltar o rosto, procurando-vos.

— Fale-me dela, padre Dinis!...

— Não tenho mais nada a dizer-vos...

— Mais nada?... Como a conheceu?

— Como conheço todas as pessoas infelizes... Prendeu-nos a simpatia do sofrimento... Não falemos mais na irmã da caridade... Agora deixai-me dizer-vos ao que venho, porque... bem vedes... até parece que a falar me fogem os poucos alentos de vida, que Deus me concede para o

remate da minha peregrinação ... Não vedes que estou tão acabado, tão doente?...

— Sofre muito? ... Tem alguma doença irremediável?

— Tenho... olhai este pulso... não lhe sentis as pulsações?... É que a morte já por lá passou... tenho-a muito perto do coração... Poderei viver oito dias? Deus o sabe, mas creio que não... Dais-me um copo de água?... Esta secura nem me deixa falar... Agora, Dom Pedro, esperai um pouco... eu preciso de alguns instantes de repouso... Ide, se precisais sair, e voltai, passado um quarto de hora...

D. Pedro retirou-se ao seu quarto, a refletir nos tumultuosos lances, que tão rápidos lhe desorganizavam os meditados projetos. Ao mesmo tempo, o sacerdote rezava, de joelhos, no seu breviário, e muitas vezes levou a mão à testa, como para afastar os pensamentos do mundo, que lhe abraçavam os êxtases da alma, nas vizinhanças da eternidade.

D. Pedro veio encontrá-lo ainda na oração. Um gesto impôs-lhe silêncio, e o filho de Ângela esperou, com os

braços cruzados, e as lágrimas nos olhos, ao lado do seu mestre. Aquelas lágrimas vieram-lhe do coração, resumindo, num rápido olhar da alma, todas as cenas da sua vida, desde que se conhecera crescendo nos braços daquele homem, para o qual estava aberta a sepultura.

“Eis aqui o grande homem!...”, dizia-se ele. “Este imenso coração vai gelar-se! Esta vítima de tantos sacrifícios chegou por fim ao seu altar! Como será a consciência deste justo neste momento! Que tranquilidade de espírito ao pé da sepultura! Será para a morte aquele sorriso?... Verá neste instante as cenas todas em que foi grande!... Verá em redor de si todas as pessoas que o precederam na morte!... Seria possível a aniquilação para este espírito? Não, não! É impossível!... Este homem é um instrumento de Deus, que não cabe numa pouca de terra!...

Padre Dinis erguera-se; bebeu dois golos de água; entrelaçou as mãos, onde apoiou a barba, e permaneceu minutos na meditação daquele que se recorda do fim para que veio.

— Dom Pedro da Silva — disse ele — , que futuro é o vosso?

— Não tenho nenhum...

— Não se vive assim... Deveis de ter algumas tenções... Quereis sair de Portugal?

— Que terei eu fora de Portugal que não tenha aqui?

— Aqui tendes contra vós a solidão na pátria, onde tivestes mãe, e amigos... Lá fora, tendes a solidão entre estranhos, que é menos dolorosa. Viajai... Tendes dinheiro?

— Já lhe disse que tenho a proteção do barão dos Reis...

— Aceitai antes a minha... Eu dou-vos o dinheiro que possuo... é pouco... mas, quando o tiverdes consumido, tereis a paz de espírito necessária para adquirir outro... Aceitai sem melindre, porque não vos faço como favor nem como direito à vossa obrigação. Saudades de mim heis de tê-las sempre, e eu não quero mais nada... Ireis à Travessa da Junqueira, entrai no meu escritório e sob a banca encontrareis não sei que dinheiro, que aí deixei, para que a Casa da Misericórdia, minha herdeira, o possuísse. Viajai, é o conselho que vos dou. Não vades a Paris nem a Londres... Ide para muito longe. Se vos não repugna a vida militar, sede soldado, porque só conheço duas posições sociais que

servem ao homem distinto: o claustro, e a guerra; as comoções do céu, ou a embriaguez do sangue das batalhas. O homem grande precisa chorar numa cela, ou derramar sangue num arraial... O vosso espírito precisa de alimento forte... Ide sentir os grandes abalos, que podem transfigurar de um instante para o outro a vossa existência... Ides?... fazeis a vontade ao vosso amigo?

— Irei.

— Mas não ireis sem me deixar na sepultura... Assistis à minha vida nos seus últimos dias? Não respondeis!?... Chorai, chorai, que vos não vão mal essas lágrimas... Também eu choro convosco... Sois o filho da minha querida Ângela... Criou-vos a minha pobre Amónia... Vinde cá... Chegai-vos bem ao meu coração... Eu estou a ver-vos tal qual fostes de cinco, de dez, de quinze anos. Eram anelados estes cabelos... Esta palidez era então como a púrpura. Brilhavam muito mais estes olhos que tendes hoje pisados... Raro vos vi sorrir, mas no sorriso angélico dos vossos lábios havia a tristeza profética deste nosso encontro...

Guardai para o meu último instante um daqueles sorrisos...

— Padre Dinis... não há de morrer tão depressa... Faça um esforço de vontade por viver...

— Ai! filho... não quereis o meu descanso?... Vede-me morrer com alegria... Agradecei ao Senhor esta esmola, que lha peço há trinta anos... Eu vivi enquanto fui necessário... necessário!... A quê?... À minha expiação... Quis valer a todos, e não vali a ninguém! Quando eu queria dar vida às almas, morriam os corpos... Consumou-se!... Agora... venham as misericórdias de Deus... Pesem-se na balança divina as minhas iniquidades com as minhas lágrimas... Desencrave-me o último espinho do remorso...

— Remorso... Tem remorsos, padre Dinis?

— Hei de responder-vos do túmulo...

— Do túmulo?!

— Sim... do túmulo... Hei de legar-vos a palavra do morto, num livro escrito pelo vivo, durante trinta anos... Heis de por força abri-lo todos os dias, e eu estarei ao vosso lado enquanto o lerdes... As lágrimas que lhe caírem nas páginas, vão confundir-se com as minhas, que lá caíram ... E as existências, que se casam pelas lágrimas, são

inseparáveis... Agora, Pedro, sabei ao que vim... É meia-noite, e o luar está muito claro... Tendes aí uma alavanca?

— Uma alavanca?!

— Sim... um qualquer ferro...

— Tenho, senhor... Quereis uma alavanca?

— Dai-ma... D. Pedro foi buscá-la.

— Agora, acompanhai-me.

— Quer que vão criados connosco?

— Não... vamos sós. Desceram ao claustro. Às sombras do luar, projetadas dos balaustres das varandas, estendiam uns como crepes sobre as campas. A cruz de pedra desenhava-se nas lajes. A relva, que nascera livre nas fisgas das sepulturas não tocadas nos últimos quatro anos, à luz frouxa da lua, semelhava pedaços de mortalha arrancados pelas fendas da pedra.

Padre Dinis foi ao sopé da cruz, e pensou alguns segundos.

— É aqui.

— O quê?

— Ajudai-me a levantar esta pedra... Eu só não poderei... Vede se encontrais um calço... Bem... Enquanto vós carregais na alavanca, eu irei metendo o calço... Assim... mais... mais... Está bom... Eu agora levanto a alavanca, e vós tombais a pedra... Não podeis?

— Posso...

— Obrigado, meu amigo... Agora deixai-me tirar terra...

— Eu vou buscar uma enxada...

— Não é necessária... Não sujeis as mãos... Este trabalho é meu...

— Que faz, padre Dinis?

— Procuro aqui um tesouro... creio que mo não roubariam...

— Pois enterrou aqui algum tesouro?!

— Enterrei...

— Há muito tempo?

— Há seis anos...

— Quando veio a Santarém assistir à morte do conde de Santa Bárbara?

— Foi por esse tempo.

— Não quer que o ajude?

— Não... o meu voto foi este... Bom... já encontrei uma dureza... Agora vamos escavar terra do lado dos pés... Tendes uma caixa, um baú, qualquer coisa que me deis?

— Um baú? Tenho... vou buscá-lo...

Enquanto D. Pedro foi e voltou com o baú, padre Dinis descobriu as duas asas de um caixão.

— Agora, Dom Pedro, se vos não repugna, pegai nesta asa de ferro que está aqui, e levantai de lá, que eu levanto deste lado.

Tiraram um estreito caixão de chumbo.

— Isto que é?! — perguntou D. Pedro.

— É o meu tesouro, meu bom amigo... Levantai daqui... ajudai-me agora a tirar o esquife, mas com muita cautela para que se não desmanche... Não é possível... já se

despregou uma tábua... Chegai para ao pé de mim o baú, e abri-o...

Padre Dinis tirou um crânio, a que vinham pegadas algumas vértebras do pescoço.

— Que faz, senhor?

— É o meu tesouro...

— Uma caveira!...

— Uma caveira... sim... não achais que uma caveira possa ser um tesouro?...

O filho de frei Baltasar continuou a extrair a ossada da sepultura, e cada pequeno ou grande osso que tirava, sacudia-o, passava-lhe pela superfície a manga da batina, e depositava-o no baú. D. Pedro estava lívido de horror.

— Estais tão calado, Dom Pedro?... Causa-vos nojo esta escavação?... Tende paciência... é o meu tesouro... são os ossos do meu pai...

— De seu pai?!... Pois seu pai morreu aqui neste convento?...

— Morreu, filho... Agora ajudai-me a ajustar esta pedra com a sepultura... Não vão julgar que algum ímpio exumou o cadáver do frade amaldiçoado para insultá-lo... Achais que está bem?

— Está... E aquele caixão?

— Aquele caixão contém as cinzas da minha mãe...

— Santo Deus, que mistérios!... A sua mãe também aqui morreu?

— Não... A minha mãe não morreu aqui... Nós vos responderemos todos três do túmulo... Hei de dar-vos este conhecimento com os mortos, que é de todos o menos perigoso... Podeis com este caixão, meu bom amigo?

— Posso.

— Pois Deus há de dar-me forças para levar o baú ao meu quarto... Subamos... Deixemos os mortos sem o seu companheiro de seis anos... Antes que eles no-lo peçam,, porque o amaram muito na vida...

Padre Dinis sentou-se ao pé do baú, no quarto de D. Pedro, e esteve de mãos erguidas, longo tempo. O filho de

D. Ângela não teve resposta e algumas perguntas que lhe fez. O relógio da torre dera duas horas, e o sacerdote, como acordado de um doloroso letargo, disse a D. Pedro:

— Ide repousar, que eu fico aqui...

— Não consentirei que fique: se não quer uma cama, eu ficarei ao seu lado.

— E eu não consinto que fiqueis... Deixai-me aqui um tinteiro que preciso escrever... Abri aquela mala, e dai-me um livro que tem na capa um letreiro...

— É este?... Diz: Livro Negro.

— É esse... Agora, meu filho, até logo... Eu vos chamarei se dormirdes... creio que não dormireis; mas eu quisera que descansásseis. Ireis comigo para Lisboa?

— Vou, vou consigo, padre Dinis, até onde for...

— Então... perto ireis... Boas noites... Sebastião de Melo escreveu uma hora. Depois deitou-se no tablado, encostou a face ao caixão das cinzas de Silvina e adormeceu, murmurando: “Deixai-me gozar o primeiro sono no seio das tuas cinzas, minha pobre mãe!”

## CAPÍTULO XXXI

Seis dias depois, na cama de um quarto particular do Hospital de S. José, estava padre Dinis Ramalho e Sousa.

Ao lado do seu leito estava um caixão de chumbo, e um baú fechado, os quais a administração da Santa Casa, sujeitando-se à condicional da escritura de doação, já sabia que deviam ser sepultados com o cadáver do caritativo doador.

Em redor deste leito estavam os médicos da casa, o guarda-livros Álvaro de Oliveira, o barão dos Reis, e a sua mulher.

Conversavam pouco, e esse pouco em som quase impercetível. O enfermo encarava-os a todos com um sorriso, e respondia às instantes perguntas dos médicos com o mesmo sorriso. Tomava os remédios sem hesitação; mas pedia que o encarassem com mais filosofia que medicina, porque os seus nobres esforços eram inúteis.

D. Emília Mascarenhas chorava, e padre Dinis, escasso de forças para falar, erguia as mãos como suplicando que não chorasse. Algumas vezes achou-se sozinho com o barão, porque a filha de Anacleta, e o filho de Ângela, de hora a hora se retiravam a chorarem a ocultas do padre.

O enfermeiro veio nesse dia, com as lágrimas nos olhos, dizer a padre Dinis que o despediam do seu quarto.

— Porquê?

— Porque um outro enfermeiro desta casa pediu licença para tratá-lo, e não se lhe negou, porque há razões para que se lhe não negue coisa nenhuma.

— Que razões são?

— E um homem que veio para aqui, haverá seis anos, e não só trata dos doentes como enfermeiro, mas tem feito grandes esmolas à Santa Casa. Ninguém sabe o seu nome, nem ele consente que lhe perguntem nada da sua vida. Deus lhe perdoe o desgosto que ele me dá, fazendo-me sair do seu quarto, senhor padre Dinis...

— Agradeço-lhe a sua amizade de todo o meu coração...

— Ele aí vem...

— Quem?

— O enfermeiro... Efetivamente o novo enfermeiro entrara no quarto. Padre Dinis não podia vê-lo porque era muito pouca a claridade. O misterioso devoto dos hospitais aproximou-se do leito, e fez ao despedido enfermeiro um sinal para que saísse.

Estavam sós.

— Tens um novo criado, Sebastião de Melo... — disse-lhe ele, curvando-se ao ouvido do enfermo, que estremeceu.

— Quem é que me dá tal nome?

— Não é o teu?

— Foi... Quem sois?

— Um homem indigno de te acompanhar na vida; mas não o reputarias assim nas horas em que a morte começa a destruição do orgulho humano.

— Quem és? Hás de morrer com o segredo do meu nome? sim... Eu sou Azarias Pereira, o judeu... Azarias Pereira!... Abre-me, a janela... Não... que te incomodam os raios da

luz... Não me crês?... Não há já nesta voz um som do teu velho companheiro dos salões de Anacleta?... Que te parece, Melo!... Terei desarmado a cólera do teu Deus, e do meu com a penitência de seis anos? Que vida tem sido a tua Azarias? Esta!... E a tua?... Julguei-te morto.

— Julgaste bem... A baronesa dos Reis entrou.

— Que mulher é, esta? — perguntou Azarias.

— E a filha de Anacleta...

— A filha de Anacleta! — murmurou o israelita, encostando-se ao leito, com os olhos cravados em Emília.

— Tem um novo enfermeiro, senhor padre Dinis?

— Sim, senhora Baronesa...

— Disseram-me que era um santo.. .

— Enganaram-na, senhora... — balbuciou Azarias.

— Eu já o tinha visto — disse ela — e conheci-lhe no rosto os sinais da mortificação... Disseram-me que estava aqui por devoção neste hospital... Ainda há boas almas no mundo!...

— São as mais perversas, muitas vezes...

— Não diga tal!... Oxalá que a quarta parte dos bons tivessem as suas virtudes...

— Não falemos nas minhas virtudes, senhora...

— Se com as suas orações pudesse restituir a saúde ao senhor padre Dinis...

— As minhas orações são blasfémias... Santo nome de Deus! Deus seria afrontado por elas...

— Não fale assim, que está fingindo o que não é...

Padre Dinis fez à baronesa sinal de silêncio. Calaram-se todos. Neste momento entrou um confessor, que ficou sozinho com o enfermo. Azarias Pereira perguntou aos médicos, que esperavam ocasião para tentarem o último recurso, quantos dias poderia viver o doente. Responderam-lhe que poderia viver muitos dias, ou muito poucas horas. “Aquela morte (disseram eles dogmaticamente) é uma consumpção física e moral.”

Depois do confessor, entrou o Sagrado Viático, acompanhado por D. Pedro da Silva, e o barão dos Reis.

Azarias estava ao lado do leito, com o jarro da água, e a toalha. Administrado o sacramento, padre Dinis pediu que o encostassem aos travesseiros. Chamou para o pé de si as pessoas, que se escondiam no escuro do quarto a chorar, e falou assim, com muita dificuldade:

— Aproximai-vos... vinde ser ao pé de mim os representantes dos que já passaram, deixando-vos na terra o encargo de testemunhardes a minha morte... Não fujas tu, penitente...

— Vou buscar-vos um caldo, senhor padre Dinis — disse Azarias Pereira.

— Não vás... eu quero-te aqui... hás de perdoar-me, que és o único homem vivo a que posso, e devo pedir perdão...

— De quê, senhor?

— Estendeste-me, uma vez, a tua mão, e eu... repeli-a... Miserável orgulho humano!... Estúpida fidalguia nas virtudes!... Repeli a tua mão, pobre homem, que sofreras tanto... que cavaras com as unhas a sepultura da infeliz, por quem te perderas... Repeli a tua mão, eu, meu Deus!... Eu!... Carregado de crimes, com a minha borrifada de

sangue... Vem cá... aproxima-me dos lábios a tua mão... quero beijar-ta... Não teimes com o moribundo...

— Quem será?! — perguntou o barão a sua mulher.

— Não posso entender isto, e o senhor Dom Pedro conhece este homem?

— Não, senhora... não conheço.

— Não pronuncieis o meu nome, Sebastião de Melo! — murmurou Azarias ao ouvido do padre.

— Não... não pronunciarei o teu nome... de que serviria para a tua alma pronunciá-lo?... Morre ignorado, como tens vivido... A grande coragem é essa... Morre como eu... Qual de vós poderá dizer o meu nome? Ninguém...

— Ninguém!... — disse D. Pedro.

— Ninguém até ao momento em que estes lábios, emudecidos pela algema da morte, não possam já responder aos louvores ou aos vitupérios do mundo... Perguntais-me com o vosso silêncio se eu fui um homem grande?... Fui, amigos... desde o momento, que vesti a batina, que logo me dareis como mortalha... Antes disso fui

miserável — o mais pequeno de todos os que se arrastavam aos meus pés... Ao pé deste leito... não sois só vós que assistis condoídos aos meus paroxismos... tão serenos... tão suaves... Eu vejo muitas imagens, que vós não vedes... Baronesa... aqui está vossa mãe... Vejo-a com a face purpureada pelos delírios da felicidade que o seu ouro lhe dava... Eis que se desfigura... Ela ali está macerada, coberta de farrapos, ajoelhada no alpendre da capela... Não vedes ali uma sepultura rasa?... Levantei-a, e desci-a eu sobre o cadáver da vossa mãe, Emília de Mascarenhas... Ai!... À hora da morte tenho saudades dela... Andou-me tantos anos impressa no coração!... Chorais, por ela, Emília?... São, talvez, as primeiras lágrimas!... Abençoadas sejam!... Vou contente de vo-las ter arrancado para a memória de Anacieta... Não fujas, amigo...

— Conceda que eu me retire, senhor... — disse Azarias perturbado.

— Ouvi até ao fim as minhas visões... Ali está vossa irmã, Emília... A minha querida Antónia!... O anjo despenhado, que eu levantei do abismo e entreguei a Deus... Não a vedes debruçar-se do céu para a terra, a receber a alma da

sua filha?... Eugénia! Tão curta foi a tua primavera depois de um longo inverno de amarguras!... Chorais, Emília? Nunca tínheis assim chorado por vossa irmã?... E tu, meu discípulo querido, meu herdeiro, meu confidente de além do túmulo, vem cá, Dom Pedro da Silva, que tenho aqui ao meu lado tua mãe... Vem abraçar-nos a ambos, que nos hás de encontrar no mesmo abraço... Olha... lembras-te quando a vimos naquela janela em Campolide?... Não estava assim radiosa.

— Este brilho que lhe vês é o resplandor do martírio... Cá, em baixo, não há destas auréolas... A infeliz o que aqui foi não podia continuar a sê-lo, se os seus crimes a despenhassem nas trevas... Vem do céu a receber-me na morte... Paga-me uma dívida sagrada, que, na morte da alegria, da esperança, da alma, encontrei-a eu... Vede que me faltam forças... Será o fim?... Ainda não... Não sei que pressentimento me manda esperar... Esperar o quê?... Isto que espero, há tanto tempo... Deixai-me lançar uma vez os olhos para o mundo... Abri aquela janela... eu queria ver a luz, e o céu... Amigo, abris-me aquela janela?

Azarias Pereira abriu meia portada.

— Toda... toda... — balbuciou o padre, esforçando-se inutilmente por erguer-se.

— Nunca me pareceu tão belo o mundo!... Vejo árvores e flores... Deixo-vo-las, meus amigos... Colhei-me aquela rosa... Hás de ser tu, meu carinhoso enfermeiro.,. Colhe-a, sim?... Vai depositá-la, orvalhada de lágrimas, sobre a sepultura de Anacleta, sim?... Estremeces?... Não tremas... cumpre-me este legado, assim como eu cumpri o dela... E tu, Dom Pedro, colherás outra... Procura a sepultura da tua mãe, no cemitério de São João... ajoelha... oferece-lha no teu nome, e no meu, sim? Não posso... Onde vais... deixas-me?...

— Sou chamado ali à porta... Venho já — respondeu Azarias.

E foi, onde realmente o chamavam. Encontrou uma mulher de véu branco, e manto negro, que lhe disse em português:

— É o enfermeiro de padre Dinis?

— Sou, senhora.

— Posso falar-lhe?

— Dê-me o seu nome, que eu vou perguntar-lhe.

— Como está ele?

— Não poderá viver muito.

— Diga-lhe que o procura Virgínia, irmã da caridade. Azarias foi ao pé do leito em que padre Dinis sofria uma ânsia nos braços de D. Pedro.

— Senhor padre Dinis, uma irmã da caridade, chamada Virgínia, quer ver-vos.

O moribundo arrancou-se aos braços do filho de Ângela, que levou as mãos à cabeça como se o ferisse subitamente uma frecha. Os circunstantes reparavam na comoção dos dois, quando padre Dinis, encostado ao braço direito, levantava meio corpo, e parecia precipitar-se do leito.

A irmão da caridade não esperara resposta. Entrou, e o primeiro vulto que lhe feriu os olhos, rasos de lágrimas, foi D. Pedro da Silva. Soltou um grito, vacilou alguns momentos, com as mãos erguidas, e correu aos braços do missionário, que a procuravam. O filho de Ângela, quando saía do quarto impetuosamente, caiu desfalecido nos

braços de Azarias, que tinha visto nos olhos dele o brilho do terror, da demência, ou da apoplexia fulminante.

Padre Dinis recebeu nos braços a duquesa de Cliton, e recaiu na prostração. As suas palavras eram surdas, e uma força invencível pesava-lhe nas pálpebras, que ele em vão tentava abrir.

— A que vieste, senhora? — balbuciou ele.

— A isto... a mais nada... quis que o vosso último abraço fosse meu... Há de sê-lo... que eu não vos deixarei até ao último suspiro...

— Achais que deve ser vosso... o meu último abraço!

— Deve... não tendes ninguém no mundo que mais vos queira...

— Ninguém... nem tu, Dom Pedro da Silva?... Que é dele?

— Foi passado ao quarto próximo — disse Azarias.

— Porquê?

— Desmaiou...

— Como uma mulher!... Paciência... não tomo a vê-lo... Chamai-o...

— Não, não!... — interrompeu a duquesa de Cliton.

— Porquê?...

— Porque não?... Não sois vós a irmã da caridade e dos perdões?... Que é dele?...

— É impossível vir — disse Azarias — , está lançando sangue, e não dá acordo para mais nada.

— Seja feita a vontade de Deus — balbuciou quase sem perceber-se o moribundo. — Dizei-lhe que o meu legado está ali, naquele baú...

— Ele aí vem... — disse a baronesa, que fora instá-lo para que viesse dizer adeus ao seu amigo.

— Ainda bem... Dom Pedro olhai que o meu livro vai ser vosso... está ali naquele baú... Vem aqui... mais... mais perto... Eu vou partir... e quero dizer a Deus... que perdoaste a esta mulher... Perdoai-lhe...

— Sim, sim... de todo o meu coração... — disse D. Pedro, beijando a mão do agonizante.

— Agora ... senhora... quereis que o meu último abraço... seja o vosso?...

— Sim ...

— Pois, sim... recebe o último abraço de... O teu pai... Foram as últimas palavras de padre Dinis. A duquesa repetiu a palavra “pai” e perdeu os sentidos com a face apoiada no peito do cadáver.

D. Pedro da Silva, e os restantes ficaram nesse aturdimento que só tem a expressão do lance, e não pode refletir-se no papel.

## CAPÍTULO XXXII

### Conclusão

As seguintes páginas são textualmente copiadas dos apontamentos de D. Pedro da Silva:

“Mal me recordo daquela cena pavorosa! O duque de Cliton, Sebastião de Melo, padre Dinis, estava morto. A irmã da caridade lembra-me que soluçava com os lábios colados ao peito do cadáver. A filha de Anacleta estava de joelhos aos pés do leito. Azarias Pereira cruzava os braços ao meu lado, e fixava-me com os olhos turvos de lágrimas. Não tenho outras lembranças! A surpresa e a aflição entorpeceram-me o sentimento. Creio que encarei aquele desfecho angustioso com a serenidade do demente, absorvido numa das suas íntimas visões de horror! Alguém me afastou daquele quadro. Não sei quem foi... Devia ser o barão dos Reis.

Achei-me na sua casa, acordando de um sonho febril. Senti que me sondavam o pulso, e me refrigeravam a testa. Vi o susto escrito no rosto de Emília, e o desvelado carinho nas maneiras afetuosas do honrado barão.

Pedi que me contassem os sucessos depois da morte de padre Dinis. Disseram-me que a mulher à qual o agonizante chamara filha, fora levada do quarto, sem sentidos, e viera no dia seguinte assistir ao enterro. Depois, não a viram mais, nem puderam saber quem ela fosse, suposto que o enfermeiro dissesse que aquela senhora, pela pronúncia, parecia francesa.

Entregaram-me, fechada, numa boceta de charão, a minha herança. Era o Livro Negro. Recebi-o com respeito, e inundei-o de lágrimas antes de abri-lo. Só um ano depois tive coragem de ler-lhe a primeira página.

Passado um mês, disseram que eu estava convalescente, e aconselharam-me as viagens. Não era necessária a opinião dos médicos. Eu havia de cumprir a promessa que fizera a padre Dinis, ao meu querido mestre, ao anjo consolador da minha pobre mãe.

Quando abracei a irmã de D. Amónia, chorei, porque este abraço devia ser o último. Eu tinha no coração um pressentimento que me mandava esperar uma morte próxima. Demorou-se muito; demora-se talvez ainda; mas eu creio que já lhe sinto o beijo frio nestes lábios, que tantas vezes a tem pedido ao Senhor dos desamparados.

Viajei dez anos no Oriente. Atravessei o deserto sozinho; vivi nas solidões, onde as ossadas dispersas dos impérios me habituaram à concentrada melancolia do homem, que aborreceu a existência. Se quiser dizer como vivi, não posso. Eu não tive vida. Durei num profundo letargo. Não recebi sensações que me despertassem a alma; não tive uma esperança que me fizesse voltar os olhos do passado. A minha dor não era uma saudade, nem um remorso. Era a morte... Eram as trevas eternas do coração... Era uma espécie de embriaguez moral, que me dava o louco desejo de passar longas horas encostado a um túmulo de não sei que feliz ou infeliz que eu tomara como um amigo, que nunca conhecera.

Não sei que juízo os homens fizeram de mim. Nunca me encontrei com a sociedade; fugia-lhes, porque desconfiei

que me chamavam doido. Nunca me lembrou que os meus medíocres meios estavam quase exaustos, porque eu pressagiava que a minha morte devia vir no instante em que a indigência me dissesse: — Pede um bocado de pão... Aceita um favor estranho! “Em toda a parte encontrei homens, cujos nomes nunca soube, oferecendo-me grandes quantias de dinheiro; não as aceitei. Quis saber donde vinham estes cuidados pelo peregrino, sem um torrão de terra seu, em que pudesse morrer. Hoje sei que os desvelos do barão dos Reis seguiam delicadamente os meus passos.

Arruinei as poucas forças que tinha, com o uso do ópio. Toquei o extremo grau da insensibilidade... Hoje, com esse narcótico, já não consigo dois minutos de repouso. Reservo-me para a sepultura. Aí, sim... dormirei, meu Deus?

Ao cabo de dez anos, senti-me cair. Deram como inevitável a minha morte. Mandaram-me a ares pátrios. E eu fui... porque fui?... Tive um intervalo lúcido de saudade. O meu coração sentiu um desejo. Vi Portugal pelos olhos da minha infância... Este relâmpago de luz momentânea... Não importa... Fui atrás desse clarão...

Em Portugal ajoelhei na sepultura de padre Dinis. Li, aí, algumas páginas do seu livro, que me eram consagradas, e que tinham o som real da voz do vivo, lidas sobre a sepultura do morto... Não senti muito... É que eu começava a arrefecer do gelo da campa sobre que ajoelhara.

Procurei a sepultura da minha mãe: não a encontrei. Confundira-se na vala dos mortos, que a cólera aglomerara, sem inscrição, nem vestígio em que depusesse a flor que o sacerdote moribundo me recomendara.

Aflito com o silêncio dos mortos, procurei os vivos. D. Emília Mascarenhas tinha morrido. O barão dos Reis vivia num leito de paralítico, quase perdida a sensibilidade, pedindo a Deus que o remisse da pesada existência. A estas horas deve ter sido ouvido, e a sua alma terá passado deste mundo para o outro do esquecimento eterno.

Indaguei o destino de Azarias Pereira. Disseram-me que morrera numa das províncias do Norte de Portugal, numa pobre aldeia chafiada Viduedo, onde trinta e sete anos antes morrera Anacleta dos Remédios.

Detestei a pátria. Em redor de mim, pareceu-me que os vivos insultavam os mortos, que eram, na terra onde nasci, as minhas relações únicas.

Fugi, como o assassino de ao pé do seu cadáver. Vim aqui, porque, no momento em que me senti impelido para fora de Portugal, saía um navio para o Brasil.

Há cinco meses, que continuo debaixo doutro céu a mesma existência descorada. Mas as dores físicas dilaceram-me lentamente. Estou héctico no último grau. Não procuro remédio; mas esta morte assim dolorosa, assusta-me! É um morrer vagaroso que extenua a minha coragem, e me não deixa entreter o pensamento nestas páginas, que eu lego a um homem a quem devo carinhos de irmão.

Quero mostrar-lhe que não sou ingrato. Hei de fazê-lo sucessor na herança, que recebi de padre Dinis... Acho nobre a independência deste homem! Nunca me perguntou quem eu era, e em toda a parte onde estive a primeira pergunta que me fizeram era um insulto ao segredo da minha existência.

E, depois, está no mundo alguém que abra o seu coração às minhas revelações?... Talvez!... Elisa de Montfort viverá ainda?

O coração ainda a vê... É que ela vive... Procurei-a... e não a encontrei. Que é o que eu lhe queria? Nem eu sei... Talvez lhe dissesse: “já que me fizeste desgraçado, chora uma lágrima por mim!”

Eu peço ao nobre cavalheiro em cuja casa hei de ser amortalhado, que dê ao mundo estas palavras, para que essa mulher não morra, sem me ter dado a lágrima que lhe peço.”

Terminaram aqui os apontamentos do filho de Ângela de Lima, que morreu no Botafogo, subúrbios do Rio de Janeiro, a 28 de Outubro de 1851.

## CAPÍTULO XXXIII

### Epílogo

Seis meses depois da carta, que acompanhou a remessa dos manuscritos, impressa com o título Prevenções, nas primeiras páginas deste contexto doloroso de lances, que talvez não devera chamar-se romance, recebi do mesmo amigo a seguinte carta:

São passados seis meses depois que te enviei os manuscritos do meu hóspede. Vi que começaste a sua publicação, e tive, mal sabes que prazer, porque me dizia o coração que talvez existisse na terra essa malfadada duquesa de Cliton, e eu queria ser o motor da lágrima, que o infeliz lhe pediu.

Haverá dois meses que para aqui vieram sete irmãs da caridade, agenciadas em Paris por Jodo Vicente Martins,

com o religioso fim de assistirem aos contaminados da febre — amarela.

Entre as que vieram avultava aí uma, que devia ter sido bela; mas as rugas e os cabelos quase brancos, davam-lhe um carácter de doloroso mistério, que a tornavam um objeto de curiosa análise, Era de todas a mais solícita, e porventura aquela por quem os doentes chamavam com mais fé. Três companheiras suas morreram logo: morreram-lhe nos braços, convidando-a a acompanhá-las para o seio de Deus. Despediram-se, balbuciando estas palavras, ditas com não sei que santa alegria: “Até logo, irmã!”

Eu quis ver esta mulher. Procurei-a no hospital, e espantei-me de vê-la falar o português com admirável correção. Falámos do flagelo com que Deus experimentava este desolado país, e, não sei como, a nossa conversa descaiu no meu hóspede português que morrera da febre-amarela.

Quando pronunciei “D. Pedro da Silva”, a irmã da caridade demudou o rosto, caiu sobre os joelhos, e orou longo tempo. E, depois, meu amigo, quis levantá-la, porque

a julguei mortal Tinha caído com a face no chão, e tomei-a nos braços inanimada, fria, e sem pulso.

Passados minutos, reviveu daquela morte ... mas por instantes!... Não me enganei!... Morta estava ela!... Deus concedeu-lhe horas de vida para, chorar sobre o túmulo de D. Pedro da Silva a lágrima que lhe pedira. Morreu...

Consegui que o seu cadáver fosse enterrado na sepultura imediata... O mundo ignora que estas duas sepulturas são o leito nupcial daqueles dois desgraçados.